THE BARON TRUMP COLLECTION

TRAVELS AND ADVENTURES OF LITTLE BARON TRUMP
AND HIS WONDERFUL DOG, BULGER
BARON TRUMP'S MARVELOUS UNDERGROUND JOURNEY
&
THE LAST PRESIDENT (OR DAD)

INGERSOLL LOCKWOOD

Adansonia Publishing

TRAVELS AND ADVENTURES OF LITTLE BARON TRUMP

AND HIS

WONDERFUL DOG BULGER

ILLUSTRATED BY

GEORGE WHARTON EDWARDS

O eBook do Projeto Gutenberg, Viagens e aventuras do pequeno barão Trump e seu maravilhoso cão Bulger, de Ingersoll Lockwood, ilustrado por George Wharton Edwards

Este eBook é para uso de qualquer pessoa em qualquer lugar dos Estados Unidos e na maioria das outras partes do mundo, sem custo e quase sem restrições. Você pode copiá-lo, distribuí-lo ou reutilizá-lo sob os termos da Licença do Projeto Gutenberg incluída neste eBook ou online em www.gutenberg.org. Se você não estiver localizado nos Estados Unidos, deverá verificar as leis do país onde está localizado antes de usar este eBook.

Título: Viagens e aventuras do pequeno barão Trump e seu maravilhoso cão Bulger

Autor: Ingersoll Lockwood

Data de lançamento: 29 de dezembro de 2018 [eBook

#58566] Idioma: inglês

Codificação do conjunto de caracteres: UTF-8

INÍCIO DO E-BOOK DO PROJETO GUTENBERG VIAGENS E AVENTURAS DO PEQUENO BARÃO TRUMP E SEU MARAVILHOSO CÃO BULGER

E-text preparado por Richard Tonsing
e pela Equipe de Revisão Distribuída Online
(http://www.pgdp.net)
a partir de imagens de páginas generosamente
disponibilizadas pelo Internet Archive
(https://archive.org)

Nota: As imagens das páginas originais estão disponíveis através do Internet Archive.
Consulte https://archive.org/details/travelsadventure00lock

O PEQUENO BARÃO DESPEDE SEUS TUTORES. ELES SAEM DO SALÃO BARONIAL MUITO INDIGNADOS.

VIAGENS E AVENTURAS
DO
PEQUENO BARÃO TRUMP
E
SEU MARAVILHOSO CÃO BULGER

POR

ILLUSTRADO POR

ILUSTRADO POR

GEORGE WHARTON EDWARDS

BOSTON 1890
LEE AND SHEPARD PUBLISHERS
10 MILK STREET PRÓXIMO À "OLD SOUTH MEETING HOUSE"
NOVA YORK CHARLES T. DILLINGHAM
718 E 720 BROADWAY

DIREITOS AUTORAIS,
1889, POR
INGERSOLL LOCKWOOD.

PARA
MESTRE EDWARD GOLD JOHNES UM
DOS
PRIMEIROS ADMIRADORES
DO PEQUENO BARÃO
TRUMP
ESTE LIVRO É DEDICADO COM GRATIDÃO.

ÍNDICE.

CAPÍTULO I.

PÁGINA

Breve relato sobre o famoso antepassado do Pequeno Barão, o “Cavaleiro Sem Braços”, 7

CAPÍTULO II.

Algo sobre o Barão Mais Velho, pai do Pequeno Barão — Como o Barão Mais Velho escalou as Montanhas da Lua — A fuga maravilhosa do Barão Mais Velho e da Baronesa do Impenetrável Nevoeiro
da Baronesa da Névoa Impenetrável, 12

CAPÍTULO III.

Nascimento de Bulger e do Pequeno Barão na Terra dos Espirros Melodiosos — Como o Pequeno Barão foi resgatado da morte por seu fiel Bulger — O retorno do Barão Velho
à Europa — Seus problemas com os tutores do Pequeno Barão, 19

CAPÍTULO IV.

Como o Barão Idoso e a Baronesa, os Servos da Casa, os Cavalos e o Gado das Propriedades Baroniais perderam peso em consequência da preocupação do Barão Idoso com o investimento da fortuna do Pequeno Barão — Como o Pequeno Barão Resolveu o Problema
—Como o Barão Ancião se opôs à viagem do Pequeno Barão — Medidas
tomadas pelo pequeno barão para superar essa oposição, 30

CAPÍTULO V.

A primeira viagem do pequeno barão aos mares do sul, com um breve relato de como ele triunfou sobre os terrores do Porto de Ninguém e resgatou seu navio da terrível calmaria — Sua experiência maravilhosa e a de Bulger com aquele povo estranho, os Comedores de Vento — A tentativa deles de matá-lo; e a chegada oportuna de Bulger, 39

CAPÍTULO VI.

O presente do Barão mais velho, uma cópia de um jornal romano — A estranha história que ele continha — Como o pequeno barão, ao lê-lo, foi levado a zarpar em busca da Ilha dos Escultores — Sua estada na terra dos lentos — Seu efeito sobre o pequeno Baron — Sua fuga por pouco de se tornar ele próprio um Slow Mover, 103

CAPÍTULO VII.

A viagem de Bulger e do Pequeno Barão para a Ásia Central — Benè-agâ, o guia cego — A passagem pela Grande Floresta Sombria e a fuga perigosa pelas escadas rochosas de Bōga-Drappa — Aventuras entre os Umi-Lobas ou Homens Saltadores, no domínio do rei Gâ-roo, 136

CAPÍTULO VIII.

Visita do Pequeno Barão ao Caldeirão de Netuno — Como uma terrível tempestade os levou à costa da China — As aventuras dele e de Bulger no Reino do Sol, incluindo um relato da prisão e julgamento de Bulger — Apesar de defendido pelo Pequeno Barão, ele é condenado à morte, 210

CAPÍTULO IX.

Como o Pequeno Barão voltou a sair de casa, contrariando o conselho de Bulger — Relato da terrível tempestade que os lançou na ilha de Gô-gû-lâh — Aventuras entre os corpos redondos que a habitavam — Casamento do Pequeno Barão com a princesa Rōlâ-Bōlâ — Maneira totalmente incrível como o Pequeno Barão e Bulger conseguiram escapar do domínio do rei Bô-gôô-gôô, 260

VIAGENS E AVENTURAS

DO

PEQUENO BARÃO TRUMP

E

SEU MARAVILHOSO CÃO BULGER.

CAPÍTULO I.

Breve relato sobre um dos ancestrais mais famosos do pequeno Barão, chamado “O Cavaleiro Sem Braços”. Sua força e bravura maravilhosas. Como ele seguiu Coração de Leão até o Oriente. Suas façanhas brilhantes no campo de batalha, sob as muralhas de Joppa. Seu casamento na presença de Saladino e Coração de Leão.

ESTRILHAS DE ESPADA DO MEU ANTEpassado, O FAMOSO CAVALEIRO SEM BRAÇOS.

Eu venho de uma das famílias mais antigas e honradas do norte da Alemanha, famosa por sua bravura e amor pela aventura.

Um dos meus antepassados, quando tinha apenas vinte e poucos anos, ouviu uma manhã à mesa do pai que o grande rei inglês Coração de Leão estava prestes a liderar um exército contra os infiéis.

“Pai misericordioso”, exclamou o jovem, levantando-se da cadeira, com os olhos em chamas e as bochechas em brasa, “posso juntar-me aos cruzados e ajudar na destruição dos inimigos da nossa santa religião?” “Ai, pobre rapaz!”, respondeu seu pai, lançando um olhar de pena ao jovem, que, por alguma estranha aberração da natureza, havia nascido sem braços. “Você não foi feito para conflitos terríveis como os que aguardam nosso primo Coração de Leão. Você não tem meios para empunhar a espada de batalha, para manejar a lança. Seria assassinato colocar seu corpo indefeso diante da cimitarra erguida dos muçulmanos impiedosos! Meu querido filho, banir tais pensamentos de sua mente e se volte para a poesia e a filosofia, você dará novo brilho ao nome de nossa família com seu conhecimento.” “Não, pai generoso, ouça-me!”, implorou o jovem com olhos eloquentes: “é verdade, a natureza tem negou-me armas, mas não foi tão cruel quanto se poderia supor, pois, em troca,

compensação, deu-me a força de um gigante nas pernas. Não se lembra de como, no mês passado, matei um javali selvagem com um único golpe com a bota de caça?" "Lembro-me", respondeu o severo barão com um sorriso, "mas..." "Perdoe minha interrupção, nobre pai", disse o jovem, "irei para a batalha duplamente armado, pois prenderei uma espada em cada estribo e ai do muçulmano que ousar enfrentar-me no campo de batalha".

"Vá, então, meu filho!", exclamou o velho barão, enquanto lágrimas escorriam por suas bochechas marcadas pela batalha, "vá, junte-se ao nosso primo real Coração de Leão e, se você, desarmado, conseguir resistir à fúria dos infiéis, outra glória será acrescentada ao nome dos Trump, e neste salão ancestral será pendurado um retrato do 'Cavaleiro Desarmado', sobre o qual, para sempre, os amantes de feitos valentes repousarão seus olhos maravilhados".

A alegria do meu jovem antepassado não tinha limites.

Mal parando para fazer os preparativos necessários para a viagem, com um punhado de servos de confiança, ele saiu do pátio do castelo em meio aos aplausos de milhares de mulheres bonitas que se reuniram da cidade vizinha para desejar boa sorte ao "Cavaleiro Sem Braços".

Foi somente na famosa batalha sob as muralhas de Joppa que meu antepassado teve a oportunidade de demonstrar sua bravura, sua força extraordinária e a fúria irresistível de seus ataques.

Nem um, nem cinco, nem dez soldados comuns ousaram enfrentar o "Cavaleiro Sem Braços".

Esquadrões inteiros recuavam aterrorizados diante desse misterioso vingador dos erros da cristandade, que, sem mãos, derrubava os guerreiros muçulmanos como grãos diante do vento.

Repetidamente, Saladino enviou a flor de seus homens contra o "Cavaleiro Sem Braços", cuja força e valor já haviam tornado seu nome um terror para os soldados supersticiosos. Sem perceber o terrível destino que o aguardava, o guerreiro muçulmano avançava sobre meu antepassado com a cimitarra erguida, quando, com um golpe de sua espada, o "Cavaleiro Sem Braços" cortava o peito do cavalo de seu inimigo e, em seguida, pisoteava o infiel até a morte enquanto ele se contorcia no chão.

Era agora meio-dia.

Em uma elevação, Saladino, observando o desenrolar da batalha, via com olhos ansiosos o massacre terrível da flor da sua tropa.

O nome, a patente e a nacionalidade do meu jovem antepassado já tinham sido revelados ao líder muçulmano.

“La, il la! Mahomed ul Becullah!”, gritou ele, acariciando a barba. “Abençoado é o homem que pode chamar aquele guerreiro cristão de filho! Quantos filhos do Profeta ele matou hoje?”

“Seiscentos e cinquenta e nove!”, foi a resposta.

“Seiscentos e cinquenta e nove”, repetiu Saladino, “e ainda é meio-dia!” Ao anoitecer, o número havia aumentado para mil e sete.

Ao ouvir sobre o terrível trabalho do “Cavaleiro Sem Braços” naquele dia, o grande coração de Saladino sangrou, mas ele não conseguiu conter sua admiração por tamanha habilidade e bravura.

“Vá!”, gritou o magnânimo chefe infiel, “vá, leve da minha casa a bela escrava Kohilât, com seus olhos negros e brilhantes, a flor da graça e a flor da beleza real. Leve-a ao “Cavaleiro Sem Braços”, com saudações reais de Saladino; sua bravura o torna meu irmão, mesmo sendo um giaour! Vá!”

Quando a bela Kohilât foi levada à presença do meu jovem antepassado e lhe foi anunciado que Saladino a enviara como presente para ele, o “Cavaleiro Sem Braços”, com saudações reais em sinal de respeito por alguém tão jovem e, no entanto, tão valente, o primeiro pensamento do jovem cristão foi afastá-la indignado de sua presença.

Naquele momento, porém, Kohilât ergueu seus grandes e brilhantes olhos e fixou-os no rosto do jovem.

Era mais do que o coração humano podia suportar.

Fazendo sinal para que sua comitiva saísse da tenda, ele avançou até ela, com ar respeitoso, e disse:

“Kohilât, um destino estranho trouxe-te até mim. O mensageiro do grande Saladino me transmitiu conhecimento sobre tua bondade, tua amabilidade e tua mente talentosa, que guarda em seu baú as imagens mais encantadoras e também conhecimentos úteis. Ele me informou que tu és descendente direta da famosa princesa de tua terra, Scheherezada, que por mil e uma noites manteve os pensamentos do sultão das Índias tão encantados com o jogo de sua imaginação brilhante, a ponto de desviá-lo de seu

terrível projeto de vingança. Achas, Kohilât, que podes esquecer o teu falso deus e amar apenas o verdadeiro?"

"Sim, meu senhor", murmurou o gentil Kohilât, "se tal for o desejo de meu senhor".

Um sorriso se espalhou pelo rosto bonito do meu jovem ancestral. Ele gostaria de ter encontrado mais resistência em converter a bela infiel à verdadeira fé, mas, embora procurasse por algum sinal de sutileza naquele rosto bonito por muito tempo e com atenção, não viu nenhum.

"Muito bem, Kohilât", continuou ele, "e agora responda-me e fale com o coração. Você está disposta a se tornar minha esposa, de acordo com os ritos da Igreja Cristã e as leis da minha terra natal?"

Mais uma vez, a bela Kohilât respondeu:

"Sim, meu senhor, se tal for o seu desejo."

No dia seguinte, foi proclamada uma trégua e, na presença dos dois grandes líderes dos exércitos opostos, Coração de Leão e Saladino, ambos rodeados pela mais gloriosa comitiva, meu jovem ancestral e a princesa Kohilât foram unidos em matrimônio pelo confessor real, o "Cavaleiro Sem Braços", que se erguia acima da multidão circundante em sua reluzente cota de malha, como uma coluna de prata polida. Quando ele avançou para encontrar sua noiva de olhos escuros, com a aliança entre os lábios, um grito poderoso se ergueu de ambos os exércitos.

Saladin acariciou a barba. Coração de Leão fez o sinal da cruz. Em meia hora, os líderes voltaram para seus acampamentos e a guerra retomou seu terrível trabalho de destruição.

A essa união do meu renomado antepassado, o "Cavaleiro Sem Braços", com a donzela muçulmana, atribuo minha posse de uma exuberância de fantasia quase oriental.

RETRATO DO MEU FAMOSO ANTEpassado, O “Cavaleiro Sem Braços”, COM A ALIANÇA ENTRE OS LÁBIOS.

CAPÍTULO II

O barão mais velho não tem certeza da localidade exata do meu nascimento. Os motivos serão revelados mais tarde. Meus pais estavam viajando pela África nessa época. A notável ascensão do Barão mais velho às Montanhas da Lua. A fuga milagrosa da névoa impenetrável. Que feito notável! Na terra dos Espirradores Melodiosos. Tudo o que aconteceu lá. Como o Rei dos Espirradores Melodiosos conduziu meus pais com grande honra ao seu palácio e como eles foram tratados por ele.

AS MULAS AMORDAC ADAS

Embora esteja ao meu alcance satisfazer a curiosidade dos meus leitores sobre em que parte do mundo foi que vi a escuridão pela primeira vez — pois nasci à noite —, infelizmente, quanto à natureza do local exato onde nasci, não posso fazer mais do que repetir as palavras do meu pai quando questionado sobre este ponto.

"Meu filho, se eu estivesse no leito de morte, só poderia dizer que você nasceu no centro de um grande lago, em uma ilha, em uma península ou no topo de uma montanha muito alta, como já lhe expliquei muitas vezes."

Basta, então, caro leitor, que eu lhe informe que, na época do meu nascimento, meus pais estavam viajando pela África; que meu pai acabara de realizar com sucesso uma das mais maravilhosas façanhas do alpinismo, a saber, a ascensão do pico mais alto das Montanhas da Lua; que seus guias o abandonaram ao chegar a um ponto particularmente perigoso da escalada; mas que ele havia seguido em frente sem eles e alcançado o cume após vários dias de terríveis privações, sofrendo fome e sede — sendo uma peculiaridade da atmosfera, após passar de uma certa altura, que os músculos do rosto e da garganta ficavam paralisados e o infeliz viajante morria de fome ou sede mesmo na presença de frutas deliciosas e água fresca e límpida.

Ao se reunir com minha mãe, que o havia acompanhado até onde as mulas mais bem treinadas e de passo mais seguro conseguiam encontrar apoio, eles seguiram em frente, como supunham, em direção ao vale de onde haviam partido.

Uma névoa impenetrável agora os envolvia e logo se viram vagando sem esperança e indefesos.

Na manhã do terceiro dia, a névoa tinha ficado ainda mais espessa, envolvendo-os como um manto, quase impedindo a passagem da luz do dia.

Enquanto tateava, meu pai entrou em contato com os dois animais de carga que o haviam servido nas partes mais fáceis da subida. Eles pastavam tranquilamente e sem se preocupar nos arbustos doces e tenros que cresciam na encosta da montanha.

De repente, uma ideia surgiu na cabeça do meu pai. Ela nasceu do desespero que faz um homem pensar muito antes de se deitar para morrer.

Ele raciocinou assim: se esses animais puderem comer à vontade sempre que sentirem fome, ficarão dispostos a permanecer onde estão, especialmente quando se encontram rodeados por pastagens tão excelentes e, além disso, totalmente livres de qualquer trabalho árduo. No entanto, se eles sentissem as dores da fome, ou melhor ainda, os dentes da fome em seus órgãos vitais, seus pensamentos voltariam imediatamente para seus lares, seus donos, seus comedouros, e eles não perderiam tempo em partir para a aldeia a que pertenciam. Com a energia do desespero, meu pai amarrou rapidamente um pedaço de lona sobre suas bocas para que não pudessem pastar nem beber e aguardou os resultados de sua experiência, com a respiração suspensa, pois as lágrimas e os gemidos de minha pobre mãe, cujas forças estavam se esvaindo rapidamente, atingiam-no no âmago da alma.

Após algumas horas, os animais levantaram-se e ficaram muito inquietos e, em mais uma hora, a fome tinha-lhes aumentado tanto que faziam esforços frenéticos para se alimentar, como meu pai podia facilmente perceber pelos puxões na corda que ele tinha cuidado em prender às cabeceiras.

Após a quarta hora, houve um longo silêncio, durante o qual os animais pareciam deliberar sobre o curso a seguir.

Chegou a quinta hora.

Minha mãe havia caído nos braços de meu pai, fraca e exausta. De repente, sentimos um puxão nas cordas. Gentilmente, meu pai

acordou sua companheira adormecida, sussurrando algumas palavras de conforto.

Novamente as cordas se tensionaram.

Meus pais estavam agora de pé, olhando para as profundezas da névoa impenetrável que os envolvia e os tornava invisíveis até mesmo um para o outro.

Shhh! Os animais se mexem novamente! Com um impulso repentino, como se suas mentes tivessem finalmente resolvido o problema que os confundia há várias horas, os animais, com bufos violentos, se afastaram do local, empurrando os arbustos e fazendo meus pais se virarem completamente.

Evidentemente, havia um acordo completo entre as conclusões alcançadas por sua inteligência ou instinto, pois nem uma vez se separaram ou pararam, exceto quando impedidos por meu pai. E assim meus queridos pais foram salvos! Durante todo aquele dia e parte do dia seguinte, eles continuaram sua jornada sombria. A névoa finalmente se dissipou e ficou imediatamente claro para meu pai que, embora os animais os estivessem guiando em direção a habitações humanas, não era a terra que ele havia deixado ao iniciar a jornada para o pico da montanha. O caminho agora estava tão visível que meu pai removeu as focinheiras improvisadas dos dois animais e permitiu que satisfizessem sua fome, o que eles fizeram com o maior prazer. Minha mãe estava tão exausta que caiu no chão, indefesa. Depois de revigorá-la com um gole de água da fonte e o suco de algumas uvas silvestres, meu pai preparou rapidamente uma cama de folhas macias, na qual ambos se jogaram com alegria após a longa e cansativa caminhada.

Logo caíram num sono profundo e delicioso. Não sabiam quanto tempo ficaram deitados na cama de folhas, envoltos num sono revigorante.

Certamente foram muitas horas, pois quando acordaram, a fome lhes devorava o estômago. Eles teriam gostado de sair imediatamente para colher frutas, mas seus ouvidos foram subitamente saudados por ruídos extraordinários. Esfregaram os olhos e olharam em volta e uns para os outros, achando que eram vítimas de alguma brincadeira de algum sonhador alegre.

Mas não; estavam bem acordados e em pleno uso de seus sentidos. Novamente os sons estranhos são ouvidos e, desta vez, mais próximos e mais claros.

Havia um aumento e uma diminuição, um crescendo e depois um desaparecimento.

Os sons são espasmódicos e secos, e há uma música singular neles.

Eles se aproximam cada vez mais. Ficam cada vez mais altos. “Animais selvagens?”, sussurrou minha mãe, meio interrogativa.

“Não!” sai da boca do meu pai. “A menos que os seres humanos sejam tão selvagens a ponto de merecerem o nome de animais.”

“Escute novamente!”, murmurou minha mãe.

Não havia mais como confundir os sons, pois, como um coro de muitas vozes, estridentes e agudas, profundas e resmungonas, suaves e musicais, ásperas e guturais, mas todas em uma espécie de harmonia rude e selvagem, misturando-se em uma única melodia poderosa, ora baixa e quase inaudível, ora irrompendo com um vigor feroz e aparentemente ameaçador, os cantores, entoadores, uivadores ou o que quer que fossem, precipitaram-se para o vale abaixo de nós em uma desordem selvagem, mas ainda assim meio regulada.

Eram seres humanos em trajes selvagens, com rostos pintados e clavas balançando levemente sobre os ombros. Quer parassem ou avançassem, continuavam com seu canto selvagem e misterioso, entrecortado, espasmódico e rápido, como se mil pessoas tivessem acabado de aspirar abundantemente mil caixas de rapé.

“Salve-me, marido!”, gritou minha mãe com o rosto pálido. “Seremos submetidos a alguma tortura terrível por essas crianças selvagens da floresta.” Um sorriso tão gentil e, ao mesmo tempo, tão calmo, que não poderia deixar de ser reconfortante, espalhou-se pelo rosto de meu pai.

“Não tenha medo!”, disse ele, “eu os conheço, estive procurando por eles! O que foi negado a muitos viajantes mais fortes e ousados do que eu foi concedido a um membro da família Trump da maneira mais milagrosa. Quando voltarmos para a Europa, todos os monarcas, todas as sociedades eruditas, correrão para colocar uma medalha no meu peito, pois, querida esposa, seu marido é o primeiro homem branco a entrar na terra dos...”

“A...?” ecoou minha mãe, inclinando-se para a frente e agarrando o braço do marido.

“Os Espirros Melodiosos!”

“Os Espirros Melodiosos?”, repetiu minha mãe com os olhos arregalados e um sorriso divertido estampado no rosto.

“Melo...”

Mas ela não conseguiu continuar. Para grande diversão do meu pai, ela começou a espirrar violentamente. Os espirros eram tão rápidos

que pareciam exatamente o barulho de um pequeno motor em alta velocidade.

Por fim, o ataque pareceu ter passado. “Melo...” mas foi em vão; ela não conseguiu pronunciar a segunda sílaba.

E agora, por sua vez, meu pai começou, devagar no início, mas cada vez mais rápido.

Estranho dizer, mas seus espirros logo começaram a se espalhar pela região e se misturaram completamente, mantendo o ritmo apesar dos esforços para contê-los.

“Saiba então, querida esposa”, gritou meu pai ofegante quando o ataque passou, “que aquelas pessoas estranhas estendidas na grama abaixo são os ‘Espirradores Melodiosos’; que eles não são apenas perfeitamente inofensivos, mas gentis, amáveis e pacíficos a um grau surpreendente. Não tenha medo deles! Seus bastões são apenas para caça.” “Mas por que...?” perguntou minha mãe cautelosamente, com medo de que outro ataque a atingisse.

“Eu entendo você”, foi a resposta. “Ouça. Saiba que neste vale e nos vales maiores abaixo, o ar está sempre cheio de miríades e miríades de insetos de tamanho infinitesimal; somente o microscópio mais potente pode provar à sua vista a existência real deles. Por incontáveis gerações, esses bárbaros pacíficos aqui têm sido submetidos à sensação de cócegas que você e eu temos...”

Mais uma vez, meu pobre pai começou a espirrar em cadências regulares e musicais, altos e baixos, profundos e estridentes, ora rápidos e cada vez mais rápidos, ora lentos e cada vez mais lentos, até que o silêncio reinou novamente.

“Acabei de experimentar”, retomou meu pai, “até que o esforço de espirrar se tornou tão fácil quanto respirar, e aproveitando os resultados que logo perceberam ser inevitáveis, essas crianças da natureza não demoraram a abandonar sua linguagem habitual e passar a se comunicar literalmente por meio de espirros!”

“Para eles, um espirro é capaz de tantas entonações, tantas inflexões, que não encontram dificuldade em expressar todos os sentimentos e sensações necessários — pelo menos necessários para eles em suas vidas simples, como você verá mais tarde.”

Minha pobre mãe gostaria muito de expressar sua admiração passageira, mas não ousava abrir a boca. “Venha, minha querida companheira”, gritou meu pai alegremente. “Coragem! Vamos descer a este belo vale, pois ainda estamos apenas na fronteira da ‘Terra dos Espirros Melodiosos’, chamada em sua língua suave e musical de Lâ-aah-chew-lâ.”

A pronúncia dessa palavra novamente lançou meus pobres pais em um verdadeiro turbilhão de espirros; mas, sem se intimidar, eles avançaram para encontrar os nativos, que, à primeira vista, prostraram-se com o rosto no chão e, por vários momentos, mantiveram um murmúrio baixo e lamentoso de espirros, com o nariz enfiado na grama.

Porém, aos poucos, meu pai conseguiu convencê-los de que era tão pacífico quanto eles.

Então, os Espirradores Melodiosos executaram uma dança de alegria muito singular e agradável, com os pés acompanhando perfeitamente o ritmo do coro de espirros.

Como meu pai soube depois, a dança era para expressar sua intensa gratidão aos "espíritos brancos" por não os terem comido vivos.

A marcha de volta para casa começou, com meu pai caminhando de mãos dadas com o rei Chew-chew-lô e minha mãe escoltada por uma dúzia ou mais de suas esposas, sendo a favorita da casa real chamada Chew-lâ-â-â-â-â e cada uma das outras, de acordo com o lugar menos elevado que ocupavam no afeto do rei, tendo um nome mais curto, até que, por fim, Chew-lâ significava pouco mais do que uma simples criada.

Meu pai descobriu que as aldeias dos Melodiosos Espirradores, devido à frequência e à violência das inundações da rede de rios que cercavam completamente suas terras, consistiam em casas ou habitações construídas nas árvores ou sobre palafitas elevadas.

Ele e minha mãe foram alojados em uma das moradias reais mais confortáveis e tantos escravos e servos foram designados para cuidar de suas necessidades que havia pouco ou nenhum espaço para se movimentar.

Para seu grande pesar, meu pai dispensou várias centenas deles para poder se aproximar o suficiente de minha mãe para conversar sem precisar gritar e, em seguida, enviou uma mensagem ao rei Chew-chew-lô informando que ele e minha mãe precisariam de pelo menos uma semana de descanso e silêncio absolutos para recuperar a saúde e as forças após os terríveis sofrimentos nas encostas das Montanhas da Lua.

CAPÍTULO III.

Meu nascimento. O barão mais velho lê meu horóscopo. Nascimento de Bulger. O barão mais velho calça sapatos de lama e sai para passear. O que ele descobre. Minha maravilhosa precocidade. Meu amor por Bulger. Minha terrível queda no lago de lama. Como os Espirros Melodiosos, com seus sapatos de lama, tentaram me resgatar. Seu fracasso. Bulger vem em seu auxílio. Como fui resgatado e devolvido à minha mãe. O efeito notável da lama quente na minha cabeça e no meu cérebro. Os Espirros Melodiosos têm medo de mim. O meu gosto por aritmética e línguas. A nossa despedida dos Espirros Melodiosos e o regresso a casa. Como dispensei os meus tutores e como o Barão mais velho os obrigou a pagar pela instrução que lhes tinha dado.

BULGER COM SEUS SAPATOS DE LAMA.

Neste ponto, minha mão treme e a tinta escorre instável da minha caneta.

Estou prestes a registrar certos acontecimentos que, tenho certeza de que o leitor concordará comigo, são os mais interessantes da minha vida estranha e variada. Talvez eu devesse dizer interessantes para mim; pois, caro leitor, um desses "certos acontecimentos" acima mencionados é um acontecimento não menos importante do que o meu nascimento neste mundo grandioso e belo — um mundo que se revelou cheio de coisas maravilhosas e de seres ainda mais maravilhosos, como você verá à medida que eu continuar minha história.

Nasci no meio do verão. Era noite.

Dez mil estrelas cintilavam sobre o berço daquele pedaço de barro miserável, pequeno e indefeso; mas mais brilhante do que todos, como uma tocha carmesim flamejando nos céus, Sirius, a estrela do cão, brilhava sobre mim!

Meu pai olhou para o céu e, sorrindo, murmurou: "Pequeno estranho, você sempre será um amante dos cães. Seu sorriso será alegria para eles, suas palavras serão música e, em algum animal de quatro patas da raça deles, você encontrará seu melhor, seu mais fiel e seu mais verdadeiro amigo".

Como que para selar com a verdade as palavras do meu pai, naquele exato instante ouviu-se o latido de uma cadela em um quarto adjacente e um dos servos da realeza, Chew-lâ-â, veio correndo em minha direção com uma cesta de cachorrinhos. Meu pai, rindo, pegou o berço de vime da família recém-chegada e, segurando-o diante de mim, exclamou:

"Escolha, pequeno barão, escolha um amigo e companheiro." Estendi minha mãozinha de bebê e ela pousou sobre um com uma cabeça particularmente grande. "Ha! Ha!", riu meu pai, "você escolheu bem, pequeno barão, pois aquele que você escolheu tem tanto cérebro que sua cabeça está quase estourando com ele."

E quando minha língua infantil tentou pronunciar essa palavra, ela saiu distorcida como "Bulger". E foi assim que Bulger e eu começamos nossa jornada pela vida quase ao mesmo tempo! No dia seguinte, meu pai descobriu que as águas haviam começado a baixar durante a noite e, ao olhar para baixo de nossa moradia elevada, viu que agora ela parecia estar no centro de uma ilha bastante extensa. Após o café da manhã, de acordo com o costume do país, meu pai calçou um par de sapatos de madeira do Rei Chew-chew-lô, usados por todos os Melodious Sneezers quando tentavam se mover sobre a superfície da lama macia causada pela inundação.

Esses sapatos de madeira são extremamente leves, embora sejam tão longos e largos quanto sapatos de neve. As solas são polidas, permitindo que quem os usa deslize sobre a lama, que, devido à natureza do solo, é muito oleosa, com a mesma rapidez de um corredor com sapatos de neve.

Após uma excursão de várias horas subindo e descendo colinas, meu pai voltou com esta estranha informação: que, sem dúvida, antes da queda das águas, a habitação deles estava situada em um lago; mas que, gradualmente, à medida que as águas baixavam, uma ilha se formou, que um pouco mais tarde se transformou em uma península, que, por sua vez, com o afundamento ainda maior das águas, se transformou na coroa de uma montanha com encostas suaves, de modo que, como ele relatou à minha mãe, até o dia de sua morte seria impossível para ele dizer se seu filho havia nascido em um lago, em uma ilha, em uma península ou no topo de uma montanha, um fato que o entristecia profundamente, pois, como todos os membros de sua família, ele tinha muito orgulho de registrar eventos importantes com rigor escrupuloso, até nos mínimos detalhes.

Ao contrário da maioria dos bebês, que parecem contentes em passar os primeiros seis meses de vida comendo, dormindo e chorando, eu, desde o início, demonstrei uma precocidade surpreendente.

Com apenas algumas semanas de vida, embora não soubesse falar, já tinha aprendido a assobiar para o Bulger, cujo desenvolvimento mental e físico parecia acompanhar o meu e que passava a maior parte do tempo a olhar para o meu rosto infantil com uma expressão que significava claramente:

"Oh, ficarei tão feliz quando essa linguinha se soltar para que você possa me chamar de Bulger e me mandar fazer o que você quiser."

Ele não teve que esperar muito.

A única coisa que me dava mais alegria nessa fase inicial da minha vida era a luz do sol.

Dentro de casa, eu estava inquieto, mal-humorado, irritável, mas assim que saía ao ar livre, toda a minha natureza mudava. Eu respirava a atmosfera suave e amena com um vigor e uma satisfação que encantavam meu pai. Meu rosto se iluminava, meus olhos percorriam o vale e as colinas, do topo das montanhas ao céu.

Essa visão do grande mundo me deixou em tal êxtase de prazer que minha mãe ficou preocupada, temendo que isso fosse um presságio de algum grande mal que estava para acontecer comigo.

Mas o imponente barão apenas sorriu. "Não tema, esposa, isso significa apenas que dentro dessa cabecinha habita uma mente maravilhosamente ativa para uma criança dessa idade."

Sempre que Bulger ouvia seu pequeno dono gritar de alegria ao ver o mundo maravilhoso, ele era tomado por um acesso de latidos violentos, durante o qual pulava ao meu redor com as manifestações mais selvagens e extravagantes de simpatia.

Sem dúvida, havia um vínculo maravilhoso de afeto entre nós.

Para horror da minha mãe, eu quase disse, um dia, enquanto ela caminhava comigo nos braços pela ampla varanda que circundava os palácios de Chewchewlô, tentei me jogar de seus braços, gritando em alemão: Los! Los! (Deixe-me ir! Deixe-me ir!) Eu tinha apenas dois meses e o tom alto e vigoroso com que pronunciei esta primeira palavra que tinha falado na língua da minha mãe assustou-a bastante.

Até então, eu aparentemente estava mais interessado na língua suave e musical da minha ama real, Chewlâ, na qual eu conseguia me expressar

compreender com muita facilidade. Por volta dessa época, aconteceu-me um acidente que, embora não tenha causado, acelerou muito a libertação da restrição aparente, tão ardentemente desejada tanto por Bulger quanto por mim, pois desde a minha entrada neste mundo algo me dizia que eu seria uma criança famosa, não um mero jovem precoce que é usado pelos pais em reuniões sociais para entediar pessoas já de mau humor, subindo em cadeiras ou mesas e declamando versos, como um papagaio, com meia dúzia de gestos rígidos e desajeitados; mas um herói genuíno, um verdadeiro viajante, sem medo de enfrentar uma tempestade, encarar um animal selvagem ou intimidar um povo bárbaro para que fizesse o que eu queria.

Minha mãe tinha o costume, no frescor do dia, de sentar-se comigo na ampla varanda enquanto remendava as meias do meu pai; pois, embora fosse de origem nobre, ela havia se acostumado tanto, quando menina, a praticar a economia alemã em todas as coisas que agora, mesmo tendo se tornado esposa de um verdadeiro barão, não podia renunciar ao prazer de fazer as coisas à moda antiga.

E assim ela economizou para meu pai muitos pfennigs, que o bom homem distribuía aos pobres dignos e levou para o túmulo carregado com suas bênçãos.

Foi nessa altura que um súbito ataque de espirros tomou conta da minha mãe e, para seu horror indescritível, ela deixou-me escorregar dos seus braços. Caí, caí, batendo na lama macia e desaparecendo de vista.

A pobre mulher caiu no chão como se fosse chumbo.

O imponente barão levantou-se e a cor fugiu de suas bochechas masculinas.

Mas Chew-chew-lô, que felizmente estava visitando meu pai, apenas sorriu.

“Bárbaro insensível!”, rugiu o grande barão, “não tem respeito pelas lágrimas de um pai, pela angústia de uma mãe? Saia daqui! Quem me dera nunca ter entrado no seu domínio!” Chew-chew-lô não disse uma palavra. Virando-se com ar imperioso e maneiras reais para uma multidão de servos, acenou com a mão.

Mais rápido do que a luz, o bando de Espirradores Melodiosos saltou para seus sapatos de madeira.

Fora, fora, eles dispararam como morcegos negros em voo.

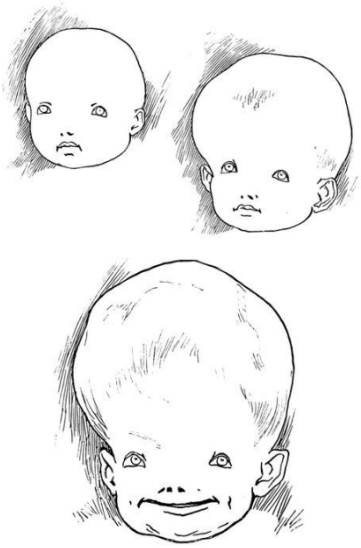
O barão percebeu que, em sua terrível dor, havia deixado seu bom senso escapar e, com o rosto pálido e a cabeça baixa, ficou apoiando a figura desfalecida de sua esposa.

Ele sentia, sabia, que sua presença entre os Espirradores Melodiosos naquele momento só iria desconcertá-los, impedir seu progresso e possivelmente confundi-los a ponto de todos os seus esforços serem em vão. Eles, desde a infância, estavam tão acostumados a usar aqueles enormes sapatos de madeira, a se mover sobre a superfície daquela lama traiçoeira, que se fosse possível para mãos humanas devolver seu filho aos seus braços, eles o fariam.

E assim ele disse algumas palavras de encorajamento ao ouvido de minha mãe e continuou parado como uma estátua, com o olhar fixo nas longas filas de Espirradores Melodiosos, enquanto eles contornavam o cume da montanha para chegar ao local onde, segundo eles, eu havia desaparecido.

Armados com suas pás leves e largas de madeira, seus braços escuros subiam e desciam com precisão e regularidade maravilhosas, acompanhando o ritmo das notas musicais de seus espirros; ora suaves e baixos, ora explodindo em uma cadência selvagem e galopante.

Para baixo! Para baixo! Para baixo!



TRÊS RETRATOS MOSTRANDO O MARAVILHOSO CRESCIMENTO DO MEU CÉREBRO.

E, no entanto, cavavam em vão!

Não havia nenhum sinal meu para alegrar o coração dos meus pobres pais, devastados pela dor.

Mas ouçam!

Que grito agudo é esse?

Não é humano!

Não, é o latido de Bulger, ou melhor, é o guincho de Bulger.

Ele estava observando o bando de Melodious Sneezers, enquanto suas pás brancas subiam e desciam em vão, com a cabeça enfiada entre as grades da varanda.

Ninguém estava lá com mente e coração suficientes para compreender o significado daquele pobre latido.

Chew-chew-lô viu que seus homens estavam em pé, apoiados nas pás, com olhares de dúvida e hesitação nos olhos.

O rei permaneceu em silêncio.

Foi o grande barão que falou:

“Oh, não os deixe desistir! Minha vida, minha riqueza, tudo o que tenho é seu, bom e gentil Chew-Chew...”

Um ataque de espirros interrompeu seu apelo.

Mais uma vez, Bulger gritou, e desta vez o rei prestou atenção.

Um assistente viu o rei acenar com a cabeça e, correndo para amarrar amplas taças de madeira nos pés do cão, soltou-o sobre a superfície da lama.

O que é o homem, com sua inteligência tão alardeada?

Eles estavam a dez passos ou mais do ponto onde eu havia desaparecido.

Latindo, uivando e choramingando alternadamente, meu querido Bulger correu para o local onde seu faro infalível lhe dizia que seu amado pequeno dono havia caído.

Mais uma vez, o bando de Melodious Sneezers começou a trabalhar com vigor renovado, suas pás brancas brilhando com um efeito estranho contra a escuridão da lama.

Bulger os encorajava com latidos altos e alegres. De repente,

um “mastigar” claro, sonoro e melodioso rasgou o ar.

Eles tinham-me avistado!

Com rara previsão para alguém da minha idade, eu havia fechado as narinas com uma mão antes de chegar à lama, salvando assim meus pulmões de se encherem.

Mas quão inútil teria sido essa precaução se meu fiel Bulger não tivesse vindo em meu socorro!

Sua alegria agora não tinha limites.

Acho que vi um sorriso na bochecha manchada de lágrimas do velho barão, quando seu filho foi carregado para a varanda, mais parecido com um pedaço de terra animado do que qualquer outra coisa, pois o ar me revigorou. Meus olhos não estavam apenas bem abertos, mas eram a única parte limpa do meu corpo.

Totalmente indiferente à minha condição imunda, minha querida mãe me apertou convulsivamente contra o peito, e acredito sinceramente que ela teria pressionado os lábios contra minha cabeça e rosto cobertos de lama, se não tivesse visto a larga palma da mão do barão em uma proximidade suspeita, enquanto o coração de mãe se esvaziava em palavras. Algumas bacias de água morna e eu estava novamente eu mesmo.

Não, nunca mais voltei a ser eu mesmo. O meu banho na lama quente de Lâ-aah-chew-lâ provocou uma mudança notável em mim; impediu o crescimento do meu corpo e concentrou toda a minha força na cabeça e no cérebro.

Em um curto mês, minha cabeça quase dobrou de

tamanho. Meu rosto e expressão de bebê desapareceram!

E antes que outra lua se completasse, eu havia me tornado uma maravilha viva!

Não era apenas o tamanho da minha cabeça que era notável, mas dos meus olhos emanava uma inteligência surpreendente.

As pobres mulheres da terra de Lâ-aah-chew-lâ se agacharam na minha frente como se eu fosse um ser de outro mundo e, batendo na testa, aproximaram-se da minha mãe e sussurraram:

“Muito graciosa Chew-lâ-â-â-â-â-â, o Grande Espírito cometeu um erro e colocou duas almas aí em vez de uma!”

Em seguida, elas inclinaram seus corpos graciosos até que suas testas tocassem os pés da minha mãe e se retiraram, saindo de costas como as damas da corte mais disciplinadas

damas da corte, cada uma apontando o dedo para mim e abrindo bem os olhos ao desaparecer pela porta.

Toda a cena era tão grotesca que eu dei uma gargalhada.

Ao ouvir isso, as pobres criaturas caíram de cabeça umas sobre as outras em seus esforços loucos para sair da casa, gritando com toda a força:

"Salve-nos! Salve-nos! Ele vai nos enfeitiçar!"

"Pequeno Barão!", disse meu pai em tom de raiva fingida, "você não deveria ter assustado as damas da corte do Rei Chew-chew-lô!"

Chew-pâ! Chew-pâ! (Idiotas! Idiotas!) respondi, levantando os olhos da lousa em que estava resolvendo um problema de aritmética, pois gostava muito de números.

Na verdade, meu pai já havia me ensinado a somar, mostrando-me como trocar contas de vidro sem valor por marfim valioso, e a dividir, tirando noventa centavos de cada dólar que eu ganhava. Muito antes de saber ler ou escrever, eu já conhecia o nome das letras de várias línguas e sabia soletrar qualquer palavra que não tivesse letras mudas. Ninguém se alegrava mais com minhas maravilhosas realizações do que Bulger.

Ele parecia saber instintivamente que seu pequeno mestre não era um ser comum e o respeitava de acordo. Agora nos despedimos da Terra de Lâ-aah-chew-lâ e dos Espirros Melodiosos.

O rei Chew-chew-lô, com um poderoso grupo de servos, acompanhou-nos até à sua fronteira, fazendo ressoar as florestas com o seu melodioso chew-chew-a-ing. Em cima dos ombros do velho barão, acenei-lhes um último adeus, ao que eles responderam com um turbilhão tão perfeito de Chew-chew-â que Bulger quase uivou de alegria.

Qualquer honra especial prestada ao seu mestre era sempre uma questão pessoal para ele. O barão mais velho pretendia penetrar ainda mais no coração da África; mas o fato é que o crescimento contínuo da minha mente era tão maravilhoso que absorvia sua atenção de manhã à noite. Ele tentou esconder isso de mim, mas foi em vão.

Antes de completar dois anos, meu cérebro havia crescido tanto que minha mãe foi obrigada a costurar pedaços de chumbo nas solas dos meus sapatos para me manter de pé, e mesmo assim, apesar dessa precaução, muitas vezes me encontravam em pé

de cabeça para baixo, resolvendo problemas matemáticos difíceis usando os dedos dos pés, como os chineses fazem com suas máquinas de contar.

A primeira coisa que meu pai fez ao chegar em casa foi me levar a um frenologista para fazer um mapa da minha cabeça.

O exame durou um mês.

Finalmente, após a conclusão do mapa, descobriu-se que eu possuía trinta e duas protuberâncias distintas.

E bem desenvolvidas!

Portanto, foi imediatamente decidido contratar trinta e dois tutores eruditos, cada um responsável por uma protuberância e fazendo o possível para aumentá-la, mesmo que crescesse até se tornar um chifre.

Meu pai estava decidido a não deixar nada por fazer para desenvolver ao máximo minhas capacidades mentais. Eu não disse nada a favor ou contra o plano.

Em um ano, eu havia aprendido tudo o que os trinta e dois tutores podiam me ensinar e, além disso, havia ensinado a cada um deles cinquenta coisas que eles não sabiam e que eu havia aprendido enquanto viajava por países estrangeiros com meus pais.

Certa manhã, para grande surpresa dos meus trinta e dois tutores, dispus todos eles.

O barão mais velho, seguindo minha sugestão, enviou uma conta a cada tutor pelos serviços que eu lhes prestei.

Todos os tutores se recusaram a pagar.

O barão mais velho, por sugestão minha, instaurou um processo judicial contra cada um deles.

Após ouvir meu depoimento, o tribunal emitiu um parecer que ocupava cinco mil páginas de papel timbrado e levou uma semana inteira para ser lido, no qual sustentava que tudo o que eu havia ensinado a cada um dos meus trinta e dois tutores era tão estranho e peculiar que, aos olhos da lei, valia pelo menos cem dólares. Isso fez com que a conta de cada tutor chegasse a cinco mil dólares, ou cento e sessenta mil dólares no total.

O tribunal então adiou o julgamento por um ano, pois os três juízes estavam tão exaustos mental e fisicamente que precisavam de doze meses de descanso antes de retomar

qualquer outro caso.

OS TRÊS JUÍZES CANSADOS, COMO APARECERAM NO FINAL DO MEU PROCESSO CONTRA OS MEUS TUTORES.

CAPÍTULO IV .

Como o barão mais velho emagreceu de preocupação com o investimento do meu dinheiro. O efeito de sua ansiedade sobre o resto da família. Eu assumo o assunto e invento maneiras de aumentar minha fortuna. Fico extremamente rico. Aos oito anos de idade, sou tomado por um desejo incontrolável de visitar terras distantes e começo a fazer as malas. O barão mais velho se opõe. Como me empenho para obter seu consentimento. As travessuras dos meus companheiros de brincadeira. Como invadimos o castelo, interrompemos a caça com falcões, arruinamos a caça à raposa, chamamos os dez médicos e incendiamos os campos vizinhos. O barão mais velho se cansa das minhas travessuras e concorda em me deixar partir. Minha alegria e a alegria de Bulger.

O BARÃO MAIS VELHO E A BARONESA EMAGRECERAM MUITO.

A questão que agora ocupava a mente de meu pai, excluindo todos os outros pensamentos, era como investir essa grande soma de dinheiro, de modo que, ao completar 21 anos, eu tivesse uma renda suficiente para viver como um barão — especialmente quando pertencia a uma família tão famosa como a nossa.

O fato é que meu pai permitiu que essa questão perturbasse sua paz de espírito a tal ponto que ele emagreceu visivelmente.

Minha mãe, ao ver seu estado lamentável, começou a se preocupar e se inquietar a tal ponto que também ficou muito abatida.

ficou muito magra. Com a perda de peso, naturalmente, o apetite diminuiu e pouco ou nenhum alimento era fornecido; ou, pelo menos, não mais do que o suficiente para satisfazer as necessidades de Bulger e minhas.

Com isso, os empregados começaram a perder peso, tanto os que trabalhavam dentro de casa quanto os que trabalhavam fora; e, em sua tentativa desesperada de manter o corpo e a alma juntos, os cavalos e o gado foram alimentados com rações escassas, e a consequência foi que eles também logo começaram a definhar.

Assim, tornou-se uma visão bastante grave ver meu pobre pai e minha pobre mãe reduzidos a pele e osso, conduzidos pelo país por meras sombras

como cocheiros e lacaios, e puxados por quatro cavalos cujos ossos chocalhavam sob a pele quando eram persuadidos ou espancados a trotar preguiçosamente.

Bulger e eu éramos os únicos que mantínhamos a boa aparência e o bom humor. Por fim, decidi intervir e pôr um fim rápido a essa situação deplorável. Exigi do barão mais velho uma promessa solene de que ele seguiria minhas instruções à risca e não levantaria nenhuma objeção, por mais absurda ou irracional que ela pudesse parecer para ele ou para minha mãe.

NOSSO COACHMAN DA FAMÍLIA
FICA EM POUCA COISA MAIS DO
QUE PELE E OSSO.

Então, convidando-o a comer algo bom e suculento, a se retirar cedo e a ter uma boa noite de sono, saudei-o respeitosamente e disse:

“Barão, até amanhã de manhã!”

Mal terminei meu café da manhã quando minha porta se abriu e o barão mais velho entrou na sala.

Ele parecia muito revigorado. A cor havia voltado às suas bochechas, o brilho aos seus olhos.

Ele já era um homem diferente.

“Aqui, gracioso senhor”, comecei, entregando-lhe um rolo de pergaminho, “está uma lista dos melhores fabricantes de almanaques da nossa terra. Entre em contato com eles imediatamente e compre o direito de fornecer previsões meteorológicas para o próximo ano!”

O barão mais velho começou a protestar. “Barão!”, observei severamente, levantando a mão, “um verdadeiro cavaleiro tem apenas uma palavra a dizer!”

Ele ficou em silêncio e acenou para que eu

continuasse. Eu fiz o seguinte:

“Respeitado pai, quando tiver garantido esse direito de cada um deles, volte para mim.”

Em poucos dias, meu pai cumpriu sua missão.

Ele entrou no meu quarto e colocou nas minhas mãos as concessões necessárias de todos os renomados fabricantes de almanaques do país.

Mais uma vez, pedi-lhe que se refrescasse bem, descansasse e voltasse a me ver pela manhã.

Quando Bulger e eu voltávamos do café da manhã, o barão mais velho apareceu na porta dos meus aposentos.

Ele parecia forte e bem. Seu rosto havia se enchido novamente e seus passos recuperaram a elasticidade de outrora.

Mais uma vez, coloquei um rolo de pergaminho em suas mãos e disse-lhe:

“Espalhe o conteúdo desse pergaminho de maneira uniforme e abundante em cada almanaque, nas páginas dedicadas aos meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.”

Ele olhou para mim com ar interrogativo e seus lábios começaram a se mover.

“Nobre senhor!”, disse eu, antes que qualquer som saísse de sua boca, “em nossa família, os cavaleiros sempre foram destemidos e irrepreensíveis.” Ele inclinou sua figura altiva em silêncio e retirou-se.

Talvez o leitor tenha um pouco de curiosidade em saber o conteúdo do pergaminho que coloquei nas mãos do barão mais velho nessa ocasião.

Se a brevidade é a alma do espírito, era espirituoso. Se uma caligrafia redonda e bonita é o traje da verdade, era verdadeiro. Seja como for, as palavras que minha caneta traçou naquele pergaminho diziam o seguinte:

“Todos os sinais apontam para um inverno extremamente frio.” “As indicações são de que o inverno que se aproxima será o mais rigoroso em meio século.” “Todas as previsões dão a mesma resposta: um inverno de duração excepcional e frio intenso.” “Os prognosticadores mais experientes concordam em prever uma temperatura baixa raramente alcançada nessas latitudes.” “Por volta dessa época, espere

um frio incomum." "Protejam as plantas." "Agora cuidem bem dos seus vegetais de inverno." "Protejam-nos da geada extrema." "Dupliquem o seu estoque de combustível para o inverno." "Agora preparem-se para tempestades de neve violentas." "Esperem um tempo frio intenso durante todo este mês." "Preparem-se para tempestades de granizo muito incomuns." "Fiquem atentos a ventos norte repentinos e penetrantes." "Mantenham o gado aquecido durante todo este mês." "Cuidado com as nevascas mortais, elas chegarão com uma intensidade furiosa."

Após alguns dias de ausência, meu pai voltou para a mansão. Sua chegada foi devidamente anunciada a mim por Bulger, a quem eu disse: "Vá, bom Bulger, e conduza o barão ao meu apartamento".

Ele partiu com muitos saltos e latidos brincalhões e logo voltou, conduzindo o barão mais velho com a alegria que lhe era tão comum quando estava ativo a meu serviço.

"Eu te obedeci, meu filho!", murmurou o barão mais velho, curvando-se em uma reverência majestosa.

"Muito bem!", respondi, fazendo-lhe sinal para se sentar.

"E agora, honrado guia dos meus passos incertos da infância, preste atenção às minhas palavras: nossa tarefa está quase concluída. Em poucos dias, o investimento deste dinheiro, que lhe causou tanta ansiedade, roubando-lhe o serviço do seu coração, estará completo; sim, completo; e, o que é ainda melhor, tão bem investido que você poderá se considerar o pai de uma das crianças mais ricas do reino."

"Ouça, Barão. Vá agora aos principais mercados do país e faça um contrato por escrito com todos os comerciantes de peles para que lhe entreguem no início do outono todas as peles, preparadas, não preparadas ou nas costas dos proprietários, cuja entrega eles garantirão com seus selos e assinaturas."

Mal as palavras saíram da minha boca, o barão mais velho levantou-se da cadeira e me abraçou calorosamente.

"Meu filho!", exclamou ele, acariciando minha testa protuberante, "é um golpe de mestre! É digno de um governador de província! Estou ansioso para começar o bom trabalho. Permita-me partir ainda esta noite!" "Espere, barão!", disse eu, conduzindo-o à sua cadeira e gentilmente obrigando-o a sentar-se. "Espere, barão; ainda há algo a ser dito. Quando tiver concluído a compra de todas as peles que se espera que entrem no reino este ano, gaste o resto do dinheiro na compra de toda a madeira, carvão e turfa que puder encontrar, não que eu queira lucrar com os parcos recursos do pobre homem, mas simplesmente

para impedir que outros o prejudicassem, unindo-se contra ele, como certamente fariam assim que as previsões meteorológicas fossem divulgadas." "Ah, pequeno barão!", exclamou meu pai, "que consideração! Pois, como você diz, não devemos colocar um fardo sobre os ombros do pobre homem!"

Tal era a diligência com que meu pai levou a cabo meus planos que, em um único mês, eu havia comprado e vendido novamente todo o produto do mercado de peles, com um pequeno lucro, é verdade, mas grande o suficiente para me tornar um homem extremamente rico.

Tudo foi feito com tanta delicadeza e habilidade que ninguém jamais suspeitou do astuto estratagema que me permitiu adquirir riquezas suficientes para partir em minhas viagens conforme meu capricho, sabendo que, se fosse capturado e mantido como refém pelos piratas mais gananciosos, meus banqueiros teriam ouro suficiente para pagar meu resgate.

Ao completar oito anos, fui tomado por um desejo incontrolável de realizar imediatamente meus planos há muito acalentados: visitar terras distantes habitadas por povos estranhos e curiosos. Minha própria casa, minha própria língua, meu próprio povo me cansavam e me desgastavam.

Em meus sonhos, eu caminhava pelo convés de navios robustos, gritava minhas ordens, içava velas em mar calmo e recolhia velas em tempo tempestuoso. Passava o tempo, de manhã à noite, enchendo baús com artigos adequados para o comércio com os selvagens, para poder penetrar em interiores nunca visitados pelo homem civilizado e subir rios fechados desde o início do mundo aos mensageiros alados do comércio e do comércio. Mas, por estranho que pareça, meu pai, possivelmente instigado pelas súplicas de minha mãe, opôs-se firme e resolutamente ao meu projeto de deixar a casa.

Eu estava fora de mim de tanta decepção. Implorei, supliquei, ameacei. Pela primeira vez na vida — ainda hoje me dói confessar —, fui culpado de certa falta de respeito aos autores da minha existência.

Bulger, depois de estudar a situação por vários dias, chegou à conclusão de que o barão mais velho era, de alguma forma, a causa da minha infelicidade, e era necessário, às vezes, que eu usasse de toda a minha autoridade para impedi-lo de morder as pernas do barão mais velho quando ele saía do meu apartamento após uma conversa tempestuosa.

"O quê!", gritei, com a voz trêmula de tristeza, "estou condenado a desperdiçar os dons maravilhosos que a natureza me concedeu, preso entre as paredes

desta cidade insignificante, cujas cenas mais agitadas são as brigas nos mercados, cujo povo nunca testemunha um espetáculo mais grandioso do que a passagem de uma tropa real a cavalo? Não pode ser, não será. Tu mesmo disseste que eu não sou uma criança comum para se divertir com bolas e piões e se entreter com livros ilustrados."

Mas o velho barão endurecera o coração, e todos os meus apelos foram em vão.

E, no entanto, não perdi a esperança de conseguir o que queria no final.

A gota d'água, continuamente, acabou por esgotar a pedra. Decidi então que iria convencer o velho barão a aceitar o meu projeto de deixar a casa, recorrendo a táticas totalmente diferentes. Disse para mim mesmo:

"Ele quer que eu seja uma criança: eu serei uma!" E imediatamente comecei a fazer amizade com todos os pequenos malandros da cidade.

Nenhum jovem malandro escapou à minha atenção.

Quanto mais desenfreado, ativo e incansável era seu poder de travessura, mais eu o envolvia em meu afeto.

Do amanhecer cinzento ao entardecer orvalhado, esses meus amigos e companheiros reuniam-se em torno do castelo. Eles me adoravam como seu líder e obedeciam implicitamente às minhas ordens, como se eu tivesse algum domínio sobre eles.

O barão mais velho viu a nuvem se formando e inclinou a cabeça, como se quisesse enfrentar a tempestade que se aproximava com mais chances de resistir.

Quando chegou a hora do jantar, descobriu-se que o melhor vinho da Borgonha havia sido roubado e as garrafas enchidas com vinho tinto comum. Quando o barão mais velho encontrou seus amigos nos campos para uma prova com os falcões, descobriu que eles haviam sido tão bem alimentados que ficaram sentados, estúpidos e tranquilos, quando lhes tiraram as capas. Diziam ao cozinheiro que havia convidados e que ele deveria tomar cuidado para que os bolinhos da sopa ficassem bem delicados, mas, para horror do barão mais velho, uma semente de cereja era encontrada no centro de cada bolinho.

Um dos meus coadjuvantes foi ousado o suficiente para roubar a caixa de rapé do barão mais velho e enchê-la de pimenta. O resultado pode ser imaginado. Outro teve o cuidado de derramar água em todas as caixas de isqueiro antes que os convidados pedissem seus cachimbos. Ao tentar levantar-se da mesa, aqui e ali encontrava-se uma fila bem amarrada às costas da cadeira.

Uma das minhas façanhas favoritas era posicionar-me no primeiro patamar da escada e “segurar a ponte como Horácio Cocles nos tempos antigos”, enquanto meu bando selvagem de duas dúzias de jovens bárbaros subia loucamente a escada com gritos, berros e vociferações que teriam feito jus a qualquer horda de selvagens reais que eu já visitei, enquanto eu, com meu sabre de madeira, batia em seus bastões, ocasionalmente batendo nos dedos de algum jovem mais ousado e mandando-o chorando para o pé da escada, para o divertimento infinito de Bulger, que sempre insistia em participar da briga e se gloriava da minha proeza.

Por fim, para minha grande alegria, notei que o barão mais velho dava sinais de rendição.

Como um general prudente, ordenei um ataque em toda a linha.

No dia seguinte, haveria uma caçada à raposa. Eu ordenei a um dos meus tenentes de confiança que alimentasse os cães com toda a carne crua que eles pudessem engolir, cerca de uma hora antes do início.

Enviei outros dez, os mais ágeis e eloquentes, às casas dos dez principais médicos e cirurgiões da cidade e arredores, com a mesma mensagem para cada um: que todos os homens, mulheres e crianças da mansão estavam gravemente doentes e que era preciso trazer seus baús de remédios com a maior urgência possível para que a epidemia fosse controlada.

AS DEZ GARRAFAS DE REMÉDIO TRAGAS PELOS DEZ MÉDICOS.

Os dez médicos chegaram a galope ao pátio quase ao mesmo tempo, apenas para encontrar o barão mais velho e seus amigos reunidos na plataforma e consultando-se em voz baixa sobre as estranhas ações dos cães. Os discípulos furiosos de Galeno recusaram-se a prescrever remédios para os pobres animais e

galoparam novamente com seus coldres bem cheios batendo contra as pernas.

Enquanto isso, eu não fiquei parado.

Nas garras de uma dúzia ou mais das aves do barão mais velho, amarrei uma espécie de pavio de minha própria invenção, tão inflamável que o menor atrito fazia com que explodisse em chamas, e então as soltei nos campos e jardins adjacentes ao salão da família.

Elas tinham ficado enjauladas durante todo o verão e estavam muito felizes com a perspectiva de um bom e confortável momento para ciscar entre as folhas secas e os restolhos dos campos abertos.

Os guardas florestais, nessa altura, tinham conseguido despertar um pouco os cães de caça do seu torpor, quando se ouviu o grito “fogo! fogo!”. O grupo de caça desmontou apressadamente e juntou-se aos criados na corrida louca para buscar baldes de água.

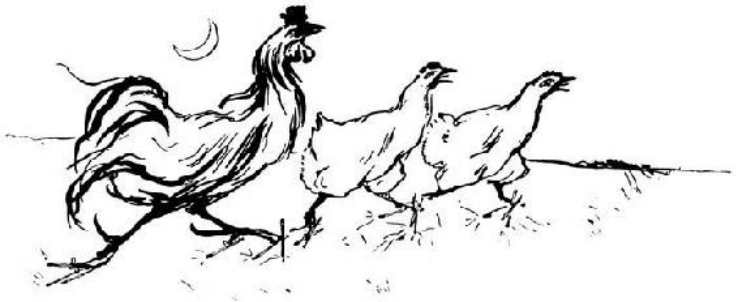
Eu estava sentado calmamente no meu apartamento, com Bulger ao meu lado, quando o alarme foi dado.

O barão mais velho, a princípio, inclinou-se a pensar que, embora minha obra estivesse claramente visível na trama maliciosa, que consistia em alimentar demais os cães e convocar os dez médicos para a mansão em uma busca inútil, o incêndio que irrompeu nos jardins e campos vizinhos era realmente algo com o qual eu não tinha nada a ver. O retorno de um venerável galo Dominick, que estava fraco ou preguiçoso demais para detonar os fogos de artifício presos às suas garras, resolveu a questão.

O barão mais velho agora tinha certeza de quem havia planejado o crime no qual suas pobres aves se tornaram cúmplices sem saber.

Naquela noite, Bulger e eu fomos para a cama com o coração leve.

O barão mais velho finalmente consentiu em nos deixar partir em nossa primeira viagem em busca de aventuras estranhas entre os povos curiosos de terras distantes.



AS GALINHAS QUE NÃO QUERIAM COÇAR E, POR ISSO, ME TRAÍRAM.

CAPÍTULO E V.

Preparações para minha primeira viagem. O barão mais velho escolhe o porto de onde devo partir. Descrição do porto No Man's Port. Como escapei das areias movediças, do redemoinho e do martelo de Thor. Em calmaria nos mares do sul, resgato meu navio de uma maneira maravilhosa. Terra à vista! Algo sobre uma bela ilha. Deixo meu navio e parto para o interior. Como me deparei com alguns seres extraordinários. Descrição deles. Eles me deixam para pedir permissão ao seu chefe para me apresentar à sua corte. Como pensei que estava sendo atacado por um bando de seres gigantescos. Meu estranho engano. Eles provam ser os mesmos seres q u e e u havia encontrado no dia anterior. O que causou a transformação. A terra dos Comedores de Vento. Sou conduzido à corte de Ztwish-Ztwish. Mais sobre o povo curioso. O carinho do chefe por mim. A explosão dos bebês. Go-Whizz torna-se meu inimigo. Emagreço. A rainha Phew-yoo quer que eu case com a princesa Pouf-fâh. Para recuperar a minha carne, ensino aos Comedores de Vento a pescar. Um terrível acidente resulta de um incêndio que eu provoquei. Go-Whizz exige a minha morte. Ztwish-Ztwish recusa. O furioso briguento tenta matar o chefe e é morto por Ztwish-Ztwish. Para evitar o casamento com Pouf-fâh, mando Bulger de volta para o navio e fujo durante a noite. Muito fraco para suportar o cansaço, sou alcançado. Fico preso nas redes dos Comedores de Vento e quase morto a socos. Bulger me resgata. O grupo de resgate do meu navio vem me buscar. Chego à costa e, após um breve descanso, parto para casa.

BULGER ME AJUDA A FAZER AS MALAS.

Agora me dediquei de corpo e alma à tarefa de me preparar para minha primeira viagem.

Bulger não demorou a entender o motivo de toda aquela agitação.

Ele estava encantado com a perspectiva de uma viagem a terras distantes, onde a vida era menos monótona. Ele ficava sentado por horas a fio observando-me trabalhar e, de vez em quando, para agradá-lo, eu apontava objetos espalhados pela sala e pedia que ele os pegasse, o que ele fazia invariavelmente, demonstrando grande alegria por poder ajudar seu pequeno mestre.

Na verdade, todos ajudavam com muita gentileza, de modo que, para minha grande satisfação, eu tinha mais tempo para estudar navegação.

Minha pobre mãe, a graciosa baronesa, não permitia que ninguém mais passasse minhas roupas. Com seus dedos finos e brancos, ela bordava o brasão e as iniciais do meu guarda-roupa.

Havia uma questão que me ocupava a mente há vários dias: que traje nacional eu deveria adotar.

Após longa e madura deliberação, resolvi vestir-me com trajes orientais. Fiz isso por várias razões. Era um traje que eu gostava muito.

Sua graça pitoresca atraía meu amor pelo belo, enquanto, por outro lado, sua leveza e conforto o tornavam muito agradável para alguém com extrema flexibilidade nos membros e elasticidade nos passos. Enquanto a velha mansão era literalmente virada de cabeça para baixo e todos, da cozinheira à camareira, discutiam, o velho barão não ficava de braços cruzados. Ele cuidava, entre outras coisas, para que eu tivesse bons livros para ler e me trouxe vários livros de máximas, preceitos, reflexões, pensamentos e estudos, que me pediu para enfiar nos cantos vazios dos meus baús, "pois", disse ele, e isso também com grande aparência de razão, "tu terás muitas horas ociosas em dias calmos. É preciso alimentar a tua mente para que o seu maravilhoso desenvolvimento não seja interrompido e te tornes uma criança comum, sem outros pensamentos além de jogos e livros ilustrados". A minha pobre mãe, a graciosa baronesa, acrescentou a este acervo de boa literatura um pequeno volume intitulado: "O Caminho Direto para a Boa Saúde; ou, Cada Um é o Seu Próprio Médico". Quanto ao meu armário de remédios, eu mesmo supervisionava, pois sempre fui hábil na arte de interpretar todos os tipos de sintomas e dotado da rara faculdade de saber quase instintivamente qual remédio dar para uma determinada doença, sem primeiro experimentar no paciente, tentando uma coisa após a outra, como é costume da maioria das pessoas que pretendem curar doenças.

RETRATOS REAIS DE BULGER
E DE MIM; EU COMO
APAREÇO EM MEU TRAJE
ORIENTAL.

Tudo estava indo bem agora, e eu estava de ótimo humor, quando o barão mais velho veio até mim com uma proposta que, por alguma razão que não sei explicar, me desagradou, embora parecesse que deveria ter tido o efeito oposto. Ele propôs-me que fosse antes dele, uma semana ou dez dias, para o Mar do Norte, a algum porto onde eu pretendia comprar e equipar um navio rápido e resistente, comprar ele próprio o navio, ocupar-se pessoalmente do seu equipamento e contratar uma tripulação de homens escolhidos.

O que eu poderia fazer?

Se recusasse a oferta, seria o mesmo que confessar minha desconfiança.

Será que ele tem algum plano para frustrar meu esquema?

Oh, nem pensar!

Mas devo confessar que não aceitei os serviços que ele me ofereceu sem sérias dúvidas.

Essa súbita ansiedade do barão mais velho em apressar minha partida, depois de ter se oposto a ela por tanto tempo e com tanta veemência, deixou-me um pouco inquieto

.

Antes de partir para o Mar do Norte para comprar um navio para mim, o barão mais velho entrou no meu apartamento e disse o seguinte:

“Perdoe-me, pequeno barão, por interromper seus estudos, pois percebo que está absorto no estudo da navegação.”

“Fale, barão”, disse eu, olhando para cima com um sorriso malicioso, “esse direito é seu”.

“Tenho um último pedido a fazer”, continuou ele, com sua habitual calma, “não é uma questão de grande importância. É mais um capricho do que qualquer outra coisa. Tu sabes, por mim mesmo e pela leitura das crônicas da nossa família, que antigamente éramos grandes proprietários de terras na costa do Mar do Norte. Controlávamos vários portos, estávamos amplamente envolvidos no comércio, enviando pelo menos uma dúzia de navios por ano. Um dos portos do nosso domínio era famoso, famoso pelo caráter extraordinário das suas correntes de entrada e saída, canal, etc. Diziam que este porto era mais perigoso do que o mar aberto, que os navios estavam realmente mais seguros fora dele do que dentro dele. Não sei quanta verdade há nisso tudo, mas sei que um homem, um antepassado nosso, não só navegou para lá, como também saiu em segurança, pois você deve saber que o canal pelo qual um navio entrava nesse porto não podia ser usado para sair, pois a corrente irresistível fluía sempre num único sentido, ou seja, do mar para essa bacia misteriosa. Para sair, o marinheiro corajoso tinha que confiar sua embarcação a outro canal, e aí residia o perigo.

“Ficaria muito grato, pequeno barão, se pudesses provar ao mundo que, por mais difícil que tenha sido para outros capitães no passado e seja agora, navegar para fora deste porto não representou um obstáculo intransponível para ti e, por isso, vim pedir-te que zarpasse deste porto!”

“Como se chama?”, perguntei descuidadamente, enquanto me virava para um

mapa do Mar do Norte. “Port No Man’s Port”, respondeu o barão.

“Gosto do nome”, disse eu. “Ordenem que meu navio me espere lá!”

O barão mais velho levantou-se e, curvando-se com graça majestosa, retirou-se. Acompanhei-o até a porta e despedi-me com a mais respeitosa reverência.

“Port No Man’s Port”, respondi. “Ah, aqui está o mapa!” O texto descritivo diz o seguinte:

“Abandonado há muitos anos; entrada fácil; saída tão perigosa que pode causar ferimentos fatais, se não a destruição, às embarcações à vela; canal externo bloqueado por um redemoinho assustador e uma rocha oscilante chamada “Martelo de Thor”; bacia interna extremamente perigosa devido às areias em constante movimento; fechado por ordem do Ministério Real do Comércio e da Marinha.” Ao terminar de ler essas palavras, levantei-me de um salto e comecei a andar de um lado para o outro, descontroladamente e quase inconsciente.

O sangue subiu à minha cabeça. Fui obrigado a parar e me agarrar ao encosto de uma cadeira alta de carvalho, ou teria cambaleado e caído no chão.

Bulger ficou muito alarmado e soltou um grito abafado de dor. Falei com ele da forma mais calma possível para confortá-lo.

Após alguns momentos, a vertigem passou e minha mente se clareou completamente.

“Não, é impossível”, sussurrei, “o barão mais velho não poderia ser culpado de má-fé comigo! Fora com esse pensamento! Ele erra por imprudência e falta de experiência. Ele mal conhece o caráter terrivelmente perigoso da tarefa que está me dando. Para ele, as histórias de naufrágios e mortes em Port No Man's Port não passam de lendas da vida dos marinheiros de antigamente. Ele não tem a menor suspeita de que seu pedido, feito de forma tão leviana, expõe seu único filho, herdeiro de uma fortuna principesca e de um nome honrado, a ser engolido por essas areias movediças, sugado para a destruição por esse redemoinho assustador ou esmagado por um golpe do martelo de Thor.

“E ainda assim, por que murmurar?

“É tarde demais para protestar. O barão já anunciou ao mundo a notícia que para ele é motivo de orgulho, de que seu filho está prestes a renovar as glórias antigas de sua família! Tenho duas opções: enfrentar esses perigos como um homem corajoso e calmo, ou me condenar a uma vida monótona e apática, como magnata de uma província e não como herói de dois mundos!

“Não! A sorte está lançada!

“Eu disse e está feito!

“Meu navio partirá do Porto de Ninguém, ou este pequeno corpo servirá de alimento aos peixes naquele dia!”

Sem dúvida meus olhos brilharam e minhas bochechas ficaram vermelhas, pois Bulger, que ouvia meu monólogo com uma expressão de dor no rosto, tentando em vão entender o significado das minhas palavras, agora explodiu em uma série de latidos animados, pulando e saltando pela sala com a alegria mais selvagem. Ele sabia muito bem que uma luta terrível se passava em minha mente.

Agora ele percebia que tudo estava bem. Criatura fiel, se pudesse expressar seu amor, como faria todos os amantes humanos corarem!

Quando se aproximava a hora de eu me despedir do salão baronial, aquela boa senhora, a graciosa baronesa, minha mãe, lembrou-se subitamente de mil e uma coisas que considerava da maior importância para mim. Ela me advertiu para não dormir em correntes de ar; não comer pão recém-assado; não beber água fria quando estivesse com calor; não cortar as unhas muito curtas; não dormir com a boca aberta; não usar roupas íntimas por mais de uma semana; não deixar de escovar os dentes; não deixar de cortar o cabelo na lua nova; não forçar os olhos lendo com pouca luz, não engolir a comida sem mastigar bem, não rir com comida na boca, não tentar segurar um espirro, não deixar de cortar os calos, não cutucar os dentes com objetos pontiagudos, não examinar a ponta do nariz sem um espelho, não comer carne sem pimenta ou vegetais sem sal, não fazer esforço após uma refeição farta, não ficar em pé com a perna dormente; não andar tão rápido a ponto de sentir dor no lado do corpo; não dormir antes de descansar primeiro sobre o lado direito; não deixar de tomar um comprimido se visse flashes no escuro; não deixar de amarrar uma meia em volta do pescoço caso sentisse dor na garganta, etc., etc., etc. Quando chegou o momento de me despedir da graciosa baronesa, minha boa mãe, fiquei profundamente comovido. Todos os criados e servos, de dentro e de fora, passaram diante de mim, beijaram minha mão e derramaram bênçãos sobre mim.

Posso afirmar com segurança que o único presente que não se emocionou até as lágrimas foi Bulger. Ele estava tão ansioso para partir que passou cerca de uma hora correndo da mansão para a carruagem e vice-versa, em uma tentativa lamentável de dar início à procissão.

Finalmente partimos.

Cem mãos acenavam-nos em despedida.

As árvores imponentes que cercavam o salão baronial balançavam solenemente. Fiquei feliz quando saímos do pátio, pois precisava de descanso e silêncio.

Meus nervos estavam tão tensos no último mês que uma mudança de cenário me trouxe alívio e relaxamento.

Minha viagem ao Mar do Norte foi tranquila e sem incidentes.

Encontrei meu navio ancorado em segurança no Porto de Ninguém, e o barão mais velho estava lá, responsável por ele. Ele me apresentou ao capitão, me abraçou com carinho e, com um sorriso gracioso e um aceno majestoso, sentou-se na carruagem da família. Sua única despedida foi:

"Meu filho, sua sabedoria é uma herança. Você não poderia tê-la adquirido. Portanto, faça bom uso de um dom tão nobre. Adeus!"

Inclinei a cabeça em silêncio. A carruagem partiu. Fiquei sozinho. Não, um amigo verdadeiro e amoroso estava lá. Ele olhou para cima com seus olhos grandes e brilhantes, como se dissesse:

"Não fique triste, pequeno mestre. Não importa quem vá, eu ficarei ao seu lado para sempre!"

Virando-me para o meu capitão, ordenei que o bote fosse tripulado e comecei imediatamente a examinar o misterioso porto onde o meu navio estava ancorado.

Descobri que era uma baía espaçosa, cercada por uma costa rochosa. Em alguns lugares, as águas dormiam sob uma superfície negra e cristalina; em outros, tudo era movimento e agitação. As ondas batiam com força contra o bote, trazendo massas de areia branca que se moviam para cá e para lá, como se estivessem condenadas à agitação perpétua.

O fato de meus homens, enquanto pescavam em diferentes partes da baía, frequentemente capturarem peixes de águas profundas, provou-me que o Porto de Ninguém era atravessado por um canal de quatro a seis braças de profundidade.

A única dificuldade seria fixar os limites desse caminho em constante mudança por tempo suficiente para atravessar a bacia.

Em seguida, voltei minha atenção para o redemoinho. Ele marcava a junção do canal externo com a bacia do Porto de Ninguém.

Depois de comprar vários cascos condenados com o objetivo de testar a força e a fúria do redemoinho, mandei amarrar uma corda forte a um cabrestante na costa, o que me permitiu aproximar a lancha a uma distância de um comprimento de navio do redemoinho com total segurança. Na verdade, quando despertado em toda a sua fúria pela intrusão de qualquer grande corpo flutuante, era uma visão capaz de aterrorizar até o coração mais corajoso!

Com um estrondo profundo e um barulho estrondoso, as águas se levantaram em uma agitação tumultuada, fervendo, borbulhando, fervilhando, até que uma espuma branca como a neve cobriu a piscina como um manto de linho branqueado, levantando então o intruso, que neste caso era um dos cascos que eu havia ordenado que fossem lançados sobre eles, e essas águas enfurecidas o giraram completamente. Em um instante, como se exausto por esse tremendo esforço, uma calma misteriosa tomou conta da piscina. A camada de espuma, quebrada em pedaços, dançava suavemente sobre o seio ondulante das águas. Tudo estava em paz, exceto que o casco ainda jazia tremendo como um ser assustado no colo desse monstro adormecido!

Pois, vejam! Ele se agitou novamente. Cada vez mais rápido, ele gira sua presa. Cada vez mais fundo, suas mandíbulas agora bem abertas puxam para baixo o casco infeliz!

Um rugido terrível anuncia que o fim está

próximo! Ele se foi!

Sim, mas esperem! Ele vai soltar sua presa novamente!

Neste momento, pedaços de tábuas flutuam em direção ao mar, dançando nas águas turbulentas.

Em breve, os restos amassados, quebrados e esmagados daquele forte casco seguirão o mesmo caminho.

Este monstro aquático não se alimenta do que engole! Ele destrói pelo simples amor à destruição. A noite havia chegado. Voltei para o meu navio. As areias movediças e o redemoinho revelaram seus horrores. Mas eu não os temia mais! Como o domador de cavalos quando finalmente consegue enfiar o freio de aço entre os dentes que mordem e rangem do jovem corcel selvagem, eu agora sentia que eles estavam conquistados.

“E agora, pelo Martelo de Thor!”, foi o meu grito, enquanto me sentava ao lado de Bulger para um breve momento de reflexão.

O primeiro raio de luz cinzenta no leste me encontrou no convés.

“O Martelo de Thor” era um enorme pilar de rocha negra e dura, projetando-se cerca de seis metros acima da água e terminando em uma cabeça em forma de martelo. Ele guardava o canal onde chegava ao mar, ficando exatamente no meio, forçando assim os navios a passar por um lado ou por outro.

Sob as águas, essa sentinela assustadora devia ter acabado em uma bola gigante, que, com o passar do tempo, criou uma cavidade na rocha do leito do canal; pois balançava livremente, movida por cada onda poderosa de um lado para o outro, ameaçando destruir rapidamente qualquer embarcação que passasse.

Para falar francamente, a visão dessa terrível máquina de destruição me deixou apavorado! Como escapar da vigilância desse sentinela gigantesco, que não conhece sono nem descanso, cujos golpes caem com a mesma fúria sobre amigos e inimigos? Como acalmá-lo por alguns breves momentos?

Determinado a estudar de perto a força, a rapidez e o caráter dos golpes desferidos pelo "Martelo de Thor", mandei erguer várias estruturas enormes de tábuas e madeira perto da posição desse poderoso sentinela de rocha. Uma após a outra, ordenei que fossem jogadas no canal.

No início, fiquei bastante paralisado ao descobrir que mesmo o leve redemoinho causado pela passagem de uma dessas estruturas de madeira fazia a rocha oscilar violentamente e sempre em direção ao objeto que passava.

A julgar pelo efeito do Martelo de Thor sobre essas massas flutuantes de tábuas e madeira, um único golpe seria suficiente para destruir completamente meu navio, apesar de sua resistência incomum.

Fiquei paralisado com pressentimentos terríveis. Podia sentir as gotas de suor escorrerem da minha testa e escorrerem pelas minhas bochechas. Devo desistir e voltar para casa, com o ânimo abatido, humilhado, alvo de ridículo, alvo da ironia da aldeia, motivo de alegria e risadas em todas as cabanas dos camponeses?

Oh, não! Não pode ser, não deve ser!

Como um relâmpago, um pensamento atravessou o horizonte escuro da minha mente.

Não estou sonhando? Foi mesmo assim?

Uma das estruturas de madeira ainda permanecia. Controlando minha emoção com grande dificuldade, ordenei que a jogassem no canal e assumi uma posição favorável para observar mais uma vez a ira da sentinela imponente! Em poucos instantes, o "Martelo de Thor" sentiu a aproximação da embarcação e se curvou em raiva impotente, batendo no ar com golpes cada vez mais rápidos! Sim, eu estava certo! Uma vez que o Martelo de Thor começou seu trabalho de morte e destruição, ele não se desviou de sua tarefa, enquanto restasse qualquer objeto sobre o qual descarregar sua fúria!

Tampouco havia escapatória para a embarcação malfadada até que fosse reduzida a estilhaços! Pendurado sobre ela, golpe após golpe se sucediam com estrondos e clamores assustadores. Somente quando os pobres restos foram levados pela correnteza marítima é que aquele eixo negro e duro como pedra cessou seu balanço furioso.

Virando-me para o meu capitão, que estava com os olhos fixos em mim, perplexo, gritei num tom calmo e despreocupado: “Em três dias, capitão, se o tempo estiver bom, deixaremos o Porto de Ninguém!”

Um nó se formou em sua garganta, mas ele engoliu e gritou alegremente:

“Sim, sim, senhor.”

E que três dias agitados foram aqueles! Meus homens não demoraram muito para captar algo do espírito indomável de seu novo comandante. Eu os fiz trabalhar duro, mas os alimentei bem, servi grogue com mão generosa, mas sensata, e cuidei para que todas as suas necessidades fossem satisfeitas. Por sua vez, o espanto deles se transformou em admiração, e a admiração em afeto.

No primeiro dia, todos os homens que podiam trabalhar foram designados para fazer linhas de pesca, com um gancho bom e resistente numa ponta e uma boia de cortiça na outra. As linhas tinham cerca de três braças de comprimento e as boias eram pintadas de vermelho vivo. Em seguida, dei ordens para montar três mastros improvisados, um no meio do navio e outro à proa e à popa.

Meus homens começaram a trabalhar com determinação, mas eu os flagrei várias vezes batendo na testa e trocando olhares significativos. Mas se essa última ordem os deixou pensativos, a seguinte teve o efeito de uma bomba explodindo no meio deles.

O mestre de navegação e todos os outros ficaram me encarando como se estivessem apenas esperando que eu os aniquilasse.

Minha ordem era montar um aparelho de direção sob a figura de proa. Um navio costeiro, que eu havia mandado chamar, agora entrava lentamente no Porto de Ninguém. Ordenei ao capitão que pagasse à tripulação três meses de salários extras e os dispensasse.

Feito isso, ordenei aos meus homens que amarraram o navio costeiro ao nosso lado estibordo.

Acredito sinceramente que todo o meu plano, tão cuidadosamente estudado, só foi salvo do fracasso total pela sabedoria do meu fiel Bulger.

Assim que o navio costeiro foi amarrado ao nosso lado, ele saltou levemente por cima da amurada e começou a se divertir pulando para cima e para baixo no convés limpo. De repente, ele parou perto de uma das escotilhas e começou a latir furiosamente. Chamei um dos meus oficiais para dar uma olhada e ver o que estava acontecendo. Ele relatou em poucos instantes que um dos

marinheiros dispensados havia sido encontrado escondido no porão. Quando ameacei colocá-lo em ferros, ele confessou que seu plano era soltar o barco assim que nosso navio se aproximasse do redemoinho.

Foi por pouco.

Querido e fiel Bulger, quanto te devemos por essa descoberta! O

terceiro dia amanheceu claro e bonito.

O vento estava muito favorável, soprando forte em direção ao mar.

Ao primeiro raio de luz, meus homens estavam acordados e à procura de mim.

Cumprimentaram Bulger e a mim com três vivas calorosos.

Eles tinham decidido que o que eu não sabia, Bulger sabia! Finalmente, tudo estava pronto!

Acenei para o mestre de navegação e, em um instante, o cabrestante começou a girar, e o alegre "Yo, heave O!" dos homens me disse que a âncora havia sido lançada. Centenas de cordas e bóias, bem iscadas, foram lançadas ao mar. Em pé na popa, com os binóculos na mão, observei-as atentamente e com ansiedade.

Imagine minha alegria ao ver várias dessas boias vermelhas desaparecerem como um flash, surgirem novamente e desaparecerem por um instante.

"O primeiro ponto foi conquistado", gritei. "Encontrei o canal!"

Passando rapidamente a informação ao imediato, que estava a cargo do leme, o meu bom navio saiu lentamente do Porto de Ninguém, com a popa à frente. Repetidamente, as linhas com isca e as suas bóias vermelhas foram lançadas ao mar. Os peixes de águas profundas que se aglomeravam no canal em constante mudança continuavam a trabalhar sem parar. À medida que o nosso navio avançava, eles puxavam as linhas e, assim, mantinham o curso tortuoso claramente marcado. Com os binóculos na mão, observei o sucesso desta parte do meu plano, com as veias latejando e o coração batendo forte. Um grito alto dos meus homens me diz que passamos pelas areias movediças. Sim, é verdade! Atravessamos a baía de Port No Man's Port! Suas temidas areias movediças rodopiam e rolam em vão. Não estava destinado que engolissem o navio do Pequeno Barão!

Mas vejam! O canal estreita-se! As águas ficam negras e agitadas. E ouçam!

Não ouviram aquele rugido surdo? Salto da amurada! Passo entre os meus homens e lanço aqui e ali uma palavra de encorajamento. A minha calma perfeita impressiona-os. Não se ouve nenhum alegre “sim, sim, senhor!”, mas vejo uma resposta nos seus rostos. É: “Confiamos em si, pequeno capitão, fale!” O rugido surdo torna-se cada vez mais alto.

As corredeiras nos alcançam e nos levam como lascas na maré espumosa de um riacho de montanha. Nosso navio robusto balança como um barco de brinquedo. O cargueiro amarrado a um lado range e geme em seus esforços desesperados para se soltar.

Chamando Bulger, passo a corda por ele e o amarro firmemente ao mastro principal, pois temo que uma guinada repentina o jogue ao mar. Seguimos em frente, avançando pelas águas assustadoras. O rugido é ensurdecedor. Olho para os meus marinheiros. Seus rostos bronzeados estão pálidos. Eles se agarram às cordas e aos estais. Seus olhos estão fixos em mim.

Olhem! O terrível redemoinho está bem à nossa frente. Ele abre suas mandíbulas salpicadas de espuma como um monstro terrível. Nós saltamos em sua boca. Estamos perdidos? Como poderia ser diferente? Como se nosso navio fosse uma casca de noz, as ondas turbulentas, furiosas, rodopiantes, lutadoras e fervilhantes o envolvem em seus braços, levantam-no bem acima do nível do mar, giram-no completamente e o jogam com uma força tão terrível que grandes paredes de água se erguem por todos os lados e ameaçam engolir a frágil embarcação de madeira. Mas eis uma mudança maravilhosa: veja como ele flutua sobre uma piscina de vidro! A espuma dança à luz do sol nas ondas ondulantes. Tudo está em paz onde, apenas um momento antes, a natureza rugia com fúria demoníaca. Rápido como um pensamento, salto para as cordas da mestra: “Cortem os mastros!” Eles caem ao mar com um estrondo. Meus homens trabalham com uma seriedade enlouquecida. Eles sabem muito bem que cada instante pode ser o último. Nossa vela mestra já içada é içada sem uma palavra ou um grito. Estamos muito perto da morte para cantar! Veja! Veja! O vento enche a grande vela! Estamos nos movendo. As águas parecem sentir nossa fuga. Elas estão despertando para uma nova fúria. Um profundo estrondo vindo das entranhas da terra as convoca a despertar de seu letargo.

Eles tentam nos

alcançar. Tarde demais!

Tarde demais!

Nós nos afastamos do alcance deles. Estamos salvos! Estamos salvos! Um grito se eleva de duas dezenas de gargantas, das quais o medo agora tira a mão!

Olhem para trás! Como se tivesse sido roubado de sua presa, o redemoinho desperta com fúria redobrada.

Cem jatos de água semelhantes a braços jorram e se derramam ao redor do nosso bom navio, em um esforço vão para puxá-lo de volta para aquele terrível vórtice.

Estamos encharcados com nuvens de espuma e névoa, enquanto continuamos lenta mas firmemente o nosso curso. Quem nos dera estar a salvo na maré crescente do mar aberto, pois ainda há outro perigo a enfrentar.

Nosso canal se estreita repentinamente. Eu poderia jogar um biscoito na parede rochosa que nos fecha dos dois lados.

Mais uma vez, um silêncio profundo cai sobre o navio e a tripulação, quebrado apenas por um som estranho de águas correntes, irrompendo e desaparecendo com a regularidade do balanço de um pêndulo. É o martelo de Thor, batendo nas águas assustadas e transformando-as em espuma, enquanto balança de um lado para o outro.

Apesar do meu esforço para parecer calmo, sinto meu coração bater mais rápido.

Um frio intenso entorpece minhas mãos. Um olhar à frente me assusta como um golpe de uma mão invisível. Lá, com o sol da manhã repousando sobre sua crista em forma de martelo, balança aquele temido pedaço de rocha dura, ameaçando a destruição instantânea de qualquer navio ousado o suficiente para tentar passar por ele.

De acordo com minhas ordens, todas as velas do navio foram içadas e o leme amarrado, para passar à direita do Martelo de Thor.

“Coragem, homens!”, gritei. “Todos em posição! Cortem as amarras! Soltem o bote!”

Então, acenando com a mão para o capitão, nossa vela principal baixou rapidamente. Tudo funcionou como um encanto. Nosso navio diminuiu a velocidade, enquanto o veleiro avançava em direção à sua destruição. Veja como a embarcação condenada avança galantemente em seu caminho; pois a brisa havia refrescado e várias fitas e bandeiras coloridas, que meus homens haviam hasteado no mastro, esvoaçavam no ar fresco da manhã.

Ali! Não ouviram aquele estrondo? O

martelo de Thor a atingiu!

Golpe após golpe! Bate!

Bate! Bate! Agora é a nossa

hora, ou nunca!

Eu não estava cochilando. No momento em que saímos da montanha-russa, eu já havia ordenado que içassem velas suficientes para manter nosso navio estável em seu curso.

Já nos aproximávamos do Martelo de Thor, que estava rapidamente transformando o veleiro em uma massa informe. O mar estava cheio de pedaços de tábuas e madeira quebrada

. O Martelo de Thor se inclina para seu terrível trabalho de destruição, indiferente à nossa presença.

O que poderia resistir à sua terrível fúria?

Aquelas madeiras resistentes cedem como

galhos.

Mais um minuto e teremos o monstro e sua vítima em nosso rastro!

Agora, agora, estamos passando por ele! Nossas velas tremem com a força de seu sopro! Nosso convés está coberto de lascas! O rugido e o estrondo são ensurdecedores. O Martelo de Thor se inclina para dar um último golpe nas costelas e na quilha de sua vítima quebrada e desarticulada!

Viva! Viva!

Nosso bom navio mergulha no balanço profundo do peito do oceano! Estamos em mar aberto! Porto de Ninguém, adeus!

Enquanto meus homens olhavam para trás, para a entrada rochosa e o sentinela sombrio do Porto de Ninguém, eles jogavam seus bonés para o alto e davam vivas.

Bulger saltava pelo convés, dando o seu melhor com latidos vigorosos, para testemunhar a sua admiração pelo seu pequeno mestre.

O mestre de navegação aproximou-se, tocou no boné e arranhou o convés com a ponta do sapato, gritando alegremente:

“Bravo, pequeno Barão. Isso foi feito de forma esplêndida! Eu tinha certeza de que nunca conseguiríamos atravessar as areias movediças. E quando as passamos, eu estava pronto para jurar que o redemoinho acabaria conosco. Mas quando navegamos em segurança para fora daquilo, eu me aproximei da popa, pronto para pular ao mar, pois senti que nada poderia nos salvar de um golpe do Martelo de Thor. Fiquei enrugado e grisalho enfrentando as tempestades do domínio de Netuno, mas nunca senti que tinha um mestre até agora.”

Acenei com a cabeça e sorri, e rapidamente mudei de assunto.

“A propósito, capitão”, disse eu, “lembre-se, no momento em que cruzarmos o Canal da Mancha, vire a proa para o sul!”

“Sim! Sim! Pequeno Barão!”, foi a resposta. Chamando Bulger, desci para baixo. Queria ficar sozinho. A verdade é que precisava descansar. A terrível tensão nos meus nervos, causada pelas esperanças e medos dos últimos dias, começou a afetar-me.

Jogando-me sobre um dossel, caí num sono profundo, do qual fui acordado pelos gemidos e choros de Bulger.

O mestre de navegação estava ansiosamente a sentir o meu pulso.

Eu havia dormido três dias e três noites. Durante todo esse tempo, Bulger se recusou terminantemente a sair do meu lado ou comer qualquer coisa, embora o capitão o tivesse tentado com os petiscos mais deliciosos.

Sua alegria não tinha limites quando me levantei e me sacudi para me recompor.

“Onde estamos, mestre?”, gritei.

“No vasto Atlântico, rumo ao sul, pequeno Barão!”, foi a resposta.

“Ótimo! Mande-me uma fatia de bacon e um pouco de biscoito. A brisa do Atlântico me abriu o apetite e, capitão”, acrescentei, “um pouco de frango assado para Bulger”.

“E agora, rumo à terra do calor e do sol!”, murmurei, “agora, rumo ao lar das laranjas e das palmeiras! Os ventos frios não gostam de mim, sou um filho dos trópicos, nascido em uma terra onde a natureza trabalha e o homem brinca. Nunca uma rajada fria assobiou sua melodia triste sobre meu berço! Que aqueles que quiserem passem metade de suas vidas esperando que a Mãe Terra acorde de seu sono de inverno! Congele o corpo e você congela o cérebro. Eu sou daqueles que amam flores mais do que flocos de neve. Gloriosa terra do sul! Eu te saúdo, teu filho volta para teus braços, oh, acolhe-o com bondade e amor!”

Para o sul, sempre para o sul, meu bom navio avançava. Durante o dia, eu caminhava pelo convés para observar os golfinhos brincando ou para observar o espanto de Bulger quando um peixe voador perdido caía esvoaçando no convés; à noite, com os olhos fixos na brilhante Cruz do Sul, ansiava pela hora de pisar em alguma bela praia decorada com ramos de corais e conchas de pérolas, em cujas águas límpidas peixes dourados se aninhavam entre plantas marinhas de tonalidades não menos brilhantes.

Já fazia três semanas desde que o último murmúrio do Martelo de Thor havia chegado aos nossos ouvidos.

Meu cronômetro marcava meio-dia. Todas as velas estavam içadas e nosso bom navio balançava graciosamente como uma andorinha que se inclina em seu voo para tocar as águas frescas de algum lago cristalino. De repente, o vento caiu, nosso navio ficou parado no mar imóvel, minha bandeira pendia como uma corda. Não havia ar suficiente para levantar a fumaça do fogo da cozinha. Uma estranha e misteriosa quietude

pesava sobre o navio e o mar. Eu sabia muito bem o que isso significava. Uma daquelas calmaria temidas, mais temidas pelos marinheiros do que a tempestade violenta, nos havia alcançado.

Nosso navio parecia ancorado a um cais de mármore!

E quando me ocorreu que dias, ou mesmo semanas, poderiam se passar antes que os ventos voltassem a soprar para nos levar adiante, fui tomado por uma sensação de total apatia. Foi preciso um grande esforço para me livrar dela.

Não ousei deixar meus homens verem qualquer sinal de desânimo em meu rosto.

E, no entanto, era uma tarefa difícil. Se eu não fosse feito de material resistente, teria chorado ao ver meu progresso parado no momento em que a vitória estava quase ao meu alcance.

Mais uma vez, como aconteceu quando os terrores de Port No Man's Port surgiram, como demônios malignos, para me prender para sempre naquela baía cercada por rochas, meus pensamentos voltaram para casa — para o velho barão e sua graciosa consorte, minha querida mãe; para os servos e lacaios do salão baronial; para os aldeões e rendeiros. Como, oh, como eu poderia encarar todos eles, se fosse forçado a voltar para casa com a humilhante confissão de que minha viagem tinha sido um fracasso?

Bulger foi o primeiro a perceber a sombra em minha testa. Ele voltou seus olhos escuros e brilhantes para mim de forma tão suplicante, como se dissesse: “Oh, pequeno mestre, o que te aflige? Não posso fazer nada para afastar a melancolia de teu rosto? Tu sabes como eu te amo. Ensina-me a te ajudar. Minha vida é tua. Tua dor pesa como chumbo em meu coração. Fala comigo, pequeno mestre!” Com ternura e amor, acariciei sua cabeça e falei com ele em tom suave. Ele ficou feliz, mas continuou sentado, observando-me, pois era impossível enganá-lo fingindo estar alegre e despreocupado.

Na segunda semana, estávamos parados como um tronco em um lago, sem a menor brisa tocando nossas velas; o mar estava adormecido, parecendo morto. O desespero se espalhava pelos rostos dos meus homens. “Acorda, pequeno barão!”, murmurei para mim mesmo enquanto andava de um lado para o outro no chão da cabine. “Onde está a tua astúcia tão gabada? Onde está a tua sabedoria tão alardeada? Nunca mais digas que és um homem de projetos, rápido em inventar e rápido em executar! Perdeste o teu lugar na roda da fortuna!”

“Você pensa assim?”, gritei em resposta aos meus próprios pensamentos.

“Segue-me, veremos!” Com um salto, atravessei a passarela. O imediato estava adormecido no convés. Os homens, em grupos, aqui e ali, pareciam a imagem perfeita do desespero. Acordando o capitão com um puxão vigoroso no cinto, ajudado pelos latidos frenéticos de Bulger, gritei:

“Avast! Lá, capitão. Adormecido de tanto trabalho? Chame todos para o convés!” Os homens subiram animadamente, muito divertidos com minha imitação do mestre de navegação, que ficou esfregando os olhos, meio atordoado com minha explosão repentina. “Mande chamar o carpinteiro do navio!”, continuei; e, pegando um pedaço de giz, desenhei o plano de uma grande caixa ou baú, quase tão comprido quanto a largura do nosso navio, e dei instruções ao carpinteiro para construí-lo com as tábuas mais resistentes que houvesse a bordo. Ele e seus assistentes logo começaram a trabalhar.

Virando-me então para o cozinheiro, ordenei-lhe que matasse os porcos e as galinhas que tínhamos embarcado para nosso próprio abastecimento de carne fresca, pedindo-lhe que tivesse cuidado e não perdesse uma gota de sangue.

Essas ordens deixaram meus homens loucos de curiosidade.

O imediato aproximou-se e tentou obter alguma explicação de mim, mas em vão. Eu estava demasiado absorto nos meus pensamentos para falar.

A caixa comprida ficou pronta em poucas horas. Espalhou-se a notícia de que eu estava prestes a abandonar o navio e tentar chegar à terra remando, e que essa caixa comprida serviria para guardar os mantimentos.

O imediato voltou a fixar o olhar interrogativo em mim. Fingi não notar seus olhares suplicantes. A essa altura, o cozinheiro já tinha a carne fresca pronta. Sob minhas instruções, tudo foi transferido para o baú comprido, o sangue foi derramado sobre a carne e a caixa foi fechada com segurança com uma tampa de vidro pesada, feita de várias peças trazidas para restaurar luzes quebradas. A essa altura, os homens estavam tão excitados com essa caixa misteriosa e seu conteúdo ainda mais misterioso, que fui obrigado a ordenar que recuassem para que o carpinteiro e seus assistentes pudessem continuar seu trabalho sem interrupção.

O próximo passo foi colocar pesos de chumbo no baú comprido e prender um guincho em cada extremidade com argolas de ferro resistentes. Quando tudo estava pronto, chamei meus homens para ficarem em posição e baixá-lo pela popa. Posicionado de forma a poder observar a descida da caixa comprida, tomei o cuidado de afundá-la cerca de um metro e, em seguida, amarrá-la firmemente à popa do navio. Mal dei a ordem para baixar todas as velas, o navio começou a se mover!

a se mover! O efeito sobre meus homens foi indescritível. Alguns empalideceram e ficaram paralisados de medo. Outros riram de forma descontrolada, como loucos. Outros, que mantiveram a cabeça fria, correram para a popa para tentar desvendar o mistério.

Um olhar foi suficiente!

Afinal, era uma coisa simples.

Aos poucos, os outros recuperaram a razão e correram para se juntar aos companheiros e olhar para as águas onde eu havia amarrado a longa caixa, com sua tampa de vidro e seu estranho conteúdo. Enquanto isso, nosso bom navio avançava cada vez mais rápido pelas águas lentas e apáticas. Um grito de alegria, repetido três vezes, ecoou quando o mistério foi totalmente resolvido.

Mistério?

Ouçam então em que consistia esse mistério!

Nos primeiros dias dessa calmaria mortal, que se instalou como um manto terrível lançado sobre nós pelas mãos de algum monstro invisível para impedir nosso avanço, eu havia notado que as águas estavam repletas de tubarões de comprimento extraordinário; que esses demônios ferozes das profundezas pairavam em torno do nosso navio em cardumes incontáveis, atraídos pelo lixo jogado ao mar e, sem dúvida, também pelo odor dos muitos seres vivos a bordo.

Quando, às vezes, uma quantidade particularmente grande de lixo caía na água, o ataque desses monstros vorazes era tão feroz que eles realmente sacudiam o navio ao bater contra seus costados ou popa, unidos como coortes de soldados treinados em avanço.

Seguindo essa sugestão, agi. Se, como eu raciocinei, eu só posso controlar essa força agora selvagem, por que não posso usá-la para resgatar meu navio de um perigo pior do que uma tempestade violenta? Pois seria muito melhor enfrentar o vento uivante e as ondas com cristas de espuma do que perecer de sede, acorrentado ao mar aberto por essa calmaria sufocante.

Agora, porém, tudo havia mudado.

Nosso bom navio seguia em frente, com velocidade cada vez maior, deslizando silenciosa e rapidamente pelas águas espelhadas. Meu plano funcionou muito melhor do que eu ousava sonhar, pois, quando o sangue fresco começou a escorrer pelas fendas da longa caixa, os monstros marinhos famintos ficaram quase enlouquecidos com seu cheiro e sabor. Os maiores e mais ferozes avançavam em fileiras compactas, jogando seus companheiros menores no ar, enquanto tomavam

seus lugares em uma busca selvagem e ansiosa pela presa que os atraía, cada vez mais perto, mas ainda fora do seu alcance.

Assim que as fileiras da frente desse exército de guerreiros das profundezas mostraram sinais de cansaço, longas filas de recrutas frescos e ansiosos avançaram, arremessando seus companheiros exaustos para a direita e para a esquerda, como pedaços de cortiça, e assumiram a tarefa de perseguir a presa em constante recuo, que, embora estivesse derramando seu sangue vital e fosse claramente visível para eles, parecia não conhecer o cansaço e continuava avançando, sempre avançando diante do ataque selvagem e tumultuoso de seus companheiros que empurravam e mergulhavam!

A lua agora brilhava como uma placa de prata polida nas paredes azuis do céu, e o silêncio profundo das águas adormecidas era quebrado pelo barulho daqueles corpos poderosos, brilhando à sua luz, enquanto se esforçavam e lutavam para impulsionar nosso navio em seu caminho.

Eu não conseguia dormir.

Envolto em um manto de lã, para me proteger do orvalho traiçoeiro dos trópicos, joguei-me no convés, com a cabeça de Bulger apoiada no meu colo.

Algo me sussurrou que, se aqueles saqueadores famintos das profundezas continuassem sua tarefa até que o sol da manhã surgisse no leste, minha bochecha sentiria o sopro dos ventos que se aproximavam.

E assim aconteceu. Com os primeiros raios de luz do dia, avistei uma ondulação no leito do oceano, que parecia um lago. Naquele exato momento, percebi que nosso navio estava diminuindo a velocidade. Saltei para a amurada. Eis que nossos aliados nos abandonaram. Não havia nenhum seguidor daquele acampamento tumultuado à vista! Ah, eles nem imaginavam como haviam salvado o navio e a tripulação! Quão ilimitado é o egoísmo do homem! Os animais do campo, os monstros das profundezas devem servir ao seu prazer, obedecer às suas ordens. Eu havia apontado a ondulação na água e, quando a primeira rajada de vento forte nos atingiu, estávamos prontos para recebê-la. Todas as velas estavam içadas.

Meu coração saltou de alegria quando nosso navio se aproximou do vento, obedecendo ao leme como se fosse uma coisa viva!

E foi assim que salvei meu navio e minha tripulação de um perigo pior do que as ondas agitadas pela tempestade. A partir desse momento, tudo correu bem. Mal havia se passado uma semana quando fui surpreendido por um grito que soou mais doce aos meus ouvidos do que a voz de um monarca a um cortesão.

“Terra à vista! Bem à frente!”

Pegando meus binóculos, saltei para as cordas principais e voltei meu olhar na direção indicada. Sim, era verdade! Lá estava, diante de nós, erguendo-se do oceano com uma inclinação suave, suas alturas coroadas por árvores de folhagem multicolorida, suas margens terminando em longas extensões de praias brancas como a neve.

Acima da terra desconhecida pairava uma névoa roxa de um tom profundo e rico, como a bochecha de uma ameixa madura. À medida que nos aproximávamos, um porto isolado parecia nos dar as boas-vindas. No entanto, nenhum som ou sinal de vida vinha quebrar o profundo repouso que envolvia a baía e a costa.

Lentamente e com porte majestoso, nosso bom navio entrou no porto e lançou âncora. A beleza radiante da terra agora se revelava diante de mim. Dez mil conchas de tons e matizes perolados brilhavam na areia branca, enquanto nas águas límpidas, flores marinhas e folhagens de um vermelho profundo balançavam suavemente com a maré. Nas margens inclinadas, a natureza parecia estar realizando um grande carnaval. Nenhum arbusto, mato ou árvore se contentava em usar o verde simples. Cada um exibia alguma flor de um brilho intenso no ar suave e ameno. Aqui e ali, um riacho descia pela encosta, ondulando, murmurando e espirrando sobre as rochas cobertas de musgo em seu leito. O ar estava pesado com a fragrância deste vasto jardim tão bonito e, ainda assim, tão silencioso e deserto.

No dia seguinte, deixando meu capitão no comando, parti em uma viagem, acompanhado apenas pelo meu fiel Bulger. Minha ideia era ver se essa ilha, pois era o que eu pensava que fosse, continha algo pitoresco e curioso. Quanto mais avançava no interior dessa bela terra de flores brilhantes, riachos murmurantes, céu claro e ar perfumado, mais me surpreendia ao descobrir que nem videiras, arbustos, matagais ou árvores tinham bagas ou frutos para comer; e embora fosse exatamente o tipo de terra de riachos, flores e ar suave com que algum morador do longínquo Norte poderia sonhar, ela ainda não havia sido pisada pelo homem, pois é realmente raro que os povos dos trópicos estejam dispostos a preparar qualquer outro alimento para si mesmos além daquele que a natureza lhes oferece.

Comecei então a agradecer por ter me abastecido abundantemente com frutas secas antes de deixar o navio para fazer um passeio pela ilha, pois era isso que me parecia ser.

Nesse momento, Bulger parou, levantou o nariz no ar, cheirou forte e demoradamente e, em seguida, fixou seus olhos escuros em mim, como se dissesse: “Cuidado, pequeno mestre, algum tipo de criatura viva está se aproximando!” Mal tive tempo de sacar uma das minhas pistolas e dar uma olhada rápida na sua ignição quando

com gritos estranhos e movimentos ainda mais estranhos, uma dúzia ou mais de seres da espécie humana saltaram do matagal com passos silenciosos e nos cercaram. Levantei a arma de fogo, que segurava com a mão direita, pronto para impedir o avanço desse bando de criaturas curiosas, matando seu líder; pois, a julgar pela aparência ameaçadora de seus rostos e pela terrível condição de seus corpos, aparentemente reduzidos pelas dores terríveis da fome a meros sacos de pele pendurados em esqueletos, que me pareciam chocalhar a cada passo que davam, antecipei uma tentativa imediata de nos derrubar e nos devorar.

O PEQUENO BARÃO FAZ AMIZADE
COM GO-WHIZZ E SEU BANDO DE
COMEDORES DE VENTO.

Mas rapidamente me tranquilizei. Primeiro, pelo fato de não portarem armas de nenhum tipo; e, segundo, pela suavidade de suas vozes e pelos movimentos de seus corpos, que interpretei como uma espécie de boas-vindas misturada com o desejo de fazer amizade com um ser humano tão diferente deles. Embora eu lhes tenha dado a entender, ou tentado fazê-lo, imitando o movimento de abaixar a cabeça, seguido por uma tentativa de igualar seu desempenho fazendo uma série de reverências muito baixas, tão graciosas e fáceis que teriam feito jus a um mestre de dança francês, que eles não tinham nada a temer, eles continuaram a recuar de mim tão rápido quanto eu avançava. Bulger ficou um pouco surpreso com minha ânsia em fazer amizade com um grupo de criaturas tão famintas e continuou a rosnar furiosamente, olhando para eles com desconfiança enquanto eles continuavam a andar em linha reta, recuando de mim.

Agora me encontrava diante de um grupo de cabanas de bambu em forma de guarda-chuva, para onde a maioria deles havia se retirado. Não foi sem dificuldade que finalmente consegui persuadi-los a sair e convencê-los de que minhas intenções eram perfeitamente pacíficas. Por um quarto de hora ou mais, eles

circularam em torno de mim em silêncio, enquanto eu, por minha vez, olhava com espanto sem palavras para esses espécimes extraordinários da nossa raça. O que eles pensaram de mim, você saberá à medida que minha história avançar, mas como posso descrevê-los para lhe dar uma ideia, mesmo que vaga, de sua aparência maravilhosa?

Imagine esqueletos de estatura bastante pequena andando por aí, com sacos de farinha caídos pendurados neles, pele pendurada em dobras por toda parte, balançando a cada passo, e você terá uma vaga noção da aparência totalmente ridícula e grotesca desses seres.

Quase todos os ossos de seus corpos eram visíveis sob essa cobertura fina. Suas bochechas pendiam como duas bolsas vazias em cada lado do rosto, e seus narizes se projetavam como lâminas de faca. Rugas profundas e vincos cruzavam e entrecruzavam seus rostos, dando-lhes uma aparência de terrível melancolia e total miséria.

Com seus dedos esqueléticos, eles agarravam uma dobra de pele e a alisavam ou empurravam para outro lugar, como se fosse uma roupa folgada. E, no entanto, por mais miseráveis e melancólicas que essas criaturas parecessem aos olhos do observador, suas vozes eram leves e alegres, suaves como notas de flauta. Conversavam e riam entre si, cheias de travessuras e apontando seus dedos finos para diferentes partes do corpo de Bulger e do meu, com evidente prazer ao ver coisas tão novas e estranhas para elas. Várias vezes, enquanto contemplava esses rostos tristes e desolados e, ao mesmo tempo, ouvia sua conversa alegre e infantil, eu caía na gargalhada, o que não só era muito indelicado, mas invariavelmente fazia com que eles recuassem em desordem.

Gradualmente, porém, eles ficaram mais ousados e, por meio de uma espécie de linguagem gestual, me deram a entender que desejavam me tocar. Recorrendo à mesma linguagem comum da humanidade, informei-lhes que ficaria muito feliz em satisfazer seus pedidos e comecei a descobrir meu peito e arregaçar as mangas do meu casaco. Eles se arrependeram um pouco de sua imprudência e, aglomerando-se, entrelaçaram os braços e as pernas de tal maneira que, para salvar minha vida, eu não conseguia distinguir onde um começava e o outro terminava.

Mas, após alguns momentos de persuasão, consegui convencê-los a avançar e colocar as mãos sobre mim.

Gritos altos seguiram exclamações de admiração e espanto. Mais tarde, descobri que as palavras que elas pronunciavam significavam: “Pedaço!”, “Bolo!”, “Pedra!”, “Duro!”, “Sólido!”. Nesse momento, sentindo um pouco de fome, abri meu saco de frutas secas e enfiei vários pedaços na boca.

E então veio uma explosão ainda mais furiosa de admiração, misturada com gritos de horror e repulsa. Mais uma vez, eles recuaram e se amontoaram.

Será possível, perguntei a mim mesmo, que essas criaturas nunca tocam em comida sólida?

Observando agora que eles estavam consultando entre si sobre o que fazer comigo, e temendo que pudessem decidir fugir para o matagal, pois eram rápidos em seus movimentos como duendes e fantasmas, não perdi tempo em fazer-lhes entender que desejava ser levado à presença de seu rei ou governante.

Isso pareceu agradá-los. Mas, com muitas reverências, eles se afastaram um pouco e fizeram uma espécie de conselho. Depois disso, um deles, que parecia ser uma espécie de líder e cujo nome, como soube mais tarde, era Go-Whizz, avançou em minha direção com várias reverências e conseguiu me informar que seu chefe morava muito longe dali e que eu deveria permanecer ali enquanto eles voltavam para pedir permissão ao governante para me levar até ele.

Eu prontamente concordei com tal arranjo.

Go-Whizz então me levou a uma de suas moradias, apontou para uma cama de juncos secos e convidou-me a ficar confortável até que ele voltasse para me conduzir à presença de seu chefe, Ztwish-Ztwish, que era o nome que ele tinha.

Bulger e eu não esperamos por uma segunda ordem, pois estávamos exaustos após nossa longa caminhada. Com meia dúzia ou mais de reverências, tão profundas quanto as feitas por Go-Whizz e seus companheiros, comecei a me preparar para uma noite de descanso.

Por um momento, fiquei observando as figuras que se afastavam daquele povo extraordinário que, em fila indiana, rápida e silenciosamente, como tantos fantasmas, desapareceram do local. Então, jogando-me na cama de junco, chamei Bulger para se deitar ao meu lado. Mas ele não era tão confiante quanto eu e, depois de acariciar minhas mãos, assumiu sua posição na

porta da cabana, para proteger seu pequeno senhor de qualquer traição por parte do povo fantasma.

O dia terminou repentinamente, como uma lâmpada apagada pelo

vento. Bulger recusou-se a dormir.

Mas eu, protegido do orvalho da noite por este telhado de palha espessa, logo caí num sono profundo e revigorante, do qual Bulger teve dificuldade em me acordar, pois tenho uma vaga lembrança de tê-lo sentido arranhando meu braço por vários momentos, antes que eu conseguisse me livrar das correntes do sono, que me mantinham tão firmemente preso.

Sentando-me rapidamente, descobri que Bulger estava patrulhando o chão em um estado de grande excitação, parando de vez em quando para cheirar o ar da manhã, que, era evidente, lhe trazia algum tipo de aviso. Imediatamente me ocorreu que animais selvagens estavam rondando a vizinhança. Examinei o gatilho das minhas armas de fogo. Bulger parecia muito satisfeito ao ver que eu estava completamente alerta para o perigo iminente.

Ele agora ficou mais ousado e, saltando para o ar livre, deu uma volta ao redor da casa, apenas para voltar com os pelos eriçados e rosnando sua suspeita de que algo não estava certo.

Sua ansiedade cada vez maior começou a me causar um verdadeiro alarme. Eu estava prestes a recuar rapidamente para o meu barco, quando um pensamento passou pela minha mente: “O quê? Fugir desses fantasmas velozes? Seria inútil tentar!” Então, decidi arriscar, acontecesse o que acontecesse.

A cabana era bem construída e seu telhado pelo menos nos protegeria de uma chuva de flechas envenenadas.

Enquanto eu estava ocupado fazendo uma rápida inspeção do local, um grito alto de Bulger me assustou. Dei uma olhada e um arrepio de medo percorreu meu corpo.

Um bando armado estava à vista.

Com gritos ferozes, profundos e estrondosos, eles se aproximavam cada vez mais. Suas formas maciças balançavam de um lado para o outro. Seus membros enormes se moviam como carvalhos ambulantes. Seus braços pareciam galhos robustos terminando em mãos que, na luz fraca da manhã, tomavam a forma de protuberâncias nodosas e retorcidas; uma força terrível era projetada por seus ombros largos e pesados

ombros largos e pesados. Um golpe de uma mão com o peso de uma marreta deixaria uma criatura frágil como eu indefesa na poeira!

Bulger, corajoso como era, estremeceu com a visão. Em um instante, reuni meus pensamentos e dei um último adeus ao barão mais velho e à gentil baronesa, minha mãe, em seu lar distante sob os céus do norte.

Agora eles haviam chegado à porta e ficaram batendo em seus peitos enormes e emitindo sons profundos e estrondosos.

Instintivamente, desembainhei minha adaga e a brandi no ar. O efeito foi

surpreendente!

Com gritos terríveis, gemidos e berros, eles recuaram em pânico, rolando uns sobre os outros, saltando como gigantescas bolas de futebol, batendo no chão e voltando à posição ereta.

Quando finalmente esses sacos de ar humanos se acalmaram, um deles começou a falar de forma muito triste e suplicante, o que, mais tarde, descobri que tinha mais ou menos o seguinte significado: "Ó, Mestre: Ó, Mágico! Ó, pedaço misterioso! Ó, pedaço impenetrável! Guarde esse instrumento terrível! Não nos pique com sua ponta afiada, não perfure nossa pele delicada. O menor toque dessa lâmina assustadora faria nossos corpos explodirem como balões furados! Não tenha medo de nós. Somos seus amigos. Viemos para levá-lo ao nosso grande chefe, Ztwish-Ztwish. Eu sou Go-Whizz, seu escravo."

De repente, a verdade invadiu minha mente intrigada. Não havia falsidade nas palavras do orador. Era Go-Whizz! Os outros eram seus companheiros — os miseráveis sacos de ossos que se separaram de mim apenas no dia anterior.

Com um sorriso e um aceno gentil com a mão, devolvi rapidamente a adaga à bainha e dei a entender a Go-Whizz que ele não tinha nada a temer de mim. Meio enlouquecido pela curiosidade, avancei para ver mais de perto Go-Whizz e seus companheiros. É verdade que todos eles eram os mesmos seres que eu encontrei quando comecei a explorar a ilha.

Mas essa mudança maravilhosa, você pergunta? Como eles, em uma única noite, cresceram e ficaram com um físico tão hercúleo — braços e membros tão enormes quanto os de lutadores japoneses?

Eu respondo que era tudo ar! Quando conheci esses senhores, eles ainda não tinham jantado. Agora, tinham acabado de chegar de uma refeição farta. Pois você deve saber que eu estava na terra dos maravilhosos Comedores de Vento! Quando o ar está calmo e os ventos adormecidos, essas pessoas curiosas são obrigadas a jejuar, e sua pele fica enrugada como sacos, como eu descrevi; mas quando o vento começa a soprar forte ou mesmo com uma leve brisa, essas criaturas estranhas imediatamente começam a aumentar de tamanho, e não demora muito para que todas as rugas e dobras desapareçam como mágica.

Enquanto Go-Whizz e seu companheiro estavam diante de mim, fiquei impressionado com o contraste ridículo entre suas vozes e a expressão de seus rostos. Ontem, com seus rostos ferozes e intimidadores, suas vozes eram suaves e semelhantes a flautas; hoje, suas vozes eram terríveis, profundas e estrondosas, enquanto seus rostos agora inchados, lisos e redondos pareciam envoltos em sorrisos e bom humor.

Enquanto eu ficava perdido, maravilhado com a visão desses seres estranhamente transformados, Go-Whizz murmurou algo que eu entendi facilmente como um pedido para que eu permitisse que ele me conduzisse à residência de seu grande chefe, Ztwish-Ztwish.

Sorri em sinal de consentimento e comecei a recolher minhas coisas.

Bulger ficou completamente perplexo e fixou seus olhos brilhantes em mim, como se dissesse:

“Querido pequeno mestre, como você pode confiar em essas enormes montanhas de carne, cada uma das quais poderia esmagar seu corpo frágil com a mesma facilidade com que eu esmagaria um rato?”

Eu lhe dei algumas carícias e acariciei seu pelo sedoso, para que ele soubesse que eu tinha certeza de que estava certo. Go-Whizz e seu bando, por mais desajeitados que parecessem, não eram de forma alguma lentos. Eles avançavam em ritmo acelerado, pois o ar estava calmo e eles tinham pouco para carregar. De vez em quando, ao esbarrarem uns nos outros, saltavam para longe como bolas de borracha. Era difícil para mim conter o riso, especialmente quando via a expressão de total perplexidade de Bulger. Ele revirou os olhos para mim da maneira mais cômica. No entanto, finalmente entramos na aldeia dos Comedores de Vento, onde o grande chefe, Ztwish-Ztwish, mantinha sua corte.

Ele também estava bastante inchado, embora, como descobri mais tarde, as leis do país não lhe permitissem comer tão bem quanto seus súditos. Aqui e ali, algumas rugas eram visíveis. Seu rosto e braços não tinham aquela aparência

inchaço comum ao seu povo após uma refeição farta. Ele já tinha sido informado da minha chegada à sua ilha e do meu peso e dureza extraordinários para o meu tamanho.

Foram necessários cerca de quinze Comedores de Vento para me equilibrar na balança.

O chefe Ztwish-Ztwish recebeu Bulger e eu com a maior gentileza. Fui imediatamente apresentado aos seus ministros de Estado e aos membros de sua família. A rainha Phew-yoo era uma dama muito imponente, digna e reservada em seus modos; mas a pequena princesa Pouf-fâh me encantou com sua curiosidade infantil.

Suas excelências, os ministros de estado, estavam atrás do seu mestre e pareciam determinados a dar-lhe muito mais conselhos do que ele estava disposto a ouvir. Os seus nomes eram Hiss-sah, Whirr-Whirr e Sh-Boom.

Você pode imaginar a agitação causada na casa do chefe Ztwish-Ztwish com a minha chegada. Do mais alto ao mais baixo, do chefe ao servo, todos imploravam e suplicavam para poderem me tocar.

Ansioso por causar uma boa impressão ao povo estranho, para que eu pudesse ter uma boa oportunidade de estudá-los à vontade, submeti-me de boa vontade, durante uma hora ou mais, a ser acariciado, beliscado, cutucado, esfregado e acariciado.

Era inútil tentar descrever os mil e um gritos de surpresa, alegria, admiração, medo, ansiedade e pavor que se erguiam dessa multidão de seres estranhos que, embora não parecessem pensar assim, eram para mim tão curiosos quanto eu era para eles.

Meu estoque de frutas secas estava agora quase esgotado e comecei a sentir a fome apertar.

Sempre fui abençoado com um apetite esplêndido, e o ar puro e revigorante da ilha só aumentava isso. Bulger também estava lançando olhares inquisitivos em busca de algum sinal de cozinha. Expliquei ao chefe Ztwish-Ztwish, da melhor maneira que pude, a situação, e ele imediatamente chamou Hiss-sah, Whirr-Whirr e Sh-Boom para uma consulta.

Eles tiveram uma discussão muito animada, que durou um quarto de hora, sem qualquer sinal de que iria terminar.

Durante todo esse tempo, meu pobre estômago se perguntava o que havia interrompido o abastecimento habitual.

Como os governantes de todo o mundo, o chefe Ztwish-Ztwish era impaciente e obstinado. Finalmente, ele perdeu completamente a paciência e começou a se movimentar tão vigorosamente que seus três ministros ficaram continuamente em alerta, por assim dizer.

Se você puder esperar o tempo suficiente, tudo chega ao fim. Finalmente, fui convidado a aproximar-me do chefe, que me perguntou se, desde a minha chegada à ilha, eu tinha visto alguma coisa que pudesse comer.

Fui obrigado a confessar que não. Então, houve outra consulta, que terminou com Ztwish-Ztwish pegando seu bastão de cortiça e mandando cada um de seus ministros para uma direção diferente, com três golpes rápidos e precisos. A cena era tão ridícula que eu teria ficado feliz em abrir mão do meu jantar para ter a chance de bater neles.

De repente, tive uma ideia. Percebi que o assentamento dos Comedores de Vento não ficava longe da costa. Então, da melhor maneira que pude, fiz com que o chefe Ztwish-Ztwish compreendesse que eu poderia comer as ostras e outros mariscos, dos quais eu havia notado grandes quantidades espalhados pela areia branca do oceano.

Quando ficou bem claro para eles que eu propunha satisfazer minha fome devorando criaturas horríveis e repugnantes que viviam dentro dessas conchas, fiquei realmente alarmado com a consternação que isso causou.

A rainha Phew-yoo e a princesa Pouf-fâh passaram mal e retiraram-se apressadamente para seus aposentos, enquanto todos, inclusive o feroz Go-Whizz, foram acometidos por sintomas de náusea. Porém, aos poucos, eles se recuperaram e ordens foram dadas a meia dúzia de servos que, não estando empanturrados, estavam em boas condições para partir para a costa e trazer um suprimento de mariscos para saciar minha fome, que, a essa altura, já havia realmente se instalado em minhas entranhas.

Enquanto isso, Bulger e eu fomos conduzidos a uma cabana de bambu bem arrumada, com um telhado em forma de guarda-chuva, e deixados sozinhos até que a comida chegasse.

Eu estava com tanta fome que não conseguia dormir. Bulger também estava na mesma situação. Mas ele era a paciência em pessoa, como sempre é quando sabe que seu pequeno mestre está sofrendo.

Deitei-me em um monte de juncos secos e meu companheiro amoroso veio e apoiou a cabeça no meu braço.

Após uma espera tediosa de cerca de uma hora, um grande alvoroço me indicou que algo incomum havia acontecido na aldeia dos Comedores de Vento.

Era a chegada dos servos trazendo o suprimento de ostras.

Mal consegui me conter até que o chefe Ztwish-Ztwish me chamasse para quebrar meu longo jejum.

Quando cheguei aos aposentos do chefe, encontrei uma grande multidão reunida para ver o "Homem Bulto" enfiar coisas sólidas na garganta.

O chefe Ztwish-Ztwish e sua corte ocupavam os lugares da frente.

Como você já sabe, a voz de um Comedor de Vento depende da condição em que ele se encontra. Se ele acabou de comer e seu corpo está redondo como um balão bem cheio, sua voz é grave e estrondosa; se, por outro lado, ele não come há um dia ou mais e sua pele está enrugada e flácida sobre a estrutura óssea, ele fala com um tom suave, semelhante ao de uma flauta.

Quando me adiantei, seguido por Bulger, e tomei meu lugar ao lado da pilha de ostras, um grito ensurdecedor se ergueu, no qual os rugidos profundos dos Comedores de Vento inflados se misturavam com os tons suaves de flauta dos que estavam em jejum. Não percebendo nenhum instrumento à mão com o qual pudesse abrir as conchas, sem pensar, tirei minha adaga da bainha. Em um instante, um pânico terrível tomou conta da multidão reunida. A rainha Phew-yoo e a princesa Pouf-fâh desmaiaram. O chefe Ztwish-Ztwish, que estava em jejum, fugiu para seus aposentos como um fantasma. Os ministros de Estado, Iliss-sah, Whirr-Whirr e Sh-Boom, inchados ao máximo, bateram com os pés no chão e rolaram para fora do caminho como enormes bolas de futebol.

Rápido como um raio, embainhei minha adaga, cuja ponta brilhante havia causado toda aquela consternação; e, aproveitando as lições que Go-Whizz e seus companheiros me deram em nosso primeiro encontro, comecei a abaixar a cabeça e a balançar o corpo, o que logo restaurou a confiança nas minhas intenções pacíficas e trouxe meu público disperso de volta aos seus lugares. Go-Whizz, que havia corrido mais longe, era agora o que mais se gabava de não ter ficado nem um pouco assustado. O chefe Ztwish-Ztwish retomou seu lugar com considerável coragem, mas notei que mantinha os olhos fixos no lugar onde eu havia escondido minha adaga no cinto. Embora a visão das ostras apetitosas servisse apenas para aguçar meu apetite, eu estava agora terrivelmente perplexo, sem saber como abrir as conchas, pois as leis da terra dos Comedores de Vento puniam com a morte

qualquer pessoa encontrada com um instrumento pontiagudo em sua posse.

Na primeira infância, as unhas são mantidas cortadas até a carne, até perderem a capacidade de crescer e endurecer, sendo substituídas por uma camada de pele dura.

Dentes — os comedores de vento não têm nenhum; ou, mais corretamente, seus dentes não crescem acima das gengivas. A natureza parece ter gradualmente deixado de se preocupar em fornecer a essas pessoas algo para o qual elas não tinham absolutamente nenhuma utilidade.

É preciso ter em mente que esse povo curioso nem sempre se contentou com uma dieta tão pobre. Nos tempos antigos — segundo me informou o chefe Ztwish-Ztwish —, seus ancestrais eram comedores de frutas; porém, com a escassez das frutas, foram forçados a recorrer à seiva que escorria das árvores e, à medida que esta secava gradualmente, descobriram que os vários ventos que sopravam pela ilha estavam repletos de germes ou partículas invisíveis, que tinham o poder de sustentar a vida.

Resumindo: observando um machado de pedra no chão, peguei-o e comecei a abrir uma das ostras maiores. Um silêncio profundo tomou conta da multidão. Com um movimento habilidoso, arranquei a concha superior e, levantando a inferior, sobre a qual repousava a criatura gorda e suculenta, alheia ao seu destino iminente, abri a boca e deixei o delicado pedaço escapar graciosamente! Cem gritos de horror e admiração irromperam como um grande coro da multidão de Comedores de Vento ao redor. Repetidamente, essa explosão se extinguiu, apenas para irromper mais uma vez com vigor redobrado.

Muitos dos espectadores ficaram tão doentes com esse espetáculo, para eles, tão extraordinário, que saíram apressadamente do local antes que eu pudesse dar uma segunda mordida.

Você pode imaginar como eles se sentiram. Mais ou menos como você se sentiria se eu começasse a engolir pedaços de pedra e ferro.

A rainha Phew-yoo agarrou-se timidamente ao braço do marido, mas a princesa Pouf-fâh aproximou-se corajosamente de mim, para poder ver melhor o “homenzinho todo sólido”. Mais uma vez, levantei uma das conchas maiores e deixei seu ocupante deslizar silenciosamente pela minha garganta, sem esquecer de soltar o músculo branco que mantinha as conchas unidas para que Bulger pudesse ter sua parte do banquete.

Aos poucos, o desconforto dos Comedores de Vento, ao verem um ser humano engolindo pedaços de comida, deu lugar a uma curiosidade devoradora por se aproximarem e verem melhor como eu satisfazia a minha fome.

Eu conseguia entender o suficiente para saber que muitos dos Comedores de Vento tinham sérias dúvidas de que eu realmente engolia as ostras.

Para eles, eu era pouco menos que uma espécie de mágico ou malabarista.

A pequena princesa Pouf-fâh subiu em um dos bancos e, no instante em que a ostra desapareceu na minha garganta, insistiu que eu abrisse a boca o máximo possível, para que ela pudesse dar uma olhada e ver se a ostra não estava escondida debaixo da minha língua ou em algum lugar da minha bochecha.

Um grito repentino de terror assustou tanto os espectadores quanto a mim. A pequena princesa foi carregada, desmaiada.

Foram os meus dentes! Eles assustaram a gentil Pouf-fâh quase até a morte. Por um momento, tudo ficou confuso. Encorajados por Go-Whizz, muitos dos Comedores de Vento pegaram seus bastões e avançaram com intenção assassina. O reaparecimento da princesa Pouf-fâh, radiante e sorridente, restaurou a o r d e m .

Agora, a multidão estava tomada por uma curiosidade incontrolável de se aproximar e ver por si mesma a coisa terrível que havia deixado Pouf-fâh desmaiada.

Meu maxilar logo começou a doer de tanto abrir a boca para que cada um deles pudesse dar uma olhada na minha dupla fileira de dentes de marfim, e, modéstia à parte, eu tinha naquela época um dos melhores dentes que já cortaram uma fatia de biscoito Nienburg ou moeram um pedaço de ganso assado alemão.

A partir de então, essas pessoas infantis e ingênuas ficaram completamente convencidas de que o “Homenzinho Gordinho” era uma criatura gentil e pacífica, totalmente inofensiva.

As crianças se aglomeravam ao meu redor e, encorajadas pelos meus sorrisos e acenos com a cabeça, logo se tornaram minhas amigas.

Fiquei feliz com isso, pois estava ansioso para estudar de perto os comedores de vento, jovens e velhos.

Você pode imaginar minha surpresa quando vi um bando dessas crianças — bolas de ar animadas — envolvidas no que para elas era um esporte novo: correr a toda velocidade em minha direção e quicar como bolas de borracha em uma cerca de madeira.

Bem, suponho que você esteja morrendo de curiosidade para saber algo mais concreto sobre esse povo estranho.

Para mim, eles não eram totalmente desconhecidos. Eu havia lido aqui e ali livros antigos de viagens escritos por autores árabes, sobre uma raça semelhante, cujos corpos eram tão frágeis que não podiam se alimentar de nada mais forte e pesado do que a seiva doce que escorria das árvores, e cuja pele era tão transparente que eram chamados de "corpos de vidro", sendo possível ver claramente os batimentos de seus pequenos corações aos olhos de quem os observava. Não tenho dúvidas de que esses autores se referiam aos habitantes dessa ilha maravilhosa, na qual não se encontravam frutas, bagas ou raízes comestíveis e cujos ancestrais, segundo me informou o chefe Ztwish-Ztwish, assim sustentavam suas vidas em épocas antigas. Mas devo confessar que o fato de existirem seres humanos que literalmente viviam do ar; ou, mais corretamente, dos ventos carregados de partículas invisíveis de matéria sustentadora da vida, era um pouco mais do que eu jamais ousara sonhar, mesmo nas mais ativas elaborações da minha imaginação. Você pode imaginar então minha alegria ao me encontrar entre essas pessoas extraordinárias e ao descobrir que eram verdadeiros filhos da natureza, de maneiras suaves e inclinados à paz.

No entanto, não demorei muito para fazer uma descoberta que se revelou bastante importante para mim.

Era o seguinte: descobri que, embora a verdade fosse como eu havia afirmado, que os Comedores de Vento eram, em geral, uma raça de criaturas pacíficas, de temperamento gentil e avessas ao mal, havia exceções a essa regra geral. Estranho dizer, isso dependia do vento do qual se alimentavam.

Todas as mulheres, por exemplo, eram a gentileza em pessoa. Alimentavam-se dos suaves zéfiros do sul. Mas a grande maioria dessas pessoas contentava-se em satisfazer sua fome recorrendo ao forte e saudável vento oeste; enquanto um bom número, por achar que tinha um sabor mais doce e delicado, uma espécie de gosto forte de nozes, preferia o vento leste, irregular e instável. No entanto, isso não era considerado uma dieta saudável pelos melhores médicos da nação, que afirmavam que aqueles que tinham o hábito de se alimentar desse vento nunca eram tão saudáveis e vigorosos quanto

aqueles que se limitavam inteiramente ao vento oeste, nutritivo e revigorante.

Havia alguns — como em todas as terras há aqueles que se deleitam com alimentos fortes e ricos — que insistiam em se alimentar do vento noroeste, forte e tempestuoso, alegando que era o mais adequado às suas necessidades e que a natureza pretendia que o homem se alimentasse de um vento poderoso e forte, a fim de prepará-lo para a batalha da vida. Havia até alguns — muito poucos, para honra desse povo manso e pacífico — que, contrariando as leis da terra e as ordens expressas do chefe Ztwish-Ztwish, acolhiam o sopro do vento norte, furioso e barulhento, e bebiam o líquido perigoso até que sua natureza melhor fosse completamente transformada; e de gentis, tímidos e pacíficos, tornaram-se rudes e briguentos.

A esse grupo pertencia o capitão Go-Whizz. Na verdade, como me contou Whirr-Whirr, o próprio chefe Ztwish-Ztwish mostrou sinais de medo quando viu Go-Whizz entrar na aldeia com ar arrogante, os olhos inflamados, os passos vacilantes e a fala indistinta após uma refeição pesada sob o vento rude e violento do norte. Nessa condição, Go-Whizz perdeu o pouco controle que tinha sobre si mesmo e, em uma ocasião, esqueceu-se tanto de si mesmo que proferiu ameaças e desafios contra o chefe Ztwish-Ztwish, expulsando o governante de seus próprios aposentos, avançando sobre ele com um pedaço de sílex que havia afiado até ficar perigosamente pontiagudo.

Tal era o povo curioso entre o qual eu agora me encontrava hospedado e em termos de agradável intimidade com seu governante.

Alguns dias após minha chegada à aldeia dos Comedores de Vento, infelizmente fui a causa inocente de um acidente bastante grave, que, por um tempo, me tornou um pouco impopular na corte do chefe Ztwish-Ztwish.

Tudo aconteceu da seguinte maneira:

Já contei como as crianças descobriram rapidamente a solidez do meu corpo e como se divertiam a atirar-se contra mim com toda a força, para se divertirem a saltar como bolas de borracha.

Agora, vocês devem ter em mente que, mesmo depois de uma refeição farta, uma dúzia dessas crianças pesava cerca de meio quilo.

Eu costumava incentivá-los a brincar comigo, para melhor observar seus truques e maneiras curiosas, uma das quais era entrelaçar os braços e as pernas e formar assim uma corrente humana, com um deles preso a um ponto do telhado e o outro a algum poste ou vara alta, às vezes se estendendo pela rua e terminando no telhado da casa em frente. Assim enfeitados, passavam horas balançando para frente e para trás no frescor do dia, muitas vezes balançando-se até dormir. E não era nada incomum ver uma das mães em busca de seu filho chegar correndo, parar, desmontar a linha de elos vivos, desenganchar seu bebê, recolocar a linha e correr para casa.

Enquanto estava sentado, um dia, na varanda de uma das cabanas do chefe Ztwish-Ztwish, uma dúzia ou mais de crianças começaram a formar uma corrente, com uma das extremidades presa a um dos meus brincos, que, como um bom marinheiro, eu gostava de usar às vezes, e a outra chegando quase ao chão, passando por cima da grade alta da varanda.

Empurrando-se, contorcendo-se e emitindo gritos, berros e guinchos estranhos, esses minúsculos Comedores de Vento estavam quase enlouquecidos de alegria, quando de repente um dos que estavam mais perto de mim balançou contra a ponta de uma agulha que eu, sem dúvida, havia enfiado na lapela do meu casaco da última vez que fizera algum conserto, pois, como um verdadeiro marinheiro, eu era habilidoso no uso da agulha e da linha.

Fui despertado da minha contemplação sonhadora desses seres fantásticos por um estalo agudo, como o de um balão de brinquedo estourando.

Repetidamente, o mesmo ruído agudo ressoou em meus ouvidos.

Um olhar foi suficiente para explicar tudo. Senti meus cabelos se arrepiarem de horror ao ver os elos vivos dessa corrente se romperem, um após o outro, e desaparecerem no ar. Explodidos ao entrar em contato com a ponta da agulha, a força da explosão da primeira dessas minúsculas bolas de fogo humanas foi suficiente para estourar o bebê seguinte na fila e assim por diante até o fim da corrente!

Uma dúzia deles desapareceu em menos de alguns segundos e nem mesmo um fio de cabelo para levar para casa às mães de coração partido!

Em poucos instantes, a notícia do acidente se espalhou por todos os cantos da aldeia. As mães chorando, gritando, clamando por vingança, se reuniram rapidamente em torno da casa para onde Bulger e eu nos refugiamos.

Agora você pode acreditar em mim quando digo que não teria sentido o menor medo de um exército de Comedores de Vento, quando eles estavam totalmente inflados após uma refeição farta, mas aconteceu que o ar estava calmo há um dia ou mais, e muitos deles estavam agora encolhidos ao tamanho de esqueletos vivos, como eu os vi pela primeira vez. Nessa condição, eles eram inimigos a não serem desprezados, pois, movendo-se com rapidez quase relâmpago, seu modo de lutar era enredar o inimigo em finas redes tecidas com fibra de bambu e, em seguida, espancá-lo até a morte com seus bastões.

É verdade que esses bastões eram feitos de cortiça e uma dúzia deles pesava menos de meio quilo; no entanto, esse fato apenas tornava a morte mais lenta e dolorosa, pois, enquanto alguns golpes podiam ser suficientes para acabar com a vida de um de seus semelhantes, certamente seria necessário um dia inteiro para espancar até a morte um inimigo tão resistente como eu.

Antes que eu tivesse tempo de organizar meus pensamentos, Go-Whizz estava na porta com seu bando, com as redes enroladas para jogar sobre mim, enquanto atrás dos lançadores de redes havia uma fileira de portadores de bastões, ansiosos pela sua vez de começar a ação. Pensei comigo mesmo: “Isso é sério. Se o chefe Ztwish-Ztwish não estiver por perto, eles vão me enredar em suas redes e tentar me espancar até a morte antes que ele volte, pois sabem muito bem do carinho que ele tem por mim.” Mas pior do que tudo era o fato de que Go-Whizz acabara de voltar de uma parte distante da ilha, para onde ele e alguns de seus amigos haviam feito uma viagem secreta, a fim de se empanturrar com o vento rude e tempestuoso do noroeste. Ele estava cheio de arrogância e ira! Nunca o tinha visto tão inchado. Sua voz soava como o mugido profundo de algum animal feroz.

Ele girou sua rede no ar e gritou em tom trovejante para que seus homens o seguissem.

Senti que havia chegado o momento de fazer um esforço desesperado para salvar minha vida e a de Bulger, pois, com as quatro patas presas em uma das redes, ele seria presa fácil para Go-Whizz e seu bando. Também senti que seria inútil implorar por misericórdia a Go-Whizz, influenciado como estava pelas longas e profundas rajadas do vento feroz e furioso do noroeste.

Lá estava ele, ofegante, soprando, gritando, fanfarrão, girando em círculos a redoma fatal, que, no momento em que eu tentasse

tirar as costas da parede, ele pretendia lançar sobre mim como um caçador de pássaros para aprisionar um pássaro.

De repente, lembrei-me do pequeno instrumento que me trouxera a essa situação perigosa.

Antes de retirá-lo, porém, do seu esconderijo, decidi bancar o valentão e me gabar um pouco.

Ora, o Wind Eater mais pesado pesa cerca de seis libras; e, como você pode imaginar, meu peso, quase cem libras, era motivo de grande temor para eles. Eles ficavam com medo constante de que eu acidentalmente pisasse em um dos dedos de um Wind Eater e o explodisse.

Antes de me deixarem aventurar-me numa das varandas ou subir a um andar superior de uma das suas habitações, reforçaram-nas com as varas de bambu mais resistentes que encontraram. Então, comecei a dar ao valente Go-Whizz algumas lembranças gentis do meu peso e solidez.

Saltando alto no ar, aterrissei no piso de bambu com um baque tão forte que tudo rangeu e tremeu.

No início, houve uma debandada geral dos seguidores de Go-Whizz, e aquele líder fanfarrão foi o único que ficou para enfrentar Bulger e eu.

Ele permaneceu firme, muito corajosamente, embora eu pudesse ver que ele estava meio inclinado a atender aos gritos de seus homens e sair da habitação antes que eu conseguisse destruí-la. Mas, depois de mais alguns dos meus saltos, vendo que o piso resistia a todos os meus esforços para derrubá-lo, Go-Whizz conseguiu reunir seu bando.

Mais uma vez, e agora mais furiosos do que nunca, eles nos cercaram, gritando e uivando como loucos, com as mãos direitas levantadas empunhando as perigosas redes, com as quais esperavam enredar Bulger e eu, para então nos despachar.

Agora, era hora de recorrer às minhas reservas.

Foi o que fiz. O efeito foi simplesmente surpreendente. A agulha revelou-se do tipo usado para cerzir; muito longa e brilhante, e extremamente afiada. A ponta da minha adaga já era bastante eficaz. Tinha-os lançado num medo selvagem e pânico. Mas este pequeno instrumento, quando o brandi na frente deles, lançou-os em acessos de terror rígido.

Ficaram paralisados no chão, com os olhos esbugalhados fixos na ponta da agulha, como se todos esperassem que ela os perfurasse até a morte se

se movessem um centímetro.

Por fim, fazendo um grande esforço, Go-Whizz se soltou do lugar, soltando um grito profundo e estrondoso de horror, e seus homens rolaram atrás dele, em pânico total. Quando viram a maneira tumultuada com que o valente Go-Whizz e seus seguidores recuaram da minha presença, os homens e mulheres reunidos, com gritos assustadores, saíram correndo como se uma legião de demônios os estivesse perseguindo.

Em poucos instantes, Bulger e eu ficamos sozinhos no campo de batalha. Ele não se afastou do meu lado durante o tempo em que a morte me ameaçou.

"Venha!", disse eu, enquanto me abaixava e acariciava sua cabeça. "Venha, meu fiel amigo e companheiro, vamos até o chefe Ztwish-Ztwish e apresentemos o assunto a ele!"

O chefe acabara de acordar de uma soneca ao meio-dia. Ele dormiu tranquilamente durante todo o conflito, e por isso foi necessário que eu lhe contasse tudo sobre o infeliz acidente que resultou na explosão de uma série de bebês e sobre a tentativa de Go-Whizz de me matar. Ele ouviu com muita calma e paciência. Em seguida, pediu licença por alguns instantes, pois um assistente acabara de informá-lo que um vento sul muito suave e agradável começara a soprar.

Ele saiu para a varanda e, depois de respirar cerca de uma dúzia de vezes a brisa pura e refrescante, voltou parecendo um pouco mais rechonchudo e, como todos os homens depois de saborear uma refeição de sua comida favorita, ainda mais amável e gentil do que antes.

A notícia de que uma dúzia dos menores súbditos havia sido tão abruptamente eliminada da existência não parecia preocupá-lo muito. O que mais o comoveu foi o fato de que, aparentemente, até aquele momento, nunca havia passado pela sua cabeça que algo tão fino, tão delicado, tão mortal, tão quase invisível, pudesse ser criado pela mão do homem!

Assegurei-lhe que era exatamente isso que estava escondido em minha roupa, bem diante de seus olhos.

Ele tremeu.

Esforcei-me para tranquilizá-lo, explicando-lhe que jamais pensaria em cravar minha adaga em meu próprio coração, nem em apontar essa ponta quase invisível, mas mortal, contra sua vida.

Ele tentou sorrir, mas acabou por estremecer.

“Você acha, homenzinho teimoso”, perguntou o chefe Ztwish-Ztwish com a língua trêmula, “que eu posso olhar para isso e não desmaiar?”

“Oh, com toda a certeza, grande chefe”, foi minha resposta. “Na verdade, Ztwish-Ztwish, leve e alegre”, continuei, “posso roubar a este temível instrumento todo o seu poder de ferir-te e colocá-lo em tua mão como um pedaço de madeira inofensivo. É tua vontade que eu te entregue assim esta ponta temível?”

Com um leve arrepio, o chefe Ztwish-Ztwish respondeu:

“Sim, grande e erudito pequeno mestre, acho que agora posso suportar vê-la. Sou, de fato, muito corajoso, mas tu sabes que uma única picada dessa ponta mortal acabaria instantaneamente com a vida do mais robusto Comedor de Vento.”

Eu novamente assegurei-lhe que não havia realmente nada a temer, desde que ele seguisse minhas instruções. Dizendo isso, tirei a agulha de cerzir do seu esconderijo.

O chefe Ztwish-Ztwish fechou os olhos a princípio, mas aos poucos ganhou coragem para olhar para a ponta brilhante.

Abaixando-me, peguei um dos bastões de cortiça, quebrei um pedaço da ponta menor e enfiei a ponta da agulha nele.

O chefe Ztwish-Ztwish observava meus movimentos com uma espécie de curiosidade dolorosa.

“Pronto, grande chefe dos Comedores de Vento”, exclamei, “agora você pode brincar com ela, escondê-la nos juncos da sua cama, ela não pode ferir você! É tão inofensiva quanto uma pedrinha arredondada pelas águas brilhantes e divertidas de um dos riachos da sua montanha. Pegue-a! Ela pode ser útil algum dia, no caso de um ataque repentino à sua ilustre pessoa.”

“Nesse momento, não tema nada! Segure-a com firmeza, retire sua ponta temível de seu esconderijo neste pedaço de cortiça. É tão pequena que ficará invisível em sua mão e, enquanto seu inimigo estiver diante de você em falsa segurança, perfure-o até a morte; pois você é o governante e é justo que a morte atinja aquele que tenta roubar seu povo de seu chefe!”

O chefe Ztwish-Ztwish pegou a agulha com a mão trêmula e escondeu o pedaço de cortiça que a segurava sob o telhado de palha. Então, chamando em voz alta, convocou um de seus servos e ordenou que trouxesse de um quarto vizinho um pequeno baú de bambu, do qual tirou um colar de

joias raras semelhntes ao âmbar, só que mil vezes mais brilhantes. Com este belo presente, dispensou-me, dando ordens aos seus ministros para que não me fizessem mal algum pelo acidente que fez explodir o colar de pequenos Comedores de Vento.

Go-Whizz mal conseguiu esconder sua raiva ao me ver mais uma vez como convidado de honra na corte do chefe Ztwish-Ztwish.

No entanto, não relaxei nem um pouco a minha vigilância. Todas as noites, barricava as janelas com as minhas próprias mãos e colocava o tapete de junco de Bulger na frente da porta, para que fosse impossível ao líder irado me surpreender.

Agora que a explosão dos bebês estava completamente esquecida, minha estadia entre os Comedores de Vento teria continuado extremamente agradável, se não fosse por uma nova dificuldade que surgiu para me causar ansiedade.

A dieta bastante pobre com que eu me alimentava desde a minha chegada entre esse povo curioso, embora saciasse a minha fome, roubou-me a aparência robusta e bem alimentada que eu sempre tive, e eu comecei a perder peso a um ritmo alarmante. O chefe Ztwish-Ztwish e a rainha Phew-yoo estavam encantados, pois, como eles mesmos expressaram, "o homenzinho gordinho estava rapidamente se tornando, pelo menos na aparência, um verdadeiro Comedor de Vento".

Bulger também emagreceu terrivelmente.

De vez em quando, eu o surpreendia com seus olhos escuros e brilhantes fixos em mim, como se dissessem: "Ó, pequeno mestre, o que está acontecendo conosco? Nós comemos e, mesmo assim, estamos emagrecendo. Estamos realmente nos transformando em Comedores de Vento?"

E outra fase ruim da questão era que, enquanto minha magreza cada vez maior me causava tanta ansiedade, ela trazia alegria ao coração da rainha Phew-yoo, que, ao que parece, havia formado o plano de me manter pelo resto da minha vida a serviço de seu senhor e mestre, concedendo-me a mão da bela princesa Pouf-fâh.

A explicação da rainha Phew-yoo para minha magreza cada vez maior era que se tratava do efeito da atmosfera maravilhosa da ilha; que pouco importava o quanto um homem fosse gordo e forte, se vivesse tempo suficiente entre eles, ele gradualmente perderia peso e se tornaria, se não um verdadeiro Comedor de Vento, pelo menos um ser quase tão leve e etéreo quanto eles.

Como eu já tinha ouvido essas opiniões de outras pessoas antes de ouvi-las da própria rainha, não foi nenhuma surpresa para mim receber um dia uma

mensagem da imponente Phew-yoo convocando-me para me apresentar diante dela.

Ela me recebeu com muita gentileza, e a princesa Pouf-fâh também demonstrou grande alegria ao me ver sob o teto de sua mãe. Ela pulava de um lado para outro como um balão de brinquedo, ora sacudindo perfume de flores secas, ora segurando cordões das curiosas joias que já mencionei e fazendo-as brilhar na minha frente.

Eu a divertia segurando-a na palma da mão, jogando-a para cima e pegando-a, como se fosse uma bola de borracha.

A rainha Phew-yoo observava em silêncio, satisfeita.

Quando a princesa Pouf-fâh se cansou de brincar, a rainha falou o seguinte:

"Ó, homenzinho gordinho, tenho que lhe dizer algo que alegrará seu coração. O grande chefe, meu marido, e eu notamos com alegria que, a cada dia que passa, você está ficando mais magro. Saiba, então, que isso é efeito mágico do ar que você respira. Quando nossos antepassados chegaram a esta ilha, eles, assim como você, eram gordinhos. Portanto, não te assustes quando, daqui a alguns meses, te encontrares completamente transformado. Em pouco tempo, perderás esse peso inútil de carne, que por tanto tempo foste condenado a carregar contigo, e te tornarás leve e alegre, como nós. E, ó querido Lump, para que possas acelerar a mudança da tua forma sólida atual e te tornares um ser gracioso e oco como um de nós, eu, com o conselho e consentimento do chefe Ztwish-Ztwish, concedo-te permissão para comer conosco todos os dias. Nesta mesma hora, farás a tua primeira refeição ao sabor do vento doce e saudável do sul. No momento em que ficares magro o suficiente para agradar ao grande chefe, ele te dará a bela princesa Pouf-fâh como esposa."

Ao ouvir essas palavras, a princesa, que realmente parecia gostar muito de mim, bateu palmas alegremente e pulou entre sua mãe e eu como uma bola de futebol de brinquedo.

"Mas, pequeno Man-Lump", continuou a rainha Phew-yoo, "antes de partirmos para jantar com o vento doce que sopra sobre a Colina do Banquete, há duas coisas que o grande chefe Ztwish-Ztwish disse que eu devo mencionar a ti com muita atenção, as duas condições sob as quais ele está disposto a honrar-te acima de todos os homens, concedendo-te a mão da bela princesa Pouf-fâh."

“Diga quais são, graciosa rainha!”, gritei, pois era sábio demais para levantar qualquer objeção nesse momento. Eu sabia muito bem que uma única palavra do chefe Ztwish-Ztwish me entregaria à mercê do feroz Go-Whizz.

“São elas”, retomou a rainha Phew-yoo, inflando as bochechas e batendo nelas de brincadeira com as costas dos polegares, “são elas, homenzinho gordinho, que tu lixarás os dentes até ficarem nivelados com as gengivas e manterás as unhas sempre cortadas até a carne.”

“Será feito, graciosa rainha, como desejas”, respondi, curvando-me várias vezes.

“Então”, respondeu a rainha Phew-yoo alegremente, “não resta nada para você fazer a não ser começar imediatamente a se acostumar com nossa comida; então, vamos partir para a Colina do Banquete sem demora, pois o doce vento sul está soprando fresco e forte!”

Acompanhei a rainha Phew-yoo e a princesa Pouf-fâh até o lugar indicado. Era uma bela colina, de onde eu podia ver ao longe, em direção ao sul, um vale encantadoramente belo.

Ela e a princesa começaram imediatamente a inalar o ar suave e doce e me incentivaram a fazer o mesmo.

Elas ficaram encantadas com meus esforços. Na verdade, a maternal Phew-yoo parecia um pouco ansiosa, com medo de que eu comesse demais.

Depois que a princesa deu algumas baforadas profundas, fiquei surpreso ao ver uma criada se aproximar dela e colocar em sua garganta um colar de contas, enfiadas em um cordão elástico. Era uma precaução para impedir que a princesa comesse demais, caso ela tivesse essa inclinação. Bem, como você pode imaginar, voltei para meus aposentos depois de jantar com a rainha Phew-yoo e a princesa Pouf-fâh na Colina do Banquete com muita fome; se isso fosse possível, com mais fome do que antes, pois o ar puro e fresco e as muitas respirações profundas me deixaram faminto.

Mais uma vez sozinho com Bulger, comecei a pensar em algum esquema para conseguir mais comida e, ao controlar minha alarmante perda de peso, pôr fim ao plano da rainha Phew-yoo de me transformar em um verdadeiro Comedor de Vento e me dar a princesa Pouf-fâh em casamento.

Ocorreu-me que talvez pudesse pescar algum peixe num dos braços do mar mais próximos da aldeia e assá-lo em brasas, pois tinha o meu

caixa de isca no bolso.

Esse plano funcionou muito bem. Logo consegui ensinar vários dos criados a montar várias de suas redes de guerra como uma espécie de rede de cerco e fiquei muito feliz quando, pela primeira vez, lancei a rede e pesquei uma dúzia ou mais de belos robalos.

Bulger entrou na brincadeira com grande entusiasmo, agarrando uma corda com a boca e puxando com toda a força, enquanto começávamos a puxar a rede.

A próxima coisa era juntar algumas folhas secas e lenha e acender uma fogueira adequada para fazer uma cama de brasas. Uma multidão de Comedores do Vento se reuniu ao meu redor e observou meus movimentos com uma mistura de admiração, medo e prazer.

Quando finalmente a fumaça começou a subir e a chama apareceu, gritos de consternação irromperam e uma corrida desenfreada se seguiu.

O chefe Ztwish-Ztwish foi chamado às pressas, mas não tive dificuldade em convencê-lo de que não pretendia ferir ninguém, que as línguas vermelhas que ele via saindo eram perfeitamente inofensivas se não entrassem em contato com a pele e que ele só precisava dar uma ordem proibindo as pessoas de se aproximarem das línguas vermelhas que saíam das nuvens de fumaça preta.

Quando as brasas vivas se formaram, eu já estava pronto com um robalo limpo de cerca de um quilo, e a cozinha começou.

Não preciso dizer que Bulger e eu nos sentamos para uma refeição deliciosa, realmente a primeira satisfatória desde minha chegada entre os Comedores de Vento.

A partir desse momento, tudo correu bem. Todos os dias, meus catadores de ostras e pescadores visitavam a costa para abastecer minha despensa. Quando voltavam, eu estava sempre pronto com uma boa cama de brasas. Assim as coisas continuaram por mais ou menos uma semana. Fiquei encantado ao ver que Bulger e eu estávamos ganhando peso de maneira esplêndida. E ainda assim, de vez em quando, eu era obrigado a aceitar o convite da rainha Phew-yoo para jantar com ela e a princesa Pouf-fâh em Banquet Hill, onde eu fingia apreciar a refeição ao vento suave e perfumado do sul tanto quanto elas. A rainha Phew-yoo insistia que minha tez estava ficando mais clara e transparente a cada dia e que, sem dúvida, em poucos meses eu seria capaz de abandonar completamente o “engolir pedras”, como ela chamava.

Enquanto eu prosseguia silenciosamente meus estudos sobre esse povo curioso, outro acontecimento infeliz ocorreu, e desta vez foi um assunto muito grave e sério.

Os Comedores de Vento não demoraram muito para se acostumar com a visão, a princípio assustadora para eles, de "línguas vermelhas saindo das bocas de nuvens negras". Na verdade, logo aprenderam a gostar do cheiro dos delicados pedaços enquanto assavam nas brasas e, quando o ar ficava frio, não hesitavam em formar um círculo ao redor de Bulger e de mim, enquanto comíamos nosso jantar, para aproveitar o calor e, ao mesmo tempo, o espetáculo curioso. Aconteceu que, certa noite, deixei uma camada de brasas mais profunda do que imaginava. As cinzas se acumularam sobre elas e continuaram a brilhar até o anoitecer. Um bando de foliões pertencentes à facção Go-Whizz, por mero acaso, voltava para casa naquela noite de uma viagem à costa norte da ilha, onde se empanturraram com o vento tempestuoso daquela região. Atraídos pelo brilho das brasas restantes, eles se apressaram em juntar muita lenha, jogaram-na sobre o fogo fumegante e, quando as chamas começaram a lançar suas línguas vermelhas aqui e ali, se dispuseram em círculo para aproveitar o calor, pois a noite estava úmida e fria.

O CAPITÃO GO-WHIZZ E SEU
TENENTE AMEAÇAM O
PEQUENO BARÃO

Tão agradáveis lhes pareceram os efeitos do calor que resolveram passar a noite ali e se deitaram no chão, o mais perto do fogo que consideraram prudente.

Por volta da meia-noite, um leve arranhão no meu braço, causado pela pata de Bulger, me indicou que algo incomum havia acontecido, pois ele nunca me acordava a menos que tivesse certeza de que o assunto era sério o suficiente para justificar que ele me perturbasse.

Encontrei a aldeia em estado de pânico total. Gritos ensurdecedores das mulheres misturavam-se com os gritos profundos e estrondosos dos homens.

Você sem dúvida já adivinhou o que aconteceu. Os fatos foram simplesmente estes: durante a noite, o frio aumentou e vários dos Comedores de Vento, meio adormecidos e meio atordoados pelas fortes rajadas do vento tempestuoso do noroeste, aproximaram-se cada vez mais do fogo, quando de repente a enorme quantidade de ar frio que haviam engolido começou a se expandir e quatro deles explodiram com um barulho terrível.

Em menos tempo do que leva para contar, minha moradia foi cercada por uma multidão gritante, uivante e berrante de Comedores de Vento, exigindo minha morte imediata.

Foi necessária toda a influência do chefe Ztwish-Ztwish sobre seu povo para me salvar de ser enredado em suas redes mortais e espancado até a morte no local.

Para piorar mil vezes a situação, o valentão e fanfarrão Go-Whizz entrou na aldeia nesse exato momento, com um bando de seus seguidores briguentos em seu encalço. Ele tinha estado fora em uma viagem secreta ao ponto mais ao norte da ilha, onde o vento norte uiva e ruge com toda a sua fúria. Eu nunca o tinha visto tão inchado, prestes a explodir, com sua comida favorita.

Quando soube do destino que se abateu sobre seus quatro companheiros, sua fúria não teve limites. Ele e seus seguidores bateram no peito até que o ar tremeu com sons profundos e estrondosos, enquanto de vez em quando irrompiam em lamentações selvagens por seus companheiros mortos. Ele acusou abertamente e com ousadia o chefe Ztwish-Ztwish de ter traído seu povo e entregado sua ilha outrora feliz à ruína certa nas mãos do "pequeno monstro gordo", que, com sua magia terrível e mistérios malignos, logo levaria seu povo a se alimentar de pedras como ele.

O dia começava a raiar e, com a chegada da luz, a confusão na aldeia parecia ganhar nova força. Tão certo estava eu de que a morte estava prestes a me atingir que escrevi várias mensagens para o velho barão e para a gentil baronesa, minha mãe, nas folhas do meu caderno, e deixei instruções com um dos servos do chefe para que, no caso da minha morte, ele as enviasse ao meu povo, que ele encontraria no meu navio, na bela baía na costa distante da ilha.

Não disse nada sobre Bulger, pois sabia muito bem que ele morreria ao meu lado.

Preparei-me para o pior. Examinei os gatilhos das minhas pistolas de bolso e escondi minha adaga sob o casaco, na nuca, onde poderia alcançá-la mais facilmente, caso fosse necessário.

Feito isso, cortei as unhas o mais afiado que pude, pois estava determinado a vender minha vida o mais caro possível.

Embora estivesse confiante no carinho que o chefe Ztwish-Ztwish tinha por mim, não sabia em que momento ele poderia perder a coragem e me entregar à multidão para salvar a própria pele.

Bulger observava todos os meus preparativos com os olhos bem abertos e inteligentes, ocasionalmente emitindo um gemido baixo e nervoso, enquanto a multidão uivante,

gritos e rugidos da multidão avançavam e recuavam em frente à moradia do chefe Ztwish-Ztwish.

Pela lei do país, as pessoas comuns eram proibidas de entrar no recinto interno da residência do chefe, mas Go-Whizz, sendo um dos nobres ou chefes menores, tinha o direito de avançar até a presença do chefe e expor suas queixas ou fazer seus pedidos.

Então, Go-Whizz, furioso, separou-se de seus seguidores, que não paravam de clamar por vingança contra o "pequeno demônio Lump", que, em duas ocasiões diferentes, espalhara morte e destruição entre seu povo, e entrou na presença do chefe Ztwish-Ztwish.

O chefe estava calmo. Não comia há vinte e quatro horas e estava de pé, enrugado, amarrotado e enrugado, como os Comedores de Vento sempre parecem quando estão em jejum. Perto dele estavam sentadas a rainha Phew-yoo e a princesa Pouf-fâh, enquanto diretamente atrás dele estavam seus três conselheiros, Hiss-sah, Whirr-Whirr e Sh-Boom. Eles estavam revigorados pelas recentes rajadas do vento oeste forte e saudável e, portanto, pareciam tão contentes e sorridentes quanto Ztwish-Ztwish parecia triste e solene. Eu estava em um apartamento adjacente, escondido atrás de uma tela de bambu, com meu fiel Bulger ao meu lado. Eu estava posicionado de forma que podia ver tudo sem ser visto. O chefe Ztwish-Ztwish sabia da minha presença ali.

Quando Bulger avistou o furioso e rugindo Go-Whizz, ficou tão nervoso que fui obrigado a me abaixar e acariciar sua cabeça para que ele soubesse que eu não temia nada. Mas o fato é que grandes perigos sempre exercem uma influência subjugadora sobre mim.

Encaro-os com frieza, mas com tristeza, pois meus pensamentos, nesses momentos, voltam-se para o velho barão e para a gentil baronesa, minha mãe, na distante casa sob os céus da amada pátria.

Como uma enorme bola de futebol impulsionada pelo chute de um pé gigantesco, Go-Whizz aterrou na sala de audiências do chefe Ztwish-Ztwish. Ele agitava os braços violentamente e saltava para cima e para baixo com fúria interior, pois ainda estava demasiado fora de si com raiva para emitir qualquer outro som que não fosse um grunhido profundo ou um murmúrio.

Do meu lugar atrás da tela de bambu, acompanhei, com toda a perspicácia pela qual sou tão famoso, cada movimento do furioso Go-Whizz, bem como as ações e o comportamento do chefe Ztwish-Ztwish e de seus conselheiros, pois estava determinado a não ser pego

cochilando, caso algum sinal de traição se tornasse visível. À primeira vista, percebi que o rebelde Go-Whizz tinha algo escondido no cinto e, pela forma e comprimento, soube imediatamente que era uma faca de pedra. Rápido como um raio, acenei para um servo e enviei uma mensagem ao chefe, dizendo ao assistente para fingir que estava ocupado agitando galhos de folhas perfumadas, como era seu dever, enquanto sussurrava ao ouvido do chefe.

Era o seguinte:

"Fique atento! Ó, chefe. O briguento tem uma faca de pedra escondida no cinto. Ele tentará matá-lo. Tenha cuidado! Fique calmo!"

Go-Whizz agora havia se acalmado um pouco, mas, com uma voz trovejante, começou sua tirada. Ele descreveu os longos anos de paz e felicidade em sua ilha, as bênçãos que haviam desfrutado sob a longa e gloriosa linhagem de governantes da qual Ztwish-Ztwish era o digno descendente. Ele gritou desafiadoramente contra todos os inimigos dos Comedores do Vento e, da forma mais suave possível, rugiu seus próprios elogios, contando as muitas ações heróicas que havia realizado a serviço de Ztwish-Ztwish e terminou declarando-se pronto e disposto a morrer por seu amado chefe.

Quando Go-Whizz terminou de falar, o chefe inclinou a cabeça por alguns instantes em silêncio e depois respondeu: "Falaste com sabedoria e verdade, ó Go-Whizz! És corajoso. Tens o direito de pedir um favor às minhas mãos! Fala, Go-Whizz, o que Ztwish-Ztwish pode fazer por ti?"

Ao ouvir essas palavras de Ztwish-Ztwish, toda a fúria anterior de Go-Whizz irrompeu mais uma vez. Batendo no peito e andando de um lado para o outro na sala de audiências, ele gritou:

"Que entregues nas minhas mãos, nesta mesma hora, o 'Demônio Sólido', o temido 'Homem-Pedaço', o monstro 'Gordo-Por-Toda-Parte', que trouxe toda essa morte e ruína à nossa terra pacífica!"

O chefe Ztwish-Ztwish ficou em silêncio por alguns momentos. Preciso dizer que meu coração estava atento à resposta?

Eu não conseguia ouvir nada além do som profundo, áspero e irritante da respiração de Go-Whizz enquanto me inclinava para captar a primeira palavra que saísse dos lábios do chefe.

Pareceu uma eternidade. Por fim, Ztwish-Ztwish falou:

“Meu irmão, você está inflamado pelas rajadas profundas do vento norte feroz e furioso! Você está fora de si. Você não está enxergando claramente! Não devo julgar a morte, exceto quando o decreto se basear nas leis de nossos pais. É verdade que o ‘Homem Pequeno e Gordo’ foi a causa de grande infortúnio para nosso povo, mas foi uma causa inocente. Ele não se esforçou nem desejou nos prejudicar. Ele é um amante da paz, um amigo de sua espécie. Meus seguidores foram avisados sobre o perigo das línguas vermelhas. O “Homem Gordo” não procurou a morte deles. E tu sabes muito bem que as leis dos nossos antepassados nos ordenam que consideremos a vida dos nossos hóspedes tão sagrada quanto a textura da nossa pele. Vai, portanto, Go-Whizz, não posso condenar o “Homem Gordo” à morte.

“É esta”, rugiu o líder desapontado, “a justiça que tu dás ao meu povo?”

“Sim, é isso mesmo, seu briguento!”, respondeu o chefe Ztwish-Ztwish, agora perdendo rapidamente o controle sobre si mesmo. “Cale a boca e vá embora, antes que minha ira por suas frequentes transgressões me leve a entregar-te ao castigo que mereces!”

“Cuidado, Ztwish-Ztwish!”, rugiu Go-Whizz, fervendo de raiva, “cuidado para que o teu povo não se levante com toda a sua força e te expulse, governante injusto!”

“Vá embora, eu disse!” foi a resposta calma, mas severa, de Ztwish-Ztwish.

“Vá você primeiro, então, traidor do seu povo!”, trovejou Go-Whizz, avançando com a faca de pedra erguida no ar.

Gritos de terror irromperam da multidão reunida na sala de audiências. Mas o chefe Ztwish-Ztwish calmamente estendeu a mão e tocou o assassino.

Com um estrondo ensurdecedor, o corpo do furioso Go-Whizz voou em mil pedaços, como um enorme balão agarrado pelas mãos da tempestade e girado contra os galhos pontiagudos de algum monarca de carvalho destruído da planície.

A rainha Phew-yoo e a princesa Pouf-fâh, perplexas e aterrorizadas, se agarraram uma à outra, enquanto o medo silencioso se espalhava pelos rostos daqueles que cercavam o chefe. Mas ele estava calmo e disse algumas palavras em voz suave e firme à rainha e à princesa.

Quando o povo soube da tentativa de Go-Whizz de matar seu governante e de como o briguento, no exato momento em que levantou a faca de pedra para atacar,

misteriosamente caído morto aos pés de Ztwish-Ztwish, eles deram gritos de alegria, pois o feroz Go-Whizz era mais temido do que amado, mesmo por seus seguidores.

Foram necessários vários dias para que a aldeia dos Comedores do Vento se acalmasse e voltasse ao seu aspecto normal, após a misteriosa morte de Go-Whizz; mas, com o seu desaparecimento, desapareceu toda a oposição ao governo do chefe Ztwish-Ztwish.

O povo acreditava firmemente que foram os espíritos vingativos do ar que tocaram o brigão com as pontas de suas espadas quando ele levantou a mão contra seu governante.

Não preciso dizer que a gratidão do chefe por mim não tinha limites. Nenhum presente era bonito ou caro demais para me oferecer. E o fato de eu ter recusado todos eles só parecia fortalecer o carinho que ele sentia por mim.

Mas como eu poderia, como ousaria rejeitar o presente da mão da bela princesa Pouf-fâh?

Fazer isso seria desfazer tudo o que eu havia feito, tornar Ztwish-Ztwish meu inimigo, transformar seu amor em ódio, sua confiança em suspeita — possivelmente assinar minha própria sentença de morte.

Só me restava um caminho a seguir. E esse caminho era fugir!

E fugir, também, tinha que ser imediatamente, antes que eu perdesse a confiança do chefe. Uma das primeiras ações de Ztwish-Ztwish após seu resgate da faca de pedra do assassino Go-Whizz foi devolver-me o pequeno instrumento com a ponta invisível.

Feito isso, um fardo terrível pareceu ser tirado de sua mente. Ele voltou a ser ele mesmo. E com o retorno de sua felicidade e satisfação, veio um desejo ainda mais forte de apressar meu casamento com a princesa Pouf-fâh.

Com a maior cautela, inventei várias desculpas para ganhar tempo e organizar meus pensamentos e decidir um plano de fuga seguro, pois sabia que ser recapturado significava a morte, ou pior do que a morte: prisão até que eu consentisse em desistir de todo desejo de deixar a ilha dos Comedores de Vento e me comprometesse a me tornar, na medida do possível, um deles.

Por mais cauteloso que fosse, minhas desculpas despertaram suspeitas.

A primeira prova disso foi descobrir que ordens haviam sido dadas para cortar meu suprimento de peixe.

A rainha Phew-yoo temia que, enquanto eu tivesse permissão para comer toda a comida sólida que quisesse, não emagreceria o suficiente para me contentar com uma dieta à base de ar e, portanto, não ficaria satisfeito em viver entre eles pelo resto da vida.

A próxima coisa que me aconteceu foi descobrir que meu suprimento de ostras e mexilhões havia sido reduzido pela metade por ordem de Phew-yoo. Isso significava ceder ou morrer de fome!

Foi como um raio caindo do céu!

Mas sempre foram golpes como esse que, ao longo da minha vida, me levaram a agir com calma, rapidez e inteligência.

Não hesitei mais. Meu plano atingiu a perfeição em um único momento. Ao cair da noite, escrevi rapidamente algumas linhas dirigidas ao meu capitão, contando-lhe o destino que me ameaçava e pedindo-lhe que reunisse alguns homens de confiança e corresse em meu socorro. Amarrei a carta ao colarinho do meu querido e fiel Bulger. Ele cobriu minha mão com carícias e eu o segurei nos braços por um instante, enquanto as lágrimas caíam quentes e rápidas. Então, abri suavemente a porta da minha cabana de bambu.

A noite estava clara e gloriosa. “Vá embora, meu querido Bulger!”, sussurrei, inclinando-me e pressionando meus lábios pela última vez em suas orelhas sedosas e cabeça bem formada. “Para o navio! Vá embora!” Ele parou, olhou para o meu rosto, deu um gemido baixo, como se dissesse: “Sim, sim, pequeno mestre, eu entendo!” E saiu correndo como o vento. Por um instante, pude segui-lo enquanto ele avançava com passos longos e firmes! E então ele desapareceu!

Na manhã seguinte, para meu total espanto, fui informado de que todos os preparativos para o casamento da princesa Pouf-fâh e do “homem pequeno e gordinho” estavam concluídos e que os banquetes e as festividades começariam no dia seguinte.

Recebi essa notícia, por mais surpreendente que fosse, com perfeita calma. Desarmei completamente todas as suspeitas com minha aparente satisfação com a brilhante perspectiva de me tornar genro do grande chefe Ztwish-Ztwish. Procurei em meus bolsos por bugigangas para presentear a leve e alegre Pouf-fâh.

A rainha Phew-yoo não estava à vista. Tão grande tinha sido a alegria do coração de sua mãe que, em um momento de fraqueza, ela havia participado com avidez

do vento oriental rico, mas insalubre, e agora sofria de um terrível ataque de dispepsia.

Isso foi uma grande sorte para mim, pois tenho certeza de que a rainha Phew-yoo nunca teria consentido em me deixar voltar para meus aposentos naquela noite. Agora só me restava uma coisa a fazer: seguir para a costa distante, onde havia deixado meu navio e minha tripulação.

E partir ainda naquela noite. Para meu azar, o chefe Ztwish-Ztwish, percebendo que um vento oeste deliciosamente forte havia começado a soprar, insistiu em fazer uma espécie de banquete preliminar ao pôr do sol.

Fui convidado para participar da festa.

Não ousando recusar, parti com os foliões e não só me cansei tentando freneticamente me encher com a comida invisível deles, como também era quase meia-noite quando a aldeia ficou completamente silenciosa e todos pareciam ter fechado as portas e janelas de suas casas. Mas, afinal, a agitação dos Comedores de Vento foi uma coisa afortunada para mim. Eles foram para a cama tão empanturrados com muitos e profundos goles do vento oeste forte e satisfatório que dormiram como troncos, se me permitem comparar bolas de sopro com madeira maciça.

Esperei até que o barulho das vozes se dissipasse, quando o último grupo de foliões se dispersou e os comedores de vento solitários, espalhados pelas ruas, desapareceram um a um em suas moradias de bambu.

Deixando minha porta trancada por dentro, saltei levemente pela janela e, protegido pelas sombras profundas, dirigi-me despercebido para os arredores da cidade. Aqui, comecei a correr rapidamente, pois, no máximo, teria apenas seis horas de vantagem sobre os Comedores de Vento, e isso era muito pouco; pois, como já lhe disse, eles voam como fantasmas quando estão em jejum e, mesmo quando estão bem alimentados, são muito rápidos, especialmente se o ar estiver calmo, de modo a não impedir seu avanço.

Continuei correndo com a determinação desesperada de aproveitar minha vantagem para que eles não pudessem me alcançar.

Para meu horror, após cerca de uma hora de corrida, percebi que minhas pernas estavam começando a se cansar.

Isso foi um golpe terrível para mim. Por alguns momentos, cambaleei sem saber onde estava, para onde estava correndo e do perigo terrível

perigo que me ameaçava. De repente, a verdade me atingiu.

Eu era apenas um esqueleto do que eu era antes. Os longos meses de dieta à base de peixe roubaram dos meus músculos aquela força e elasticidade maravilhosas que antes eram meu orgulho e minha principal dependência em momentos de perigo.

Frágil como eu estava, minhas pernas agora se dobravam sob meu peso.

Meu passo ficava cada vez mais lento. Meu coração parecia inchar e impedir a respiração.

Sempre em frente, eu me esforçava desesperadamente para escapar dos meus perseguidores, cujas vozes estrondosas me pareciam ecoar vagamente à distância.

Mas a natureza não permitiu mais!

Eu cambaleei, vacilei, parei e caí!

Não sei quanto tempo fiquei ali deitado. Mas quando recobrei os sentidos, pude sentir claramente aquela mudança no ar que anuncia o chegar do dia. O murmúrio de um riacho chegou aos meus ouvidos. Arrastei meu corpo dolorido na direção de onde vinha o som. Um gole profundo da água fresca e límpida do riacho me revigorou um pouco. Tentei me levantar, mas, oh, nova perda de esperança
— ao descobrir que minhas articulações haviam endurecido enquanto dormia no chão, descoberto, sim, até mesmo mal vestido, pois havia deixado uma peça de roupa pendurada no parapeito da janela da minha cabana na aldeia, para não levantar suspeitas nos criados.

Pensamentos sobre meu lar, porém, sobre o velho barão, sobre a gentil baronesa, minha mãe, sobre meu amado Bulger, passavam pela minha mente febril e me levavam a fazer mais um esforço para me levantar e escapar da morte nas mãos do chefe Ztwish-Ztwish e seu povo enfurecido, que logo estariam saltando por montes e vales, como espíritos do vento, como eram.

Um gemido escapou dos meus lábios quando me levantei, pois as dores que atravessavam o meu corpo eram como pontadas de faca nas minhas articulações.

Mas eu precisava tentar me levantar e fugir, mesmo que o esforço me custasse mil pontadas agonizantes.

Eu devia isso aos meus entes queridos em casa: seguir em frente até cair completamente exausto, até que, como um animal ferido, privado da força para ficar de pé, eu tombasse e caísse aos pés e à mercê dos meus perseguidores.

Esses eram os pensamentos que oprimiam meu pobre cérebro atordoado. Um terrível mistério, um sonho torturante me oprimia.

Eu ainda tinha minha mente. Eu podia ver. Eu podia sentir. Eu podia ouvir. E por que eu não deveria me levantar e seguir em frente, longe da morte certa que pairava sobre mim?

Enlouquecido por tais pensamentos, lutei para me levantar e cambaleei, soltando um gemido a cada passo!

Mas eu havia me preparado para a tarefa e me arrastei, ainda oprimido por algum poder estranho e misterioso, que dava a cada pedrinha o tamanho de uma rocha e alargava cada vala até se tornar um abismo, à beira do qual parei com um medo nauseante de mergulhar em algum abismo negro. E, no entanto, oh alegria! Gradualmente, as névoas desapareceram dos meus olhos, o poder misterioso tirou seu feitiço do meu cérebro. Senti-me mais eu mesmo.

Eu via mais claramente. Meus passos ficaram mais firmes. Agora, finalmente, pensei, tudo está indo bem!

Quando, de repente, um longo raio de luz azul-acinzentada brilhou sobre as colinas no céu distante a leste. Era o sinal da manhã!

Mais uma vez, com um gemido, caí de joelhos, me segurei, levantei-me meio atordoado, continuei a avançar, lentamente, lentamente, cada passo sacudindo meu cérebro aquecido como um golpe de martelo; mas ainda assim, em frente, em frente!

Um aperto terrível, como se fosse uma mão gigante — com palma de ferro e dedos de aço — se fixou em meus órgãos vitais. A ideia de que, mesmo naquele momento, meus inimigos sabiam da minha fuga, que os fantasmagóricos Comedores de Vento, armados com suas redes e porretes, estavam saindo das ruas da aldeia do chefe Ztwish-Ztwish, com a missão de me levar de volta vivo para uma morte pior do que a própria morte, ou me matar por ter quebrado a fé e colocado a honestidade à frente da minha fraude e do meu engano, parecia paralisar meus membros e roubar-me a pouca força que me restava.

Ainda assim, continuei a lutar, como alguém em um torpor causado pelo vinho. Rápido! Ah, rápido demais, aquele raio cinzento do amanhecer se alongava e se alargava, e o globo do dia surgiu através das sombras da manhã, um mensageiro de luz aqui e ali, ora fraco e intermitente, ora mais forte e mais distante.

Eu os via, sim, eu os sentia, pois, em meu medo, eles pareciam brilhar em minha direção e atingir meus olhos semicerrados, como se batessem nas janelas da

minha alma e me despertando para sair do perigo da morte.

Por um breve momento, parei como se esperasse que alguma voz carinhosa e familiar soasse em meus ouvidos.

Ela veio.

Era a gentil baronesa, minha mãe! Suave, delicada, doce, aquela voz tão conhecida flutuava no ar da manhã, pedindo-me que tivesse coragem, chamando-me pelo nome, como nos dias da infância, e dizendo: “Meu bebê! Meu menino! Meu filho! Meu querido! Acorde! Continue! Continue rápido!” E então eu tomei coragem.

A terrível pressão em meu peito relaxou.

Eu podia sentir minhas forças voltando. Mas, oh, tão lentamente, tão lentamente! Ainda assim, elas estavam finalmente voltando! Eu podia sentir meus pés ficarem mais leves. Com algum esforço, acelerei o passo, quase correndo.

Continuei correndo, agora cada instante me dando novas forças, cada movimento enviando sangue quente para as pontas dos meus dedos.

O feitiço havia sido quebrado! Eu era eu mesmo novamente!

Mais rápido e mais rápido, meu passo acelerou até que eu voava como nos velhos tempos, quando com facilidade deixava todos para trás!

Parecia-me quase ouvir o barulho das ondas nas areias brancas daquele belo porto onde estava o meu bom navio.

Sempre em frente, eu corria com uma força nova e misteriosa. Estava espantado com meus próprios feitos. Estava quase com medo, de tão rápido que corria, com medo de que algum demônio do ar tocasse meus membros e impedisse meu caminho.

Mas escute! Você não ouviu aquele estrondo profundo?

O céu está limpo. Não pode ter sido a voz do demônio da tempestade.

Ha! Novamente, mais profundo e claro do que antes, aquele ruído rouco, baixo e murmurante, meio rugido, meio grunhido, vem trazido pelas asas da brisa que acordou.

Perdido! Perdido! Perdido!

É o grito dos perseguidores, é a voz do inimigo!

Esses filhos do ar estão no meu rastro. Eles me seguem com saltos e pulos. Que loucura pensar em fugir deles. Deixe-me parar e morrer como um homem! Veja como eles saltam pela planície!

Rápidos e silenciosos são os seus passos, fantasmas que são!

Eu paro. Eu me viro. Eu agarro minha arma! Tarde demais! Uma dezena de redes emaranhadas me envolvem! Eu luto apenas para me enrolar ainda mais, braços, mãos, pernas, pés, estão torcidos em uma confusão miserável.

Eu balanço, caio, rolo, enrolado naquele emaranhado terrível! E agora, sobre meu corpo indefeso, cai uma chuva de golpes afiados e
gritos profundos e estrondosos enchem o ar e marcam o ritmo de forma selvagem com a chuva de golpes que chove sobre meu rosto, cabeça e mãos.

À medida que continuam, parecem aumentar de força. A

dor, suportável no início, agora se torna excruciante.

A luz se apaga dos meus olhos, inchados e fechados sob essa chuva cruel.

Mil sons estridentes assaltam meus ouvidos.

Meu cérebro gira — estou indo — indo — morrendo —

Quando, ouça novamente!

Você não consegue ouvir! Seus ouvidos não reconhecem! Mas os meus sim! Os

meus sim! É o latido de Bulger e eu estou salvo! Cada vez mais rápido, os

Comedores de Vento remam
suas clavas.

Não presto atenção neles. Não os sinto agora, pois cada vez mais perto vem aquela música alegre.

Está aqui!

Estou forte novamente. Levanto-me parcialmente, meus lábios se movem, eu falo, eu grito: “Rápido, bom Bulger, ou tudo estará perdido!” Um único olhar para a terrível situação de seu pequeno mestre diz tudo a ele. Com um uivo de raiva, seus olhos escuros lançando chamas, ele se lança atrás dos Comedores do Vento. Seus dentes afiados perfuram como agulhas!

Crack!

Repetidamente, ele crava suas presas na pele de um Comedor de Vento. Crack!

Crack!

Seus bastões param de balançar. Um grito de horror se eleva, quando pela quarta vez os dentes do bom Bulger perfuram o calcanhar de um Comedor de Ventos e fazem seu corpo desaparecer no ar com um estrondo.

Eles se viram; fogem em pânico; correm para salvar suas vidas, jogando fora seus bastões e abandonando sua vítima. Não consegui ver mais nada.

Tudo ficou escuro, uma vertigem tomou conta de mim. Tentei libertar as mãos para tocar meu amado Bulger, pois pensei que a morte havia chegado!

Quando a vida voltou, Bulger estava lambendo minhas mãos e meu rosto e choramingando lastimosamente. Ele havia roído a rede que prendia os membros de seu pequeno mestre.

Com um grito de alegria e um torrente de lágrimas, abracei aquela criatura fiel e amorosa contra o meu peito.

Naquele instante, gritos distantes ecoaram pelas colinas. Eram do meu capitão e do seu grupo de resgate.

Não consegui responder. Mas Bulger levantou a cabeça e deu alguns latidos agudos para lhes dizer onde estávamos.

Em menos de meia hora, eles estavam ao meu lado.

COMO EU ESTAVA NO DIA
SEGUINTE AO MEU RESGATE
POR BULGER.

Depois que meu rosto e minhas mãos machucados foram lavados com água fria e eu engoli alguns goles de vinho, senti-me forte o suficiente para me levantar e andar lentamente.

Bulger caminhava orgulhosamente ao meu lado, parando de vez em quando para olhar para o meu rosto, como se quisesse perguntar:

“Como você está, pequeno mestre?” Uma vez a bordo, fortalecido pela boa comida e animado pelo conforto da minha cabine, não demorei muito para recuperar a saúde. Após uma semana de descanso, dei ordens para levantar âncora e virar nosso bom navio para o norte, pois estava ansioso, muito ansioso para ver o barão mais velho e a gentil baronesa, minha mãe, e contar-lhes tudo sobre as coisas maravilhosas que eu tinha visto.

CAPÍTULO VI.

Como o velho barão e a baronesa receberam Bulger e eu ao voltarmos da nossa primeira viagem. Sou condecorado pelo imperador com a Grã-Cruz da Ordem da Cintura Carmesim. O velho barão me presenteia com uma cópia de um antigo jornal romano. Leio sobre o assassinato da bela Paula e o banimento dos Sete Escultores por César para uma ilha distante nos mares do sul. Resolvo partir em busca da ilha. Minha partida. Problemas com a tripulação. Meu mestre de navegação perde a razão. Ouço o grito: "Terra à vista!". É a Ilha dos Escultores. Descrição da ilha. Desembarco. A estátua de Paula. Aventuras na ilha. Bulger faz u m a descoberta maravilhosa. Algo sobre o povo estranho que habita a ilha. Seus hábitos, seus prazeres, seus caracteres. Sou tomado por uma melancolia alarmante. Meu terrível medo de me tornar um dos habitantes da Ilha dos Escultores. Fico sabendo da existência de Antonius. Procuro por ele. Tentativa vã de apertar sua mão. Nossa entrevista. A estranha e comovente história dos Sete Escultores e seus descendentes. Como eles se transformaram nos Slow Movers. Bulger e eu propomos deixar a ilha. Conduta extraordinária de um busto do grande César. Nossa despedida dos Slow Movers. O adeus deles. Nosso bom navio parte.

O BELO PAUL A.

Ao retornar da minha primeira viagem a terras distantes, o velho barão e sua fiel esposa, minha amada mãe, seguidos por todos os servos da casa, encontraram Bulger e eu no portão externo e nos receberam em casa com aquela alegria selvagem e turbulenta que só os corações alemães são capazes de sentir.

O barão mais velho lançou os braços ao meu pescoço e, esquecendo-se de que eu tinha apenas metade do seu tamanho, levantou-me completamente do chão, na alegria irracional do coração de um pai, quase sufocando-me.

Eu chutava vigorosamente, mas as solas macias de feltro dos meus sapatos orientais me impediam de fazer com que ele percebesse que estava me sufocando até a morte.

Por fim, minha atenciosa mãe percebeu que meu rosto estava ficando negro e, segurando minhas pernas, puxou-me para baixo, tirando-me do abraço perigoso em que o velho barão me envolvia

. No entanto, isso só aconteceu depois que o ovo de Nuremberg do meu pai perfurou dolorosamente minha testa protuberante, acrescentando mais uma protuberância àquela região já irregular. Ao perceber isso, o barão mais velho enviou um criado ao seu apartamento com ordens para procurar em seu armário de remédios um frasco de linimento volátil. Em sua ânsia de desfazer o mal que havia causado, ele derramou um jato de líquido acre em meus olhos, causando-me intenso sofrimento. No entanto, os inquilinos e servos atribuíram o estado vermelho e inflamado dos meus olhos à minha emoção ao entrar novamente no salão do barão, após uma ausência tão longa.

Não me arrependi nem um pouco desse pequeno acidente, pois, embora seja contra esse estilo de emoção pronta que algumas pessoas sempre têm à mão, não tenho objeções ao uso nobre e digno das lágrimas.

Não é preciso dizer que todos ficaram encantados ao ver Bulger. Todos perceberam que ele havia crescido, ficado mais bonito e mais inteligente.

Ele recebeu toda essa homenagem com uma dignidade encantadora de se ver.

Para impressionar a multidão com o devido senso de disciplina e autocontrole que adquiriu como companheiro constante e confidente de seu mestre, ele recusou-se terminantemente a tocar nos muitos petiscos e pedaços de comida que os servos lhe ofereciam e olhou com a maior indiferença para os outros cães que se debatiam loucamente pela comida que ele havia recusado.

Eu estava muito orgulhoso dele.

Em poucos dias, tudo voltou à sua tranquilidade habitual sob o teto baronial. Passava as noites contando as muitas coisas maravilhosas que tinha visto durante a viagem.

A essas reuniões, alguns dos criados mais velhos e de confiança eram admitidos.

Minha boa mãe os dispunha em semicírculo atrás das cadeiras do barão mais velho e de seus convidados. Eu, com Bulger ao meu lado, ocupava um estrado, sentado ao lado de uma mesa com minhas curiosidades ou em pé diante dos meus ouvintes, numa posição confortável, enquanto os mantinha fascinados com a minha narração.

Havia uma coisa que me preocupava, e era esta: como o barão mais velho receberia o anúncio da minha intenção de deixar a casa novamente, antes que muitas luas se passassem?

Para minha grande surpresa e alegria, ele nem esperou que eu revelasse minhas intenções.

Enquanto estava sentado na minha biblioteca, um dia, debruçado sobre um livro muito raro de viagens que acabara de comprar, uma batida suave na porta fez Bulger levantar a cabeça e dar um grunhido baixo.

“Entre!”, disse eu.

Era o barão mais velho.

“Estou a incomodá-lo!”, começou ele.

“Você tem esse direito, barão”, respondi com um sorriso gentil; “sente-se, por favor”.

E, dizendo isso, arrumei a pele de um animal muito bonito e raro que eu havia caçado no exterior, de modo a fazer um assento confortável para o barão mais velho no dossel.

“Meu filho!”, disse o barão, “vim trazer-lhe este pequeno presente do nosso gracioso senhor, o Imperador”.

Olhei para cima.

Ele segurava na mão a insígnia da Grã-Cruz da Ordem da Cintura Carmesim.

Coloquei a bugiganga sobre a mesa.

“Pequeno barão”, continuou meu pai, “estou muito satisfeito com você”.

Fiz uma reverência profunda.

“Suas aventuras maravilhosas estão na boca de todos. Você deu um novo brilho ao nome da família, e eu vim para despertá-lo de sua aparente preguiça. Você precisa se levantar e agir. Você precisa se livrar dessa indolência que ganhará mais poder sobre você a cada hora que passa. Novos triunfos esperam por você. Vá em frente mais uma vez. Saia dos caminhos batidos. Busque o maravilhoso e o extraordinário. Mas antes de partir, reflita sobre o conteúdo deste pergaminho. Há muitos anos, quando a barba começou a brotar em meu rosto e antes que os fardos da vida se tornassem pesados em minha alma, encontrei-o nas abóbadas úmidas e fétidas de um antigo convento romano, que o ar pestilento de um pântano invasor havia esvaziado de seus habitantes. Ele pode levar seus passos a algo estranho e interessante!”

Escondendo com dificuldade a alegria causada pelas palavras de meu pai e minha ânsia por conhecer o conteúdo do pergaminho, retribuí a saudação do velho barão com respeito marcado, e ele se retirou.

Não preciso assegurar ao leitor a ansiedade quase ofegante com que desenrolei o volume.

Estava em latim e era obra de um escriba.

A tinta estava um pouco desbotada, mas, mesmo nos lugares onde havia desaparecido completamente, eu conseguia, com a ajuda de uma lente forte, traçar facilmente as palavras pelas linhas riscadas no pergaminho pela ponta da caneta de junco.

Era uma cópia de um antigo jornal romano ou Acta Diurna, e trazia uma data correspondente ao nosso quadragésimo quinto ano antes da era atual.

César estava no auge do seu poder.

A paz reinava, as artes floresciam. Roma, o centro do mundo, era o lar de uma glória e magnificência muito além de tudo o que os olhos do homem já haviam contemplado.

O conteúdo dessa cópia do Acta Diurna era em grande parte composto por relatos detalhados de um famoso julgamento que acabara de ser concluído em Roma, no qual sete escultores famosos foram considerados culpados de envenenar uma bela serva chamada Paula, depois de cada um deles ter esculpido uma estátua dela, para que nenhum outro escultor pudesse usá-la para o mesmo fim.

Os juízes haviam pronunciado a sentença de morte contra eles, mas, em consideração aos seus esplêndidos serviços em embelezar a cidade imperial, César havia mudado a punição de morte para exílio perpétuo.

Os sete escultores foram transportados em uma galera imperial para uma ilha distante nos mares do sul. Conforme declarado nesta cópia da Acta Diurna, era o pedaço de terra mais remoto pertencente ao Império Romano, situado ao sul:

“Ad insulam remotissimam imperii romani medianorum.”

Como um ato adicional de clemência imperial, as esposas e filhos dos escultores condenados receberam a graciosa permissão de seguir seus maridos e pais para o terrível exílio.

Quando terminei de ler todos os detalhes minuciosos desse crime estranho e seus resultados terríveis, percebi que meu sangue corria pelas veias com uma violência louca. Andava pelo chão com passos rápidos e nervosos

e com uma agitação tão evidente em meu olhar que fui despertado de meu devaneio pelo gemido ansioso de Bulger, que me seguia pela sala, colado aos meus calcanhares.

Por que não partir em busca dessa ilha distante para onde esses sete escultores e suas famílias foram transportados por ordem do grande César?

Talvez nessa ilha distante habite uma raça de seres que, esquecendo o mundo e esquecidos por ele, com seus hábitos estranhos e costumes peculiares, me interessem a ponto de compensar todos os perigos que posso correr ao cruzar mares desconhecidos e desviar-me das rotas oceânicas.

Talvez seus descendentes ainda estejam vivos? Essa

ideia tomou conta de todo o meu ser. Era impossível

dormir.

Até altas horas da noite, debrucei-me sobre mapas antigos.

Enquanto o silêncio mais profundo envolvia os salões baroniais, eu elaborava em minha mente, ou melhor, deixava minha mente elaborar, o curso que eu deveria seguir.

Pois sempre foi meu costume nunca tentar resolver o insolúvel. Na verdade, descobri cedo que qualquer interferência da minha parte nos misteriosos mecanismos da minha mente tendia a impedir sua ação.

Então, esperei calmamente

pela luz. Ela finalmente

chegou.

Fechando os olhos, com minha visão interior pude ver um mapa do mundo oriental traçado em linhas brilhantes e cintilantes sobre um fundo escuro.

E lá também pude ver meu caminho traçado em linhas pontilhadas de fogo.

Com um grito alto e retumbante de alegria, levantei-me de um salto e exclamei: “Vou encontrar essa ilha maravilhosa! Vou abrir as portas dos mares do sul! Vou contemplar os descendentes dos assassinos de Paula!

“Venha, Bulger! Vamos! Vamos!”

Apressadamente, despedi-me dos meus pais, montei na sela e, com Bulger bem preso na garupa, parti loucamente em direção às margens do Mediterrâneo.

“O filho louco do barão partiu de novo!”, gritavam os camponeses, enquanto eu galopava por entre suas casas.

Em três dias, eu estava no convés do meu navio.

Em obediência às minhas ordens, a mão do capitão repousava literalmente sobre o leme.

Durante todo aquele dia, ele ficou de pé com os olhos fixos na costa, pois algo lhe dizia que eu não poderia estar muito longe.

Tudo estava pronto, até o último biscoito.

Quando Bulger e eu saltamos por cima da amurada, meu bom navio virou-se para o vento e disparou como se fosse um ser vivo.

O sangue fervia nas minhas veias ao ver as ondas azuis e as velas brancas inchadas.

Bulger deu vazão à sua satisfação com cambalhotas loucas e latidos ensurdecedores.

Era certamente um começo auspicioso.

Deixando o comando do navio ao imediato, o capitão juntou-se a mim na cabine, onde lhe revelei o meu projeto de navegar pelos mares do sul em busca de uma ilha há muito esquecida.

Ele se apressou em desenrolar seu mapa e ajustar os óculos, a fim de fixar a localização da ilha quando eu lhe desse a latitude e a longitude.

Imagine sua quase consternação quando lhe disse que a única prova que eu tinha da existência dessa ilha era a breve menção no antigo jornal romano.

Eu estava louco?

Eu não dava mais valor à vida a ponto de jogá-la fora em uma empreitada tão temerária?

Eu não tinha ideia da fúria do terrível tufão, da traição dos recifes ocultos, do peso das montanhas aquáticas que se abateriam sobre o nosso convés?

Poderia esperar que marinheiros fossem a um lugar onde não havia registro de que os marinheiros mais aventureiros dos séculos passados tivessem alguma vez navegado?

Eu sorri.

“Capitão”, disse eu, após um momento de silêncio, “este navio é meu, e você jurou servir-me como um verdadeiro marinheiro, mas se sua coragem falhou, você será desembarcado no primeiro porto que chegarmos. Vá!”

“Não, pequeno barão”, gritou o capitão, “eu só estava testando sua determinação. Se você tem coragem de navegar em mares desconhecidos, eu tenho coragem de segui-lo, venham céus claros e águas calmas ou venham nuvens de tempestade e raios!”

Apertei a mão do velho e pedi que ele voltasse para o convés, pois finalmente o sono havia chegado aos meus olhos acordados — pela primeira vez em três semanas inteiras — e eu queria ficar sozinho.

Em poucos dias, passamos pelo Estreito de Gibraltar e viramos para o sul, mantendo a costa africana à vista.

Passei meu tempo aperfeiçoando meu latim e muitas vezes provoquei protestos vigorosos de Bulger ao me dirigir a ele nessa língua, usando-o como uma espécie de plateia diante da qual eu proferia meus discursos depois de refleti-los e aperfeiçoá-los.

As únicas paradas que fazíamos agora eram para abastecer água ou provisões.

À luz do dia e das estrelas, meu navio fiel seguia seu curso como se algumas nereidas amigáveis estivessem empurrando sua popa. Nas longas vigílias da noite, deitado em minha rede, imaginava aquela galera romana levando aqueles sete exilados, com seus parentes e amigos, para longe de sua terra amada para sempre.

Antes que outra lua se curvasse no céu noturno, chegamos ao Cabo e ancoramos com a intenção de revisar nosso navio minuciosamente antes de seguir mais para o sul.

Isso levou vários dias. Eu estava impaciente com a demora.

Dez vezes por dia, eu chamava o capitão do navio à minha cabine e o instava a se apressar. Ele me aturava com muita paciência. Meu coração deu um salto quando, finalmente, ouvi o capitão ordenar à tripulação que içasse as velas.

Os marinheiros cantavam e puxavam as velas enquanto eu subia ao convés.

“Para onde devo rumar, pequeno barão?”, perguntou o capitão, levantando a mão para o boné.

“Morto para o sul!”, respondi. Ele ficou paralisado.

Ele pensava que iríamos contornar o Cabo e seguir o curso habitual para as Índias.

Seus lábios se moveram como se fosse protestar.

No entanto, eu o interrompi com um gesto imperioso da mão.

Vários marinheiros, percebendo a palidez que se espalhara pelo rosto do capitão, aproximaram-se e ficaram olhando para nós, meio perplexos, meio curiosos.

"Capitão!", disse eu calmamente, mas em voz alta o suficiente para ser ouvido pelos homens que estavam em grupo perto dali, "minhas pistolas foram feitas pelo armeiro do imperador. Elas nunca falham. Se eu te encontrar mudando o rumo deste navio um único ponto para leste ou oeste do sul, eu te matarei na hora!"

Dizendo isso, afastei-me. A partir

daquele momento, tudo correu bem.

O capitão do navio viu que eu estava determinado a fazer o que queria, mesmo que perdesse a vida por isso, e cedeu.

Virando-me para o grupo de marinheiros, gritei: "Mil

ducados para o primeiro que avistar terra!"

Um grito de alegria rasgou o ar e, chamando Bulger para me seguir, desci para pensar.

Naquela noite, não só tomei a precaução de pendurar uma lanterna para poder deitar na minha rede e ver a bússola do navio a qualquer momento que acordasse, mas, temendo que alguma traição fosse tentada, ordenei ao meu fiel Bulger que dormisse de costas para a porta, para que a menor vibração o acordasse.

Noite após noite, essas precauções foram seguidas com o máximo rigor.
Durante o dia, minhas pistolas também estavam sempre no meu cinto.

Bulger sentia o perigo em que eu me encontrava e, com sua vigilância, me dava a vantagem de ter olhos na nuca.

Um grunhido baixo me avisava da aproximação do capitão ou de um dos tripulantes.

Assim protegido e vigiado, sentia que nada, a não ser um motim geral, era a temer. E eu sabia que isso era quase impossível, pois vários tripulantes eram demasiado leais a mim para dar ouvidos a qualquer proposta traidora. Teriam matado o capitão a sangue frio se ele se atrevesse a pronunciar a palavra motim!

As coisas correram muito bem durante cerca de dez dias, quando vi que uma terrível luta se travava na mente do capitão.

Comecei a temer que ele pudesse perder a razão e se jogar no mar.

Seu rosto ficou com uma tonalidade

amarelada e esverdeada. Ele estava

literalmente morrendo de medo.

Certa manhã, ele se jogou de joelhos na minha frente e, com as bochechas manchadas de lágrimas, implorou-me que voltasse para a costa africana.

Fiz tudo o que pude para acalmá-lo, mas foi em vão.

A sua razão estava lentamente, mas seguramente, a ceder.

Chamando o imediato, coloquei-o no comando do navio e ordenei-lhe que confinasse o capitão em sua cabine e colocasse um guarda para vigiá-lo.

Fiquei com o coração partido por ser obrigado a fazer isso, pois o pobre coitado implorava como um cão para que lhe deixassem o comando do navio.

Mas eu estava surdo às suas súplicas.

Senti que agora todos os problemas tinham chegado ao fim.

O vento soprava a quinze nós por hora. Todas as velas

estavam içadas.

Nós praticamente saltamos da água como um ser vivo, meio voando, meio nadando.

De vez em quando, eu olhava para a bússola.

Estávamos indo direto para o sul.

Minhas bochechas formigavam e eu podia sentir o fluxo de sangue quente por todas as veias do meu corpo.

A lua surgiu como um escudo de ouro polido. O mar brilhava como fogo líquido. De repente, uma toninha saltou no ar e provocou mil ondulações ao mergulhar novamente na água.

Nosso bom navio cortou o seio cristalino do mar como um enorme monstro negro das profundezas, deixando um rastro de fogo em seu rastro até onde a vista alcançava.

Perto da meia-noite, fui descansar.

Mas não consegui descansar nem dormir.

Meio despido, joguei-me na minha rede, e Bulger tomou seu lugar habitual na porta.

A lanterna não era forte o suficiente para superar a luz da lua cheia. Ela penetrava pelos buracos da lanterna em raios estranhos e fantásticos, enchendo minha cabine de formas estranhas e misteriosas.

Eram sete!

Seus rostos e figuras eram divinos, tão brancos e belos. Havia uma tristeza

indescritível em seus olhos escuros e profundos.

Eles não disseram uma palavra.

De repente, o painel do teto da cabana se abriu, revelando uma escada envolta em uma luz fraca e incerta.

Por esses degraus desceu um ser gracioso, tão branco, belo e encantador que fiquei olhando com a respiração suspensa.

Desceu, desceu, cada vez mais perto. Só lhe

faltavam asas para ser um anjo!

Mas, oh! Seu rosto belo estava tão cheio de tristeza!

Seus lábios estavam entreabertos, seus longos cabelos negros caíam em mechas confusas sobre os ombros.

Ela entrou na cabine. E então, com um olhar rápido e assustado, seu olhar recaiu sobre as sete figuras curvadas.

“Paula!”, gritaram eles, e puxaram suas vestes brancas sobre a cabeça.

“Terra à vista! Terra à vista!”

O quê! Eu estava ouvindo direito?

“Terra à vista! Terra à vista!”

Com um salto, pulei da minha rede e corri para o convés.

Sim, era verdade! Lá, a cerca de 800 metros à nossa frente, havia uma visão que me deixou atordoado como se tivesse levado uma pancada na cabeça.

Era terra, mas não a terra que eu esperava encontrar nos meus sonhos mais loucos.

Dez mil luzes brilhavam naquela costa misteriosa e iluminavam a frente de um templo romano mais branco que leite. Uma escadaria de mármore da

mesma cor levava até a beira da água.

Um sacrifício estava em andamento.

Do terraço mais alto, uma coluna de fumaça negra subia lentamente. Nenhum som chegava aos meus ouvidos.

Fiquei quase sem sentidos.

Por fim, recuperei a fala. Ordenei que lançassem âncora e, agarrado às cordas do meu bom navio, contemplei longa e alegremente a cena encantadora.

A terra elevava-se em terraços naturais a partir da costa e, independentemente da direção para onde se olhasse, era possível vislumbrar uma estátua graciosa ou um grupo de estátuas brilhando ao luar, entre a folhagem escura, como figuras vestidas de branco perdidas na floresta.

"Deve ser!", murmurei para mim mesmo.

"Encontrei! Este templo romano, esta escadaria de mármore, estes grupos de estátuas, tudo aponta para o glorioso sucesso da minha viagem de descoberta. Esta é a Ilha dos Escultores!"

Não sei por quanto tempo fiquei ali contemplando essa bela costa.
Alguém puxou suavemente minha manga, tirando-me do meu devaneio.

Era Bulger.

Abaixei-me e acariciei sua cabeça por alguns instantes.

De repente, acordei com uma sensação de grande cansaço e, lançando outro olhar para aquela costa misteriosa, virei-me e desci para a cabine.

Logo caí num sono profundo.

A terrível tensão nos meus nervos desde que deixei o Cabo, causada pela meia revolta da tripulação, pela insanidade do capitão do navio e pelas longas vigílias durante as quais fiquei deitado, à escuta do som da terra, finalmente se fez sentir.

O sol já estava alto quando saltei da minha rede e corri para o convés.

Teria sido tudo um sonho? Encontraria o nobre templo, a escadaria de mármore e todas as estátuas imponentes derretidas no ar?

Ah, não!

Aquela bela costa ainda estava lá, desenrolando-se diante dos meus olhos maravilhados como um quadro encantador, cheio de luz, graça e cores deliciosas.

“Preparem o barco!”, gritei e, em menos tempo do que se leva para contar, estava a caminho da costa da Ilha dos Escultores.

O fiel Bulger sentou-se ao meu lado, com os olhos brilhantes e expressivos, enquanto olhava para o meu rosto.

Ao chegar ao pé da escadaria de mármore, saltei levemente da lancha, seguido por Bulger, e subi os degraus de mármore.

Havia três patamares antes de chegar ao nível do templo, e a cada um deles a vista ficava cada vez mais encantadora. Na verdade, era uma aproximação gloriosa, que a arte e a natureza haviam superado a si mesmas. Por fim, subi o último lance de degraus e, com o coração palpitando, atravessei o pátio mosaico e parei em frente à entrada do templo.

As brasas ainda ardiam no altar, em torno do qual estavam vários sacerdotes vestidos de branco, com a cabeça baixa e o rosto desviado. Não querendo interromper sua cerimônia solene, virei-me e segui por um caminho largo, pavimentado com mármore e sombreado por árvores graciosas e trepadeiras.

A cada passo, meus olhos se deparavam com alguma estátua de beleza arrebatadora — ora ninfas, ora deusas, ora o próprio Júpiter; ora o grande César; ora as belas Graças; ora o terrível Plutão; ora a sorridente Ceres; ora Diana, coroada com uma lua crescente, equipada para a caça; ora sátiros dançantes; ora Pan, com pés de bode; ora algum herói ou estadista romano; e, de vez em quando, aparecia a figura de uma donzela, maravilhosamente bela, mas com uma expressão de tristeza indescritível no rosto bonito. Tantas vezes a mesma figura encontrou meu olhar que acabei por me aproximar do pedestal na esperança de encontrar alguma explicação. Dei um grito de alegria quando meus olhos se depararam com o nome esculpido ali.

Era Paula.

Agora todas as dúvidas se dissiparam.

Eu tinha realmente encontrado a Ilha dos Escultores.

Caminhos largos e sinuosos, à direita e à esquerda, atraíam meus passos. Nenhum lugar encantado poderia ser mais bonito.

Frutos dourados brilhavam entre as folhas verde-escuras.

Flores de inúmeras cores desabrochavam por todos os lados, exalando os mais delicados perfumes. Vinhas pendentes formavam guirlandas graciosas ou entrelaçavam-se em torno dos pedestais das estátuas, levando suas flores brancas às mãos ainda mais brancas dos habitantes silenciosos e imóveis dessa região solitária. Digo habitantes, pois até então meus olhos não haviam visto nenhuma criatura viva, exceto os sacerdotes agrupados em torno do altar.

Será que desembarquei nas margens de uma ilha, na qual a natureza, com mão generosa, concedeu florestas imponentes, lagos plácidos, riachos murmurantes, árvores carregadas de frutos deliciosos, plantas agitando suas franjas e plumas floridas no ar perfumado, videiras arrastando sua folhagem ricamente variegada de árvore em árvore, um céu radiante acima, um solo coberto de vegetação aveludada abaixo, apenas para encontrá-la abandonada, deserta, sem homem; uma coisa bela e, no entanto, solitária, uma mera concha polida e pintada, da qual toda a vida se foi para sempre?

Tal era o pensamento que ocupava minha mente enquanto passeava por esses caminhos sinuosos pavimentados com mármore, cercados por um teto frondoso, através do qual, de vez em quando, a luz do sol irrompia para iluminar as obras-primas da arte do escultor, em torno dos pedestais das quais trepavam e se agarravam dezenas de videiras floridas, algumas carregando em seus curvos colos cachos de bagas, mais brilhantes do que ouro polido, outras oferecendo aos transeuntes cachos de uvas mais roxas do que o corante da Lídia.

Enquanto seguia meu caminho por este jardim encantado, no qual os talos de lírios balançavam suas taças perfumadas em direção às minhas bochechas e as árvores deixavam cair seus frutos dourados e roxos aos meus pés, enquanto no meio do matagal de arbustos de folhas vermelhas e pinheiros com tufos de seda, o melancólico rouxinol cantava sua melodia líquida em um ritmo lento e triste, meu coração ansiava pelo som de uma voz humana.

“Quem dera que algum ser vivo”, exclamei, “por mais deformado e retorcido que fosse, ou por mais dissonante que fosse sua voz, aparecesse para me encontrar nesta bela solidão”.

Percebi então que meu caminho subia uma colina suavemente inclinada. Acelerei o passo, pois estava ansioso por chegar a algum ponto elevado, de modo a ter uma visão mais ampla da paisagem ao redor.

Ao chegar ao topo da colina, uma cena de beleza indescritível se apresentou aos meus olhos.

Tão longe quanto os olhos podiam alcançar, vi se desenrolar abaixo de mim uma paisagem de beleza tão incomparável que parei encantado. Imagine um vale fechado

por alturas arborizadas, por onde um riacho prateado corre tranquilamente; aqui, um gigante da floresta estende seus galhos longos, e ali, um grupo de árvores frutíferas exibe seus tesouros dourados à luz do sol; deste lado, arbustos floridos brilham brancos como marfim contra o verde escuro do gramado, daquele lado, com trepadeiras e bosques aparados, a mão do homem construiu muitos caramanchões sombreados de contornos fantásticos; acrescente a isso dezenas de estátuas em todas as poses imagináveis de graça e beleza — aqui um grupo, ali uma figura solitária e mais adiante, em duplas ou trios, em pé, reclinadas, sentadas, brincando, em meditação, ouvindo, lendo, dedilhando instrumentos de cordas, em poses de caça, lançando o disco ou esticando-se para colher frutas ou flores.

"Isto é um sonho?", murmurei. "Não estou sendo brincadeira de algum espírito travesso do lugar?"

Desse profundo devaneio, o latido alto de Bulger me despertou com uma violência chocante.

Olhei na direção do som.

Pobre cão tolo, ele estava brincando em torno de uma das estátuas e se divertindo ao acordar os ecos com sua voz.

Fiquei um pouco irritado com a interrupção e chamei-o para que parasse de latir.

Parecia-me quase um sacrilégio perturbar o profundo repouso deste belo vale.

Mais uma vez, os latidos se fizeram ouvir. Desta vez, as estranhas travessuras de Bulger eram mais selvagens do que antes.

Ele parecia completamente fora de si, pulando ao redor da estátua, que era a de um jovem no ato de alcançar frutas ou flores no alto — e dando vazão a uma espécie de raiva misturada com travessura, em uma série de latidos, rosnados e gemidos. Era realmente raro Bulger não dar ouvidos aos meus desejos, por mais vagamente expressos que fossem, mas agora nem mesmo um tom de voz ameaçador parecia ter o menor efeito sobre ele.

Ele continuou a brincar loucamente e a latir de forma aguda e irritada. Determinado a repreendê-lo severamente por sua desobediência, caminhei furiosamente em sua direção.

Aproximei-me.

Olhei! Eu vi!

Cinzas dos meus antepassados, o quê? A estátua tinha os olhos bem abertos. A estátua tinha um rubor de vida nas bochechas.

Movimento, nem mesmo o mais leve, não havia nenhum! E, no entanto, aqueles belos olhos azuis estavam fixos em Bulger, com um olhar meio inquisitivo, meio intrigado.

Esfreguei os olhos e olhei novamente.

Dei um passo à frente.

De repente, uma onda de medo percorreu-me como um fluxo de água gelada. Será que o mármore vivo, ao aquecer e ganhar vida, movido por paixões há muito reprimidas, levantaria a mão e me mataria?

Reunindo minhas forças, olhei para um grupo de donzelas que brincavam à sombra de um telhado frondoso de galhos arqueados e videiras entrelaçadas.

Mais rápido do que se pode contar, saltei para a frente e fixei o olhar nos rostos delas.

A morte não poderia manter a forma humana em uma postura mais imóvel do que a delas.

E, no entanto, seus olhos estavam cheios de uma luz estranha.

Em seus rostos bonitos, o tom vermelho da vida brilhava, forte e quente! Onde eu estava?

Uma estranha sensação, meio medo, meio alegria, tomou conta de mim.

E ainda assim não ousei falar. Minha voz quebraria o feitiço pelo qual todas essas crianças que respiravam no seio duro da terra mantinham sua ligação com a vida, e elas desapareceriam no nada.

E agora os olhos da que estava mais perto de mim — mais negros do que carvão polido — pareciam fixos em mim. Eu podia ver, pensei, o brilho daquelas esferas de ébano, como se uma lágrima tivesse caído sobre elas.

Sua mão estava estendida.

E se eu tocá-la, pensei, para ver se tem o calor da vida dentro dela, ou se não é, na verdade, uma coisa de pedra, e eu o brinquedo de algum espírito malicioso da ilha?

Vou fazê-lo, mesmo que seja morto como um pobre verme que, aquecido por uma chama que se aproxima, rasteja para encontrá-la.

Toquei as pontas dos dedos!

Ó, coisa maravilhosa!

Não eram de pedra, mas da carne mais macia e quente!

Recuei, esperando ver o grupo desaparecer no ar. Mas não; ele não se moveu.

Ficaram imóveis como antes!

E agora senti meus membros ficarem fortes sob mim.

Decidi falar, acontecesse o que acontecesse!

Fixando meu olhar em seus rostos jovens e belos, descobri minha cabeça e dirigi-me a eles assim:

"Ó, seres estranhos e misteriosos, não se ressentam desta ousada intrusão de um mortal insignificante em seu repouso sagrado! Falem comigo! Se assim o desejarem, deixem-me tirar os pés do solo de sua bela ilha. Mas antes de eu partir, falem comigo, deixem-me saber se vocês não são criações de algum espírito desta ilha, ou se vocês são realmente seres vivos, que respiram!"

Nenhum som saía daqueles lábios rosados, entreabertos como se estivessem prestes a falar.

Nenhum movimento, nenhum tremor, vinha quebrar a pose marmórea dessas belas figuras.

Um minuto inteiro se passou.

Para mim, pareceu uma eternidade.

Fiquei paralisado no chão, em suspense ansioso.

Os minutos se arrastaram pesadamente, um após o outro. Mas que alegria indescritível!

Seus lábios começaram a se mover.

Um sorriso, quase imperceptível no início, espalhou-se lentamente, lentamente, por seus rostos.

O vermelho de suas bochechas ganhou um tom mais profundo.

Seus olhos lançaram-me um olhar muito doce e amigável. A palavra "nós" chegou suavemente aos meus ouvidos.

Outra pausa!

Inclino-me para a frente, num suspense doloroso, para captar a próxima sílaba fraca. Finalmente, ela chegou.

“Vivos!”

“Eles estão vivos!”, gritei em voz alta e alegre, “eles estão vivos! Não sou brinquedo de nenhuma divindade estranha. Essas figuras não são mármore frio e sem sentido, mas seres de sangue quente, que respiram, pensam e vivem!”

Não posso descrever a profundidade da minha satisfação por essa descoberta ter sido feita pelo meu querido Bulger. Ele viu a terrível perplexidade que se apoderara do seu mestre e correu em seu socorro; nem um olhar severo, nem uma voz ameaçadora foram suficientes para dissuadi-lo do seu propósito de trazer luz à minha mente obscurecida. Em minha profunda contrição, mal conseguia pronunciar o seu nome.

Senti-me indigno do seu amor.

Mas ele me perdoou com uma nobreza de caráter mais do que humana e expressou seu perdão cobrindo minhas mãos com carícias e emitindo uma série de latidos suaves e baixos.

Com Bulger ao meu lado, misturei-me com esses companheiros de carne e osso dos moradores de mármore da ilha, passando de um grupo para outro em silêncio e admiração. Sim, eles estavam vivos, mas não mais do que as flores, os arbustos, as árvores e as videiras que ajudavam a compor a bela cena da qual eles eram os ornamentos mais brilhantes e belos.

As videiras moviam-se de um lugar para outro mais rapidamente do que eles, as flores abriam seus botões mais rapidamente do que as donzelas abriam seus lábios. Como belas figuras de cera, movidas pelo lento desenrolar de alguma mola oculta, essas estátuas vivas passavam horas, não, dias, levantando-se ou afundando-se na relva aveludada.

Durante várias horas fiquei observando a mão branca de uma donzela enquanto ela se esticava, com um movimento imperceptível, para colher um pêssego de bochechas vermelhas que pendia ao lado dela. Passou-se uma hora inteira antes que aqueles dedos delicados se fechassem em torno do pêssego, e outra antes que ele fosse levado aos seus lábios. Lá, durante todo o dia, ela o segurou pressionado, mas quando o sol se pôs atrás das colinas arborizadas, ele caiu de suas mãos relaxadas e rolou em direção aos meus pés. Eu me abaixei lentamente, pois não demorei muito para descobrir que meus movimentos rápidos incomodavam essas estátuas animadas, e o peguei. Eu podia sentir que parte da polpa havia sido retirada da fruta suculenta, mas a casca mal estava quebrada, de tão gentilmente que ela a havia comido.

Nesse momento, vendo um sorriso no rosto de uma das donzelas, virei-me para descobrir para quem ela dirigia o olhar.

Era um jovem bonito, que estava a cerca de quinze metros de distância, com os olhos fixos nos da donzela.

“Certamente”, pensei, “o afeto, como em outras terras, acelerará seus movimentos; eles avançarão um em direção ao outro com certa rapidez agora”.

Mas não, o longo crepúsculo cedeu pouco a pouco às sombras mais profundas; a noite chegou; a lua pôs seu disco brilhante no céu, e ainda assim aquele jovem não estava perto o suficiente para segurar a mão da donzela que amava.

Desde o início do crepúsculo, sorrisos se formavam lentamente nos rostos dos outros jovens e donzelas, cujos olhos estavam voltados para os amantes.

Nesse momento, um suave “ha!” chegou aos meus ouvidos e, após meia hora, outro “ha!” mais alto se seguiu, para ser, após uma pausa ainda mais longa, seguido por outro “ha!” Este último “ha!” prolongou-se em uma nota clara e sonora que durou vários segundos. Então foi ficando cada vez mais fraco, até desaparecer como um eco esgotado. A alegria deles havia acabado.

Enquanto eu abria caminho entre essas estátuas vivas, certa manhã, deparei-me com um grupo de crianças brincando.

A princípio, não percebi que elas tinham notado minha chegada, mas, após um quarto de hora, descobri que seus grandes olhos lindos e claros estavam lentamente se voltando para mim, então decidi sentar-me perto delas e observá-las. Imagine minha alegria ao descobrir que uma delicada trepadeira florida se enrolava em torno do corpo de uma menina de cabelos dourados, de cerca de sete anos, circundando seu pescoço com suas folhas coloridas e bagas cor de coral, e se enrolando como uma coroa de ouro e carmesim em seus cachos macios, deixando cair suas flores e gavinhas suavemente em torno de sua cabeça e ombros.

Vendo meu espanto e ouvindo minhas palavras de admiração, uma mulher de rosto gentil sentada perto de mim levantou lentamente as mãos e estendeu os dedos para me fazer entender que esses pequenos querubins estavam brincando ali no chão há dez dias.

“Esta bela videira”, pensei, “juntou-se à brincadeira deles. Tão viva quanto eles, é na verdade uma de suas companheiras de brincadeira e se enrolou amorosamente em torno da criança sentada mais perto dela”.

Olhei novamente. Eis que uma árvore carregada de nozes deliciosas balançava com a brisa e as sacudia no colo das crianças que brincavam, enquanto do outro lado, uma planta alta e graciosa com flores em forma de taça de um branco ensolarado, cada uma delas cheia de água límpida, cujas gotas brilhavam ao sol como pedras preciosas polidas, roçava suavemente a bochecha de um menino sorridente, como se dissesse:

"Beba, querido irmãozinho!"

"Maravilhoso!", exclamei, "estas criaturas felizes, estas árvores e flores, estes frutos e videiras são todos filhos da mesma família. Nenhuma tempestade vem escurecer estes céus belos. Aqui reina a eterna primavera. À luz do dia, à luz das estrelas e à luz da lua, suas vidas fluem suavemente como um largo rio prateado, cujo movimento é lento demais para ser percebido pelo olho humano. Povo misterioso! Como posso compreender o maravilhoso segredo da vossa existência? Como posso ler a história de um povo cujos únicos livros são riachos sem voz e bosques silenciosos, cujas línguas perderam tanto o poder de interpretar o pensamento que meses podem passar e o mistério permanecer sem solução!"

Após uma estadia de alguns dias entre os "Slow Movers", como eu os chamaria, fiz uma descoberta que me alarmou muito.

Descobri que esse silêncio misterioso, esse destino estranho que me lançou entre criaturas vivas com as quais era quase impossível conversar, essa incapacidade total de distinguir as estátuas vivas das de mármore, estava começando a atormentar minha mente.

Bulger percebeu minha melancolia crescente e se esforçou para me divertir e confortar.

Respondi mal às suas mil e uma artimanhas astutas e palhaçadas ridículas.

Na verdade, senti que minha mente estava gradualmente cedendo a alguma influência terrível que permeava o ar e que, a cada hora que passava, ganhava tanta força que percebi a necessidade de fazer um esforço sobre-humano para me libertar do poder que ela já havia adquirido sobre mim, ou então me tornar uma estátua viva e irmão das formas de carne e mármore que habitavam esse país das maravilhas.

Não vou cansar meus leitores com detalhes minuciosos do plano que concebi para acabar com o perigo que me ameaçava, para me arrancar da

morte em vida que já podia sentir rastejando sobre mim.

Em meu desespero, decidi recorrer ao mais velho dos Slow Movers e me entregar à sua misericórdia, por assim dizer, para lhe contar meu desejo de escapar do terrível destino que me ameaçava, de voltar para casa, para meus amados pais, que morreriam de tristeza se eu, seu único filho, seu orgulho e sua esperança, nunca mais voltasse para alegrar sua velhice.

Mas, mais do que isso, decidi que, se possível, aprenderia a história da ilha e do seu misterioso povo e, para isso, resolvi implorar-lhe que me indicasse onde poderia encontrar algum registo do seu passado, algum livro ou pergaminho, para que não tivesse de passar a vida sobrecarregado pelo pensamento angustiante de que tinha sido incapaz de resolver este mistério — um pensamento que, se não encurtasse os meus dias, certamente os amargaria.

Como já expliquei, ao tentar conversar com os Slow Movers, deparei-me com uma dupla dificuldade. Em primeiro lugar, embora estivesse prestes a explodir de impaciência, eu precisava manter uma aparência perfeitamente calma e serena; em segundo lugar, quando, após uma longa e cansativa espera, chegava a minha vez de responder, minha resposta não podia exceder a lentidão da fala dos Slow Movers, caso contrário, seus olhos brilhantes ficavam nublados e eles pareciam absolutamente paralisados pela rapidez da minha fala. Suas pálpebras se fechavam lentamente e eles pareciam cair em um sono profundo, do qual levavam horas para acordar.

Ao primeiro raio da aurora, procurei o velho Slow Mover, que eu frequentemente observava em seu templo frondoso, sentado em um pedestal de mármore, com os olhos fixos no riacho silencioso que banhava as raízes das árvores, cujos galhos amplos ajudavam a cobrir sua habitação.

Durante todo aquele dia e a noite estrelada que se seguiu, sentei-me aos seus pés.

Imagine o meu desespero ao saber que não existia uma única palavra ou linha, nem uma folha ou um pergaminho, que pudesse pôr fim à minha terrível . Digo terrível, porque, a cada hora que passava, crescia em mim o impulso de pôr fim a essa vida de atividades inúteis e sem sentido e juntar-me à multidão de estátuas vivas, em cujo coração nenhum arrependimento fútil vinha obscurecer sua vida plácida e onírica.

Na manhã do segundo dia, um pensamento surgiu em minha mente. Era este:

Talvez exista, em algum lugar desta ilha, algum ser vivo que, ao contrário de seus irmãos, possua o poder da fala rápida, cuja língua, por alguma razão, tenha permanecido solta.

Raciocinei assim: em todas as terras havia opostos, bons e maus, bonitos e feios, graciosos e desajeitados, rápidos e lentos. Certamente nesta ilha deviam existir contrastes como esses. É verdade que poderia ser uma exceção, mas seria maravilhoso se não existisse.

Passei todo aquele dia transmitindo ao velho Slow Mover o meu raciocínio.

Já estava bem escuro quando consegui fazer a pergunta: se não havia algum ser vivo habitando a ilha cujos poderes de fala fossem mais parecidos com os meus, e para quem eu pudesse, em meu medo cada vez maior de me transformar em um Slow Mover, fugir para me refugiar de mim mesmo, para satisfazer o desejo irresistível que pressionava minha alma.

Mas as sombras da noite não eram tão densas que eu não pudesse notar a sombra mais escura que começou a se formar no rosto do Slow Mover idoso quando terminei minha pergunta.

Fiquei assustado.

Os batimentos do meu coração eram tão violentos que soavam altos, embora abafados, acima do suspiro da brisa, do farfalhar das folhas e do canto melancólico do rouxinol.

À medida que essa sombra continuava crescendo, cada vez mais profunda, no rosto do velho, senti que havia tocado alguma ferida antiga que, embora há muito esquecida, agora sangrava novamente.

Seus lábios se abriram, sua cabeça caiu lentamente, lentamente, e um suspiro saiu, tão cheio de significado, tão parecido com um contador de histórias de alguma tristeza há muito escondida, que temi pelo pior.

Meus membros enrijeceram.

Eu podia sentir o sangue diminuir seu ritmo nas veias e seguir tateando, como se estivesse incerto do caminho.

Pressionei as pontas dos dedos nas bochechas. Estavam frias como mármore polido.

Tentei falar. As palavras não saíam.

Por fim, fiz um esforço violento —

“Bulger!”, sussurrei.

Pobre cão, ele dormia aos meus pés.

Lutei para escapar do feitiço por um breve momento, para que pudesse me abaixar e dar uma carícia de despedida ao meu fiel amigo.

Shhh!

O Slow Mover falou.

“Filho!”

Eu estava salvo!

Ele tinha algo a me dizer. O

feitiço foi quebrado.

Meu coração começou a bater novamente; o sangue quente correu formigando pelas minhas veias.

Foi por pouco.

Minhas pontas dos dedos já estavam frias.

Mais um momento e eu teria me juntado à multidão dos Slow Movers, tornando-me irmão dos moradores de mármore da Ilha dos Escultores.

Durante toda aquela noite, o velho Slow Mover falou comigo. E quando o sol nasceu, eu sabia tudo. Eu conhecia o segredo que tanto obscurecia seu rosto plácido. Eu conhecia a caverna onde morava o eremita da Ilha dos Escultores — um pária, um prisioneiro, fechado entre as paredes estreitas de uma caverna à beira-mar, sem culpa, sem pecado, sem mal algum.

A natureza assim o quisera.

O velho Slow Mover não sabia por quê. Antonius

era o nome do eremita. Quando amanheceu, fui

procurá-lo.

Encontrei-o sentado à entrada da caverna, contemplando a glória do céu oriental.

Este era o segredo de seu exílio:

Um destino cruel, em sua juventude, o atingiu com uma doença terrível, semelhante à conhecida como dança de São Vito. Quando a crise se manifestava, ele não só perdia todo o controle dos membros, de modo que seus pés o levavam para onde ele não queria ir, e i s s o com extrema rapidez, mas seus

braços também executavam os gestos mais rápidos e vigorosos, ora em aparente raiva, ora em súplica, ora em admiração. Você compreenderá facilmente por que o infeliz Antonius foi banido do meio dos Slow Movers.

Embora fosse seu irmão e profundamente amado por eles, sua rapidez relâmpago, seus gestos violentos, sua mudança quase incessante de atitude, não só ofendiam os Slow Movers, como os atordoavam, chocavam, impediam o fluxo lento do sangue nas veias e ameaçavam todos com uma morte lenta, mas certa.

Ele tinha que

ir! E ele foi!

Antônio foi banido para a caverna à beira-mar, onde nunca se ouvia nenhum som, exceto o rugido do oceano quando açoitado pelos demônios da tempestade, ou seu murmúrio triste e incessante e os respingos em seus momentos de sono e descanso.

Mas, o mais terrível de todas as manifestações da terrível doença do infeliz Antonius era a rapidez totalmente selvagem e incontrolável de sua fala.

Como cavalos enlouquecidos, a língua e os lábios corriam!

Aos olhos e ouvidos dos Slow Movers, um rosto tão violentamente expressivo, uma rapidez tão louca na fala, eram a própria morte!

Nem um breve mês teria encontrado uma estátua viva naquela casa de corações de pedra, se Antonius não tivesse partido!

Antônio estava grato por aquele decreto terrível, que o abrigou para sempre na caverna à beira-mar!

Ele viu os sofrimentos de seu povo e, embora seus olhos, naquele breve período, tenham derramado mais lágrimas do que todos os seus irmãos jamais derramaram em suas vidas preguiçosas, elas não eram mais do que uma pobre prova da terrível dor que ele sentia.

Antônio se virou para mim quando me aproximei do local onde ele estava sentado, envolto em profunda meditação. Um sorriso triste, mas ao mesmo tempo gentil, passou por seus lábios, como o brilho rápido, mas fraco, de um relâmpago no céu distante.

Ele se levantou.

Parei para esperar que ele me chamasse para me

aproximar. Ele não disse uma palavra, mas estendeu a

mão.

Eu me lancei para frente para segurá-la e pressioná-la contra meus lábios.

Naquele instante, ele teve um ataque.

Pude ver a expressão de dor que passou pelo seu rosto.

Ele deslizou para longe, ora para trás, ora para frente, ora para o lado, ora obliquamente, com a mão estendida em um esforço desesperado para alcançar-me, que, com igual desespero, avançava e recuava em uma tentativa louca de agarrar o que constantemente me escapava.

Bulger, totalmente incapaz de compreender essa dança selvagem entre as rochas daquela costa cavernosa, seguia meus passos latindo furiosamente.

Não tive tempo de acalmá-lo.

Antônio fugiu com velocidade redobrada, com a mão direita estendida em minha direção, como se fizesse uma prece lamentável para que eu a segurasse e assim acabasse com o ataque que sacudia seus membros tão violentamente.

Parando para recuperar o fôlego, persegui novamente a figura fugaz com a determinação de alcançá-la ou morrer na tentativa.

Por fim, ele pareceu girar em círculos cada vez menores. Agora

era minha hora!

Saltei sobre aquela forma giratória, com uma espécie de desespero louco, para agarrar e segurar sua mão estendida.

Finalmente,

consegui segurá-la.

Mas não!

Seu corpo havia parado, mas agora estava acima da minha cabeça, agora aos meus pés, agora brilhando de um lado, agora do outro, agora zunindo na frente dos meus olhos, agora circundando minha cabeça como um pássaro em voo rápido, aquela mão continuava, sempre, em seu curso selvagem e misterioso!

Minhas forças estavam me

abandonando! Será que algum dia

eu conseguiria agarrá-la?

Antônio também mostrava sinais de ceder ao terrível poder da doença que o atormentava!

Seu rosto ficou estranhamente pálido! Seu peito arfava convulsivamente. Com um último esforço desesperado, consegui agarrar sua mão que se movia rapidamente ao redor da minha cabeça!

Agarrei-a com vigor desesperado!

Meu toque dissipou o veneno de suas veias.

Ele pareceu acordar de um sonho terrível. Passou a mão pelos olhos.

Ele sorriu.

Ainda agarrado à sua mão, forcei-o gentilmente a sentar-se num banco rochoso, sobre o qual o oceano tinha tecido uma cobertura aveludada de ervas marinhas e algas.

“Antônio!”, gritei, “que a paz esteja contigo! Esquece o teu sofrimento. Sê como eras antes! O meu toque pode dar-te descanso, pelo menos por um breve momento!”

Ele apertou minha mão. Um suspiro profundo levantou seu peito. Era o último suspiro do demônio que o oprimia.

Agora ele estava em paz.

Para mim, sua fala era rápida, mas não mais do que a de muitos pensadores rápidos com quem eu já havia conversado.

“O que você quer?”, disse ele, com uma voz baixa, mas estranhamente doce e

suave. Eu lhe revelei o motivo da minha vinda.

Voltei ao momento em que encontrei o jornal romano e à minha partida de casa.

Tudo, tudo; contei-lhe tudo; como tinha entrado na casa dos Slow Movers, como os tinha confundido com mármore, como as outras figuras da ilha, como ansiava por esclarecer o mistério.

Durante todo aquele dia, Antonius e eu ficamos sentados à beira-mar, conversando de forma muito agradável.

Apenas uma vez, ao meio-dia, ele interrompeu brevemente a sua história enquanto entrávamos na sua caverna para comer e beber.

Com o coração acelerado, ouvi sua história sobre o desembarque dos Sete Escultores na ilha. Sua primeira tarefa foi construir o glorioso templo com sua longa escadaria de mármore que descia até o mar. Então eles, e mais tarde seus filhos e os filhos de seus filhos, começaram a trabalhar para povoar esta bela ilha com figuras quase incontáveis da mais rara graça e acabamento.

Nas florestas, nas margens do rio, pelo vale, nas encostas, nos terraços, até à beira da água, erguiam-se estátuas perfeitas, de uma beleza e profusão maravilhosas.

Aqui, ali e em toda parte, formas de graça incomparável brilhavam, brancas como a neve entre os arcos folhosos ou entre os arbustos emaranhados.

Um ardor misterioso queimava nos corações desses artistas exilados. Parecia que eles nutriam uma esperança selvagem de erguer naquela ilha distante outra Roma — uma filha recém-nascida, mas mais bela e mais branca em sua magnificência de mármore do que a gloriosa mãe que se assentava sobre suas sete colinas!

Vez após vez, sim, três vezes setenta, a infeliz Paula surgiu dos blocos de pedra, sempre bela e cada vez mais bela, ora curvada em terrível dor, ora envergonhando os próprios céus com a beleza encantadora de seu rosto voltado para cima, suplicante, doce e piedoso.

Aqui e ali, também, estava o grande César, inesquecível por sua clemência divina ao salvar os escultores de uma morte terrível.

Quando o segundo século do exílio amanheceu sobre o pequeno reino romano, longe, sob os céus do sul, no exato momento em que a colônia crescia forte e vigorosa, algo estranho e misterioso aconteceu aos habitantes dessa ilha de doce contentamento.

Não nasciam mais meninos!

Os sete escultores, agora curvados pela idade e com os rostos marcados pelos cinzéis afiados do remorso, partiram, um após o outro, para o reino sombrio da morte.

Seus filhos também chegaram à maturidade. E os filhos deles cresceram, felizes por possuir aquele talento glorioso que havia povoado a ilha com formas de beleza incomparáveis.

Mas agora a raça havia chegado ao fim de seu longo reinado no mundo da arte.

Década após década se passaram, e ainda não havia nascido um único menino para alegrar o lar do escultor.

Uma espécie de desespero sem sentido tomou conta da colônia.

Os escultores mais velhos largaram seus cinzéis em total desesperança.

Até os mais jovens trabalhavam cada vez menos.

Ainda não havia nenhum menino para despertar as canções e risadas de outrora daquela ilha que antes era tão alegre.

Os dedos hábeis na arte endureceram com a idade.

Corações cheios de inspiração gloriosa tornaram-se apáticos e sem ânimo! Um por um, todos seguiram o caminho que os mortais devem trilhar.

Uma mudança terrível e maravilhosa se abateu sobre o povo.

Oprimidos por essa dor pesada, cercados dia e noite por essas formas de mármore imóveis e sem voz, que, embora silenciosas como o próprio barro, gritavam incessantemente: “Dêem-nos mais companheiros nesta solidão!”, essas pessoas infelizes quase se transformaram em mármore.

Tornaram-se, na verdade, irmãos e irmãs dos moradores de mármore desta ilha.

Finalmente chegou o fim!

O último escultor foi colocado no caixão esculpido do grande templo branco à beira-mar!

Um silêncio tão longo, tão profundo, tão terrível, caiu sobre o povo que quase parecia que sua fala havia sido perdida para sempre.

Dentro das grutas escuras e do matagal, eles rastejaram para se esconder da luz do dia.

Seus membros, outrora tão flexíveis e elásticos, sempre prontos para levar seus donos por montes e planícies, deleitando-se na dança, acostumados à corrida, agora tornaram-se pesados e lentos.

Pareciam quase prestes a se transformar em pedra e se juntar à companhia silenciosa ao seu redor.

Na verdade, tal destino era iminente, quando um acontecimento alegre o evitou.

Um ano se passara desde que o último escultor partira para se juntar à caravana sombria que se move eternamente pelo deserto do Silêncio Eterno, quando suas sete filhas de rosto triste foram surpreendidas pelo choro de um bebê.

Mas vejam!

A mãe viúva está diante delas com um bebê aninhado nos braços.

É um filho!

A alegre notícia só pode se espalhar de família em família.

Infelizmente, era tarde demais para chamá-los de volta aos costumes e hábitos antigos, tarde demais para fazer seu sangue voltar a correr velozmente pelas veias, como antigamente.

Eles eram um povo transformado!

É verdade que a felicidade voltou, mas não era a mesma. Eles podiam sorrir e rir, mas eram apenas rostos de mármore movidos por

algum poder misterioso. Eles podiam falar, mas as palavras saíam tão lentamente que parecia que alguma estátua falava entre as folhas da ilha. Eles podiam se mover, mas caracóis e tartarugas os ultrapassavam com facilidade.

COMPORTAMENTO NOTÁVEL DE UM BUST DE CÉSAR NA TERRA DOS LENTOS.

Sim, eles estavam realmente mudados; condenados a partir de então a povoar sua bela ilha natal com estátuas vivas.

Anos se passaram em longa fuga, até que um século se seguiu a outro, e ainda assim o talento maravilhoso não voltou mais.

Estava perdido para sempre!

Há muito, muito tempo, o povo também esqueceu a história de seus pais.

Ela é mantida viva nos corações de alguns poucos escolhidos, que a transmitem, a cada quarto de século, a guardiões mais jovens selecionados para esse fim.

A Antonius, o segredo foi assim confiado. E essa foi a

história que ele me contou!

Com o coração leve, agora que o peso da dúvida e da incerteza havia sido tirado dele, despedi-me de Antonius e, seguido por Bulger, voltei para as moradas dos Slow Movers.

Ao passar por um dos bosques repletos de figuras de mármore, parei, sem saber bem porquê, diante de um admirável busto do grande César.

Bulger juntou-se a mim e ali ficamos, filhos deste dia tardio, com os olhos voltados para o rosto daquele cuja menor palavra já foi copiada em tábuas de cera como se fosse a expressão de um deus.

Sempre gostei de César.

Éramos parecidos em muitos aspectos.

Ambos éramos homens de ação.

Senti pena dele agora, por ter sido forçado a viver, mesmo na forma de mármore, entre pessoas tão monótonas e inativas como os Slow Movers.

Eu disse isso a ele.

"E, no entanto, Júlio", disse eu, "chamado pelos homens de César, Grande César, que sorte a tua de não estares vivo agora, pois ficarias tomado pela vergonha ao ver todos lendo minhas aventuras, enquanto o livro que escreveste sobre a Gália jaz mofado e coberto de poeira nas prateleiras das bibliotecas!"

No dia seguinte, ao passar por ali novamente e olhar para o rosto do grande César, notei que um sorriso havia surgido no canto direito de sua boca. Ele havia se tornado tão impassível devido à sua longa permanência entre os Slow Movers que estava começando a achar engraçada a observação que eu havia feito no dia anterior.

Pensamentos sobre minha terra natal surgiram em minha mente.

O fato é que, pouco depois da minha entrevista com Antônio em sua caverna à beira-mar, Bulger começou a mostrar sinais inequívocos de saudade de casa. Então, enviei-o com um bilhete ao oficial do meu navio para que começasse imediatamente os preparativos para a viagem de volta.

Bulger apressou-se em cumprir a missão.

Ele dirigiu-se ao pé da escadaria de mármore e, em seguida, com latidos altos, chamou a atenção do oficial que eu havia deixado no comando.

Este enviou um barco para terra e Bulger foi ao seu encontro com a minha carta na boca.

Para dizer a verdade, eu teria gostado de ficar mais uma semana ou mais entre os Slow Movers, mas era evidente que eles estavam ficando inquietos com a minha presença.

Nas bochechas de muitos deles, todos os sinais de um rubor rosado haviam desaparecido.

Dia após dia, eles ficavam cada vez mais parecidos com seus irmãos de mármore.

Meus movimentos rápidos cansavam tanto os olhos deles que, após algumas horas no meio deles, me vi cercado por um grupo de pessoas em sono profundo.

Não ousei falar.

Por mais que eu suavizasse a voz ou falasse devagar, minhas palavras soavam estranhas aos ouvidos delicados dos Slow Movers, e sinais de sofrimento gradualmente apareciam em seus rostos.

Minha decisão foi, portanto, rapidamente tomada.

Com um ritmo de caracol, passei de grupo em grupo, de caramanchão em caramanchão, de bosque em bosque, dizendo em um tom suave e comedido: "Adeus! Adeus!"

Então, dirigi meus passos para o templo branco à beira-mar, pois sabia que a tripulação do meu barco estava me esperando ao pé da escadaria de mármore.

Ao passar em frente à estátua do Grande César, virei-me para acenar um último adeus. O que eu vi, você acha?

Ora, o mesmo sorriso que havia começado no canto direito de sua boca vários dias atrás, havia cruzado para o outro lado do rosto e estava bem no canto esquerdo da boca.

No lado direito, de onde tinha surgido, tudo estava tão severo e calmo como quando ele se sentava entronizado em Roma e governava o mundo.

Várias horas depois, enquanto estávamos ocupados a içar as velas do meu bom navio, ouvi, num tom suave e ecoante, a palavra:

"Fare!"

Os Slow Movers começaram a se despedir. Os ventos estavam favoráveis.

As velas se encheram.

À medida que o sol se punha, derramando uma luz dourada sobre a bela escadaria de mármore, o grande templo branco e as muitas estátuas nevadas que brilhavam tão intensamente e belas entre a folhagem escura das árvores e videiras nos terraços daquela ilha misteriosa, eu me joguei no convés com a intenção de manter meus olhos fixos na cena encantadora pelo maior tempo possível.

Meu bom navio partiu em silêncio profundo. Pois eu havia dado ordens para que ninguém falasse mais do que um sussurro.

Agora, a Ilha dos Escultores havia desaparecido, tornando-se um mero ponto no horizonte, e agora, nas sombras da noite que se aproximava, foi engolida e perdida para sempre!

Meu coração ficou pesado.

Bulger encostou a cabeça no meu colo, com seus olhos amorosos fixos em mim.

O sono tomou conta de nós dois.

O céu estava estrelado quando acordamos. A

brisa fresca da noite me revigorou.

Levantei-me com a intenção de descer. Naquele instante, veio flutuando na brisa da tarde, como um eco de montanha quase se dissipando, um som suave e misterioso.

Meu ouvido captou! Era:

“W—e l—l!”

Os Slow Movers tinham terminado de se despedir.

CAPÍTULO E VII.

Mais uma vez, cansei-me dos prazeres tranquilos do lar. O barão mais velho se opõe à minha partida. Suas razões. Como libertei as propriedades ancestrais das pragas de toupeiras, ratos do campo e esquilos terrestres; e como parti para as Índias com meu fiel Bulger. Entro em um território selvagem e intocado. Maravilhosa transformação do dia em noite e da noite em dia. Os enormes vaga-lumes. Minha captura de um deles e o que isso trouxe. Como cheguei às fronteiras de Palin-mâ-Talin, a Grande Floresta Sombria. Benè-agâ, o guia cego. Minha estadia em sua caverna. Entro em Palin-mâ-Talin sob sua orientação. Estranhas aventuras na Grande Floresta Sombria. Benè-agâ se despede de mim. Meu avanço é bloqueado por Bōga-Drappa, a Escada Terrível. Minha fuga pelos degraus traiçoeiros. Entro na terra dos Umi-Lobas, ou Homens-Saltadores. Sou levado prisioneiro ao rei deles. Algo sobre ele e seu povo. O carinho do rei Gâ-roo por mim. Seu presente para mim: cópias de todos os livros da biblioteca real — tudo sobre a princesa Hoppâ-Hoppâ. Sou condenado a uma prisão perpétua entre os Umi-Lobas. Planejo uma fuga. Como foi feita. Os esforços do rei Gâ-roo para me capturar. A despedida da pequena princesa Hoppâ-Hoppâ. Como naveguei para longe da terra dos Umi-Lobas e voltei pela Índia. Meu retorno para casa.

RETRATO DE UM DOS MEUS CAÇADORES DE RATOS COM BOTAS DE BORRACHA.

Como todos os amantes da vida errante, não demorei muito para me cansar da vida tranquila e das atividades simples dos habitantes do antigo salão baronial.

Às vezes, sentia-me como um intruso, quando me pegava sentado com os olhos fixos nas páginas de algum volume velho e empoeirado de estranhas aventuras em terras distantes, enquanto o velho barão, a graciosa baronesa, minha amada mãe e vários primos da propriedade vizinha se entregavam aos doces prazeres da lareira, deliciando-se com bolos de mel, bebendo vinho quente com especiarias, jogando damas, dominó ou cartas, ora conversando animadamente sobre as trivialidades da vida cotidiana, ora explodindo em gargalhadas por alguma vitória inesperada nas cartas ou em algum jogo à lareira.

Fechando silenciosamente meu livro e saindo ainda mais silenciosamente, procurei o silêncio dos meus aposentos, onde, sem outros companheiros além do fiel Bulger, entreguei-me à indulgência desenfreada em sonhos acordados sobre a vida em um navio sacudido pela tempestade, desembarques em costas estranhas, negociações com seres curiosos, batalhas com o tufão de rosto selvagem ou corridas com velas bem enroladas e escotilhas fechadas para chegar a um porto seguro antes que os corcéis negros do rei da tempestade pudessem bater seus cascos sobre nossas cabeças.

Minha querida mãe, a graciosa baronesa, fez esforços extraordinários para afastar meu desânimo.

Sabendo do meu gosto por bolo de café, ela não permitia que ninguém o fizesse para mim, exceto ela mesma. E no jantar, ela tomava o cuidado de colocar um professor ou alguma pessoa culta ao meu lado, para que eu não me visse condenado ao silêncio por falta de uma mente brilhante com quem cruzar espadas intelectuais.

Mas tudo foi em vão. Eu ficava cada dia mais taciturno, distraído e mergulhado em meditação. Com os olhos fixos no vazio, eu ficava sentado como alguém com a mente desequilibrada, no meio dos mais alegres e despreocupados. Em vão, a companhia me implorava para contar aventuras passadas, para contar histórias que já haviam sido contadas três vezes. Eu apenas balançava a cabeça com um sorriso triste e fugia das cenas que eram dolorosas para mim.

Bulger sentiu que seu pequeno mestre estava sofrendo e, com um gemido lastimoso, tentou me convencer a revelar a causa da minha tristeza.

Sua alegria foi enorme quando viu meu criado entrar nos meus aposentos, carregando um baú de viagem vazio nos ombros.

Para dizer a verdade, a vida no salão do barão não agradava a Bulger nem um pouco mais do que a mim.

Os cães da casa o incomodavam com suas atenções, e ele costumava se retirar da sala de jantar com uma expressão de total repulsa no rosto quando um dos gatos da família, com o espírito mais amigável, se aproximava e provava um pouco de seu jantar.

Todas as carícias, exceto as minhas, eram desagradáveis para ele; e, embora por minha causa ele permitisse que a graciosa baronesa acariciasse suas orelhas sedosas, qualquer familiaridade por parte do barão mais velho era recusada com firmeza, mas respeitosamente.

No momento em que vi meus baús espalhados pelos aposentos, meu ânimo se elevou. Tornei-me outra pessoa. A cor voltou

às minhas bochechas, o brilho aos meus olhos, o tom de outrora à minha voz.

De boca em boca, espalhou-se a notícia: “O pequeno barão está se preparando para outra viagem!”

Desde o início da manhã até o crepúsculo, ocupei-me em supervisionar a arrumação das minhas caixas. Era um trabalho que fazia com amor.

Nunca nasci para uma vida tranquila sob os azulejos manchados pelo tempo dos salões paternos! Meu coração estava cheio de sangue mais vermelho e quente do que o dos mortais comuns. Meu cérebro nunca dormia. Noite e dia, formas sombrias de homens e coisas, estranhas e curiosas, passavam diante de mim em filas intermináveis.

Certa manhã, enquanto trabalhava com minhas caixas, ouvi uma batida baixa na porta do meu quarto. Bulger, farejando um inimigo, deu um grunhido baixo. Abri a porta. Era o barão mais velho.

“Honrado pai”, exclamei alegremente, “aja como se fosse o senhor aqui! Fique triste, fique alegre; sente-se, fique de pé, beba, coma ou jejue!”

“Pequeno barão”, começou meu pai com voz solene, “imploro-lhe que pare com suas brincadeiras. Quando ouvir o motivo da minha visita, a tristeza expulsará todo vestígio de alegria do seu coração leve”.

“Fale, barão!”

“Você é um filho obediente e amoroso?”, perguntou meu pai, fixando seus olhos escuros e tristes em mim.

“Sou!”

“Muito bem!”, respondeu ele, “então abandona essa intenção de abandonar os teus pais na hora da desgraça. Põe fim a toda essa confusão imprópria e ao teu desejo de sair de debaixo do teto paterno.”

O rosto sombrio e os olhos trêmulos e cheios de lágrimas do velho barão me chocaram. Eu podia sentir o sangue abandonando minhas bochechas, onde, até então, brotava como o brilho de um fruto maduro.

Mas me controlei e, fazendo sinal para que o barão se sentasse, disse com voz calma, embora tremendo apesar de mim mesmo:

“Nobre pai, a ordem é sua; a minha é obedecer! Fale, peço-lhe, e fale claramente — se for preciso, com severidade. Revele os seus pensamentos mais secretos. O que o aflige? O que faz com que essas sombras escuras repousem sobre essa testa calma e lisa?”

“Obrigado, pequeno barão”, foi a resposta do meu pai, “pela sua promessa de obediência. Este é o peso que oprime o meu coração: desde que você assumiu esta vida errante e nômade, privado do seu conselho e da sua cooperação, tenho visto a propriedade ancestral da nossa família caminhar rapidamente para a ruína. No ano passado, nossos inquilinos mal conseguiram colher o suficiente para manter o corpo e a alma juntos. Este ano promete ser ainda pior. A desolação se instala nos vastos acres que outrora foram o orgulho da nossa família! As colheitas falham, a grama murcha, as árvores ficam amarelas! O gado pobre geme por sustento enquanto vagueia pelos pastos secos. Olho para toda essa destruição e ruína, mas sou impotente como um bebê para impedir isso! Fala, meu filho; tu tens o coração, tu podes ser tão cruel a ponto de virar as costas para essas cenas lamentáveis sem levantar a mão para evitar a ruína iminente?”

“Barão!”, interpus suavemente, mas com firmeza, “primeiro os fatos! A eloquência depois! Diga-me, em linguagem clara, a causa de toda essa ruína! O que causou isso? O que devastou nossos belos campos? O que causou essa devastação entre nossos rebanhos? Fale!”

“Eu falarei, pequeno barão, ouve com atenção!”, respondeu meu pai, curvando-se majestosamente.

“Assim como o antigo Egito foi visitado por flagelos e pragas, assim foram nossas terras ancestrais! Nos pastos e campos de grãos, miríades de toupeiras se alimentam das raízes tenras; nas pastagens, enxames de ratos do campo engordam com a erva; nos pomares e viveiros, um número incontável de esquilos terrestres espalham a destruição por toda parte! Esses são os terríveis flagelos que agora devastam nossas propriedades outrora belas, orgulho seu e meu, e inveja de todos os que as contemplam!

“Pequeno barão, sinto, sei que você pode me ajudar; que em algum lugar no vasto armazém da sua mente, repousam planos e dispositivos poderosos o suficiente para restaurar essas vastas terras a toda a sua beleza e produtividade anteriores.”

“Barão!”, foi a minha resposta, “quando foi que me encontraste falhando em meu dever para contigo ou sem poder para te ajudar?”

“Nunca!”, exclamou o barão mais velho com grande ênfase.

“Então, vá até minha gentil mãe, a baronesa, sua consorte, e conforte-a. Diga-lhe para ter coragem! Diga que não irei para o exterior até que essas pragas sejam expulsas de nosso domínio ancestral!”

O barão mais velho levantou-se. Acompanhei-o até a porta, então nos saudamos com dignidade e ele se retirou para levar a alegre mensagem da minha promessa de ajuda à minha mãe aflita.

Sozinho em meus aposentos, um terrível sentimento de decepção tomou conta de mim. Senti que seria inútil continuar meus preparativos para deixar minha casa diante das terríveis desgraças que agora ameaçavam minha família. Pois, como eu raciocinava — e acho que com grande clareza —, o nome de nossa família se reduziria a uma sombra se fôssemos roubados dessas vastas terras de pastagens e prados, florestas e pomares.

Para mim, um nobre sem terras tinha algo de ridículo; e decidi firmemente que salvaria a propriedade ancestral da ruína ou abandonaria para sempre o meu título de barão, como uma joia que perdera o brilho, tal como uma pérola que um camponês impassível destrói por uma refeição!

Naquela noite, não comi nada, para poder deitar-me com a mente tranquila.

Bulger, percebendo isso, concluiu que seu pequeno senhor estava doente e também se recusou a tocar na comida, embora eu tivesse pedido que preparassem seu prato favorito: cristas de galo assadas.

Até meia-noite, fiquei acordado, mergulhado em pensamentos profundos sobre a árdua tarefa que me esperava. Ao bater das doze horas no velho relógio da escada, decidi deixar minha mente resolver o problema sozinha, virei-me e adormeci.

Na manhã seguinte, o barão e a baronesa entraram na sala de café da manhã com o rosto sereno. Cumprimentei-os cordialmente. A conversa foi animada por uma ou duas antigas anedotas do barão, que ele aprimorou para a ocasião com vários novos personagens e um final totalmente novo. Eu ri com vontade, como era meu dever.

Terminado o café da manhã, Bulger e eu saímos para começar o trabalho. Resolvi atacar primeiro as toupeiras.

Livrar-me da praga número um não foi nada difícil para mim, uma vez que comecei a pensar no assunto. Na verdade, posso dizer aqui mesmo que essa tarefa, que me foi atribuída pelo barão mais velho, teria sido impossível se não fosse meu profundo conhecimento da natureza, dos hábitos e das peculiaridades da vida animal. Sempre um estudioso da história natural, eu

havia pouco sobre os inquilinos de quatro patas dos campos que escapasse à minha observação.

Acompanhado por Bulger, armado com um par de pinças curtas de madeira e carregando uma cesta, parti para os campos de grãos.

Bulger estava muito animado, pois já havia decidido que teria diversão pela frente.

Em menos de uma hora, com ele a indicar os seus esconderijos e a desenterrá-los, eu tinha capturado uma centena de toupeiras. Voltando para a cabana do capataz, com a ajuda dele, cortei as unhas das patas dianteiras de cada toupeira, bem perto da carne, e dei ordens para que todas fossem levadas de volta aos campos de grãos e soltas. Voltando minha atenção agora para os ratos do prado, percebi imediatamente que livrar-me da praga número dois seria a tarefa mais difícil de todas.

O leitor irrefletido sem dúvida já gritou em pensamento: "Por que não soltar um bando de gatos nos prados e deixá-los dar conta dessas criaturinhas destrutivas?"

Ah, como é fácil planejar, mas difícil executar! Saiba então, meu amigo inteligente, que os prados estavam molhados e que, apesar de muitas tentativas, os gatos se recusaram terminantemente a entrar neles.

Até mesmo o mais inexperiente em história natural sabe da aversão dos gatos a molhar o pelo e, acima de tudo, a pisar na água. Até mesmo a umidade é desagradável para as patas de um gato, que prefere caminhar um quilômetro a atravessar um pedaço de grama molhada pelo orvalho. No entanto, decidi começar minha operação imediatamente.

Sabendo das mudanças maravilhosas que a fome provoca na natureza de um animal, forçando os carnívoros a se voltarem para as ervas do campo em busca de sustento, eu esperava resultados favoráveis.

Selecionei meia dúzia de gatos jovens e vigorosos das cabanas dos nossos inquilinos e providenciei várias tampas de borracha indiana, usadas para tapar o gargalo das garrafas, a fim de torná-las herméticas. Em seguida, envolvi as patas de cada gato com essas tampas, cortando um orifício em cada uma para permitir que as patas passassem. Queria acostumá-los a essas perneiras antes de cobrir completamente as patas. Meu próximo passo foi submeter os gatos a um jejum de vinte e quatro horas. Depois disso, mandei colocar alguns de seus alimentos favoritos — peixe assado — na outra extremidade de uma sala comprida, cobrindo o espaço intermediário com tapetes de pêlo comprido, que eu havia mergulhado em água.

sala comprida, cobrindo o espaço intermediário com tapetes felpudos, que eu havia mergulhado em água.

Apesar da fome, eles se recusaram terminantemente a atravessar os tapetes molhados.

Avançando até a borda, testaram a condição dos obstáculos que bloqueavam seu avanço em direção à comida saborosa, procurando aqui e ali por um ponto seco; e então recuavam com miados lastimosos, enquanto sacudiam a umidade dos pés.

Puxando as capas de borracha completamente sobre as patas de uma das gatas, coloquei-a sobre o tapete molhado, incentivando-a a permanecer lá, alimentando-a com alguns pedacinhos de peixe. Ao perceber que suas patas não ficavam molhadas, ela consentiu em andar aqui e ali sobre a superfície molhada, a fim de garantir pedacinhos saborosos de comida. Fiz a mesma experiência com as outras gatas, e tudo correu tão bem quanto eu poderia desejar.

No dia seguinte, continuei meu treinamento e, para minha grande alegria, consegui ensinar todos eles, não apenas a não se oporem a ter os pés envoltos nas botas de borracha, mas até mesmo a atravessar mais de dois centímetros de água para conseguir um pedaço particularmente saboroso de comida.

Agora eu estava pronto para fazer um teste prático com meus caçadores treinados.

No dia anterior ao teste, eles foram novamente submetidos a um jejum prolongado.

Devo confessar francamente que meu coração batia bastante nervosamente quando, com o supervisor e dois outros assistentes, parti para as terras baixas, carregando os caçadores treinados — já calçados com suas botas de borracha — em três cestas.

Avançamos cautelosamente pelo prado, mas, no que dizia respeito aos ratos, nossa cautela era inútil, pois eles corriam sob nossos pés.

Enquanto eu ficava olhando para a longa extensão de prados devastados, outrora famosos por sua grama espessa e aveludada, lágrimas se acumularam em meus olhos e minha voz se embargou. Agora ou nunca, pensei, deve-se tentar salvar esses belos campos da ruína total. Com um aceno de mão, meus assistentes se abaixaram e soltaram os gatos um pouco assustados. No entanto, eles não demoraram muito para recuperar a compostura e se preparar para o trabalho.

A fome aguda é um excelente tempero! Enquanto os seis monstros saltavam entre aquelas tropas de pequenas criaturas — que até aquele momento mordiscavam, brincavam ou provocavam

uns aos outros, sem pensar em causar dano ou perigo —, a mais selvagem consternação tomou conta deles.

Não apenas perto de nós, mas até onde a vista alcançava, o pânico e a desordem se espalharam entre esses seres até então pacíficos. Aqueles que buscavam segurança em seus buracos eram empurrados para trás por outros que corriam freneticamente para o ar livre.

Os gatos continuaram seu trabalho como fúrias vingativas. Matavam pelo simples prazer de matar, passando como uma rajada mortal aqui e ali pelos prados.

Depois que o trabalho de destruição continuou por meia hora, ordenei que os seis treinados fossem levados de volta para seus quartéis, pois eu era um general bom demais para deixar minhas tropas saciarem-se de saques e pilhagens.

No dia seguinte, outro ataque foi feito contra o inimigo. Os seis treinados, se possível, espalharam a morte à direita e à esquerda com mais fúria do que na primeira vez. Os terrenos alagados não lhes causavam mais medo. Eles chapinhavam nas poças como meninos travessos em riachos e lagoas à beira da estrada.

Então, pensei em voltar minha atenção para os esquilos terrestres. Meu primeiro passo foi mandar buscar na cidade vários sacos dos menores bolinhas de gude que pudessem ser comprados. Então, com a ajuda do meu sempre fiel e amoroso amigo e ajudante — meu querido e mudo irmão Bulger —, localizei o paradeiro de várias centenas de tocas de esquilos terrestres e dei ordens para que meia dúzia ou mais das bolinhas fossem jogadas em cada uma dessas tocas.

Concluídos esses trabalhos, retirei-me para meus aposentos e dediquei-me a diversionar-me de várias maneiras, enquanto aguardava um relatório do supervisor.

Muitos dos inquilinos que tinham assistido às minhas operações contra as toupeiras, ratos do campo e esquilos terrestres, aventuraram-se mesmo a denunciá-las abertamente como “caprichos selvagens”, “ideias de um sonhador” e “trabalhos tolos de uma mente doente”.

Pobres criaturas! Tinham perdido tudo. Tinham visto o trabalho de longos e cansativos meses arruinado por essas pragas. Estavam amargurados e céticos. Não tive coragem de prestar atenção às suas observações um tanto impertinentes. Enquanto aguardava os desdobramentos, mergulhei nas delícias de alguns contos de um viajante audacioso, escritos na antiga língua assíria, em letras cuneiformes.

Três dias se passaram e nenhuma notícia do superintendente!

Mais dois, completando cinco dias inteiros!

No sexto dia, nada aconteceu.

Finalmente, ao amanhecer do sétimo dia, fui acordado por gritos altos e prolongados sob minhas janelas. Saltando da cama e abrindo as cortinas, fiquei surpreso ao ver longas filas de nossos inquilinos, homens, mulheres e crianças carregando bandeiras, coroas, guirlandas, etc.

Um grupo de crianças carregava varas longas e finas, nas pontas das quais pendiam toupeiras mortas, ratos do campo e esquilos terrestres.

No momento em que me apresentei à janela, houve uma explosão de gritos tão forte que as janelas tremeram. Uma batida na minha porta chamou-me noutra direção. Era o barão mais velho!

"Depressa, pequeno barão!", gritou ele ansiosamente, "desça para a plataforma do castelo, o povo está fora de si de alegria! Consegues ouvir os gritos deles? Não há uma toupeira, nem um rato, nem um esquilo vivo nos vastos hectares da tua propriedade. Digo "tua" porque é justamente tua! Tu salvaste-a da ruína total. Daqui em diante, durante os poucos anos que a bondosa Providência quiser que eu permaneça contigo, que seja como teu convidado."

"Não, não, barão!", respondi rindo, "isso não pode ser! Até que durmas com os nobres mortos de nossa longa e honrada linhagem, tu és o senhor aqui!"

Pressionei sua mão reverentemente contra meus lábios e o enviei para conversar com o povo até que eu estivesse pronto para tomar meu lugar ao seu lado.

Posso imaginar como o leitor está impaciente para saber mais sobre como livrei a propriedade dos meus antepassados dessas pragas nocivas. Quanto aos ratos do campo, não há necessidade de explicação, mas o desaparecimento das toupeiras e dos esquilos parece um pouco misterioso.

Muito bem. Vou esclarecer! Caro leitor, se tivesse estudado a natureza e os hábitos destes animais tão atentamente como eu, teria feito o mesmo. Você deve saber, então, que o corpo da toupeira tem aproximadamente a mesma relação com suas patas dianteiras que uma caldeira tem com um motor a vapor, que é admiravelmente ajustado em todas as suas partes, funcionando suavemente e sem ruído, como u m a coisa viva — polido e bonito em todos os seus detalhes

e montada com tanta habilidade que nenhum pensamento humano poderia melhorá-la. Ou seja, a única coisa maravilhosa em uma toupeira é sua mão.

Isso é um deleite para um estudante de história natural.

Passei horas sentado estudando a forma maravilhosa dessa mão. E por mais estranho que possa parecer para você, ninguém sabe melhor do que a própria toupeira que é aí que reside sua força de vida.

Lembre-se de que eu mandei cortar as unhas das patas dianteiras das cem toupeiras, bem perto da carne, e depois as soltei. Em outras palavras, sem destruir completamente suas mãos maravilhosas, destruí completamente sua utilidade.

Agora, outra coisa que você deve aprender é que, nas comunidades agitadas desses pequenos animais, não há preguiçosos. Todos devem trabalhar. Apenas uma coisa os impede de usar as mãos.

Isso é a morte. Quando uma toupeira vê seu companheiro parar de trabalhar, ela sabe o que aconteceu.

Quando os cem prisioneiros voltaram para suas tocas, havia alegria misturada com terror!

Quem seria o próximo?

Mas, quando chegou o momento de se alinharem e começarem a trabalhar, houve consternação!

O quê! Vivos e incapazes de cavar?

Imediatamente, o pânico mais selvagem toma conta da comunidade. Eles abandonam suas casas! Com pressa frenética, cavam novas tocas em todas as direções, deixando seus companheiros infelizes para trás para uma morte lenta — literalmente enterrados vivos. Semanas, meses se passarão antes que eles se recuperem desse medo selvagem. Então, eles estarão a quilômetros de distância.

E os esquilos terrestres, você pergunta. O esquilo terrestre é tão vaidoso, curioso, persistente e teimoso quanto tem dentes fortes. Se soubesse que o mundo era redondo, diria que era simplesmente uma noz enorme e desejaria ser grande o suficiente para chegar ao seu miolo.

Quando as bolinhas de gude começaram a rolar pela sua toca, ele ficou contente. Eram tão lisas, tão redondas! Ele as rolava para cá e para lá, contente como uma criança com um brinquedo novo. Depois, guardou-as para se divertir noutro dia. Em pouco tempo, começou a cansar-se delas. Elas estavam

atrapalhavam muito. Elas o irritavam profundamente. No entanto, ele não suportava a ideia de se separar delas. Finalmente, a pergunta surgiu em sua mente: afinal, o que são elas? Certamente devem ter um miolo! E assim ele começou a roê-las. Elas eram terrivelmente duras, mas ele estava determinado a chegar ao miolo. Dia após dia, ele continuou com a tarefa ingrata, roendo, roendo, até que, numa bela manhã, acordou e fez a terrível descoberta de que seus dentes haviam desaparecido!

Bem, pode-se dizer que um esquilo terrestre tem quatro dentes e nada mais. Sem eles, não há como manter o resto do corpo vivo.

É verdade que ele pode, após um trabalho infinito, lutar para atravessar uma casca de noz, mas é um trabalho muito lento para manter suas forças. Cada noz se torna uma tarefa mais difícil.

E assim foi com a vasta colônia em nossos pomares. Nos primeiros dias, um bom número apareceu como de costume. Depois, cada vez menos saíam de seus buracos, pareciam magros e fracos e não demonstravam vontade de brincar e tagarelar. No final da semana, o trabalho estava feito. Eles haviam causado sua própria destruição. Toda a colônia havia perecido de fome.

Assim, restaurei as belas terras da nossa família à sua antiga produtividade e removi todos os obstáculos que se interpunham entre mim e a minha partida imediata de casa.

Em poucos dias, tudo estava pronto.

O velho barão e a graciosa baronesa, minha mãe, despediram-se de mim com uma chuva suave de lágrimas e uma refrescante chuva de bênçãos. Acompanhado pelo meu irmão mudo — o sempre fiel Bulger — e um servo de confiança, parti em uma viagem extra para Viena.

De lá, a toda velocidade, viajei para Buda-Pesth e cheguei ao Mar Negro via Bucareste.

Atravessando aquele corpo de água em uma embarcação veloz, comandada por um velho capitão meu, contornei o sopé das montanhas do Cáucaso e segui para Teerã.

Lá, permaneci vários dias, tempo suficiente para comprar alguns camelos e cavalos e me juntar a uma caravana, que logo partiria daquela cidade em uma expedição comercial.

O proprietário da empresa comercial renovou suas boas-vindas em termos mais calorosos quando foi informado de que eu havia trazido uma bela coleção de bugigangas europeias comigo.

Para garantir sua boa vontade — por assim dizer —, dei-lhe um par de pistolas alemãs de boa qualidade.

Agora éramos amigos jurados.

Permaneci com a expedição até chegar a Cabul. O proprietário ficou surpreso ao saber que eu não pretendia voltar para o oeste com ele. Depois de um dia inteiro de eloquentes súplicas, ele cedeu, caiu em meu pescoço, chorou e me desejou boa sorte.

Fiquei feliz por me livrar dele, pois não estava com disposição para fazer amizade com homens cujas almas nunca se elevavam acima de uma barganha. Acompanhado apenas pelo meu fiel Bulger e um único guia, parti de Cabul, atravessei o norte do Hindustão e entrei no Tibete, ao norte do Himalaia.

Esta era a terra com que eu sonhava há muito tempo — uma terra absolutamente desconhecida do mundo exterior.

Nunca tive qualquer inclinação para seguir caminhos batidos. Por natureza e educação, amante do estranho e do maravilhoso, a minha alma expandia-se sob os céus desta terra longínqua e curiosa, como uma flor sob a luz do sol de uma manhã quente de maio.

Mal tinha penetrado mais de uma dúzia de léguas neste território selvagem e intocado, quando fiz a surpreendente descoberta de que a luz do sol estava obscurecida durante todo o dia; enquanto o céu, à noite, era inundado por uma luz suave e misteriosa, bastante brilhante para me permitir ler as letras mais pequenas com perfeita facilidade. Por outras palavras, a ordem natural das coisas estava exatamente invertida. Então, eu — sempre rápido em me adaptar às circunstâncias — aproveitei os dias escuros para descansar e dormir, e continuei minha jornada à noite.

Certa manhã, porém, o mistério foi esclarecido. As nuvens impenetráveis, que velavam os céus como um manto fúnebre, de repente desceram em direção à terra; e, para meu espanto quase indescritível, descobri que essa manta de escuridão era composta por criaturas vivas — gigantescos vaga-lumes, tão grandes quanto nossos morcegos comuns e muito mais negros, tanto no corpo quanto nas asas.

Quando a noite chegou, esse tecido vivo se transformou em um manto de brilho cintilante, cobrindo os céus como uma vestimenta de lantejoulas de ouro polido, sobre a qual uma explosão de luz suave, como se proveniente de dez mil velas de cera, caía em um brilho deslumbrante. Era algo digno de se ver e morrer.

para. A mente assustada de Bulger fez com que ele olhasse para cima, meio com medo, meio maravilhado com esse fogo misterioso, que envolvia tudo em suas chamas, mas não consumia nada. Eu só tinha um pensamento. Era capturar vários desses enormes vaga-lumes. Noite após noite, esperei pacientemente por uma oportunidade.

Finalmente, ela surgiu.

Eu estava preparando café e estava de costas. De repente, fui assustado por um grito lastimável, meio gemido, meio latido, do pobre Bulger. Um aglomerado dessas estrelas vivas havia caído aos seus pés. Mais rápido do que o pensamento, saltei para a frente e joguei meu cobertor sobre elas. Então, com o maior cuidado, transferi-as para uma das minhas cestas de vime.

Bulger, ao ver essa cesta em chamas e não sentir calor, ficou dolorosamente perplexo. Ele andava em círculos ao redor da gaiola improvisada, mantendo uma distância segura, porém, ora cheirando o ar, ora olhando para mim com um olhar suplicante — como se dissesse:

"Querido pequeno mestre, explique-me isso! Por que não queima?"

Para minha grande decepção, os três prisioneiros morreram após alguns dias de cativeiro, mas não sem antes porem vários ovos — do tamanho de ovos de tordo — que guardei com muito cuidado nas minhas caixas de espécimes.

Posso dizer, aqui mesmo, que, ao voltar para casa, submeti esses ovos a um calor suave e fiquei encantado ao ver emergir de cada um deles uma larva do tamanho de um cano de cachimbo; mas, para minha alegria — e para o terror absoluto de Bulger —, essa coisa parecida com um cano de cachimbo, em vinte e quatro horas, tornou-se tão grande e redonda quanto uma salsicha de Frankfurt.

Com o tempo, elas passaram para o estado de crisálida. Mas essa morte aparente parecia ter se tornado real.

Semanas se passaram e não havia sinais de metamorfose. Fiquei

cruelmente desapontado.

No entanto, assuntos mais importantes surgiram para ocupar meus pensamentos. Os vaga-lumes adormecidos do Oriente foram completamente esquecidos quando, certa noite, as criadas da mansão, com rostos pálidos e gritos lancinantes, literalmente caíram de cabeça pela escadaria principal.

Felizmente, eu estava sentado no primeiro terraço do parque. Com um salto, cheguei ao corredor, peguei duas armas de fogo na parede e

me joguei na frente do grupo de mulheres que gritavam descontroladamente, pedindo silêncio em voz alta.

“Foi cometido algum assassinato?”, gritei. “Há uma revolta entre os inquilinos? Foi derramado sangue?”

“Não! Não! Pequeno barão!”, exclamaram elas, com olhos selvagens e mãos entrelaçadas, “mas o castelo está pegando fogo! Seus aposentos estão em chamas! Seus tesouros serão consumidos! Rápido! Pequeno barão, salve-os! Salve-nos! Salve a graciosa senhora e o venerável mestre!”

Mais rápido do que se pode contar, agarrei a corda do sino de alarme e comecei a tocá-lo.

Os servos responderam com entusiasmo. Uma vintena deles irrompeu no corredor, prontos para receber ordens.

“Peguem os baldes de água, rapazes!”, gritei calmamente, mas com um tom de dignidade suficiente para inspirar confiança total.

“Colocem escadas nas janelas dos meus aposentos.”

A essa altura, outro grupo de inquilinos chegou correndo ao local. Encontrei-os com a ordem de despendurar os retratos da sala de jantar do barão e guardá-los em um lugar seguro. Então, depois de dizer algumas palavras de conforto à graciosa baronesa, minha mãe, peguei um balde de água e conduzi a fila pela escada. Colocando o ombro contra a porta dos meus aposentos, arrombei-a e, com a cabeça baixa diante da luz que irrompeu, seguido pelos carregadores de baldes.

“Parem!”, gritei.

Era tarde demais! Algumas das minhas melhores tapeçarias e tapetes foram estragados por meia dúzia de baldes de água despejados sobre eles.

O mistério estava resolvido! O clarão que inundava meus aposentos provinha das enormes vaga-lumes que haviam eclodido sem que eu percebesse. Mas não me arrependi de ter perdido minhas cortinas.

Ali estava minha recompensa, presa às paredes.

Não preciso dizer que os vaga-lumes gigantes foram a maravilha do dia e, por mais breve que tenha sido, bastou para cobrir meu nome com uma glória tão resplandecente quanto o fogo misterioso deles.

O PEQUENO BARÃO LENDO À LUZ
DOS VAGALÊNTE GIGANTES.

Mandei construir um enorme candelabro com um requintado padrão oriental e, depois de colocar os porta-velas sob sua cúpula de vidro polido, passei várias noites na mais perfeita felicidade, sentado à sua luz suave e branca, debruçado sobre volumes empoeirados de livros de viagem, escritos em línguas há muito esquecidas, exceto por alguns dos mais eruditos estudiosos. Mas meu deleite durou pouco. Os gigantescos vaga-lumes recusavam-se terminantemente a comer qualquer coisa, apesar de eu os tentar com uma centena de alimentos diferentes. Pouco a pouco, a sua misteriosa chama perdeu o seu brilho intenso, ardendo cada vez menos até se extinguir.

Retomando o fio da minha história:

Eu estava ficando impaciente para chegar às mesetas do Himalaia e exigi ao máximo a resistência do meu guia.

Em nossos acampamentos, às vezes ele envolvia meus tornozelos delgados com o polegar e o indicador e exclamava: “Todos os deuses ajudaram a criar você, pequeno barão!”, querendo dizer que havia uma grande força de vontade e resistência em meu pequeno corpo.

O céu agora estava limpo. O manto mortal recuou em direção ao horizonte e nada restava para contar da poderosa inundação de luz que tão recentemente inundara os céus, exceto um fraco raio de fogo no céu distante a oeste.

Logo se apagou completamente. Até então, nossa jornada tinha sido por uma região aberta, com aqui e ali um aglomerado de árvores que, por fim, se tornaram tão frequentes que tive certeza de que estávamos nos aproximando dos limites de uma extensa floresta.

Eu não estava enganado.

Ao chegarmos ao topo de uma cadeia de colinas, pude ver ao longe uma longa linha escura de florestas. Meu guia, que havia seguido em frente em busca de água, voltou galopando descontroladamente.

Não prestei muita atenção nele, até perceber que ele havia desmontado com pressa e corria em minha direção.

“Volte! Volte! Pequeno mestre!”, exclamou ele, jogando-se aos meus pés e agarrando minhas pernas com os braços!

“Não entre em Palin-mâ-Talin! (Lar das Trevas.) Cem peregrinos jazem em ossos nas profundezas cobertas de musgo da Grande Floresta Sombria! É tão intransitável quanto o oceano! É tão silenciosa quanto a morte. É tão infinita quanto os céus! Nem homem nem animal podem respirar seu ar frio e úmido e sobreviver! Volte! Eu imploro, pequeno barão; não tente o Palin-mâ-Talin!”

“Palin-mâ-Talin! Palin-mâ-Talin!”, repeti, como se acordasse de um sonho, “mas deve ser — sim, não há dúvida — a Grande Floresta Ariana, onde, há incontáveis séculos, a raça humana, tendo abandonado suas cavernas nas margens argilosas, aprendeu pela primeira vez a caçar animais selvagens, alimentar-se de sua carne e vestir-se com suas peles”.

Na minha alegria por essa descoberta, joguei um punhado de moedas de ouro no colo do meu guia atônito.

Bulger, sempre pronto para compartilhar minha felicidade, veio pulando ao meu lado, latindo alto e estridentemente. Para minha infinita surpresa, o latido de um cão veio flutuando na brisa da manhã.

“Escute!”, exclamei, num sussurro. Desta vez, era inconfundível.

“É um dos cães de Benè-agâ!”, respondeu meu guia. “Venha, pequeno mestre, deixe-me levá-lo à caverna dele. Fica bem na sombra do

Grande Floresta Sombria. Ele pode falar-te dos seus perigos, pois já a atravessou!”

“E voltou são e salvo?”, perguntei.

“Enquanto viver, ele ficará sentado na escuridão de Palin-mâ-Talin!”, murmurou o homem.

“O que você quer dizer?”, gritei.

“Quero dizer que o sol do meio-dia não consegue afastar as sombras de seus olhos.” “Ele é cego?”

“Sim, pequeno mestre, cego!”, respondeu o guia, “e, no entanto, além desse eremita cego, não existe nenhum ser humano que possa guiá-lo em segurança pela Grande Floresta Sombria!”

“Pare com suas brincadeiras!”, gritei.

“Não, pequeno mestre!”, respondeu o homem. “Falo com toda a verdade e reverência, pois Benè-agâ é um homem santo, e nele habita um espírito tão radiante que seu caminho é iluminado e seus passos são seguros quando outros homens caminhariam para a destruição!”

“Oh, leve-me até ele!”, exclamei com alegria mal disfarçada. “Mil moedas de ouro serão suas se o eremita cego concordar em ser meu guia.”

“Mil moedas de ouro!”, repetiu o guia com um brilho nos olhos escuros. “Ah, pequeno barão, ninguém pode ganhar essa recompensa principesca, exceto você mesmo! Quem sou eu, pobre, miserável e ignorante escravo, para tentar convencer esse homem santo e erudito em seu favor? Ele daria mais atenção ao latido de um de seus cães do que à minha tagarelice!”

“Ele é tão diferente dos seus semelhantes”, perguntei, enquanto cavalgávamos lentamente, “que não ama o ouro?”

“Sim, pequeno barão! Se cada folha seca no caminho da floresta fosse uma moeda de ouro polido, ele não se abaixaria para pegar uma!”

“Seus ouvidos estão fechados à bajulação?”

“Tão fechadas quanto seus olhos aos raios do sol.” “Ele não gosta de pratos saborosos?”

“Frutas e bagas o satisfazem!”

“Certamente um gole de um vinho raro e velho, amadurecido com o tempo, perfumado como rosas esmagadas, roxo dentro do cálice, aqueceria seu coração para bater mais rápido

e o levaria a servir-me!”

“Não, não, pequeno barão! Uma cabaça cheia de água do riacho cristalino perto de sua casa nas rochas é mais doce para ele do que qualquer néctar já destilado pelas mãos do homem!”

“Dizem que ele é culto! Então, meu presente será uma coleção de livros raros e antigos, pergaminhos inestimáveis cheios de pensamentos tão nobres, tão profundos, tão sutis, que lê-los significa viver mil anos em um!”

“Ah, pequeno mestre”, respondeu meu guia, com um sorriso triste, “você ainda está perdido. Este morador entre as rochas, este amante da solidão, cuja vida, dizem, dura trezentos anos, não conhece outros livros além das páginas de sua própria alma! Nelas ele voltou seus pensamentos por tanto tempo e com tanta diligência, que as tolas divagações dos chamados autores parecem-lhe meras tagarelices infantis.”

“Mas olhe, pequeno mestre, estamos nos aproximando da casa do eremita cego.”

Voltei os olhos na direção indicada.

Uma saliência rochosa, selvagem, escarpada, irregular, sulcada e retorcida, coroada por um pinhal com troncos e galhos nodosos, retorcidos e de formas fantásticas, bloqueava nossa visão. Ao nos aproximarmos da entrada da caverna de Benè-agâ, uma matilha de cães de várias idades e raças veio correndo em nossa direção, latindo alto.

Bulger avançou corajosamente para encontrá-los, depois de primeiro olhar para o meu rosto para ver se eu me opunha ou não.

Fazia muito tempo que ele não encontrava nenhum membro de sua raça e, além disso, sem dúvida desejava dar uma boa olhada nesses habitantes de uma terra tão distante.

O sentimento parecia ser mútuo, pois, em um instante, os latidos cessaram e os cães do eremita se reuniram em torno de Bulger em silêncio e admiração.

Após uma série de saudações, que terminaram claramente na melhor das companhias, os cães do eremita tentaram atrair Bulger para uma corrida pela floresta e pelos campos, mas, nem preciso dizer, não tiveram sucesso algum. Bulger deixou bem claro que conversaria com eles e até brincaria, mas que tudo deveria ser feito sob os olhos de seu mestre.

Paramos e desmontamos.

“Este é o lugar”, disse meu guia em voz baixa. “Através daquela profunda fenda nas rochas, você encontrará um caminho que leva à caverna de Benè-agâ. Entre com coragem, pequeno mestre. Na entrada da caverna, você encontrará uma cabaça seca pendurada na parede rochosa. Pegue-a! Quando sacudida, suas sementes emitirão um som alto e estridente. Feito isso, não se mova, mesmo que as sombras da noite o encontrem ainda parado na porta da caverna de Benè-agâ. Adeus, pequeno mestre; que o céu lhe retribua em dez vezes a sua bondade para comigo! Esperarei por você três dias. Se até lá eu não ouvir sua voz me chamando para servi-lo novamente, voltarei para minha família!”

Avançando até a fenda na parede rochosa, encontrei a cabaça pendurada por uma tira de couro.

O barulho alto das sementes, ao quebrar o silêncio profundo daquele lugar selvagem e solitário — um vestíbulo adequado para um templo dedicado ao silêncio, à solidão e à meditação —, me assustou dolorosamente.

Devolvendo a cabaça ao seu lugar, inclinei-me para captar o mais leve som da voz do eremita que pudesse chegar aos meus ouvidos.

Não veio.

O silêncio tornou-se mais opressivo do que antes.

As rochas quebradas e retorcidas, pendentes e ao meu redor, assumiram formas fantásticas.

Em cada cavidade escura, eu via alguma criatura deformada se movendo.

Uma sensação terrível de solidão tomou conta de mim.

Nenhum som se ouvia, exceto o forte bater do meu coração.

Meia hora se passou!

Benè-agâ não disse uma palavra.

“Talvez ele esteja dormindo!”, sussurrei para mim mesmo.

Minhas palavras despertaram os ecos dos recantos rochosos, e a palavra “dorme” voltou aos meus ouvidos em centenas de tons diferentes, ora altos e sibilantes, ora suaves e sibilantes.

Finalmente, uma hora inteira se passou desde que eu sacudi as sementes da cabaça seca, e ainda assim o eremita cego não disse uma palavra.

Mais uma vez, um silêncio mortal tomou conta do lugar, e as sombras que se acumulavam ficaram cada vez mais densas.

Será que o guia me enganou? Perguntei a mim mesmo.

Não, isso não pode ser!

Mas então por que não se ouve nenhum som vindo da caverna de Benè-agâ?

Devo chamá-lo mais uma vez? Será que ele saiu para buscar comida?

Estaria eu condenado a voltar atrás quando estava tão perto de alcançar o meu desejo tão almejado?

Essas e outras centenas de perguntas passavam pela minha cabeça enquanto eu permanecia no corredor escuro e sombrio que levava à caverna de Benè-agâ.

Pelas sombras na parede rochosa, pude ver que já estava ali há pelo menos duas horas, esperando que me chamassem para me aproximar.

Mas silêncio!

Ele finalmente fala!

Meu coração saltou de alegria, mas ao mesmo tempo senti como se tivesse um peso de chumbo sobre ele. "Quem é que perturba minha meditação?", foram as palavras do eremita.

"Um estranho! Um irmão! Alguém que precisa da sua orientação!", respondi em tom firme, mas humilde.

"Nenhum ser humano é estranho para mim! Tu és muito jovem para ser meu irmão! A luz que me resta brilha apenas para os meus próprios pés!", disse lentamente o eremita, com uma voz plena, profunda e rica.

"É verdade, grande mestre", respondi, "mas então, não posso ser teu filho e seguir os teus passos?"

"És muito sábio para a tua idade", disse Benè-agâ.

"Não tão sábio, grande mestre", foi minha resposta, "quanto serei quando me sentar aos teus pés".

"Aproxima-te um pouco mais; a tua voz infantil soa como um eco", continuou o eremita cego. "E, no entanto, não és uma criança! Algum grande espírito brinca de forma divertida por trás do teu rosto! Vejo que tens olhos azuis e cabelos louros. Os teus olhos estão bem separados e, acima deles, ergue-se uma cúpula de pensamentos. A tua casa é na terra dos nórdicos. Pelo menos os teus pais moravam lá. Nas tuas bochechas brilha o vermelho que, na terra dos pêssegos e das maçãs, mancha as folhas de outono!"

Como eu ainda nem havia entrado na caverna de Benè-agâ, essas palavras do eremita cego causaram uma sensação estranha, metade medo, metade fascínio assustador, a percorrer meu corpo.

Meu coração batia violentamente.

Seu ouvido, muito mais apurado do que o das aves ou dos animais, captou o som.

“Não temas, pequenino!”, disse ele, em tons profundos e ricos, cheios e vibrantes como a voz de tubos de órgão, “se te contentas com um punhado de bagas quando tens fome, com um gole da ribeira vizinha quando tens sede; se os teus membros jovens são fortes o suficiente para arrancar repouso de um leito rochoso, então és bem-vindo! Se não, segue o teu caminho! Há vinte anos que estou ocupado com um certo problema e não tenho tempo para parar e preparar uma refeição mais farta!”

“Mas tempra tua frugal refeição com tua sabedoria, grande mestre”, respondi, “e ela será mais doce ao meu paladar do que o boi alimentado no estábulo e o vinho maduro”.

“Aproxima-te um pouco mais, pequeno viajante, para que eu possa ver-te melhor!”, disse o eremita cego, com bondade e gentileza.

Não esperei por mais convites, mas entrei corajosamente na caverna de Benè-agâ.

Na verdade, era pouco mais do que uma fenda elevada nas rochas, com vários recantos mais profundos, onde as sombras repousavam imperturbáveis. O teto, feito de pedras irregulares, quebradas e enegrecidas, era arqueado e alto. Dentro e ao redor dela, bandos de pequenos pássaros parecidos com andorinhas faziam ninhos e, às vezes, irrompiam em gorjeios musicais. Por mais árido, sombrio e totalmente desolado que fosse o lugar, sem cadeira, esteira, cama ou cobertor, todo pensamento sobre sua terrível solidão e ambiente abjeto desapareceu da minha mente quando fixei os olhos em seu ocupante.

Quando entrei na caverna de Benè-agâ, ele levantou-se lentamente do seu banco de pedra e ficou de pé diante de mim. De constituição robusta, alto e majestoso, com longos cabelos brancos como a neve e barba branca como a neve, ele se erguia como uma estátua de mármore de Paros no crepúsculo sombrio, ao qual, no entanto, meus olhos já se haviam acostumado.

Eu o contemplava, meio com medo, meio encantada.

Eu podia sentir minha respiração acelerar cada vez mais, enquanto fixava meu olhar em seu rosto maravilhoso, tão cheio de amor, paciência, coragem e satisfação.

Se ele tivesse voltado os olhos para mim, eu nunca teria acreditado que ele era cego, pois eram claros, cheios e brilhantes. No entanto, ao olhar novamente, percebi que seu brilho era como o brilho de uma gema polida, que não tem a suavidade dos olhos vivos e sensíveis.

Benè-agâ estava vestido com uma roupa rude de peles secas, das quais o cabelo tinha sido habilmente raspado. Jogados para trás de sua testa larga e maciça, seus cabelos brancos caíam em cachos pesados sobre seus ombros largos, enquanto sua barba maravilhosa, tão branca e brilhante como vidro fiado — duas vezes entrelaçada em torno de seu corpo — se agarrava como uma coroa de neve enrolada em um carvalho robusto pelo vento forte.

BENÈ-AGÂ, O GUIA CEGO.

Assim, como um poderoso filho da terra, ele se erguia, rude, mas nobre; inculto, mas erudito, humano, mas divino, de modo que fiquei paralisado. Minha língua esqueceu seus truques de fala. Senti que me transformaria em pedra se ele não falasse comigo.

Enquanto permanecia assim, sem palavras, privado da força para mover um membro, Bulger quebrou o feitiço!

Aos pés de Benè-agâ jazia um cão doente, enfermo pela idade e não pela doença; cego como seu dono, com a cabeça apoiada em algumas folhas secas e macias — a única semelhança com uma cama na caverna do eremita.

O olhar de Bulger recaiu sobre aquele espetáculo lamentável. Com passos cautelosos, pescoço esticado e olhos bem abertos, ele se aproximou de seu irmão doente, cheirou-o, lambeu seu rosto e orelhas, choramingou lastimosamente e então fixou um olhar suplicante em mim, como se perguntasse: “Querido pequeno mestre, você não pode fazer nada para ajudar meu pobre irmão doente? Você não pode curá-lo, para que eu possa levá-lo para brincar ao sol quente?”

Benè-agâ disse: “Vejo que não estás sozinho, pequeno viajante, trouxeste um companheiro contigo. Ele é bem-vindo. Sua ternura e simpatia levarão alegria e felicidade ao coração do meu amigo sofredor, cuja cabeça eu apoiei sobre a grama macia! Eu também amo cães! Vês que eles são meus únicos companheiros. O amor deles é menos exigente do que o amor humano

. Eles não exigem promessas nem compromissos. Eles compreendem meu silêncio, leem meus pensamentos e ficam contentes!”

“Mas venha! Pequeno viajante, o tempo está passando. Fale! O que o traz à caverna de Benè-agâ? Se for por mera curiosidade, vá embora! Mas se você busca conselho, se você veio com intenção honesta de pedir meu conselho sobre algum assunto difícil, estou pronto para servi-lo!”

“Agradeço-lhe, grande mestre!”, respondi humildemente. “Saiba então que eu atravessaria a Grande Floresta Sombria e que chegou aos meus ouvidos que só tu, entre todos os seres humanos, podes guiar-me através de suas sombras eternas, proteger-me de seus vapores venenosos e impedir que eu siga minhas próprias pegadas em círculos cada vez maiores, até que a própria razão sinta o feitiço temível daquela vasta selva sem trilhas e sem caminhos!”

“É verdade!”, respondeu Benè-agâ em tom profundo e triste. “Posso prestar o serviço que me pedes! Mas, ó meu filho, deves saber que um voto sagrado me mantém preso em seu poder misterioso, que não devo conduzir nenhum ser humano por aquela floresta sem trilhas, a não ser sob certas condições!”

“Diga-as, grande mestre!”, exclamei.

“Aquele que pedir este serviço”, continuou Benè-agâ, “deverá permanecer trinta dias e trinta noites comigo em minha casa rochosa, para se acostumar ao fardo da terrível escuridão e do silêncio; durante todo esse tempo, não deverá provar nenhum alimento além das bagas das quais eu me alimento; não deverá saciar sua sede com nada além do que eu lhe trouxer do riacho vizinho e deverá dormir sobre a rocha nua, assim como eu! Pense bem! O aprendizado é severo. Não considere desonroso nem fraqueza recuar diante de uma tarefa tão difícil! Pense bem antes de responder. Vou retomar minhas meditações por uma hora e depois lhe farei a mesma pergunta!”

“Que assim seja, grande mestre!”, respondi; e os olhos cegos de Benè-agâ pareciam voltar-se para a forma encolhida do cão moribundo.

O silêncio encheu a caverna, e o crepúsculo fraco lutava contra a escuridão que se aproximava. Meus pensamentos voltaram-se para casa! Eu podia ouvir a voz gentil da baronesa, minha mãe. As janelas do castelo estavam iluminadas, e as altas tílias exalavam um perfume rico de seus galhos floridos. Tudo parecia tão doce e pacífico. A voz da minha mãe chegou até mim — eu ouvi cada palavra: “Prepare a refeição do meu filho!”, disse ela em tom suave e gentil. “Veja se os pratos favoritos dele estão quentes. Escolha apenas os melhores vinhos para ele e cuide para que a cama esteja macia e nivelada e o travesseiro, macio!” Eu respirava com dificuldade enquanto essas palavras ressoavam em meus ouvidos.

Levantei-me de um salto. Apesar de mim mesmo, dei um passo em direção à entrada da caverna de Benè-agâ, onde os últimos raios do sol poente banhavam de ouro as rochas irradas, irregulares e quebradas.

“Bem, meu filho!”, disse o eremita cego. “Ainda estás decidido?” “Sim,

grande mestre!”, gritei, voltando-me e aproximando-me dele.

“Não temas! Embora fraco de corpo, nasci com a força do aço nos membros e a força de vontade de vinte homens comuns.”

“Conduza-me! Eu o seguirei.”

Um sorriso tênue se espalhou pelo rosto nobre do eremita cego, enquanto ele respondia:

“Ainda não te contei tudo, meu filho! Até passarmos por estas paredes de pedra e chegarmos ao ar livre, não deves dizer uma palavra em voz alta. Nem mesmo sussurrando. Colocarei tua comida e bebida diante de ti, e isso”, continuou ele, apontando para uma saliência na rocha, “será tua cama! Em sua superfície nua, descansa teus membros quando a natureza te mandar dormir. Ainda estás decidido?”

“Sim, grande mestre!”, respondi com voz alta e animada, “farei o que me ordenares!”

“Está bem!”, disse Benè-agâ. “Gosto da tua alma corajosa e firme! Mas não me consideres insensível por condenar-te a esta escuridão e silêncio! Atenua a amargura do teu destino entregando-te a uma meditação profunda e sincera durante as poucas horas que isso durará. Esquece o chamado mundo — uma bolha que estoura quando pensas em agarrá-la; uma sombra que persegues com passos ansiosos, mas nunca consegues alcançar; uma miragem que surge diante do olhar do viajante cansado, com visões de jardins deliciosos, regados por riachos límpidos e refrescados por fontes cristalinas, apenas para se dissolver e deixá-lo mais fraco e desfalecido do que antes. Olha para dentro de ti mesmo! Tu és o templo de uma alma imortal! Entra em seus portais! Fixa os olhos nas misteriosas escritas ali desenroladas! Não te canses nem te desanimes se não conseguires decifrar seu significado tão facilmente quanto decifras os livros dos homens! E, ó meu filho, se a escuridão e o silêncio da caverna de Benè-agâ pesarem demais sobre tua jovem alma, levanta os olhos para alguma das muitas linhas que gravei nessas paredes rochosas, em minhas horas de lazer. Elas te guiarão de volta à doce satisfação; te darão força para perseverar até o fim! E agora, meu filho, adeus!

Embora esteja contigo, perto de ti, ao teu lado, lembra-te de que estou longe de ti. Sim, mais longe do que a vara terrestre pode medir! Tem esperança, sê forte e vencerás! Mais uma vez, adeus!"

"Adeus, grande mestre, adeus!", exclamei; e, enquanto minhas palavras ecoavam pela vasta câmara rochosa, o último raio de luz fugiu diante da escuridão crescente, e tudo ficou em uma escuridão total.

Antes que a escuridão caísse, notei que estava perto da saliência rochosa que me serviria de cama quando a natureza me chamasse para descansar.

Virando-me suavemente, tateei o caminho até lá e deitei-me de comprido na sua superfície nua. Por alguns momentos, tudo correu bem. Tal conflito de pensamentos assolava a minha mente que não reparei no frio que este leito de pedra fazia sentir nos meus membros. Fechei os olhos, pensando em induzir o sono e assim esquecer a dor cada vez mais intensa!

Em vão! Parecia que a própria morte havia agarrado meus pés entre suas palmas geladas!

Dores agudas saltavam de uma articulação para outra e, onde quer que meu corpo tocasse aquele sofá de pedra, parecia que mil agulhas perfuravam minha carne. Meio enlouquecido pela agonia cada vez mais forte, eu me debatia de um lado para o outro, como alguém em delírio. Às vezes, sentava-me para escapar da tontura estonteante que me envolvia em seu rápido turbilhão! Meu pulso acelerado batia nas paredes finas da minha têmpora, até que parecia que eu ia enlouquecer! Um som forte, sibilante e gorgolejante de muitas águas rugia em meus ouvidos, enquanto formas estranhas e fantásticas, em linhas de fogo sobre um fundo escuro, passavam rapidamente diante dos meus olhos, até que comecei a temer que logo estaria condenado a ficar sentado na escuridão eterna como o próprio Benè-agâ.

E agora o calor e o frio se alternavam em meu corpo cansado e quebrado. Em vão, tentei molhar meus lábios ressecados com a língua! A febre os havia secado como uma lasca. Por alguns breves momentos, a tortura cessou!

Respirava mais livremente!

Meus membros, pensei, estão se acostumando com seu leito de pedra! Vou dormir profundamente e esquecer meus sofrimentos!

Mas não! Com fúria redobrada, eles voltaram ao trabalho.

Não ousei gritar tão cedo para Benè-agâ, pedindo misericórdia, pedindo que me libertasse das condições cruéis que ele havia me imposto! Preferia morrer a ceder tão rapidamente; encolher-me como um covarde que fica imóvel e tremendo no campo de batalha, enquanto uma bala perdida atinge seu peito.

Finalmente adormeci!

Mas, oh, que sono agitado e febril era aquele! Um sono com os olhos abertos, cheio de visões sombrias e tristes. Eu não aguentava mais. Rendi-me e desejei a morte. Em pensamento, beijei as mãos dos meus pais e senti suas carícias suaves na minha testa e no meu rosto. E então, pareceu-me que a graciosa baronesa, minha mãe, pegou minha mão na sua e a pressionou fervorosamente contra seus lábios. O beijo foi tão caloroso, tão terno, tão real, que me levantei como alguém que acorda de um longo delírio. Não pode ser um sonho, murmurei, estou acordado!

Jogando meu corpo atormentado para o lado, para poder tocar minha mão direita — aquela em que senti o beijo —, com a esquerda, o mistério foi explicado.

Era Bulger!

Ele estava ao lado do meu leito de pedra. Foi ele quem lambeu minha mão fria e entorpecida e fez meus pensamentos voltarem para casa. Acariciei sua cabeça e orelhas e tentei fazê-lo deitar, para que o barulho não perturbasse o eremita cego. Ele se recusou a obedecer, embora eu tenha repetido três vezes meu desejo. Foi seu primeiro ato de desobediência e, por um instante, tirou todos os pensamentos de dor da minha mente. A todo o meu sofrimento, agora se somava essa nova dor.

Finalmente despertado do meu torpor pela sua recusa persistente em obedecer, reuni os meus pensamentos o suficiente para perceber que ele estava decidido a saltar para o meu sofá. As suas patas dianteiras já estavam apoiadas na borda. Não ousei resistir, com medo que ele quebrasse o silêncio solene da caverna de Benè-agâ ao dar voz a algum som de súplica. Assim que ele saltou sobre a saliência rochosa, senti-o agachar-se na borda e esticar-se para baixo, como se estivesse tentando agarrar algo com os dentes, algo tão pesado que exigia um esforço violento. Fosse o que fosse, não demorei a descobrir que ele estava tentando arrastá-lo para o meu sofá rochoso. Levantando-me parcialmente, estiquei a mão para resolver o mistério.

Ó, meu querido Bulger!

Em uma explosão de afeto, pressionei meus lábios repetidamente em seu corpo. Ele não percebeu minhas carícias, apenas puxou com mais força a coisa que segurava entre os dentes. Era meu cobertor!

Ensinado desde pequeno a trazer meus chinelos, minhas luvas e meu chapéu quando os encontrava espalhados por aí, ele nunca se esqueceu de me prestar esses pequenos serviços. E assim, percebendo que meu cobertor havia sido esquecido, ele o agarrou, pesado como era, e o arrastou até a cama de seu pequeno dono.

Sem se importar com a ira de Benè-agâ, sem se importar com o fato de que aceitar o presente de Bulger era claramente uma violação do pacto entre o eremita cego e eu, envolvi meu corpo machucado e dolorido na cobertura grossa e quente e caí em um sono longo e revigorante.

Assim foi minha primeira noite na caverna de Benè-agâ. O dia seguinte amanheceu claro e ensolarado, e a câmara rochosa me pareceu menos sombria. Meus olhos estavam se acostumando à escuridão.

De manhã à noite, evitei aquela cama de tortura, passando o tempo estudando o significado oculto das palavras que Benè-agâ havia gravado nas paredes rochosas; observando os pássaros que voavam com comida para seus filhotes ou ficando perto do eremita cego com o olhar fixo em suas feições nobres, cabelos espessos e barba longa!

A partir desse momento, tudo correu bem. Logo esqueci as longas horas daquela terrível noite de silêncio e desespero. Na verdade, fiquei surpreso ao descobrir como o tempo passava rápido quando nos entregamos a uma meditação profunda e absorvente.

Os dias e as noites passavam como horas alternadas de luz e escuridão.

Fui acordado de um sono profundo ao ouvir a voz plena e redonda de Benè-agâ dizendo: “Levante-se! Levante-se, pequeno viajante! Levante-se, meu filho, o dia está a nascer. A hora marcada chegou! Hoje temos de entrar em Palin-mâ-Talin ou todo o seu aprendizado terá sido em vão!”

Levantei-me de um salto e, aproximando-me de Benè-agâ, contei-lhe com tom de pesar sincero como havia descumprido o pacto sagrado entre nós e que, embora me partisse o coração ter de voltar atrás quando estava às portas da Grande Floresta Sombria, não era digno de segui-lo e estava firmemente decidido a não implorar por misericórdia!

Tudo! Eu contei tudo! Como meu corpo estava tão atormentado pela dor que eu estava prestes a gritar por libertação do terrível pacto, quando meu amado Bulger veio em meu socorro e me salvou daquela degradação. Ele me ouviu em silêncio, seu rosto nobre não dando nenhum sinal ou indício do que se passava dentro daquela alma elevada.

Por fim, um sorriso triste e quase imperceptível se espalhou por seu rosto e ele falou o seguinte: "Tenha coragem, meu filho. Tudo está perdoado. Tu és apenas uma criança e eu deveria ter aliviado o fardo deste aprendizado. Também não posso culpar-te por ceder a uma prova tão comovente do amor que o teu cão tem por ti! Se o tivesses repelido, ele teria passado a noite inteira acordado, triste, ao lado da tua cama — alma querida e fiel! Quem me dera que ele fosse meu!"

Dizendo isso, Benè-agâ inclinou sua figura imponente e acariciou a cabeça e as orelhas de Bulger.

Bulger não demorou a retribuir as carícias do eremita. Eles se tornaram os melhores amigos. Bulger sentiu o fascínio do poder misterioso de Benè-agâ desde o primeiro momento.

Quando chegou a hora de deixarmos a câmara rochosa de escuridão e silêncio e sairmos novamente à luz do sol, meu coração voltou a bater como antigamente. Se eu não estivesse na presença do venerável Benè-agâ, teria pulado e dançado de alegria ao sair daquela morada sombria e sentir o ar quente acariciar minha bochecha mais uma vez. Mas uma coisa me impressionou muito. Foi a maravilhosa mudança que notei no próprio eremita cego, quando ele ficou em pé à luz do sol e a brisa da manhã agitava os cachos de seu cabelo branco e sedoso, como os ventos de abril brincando com um bando de flocos de neve. Primeiro, sua aparência era bem diferente daquela a que eu estava acostumado. Um gorro de couro coroava sua cabeça enorme e mantinha seus cabelos grossos e rebeldes um pouco sob controle. Sua barba larga e esvoaçante havia desaparecido completamente sob suas vestes rústicas, exceto onde cobria seu rosto e pescoço. Percebi imediatamente que ele estava vestido para trabalhar
— para avançar com dificuldade pela vegetação densa de Palin-mâ-Talin. Na mão direita, carregava uma vara ou bastão curioso, longo, fino, polido e extremamente flexível. Logo aprendi a admirar sua habilidade extraordinária em usar esse bastão para guiar seus passos ou descobrir a natureza de qualquer objeto que não estivesse ao alcance de suas mãos. Uma bolsa rudimentar ou sacola de couro balançava em seu ombro.

A mudança no comportamento de Benè-agâ era ainda mais perceptível. Para mim, essa mudança foi tão agradável quanto inesperada. Em uma breve meia hora, ele se tornou outro homem. Sua voz profunda e rica, suave e redonda como o som de um órgão, assumiu um tom mais suave! Um sorriso tênue envolvia suas feições nobres, à medida que a luz do sol incidia sobre elas. Seus passos se tornaram rápidos e elásticos, seus movimentos ágeis e ágeis. Seus outros sentidos eram tão apurados que apenas um observador muito atento poderia adivinhar que ele era cego.

Virando-se na direção do local onde seus cães brincavam, ele me assustou ao gritar alegremente:

"Ei, crianças! Ei, meus irmãos! Venham cá! Venham cá!"

Seus cães — Bulger entre eles — correram para a frente com um coro alto de latidos. Benè-agâ ouviu a voz do estranho. "Dói-me profundamente", gritou ele, "roubar-lhe seus companheiros de brincadeira, pois vejo-o brincando e divertindo-se com meus filhos!"

Quando o eremita cego se abaixou, seus cães, com gritos altos de tristeza pela separação, saltaram para lamber seu rosto e suas mãos.

"Vão, meus filhos! Vão, meus irmãos!", disse Benè-agâ. "Fiquem contentes. Voltarei em breve, muito em breve, com o amor aquecido pela ausência!"

Tudo estava pronto para começar. Sob o sol nascente, eu podia ver uma longa linha escura, ao longe, onde a terra e o céu se encontravam. Era Palin-mâ-Talin. A terra das trevas! A Grande Floresta Sombria!

Para lá Benè-agâ dirigiu seus passos com uma rapidez surpreendente, batendo no chão com sua longa vara polida enquanto corria!

Impressionado, segui meu guia cego!

Em comparação com esses poderes milagrosos de audição, olfato e tato, meus olhos eram inúteis. De vez em quando, ele gritava para mim:

"Cuidado, meu filho, uma víbora se moveu na grama à sua esquerda! Cuidado, meu filho, não toque nas folhas do arbusto florido pelo qual estamos passando agora — elas são venenosas."

"Cuidado, meu filho, não prove a água do riacho ao qual estamos chegando, até que eu tenha testado sua pureza."

"Cuidado, meu filho, não colhas uma das flores que agora encantam os teus olhos e te seduzem com o seu perfume. Respirar o seu perfume é quase a morte."

perfume perto do nariz."

"Cuide-se bem, meu filho, para não esmagar em sua pele um dos pequenos insetos que agora enchem o ar, para não espalhar um veneno sutil sobre sua carne!"

À medida que nos aproximávamos da borda externa da Grande Floresta Sombria, uma estranha alegria iluminou o rosto de Benè-agâ. Ele batia no ar com sua vara polida em curvas e círculos graciosos, enquanto entoava, meio cantando, meio recitando, uma espécie de canto, invocação ou saudação misteriosa a Palin-mâ-Talin, Lar das Trevas!

Como se encantado pela rica música de sua própria voz, seu ânimo crescia cada vez mais. Às vezes, ele parava para captar os ecos suaves que voltavam flutuando nas asas do ar da manhã.

Pelo que me lembro, o canto de Benè-agâ era algo assim: "O, la, la, la, la, l-a-a-a-a! Salve, Palin-mâ-Talin. Terra Sombria!
La, la! Lu, la, lo, li! Lu, la, lo, li! Estamos chegando até ti, amado Templo de Silêncio e Escuridão! Deixa-nos entrar nos teus corredores escuros, Palin-mâ-Talin Lo-il-la! Lo-il-la! Tu és o vencedor! Palin-mâ-Talin, meu belo! Do teu escudo de escuridão caem as flechas do Sol, estilhaçadas e quebradas! O, la, la, la, la, la, l-a-a-aa-a-a! Estamos chegando, Rei da Escuridão e da Quietude! Palin-mâ-Talin. Ó domínio silencioso! Deixe-nos entrar, longe do barulho e do brilho! Deixe-nos entrar do mundo sem teto. Estamos perto, Palin-mâ-Talin! Abra seus portais negros! Levante seu véu de Escuridão! Admita seus filhos em suas câmaras silenciosas. Ó, Palin-mâ-Talin, Lo-il-lo! Lo-il-lo! Lo-il-lo! Lo-il-l-a-a-a-a-a-a!"

Finalmente, estávamos na beira do Palin-mâ-Talin.

Benè-agâ passou sua varinha polida pela folhagem de um dos galhos baixos e extensos; então, deu um salto à frente, agarrou um punhado de folhas, esmagou-as na mão e levou-as ao nariz. "Esta não é a entrada, meu filho", gritou ele, "precisamos seguir mais para o norte!"

Após cerca de meia hora, ele parou novamente e, estendendo a mão para pegar um punhado de folhas, inalou seu odor.

"Ainda não! Ainda não!", murmurou ele. "Um pouco mais para o norte! Não se preocupe, meu filho. Você vê Palin-mâ-Talin com seus olhos externos! Mas Benè-agâ não! Ele deve colocar a mão nas próprias paredes deste Templo do Silêncio e da Escuridão antes de poder vê-lo!"

De repente, o eremita cego parou. Suas narinas finas tremiam, seu peito maciço arfava convulsivamente. “Estamos quase lá!”, disse ele em tom comedido. “Sinto o perfume da folhagem que cobre as duas colunas de ébano do portão.” Olhei e vi diante de mim duas árvores imponentes, cujos galhos extensos varriam o chão. Elas estavam lado a lado, iguais em tamanho e grandeza. Benè-agâ passou a mão carinhosamente sobre o primeiro galho, que roçou sua bochecha e pressionou suas folhas contra seus lábios; então, começou a cantar sua canção selvagem mais uma vez.

Fiquei olhando para o eremita cego e ouvindo sua canção de saudação, sem saber o que esperar a seguir, quando, de repente, ele se jogou de joelhos e rastejou sob os galhos extensos de uma dessas sentinelas gigantescas da Grande Floresta Sombria.

Bulger e eu seguimos atrás dele! Assim entramos no domínio de Palin-mâ-Talin, a Morada das Trevas. Não tentarei descrever a solenidade do silêncio, o crepúsculo misterioso da Grande Floresta Sombria, nem pintar para vocês a beleza maravilhosa dos musgos verdes profundos que cobriam as rochas e as árvores: pendurados nos galhos balançantes, cobriam o chão como um tapete ou pendiam como pesados dosséis, de árvore em árvore, acima de nossas cabeças, aumentando a escuridão causada pela folhagem espessa e entrelaçada.

Eu havia seguido os passos silenciosos de Benè-agâ por cerca de meia milha nas profundezas silenciosas de Palin-mâ-Talin quando comecei a sentir um frio estranho percorrer meu corpo, começando nas pontas dos dedos e seguindo seu caminho insidioso em direção aos meus órgãos vitais. Ele avançou tão rapidamente que eu estava prestes a chamar Benè-agâ, quando ele parou; e, tendo quebrado um galho de uma árvore com folhas verde-escuras e polidas, mandou-me comê-las, dizendo:

“Palin-mâ-Talin não faz mal àqueles que o conhecem!”

Achei as folhas picantes e agradáveis ao paladar. Seu efeito foi mágico. Meus membros imediatamente esqueceram a dormência e meus passos perderam o peso.

Já estávamos há várias horas na Grande Floresta Sombria e, até então, Benè-agâ havia avançado em sua escuridão cada vez maior, pois a noite estava caindo sem parar.

Mesmo que Benè-agâ tivesse tantos olhos quanto Argus e a visão de um lince, não teria conseguido seguir seu caminho pelos corredores sombrios de Palin-mâ-Talin com tanta facilidade e segurança. Sua varinha polida brilhava como se tivesse vida

vida em sua mão milagrosamente treinada, tocando tudo, vibrando, balançando, avançando, recuando, com uma rapidez que meus olhos não conseguiam acompanhar.

"Ó, grande mestre!", gritei para ele, "não me deixe ser presunçoso a ponto de falar com você sobre coisas que deveriam permanecer intactas nas câmaras de sua mente, mas se me for permitido saber, diga-me como seus olhos sem brilho podem penetrar esta escuridão e encontrar um caminho através desta floresta sem trilhas, envolta na escuridão e no silêncio de dez mil anos!"

"Será como desejas, filho", respondeu o eremita cego, "o pouco que há para saber, tu ouvirás! Mas certamente os teus membros jovens devem estar cansados. Primeiro, deixa-me preparar uma cama para a noite e espalhar um pouco de comida e bebida!"

Dizendo isso, tirou a bolsa de couro do ombro, pegou um rolo de pele seca e estendeu-o no chão; depois, arrancou quatro galhos de pinheiro de uma árvore próxima, enfiou-os na terra, um em cada canto de um quadrado, e, acendendo uma faísca com sua caixa de isca, ateou fogo na piche que escorria pelos galhos.

As chamas tremeluzentes projetavam mil sombras estranhas sobre os musgos rastejantes e as árvores envoltas em negro, e enchiam o ar com um calor agradável.

Benè-agâ tirou então alguns frutos secos e bagas. Comemos

em silêncio.

Bulger cheirou a comida, mas nada mais.

Concluída nossa frugal refeição, o eremita cego tirou de sua bolsa de couro um pedaço de sílex pontiagudo com o qual perfurou a casca de uma árvore perto de nosso acampamento. No buraco, ele enfiou um caniço fino. Fiquei surpreso ao ver um líquido límpido escorrer da ponta do caniço. Ele encheu uma cabaça com o líquido e, colocando o recipiente em minha mão, disse em voz baixa e carinhosa:

"Beba, meu filho! Isso irá refrescá-lo e fortalecê-lo!"

Levei a cabaça aos lábios. O líquido era fresco e doce, e muito agradável ao paladar.

"Beba o quanto quiser, meu filho", exclamou Benè-agâ, "pois Palin-mâ-Talin poderia saciar a sede de um exército".

Novamente coloquei a cabaça nos lábios. Desta vez, bebi longa e profundamente. Um calor suave percorreu meus membros. Minhas pálpebras se fecharam, oprimidas por um delicioso desejo de dormir. Apoiando a cabeça na bolsa de Benè-agâ, com a mão repousando sobre a cabeça do meu fiel Bulger, logo fui envolvido pelo sono.

bolsa de Benè-agâ, com a mão repousando sobre a cabeça do meu fiel Bulger, logo fui envolvido pelo sono.

Quando acordei, ainda era noite. Os pedaços de pinho estavam quase queimados. O eremita cego estava sentado ao meu lado. Percebi que ele estava vigiando. Ele virou a cabeça quando me mexi.

“Tu me pediste”, começou ele, “que te dissesse como consigo encontrar o caminho na escuridão de Palin-mâ-Talin. Aqui, nesta casa sem trilhas e sombria, nenhum olho externo me seria útil. Tu viste como o chão deste vasto templo é igual em todos os lugares. Para isso, a natureza teceu um tapete de musgo espesso e aveludado que, ao longo dos séculos, não muda de cor. É sempre o mesmo! Abra um caminho nele e, em poucos dias, a fenda estará fechada. Queime as árvores e, em pouco tempo, o musgo ao redor esconderá as marcas, e todo o seu trabalho será em vão. Mesmo supondo que conseguisses deixar um rastro duradouro atrás de ti, o veneno mortal que se esconde neste ar úmido gelaria o teu sangue antes que pudesses atravessar de parede a parede deste vasto templo, com seu telhado de musgo e folhagem entrelaçados, impenetrável ao sol do meio-dia.

“Tu sentiste o primeiro toque daquele frio mortal, que congela o sangue mais quente e lança um sono de morte sobre o intruso imprudente! Mas para mim, ó meu filho, Palin-mâ-Talin é toda luz e brilho! Não consigo ver essa escuridão que causa tanto terror à tua alma. E tu deves saber, meu filho, que Palin-mâ-Talin não tem sombras profundas o suficiente para esconder a estrela polar da minha vista. Eu sempre sei para onde o sol se pôs e para onde ele nascerá, pois conheço todos os ventos e de onde sopram. À tua bochecha, o ar parece dormir às vezes. À minha, nunca! Não é mais difícil para mim captar o sopro do zéfiro — que tu não sentes — do que para o teu fiel cão seguir os passos do seu dono e segui-lo através do mercado lotado. Além disso, deves ter em mente que há mais de cem anos sou uma figura sem sombra nesta terra de sombras; que as árvores de Palin-mâ-Talin me acolheram em seus corações, e eu as acolhi no meu; que não só sei como e onde crescem, mas também me foi revelado que essas crianças imponentes de Palin-mâ-Talin não estão espalhadas aleatoriamente, aqui e ali, de maneira desordenada; mas que, em certa medida, estão dispostas em linhas que vão do nascer ao pôr do sol, cada espécie formando um cinturão, não como um bosque plantado pela mão do homem, mas em u m a confusão selvagem, porém ordenada. Para você, isso seria u m a

guia inútil, pois viste como os troncos estão envoltos em mantos de musgo e como a escuridão dá a toda a folhagem a mesma tonalidade verde escura e profunda. Aos teus olhos, aqui, todas estas árvores parecem iguais, os incontáveis descendentes de um único pai! E, no entanto, não é assim! Pois, quando, ao avançar por esses corredores altos de escuridão e silêncio, eu me desvio muito para o norte ou para o sul, um único punhado de folhas esmagadas em minha mão revela o segredo de minha localização. Mas, mesmo essa corda guia segura já me falhou algumas vezes, e eu me perdi na casa do meu amigo! E, no entanto, nesses momentos, Palin-mâ-Talin não me causava nenhum medo! Quando assim, um vagabundo sem rumo nesta floresta sem trilhas, aprendi a afastar esta vestimenta verde que adorna o peito de Palin-mâ-Talin e a colocar minha mão sobre seu próprio coração!

"Assim, a natureza bondosa aguçou meu sentido de percepção, de modo que, pelo simples toque da argila sob nossos pés, posso corrigir meus passos errados e reencontrar o caminho perdido. Sê tu, meu filho, nos anos que virão, tão firme na tua busca pela verdade como eu tenho sido nos meus esforços para transformar esta escuridão e silêncio em luz viva e fala, e caminharás pelos caminhos tortuosos da vida com a mesma facilidade com que eu percorro as câmaras sem trilhas de Palin-mâ-Talin!"

Quando Benè-agâ terminou de falar, ele entoou sua canção, fazendo os musgos pendentes balançarem com o vigor de suas notas, ora profundas e solenes, ora claras e distantes.

Os ecos voltaram suavizados, como notas de flauta. Ele ouviu sem respirar.

"Ó homem maravilhoso!", pensei, "até os ecos adormecidos se despertam para guiar os teus passos".

"Venha, meu filho!", gritou ele em tom de alegria, "nossas tochas estão se apagando. Vamos seguir em frente! Embora o sol ainda não esteja alto o suficiente para afastar a escuridão da profundidade de Palin-mâ-Talin, ainda assim, com este fio que te guia, você pode me seguir!"

Dizendo isso, ele colocou a ponta de uma tira de couro em minha mão e partimos mais uma vez.

Depois de caminharmos por cerca de uma hora, os raios do sol começaram a amenizar a escuridão da Grande Floresta Sombria, de modo que meus olhos passaram a ter alguma utilidade!

Mais uma vez, Benè-agâ entoou um canto selvagem e parou para ouvir o eco.

“Ah”, murmurou o eremita cego, meio em solilóquio, “essa foi uma saudação das águas sonolentas de Lool-pâ-Tool!”

Imagine a sensação de total impotência que me invadiu cerca de uma hora depois, quando, de repente, me vi parado às margens de um largo riacho, de cor mais negra do que as asas da noite, aparentemente estagnado; ou, pelo menos, tão lento que parecia merecer bem o título de “Águas Sonolentas”.

“Esta é Lool-pâ-Tool!”, disse Benè-agâ, apoiando o queixo na mão e parecendo contemplar a superfície escura como tinta.

Mas como atravessá-lo, sem nenhuma embarcação à vista — era agora o pensamento confuso que oprimia minha mente! Certamente não era possível atravessá-lo a pé, pois aos olhos parecia tão profundo quanto silencioso e misterioso. Nem seria diferente do que convidar a própria morte para mergulhar em suas águas estagnadas e nadar até o outro lado.

Enquanto eu permanecia assim envolto em uma nuvem de pensamentos ansiosos, o próprio Benè-agâ parecia quase tão perplexo quanto eu. Sua calma habitual o abandonara.

Tirando algumas pedras de sua bolsa de couro, ele as jogou uma a uma no rio, inclinando-se para frente para ouvir o som que elas faziam, com ar ansioso. Então, virando-se para a direita, ele seguiu as margens do Lool-pâ-Tool, mantendo seu cajado na água e batendo-o suavemente com a ponta, como se estivesse tentando extrair algum segredo dele.

Mais uma vez, ele parou e jogou algumas pedrinhas no riacho escuro e lento, e se inclinou para ouvir a resposta. Mais uma vez, ele despertou os ecos e ouviu sem fôlego a resposta que veio, apenas para retomar a marcha após uma breve pausa com o que me pareceu um passo um tanto hesitante. Evidentemente, ele estava perdido. Seu rosto calmo e nobre perdeu sua expressão de confiança serena. Parando de repente, ele estendeu a mão para pegar um punhado de folhas, esmagou-as com um aperto rápido e nervoso, inalou seu odor e então retomou sua marcha como antes, com a cabeça caída sobre o peito e a dúvida e a incerteza visíveis em cada movimento.

Por um instante, passou pela minha mente a ideia de que Benè-agâ poderia ter se perdido a tal ponto que seria impossível encontrar o caminho certo. Senti meus lábios se abrirem e meu coração subir lentamente até a garganta!

A ideia de uma morte lenta por inanição nos corredores frios e escuros de Palin-mâ-Talin foi como uma facada no meu coração.

Quase cambaleei ao seguir o cego eremita. Minha língua estava seca demais para que eu pudesse gritar para ele em meu desespero repentino.

Enquanto esses pensamentos terríveis se perseguiam em minha mente, Benè-agâ parou e, apoiando seu cajado nos galhos da árvore mais próxima, começou a proferir uma de suas invocações selvagens:

"Ó Palin-mâ-Talin, Benè-agâ chama por ti! Ouve-o! Ele está perdido! Coloca seus pés no caminho certo! Não deixes que ele vagueie sem rumo em tua escuridão e silêncio. Ó, Palin-mâ-Talin! Ele é teu filho; sê bondoso e amoroso com ele!"

Com estas palavras, Benè-agâ se ajoelhou, arrancou a espessa cobertura de musgo até deixar o chão da floresta à mostra; dele, pegou um punhado de terra e o apertou entre os dedos, como se quisesse testar alguma qualidade secreta.

Quando ele se levantou, eu soube que tudo estava bem. Um brilho radiante iluminava seu rosto. Ele era ele mesmo novamente!

Pegando sua vara, ele saiu correndo com passos loucos, como se fosse perseguido por demônios. Só correndo eu conseguia mantê-lo à vista.

Em frente! Em frente! Corremos ao longo das margens do riacho Lool-pâ-Tool, do "Água Sonolenta", quilômetro após quilômetro, Benè-agâ entoando seus cantos selvagens de agradecimento, eu ofegante como se estivesse decidido a escapar da morte. Mais cem passos e eu teria caído de cabeça no chão.

Meus pés pareciam calçados com chumbo.

Bulger começou a choramingar de forma lastimável ao ver a expressão de desespero se instalando em meu rosto.

De repente, o eremita cego parou e, virando-se para mim, gritou em tom alegre:

"Este é o lugar, meu filho. Agora está tudo acabado! Não tenha medo! Suba nos meus ombros! Você não vai acrescentar nem o peso de uma pena ao fardo que carrego! Não te preocupes com o teu cão. Lool-pâ-Tool não lhe faz mal nenhum." Tinha tanta confiança no poder do eremita cego para me levar em segurança através do misterioso rio que não esperei por uma segunda ordem para subir para os ombros dele, embora, tanto quanto podia ver, as águas do Lool-pâ-Tool parecessem tão negras e profundas como sempre. Avançando até à beira do

rio, Benè-agâ começou a procurar pedras escondidas com movimentos rápidos e nervosos de seu cajado.

Em vão, forcei os olhos para captar algum sinal do lugar onde ele colocava os pés.

E, no entanto, elas estavam lá: com passos gigantescos, firmes, seguros e rápidos, Benè-agâ atravessou as "Águas Sonolentas" de Lool-pâ-Tool e me colocou em segurança na outra margem. Fiz um esforço para expressar minha gratidão. Mas o espanto roubou minha língua e me impediu de falar. Eu só conseguia olhar em silêncio para aquele rosto nobre — agora revestido de toda a sua serenidade anterior —, depois me virar e seguir os passos de seu dono.

Depois de avançarmos mais alguns quilômetros, Benè-agâ parou e, voltando o olhar para mim, como se seus olhos estivessem tão cheios de luz quanto seu olhar era radiante, falou o seguinte:

"Meu filho, minha tarefa está cumprida! Olha, não vês aquele brilho de luz ali ao longe? É a parede exterior de Palin-mâ-Talin. Passa por ela e entrarás novamente no mundo do barulho e do brilho! Não precisas mais de mim. Segue em frente e, em apenas meia hora, os raios do sol voltarão a saudar-te! Uma vez fora desta floresta sem caminhos, encontrar-te-ás num parapeito elevado — a uma altura de sessenta metros acima da planície abaixo. Olha à tua volta e verás uma escadaria de rocha sólida, que desce até à planície — não como as construídas pelas mãos do homem, com degraus de altura uniforme, talhados de forma regular e lisa, mas uma escadaria rude e fantástica, deixada ali pela natureza quando limpou a massa de cada lado. Nesses degraus estreitos, alisados pelas tempestades de dez mil anos, as águas derramam diariamente um lodo traiçoeiro, de modo que aqueles que tentaram imprudentemente passar para a terra fértil abaixo agora jazem entre as rochas irregulares. Nenhum pé é seguro o suficiente para pisar nos degraus escorregadios de Bōga-Drappa. Cair significa morte certa. Não posso aconselhá-lo, meu filho. Seja cauteloso! Seja sábio! Adeus."

Assim que estas últimas palavras saíram dos lábios de Benè-agâ, ele desapareceu da minha vista como uma forma espiritual.

A Palin-mâ-Talin cobriu-o com sua escuridão. Ele se foi.

As lágrimas se acumularam em meus olhos.

Gostaria de ter pressionado sua mão contra meus lábios.

Eu sabia que era inútil tentar chamá-lo de volta ou segui-lo. Então, com o coração pesado, virei-me e segui na direção que ele havia

indicado.

Logo cheguei à borda externa de Palin-mâ-Talin e, para dizer a verdade, senti meu coração pesado ficar leve novamente. Bulger também demonstrou sua alegria por estar mais uma vez sob o sol quente. Começando a latir descontroladamente, ele correu de um lado para outro com a alegria de um menino libertado de uma tarefa longa e enfadonha.

Como Benè-agâ me havia descrito, agora me encontrava em cima de um parapeito elevado, com vista para um vale encantador, pelo qual eu ansiava vagar, após minha longa estadia na caverna de Benè-agâ e a trilha sombria pelas profundezas de Palin-mâ-Talin.

Caminhando ao longo da beira do penhasco, não demorei muito para chegar à Escada do Espírito Maligno ou Bōga-Drappa, como era chamada.

Era irregular, irregular e inclinada aqui e ali; e, no entanto, bastante uniforme e semelhante a uma escada, quando se considerava que era uma construção da natureza. Como o eremita cego me havia avisado, o lodo traiçoeiro cobria toda a extensão de Bōga-Drappa, renovado para sempre pelas águas impuras que escorriam por seus degraus.

Tentar descer teria sido pior do que loucura.

Nenhum pé humano era seguro o suficiente para pisar aquelas pedras escorregadias e chegar ao fundo.

Embora eu fosse impelido pelo desejo mais forte de avançar, percebi que um único ato imprudente poderia acabar com a minha vida.

Obstáculos comuns não me assustam. Mas quando a natureza coloca uma barreira ameaçadora em meu caminho, eu paro, mas não desisto.

E, portanto, sentei-me calmamente para refletir sobre o problema que enfrentava.

Durante três dias, permaneci nesse parapeito e, todos os dias, visitei Bōga-Drappa e contemplei longa e fixamente sua longa série de degraus rochosos.

No terceiro dia, eu havia resolvido o problema.

Apressadamente, recolhi todos os fragmentos de calcário que estavam por perto, empilhei-os em forma de cone e, ao redor e por cima, coloquei uma massa de folhas secas e toras e, por cima de tudo, todos os troncos que consegui levantar. Então, acendendo fogo com minha pedra e pederneira, ateei fogo na pilha.

Pela manhã, fiquei feliz ao encontrar um monte de cal pura sob as cinzas.

Com um crânio vazio de algum animal da família dos cervos, que encontrei por perto, comecei imediatamente a alimentar com a cal a água que escorria pelos degraus de Bōga-Drappa.

Durante todo aquele dia e até ao meio-dia do dia seguinte, mantive a água que escorria pela escada, branca como leite com a cal.

Agora, porém, surgiu a maior dificuldade. Pelo tamanho do fluxo, percebi que seria impossível impedir seu curso com qualquer barragem que eu pudesse construir por mais de meia hora. Mas não ousei esperar muito, pois a camada de cal, que a essa altura eu sabia que já devia ter se depositado nos degraus rochosos, poderia endurecer ao sol.

A barragem poderia se romper e destruir todo o meu trabalho.

Ao meio-dia, quando o sol estava mais forte, dei os últimos retoques na minha barragem. Fiquei surpreso ao ver com que rapidez as águas se acumulavam na bacia que eu havia construído. Com olhos ansiosos e o coração batendo forte, fiquei em pé no topo da escada de rocha de Bōga-Drappa e olhei para cima e para baixo.

Não vi nenhum sinal de secagem nos degraus pretos e brilhantes. Um momento após o outro passou. Por fim, um leve traço de brancura começou a aparecer aqui e ali. Lancei um olhar ansioso para as águas que se acumulavam. A frágil barragem parecia prestes a ceder à pressão cada vez maior.

Em um ou dois lugares, vi pequenos riachos escorrendo.

Mais uma vez, com uma terrível sensação de desmaio, olhei para baixo, para a longa e escura escadaria. Meio cego pelo sol do meio-dia, consegui avistar uma crosta branca como a neve na escada.

Agora era a minha hora ou nunca!

Gritando para Bulger que fosse à frente, saltei corajosamente pela escada que, até aquele momento, estava negra com um lodo traiçoeiro. A água se rompeu e veio correndo atrás de mim. Desci, desci, descendo apressadamente, saltando como um veado de degrau em degrau!

Meu coração afundou quando senti a torrente, agora furiosa e violenta, espirrar água em meu pescoço.

Mais um instante e eu estaria salvo! Meus pés tocaram o

chão firme. Vejo a bela paisagem se aproximar cada vez

mais.

Mais um salto e, com meu fiel Bulger, eu havia superado a temida escada de Bōga-Drappa! Cambaleando para a frente, alcancei o gramado do vale e caí desmaiado, após minha terrível corrida pela vida!

Os gemidos e carícias de Bulger me despertaram após alguns momentos de confusão mental e então tudo ficou bem. No entanto, um arrepio me percorreu quando levantei os olhos para dar uma última olhada na escadaria rochosa de Bōga-Drappa, agora mais uma vez coberta por seu lodo negro, brilhante e traiçoeiro.

Revigorado por uma refeição saudável com os frutos deliciosos que cresciam em profusão por todos os lados, seguida de um longo gole de água fresca e cristalina da nascente, e chamando alegremente meu fiel Bulger para me seguir, parti para o cume distante da cordilheira que cercava este pequeno e pacífico recanto da superfície da Terra, tão adequado para ser o lar dos seres humanos, mas tão completamente abandonado e desabitado, até mesmo por criaturas de quatro patas. Embora seja um grande admirador da natureza em todos os seus aspectos, desde a grandiosidade mais selvagem até a delicadeza pictórica, nenhum lugar que não seja habitado por homens ou animais pode me manter satisfeito por muito tempo.

Preciso ter vida, não a vida monótona e sem espírito das árvores, arbustos ou plantas, eternamente acorrentadas a um único lugar, mas a vida inquieta, vibrante e pulsante dos homens ou animais para estudar, contemplar e refletir. Por isso, decidi sair imediatamente daquele belo vale.

Segui em frente com passos ansiosos, pois desejava chegar ao terreno elevado antes do anoitecer. Consegui, mas o crepúsculo já havia se aprofundado tanto quando cheguei ao cume da cordilheira que era impossível ter uma visão geral da região além dela.

Pouco depois de acender uma fogueira, Bulger chegou com uma ave — do tipo codorna — e eu comecei a assá-la nas brasas.

O fiel animal estava encantado por estar mais uma vez em um país onde podia me servir e, enquanto nosso jantar assava, aproveitou para fazer vários de seus velhos truques, a fim de ver o rosto do seu pequeno dono se iluminar.

Lado a lado, deitamos para passar a noite naquela terra distante e logo adormecemos profundamente.

A manhã amanheceu com um esplendor raro. Corri para examinar a região abaixo de mim. Ela era pontilhada aqui e ali por bosques e pedaços de mata e parecia excepcionalmente verde e frutífera.

O que mais me chamou a atenção foi o fato de que, até onde meus olhos podiam ver, a região era banhada por uma rede perfeita de pequenos rios, que brilhavam ao sol da manhã como faixas de prata polida.

Eu nunca tinha visto nada parecido. Ocorreu-me imediatamente que, se esses riachos fossem muito profundos e rápidos para atravessar, eu seria forçado a mudar completamente meu curso e passar pelo norte ou pelo sul, até chegar a uma região mais clara. Era quase pôr do sol quando cheguei aos limites dessa terra estranha, que batizei de Polypotamo, ou "Muitos Rios". Os riachos, que variavam de três a seis metros de largura, eram profundos, límpidos e rápidos.

Como você pode imaginar, uma região assim era muito produtiva. Arbustos e árvores frutíferas e floríferas, todos de um verde muito bonito, cresciam em abundância selvagem. O ar, refrescado e purificado pelos numerosos riachos de água límpida, era como uma inalação mágica, levando uma estranha sensação de prazer onírico a todas as partes do corpo.

Eu disse a mim mesmo:

"Se esta terra bela não for habitada, então é uma pena monstruosa, pois aqui a natureza generosa espalhou suas riquezas com uma mão mais do que generosa."

Bulger e eu nos esticamos na margem do primeiro riacho que encontramos e nos preparávamos para uma soneca após nosso longo dia de caminhada, quando de repente os sons mais estranhos chegaram aos nossos ouvidos. Ele se levantou com uma expressão de alarme e curiosidade que, se eu pudesse ver meu próprio rosto, sem dúvida teria encontrado ali retratada em traços igualmente fortes.

Esses sons curiosos ficavam cada vez mais altos.

Escutei com os ouvidos atentos, enquanto forçava os olhos na direção de onde vinham, ansioso por avistar os seres que os emitiam.

Não precisei esperar muito. A cerca de 200 metros de distância, meus olhos se depararam com uma cena que, apesar dos possíveis perigos que ameaçavam minha vida, caso essas criaturas fossem ferozes ou selvagens, me fez explodir em uma gargalhada incontrolável.

Ali, à vista de todos, estava um grupo de criaturas humanas, de estatura anã — não tendo mais de um metro e vinte de altura — que pareciam incapazes de usar as pernas como nós; mas se moviam de um lugar para outro pulando,

como fazem alguns pássaros, ou como fariam os coelhos se se movessem em pé sobre as patas traseiras.

Em um instante, eles ouviram minha voz e, com a rapidez do vento e com uma facilidade que me surpreendeu, saltaram sobre os dois riachos que nos separavam — cada um com pelo menos cinco metros de largura — e vieram em nossa direção com os mesmos saltos gigantescos! Tudo aconteceu tão rápido, e o modo de locomoção era tão novo e totalmente maravilhoso, que fui cercado antes que eu percebesse o que estava acontecendo.

Não preciso dizer que não conseguia entender a língua deles, embora logo a tenha dominado, pois consistia em raízes arianas puras, sem nenhuma palavra com mais de três letras.

Os Homens-Saltadores — essa foi a tradução que dei ao nome deles, Umi-Lobas —, formaram um círculo ao redor de Bulger e de mim, jogaram-se de bruços, por assim dizer — pois seus braços eram ridiculamente desproporcionais em relação ao corpo — e ameaçaram, com gritos estridentes e movimentos ameaçadores, chutar Bulger e a mim até a morte instantânea, a menos que nos rendêssemos incondicionalmente.

Era uma visão inédita.

A ALEGRE TURMA DOS UMI LOBAS
(HOMENS SALTITANTES) QUE CAPTUROU
BULGER E A MIM.

Bulger estava inclinado a aconselhar resistência; mas, quando dei uma olhada rápida nos pés deles, que eram muito grandes e ligados a pernas surpreendentemente vigorosas, considerei prudente hastear a bandeira branca; na verdade, dei a entender que nos entregávamos à misericórdia deles.

Mas primeiro, algumas palavras sobre esse povo estranho:

Eram, como já disse, de estatura pequena, e acrescento que, sobre os ombros estreitos e inclinados, tinham cabeças delicadas, semelhantes às de bonecos, animadas por olhos grandes, brilhantes e negros, de expressão extremamente suave. Os braços pareciam os de um menino no corpo de um homem. Mas, apesar de tão pequenos, pois chegavam apenas até a cintura e terminavam em mãos minúsculas e bem formadas, eles demonstravam possuir uma força e destreza extraordinárias. Suas pernas, porém, eram a parte mais maravilhosa deles.

Na verdade, eu poderia quase dizer que os Umi-Lobas eram todos pernas, tamanha era a desproporção no desenvolvimento de seus membros. O efeito dessa desproporção pode ser facilmente imaginado. Ela encolhia tanto seus corpos que pareciam cones colocados sobre duas pernas.

“Miscreante!”, gritou o líder, como descobri três dias depois, quando dominei a língua deles, “se não admitires imediatamente que Sua Majestade, Gâ-roo, Rei dos Umi-Lobas, é o saltador mais rápido, mais distante e mais gracioso do mundo, serás morto a pontapés sem a menor cerimónia!”

Fiz sinais indicando que estava disposto a admitir isso, embora não entendesse exatamente o que era!

Vendo que eu não tinha intenção de fazer mal, os Homens-Saltadores se levantaram e se sentaram em um círculo perfeito ao redor de Bulger e de mim, como coelhos em pé sobre as patas traseiras para alcançar algo, com a intenção de nos observar bem, ou melhor, a mim, pois Bulger evidentemente não era nenhuma novidade para eles.

Eles mantiveram uma conversa animada em tons agudos sobre minha aparência. Eu também não fiquei parado.

Acompanhei o ritmo da curiosidade galopante deles, estudando a expressão de seus rostos e os movimentos de seus corpos. Após alguns momentos, percebi que deveria partir imediatamente para o palácio de seu gracioso monarca, Gâ-roo, o Milésimo, pois eles eram um povo muito antigo.

Quando me levantei e dei alguns passos em direção à água, com a intenção de lhes assegurar que não poderia saltar o riacho, foi a vez deles rirem.

E riram mesmo, com tanto entusiasmo, com tanta alegria — eu diria até com tanta violência — que eu nunca tinha percebido até então que quem ri por último ri melhor.

Repetidamente, suas vozes agudas e pigmeias irrompiam em um coro estridente, enquanto seus rostos bonitos como bonecos se contorciam de alegria.

Bulger repetidamente mostrava os dentes e soltava latidos curtos e raivosos enquanto os Umi-Lobas continuavam com seu comportamento, para ele, impróprio. Mas eu sabia que, no final, isso só nos prejudicaria se eu mostrasse qualquer sinal de raiva, então simplesmente dei de ombros e esperei que eles se recuperassem de sua crise de alegria. Finalmente, entre as pausas das risadas, consegui entender algumas palavras:

“Pernas de

pêndulo!” “Tesoura

humana!” “Pinça

humana!”

“Chinelo! Balança-balança!” “Lá vai

ela, lá vem ela!”

Essas eram algumas das expressões que traduziam a impressão que minhas pobres pernas inofensivas causavam na mente dos Umi-Lobas.

Eles finalmente se acalmaram e começaram a fazer sinais para que eu me preparasse para segui-los.

Quando finalmente consegui fazer com que entendessem que eu não era um saltador e que não poderia pular o riacho à nossa frente, assim como não poderia pular sobre a lua, a alegria deles deu lugar ao desgosto. Frases agradáveis como:

"Pernas de chumbo!"

"Caracol de duas pernas!"

"Homemzinho preso no chão!"

"Homem pequeno amarrado à própria cabeça!" etc., etc., eram os insultos que me lançavam.

Após uma consulta, foi decidido enviar dois deles para fazer uma espécie de porte-chaise, usada entre os Umi-Lobas, para transportar Bulger e eu até o palácio do rei.

Os mensageiros partiram como o vento, dando saltos de seis metros que pareciam mal tocar o chão, saltitando ao longe como bolas de pão. Após uma breve demora, reapareceram carregando, pendurada em uma espécie de jugo apoiado nos ombros, uma cesta de vime resistente.

Bulger e eu fomos convidados a entrar; a tampa foi fechada e bem presa com uma tira de couro resistente. Então, com um movimento irregular, partimos por terra e água.

Bulger choramingava lastimosamente e fixava seus olhos brilhantes em mim, como se dissesse: "Pequeno mestre, se eles estão nos levando para a tortura ou para a morte, fico feliz por estar
contigo!"

Logo lhe dei a entender que não havia perigo.

Ele retribuiu minhas carícias e ambos aguardamos novos acontecimentos. Parece que os dois Man-Hoppers que foram chamados para trazer a porte-chaise espalharam a notícia de sua estranha captura, de modo que toda a cidade estava à espera de nossa chegada.

Finalmente, paramos completamente. A cesta foi colocada no chão e a tira de couro foi solta. Para dizer a verdade, eu estava tão ansioso para ver quanto eles.

Havia uma confusão terrível, pois as autoridades pareciam ter perdido todo o controle sobre a multidão de Umi-Lobas que empurrava, puxava e se acotovelava. Com gritos violentos e gestos ainda mais violentos, eles se reuniram

ao nosso redor, que comecei a temer que eles virassem nossa carruagem e causassem algum ferimento grave a Bulger e a mim, em sua curiosidade louca.

De repente, uma voz, mais alta e estridente do que todas as outras, gritou:

"Silêncio! Sua Majestade, Gâ-roo, o Milésimo, Rei dos Umi-Lobas,
está se aproximando. Abaixem-se! Abaixem-se! Silêncio! Recuem!"

Um dos assistentes levantou a tampa da nossa cesta e convidou-me educadamente a sair.

Sem parar para pensar, agarrei a tira de couro, pulei levemente e joguei uma das pernas para fora da cesta.

Imediatamente, houve uma explosão de exclamações estridentes e ensurdecedoras de admiração, medo, surpresa, horror, alegria e não sei quantas outras emoções.

Por um momento, fiquei assustado e quase inclinado a voltar para a cesta. De repente, porém, percebi o que tudo aquilo significava.

Os Umi-Lobas, que só podiam mover as pernas para frente e para trás e eram totalmente incapazes de mover uma perna sem a outra, ficaram tão surpresos ao ver uma das minhas pernas balançando pela lateral da cesta quanto eu ficaria se você jogasse uma das suas pernas para o lado e batesse o pé no ombro.

Quando saltei levemente para o chão e dei alguns passos em direção ao rei Gâ-roo, que estava cercado por seus oficiais da corte, um Umi-Loba muito magro de um lado e outro muito gordo do outro — um verdadeiro turbilhão de gritos como: "Pernas de pêndulo!" "Tesoura ambulante!" "Homem medidor!" "Homem pequeno, só cabeça!" etc., etc., irromperam.

O rei Gâ-roo me recebeu muito bem, pedindo que eu andasse, corresse, pulasse em um pé só, cruzasse as pernas, enquanto ele ficava de olhos bem abertos enquanto eu fazia os movimentos para agradá-lo.

Ele então me perguntou meu nome, minha posição na minha terra, minha profissão, minha idade, o que eu gostava de comer e beber, quanto minha cabeça era mais pesada que meu corpo, etc., etc. Causei uma impressão tão boa no rei dos Umi-Lobas que ele se virou e me convidou para passar algum tempo em seu palácio.

Fiquei encantado, pois estava muito ansioso por estudar os costumes e tradições desse povo estranho e conversar com seus sábios. De repente, houve uma grande mudança na maneira do rei se comportar comigo.

. Ele ouvia com as sobrancelhas franzidas e os lábios comprimidos, primeiro o seu conselheiro gordo e depois o magro.

Seu ministro magro, tão magro que me parecia uma mola de aço animada prestes a se partir, chamava-se Megâ-Zaltô ou "Grande Saltador", pois ninguém, além do próprio rei, era capaz de saltar um riacho mais largo.

Seu ministro gordo, tão gordo que só conseguia avançar dando pequenos saltos de alguns centímetros de cada vez, chamava-se Migrô-Zaltô, ou "Pequeno Saltador", e como há muitos anos não conseguia correr pelo país como os outros Umi-Lobas e, consequentemente, tinha muito tempo livre, ele o usava para melhorar sua leitura da mente e seus estudos, até adquirir grande sabedoria. Daí a escolha do rei Gâ-roo para ser seu ministro real e conselheiro da corte.

Fui novamente ordenado a ficar diante de sua majestade, o governante de todos os Umi-Lobas.

"Senhor Pernas de Pêndulo!", disse ele, "após refletir, estou convencido de que sua visita aos meus domínios não augura nada de bom. Você deve saber que tenho dois conselheiros privados, cujos conselhos sempre ouço e depois faço o que acho melhor. Sua Excelência Megâ-Zaltô", continuou o rei Gâ-roo, apontando para seu ministro magro, "me aconselha a ordenar que você seja pisoteado e espancado até a morte, dizendo que você causará grande dano ao meu povo; sendo você um estrangeiro de uma terra distante, eles se esforçarão para imitar sua maneira de andar. Nossos bons e antigos modos de andar serão ridicularizados; e as pernas do meu povo logo perderão sua maravilhosa força e atividade.

Meu outro conselheiro, que é um homem muito culto e adora discutir questões de raça, costumes e tradições com estrangeiros, aconselha-me a deixar-te viver por várias semanas, pelo menos, até que ele tenha a oportunidade de obter algumas informações valiosas de ti. Ora, eu sou um rei tranquilo e pacífico, pois a natureza, ao cercar os meus domínios com uma rede de rios e dar-nos o poder de saltar sobre eles, torna quase impossível que um inimigo nos siga. Portanto, Pequeno Homem Cabeça, é minha vontade real que, por enquanto, nenhum mal te aconteça!"

"Obrigado, saltador mais poderoso e gracioso deste ou de qualquer outro mundo!", disse eu, com uma reverência muito profunda. "Aceito minha vida em suas mãos para usá-la para divulgar sua bondade e grandeza em todas as terras por onde passar."

Minha delicada bajulação tocou o rei Gâ-roo de forma muito perceptível. Ele sorriu e acenou com sua cabecinha de boneco da maneira mais amigável. Mas o rostinho feroz de Megâ-Zaltô estava contorcido em mil rugas. Senti dentro de mim que ele estava firmemente decidido a me fazer mal.

Agora, houve outra interrupção. Uma voz aguda e infantil de repente ressoou em uma série de gritos furiosos, enquanto uma dúzia de outras vozes em tons suaves e calmantes podiam ser ouvidas, como se tentassem confortar quem gritava.

Virei meus olhos na direção das vozes. Para minha surpresa e alegria, vi uma das mulheres Umi-Lobas vindo em minha direção, avançando timidamente com saltos leves e graciosos, como um pardal na grama. Sua cabeça e rosto pareciam-se com algumas das bonecas de cera que eu tinha visto em Paris, só que ela era um pouco mais pálida do que elas.

Era a bela princesa Hoppâ-Hoppâ. Ela parecia estar muito irritada e petulante, e demonstrava seu mau humor em cada movimento.

Nada lhe agradava. Ela fazia beicinho, abaixava a cabeça e agitava os bracinhos ao menor sinal de provocação.

Como soube depois, tudo isso se devia à sua relutância em casar-se com o magro e ossudo Megâ-Zaltô, que estava violentamente apaixonado por ela e a quem o rei, num momento de grande satisfação, prometera precipitadamente em casamento, tendo o rei Gâ-roo, ao fazê-lo, feito o voto dos Umi-Lobas: “Que eu nunca consiga pular mais longe do que o comprimento do meu nariz, se eu quebrar minha promessa”, ele não ousou quebrar sua palavra e, é claro, o velho, magro, ossudo e enrugado Megâ-Zaltô insistiu que ele cumprisse o acordo.

O efeito de tudo isso foi lançar a bela princesa Hoppâ-Hoppâ em uma profunda melancolia. Na verdade, ela se recusou terminantemente a comer qualquer alimento por tanto tempo que todos diziam tristemente: “Ela vai morrer!”

O rei Gâ-roo estava fora de si de tristeza. Mas, como Megâ-Zaltô não tinha sangue, ele não sentia nenhuma piedade pelo pai ou pela filha e insistiu que o rei cumprisse o acordo feito com ele.

Por fim, motivado pela rica recompensa oferecida pelo rei Gâ-roo a qualquer médico que conseguisse fazer a princesa Hoppâ-Hoppâ comer, um dos médicos da corte teve a seguinte ideia:

Os criados foram instruídos a preparar uma mesa no quarto da princesa e a cobri-la com seus pratos favoritos. Em seguida, a dama de companhia recebeu instruções para amarrar uma faixa de seda ao redor do corpo da princesa Hoppâ-Hoppâ, quando esta se retirasse para dormir, de forma que pressionasse suavemente, mas continuamente, o nervo simpático, fazendo-a andar durante o sono.

O plano funcionou. Todas as noites, por volta da meia-noite, a princesa Hoppâ-Hoppâ levantava-se da cama, ainda em sono profundo, sentava-se à mesa e fazia uma refeição farta. Depois, voltava para a cama, e uma das damas de companhia imediatamente soltava a faixa de seda, para que ela não se levantasse pela segunda vez e comesse demais.

A princesa Hoppâ-Hoppâ avançou em minha direção, pulando com um ar tímido, até ficar perto o suficiente para me ver bem.

Fui então convidado a repetir meus passos, o que fiz com muito vigor, concluindo a apresentação sentando-me e cruzando as pernas.

Hoppâ-Hoppâ sorriu levemente no início, mas, quando chegou a hora de cruzar as pernas, ela bateu palmas com suas mãozinhas de boneca e soltou uma risada tão alta quanto as notas graves de uma flauta.

O rei Gâ-roo ficou louco de alegria. Era a primeira vez que Hoppâ-Hoppâ ria em um ano. Percebi que havia uma consulta apressada entre o rei Gâ-roo e seus ministros gordos e magros. Eu sabia muito bem o que isso significava. Mas a princesa Hoppâ-Hoppâ interrompeu a consulta e resolveu toda a questão gritando como uma criança mimada clamando por um brinquedo: “Eu quero ele!”

O rei Gâ-roo explodiu em uma gargalhada, à qual todos se juntaram, exceto o magro e ossudo Megâ-Zaltô, que me lançou um olhar feroz, contorcendo seu rostinho como uma maçã seca.

“Ele é seu; leve-o, filha amada”, exclamou o rei Gâ-roo alegremente, “e se ele puder curar sua melancolia e torná-la mais uma vez a alegria e o sol da nossa corte, nenhuma das joias gloriosas que adornam nossa coroa real será boa demais para ele”.

Em meio a grande alegria e gritos de júbilo, uma corda de seda foi amarrada ao meu corpo e fui levado pela bela princesa Hoppâ-Hoppâ. Bulger se ressentiu da indignidade de amarrar uma corda em minha cintura e quase conseguiu

mordendo a perna grossa do assistente que prestava esse serviço para mim. Rosnando e mostrando os dentes para a direita e para a esquerda, o pobre animal confuso me seguiu até a prisão; digo prisão, pois foi isso que acabou sendo.

Dia e noite, um guarda cercava meus aposentos e mantinha uma distância respeitosa quando eu era chamado para divertir a gentil princesa correndo, pulando em um pé só, andando com os dedos dos pés virados para fora ou para dentro, ou com os pés bem afastados.

Mas a única coisa que encantava a princesa e afugentava a melancolia do seu rosto bonito era a minha habilidade de cruzar as pernas. Eu era obrigado a repetir essa façanha maravilhosa até meus membros doerem, mas, por mais que eu repetisse para a gentil Hoppâ-Hoppâ, era sempre novo e maravilhoso, e ela invariavelmente me recompensava com sorrisos e palmas com suas mãozinhas de bebê.

Foi nessa época que meu amado irmão Bulger me deu outra prova de seu profundo afeto e inteligência extraordinária. Mal comecei a me preparar para dormir, notei que algo estava acontecendo com ele. Ele fixou seus olhos negros e brilhantes em mim, de forma suplicante, mordeu meu sapato de brincadeira, puxou minha roupa, pulou em cima de mim, depois saltou em direção à cama, cheirou-a, rosnou com raiva genuína e, voltando para mim, começou a me provocar e incomodar mais uma vez. Eu estava quase inclinado a me provocar. Por vezes, eu o repreendia e, por vezes, o acariciava. Tudo em vão; ele continuava com seus comportamentos estranhos, ficando, se possível, cada vez mais violento. Finalmente, eu estava pronto para dormir. Esforçando-me com todas as minhas forças para acalmá-lo e consolá-lo, fiz um esforço para me jogar na cama, para que ele pudesse pular e deitar-se ao meu lado.

Mas não, era impossível. Com um aperto de ferro, ele agarrou meu roupão e me segurou com firmeza, choramingando e chorando lastimosamente, como se dissesse:

“Ó, meu querido senhorinho, por que não me compreende?”

De repente, um pensamento estranho passou pela minha mente. Abaixei-me e olhei debaixo do sofá.

Tudo parecia normal.

Então, como se impulsionado por alguma mão invisível, agarrei a roupa de cama e a joguei no chão. Eis que o mistério estava resolvido! Ali, escondidas sob a cortina, brilhavam as pontas de uma dúzia ou mais de pequenas lâminas, cada uma mais afiada do que

a ponta de uma agulha e, ao examiná-las, descobri que estavam manchadas com um veneno tão sutil que a menor picada teria tirado minha vida. Preciso dizer como as lágrimas jorraram, como me joguei de joelhos e segurei aquele animal querido em meus braços, cobrindo-o de beijos?

Ele estava satisfeito.

Mais uma vez, ele acrescentou à longa lista de dívidas que eu tinha com ele — dívidas que só poderiam ser pagas com moedas novas e brilhantes, cunhadas no coração. Como você sem dúvida já adivinhou, essa tentativa covarde e cruel contra a minha vida foi obra daquele rolo de molas de aço vivo, Megâ-Zaltô, que estava determinado a eliminar o estrangeiro odiado, cujas deformidades monstruosas eram tão agradáveis ao ser que ele amava.

O rei Gâ-roo ficou muito indignado quando, após Bulger reconhecer o aspirante a assassino na presença de toda a corte, o miserável confessou tudo e contou como havia preparado as facas com as próprias mãos.

"Saia da minha vista, servo indigno! Se não ordeno que seu coração vil e sua cabeça ainda mais vil sejam separados pelo machado do carrasco, é porque seu pai prestou serviços inestimáveis ao meu. Vá! Não volte até que eu o chame!"

O rei Gâ-roo passou a me tratar com especial favor.

Em primeiro lugar, ele ficou encantado ao ver o sucesso dos meus esforços para divertir a princesa Hoppâ-Hoppâ, cujas bochechas infantis brilhavam novamente como rosas e cuja voz infantil soava como antigamente, como uma nota de flauta ou um pequeno sino de prata.

Sua Majestade ordenou que o pintor da corte fizesse imediatamente um retrato de Bulger para a galeria real e que fosse feito um molde de gesso da minha cabeça para o museu real.

Fiquei muito satisfeito com toda essa atenção.

Mas notei que, no momento em que insinuei a necessidade de voltar rapidamente para casa, o rei Gâ-roo habilmente desviou a conversa para outro assunto. O fato era que ele temia que eu deixasse o palácio, pois sua amada Hoppâ-Hoppâ sentiria falta das minhas apresentações diárias e voltaria a ficar melancólica.

A pequena princesa não demorou a exercer seu poder sobre mim. Batendo os pés no chão, como um coelho, quando eu não fui tão

divertido como de costume, e chegando até a ameaçar-me com uma dose daquela mola de aço viva chamada Megâ-Zaltô, quando me recusei a cruzar as pernas e descruzá-las rapidamente o suficiente para agradar a sua senhoria.

Um dia, estando absorto em pensamentos sobre a minha situação e ponderando várias maneiras de fugir dos domínios do Rei Gâ-roo, sem querer, não prestei muita atenção às ordens de Hoppâ-Hoppâ. Em vão ela gritava, batendo no chão com os pezinhos, sacudindo as mãozinhas para mim e gritando em tom estridente e irritado com a minha negligência.

Eu não acelerei o passo nem um pouco. Um fardo pesado de pensamentos oprimia minha mente.

Meu coração estava cheio de tristeza.

Durante todo aquele dia, eu pensava em casa, no querido e velho barão e na gentil baronesa, minha mãe, e me perguntava se eles sentiam minha falta no castelo.

De repente, chegou um mensageiro do rei Gâ-roo convocando-me imediatamente para a sala de audiências.

Com um salto, voltei a mim.

A pequena princesa Hoppâ-Hoppâ tinha ido para seus aposentos.

Comecei a chamá-la de volta.

A cada instante, esperava ouvir aquele pequeno monte de ossos e maldade saltar em cima de mim como um sapo venenoso.

Com medo e tremendo, dirigi-me à sala do rei.

Para minha alegria indescritível, sua majestade, o governante dos Umi-Lobas, estava de ótimo humor.

Ele me recebeu com os braços abertos, serviu-me uma taça de vinho e pediu que eu me sentasse aos pés do trono.

Tentei em vão balbuciar meus agradecimentos.

Ele não quis ouvir uma palavra, dizendo que “o rio deveria correr para o outro lado”, querendo dizer que era a mim que se devia agradecer.

“Agora, homenzinho todo cabeça”, começou o rei, depois que eu terminei meu vinho, “mandei chamá-lo para tentar fazê-lo feliz, na mesma medida em que você contribuiu para a minha felicidade. Hoje falo com você do coração de um pai . Você restaurou meu querido filho saúde e

contentamento, e lembrando-me das nossas conversas, em que me disseste que és um grande amante de livros raros e úteis, mandei fazer cópias de todos os livros das prateleiras da biblioteca real, e agora peço-te que as aceites como um pequeno sinal da minha gratidão."

Fiquei sem palavras.

O sangue correu rápido e quente para as minhas bochechas.

Gaguejei algumas palavras sem sentido de protesto, agradecimento, surpresa e outras coisas mais.

O plano me pareceu claramente uma manobra para me prender ao serviço do rei Gâ-roo, para me sobrecarregar com vários milhares de volumes que eu não teria como levar comigo e que, se deixasse para trás, seria um insulto tão grande que certamente resultaria em prisão e encarceramento.

Por fim, consegui me recompor e falei o seguinte:

"Ó, poderoso, maravilhoso e gracioso saltador de todos os Umi-Lobas, Gâ-roo, milésimo de sua linhagem, imploro-lhe que não me sobrecarregue com um tesouro tão vasto e inestimável. Tu sabes que sou apenas um visitante temporário em teu reino; não tenho caravana para transportar esta vasta coleção de sabedoria, armazenada em tantos milhares de volumes grossos e volumosos, com fechos de aço e dobradiças de ferro. Teu presente é generoso demais para um visitante tão humilde como eu. Portanto, gracioso Rei Gâ-roo, concede-o a algum nobre rico de tua terra, em cujos espaçosos salões esses livros possam encontrar um lugar seguro para descansar, prateleira sobre prateleira, uma verdadeira fortaleza do conhecimento, inexpugnável para as coortes da ignorância."

O rei Gâ-roo sorriu.

Então, voltando-se para um servo, disse:

"Chame Poly-dotto para comparecer perante mim e peça-lhe que traga a biblioteca com ele."

Fiquei mais intrigado do que nunca com essa ordem.

Em poucos instantes, a porta se abriu e um velho Umi-Loba, curvado pelos anos, com longos tufos de cabelos brancos crescendo nas orelhas — pois esse povo não permite que os cabelos cresçam no rosto, arrancando-os e destruindo suas raízes ainda na infância —, carregava um único volume de bom tamanho debaixo do braço.

Ele avançou com passos fracos, apoiando-se em uma bengala.

Sua voz me fez sorrir apesar de mim mesmo, pois assobiava como uma flauta, tocada sem habilidade, e de vez em quando se transformava em um guincho engraçado.

Mas, apesar do corpo enfermo, Polidotto era uma maravilha de mente e memória.

Fiquei bastante surpreso ao descobrir que Polidotto entendia minha língua com perfeita facilidade, o que não era nada surpreendente, quando paramos para pensar que todas as nossas línguas europeias se originaram nesta parte do mundo.

Polidotto deu um salto à frente, tentou inclinar o corpo mais do que já estava, enfiou os longos tufos de cabelo branco que cresciam em suas orelhas no peito de sua roupa e colocou o livro que trouxera nas mãos do rei Gâ-roo.

Sua Majestade retribuiu a saudação do sábio anciano e, em seguida, voltando o olhar para mim, acenou para que eu me aproximasse.

Eu obedeci.

“Receba, Senhor Pernas de Pêndulo”, exclamou o Rei Gâ-roo, “como sinal do meu afeto e prova da minha gratidão, esta transcrição completa e perfeita de toda a biblioteca real, que por muitos séculos foi o orgulho dos Reis dos Umi-Lobas”.

Olhei para o rei Gâ-roo, depois para a contracapa do livro, pensando que se tratava apenas do catálogo dos livros contidos na biblioteca real.

Mas não; lá estava o título, “Transcrição Completa”, etc.

Abri o livro.

Suas páginas eram mais finas do que o tecido mais fino que eu já

tinha visto. Fui até a última página.

Vinte mil páginas!

Meu espanto redobrou.

Com alguma dificuldade, devido aos meus dedos inexperientes, virei algumas páginas aqui e ali. Todas estavam cheias de pontos e traços minúsculos.

Aos meus olhos, uma página parecia igual à outra, uma repetição desconcertante desses mesmos pequenos pontos e traços.

Olhei para o rei Gâ-roo e Poly-dotto. Ambos estavam muito divertidos com a minha confusão.

Como um flash, a verdade me ocorreu. Parecia que eu estava acordando de um sonho.

Sim, não havia dúvida. Eu estava naquele momento na terra dos primeiros escritores de taquigrafia. Ali havia surgido aquele misterioso sistema de registro da linguagem por meio de pontos e traços, que tantos homens, em tantos países diferentes, em séculos diferentes, afirmaram ter inventado.

Nas minhas leituras sobre povos antigos, muitas vezes vi alusões sombrias a que, em tempos remotos, existia uma raça de seres com braços curtos e mãos minúsculas, que inventaram uma língua escrita para satisfazer as suas necessidades, na qual não se utilizavam letras, sendo as palavras representadas por pontos e traços colocados a diferentes alturas para denotar sons diferentes.

Com uma espécie de alegria ofegante, sentei-me e comecei a examinar o livro novamente, parando de vez em quando para repetir algumas palavras de agradecimento ao rei dos Umi-Lobas.

“Informe ao homenzinho de cabeça grande, o muito erudito Poly-dotto”, gritou o rei, “quantos volumes ele tem nas mãos”.

Poly-dotto acariciou os tufos brancos que pendiam de suas orelhas e disse o seguinte:

“A biblioteca real que você tem em suas mãos contém oito mil volumes, todos raros e valiosos, que só podem ser encontrados na biblioteca de nosso mestre real. Esses volumes tratam de astrologia, alquimia, adivinhação, quiromancia, medicina, matemática, direito, política, filosofia, passatempos, guerra, cinquenta volumes de poesia, cinquenta de história, cinquenta de contos maravilhosos, além de várias centenas de tratados sobre teosofia, altruísmo, positivismo, hipnotismo, leitura da mente, transmigração das almas, arte de voar, embalsamamento, etc., etc.!”

“Ó, maravilhoso! Maravilhoso!” foi a minha exclamação.

“Mas eu te imploro, ó erudito Polidotto”, continuei, “revela-me o segredo de tudo isso! Revela-me a origem desse maravilhoso sistema de escrita, pelo qual a sabedoria dos séculos pode ser registrada em um pequeno volume!”

Polidotto olhou para o rei, que inclinou a cabeça em sinal de consentimento real para que o velho sábio falasse.

“Onde estamos agora”, começou Polidotto, jogando para trás os longos tufos de cabelos brancos que iam das orelhas até os ombros, “era outrora uma região montanhosa e acidentada. Naqueles dias, há cerca de trinta mil anos, nosso povo era mais parecido com o seu do que atualmente. Para escalar as encostas rochosas dessas montanhas, eram necessários braços longos e musculosos, mãos fortes com grande poder de preensão e pernas flexíveis, movendo-se de forma independente umas das outras, como os alpinistas de todas as terras. Mas, de repente, essas alturas rochosas começaram a afundar e os vales a se elevar; é verdade que muito lentamente e gradualmente, mas de forma ininterrupta, de modo que, em poucos anos, o que antes era um país acidentado, irregular e enrugado, começou a assumir a aparência de uma terra perfeitamente plana. Com essas mudanças, nosso povo começou a mudar.

“Não tendo mais utilidade para mãos de ferro e braços de músculos incansáveis, não demoraram muito para descobrir que essa força os estava abandonando, que a largura dos ombros e a profundidade do peito estavam desaparecendo lentamente, mas com certeza, em seus filhos e netos. Por uma estranha fatalidade, nessa época, uma terrível enchente assolou nossa terra infeliz. Nosso povo em pânico teve tempo apenas para escapar. Durante vários meses, as regiões outrora habitadas por uma pequena nação feliz ficaram cobertas por águas com muitos metros de profundidade. Quando, finalmente, as águas baixaram e nossos ancestrais puderam pisar novamente em solo natal, que mudança encontraram diante dos olhos! Este vasto domínio de nosso gracioso senhor, o Rei Gâ-roo — o Milésimo —, tornou-se como você vê agora, uma planície perfeitamente nivelada, entrelaçada por inúmeros riachos estreitos, mas profundos e de correnteza rápida. Mas o solo trazido pelos braços, por assim dizer, dessas águas turbulentas e lançado sobre nossas casas, enterrando-as bem abaixo, era de uma fertilidade extraordinária, exatamente como você vê agora. Todo tipo de planta, fruta, flor, vegetal e grão cresce aqui sem cultivo, uma vez plantado. Nosso povo não demorou a aproveitar a bondade da natureza e reconstruir os lares felizes destruídos pela enchente. Mas agora nos deparamos com uma situação maravilhosa. Aqui estávamos fechados, cercados por uma vasta rede de riachos e, ainda assim, ensinados por nossa terrível experiência a temer tanto a água que nem mesmo para escapar da morte nossa gente se atrevia a atravessar a nado um desses pequenos rios ou passar por cima deles em qualquer tipo de barco. O tempo passou. Era uma questão de viver nessas longas e estreitas faixas de terra e caminhar dezenas de quilômetros para

contornar as curvas e voltas dos riachos, ou então saltar por cima deles. Nossos sábios deram instruções aos nossos antepassados, dizendo-lhes que, desde a infância, deveriam treinar seus filhos a saltar, incentivando-os com recompensas para que continuassem a praticar até que saltar se tornasse tão fácil para eles quanto andar e correr. Os ancestrais reais de nosso gracioso senhor promulgaram leis muito rigorosas contra andar e correr. Em poucas gerações, grandes mudanças ocorreram. Não era incomum ver uma criança de oito ou dez anos saltar dois ou três metros sobre riachos enquanto brincava de esconde-esconde. À medida que essas crianças saltadoras cresciam, sua habilidade em saltar logo as levou a perceber que podiam avançar muito mais rapidamente pulando do que da maneira antiga e trabalhosa de dar um passo após o outro.

"Os riachos agora estavam mais largos, colocando à prova a capacidade de salto do nosso povo. Mas superamos todos os obstáculos e, em poucas gerações, tornou-se realmente raro ver um Umi-Loba se movendo da maneira antiga. Como você pode imaginar, a natureza não poderia fornecer vigor suficiente para permitir que nosso povo se transformasse dessa maneira e, ao mesmo tempo, preservasse seu comprimento, força e poder dos ombros, braços e mãos. Um resultado surpreendente se manifestou. O que foi ganho abaixo foi perdido acima. Os braços do nosso povo começaram a ficar flácidos; as mãos assumiram uma aparência delicada e sem força, como se uma longa doença as tivesse branqueado e amolecido. Então, os sábios da nossa nação notaram outra mudança. Depois de uma certa idade, os braços das nossas crianças paravam de crescer completamente e, embora os nossos médicos fizessem esforços extraordinários para superar essa paralisação repentina do crescimento, que geralmente ocorria quando as nossas crianças chegavam aos dez anos, todos os seus esforços foram em vão.

"Nosso rei, para seu grande desânimo, viu crescer ao seu redor uma raça de jovens cujos braços eram tão curtos e cujas mãos eram tão pequenas e delicadas que não podiam mais empunhar as lanças, os arcos e as flechas de nossos antepassados. Até mesmo as facas, os garfos e os copos tiveram que ser feitos cada vez menores à medida que essas mudanças maravilhosas ocorriam.

"E não demorou muito para que nossos sábios descobrissem que era totalmente impossível segurar e guiar as longas e pesadas canetas de seus ancestrais, ou levantar os volumosos livros nos quais nossos pais mantinham os registros de nossa nação.

Com canetas menores, surgiram livros menores e uma escrita mais refinada, até que finalmente um dos meus antepassados, num momento de inspiração feliz, concebeu a ideia de abandonar a antiga forma de escrever por meio de duas dezenas ou mais de letras, tão grandes que apenas algumas delas podiam ser escritas numa linha, e das quais duas ou três eram necessárias para registar um simples som, e de usar pequenos pontos e traços tão finos como cabelos para representar o som das nossas palavras.

"Nossas crianças ficaram encantadas.

Seus braços curtos e mãos minúsculas eram perfeitos para esse trabalho.

"Em poucos anos, o novo sistema de escrita foi ensinado em todas as nossas escolas e, por decreto real, tornou-se o único método legal de escrita em todo o reino. Mais tarde, outro dos meus antepassados melhorou muito o sistema, simplificando-o de tal forma que frases inteiras podiam ser registradas com um único pontinho ou traço fino como um fio de cabelo.

"É por meio desse sistema maravilhoso que podemos comprimir uma biblioteca inteira em um único livro, como você viu, e tornar possível que nosso mestre real leve consigo em suas viagens a sabedoria variada dos séculos, de forma tão compacta que pode ser colocada sob o travesseiro real sem amassar.

"Você sabe muito bem", continuou Poly-dotto, com um sorriso, enquanto levantava uma de suas mãos infantis e apontava um dedinho para o livro que eu segurava nas mãos e cujas páginas estavam fixas em meus olhos, abertos de espanto, "que em seu país um escritor de histórias não poderia possivelmente espremer um único de seus contos entre essas capas!"

O rei Gâ-roo riu-se com vontade ao ouvir estas palavras.

Após mais alguns momentos de conversa agradável, fui dispensado por Sua Majestade com promessas de favores contínuos.

Enquanto eu saía da sala de audiências, o rei Gâ-roo gritou alegremente, apontando um dedinho para mim:

"Cuide bem da princesa Hoppâ-Hoppâ, Pequeno Homem-Toda-Cabeça!"

Sentado em meu apartamento, no dia seguinte à minha recepção na corte e à apresentação da biblioteca real, passando o tempo da melhor maneira possível mergulhando na história antiga dos Umi-Lobas, de repente ouvi um grande chiado e assobio, como se alguém que sofresse de asma estivesse se aproximando.

Bulger deu um grunhido baixo.

Levantei-me de um salto e, ao dirigir-me para a porta, fiquei bastante surpreso ao ver Migrô-Zaltô vindo em minha direção com pequenos saltos, cada um deles acompanhado de um grunhido.

No entanto, ele finalmente chegou a um assento no meu apartamento e, após meia hora de descanso, dirigiu-se a mim da seguinte forma:

"Trago boas notícias, Pequeno Homem-Toda-Cabeça. Sua Majestade, o Rei Gâ-roo, resolveu graciosamente nomeá-lo um de seus Ministros de Estado. Poly-dotto informou-lhe que sua cabeça é exatamente três vezes maior que a maior das Umi-Lobas e que, consequentemente, você deve ser pelo menos três vezes mais sábio que qualquer um de seus conselheiros. Ele não quer, naturalmente, que nenhum outro monarca tenha acesso ao vasto tesouro de sabedoria armazenado em sua cabeça. Seu plano é tratá-lo como um filho, cercá-lo de tudo o que o ouro pode comprar ou que mãos hábeis podem fabricar, para seu conforto e diversão; em uma palavra, cobri-lo de honras, de modo que logo você se esqueça de seu lar e de seus parentes."

O efeito das palavras de Migrô-Zaltô sobre mim foi indescritível.

Senti como se meu coração estivesse prestes a bater pela última vez.

Foi somente com um grande esforço que consegui me recompor, gaguejar um agradecimento a Sua Majestade, o Rei Gâ-roo, e evitar trair meu estado de total desânimo.

Eis-me agora um prisioneiro para o resto da vida! Pois, apesar de todas essas palavras melosas, o rei Gâ-roo passou a dobrar o número de guardas designados para vigiar meus movimentos e, assim, impedir qualquer tentativa de fuga.

Eu, é claro, fingi não notar essa precaução extra.

Na verdade, coloquei um sorriso no rosto triste e fingi estar perfeitamente contente, ter desistido de qualquer pensamento de voltar para casa.

Tomei o cuidado de deixar Migrô-Zaltô saber que agora pretendia começar a estudar a história antiga de seu povo.

Com a princesa Hoppâ-Hoppâ, também fui todo gentil e simpático. Mas enquanto estava assim ocupado a despistar os meus guardiões, mergulhei profundamente no folclore dos Umi-Lobas.

Os livros da biblioteca real, que o rei Gâ-roo me concedera tão generosamente, me foram de grande utilidade.

Decidi descobrir todas as fraquezas dos Umi-Lobas, a fim de ver se conseguia encontrar alguma maneira de escapar à vigilância deles.

Nos primeiros dias, tudo era escuridão para mim, mas finalmente vi um raio de esperança.

Aconteceu da seguinte maneira:

Os Umi-Lobas temem a água. Minha própria observação, bem como as palavras de Poly-dotto, chamaram minha atenção para esse fato estranho.

Dotados pela natureza com membros tão fortes que podem saltar sobre riachos de até dez metros de largura, eles têm a superstição de que a natureza os criou para evitar tocar a superfície da água.

Primeiro, observei que eles não tinham nenhum tipo de barco e que suas crianças, ao contrário de outras crianças, nunca brincavam nas margens dos belos riachos que corriam em todas as direções ao redor de suas casas.

"Um barco é o que eu preciso!", disse a mim mesmo, com o coração batendo forte de emoção reprimida.

Mas, ah! Onde conseguir isso?

Era inútil tentar construir um barco ou mesmo uma jangada sem atrair a atenção dos meus observadores e causar um alvoroço.

Eu precisava abandonar essa ideia.

Por uma estranha fatalidade, meu inimigo mais ferrenho veio em meu auxílio. Você sem dúvida se lembra de como aquele animado rolo de aço, Megâ-Zaltô, tentou me matar colocando pequenas lâminas envenenadas em minha cama.

Bem, depois disso, nunca mais me deitei à noite sem primeiro retirar as almofadas, cortinas e cobertas do meu sofá em busca de mais alguma coisa do mesmo tipo.

Nunca encontrei nenhuma, pois Megâ-Zaltô ainda estava em desgraça e proibido, sob pena de morte imediata, de se aproximar do palácio real.

Mas encontrei outra coisa. Era

isto:

descobri que a estrutura da minha cama, sem almofadas e roupas, tinha exatamente o formato de um barco a remo; na verdade, era um modelo tão bonito que dava um prazer infinito aos meus olhos de marinheiro e, o mais surpreendente de tudo, já estava equipado com um mastro firme e bem feito, a haste que sustentava as cortinas. Tudo o que eu precisava era de dois gravetos finos e retos para

retrancas, e eu poderia pegar um dos meus lençóis e montar uma vela quadrada em poucos instantes.

Mais uma vez, me vi diante de uma dificuldade terrível.

Mesmo admitindo que eu conseguisse escapar da vigilância dos meus guardiões, como eu, sozinho, transportaria a pesada estrutura da cama até a beira da água, a mais de 400 metros de distância?

Estava prestes a desistir de todo o plano.

Quanto mais eu pensava nisso, mais os perigos e as dificuldades aumentavam.

Andava de um lado para o outro com passos rápidos e ansiosos, mal percebendo a preocupação de Bulger.

Ele estava atrás de mim com tentativas vãs de me acalmar. Por fim, em

desespero total, joguei-me em uma cadeira.

Bulger levantou-se nas patas traseiras e olhou para o meu rosto com ar interrogativo.

A língua estava de fora.

Ele estava sofrendo com o calor.

Pela primeira vez, tomei consciência da minha condição.

O suor escorria pelo meu rosto. De repente, uma nova ideia surgiu na minha mente e ajudou a antiga.

Eu disse a mim mesmo:

“Vou reclamar com o rei do calor; vou dizer-lhe como estou acostumado à vida ao ar livre e a dormir ao ar livre, sem cobertura, exceto o céu azul e as estrelas cintilantes; que certamente definharei se não me for permitido mudar minha cama durante o calor do verão para a margem do rio, onde o ar é mais fresco e puro”.

O rei Gâ-roo ouviu meu pedido sem a menor suspeita de que qualquer ideia de fugir de seu domínio estivesse passando pela minha mente.

Na verdade, ele teria mais esperança de ver uma de suas camas reais abrir suas cortinas como asas e voar para as montanhas do que vê-la descer o rio com um dos lençóis servindo de vela.

Assim, meu pedido foi atendido imediatamente.

Minha cama foi levada para a margem do rio, onde uma tenda foi montada para me abrigar em caso de chuva forte, e outra para abrigar o grupo de guardas que sempre se mantinha a uma distância respeitosa de mim, mas perto o suficiente para pular sobre mim em cerca de três segundos.

Até então, tudo tinha corrido bem. No início, meu plano era lançar meu barco e fugir durante a noite, mas fui obrigado a desistir, pois descobri que a guarda era sempre reforçada ao cair da noite.

A fuga, se é que eu conseguiria fugir, teria que ser em plena luz do dia.

Seis soldados Umi-Lobas ficavam de sentinela em torno dos meus aposentos, do nascer ao pôr do sol.

Não é preciso dizer que estavam armados.

Mas suas pequenas espadas e piques não me causavam medo.

Com um bastão robusto, eu poderia derrotá-los em poucos instantes. No entanto, suas pernas e pés terríveis eram outra história.

Um golpe dos pés de um vigoroso Umi-Loba teria me deixado morto no chão.

Muitas vezes vi esses guardas se divertindo fazendo buracos profundos no chão ou quebrando lajes de pedra com uma espessura de alguns centímetros com um único golpe dos calcanhares.

Preciso escolher uma maneira diferente de escapar desses perseguidores perigosos. Eles precisam ser drogados.

Mas como fazer isso?

Oferecer comida a todos ao mesmo tempo certamente despertaria suas suspeitas.

Por outro lado, eles não comiam todos juntos.

Portanto, seria mais do que loucura tentar drogar a bebida deles. O que fazer?

Mais uma vez, meu coração ficou doente e fraco dentro de mim. Sentei-me para organizar meus pensamentos dispersos.

Naquele momento, o criado começou a servir meu almoço. Olhei para os pratos tentadores e os vinhos espumantes. Era um banquete digno de um rei.

“Senhor Pendulum-legs”, disse o criado, com uma reverência, “esta é a época dos ovos O-loo-loo. O primeiro foi encontrado hoje. O ninho continha

Seis. Sua Majestade envia-te dois e deseja-te bons sonhos.” Agora deixe-

me explicar-lhe o significado desta estranha mensagem.

O pássaro O-loo-loo é do tamanho de uma codorna e põe de seis a doze ovos de cor preta como azeviche. Mas como o pássaro, cuja plumagem é tão preta quanto as asas de um morcego, faz seu ninho no deserto, entre o crescimento denso de uma planta semelhante à urze, com folhas de um verde tão escuro que parecem quase pretas, os ovos são invisíveis aos olhos do caçador, e os ninhos só podem ser encontrados colocando-se sentinelas para marcar os locais onde os pássaros pousam.

Como você pode imaginar, os ovos de O-loo-loo valem seu peso em ouro. Mais ainda, é proibido ao povo comê-los.

Tal é a ordem do rei!

Todos pertencem a ele, e quem os encontrar deve levar imediatamente seu prêmio ao palácio real, onde uma rica recompensa o aguarda.

Mas o mais misterioso sobre eles ainda está por ser revelado! Não só esses ovos têm um sabor delicioso, como dois deles são suficientes para fazer quem os come cair num sono profundo, durante o qual os sonhos mais agradáveis tomam conta dele! Visões de beleza requintada passam diante de seus olhos, e a vida parece tão doce e satisfatória que acordar é realmente uma dor intensa. A causa desse estranho efeito foi um mistério por muitos séculos, e os ancestrais dos Umi-Lobas costumavam adorar o pássaro O-loo-loo como uma espécie de criatura sagrada. Mas o mistério foi finalmente resolvido. Descobriu-se que esses pássaros se alimentavam da semente da papoula, e daí vinha o poder de seus ovos de causar sono naqueles que os comiam.

Comi os dois ovos O-loo-loo para testar a questão e, em poucos instantes, mergulhei num sono delicioso.

Quando acordei, vi luz onde antes reinava a escuridão.

O caminho para escapar dos guardas do rei Gâ-roo estava agora claro para mim. Comecei imediatamente a guardar os meus ovos O-loo-loo.

Em poucos dias, eles se tornaram mais abundantes e não demorou muito para que eu acumulasse duas dúzias deles.

E agora, pensei, se eu os oferecer aos meus guardiões como um banquete, eles ficarão desconfiados; recusar-se-ão a comê-los, e todo o assunto será levado ao rei, e eu serei privado da pouca liberdade que tenho. Portanto, devo usar meu conhecimento da natureza humana.

À medida que cada homem passava em sua ronda, eu o chamava e, mostrando-lhe quatro dos ovos O-loo-loo, dizia:

“Gosto de você; você é meu favorito, poderia ser muito discreto?”

Os olhos do homem brilharam de alegria, e pude ver que sua boca estava salivando ao ver os delicados petiscos.

Depois que ele me garantiu que tomaria muito cuidado para que ninguém soubesse da minha gentileza, dei-lhe quatro ovos, o suficiente para fazê-lo dormir como uma pedra por três horas.

Ele devorou-os, com casca e tudo.

Fiquei muito satisfeito com o resultado do meu plano.

O sentinela seguinte, que apareceu alguns momentos depois do primeiro, foi servido da mesma maneira. E assim por diante com todos os outros. Cada um prometeu solenemente nunca revelar sua sorte aos companheiros.

Até então, meu plano tinha funcionado esplendidamente.

Em cerca de um quarto de hora, tive a satisfação suprema de ver todos os seis começarem a esfregar os olhos, depois bocejar e, em seguida, esticar os bracinhos acima da cabeça da maneira mais sonolenta possível. Em menos de meia hora, estavam todos esticados na relva, roncando como bons companheiros.

Agora era a minha hora de agir!

Corri para a minha cama para esvaziá-la e jogá-la no pequeno rio que corria nas proximidades, quando, para meu horror, ouvi a princesa Hoppâ-Hoppâ chamando: “Homemzinho Cabeça! Homemzinho Cabeça!”

Um arrepio frio percorreu meu corpo! Lá vinha ela, pulando em minha direção como o vento, chamando-me para ir fazê-la rir!

O que eu deveria
fazer?

Derrubá-la?

Sufocá-la?

Oh, não; eu não poderia fazer mal àquele ser inocente com rosto de boneca, nem que fosse para salvar-me de uma prisão perpétua.

De repente, como um raio, uma ideia brilhante passou pela minha cabeça.

Eu corri, pulei, fiquei em pé em um pé só, chutei um pé bem alto no ar, cruzei as pernas, etc., para divertir a pequena princesa, mas nunca dancei para ela!

Se ela acha divertido o suficiente para rir com vontade de tais palhaçadas antiquadas, com certeza vai entrar em convulsão quando me vir dançando uma giga rápida com os calcanhares voando no ar.

Então, chamando-a da maneira mais alegre possível, eu disse:

"Venha, pequena princesa, venha, pequena Umi-Loba. Pule para cá! Rápido, tenho algo muito engraçado para lhe mostrar."

Ela não esperou por um segundo. Com

dois saltos, estava ao meu lado.

Pedindo que ela se sentasse, comecei a dançar e ela começou a rir. Em meio segundo, acelerei o passo e ela explodiu em gargalhadas.

"Oh, pare, homenzinho cabeça", ela ofegou. "Oh, pare, ou eu vou morrer!" Eu não queria que ela morresse, mas queria que ela desmaiasse.

Então, deixei-me cair.

Minhas pernas brilhavam como raios de sol dançando na água.

Bulger observava com digno espanto.

Ele não conseguiu entender o que seu pequeno mestre queria dizer com essas travessuras furiosas.

Eram realmente furiosas.

Mais rápido e mais rápido meus pés ágeis batiam no chão. Mais selvagem e incontrolável se tornava o riso da pequena princesa Hoppâ-Hoppâ. As lágrimas corriam por seu rosto bonito, que ela balançava de um lado para o outro; ela se inclinava para frente e para trás.

Aumentando ainda mais a velocidade dos meus movimentos, mantive os olhos fixos nela.

Vitória!

O fim finalmente chegou!

Ela rolou no gramado, desmaiada. "Agora ou nunca!",

murmurei para mim mesmo.

Em menos tempo do que leva para contar, com a ajuda do meu fiel Bulger, esvaziei a cama, coloquei meu ombro em uma das extremidades, enquanto

Bulger prendia os dentes em uma franja que pendia da outra, e então, ele puxando com toda a força e eu empurrando com toda a desesperação de uma batalha pela liberdade, a estrutura de madeira foi lentamente levada até a margem do rio.

Foi uma tarefa difícil para

nós! Mas conseguimos.

Agora, ela deslizou pela margem escorregadia com um ruído, batendo na água e flutuando como um pato.

Em um instante, Bulger e eu pulamos a bordo da pequena embarcação.

Montar uma das lençóis como uma vela quadrada e colocá-la no poste que sustentava as cortinas foi trabalho de poucos segundos.

Um leque robusto de cabo longo serviu-me de leme.

Avante! Avante! Finalmente parti!

O vento estava fresco e forte, e minha vela quadrada funcionava perfeitamente.

Naquele momento, uma voz aguda e estridente chegou aos meus ouvidos.

“Homem pequeno, cabeça grande! Homem pequeno, cabeça grande! Onde você está? Venha até mim!”

Os tons agudos e distantes de sua voz atraíram uma centena de assistentes. Eles pareciam ter surgido do chão.

Em uma corrida desenfreada, os mais fortes pulando sobre as cabeças dos menos vigorosos, eles correram para as margens do rio.

Sinos de alarme soaram por todos os lados.

Gongos, cornetas de sons estranhos e chocalhos chamavam as pessoas para o local onde a pequena princesa fora encontrada, semiconsciente, deitada na relva.

A visão da meia dúzia de sentinelas estendidos aqui e ali em sono profundo, os lençóis espalhados do meu leito, a cama em falta, tudo contava claramente a história da minha fuga.

Durante todo esse tempo, minha pequena embarcação avançava rapidamente rio abaixo, que ficava mais largo a cada cem metros.

Com uma explosão selvagem de vozes estridentes e furiosas, os Umi-Lobas se voltaram para perseguir o fugitivo.

Bulger choramingou lastimosamente ao vê-los se aglomerando nas margens.

Em outro momento, começaram a pular de uma margem para outra, passando por cima de nossas cabeças em nuvens perfeitas.

Eu sabia muito bem que eles não ousariam pular para dentro do meu barco, mas temia que pudessem nos dominar com uma chuva de suas pequenas lanças. No entanto, decidi testar o efeito de uma das minhas pistolas sobre eles, caso suas lanças me incomodassem.

O rei Gâ-roo, fora de si de raiva, chegou ao local e assumiu o comando de suas tropas reunidas e servos.

Primeiro, tentou me persuadir, oferecendo-me somas principescas e honras reais se eu voltasse.

Mas eu não dei ouvidos às suas palavras melosas. Então, ele ficou furioso. Ordenou aos seus soldados que me recapturassem vivo ou morto.

Uma chuva de lanças passou zunindo pelo ar.

A maioria delas caiu longe do alvo, pois o rio agora estava mais largo, de modo que eu estava a pelo menos dez metros da margem onde eles estavam.

Mas algumas dessas lanças caíram perigosamente perto de mim.

Temendo que suas pontas estivessem envenenadas, decidi testar o efeito de um tiro de pistola no ar.

O estrondo da arma de fogo e a nuvem de fumaça que se seguiu encheram os Umi-Lobas de um medo abjeto.

Eles se jogaram no chão e gritaram que eu era um espírito maligno.

Agora eu podia ver que o rei Gâ-roo havia dado ordens para que me deixassem partir em paz.

Não fizeram mais nenhuma tentativa de me molestar, mas era muito claro que estavam relutantes em se separar do “homenzinho todo cabeça”, por quem o rei e a princesa Hoppâ-Hoppâ tinham concebido um carinho tão grande.

Eu também senti um aperto no coração quando meu pequeno barco levou Bulger e eu para longe, pelas águas ondulantes do belo rio, agora tão largo que eu estava a pelo menos trinta metros da margem, e o palácio do rei Gâ-roo começou a desaparecer à distância.

Por vários quilômetros, eles seguiram as margens do rio, mantendo-se à minha frente, e de vez em quando me mandavam um adeus com uma voz suave e melancólica.

Esforçando os olhos, pude ver a pequena princesa Hoppâ-Hoppâ, carregada nos ombros por um grupo de servos, acenando-me um último adeus.

Então, mais uma vez, ouvi o som daquela voz aguda de bebê:

“Adeus! Adeus! Pequeno Homem-Cabeça! Hoppâ-Hoppâ diz adeus para sempre!”

E assim naveguei para longe da terra dos Umi-Lobas, a terra dos Homens-Saltadores!

Em poucos dias, o rio começou a alargar-se e a terra dos Umi-Lobas ficou para trás! No momento em que avistei qualquer sinal de seres humanos nas margens do rio, dirigi meu pequeno barco para uma enseada ampla, cujas margens inclinadas levavam a planaltos elevados. Aqui, com os olhos marejados, atraquei a pequena embarcação que me arrancou de uma vida de tristeza intensa, embora silenciosa, e, seguido pelo fiel Bulger, parti corajosamente para o interior. Após algumas semanas de viagem, entrei em um país que era ocasionalmente atravessado por comerciantes. Eles ficaram surpresos ao me encontrar viajando sozinho, mas aceitaram prontamente minha explicação de que eu havia me separado de um grupo de comerciantes e que meu cavalo havia morrido.

Agora, apressava-me em atravessar novamente a Índia e chegar às margens do Mediterrâneo, de onde embarquei para casa, com o coração alegre e a memória repleta de fatos pitorescos e lembranças curiosas.

BULGER E EU PARTIMOS DA TERRA DOS UMI-LOBAS (HOMENS SALTITANTES), NO MEU IATE FEITO DE CAMA.

CAPÍTULO VIII.

Nas ruas de Constantinopla, encontro um comerciante armênio, que me presenteia com um manuscrito de 6.000 anos. Trata-se de um palimpsesto. Seu conteúdo é maravilhoso. Fico sabendo da existência de um mar fervente e parto em busca dele. Três dos meus marinheiros são engolidos por um monstro marinho. Eu os resgato. Chegamos ao Caldeirão de Netuno. Descrição do local e de suas margens. Estranhas aventuras lá. Partimos para casa, mas somos surpreendidos por uma tempestade terrível que nos leva à costa da China. Bulger salva nossas vidas. Sou recebido com grande honra pelos dignitários da província — sou alojado no palácio do mandarim So Too. Bulger incorre na inimizade das autoridades. Ele é acusado de ter um espírito maligno, é preso e levado a julgamento. Eu o defendo. Ele é condenado à morte. Meus esforços para reverter a sentença são bem-sucedidos. Estranhas aventuras no palácio do Lorde Taou-tai. Bulger e eu conseguimos superar todos os obstáculos colocados em nosso caminho. Recebemos permissão para partir para um porto marítimo, onde embarcamos para casa. Nossa alegria por nos encontrarmos a salvo das mãos de nossos inimigos.

ALGUNS CORVOS GOSTAM DE JANTARES COZIDOS.

Enquanto passeava pelas ruas de Constantinopla, um dia, vagando em frente aos bazares ou ouvindo as histórias de um contador de histórias na esquina, encontrei um comerciante armênio.

Era um homem de conhecimentos variados, tinha lido muito, viajado muito, visto muito.

Comemos doces e bebemos café juntos durante vários dias.

Ele ficou tão encantado com meu intelecto perspicaz, meu humor afiado e minha grande imaginação que disse que sua viagem a Constantinopla tinha valido a pena a Constantinopla, embora ainda não tivesse aberto suas malas.

Quando chegou a hora de nos separarmos, ele começou a soltar as tiras de couro que prendiam a tampa de um baú de aparência estranha, cuja parte superior e laterais estavam cobertas por figuras curiosas incrustadas em várias cores.

De um canto desse receptáculo, ele retirou um volumen ou rolo de pergaminho antigo.

Em uma das extremidades, havia um selo de cera preso por uma tira de pergaminho, com o que parecia ser o anel de um monarca. Esse livro antigo e venerável exalava um cheiro muito mofado.

O armênio manuseou-o com cuidado, dizendo:

"É muito antigo; tem cerca de 6.000 anos." Vendo o espanto estampado em meu rosto, ele sorriu e continuou:

"Sim, 6.000 anos! Só foi desenrolado o suficiente para eu decifrar a natureza do seu conteúdo. Trata da alma humana e pretende ter resolvido completamente o seu mistério — um problema que tem confundido os filósofos de todas as épocas. Chega até a afirmar que a essência que chamamos de "alma" pode ser retirada do corpo e colocada em uma garrafa; que uma alma pode ser colocada no corpo de um homem para lhe fazer companhia e que, dessa forma, o mundo inteiro pode ser reformado, transformado; o mal sendo totalmente destruído e apenas o bem permanecendo.

"Você sorri, pequeno barão, mas isso me parece bastante viável. Por exemplo, este raro livro antigo assume, com toda a razão, que se pudéssemos introduzir uma alma boa num corpo já habitado por uma alma má, esse homem ou mulher deixaria de fazer o mal, ou, pelo menos, a alma boa trairia continuamente a sua companheira má e, embora o homem pudesse planear um assassinato, não deixaria de informar alguém do seu terrível propósito, frustrando assim os seus próprios objetivos."

"Ou", continuou o comerciante, "tomemos o caso de um avarento; ao colocar a alma de um perdulário em seu corpo, sua inclinação para acumular dinheiro e matar sua família de fome seria para sempre e sempre contrariada por um desejo ardente de desperdiçar seus ganhos, e o resultado seria que esses dois vícios se neutralizariam; e assim com um bêbado ou um ladrão: colocando a alma de um bebedor de água em um e a de um homem moral no outro, uma reforma perfeita poderia ser realizada. Este é um livro valioso, pequeno barão, mas eu lhe dou, exigindo apenas que você me prometa que, caso eu esteja certo em minha compreensão, você revelará o segredo aos padres da igreja.

Eu fiz a promessa ao comerciante e, não querendo aceitar um presente tão valioso sem dar algo em troca, tirei do dedo um anel

que continha o olho petrificado de um basilisco, que, no escuro, emitia luz suficiente para ler as horas num relógio.

Ele era quase cansativo em suas expressões de gratidão.

Nos separamos.

Guardei o antigo volume no meu baú e não pensei mais nele até algum tempo depois de voltar para casa, quando, num belo dia, Bulger, atraído pelo seu cheiro a mofo, agarrou-o pela tira de pergaminho que segurava o selo e tirou-o do seu esconderijo, depois olhou para mim como se dissesse:

"O que é isso, afinal, pequeno mestre?"

Decidi desenrolar o livro imediatamente.

O comerciante me alertou para ter muito cuidado ao fazer isso, para que não se desfizesse em mil pedaços.

Por isso, preparei uma tábua de madeira, que untei com uma cola forte, para que, à medida que o pergaminho se desenrolasse, fosse preso por essa superfície pegajosa e ficasse bem firme.

O plano deu certo.

Após várias horas de trabalho meticuloso, fiquei muito feliz ao ver o volume totalmente desenrolado e preso com firmeza e uniformidade à superfície do painel.

Imagine minha alegria, depois que a cola secou o suficiente para permitir uma análise da escrita, ao descobrir que este volume antigo era um palimpsesto!

Instintivamente, senti que essa dissertação sobre a natureza da alma era o sonho de um pobre morador que vivia na dupla escuridão da ignorância e da superstição. Então, apressei-me em lavar suas fervorosas efusões com algo ainda mais quente — água quente e sabão; pois meus estudos me diziam que a tinta usada pelo povo de sua época e geração não continha mordente e era, na verdade, apenas fuligem e gordura.

Agora eu tinha acesso ao verdadeiro conteúdo deste venerável livro.

A escrita estava apagada e sombria. Não deixei que isso me incomodasse, pois, habilidoso como sou na arte da química, não perdi tempo em aplicar um ácido que restaurou a escrita à sua antiga negritude.

Tive alguma dificuldade em decifrar a língua em que estava escrito — o antigo fenicio — mas, com a ajuda de várias partituras de

dicionários, finalmente traduzi-o para uma língua moderna, passando pelo aramaico, depois pelo grego e, finalmente, pela minha própria língua.

Quando finalmente superei todas as dificuldades e pude ler as descrições com a facilidade necessária para extrair todo o seu sentido, fiquei quase fora de mim de alegria.

Era a história de uma viagem feita por um navegador aventureiro, há seis mil anos, quando a Terra ainda estava em sua infância; ainda quente em alguns lugares; na verdade, apenas as montanhas mais altas e os planaltos haviam esfriado o suficiente para serem habitáveis.

Partindo das costas da Arábia, esse capitão audacioso apontou seu navio em direção ao sol nascente.

E, maravilha das maravilhas! Depois de muitos perigos terríveis e privações terríveis, ele entrou em águas que, para seu espanto quase indescritível, ficavam cada vez mais quentes à medida que navegava sobre elas.

No início, seus homens se recusaram a prosseguir, mas, com ameaças, persuasão e presentes generosos, o audaz marinheiro seguiu seu caminho, maravilhado e alegre. Depois de muitos dias, ele entrou em um corpo de água que, pelas suas descrições, reconheci imediatamente como o Mar da China. Mas agora era impossível avançar mais.

Em vão seus remadores ajudaram a impulsionar a pequena embarcação.

Enormes ondas de água quente, sempre vindas da mesma direção, empurravam sua embarcação para trás.

Por fim, a verdade se revelou para ele.

Ele estava na borda externa de um vasto mar agitado, que, com suas ondas quentes rolando para fora, empurrava para trás sua embarcação frágil como uma concha. Dirigindo-se a um promontório elevado, ele escalou até o ponto mais alto, usando sapatos e luvas grossas de feltro para proteger os pés e as mãos das rochas quentes.

Uma visão assustadora, mas sublimemente bela, se apresentou aos seus olhos.

Por centenas e centenas de quilômetros, as águas estavam em um estado de ebulição violenta, saltando e pulando no ar como se uma legião de demônios gigantes estivesse abaixo, forçando seu hálito quente para cima a partir de vastos lugares cavernosos.

Ao ler sobre esse mar fervente, fui tomado por um desejo incontrolável de ir em busca dele.

É verdade que as águas poderiam ter esfriado ao longo de todos esses séculos, mas eu estava confiante de que encontraria algum vestígio desse caldeirão outrora terrível de águas ferventes.

O Mar da China era pouco conhecido pelos navegadores da minha época e geração.

Muitas vezes se insinuava que essa vasta extensão de água era pontilhada por ilhas maravilhosas e repleta de monstros raros.

Não tinha tempo a perder.

Escrevi rapidamente uma carta de despedida para meu pai e minha mãe, embarquei no navio — acompanhado pelo meu sempre fiel Bulger — e virei a proa em direção ao sol nascente.

Conhecia tão bem as águas do Oriente, graças ao meu longo e minucioso estudo das cartas náuticas mais confiáveis, que descobri que poderia quase pilotar meu navio com os olhos vendados.

Não demorou muitos dias para que eu entrasse nessa bela extensão de água que, na juventude do mundo, estava repleta de criaturas maravilhosas nadando sobre ela e dentro dela.

Sempre em frente, através das ondas azul-escuras, ora subindo com cristas de espuma, ora balançando como um ser vivo nesta estrada ondulante, minha pequena embarcação confiável abria caminho. Dez vezes por dia, sob o pretexto de querer refrescar a testa em uma bacia com água do mar, eu chamava um dos meus homens para baixar um balde, mas, para minha profunda decepção, descobria que a temperatura da água não era mais alta do que o normal nessas latitudes.

Comecei a ficar desanimado. Minha tripulação percebeu meu desânimo e, às vezes, meus ouvidos atentos captavam murmúrios de descontentamento.

Para restaurar o bom humor dos meus homens, ofereci uma recompensa de mil ducados ao primeiro que descobrisse que a água estava ficando mais quente.

Mil ducados!

Era uma boa quantia, mas eu estava ficando desesperado.

A grande recompensa, no entanto, teve um efeito positivo: deu nova vida aos meus homens.

Durante todo o dia, baldes chacoalhavam contra o costado do navio.

Três dos homens mais aventureiros tiveram a ideia de ganhar a recompensa e dividi-la entre si.

Amarrando-se uns aos outros, eles se baixaram pela lateral do navio até que seus pés tocassem a água. Lá, decidiram ficar, para que fossem os primeiros a anunciar o aumento da temperatura da água e, assim, garantir os mil ducados.

De repente, um grito terrível, acompanhado pelos gemidos mais lastimosos de Bulger, fez-me correr para o convés.

Um monstro marinho, com um terço do comprimento do nosso navio, havia surgido diretamente abaixo deles. Paralisados de medo, eles se tornaram presas fáceis para esse terrível inimigo.

Abrindo suas mandíbulas enormes e cavernosas, ele engoliu os três inteiros de uma só vez!

Meus homens ficaram loucos de tristeza!

Eles me cobriram de palavras de reprovação.

Tive muita dificuldade em restaurar alguma ordem ou disciplina. Meus comandos caíram em ouvidos surdos.

Por fim, consegui acalmar a multidão enfurecida e chorosa.

Sabendo, por experiência própria com esses temíveis habitantes das profundezas, que esse monstro só tinha aguçado o apetite com esses pedaços de carne humana, ordenei aos meus homens que se apressassem e construíssem um boneco de palha, usando roupas da mesma cor que as dos três infelizes.

No peito dessa efígie, guardei um quarto de quintal de ipecacuanha de primeira qualidade, que, por sorte, encontrei em meu estoque de remédios.

O manequim foi então baixado até a beira da água, exatamente no mesmo local onde o monstro havia feito seu almoço com meus três excelentes marinheiros.

Não tivemos que esperar muito.

Ele subiu à isca em poucos instantes e, abrindo suas enormes mandíbulas, esticou uma língua tão grande e vermelha quanto um boi assado e engoliu o pedaço saboroso que eu havia preparado para ele, com um gorgolejo estrondoso que fez meu sangue gelar.

Recuperando-me, saltei para as cordas e mantive os olhos fixos nesse monstro raro, que flutuou preguiçosamente à distância de um navio e então

parou completamente.

De vez em quando, um tremor percorria todo o comprimento de seu corpo.

Evidentemente, ele estava tendo muita dificuldade para engolir este último pedaço.

Enormes saliências se formaram em torno de seu pescoço e rolaram para trás até desaparecerem sob as águas. Um certo mal-estar agora marcava seus movimentos.

Ele rolava de um lado para o outro, abrindo e fechando as mandíbulas com um estalo que soava como o bater de duas grandes portas de carvalho.

O delicado quarto quintal de ipecacuanha estava claramente começando a incomodá-lo.

Seus movimentos de balanço e rotação aumentaram em violência.

Em um momento, seu enorme corpo virou-se de lado, curvando-se até que a cabeça e a cauda se encontraram; em outro, arqueou-se no ar até que seu dorso negro se estendeu sobre as águas como um arco.

Senti que era hora de agir.

“Fiquem perto da lancha de estibordo!”, gritei para os meus homens. “Parem com essa choradeira! Tudo pronto?”

“Sim! Sim!”, responderam os homens.

“Abaixem a balsa!”

Não fui nem um pouco rápido demais com minhas ordens.

Assim que o bote tocou a água, o monstro marinho — após uma série de contorções terríveis, durante as quais parecia que seu enorme corpo seria partido ao meio — começou a vomitar o conteúdo variado de seu estômago.

Primeiro, choveu uma enxurrada de peixes coloridos, de todos os tamanhos, de um palmo a três côvados, enchendo o ar.

Ao cair na água, eles nadavam calmamente, sem dúvida muito satisfeitos por se encontrarem em um ambiente mais agradável.

Milhares de crustáceos, de todos os tipos, tamanhos e cores, surgiram voando, batendo suas garras ao cair na água, como se desafiassem seu enorme inimigo que, sem cerimônia, fora chamado a entregar o resultado de muitas horas de caça.

Os vivos foram seguidos pelos mortos, pois agora surgiram vários baldes de madeira, três cobertores velhos, vários pedaços de tábuas, pontas de corda, pedaços de velas, potes de tinta, feixes de estopa e chumaços de algodão, tudo o que ele havia recolhido enquanto seguia o rastro do nosso navio. Por fim, o homem de palha foi lançado no ar com um grunhido profundo de satisfação.

Depois dele veio o primeiro dos marinheiros perdidos.

Os números dois e três não demoraram a chegar.

A lancha se apressou em resgatá-los, deixando o monstro doente para recuperar a saúde e o ânimo da melhor maneira possível.

Bulger recebeu os homens resgatados com as mais efusivas manifestações de alegria e, batendo todas as velas, partimos a toda velocidade impulsionados por uma brisa forte.

Para minha infinita alegria, a água começou a esquentar. Hora após

hora, o aumento da temperatura, embora lento, era constante.

"Finalmente, meus homens!", gritei para minha tripulação, "estamos no caminho certo. Sejam pacientes! Prometo que antes que o sol se ponha no mar ocidental, lançaremos âncora no Caldeirão de Netuno!"

Minhas previsões se concretizaram ao pé da letra.

Assim que os últimos raios de sol douravam as ondas encrespadas deste mar misterioso, avistou-se à nossa frente uma longa linha baixa de costa, que terminava num promontório íngreme.

Desviando-nos, contornámos o promontório e deparámo-nos com a entrada de uma grande baía ou golfo bloqueado por terra, de onde enormes colunas de vapor branco como a neve flutuavam preguiçosamente em direção ao céu, contorcendo-se nas formas mais fantásticas antes de desaparecerem no crepúsculo púrpura.

Meus homens deram um grito alto, longo e vigoroso ao entrarmos no Caldeirão de Netuno.

Ao nos aproximarmos da costa, para minha grande perplexidade, pois não ousava pensar que criaturas vivas pudessem existir nessas águas quentes, avistei coisas se movendo no Caldeirão. Não, não havia dúvida, pois essas águas quentes eram tão límpidas quanto uma fonte de montanha e o fundo era claramente visível a dez braças abaixo.

Peixes de todas as cores e tamanhos flutuavam para cá e para lá, enquanto miríades de caranguejos, lagostas e outros crustáceos de formas estranhas rastejavam pela areia branca como a neve, seguindo seus líderes em longas filas, como uma procissão de cardeais, sobre o pavimento de mármore branco de alguma grande cidade do mundo ocidental.

cardeais, sobre o pavimento de mármore branco de alguma grande cidade do mundo ocidental.

Digo “filas vermelhas”, pois o calor da água os havia revestido de um vermelho intenso.

Enquanto eu estava sentado no bote do navio a caminho da costa, olhando sonhadoramente para as águas, meio atordoado por essas imagens maravilhosas, um cardume de peixes surgiu perto do barco e virou seus belos flancos coloridos por um instante para o ar fresco.

Para meu espanto, vi que seus olhos estavam cegos, que o calor extremo das águas havia turvado suas esferas límpidas, tornando-as brancas como leite e impedindo a luz de entrar para sempre!

Um arrepio frio percorreu meu corpo, pois, para mim, o espetáculo era tão estranho como se as carpas tivessem saltado da mesa do velho barão e começado a nadar em seu elemento natural mais uma vez.

Mas a lista de coisas estranhas ainda não se esgotara, pois, ao me aproximar da praia, você pode imaginar minha mistura de admiração e diversão ao ver dezenas de peixes com as costas plantadas nos sulcos da areia, calmamente se abanando com suas caudas largas e planas.

Ao pisar na areia, fiquei surpreso ao descobrir que a terra, até onde a vista alcançava, estava coberta por milhões e milhões de ovos de tamanhos diferentes, variando do tamanho de um pombo ao de um albatroz ou ganso selvagem.

Em alguns lugares, esses ovos estavam empilhados em montes muito mais altos do que minha cabeça; em outros, estavam dispostos em longas fileiras, como sulcos brancos feitos por um arado gigante!

De repente, percebi a verdade. Para essas praias, enormes bandos de aves marinhas vinham botar seus ovos ano após ano, atraídos pelo calor da atmosfera. Lá, elas constroem seus ninhos rudimentares, os enchem de ovos e começam a tarefa de chocar seus filhotes, quando, de repente, as águas aquecidas, lançadas por algum vendaval ou corrente irresistível, sobem sobre seus locais de descanso e espalham a morte onde a vida estava apenas começando, cozinhando os incontáveis milhares de ovos que enchem seus ninhos. E assim, ano após ano, até que agora contemplo o trabalho de mil inundações, que, por sua vez, contribuíram para este vasto estoque!

Enquanto estava na costa deste país das maravilhas, certa manhã, contemplando a superfície fumegante do Caldeirão de Netuno, vários membros da minha tripulação vieram correndo em minha direção com ar assustado e gritando, todos apontando para o céu. Eu me virei e olhei na direção indicada.

Uma vasta nuvem, negra e ameaçadora, pairava nos céus.

Enquanto eu ficava observando, ela se ampliou e se alargou até escurecer completamente a luz do dia.

Meus homens estavam agora de joelhos, proferindo lamentações das mais piedosas, pois imaginavam que o fim do mundo estava próximo.

Ordenei-lhes severamente que parassem de chorar e gemer, pois vi que a grande nuvem negra era simplesmente um enorme bando de pássaros, de espécie que eu não sabia identificar naquele momento.

Eles se aproximavam cada vez mais, com um som semelhante ao de ventos violentos.

Cobriam todo o céu como um manto negro.

Era evidente para mim que pretendiam pousar na costa do Caldron e, temendo que seu número imenso, ao pousar, pudesse nos sufocar, gritei para meus homens ficarem perto do bote do navio.

Não havia tempo a perder.

Pois, assim que nos afastamos da costa, dezenas de milhares dessas aves — uma espécie de corvo, mas duas vezes maiores que os da minha terra — começaram a pousar em longas fileiras até onde a vista alcançava.

Primeiro, notei que todos os corvos seguravam algo nas garras. Olhei novamente e vi que cada uma dessas aves carregava um molusco imenso, do tamanho de um bastão de guarda e com o mesmo formato. Imagine minha surpresa e diversão ao observar que os da primeira fila estavam agora se dirigindo para a beira da água. Aproximando-se cautelosamente, cada corvo mergulhou seu molusco nas águas rasas do Caldron e ficou parado, com os olhos brilhando de alegre expectativa, para observar o resultado.

Não precisaram esperar muito.

Desacostumado ao calor intenso da água, o molusco logo começou a abrir a concha, primeiro com cautela, mas, à medida que a água quente entrava, com grande precipitação, com um estalo. Esperando um momento até que a água quente tivesse enrolado o animal, libertando-o completamente da concha, os pássaros exigentes

depois se deliciaram com o saboroso conteúdo, deram alguns grasnados de agradecimento e se retiraram para dar lugar à próxima fila. Essa troca de lugares, o cozimento dos alimentos e o banquete duraram meio dia.

A essa altura, todo o bando havia esgotado sua matéria-prima. Então, com gritos ensurdecedores e batidas de asas, esses epicuristas emplumados levantaram voo e desapareceram como haviam chegado.

Eu gostaria de ter prolongado minha estadia nas margens do Caldeirão de Netuno, mas observei que o vapor das águas era desagradável para Bulger.

Com olhos eloquentes, ele me implorou que içasse as velas e procurasse uma terra mais agradável para ele.

Não pude resistir a esse apelo.

Então, dei uma última olhada nos montes de ovos, contemplei pela última vez os crustáceos de casca vermelha e os peixes de olhos calcários do Caldeirão e embarquei em meu navio fiel.

Rumo ao oeste, enchi as velas, com a intenção de seguir bem perto da costa da China na minha viagem de volta para casa. Tudo correu bem nos primeiros dias após deixarmos o Caldeirão de Netuno.

Bulger percorria o convés, fazendo as travessuras mais loucas. Pensamentos sobre casa começaram a ocupar minha mente.

O barão mais velho estava envelhecendo. Eu sentia que não deveria prolongar minha viagem. Ele poderia precisar dos meus conselhos.

De repente, um dia, ao meio-dia, o céu escureceu e os ventos se levantaram. Não dei importância.

Seria apenas uma tempestade passageira, que serviria muito bem para nos levar de volta para casa.

Mas, oh, quão míope é o homem vaidoso, que pensa ler os sinais do céu, dos ventos e das ondas!

O alegre assobio do vento logo deu lugar ao uivo sombrio da rajada.

O demônio da tempestade estava à espreita.

As águas assustadas saltaram violentamente de seus leitos, rolaram tumultuosamente para a frente, transformadas em espuma e fúria por dez mil chicotadas

da explosão, até que, em seus esforços loucos para escapar, se lançavam contra as próprias nuvens.

A cena era terrível. Era inútil dar ordens, pois nem mesmo uma garganta de aço poderia abafar os gritos selvagens da tempestade.

Para meu horror, descobri que tínhamos um vazamento.

O piche e o alcatrão, amolecidos pelo calor da água no caldeirão de Netuno, haviam se destacado das juntas do navio e permitido que a calafetagem escapasse.

Como uma folha de papelão, nosso leme estava agora arrancado do seu lugar e girou na crista de uma onda gigante.

Contemplem-nos agora à mercê da tempestade, brinquedos do vento e das ondas, uma concha de berbigão caída no campo de batalha dos elementos decadentes da natureza.

Bulger, amarrado ao cordame ao meu lado, não proferia nenhuma queixa, nenhum grito de medo, nenhum som de desconfiança.

Eu podia ver que seus olhos expressivos me seguiam como se dissessem:

“Não tenho medo, pequeno mestre, enquanto você estiver comigo.”

Eu podia sentir meu coração bater forte, dizendo: “Obrigado, meu querido e fiel amiguinho!”

De vez em quando, passava a mão carinhosamente sobre sua cabeça e pescoço.

Sua cauda se movia tristemente, mas eu sabia o que isso significava.

Significava:

“Pequeno mestre, estou pronto para morrer; sim, disposto a morrer, se puder morrer com você ao meu lado”.

Parecia mesmo que seu amor estava prestes a ser submetido a uma prova final, pois o grito terrível de “Ondas gigantes à frente!” foi passado de homem para homem até chegar aos meus ouvidos.

Era verdade.

O seu rugido irrompeu agora nos meus ouvidos, fraco, baixo, mas profundo, terrível, meio como um trovão distante ou o rugido de algum gigantesco animal predador.

Em poucos instantes, estávamos no recife.

Com um estrondo terrível, nosso pequeno e robusto barco saltou sobre as rochas e ficou preso, firme e rápido, entre duas saliências irregulares.

O mar implacável agora quebrava sobre nós repetidamente.

“Oh! Se ao menos o dia amanhecesse!”, murmurei, “talvez pudéssemos encontrar algum meio de chegar ao continente”.

Ficar aqui significava simplesmente a destruição.

Após horas de sofrimento severo, pois cada onda que quebrava sobre nós parecia determinada a arrancar nossos membros das amarras, o dia finalmente chegou.

Descobri então que estávamos a cerca de 400 metros da terra firme.

Com meus binóculos, pude distinguir uma grande multidão de pessoas correndo de um lado para outro na costa. Mas elas não faziam nenhum esforço para nos enviar socorro ou nos encorajar a nos agarrar aos destroços até que a tempestade diminuísse.

O que fazer?

Com um estrondo terrível, nossos mastros caíram ao mar.

Nosso navio dava sinais de que estava se partindo.

Nem ameaças nem recompensas conseguiram motivar nenhum dos meus homens a tentar nadar até a costa com uma corda.

O sol irrompeu em um clarão dourado.

Eu podia sentir as lágrimas se acumulando em meus olhos enquanto olhava ao redor e via a triste devastação causada pelo vento e pelas ondas.

Embora a tempestade tivesse diminuído um pouco sua fúria, não havia tempo a perder.

Os rangidos assustadores da madeira do navio me alertaram para deixar os destroços antes que eu fosse esmagado contra as rochas.

Apenas a desordem e a confusão pareciam caracterizar os movimentos da multidão reunida na costa.

Embora aparentemente cientes do terrível significado dos nossos sinais de socorro, eles não demonstravam qualquer intenção de arriscar suas vidas para tentar salvar as nossas.

Virando-me para Bulger, gritei:

“Ó, querido Bulger! Tu, amigo fiel e comprovado, companheiro das minhas tristezas e partilhador de todas as minhas alegrias, só tu podes salvar-nos! Só tu podes resgatar o teu amado mestre e estas pobres criaturas miseráveis da morte iminente

! Conheço a tua coragem; conheço o teu afeto. Nos teus olhos radiantes, vejo a tua disposição para fazer ou morrer!”

Desde a sua mais tenra juventude, eu havia treinado Bulger para ser um nadador corajoso e habilidoso. Nenhum redemoinho, correnteza, ressaca ou redemoinho era forte ou violento o suficiente para causar medo ao seu coração valente.

Com facilidade, ao meu comando, ele mergulhava duas braças de profundidade e trazia a menor moeda do fundo.

Nosso barco poderia se partir em pedaços a qualquer momento, pois havia se soltado da saliência rochosa e batia com fúria selvagem e incontrolável nas bordas irregulares e pontiagudas do recife.

Cada momento fugaz se tornava mais precioso do que o anterior. Fazendo um esforço sobre-humano, agarrei a ponta de um rolo de corda e,
depois de prendê-la ao colarinho de Bulger, ordenei que ele saltasse para as águas borbulhantes,
fervente, agitada, rodopiante e loucamente revolta, açoitada pela tempestade e transformada em espuma, até que as ondas se quebravam umas nas outras e tudo parecia uma massa única de fúria, raiva e medo. Com uma rápida sucessão de gritos ansiosos e chorosos, seguidos por uma série de latidos rápidos, altos e agudos, Bulger me lançou um último olhar e, colocando as patas na amurada, saltou levemente e desapareceu.

Meu coração parou por um momento.

Mas olhe!

Ele está se levantando!

Ele se lança em direção à costa, agora jogado como um pedaço de cortiça nas costas arqueadas de uma onda assustada pela tempestade, agora afundado e fora de vista na depressão do mar salpicada de espuma.

Olhe novamente!

Escutem! Consigo ouvir o som fraco daquele latido agudo e alegre, enviado para animar o coração do seu pequeno dono.

E agora ele se foi!

Não o vejo, mas, enquanto a corda passa por minhas mãos, quase posso sentir cada batida daquele coração querido e forte!

Ele continua firme em seu trabalho, pois o carretel gira de forma constante e rápida.

Crack!

Lá se vai a nossa quilha em dois

pedaços. Rápido, bom Bulger; o fim

está próximo! Mas olha!

O que significa aquela agitação na costa?

Veja a multidão, como se aproxima da beira da rebentação! Agora eles

recuam!

Escute!

Você não ouviu aquele grito? Salvo!

Salvo!

Bulger conseguiu chegar à terra!

Os homens na praia estão segurando a corda. O

carretel gira rapidamente!

Meus homens, envergonhados de sua covardia, rastejam para fora de seus esconderijos e começam a trabalhar com determinação.

Já prenderam uma corda na ponta da corda e ela está se movendo rapidamente sobre a amurada.

Agora não há mais dúvida. Bulger

nos salvou!

Saltando para as cordas principais e protegendo a boca do vento com as mãos, gritei para os meus homens:

“Fiquem perto da corda! Prendam a corda! Agora puxem, ó! Soltem todos!”

Com um respingo furioso, a corda caiu no mar e logo estava a caminho da costa.

E foi assim que Bulger salvou a vida do capitão, do imediato e de doze marinheiros!

Eu fui o último a deixar o navio.

Quando o fiz, o navio soltou-se, recuou e bateu com tanta força nas rochas que se partiu em pedaços, como se tivesse sido atingido por um raio ou por um martelo gigante empunhado por um Thor invisível.

Com um grito selvagem de alegria, Bulger me encontrou enquanto eu era puxado pelas ondas.

Joguei-me de joelhos e o cobri de beijos, enquanto lágrimas quentes e rápidas rolavam pelo meu rosto.

Os habitantes da região se reuniram em grupos ao nosso redor e observaram nossa troca de carícias em profundo silêncio, agitando os polegares e contorcendo os cantos da boca.

“Que terra é esta? Onde estamos, boa gente?”, perguntei, depois que essa primeira demonstração de amor e gratidão esfriou.

“Bárbaros ousados!”, respondeu um dos mais próximos, cujas vestes mais ricas denotavam um homem de posição e autoridade, “vocês estão nas margens do poderoso domínio de Kublai, Filho do Sol, Senhor do Traje Amarelo Imperial, Cavaleiro de todos os Botões, Homem de semblante sagrado, Sucessor de todas as glórias de seus ancestrais agora hóspedes do céu, fonte de toda a lei e equidade, e cavaleiro de todas as ordens, e nós somos seus escravos miseráveis, indignos e inúteis!”

Com isso, toda a multidão fez a reverência.

“Então! Eu gritei, poderoso, nobre e totalmente encantador, senhor” — ao mesmo tempo em que fazia a reverência com a graça que só um verdadeiro cidadão do mundo pode ter — “Estou pisando no solo sagrado do poderoso Império Chinês”.

“Sim, bárbaro ousado”, respondeu o orador, “na província de Kwang Tung, no distrito de Yang-chiang, do qual eu, So Too, Mandarim do Botão de Vidro Branco, sou superintendente imperial”. Ao ouvir isso, implorei a So Too que me desse permissão para falar, o que me foi concedido. Em um discurso breve, mas eloquente, bem temperado com todos aqueles epítetos saborosos tão doces aos ouvidos de um oficial daquela terra, contei-lhe sobre minha ilustre família, meu estranho desejo de vasculhar os mares mais remotos e as terras menos visitadas em busca de coisas maravilhosas; como eu havia navegado em busca do Caldeirão de Netuno, das coisas estranhas que vi lá, da minha partida para a viagem de volta, do meu encontro com o demônio da tempestade e, por último, do meu naufrágio nas costas dos domínios infinitos do Filho do Sol.

E agora, tudo o que eu ansiava dos servos do Homem de Rosto Sagrado era ajuda e assistência que permitissem a mim e aos meus homens chegar ao porto mais próximo onde navios estrangeiros atracavam, para que pudéssemos voltar ao mar e alcançar nossos entes queridos. A tudo isso, So Too respondeu com um sorriso muito gracioso e, em seguida, convidou-me a

passar sob seu teto, tirar minhas roupas molhadas, beber um chá quente e deixar que suas massagens suavizassem as rugas de meu corpo cansado.

Meus marinheiros não foram esquecidos. Seus servos receberam ordens para cuidar bem de suas necessidades.

Quando estávamos prestes a partir para a residência de So Too, vários de seus guardas corporais bateram furiosamente em seus gongos.

O barulho era ensurdecedor.

Com um latido alto, Bulger correu na minha direção, colocou uma orelha na minha perna e fechou a outra com a pata.

So Too e seus servos, ao verem essa cena ridícula, ficaram sérios, agitaram os polegares e contorceram os cantos da boca.

Quando estava prestes a cruzar a soleira da porta de So Too, para meu inexprimível desgosto, descobri que havia perdido minha bolsa com uma grande quantia de dinheiro. Na esperança desesperada de que pudesse tê-la deixado cair na praia, corri naquela direção, mas não tinha dado cem passos quando encontrei Bulger carregando a bolsa na boca. Na verdade, eu a havia deixado cair enquanto estava ajoelhado na praia, acariciando meu amado salvador.

Percebendo que, na pressa de seguir meu gentil anfitrião, eu não havia percebido a perda do tesouro, Bulger afastou vários dos servos de So Too, que manifestavam o desejo de se apropriar da bolsa de ouro para seu próprio uso, e, pegando-a com os dentes, correu atrás de mim o mais rápido que sua carga permitia.

Ao cruzarmos a soleira da casa de So Too, vários cães pequenos e peludos saltaram e se reuniram em torno de Bulger. Eles pareciam encantados por encontrar um membro de sua raça, tão distinto na aparência e digno no porte. Eles gostariam muito de ter trocado as cortesias caninas habituais com Bulger, mas ele recusou-se terminantemente a entrar em qualquer conversa com eles ou a expressar qualquer surpresa por esses primos de aparência extraordinária, que pareciam tantos pacotes animados de algodão recém-colhido. Mantendo-se perto dos meus calcanhares, ele habilmente evitou suas investidas e soltou um grunhido de alívio quando a porta da antecâmara se fechou sobre eles.

Após um banho quente, meus membros rígidos foram relaxados pelas carícias, tapinhas e massagens dos assistentes de banho de So Too.

Fui então convidado a envolver meu corpo em um rico traje de seda bordada e, feito isso, fui conduzido à presença do amável So Too, que

me recebeu com um sorriso tão persistente quanto largo.

Passamos várias horas bebendo chá, comendo pequenos bolinhos delicados e contando uns aos outros as mentiras mais extravagantes e descaradas na forma de elogios — elogios sobre tudo: voz, olhos, orelhas, queixo, boca, mãos, pés, etc. Embora eu só chegasse ao ombro de So Too, ele lamentou, em tom piedoso, sua falta de estatura e elogiou minha altura imponente, nobre e imponente.

Finalmente vencido pelo cansaço, So Too fechou os olhos e pareceu ter caído em um pequeno cochilo.

Aproveitando a oportunidade, levantei a voz e comecei a insistir com ele sobre a necessidade de uma ação imediata em relação a mim e aos meus homens.

Então ele se levantou e, após uma série de reverências, com o mesmo sorriso largo em sua boca e seus pequenos olhos negros e bondosos, retirou-se para consultar seu assistente, subassistente e primeiro e segundo subassistentes.

Estava bastante escuro quando So Too voltou à sala. Bulger e

eu, durante sua ausência, dormimos profundamente. Não era de

se admirar, pois estávamos ambos exaustos.

Foram dadas ordens para iluminar os salões e apartamentos.

Em poucos instantes, milhares de lanternas com cores brilhantes e decoração pitoresca derramaram um brilho suave e encantador sobre todos e tudo.

Mais uma vez, ocupamos nossos lugares ao redor da mesa soberbamente decorada, que continha os utensílios para preparar o chá e as xícaras e pires requintadamente pintados, finos como casca de ovo, e retomamos o chá e os bolos. Mais uma vez, habilmente, desviei a conversa para o assunto da minha partida para o porto mais próximo.

Mais uma vez, So Too levantou-se e saiu da sala com o objetivo de realizar outra consulta.

A essa altura, minha paciência já estava se esgotando. A cada momento, eu

sentia meu sangue ficar mais quente.

Após uma demora de cerca de meia hora, um criado entrou para me informar que So Too havia adormecido na sala do conselho e que ninguém, exceto um mandarim com um botão opaco azul, azul transparente, vermelho florido ou vermelho liso

, podia ousar acordá-lo, e que não havia nenhum mandarim de dignidade tão elevada num raio de cinquenta milhas daquele local.

Ao ouvir essas palavras, meu sangue ferveu.

Levantei-me de um salto e comecei a andar de um lado para o outro como um animal enjaulado.

Parando em frente a um armário alto de laca cheio de xícaras e vasos de porcelana caros, levantei o pé e, com um chute vigoroso, derrubei tudo no chão.

O barulho foi terrível.

Fiquei realmente assustado, pois temi ter derrubado metade da casa.

Mas tive a satisfação de ver o mandarim entrar correndo na sala, seguido por assistentes, subassistentes, tocadores de gongo, portadores de espadas, barbeiros, coçadores de orelhas, raspadores de língua, polidores de unhas e esfregadores de pele, além de muitos outros servos, cujas funções e profissões eu desconhecia.

"Você deliberou, agora decida!", exclamei em um tom de voz que, pela profundidade e volume, teria feito jus ao herói de um drama de arrepiar os cabelos; e, no mesmo instante, coloquei a sola do pé contra outro armário, tão alto quanto o que eu acabara de derrubar e tão ricamente carregado de curiosidades, vasos e marfins.

So Too agora estava bem acordado e nada ansioso para ver este segundo armário compartilhar o destino do primeiro.

"Seu pé no lugar!", gritou ele, acenando para que eu me sentasse e colocando-se entre mim e o armário ameaçado. "Seu pé no lugar, meu benfeitor generoso."

Depois de me ver sentado em segurança, ele continuou assim:

"Saiba, então, meu gentil convidado, que eu, So Too, Mandarim Imperial do botão de vidro branco, após madura deliberação com meu mais honrado Conselho, ordeno e decreto que tu e teus servos sejam, como pediste, imediatamente conduzidos à cidade de Cantão e lá entregues à guarda e custódia dos oficiais daquele de semblante sagrado, até que se apresente a oportunidade de obter meios para enviar-te a ti e a teus servos de volta à tua terra natal!"

Aqui, inclinei meu corpo em sinal de profunda gratidão.

O Mandarim também fez uma reverência profunda e continuou:

“Decreto ainda que o espírito maligno que o acompanha na forma de um cão seja imediatamente acorrentado e lançado na prisão, onde aguardará seu julgamento por bruxaria!”

Se So Too tivesse enfiado uma faca de dois gumes em meus órgãos vitais, eu não teria sentido uma dor mais agonizante.

“Bulger? Meu amado — preso? Bruxaria? Correntes? Prisão?”, gaguejei.

“Eu assim decretei!”, respondeu So Too calmamente. “Oh! Não! Não! Não! Eu gritei, isso não pode ser, não deve ser! Ele não é um espírito maligno, não há maldade nele. Ele é apenas um cão simples, amoroso e inteligente! Eu imploro pela suspensão deste terrível decreto! O que ele fez? Ó amado Bulger, é essa a sua recompensa por salvar quatorze vidas humanas? É assim que você será recompensado por toda a sua coragem, seu amor, sua devoção? Oh, não! Não! Mate-me se quiser, estranho cruel, jogue-me numa cela, mas poupe Bulger, poupe-o...”

Não consegui dizer mais nada.

Tudo ficou escuro diante de mim. Fui tomado por uma vertigem. Cambaleei, cambaleei e caí sem vida no chão.

Quando recuperei os sentidos, os servos de So Too estavam ocupados esfregando e massageando minhas mãos e pés e queimando cera pungente sob minhas narinas. Bulger, emitindo gritos lamentáveis e ansiosos, corria de um lado para o outro, parando de vez em quando para lamber minha mão ou meu rosto. Sentei-me ereto para recuperar os sentidos; então, abraçando Bulger, acariciei-o, beijei-o e acariciei-o em meio a centenas de suspiros e gemidos, comoventes o suficiente para derreter um peito de pedra. Então, ajoelhando-me diante de So Too, implorei-lhe que fosse misericordioso — que poupasse um ser fiel e amoroso, cujo coração era tão livre de malícia quanto a rocha dura é de ternura; cuja vida tinha um único pensamento: servir, guardar, defender e salvar seu mestre.

“Levante-se, infeliz estranho!”, foi a resposta de So Too, em tom de profunda comiseração, tomando-me pela mão e gentilmente obrigando-me a sentar-me ao seu lado. “Ouça! Mesmo que você cortasse meu corpo em dez mil pedaços, eu não poderia revogar este decreto. Saiba que nesta terra do Filho do Sol, um magistrado não pode voltar atrás em suas palavras. A misericórdia pertence àquele que habita em lugares mais elevados. Esta criatura que você tanto ama foi julgada como um espírito maligno. É uma forma favorita deles; pois assim como o cão é o companheiro íntimo e fiel do homem, os espíritos malévolos são mais propensos a

assume essa forma, quando deseja obter admissão em sua casa e em seu coração, a fim de causar sua ruína. Esse afeto selvagem e irracional pelo seu cão prova claramente que o espírito maligno que habita dentro dele já traçou três vezes as linhas negras de sua arte misteriosa em torno da sua alma. Três vezes três vezes completará seu terrível propósito. Você estará então perdido para sempre! É bom que algum espírito bom do ar ou da água tenha te entregue aos cuidados do Filho do Sol. Pois agora, no julgamento na Câmara Imperial da Justiça Perfeita, teus olhos serão abertos; tu ficarás plenamente convencido de que um espírito maligno de tamanho tremendo e poder temível está comprimido naquela pequena criatura."

"Nunca!", exclamei com os olhos brilhantes e as bochechas em chamas.

Então Too sorriu levemente e, colocando a mão em meu braço, continuou: "Calma, ilustre hóspede, tu esqueces que a Justiça Perfeita habita no seio de nosso gracioso Monarca. Seus ministros e juízes têm línguas, mas elas não são suas; eles apenas expressam o pensamento da mente Imperial; portanto, o que eles decretam deve ser certo!"

"E se a Corte", perguntei, com a respiração suspensa, "decidir que algum espírito maligno tomou posse, como você afirma, do corpo do meu fiel Bulger, qual seria a punição?"

"A morte!", sussurrou So Too.

"E essa é a tua tão alardeada justiça!", gritei, com os olhos marejados de lágrimas, "condenar à morte uma criatura muda, sem voz para se defender?"

"Não!", interveio So Too, "tu falarás por ele, serás ouvido em seu nome — tu serás seu advogado".

"Por essa misericórdia", disse eu, "meu coração derrama sua gratidão a seus pés; e, se minhas palavras, minha súplica não forem poderosas o suficiente para evitar a terrível punição que você mencionou, o carrasco apenas afiará seu machado naquele pequeno pescoço, pois eu colocarei minha cabeça ao lado desta cabeça mais querida do que qualquer ombro jamais carregou! Apaga a centelha que ilumina esses olhos amorosos e todo este grande mundo não poderia acender um fogo brilhante o suficiente para expulsar a escuridão da minha vida!"

Então Too abanou a cabeça tristemente, mas não

respondeu. Chamando os meus homens, falei o seguinte:

"Vão, almas honestas, não posso ser um de vocês. Voltem para suas casas e lareiras. Uma escolta imperial os conduzirá ao porto de Cantão. Lá,

sob alguma bandeira amiga, vocês encontrarão meios de chegar à sua terra natal! Paz e boa sorte a vocês!”

Então, voltando-me para o meu imediato, acrescentei:

“Procure meu pai, o barão mais velho, conte-lhe a história do meu naufrágio, da prisão de Bulger e da minha firme determinação de salvá-lo do terrível destino que agora se aproxima, ou morrer com ele! O barão mais velho conhece meu amor por Bulger. Ele me consideraria um filho degenerado de sua ilustre casa se eu abandonasse este fiel companheiro de meus perigos e sofrimentos a um destino tão imerecido. Vá! Coloque este anel com sinete em seu dedo. Entregue-o a minha mãe, com minha mais respeitosa e humilde saudação. Seja sábio, seja corajoso, seja honesto!”

Meus homens agora estavam em fila indiana e, ao passarem na minha frente, cada um parava e pressionava minha mão contra seus lábios.

Bulger também estava pronto para a despedida. Montado em uma cadeira ao meu lado, ele estendeu a pata direita para cada marinheiro.

Lágrimas escorriam por seus rostos castigados pelo tempo e eles invocavam bênçãos sobre a cabeça de seu pequeno e corajoso companheiro que os salvara de uma morte certa nas águas salgadas.

Mal eles saíram da minha vista, um barulho ensurdecedor de gongos anunciou a chegada da guarda. Meu coração saiu do lugar. Um suor frio se formou em gotas nas minhas têmporas. Foi com grande esforço que consegui respirar o suficiente para não cair sem vida no chão.

So Too murmurou uma palavra de simpatia.

Ao ver os guardas e ouvir o som das correntes, soltei um grito agudo e me joguei de joelhos, segurando Bulger com força nos braços. Pobre animal inocente! Ele era totalmente incapaz de compreender as ações daqueles que o cercavam.

“Ele será bem tratado!”, murmurou So Too. “Não tema por sua segurança ou conforto!”

Os carrascos avançaram e, abaixando-se, prenderam as delicadas algemas — que eram de prata polida — nos pés de Bulger.

Ele olhou para mim com olhos tão expressivos, tão cheios de amor e confiança que eu não consegui suportar o seu olhar. Eles diziam: “Eu me submeto sem reclamar, pois sei que você não deixaria que nada de mal me acontecesse!”

Então, um dos guardas o levantou gentilmente e o colocou em uma cesta forrada de seda, pendurada em duas varas. A tampa foi rapidamente ajustada e presa, e antes que eu pudesse recuperar os sentidos para dizer um último adeus, eles se apressaram com seu prisioneiro, pois era evidente que seus corações estavam profundamente comovidos com minha expressão triste e minha voz abalada pela dor.

A pedido de So Too, fui descansar.

Descansar? Infelizmente, como poderia o sono entrar nos meus olhos cheios de lágrimas? Passei a noite inteira acordado, lamentando o triste destino que me havia atingido. Se eu tivesse sido acusado e preso, teria suportado como um homem; mas que o coração amoroso de Bulger tivesse sido escolhido para sofrer um golpe tão imerecido era quase a morte para mim.

BULGER, ACORRENTADO, IMPLORANDO POR SUA VIDA.
UM DOS PESADELOS DO PEQUENO BARÃO.

À medida que as horas se arrastavam cansativamente, pensei em rever minha ordem, mandar meus homens embora e tentar um resgate. Pensei em esquemas para subornar o carcereiro. Pensei em pedir a interferência do meu governo. Pensei em apelar diretamente ao imperador por misericórdia. Quando amanheceu, eu estava completamente exausto e caí de volta no travesseiro com um gemido. Antecipando minha incapacidade de descansar minha testa latejante e meus membros febris, So Too chegou cedo à porta do meu quarto com seus assistentes. Sob suas instruções, eles me banharam com loções refrescantes, bateram, esfregaram e massagearam meus membros; me abanaram, acariciaram meus pulsos e têmporas, me deram doses de pós calmantes e pressionaram suavemente minhas pálpebras, até que gradualmente caí em um sono profundo, que durou até o meio-dia.

Acordei com o coração forte. Agora eu era eu mesmo novamente. Minha tristeza não havia diminuído, mas, por enquanto, eu era dono dela.

So Too me recebeu com um largo sorriso. Eu me curvei profundamente. Ele expressou a esperança de que seu "hóspede alto, gracioso, de ombros largos, rosto bonito e porte cavalheiresco" tivesse dormido bem. "Quanto a mim", acrescentou, "meu corpo miserável, pequeno e torto esteve cheio de dores e torturas durante toda a noite".

Olhando para ele, era difícil ver qualquer efeito de todas essas "dores e torturas".

Ele parecia a imagem da boa saúde e do bom humor. Seu rosto largo era tão liso quanto o de um bebê e seus olhinhos brilhavam com humor contido e malícia. Ficamos bastante alegres durante nossa refeição matinal.

Eu estava representando um papel. Decidi deixá-lo pensar que, aos poucos, eu estava me curando do meu afeto extravagante por Bulger.

A cada xícara de chá que ele bebia, sua aparência fria ia derretendo. Eu sentia que, se o deixasse sozinho, ele me daria uma visão mais clara de sua natureza interior do que se eu tentasse fazê-lo falar com perguntas capciosas. Usei toda a minha inteligência e imaginação. Cobri-o de elogios e discursos elegantes. Contei-lhe algumas das minhas histórias mais divertidas. Por fim, consegui. Os criados foram mandados retirar-se. Então Too assegurou-me, em nome de todos os seus antepassados, que eu era o hóspede mais encantador que alguma vez tomara chá sob o seu teto. Implorou-me que o honrasse levantando-me e colocando a minha figura alta, graciosa e cavalheiresca ao lado do seu miserável e frágil esqueleto.

Apressei-me em aceitar o convite, protestando, no entanto, que estava bastante comovido com as honras que me eram concedidas.

Ele insistiu, com igual pertinácia, que era totalmente indigno de ocupar um lugar ao meu lado.

Assim continuamos nossa guerra de elogios. De repente, So Too enfiou a mão direita sob sua túnica ricamente bordada e tirou uma pequena caixa de tábuas, que se dobravam umas sobre as outras de maneira curiosa. Ele deu um leve puxão e ela se abriu e se desdobrou. “Estive pensando”, começou ele, “no julgamento que se aproxima do seu cão, acusado de bruxaria”.

Um nó se formou na minha garganta ao ouvir essas palavras, mas eu engoli em seco e simplesmente inclinei a cabeça em sinal de atenção.

“Tu és um estranho em nossa terra”, continuou So Too, “talvez te agrade saber as coisas que estou prestes a te contar. Em nenhum outro lugar do grande mundo pode ser encontrada a Justiça Perfeita, exceto nos domínios de nosso gracioso Imperador, aquele de semblante sagrado. Enquanto a tua nação e o resto do mundo ocidental não conheciam outra lei além da força ou da fraude, nós já tínhamos recebido de nossos ancestrais milhares de volumes repletos das regras da Justiça Perfeita. Feliz será aquele criminoso cuja boa sorte o levar a cometer seu crime em nossa terra abençoada. Sua punição será exatamente aquela que ele merece. Tu, como advogado deste prisioneiro afortunado, que te é tão querido, tens permissão para escolher o yamun perante

quem ele será julgado. Eu, So Too, teu amigo, apresento-te aqui a lista de yamuns para que possas escolher o teu próprio árbitro."

Dizendo isso, So Too colocou as tábuas desdobradas em minha mão e então caiu em um sono leve.

Examinei a lista com uma mistura de admiração e curiosidade. Dizia o seguinte:

A LISTA EM SI. SOMENTE E NADA

MAIS.

SOMENTE OS JUÍZOS JUSTOS. SOMENTE ELES.

NADA MAIS.

I.	LING BOSS,	Um juiz justo.
II.	QUONG CHONG,	Um juiz justo.
III.	POO POOH,	Um juiz justo.
IV.	WAH SAT,	Um juiz justo.
V.	LUNG TUNG,	Um juiz justo.
VI.	KEEN CHOP,	Um juiz justo.

A LISTA DOS JUÍZES JUSTOS. E NADA MAIS.

Pensando que So Too estava dormindo profundamente, murmurei para mim mesmo, quase inconscientemente, enquanto olhava para o primeiro nome da lista: "Ling Boss, um juiz justo!" Quando, para minha grande surpresa — que, no entanto, tomei o cuidado de não demonstrar —, So Too, sem abrir os olhos, disse o seguinte:

"Sim, um juiz justo; muito justo; mas perigoso; pescoço curto demais, sangue em excesso — portanto, cérebro quente demais — nunca disposto a ouvir os dois lados; um bom juiz para quem fala primeiro, antes que o sangue comece a pressionar o cérebro, um mau juiz para casos longos."

"Quong Chong?", repeti, interrogativamente.

"Um juiz justo", respondeu So Too, "um juiz extremamente justo, mas muito alto e magro; não tem sangue suficiente para seu corpo longo; o cérebro está muito longe do coração; frio e impiedoso; não come o suficiente, apenas um pouco de peixe; um bom juiz para um homem muito mau."

"Poo Pooh?", sugeri, em tom baixo.

"Um juiz justo, um juiz totalmente justo", continuou So Too, "mas não é confiável; ri com muita facilidade; gosta muito de fazer trocadilhos; sempre pronto para condenar à morte um homem de rosto solene; fica muito feliz em sentenciar um homem

à morte se puder fazer um trocadilho com o nome dele e o machado ou o bloco ou algo pertencente ao carrasco."

"Wah Sat?", perguntei timidamente.

"Um juiz justo, um juiz totalmente justo", disse So Too, aparentemente meio vencido pelo sono, "mas um juiz a ser evitado; muito dado a fazer perguntas; nunca se cansa de girar em círculos como uma broca, até chegar ao fundo; um bom juiz para casos difíceis e complicados — lento, mas seguro, corroendo a falsidade pouco a pouco; não é um bom juiz para casos simples."

"Lung Tung?", perguntei, meio desesperado, olhando para o número cinco.

"Um juiz justo, sem dúvida", respondeu So Too, no mesmo tom sonolento, "mas um juiz perigoso; gosta demais de se ouvir falar; muito propenso a esgotar o tempo do criminoso e depois condená-lo à morte por não ter se defendido dentro do prazo que lhe foi concedido!"

Aqui, meu coração afundou dentro de mim; mas me recompus. Ainda restava um nome. Olhei para ele com desespero. "Keen Chop?", murmurei.

"Um juiz justo, um juiz perfeitamente justo", comentou So Too com um leve aumento de animação, "uma flor, uma pérola de juiz; come bem, bebe bem, digere bem; gosta das coisas boas da vida, um grande amante de vasos e estátuas bonitos, biombos e bordados — sempre disposto a ouvir os dois lados e..."

Aqui, So Too parou e caiu num sono tão profundo que roncava alto. Esperei pacientemente que ele terminasse a sua sesta. Ele retomou exatamente onde tinha parado.

"Muito ansioso por construir uma casa maior e mais bonita e enchê-la de ornamentos ricos e raros."

Mais uma vez, So Too adormeceu. Para não ficar atrás dele em aparente indiferença pelos assuntos em discussão, eu também cedi a uma sensação de sonolência e logo adormeci profundamente.

Não sei quanto tempo dormimos, mas, quando acordamos, minha mente estava perfeitamente clara sobre um ponto. Virei-me para So Too e disse:

"Estou decidido! Keen Chop é um juiz justo! Deixe-o decidir o destino de Bulger!"

Três dias longos e ansiosos para mim se passaram antes que eu fosse concedido uma audiência no Tribunal de Justiça. Então, Too fez um grande esforço para me divertir e

desviar meus pensamentos do pobre prisioneiro inocente. Mas tudo foi em vão. Aqueles olhos escuros e brilhantes estavam sempre fixos em mim. Dia e noite, eles repetiam a mesma pergunta: “Querido pequeno mestre, o que tudo isso significa? Eu sei que você não vai me abandonar, mas por que devo ficar tanto tempo separado de você?”

Finalmente, chegou a hora tão esperada. Fui escoltado até o Tribunal de Justiça por um grupo de servos de So Too. Um lugar foi designado para mim em frente ao palco, onde o juiz e sua comitiva iriam se sentar. A vasta sala estava lotada de funcionários, oficiais, tocadores de gongo, acusados e acusadores, mas um profundo silêncio reinava sobre todos. Enquanto caminhava para o meu lugar, um murmúrio abafado percorreu a multidão, pois o caso de Bulger estava na boca de todos; e pude ver que minha aparência jovem causava grande surpresa.

De repente, o som de gongos anunciou a chegada do juiz.

Keen Chop entrou no Tribunal de Justiça com um andar majestoso e um ar solene, em parte devido a um par de óculos enormes que eram presos ao nariz por cordões de seda pesados e borlas que passavam pelas orelhas. Ele era seguido por uma vasta comitiva de funcionários, servos e assistentes. Havia carregadores de tinta e carregadores de canetas; havia carregadores de leques e carregadores de livros; havia massageadores de pés para esfregar seus pés caso adormecessem por ficarem sentados por muito tempo; havia coçadores de nariz armados com longas penas, cuja função era acordar Keen Chop caso ele cochilasse demais; havia apagadores, cuja função era apagar das tábuas tudo o que o juiz havia dito quando decidia mudar de ideia. “Que o vil, miserável e infeliz acusado seja trazido à presença augusta de Keen Chop, o juiz justo!”, gritou um dos oficiais do tribunal, em voz alta.

Após alguns momentos de espera, o cesto de vime que continha meu fiel Bulger foi levado para a sala por uma entrada lateral, colocado diante do juiz e Bulger foi gentilmente retirado e colocado sobre uma mesa ao meu lado. As algemas de prata ainda estavam presas aos seus pés. Meu coração parou ao ouvir o barulho das correntes que ligavam suas pernas. Eu me preparei para parecer calmo, mas, apesar dos meus esforços, as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Bulger deu um pulo quando seus olhos escuros e brilhantes se fixaram em mim e ele soltou um longo gemido baixo, como se perguntasse: “O que significa tudo isso, querido pequeno mestre?” E então ele levantou a pata direita o mais alto que a corrente permitia e a estendeu para que eu a apertasse — como era seu costume

quando queria pedir perdão por alguma travessura que me desagradara.

Apertei a pata estendida longa e ternamente.

“O prisioneiro confessa sua culpa e implora humildemente por misericórdia em nossas mãos?”, perguntou Keen Chop, voltando seus enormes óculos para Bulger. Não sei se foi o tom desagradavelmente estridente e rangente da voz do juiz ou o brilho dos grandes discos de vidro colocados diante de seus olhos que desagradou Bulger, mas o certo é que ele respondeu com um único latido alto e raivoso. Keen Chop ficou tão assustado que deixou cair seus sais aromáticos e fez sinal para que seus lequeiros refrescassem seu rosto aquecido.

“Silêncio!”, rugiu um dos tocadores de gongo, dando uma batida ensurdecedora em seu gongo para inspirar respeito e, ao mesmo tempo, agitando ferozmente as sobrancelhas e o bigode eriçados.

“Meu senhor juiz”, disse eu, fazendo a reverência, “peço permissão para falar em nome do prisioneiro. Ele não é culpado de bruxaria. Nem há qualquer tipo de espírito maligno habitando seu corpo. Ele é um servo e companheiro verdadeiro e fiel; talvez com um pouco mais de inteligência do que o habitual em sua espécie. Como seu defensor, exijo provas dessa acusação tão imerecida!”

Keen Chop adormeceu. Mas, após alguns momentos, seu provocador de nariz conseguiu acordá-lo.

“Que as provas sejam lidas!”, disse Keen Chop em tom lento e comedido. Um dos funcionários levantou-se e, desdobrando uma enorme folha de papel com rolos de madeira presos na parte superior e inferior como uma persiana, começou a ler com voz arrastada e cantada o seguinte:

Prova Primeira: Que o prisioneiro, sem qualquer ordem, ao chegar à costa após o naufrágio, procedeu a morder o cordão preso ao seu colarinho, partindo-o em dois; e, pegando a ponta com a boca, passou por um grupo de oficiais imperiais, um grupo de mercadores, um grupo de artesãos e um grupo de ociosos, dirigindo-se a um grupo de marinheiros, aos pés dos quais depositou a ponta do cordão.

Prova segunda: que o prisioneiro, ao som do gongo oficial, ao contrário dos animais de sua raça que vivem entre nós, manifestou grande descontentamento e mau humor, correu em direção ao seu senhor, colocou uma orelha contra o corpo do seu senhor e fechou a outra com a pata.

Prova Terceira: Que o prisioneiro, no mesmo dia, na presença de oficiais imperiais, sem qualquer ordem, apanhou uma bolsa de ouro que seu senhor havia deixado cair e a devolveu a ele.

Quarta prova: que o prisioneiro, no mesmo dia, na presença de oficiais imperiais, ao cruzar o limiar do Lorde Alto Mandarim So Too, ao contrário dos animais de sua espécie, rejeitou com desprezo e desdém as boas-vindas e saudações amigáveis que lhe foram dirigidas pelos cães de Sua Excelência.

Confesso que, quando o escrivão do tribunal terminou de ler essas provas, meu coração subiu lentamente à garganta. Eram, sem dúvida, provas de muito mais do que a inteligência usual dos animais de sua raça. Fiquei impressionado com a quantidade de provas que eles haviam coletado. Embora sentisse que teria dificuldade em convencer Keen Chop de que tudo isso era apenas o resultado de um treinamento cuidadoso, auxiliado por uma aptidão especial da parte de Bulger, tomei muito cuidado para não trair qualquer nervosismo ou falta de confiança.

Pedi um chá, alegando que precisava me refrescar, mas na verdade era para ganhar tempo para organizar meus pensamentos e me recompor após um golpe tão impressionante.

Enquanto isso, Keen Chop caiu em um sono tranquilo.

Terminei meu chá e fiquei esperando pacientemente que o coceira de nariz o acordasse.

Quando vi que Keen Chop estava novamente acordado, levantei-me com grande dignidade e, colocando-me ao lado de Bulger, que observava cada movimento meu e ouvia minhas palavras com uma expressão quase dolorosamente ansiosa, que significava muito claramente: “O que tudo isso significa, querido pequeno mestre?”, comecei da seguinte forma:

“Meu senhor juiz! Patriarca muito antigo, venerável e respeitável, com mais de cem anos de idade, seus cabelos brancos como a neve revelam sua sabedoria!” O fato é que Keen Chop era um homem bastante jovem e, pelo que pude ver, não tinha nenhum cabelo no rosto ou na cabeça, exceto uma mecha rala; mas eu sabia como era lisonjeiro para um magistrado ser chamado de “velho e venerável” e, por isso, queria causar uma boa impressão logo de cara. “O seio de minha mãe não conhece outro filho além de mim, e eu não tenho outro irmão além desta criatura fiel que o céu, por suas próprias razões,

colocou sobre quatro patas; mas que, se a força do amor pudesse levantá-lo, caminharia ao meu lado, com nossos dois corações no mesmo nível. Ó, venerável juiz

—cuja sabedoria, como frutos maduros no outono, agora é tão enobrecida pelo passar do tempo, tu sabes o que o amor pode fazer! Tu sabes muito bem como ele pode endurecer o bico frágil da mãe pássaro, de modo que as garras impiedosas do falcão não lhe causam medo! Tu sabes, melhor do que este pobre pedaço de humanidade que agora implora diante de ti, que a lança do homem não tem ponta afiada o suficiente para afastar a ursa de seu filhote! Tu sabes como o tímido pardal, para proteger seus filhotes, enfrenta a crista horrível da víbora, sua língua bifurcada e seus olhos de pedra! E o que direi da raça desta criatura fiel? Quando viveu algum dos seus que abandonasse um dono pobre e humilde por outro mais rico, ou que recusasse o perdão por um golpe imprudente e imerecido? Onde mais os corações humanos podem investir o seu amor e obter juros tão altos como aqui? Nós éramos bebés juntos! Os mesmos raios de sol que dançavam em saudação ao meu despertar para a vida também o encontraram, recém-chegado. De crescimento mais rápido, ele era o guardião de seu irmão. Dei-lhe todo o meu amor, pois não havia outro companheiro com quem compartilhá-lo. Plantei melhor do que sabia, pois no solo agradecido de seu coração verdadeiro, meu amor criou raízes tão profundas e vigorosas que deu sua força e poder ao seu cérebro! O amor aguçou tanto o pensamento que se tornou maravilhosamente forte! O espírito que você chama de "maligno" é, como sabem os sábios, um ser racional; e, embora possa andar sobre quatro patas, choramingar, latir e rosnar, isso não passa de uma máscara que ele usa.

"Ó juiz idoso, em cuja vasta mente a experiência acumulou sabedoria em muitas histórias, em breve acreditarás em mim, pois tornarei muito claro para ti que este animal fiel e amoroso não é dotado do misterioso poder da razão! É verdade, muito verdade, que a natureza ampliou sua visão, mas não removeu seus limites.

"Observe agora, ó patriarca erudito, como é fácil para a verdade perfurar a armadura que a falsidade veste, pois, por mais apertada que seja, sempre há algumas juntas que não se unem!

"Se minha pobre e fraca mente não for forte o suficiente para afastar as supostas provas desse espírito maligno, então deixe-me ser consumido pela chama de sua justa indignação! Esta criatura me ama! Nem o vigor de dez mil corações humanos unidos em um só poderia produzir um amor mais ardente do que o dele por mim! E, no entanto, veja como sua visão é limitada!

“Esta curiosa arma de fogo foi-me dada por um mercador turco cuja vida salvei numa briga. Eu a ajustei de tal forma que o peso de uma pena a dispara; mas, primeiro, espalhei um pouco de pasta de açúcar no gatilho. Eis que a aponto para o meu peito! Se esta criatura tem agora o mais leve pressentimento de perigo iminente para o seu amado mestre, recusar-se-á a lamber a pasta de açúcar!”

Um silêncio mortal tomou conta da assembleia. Eu segurei a arma em direção a Bulger. Em um instante, ele sentiu o cheiro doce da pasta e esticou a língua várias vezes, sem conseguir alcançá-la. Uma explosão aguda ecoou pelo grande salão.

Abaixei-me e peguei a bola, que se achatara sobre uma placa de aço escondida sob minha túnica.

O espanto de Bulger não foi tão grande quanto o de Keen Chop. Ele fez sinais pedindo refresco. O chá foi servido rapidamente. Uma centena de leques afastou o vapor sulfuroso de suas narinas.

“Mais uma vez, ó juiz mais sábio do que nunca nas terras ocidentais, derrame o brilho da sabedoria humana sobre coisas obscuras e misteriosas, veja como eu rasgo a trama da falsidade que alguma mente engenhosa quer que este augusto tribunal julgue como pura verdade! Aqui, nesta bandeja, tenho alguns pedaços torrados de crista de galo — para o paladar desta criatura, o mais delicado manjar que a natureza e a arte podem unir para produzir!” Sentindo o cheiro de seu prato favorito, meu bom Bulger começou a latir e choramingar e forçar suas algemas ao máximo em tentativas desesperadas de alcançá-lo. Segurei a bandeja de forma a permitir que ele alcançasse alguns pedaços da comida apetitosa. Ele estava agora fora de si; num momento implorando, persuadindo, suplicando; no outro, repreendendo, ameaçando, protestando. Sem dúvida estava com muita fome, pois era difícil esperar que a comida da prisão satisfizesse seu paladar delicado.

“Venerável juiz!”, retomei, “como bem sabe, os espíritos malignos têm grande repugnância e temor por todas as misturas sutis e misteriosas e compostos venenosos com os quais o homem se esforça para exibi-los ou destruí-los. Veja agora! Eu salpico este prato cobiçado, diante dos seus olhos, com um pó tão mortal e terrível em seus efeitos sobre a vida que esta minha mão fraca tem poder suficiente para transformar este salão imponente, cheio de luz e vida, em um vasto cemitério. E novamente coloco a comida ao seu alcance, cobrindo-a com uma placa de vidro para que seu ardor não supere minha vigilância!”

Bulger agora se lançou sobre a placa de vidro que cobria a comida, com renovada impetuosidade, dando vazão a gritos agudos de decepção enquanto tentava em vão lamber os pedacinhos, chacoalhando suas correntes enquanto se esforçava para arranhar o vidro que o impedia de chegar ao banquete esperado.

Mandando-o calar-se, destapei o prato e o coloquei ao alcance de vários cães que eu havia mandado amarrar perto dali.

Ao primeiro toque da comida envenenada, eles caíram no chão como se tivessem sido atingidos por um raio.

"Mais uma vez, juiz sábio e venerável, deixe-me acrescentar prova à prova de que nada de razão habita na mente desta criatura fiel!"

"Fui ferido uma vez na sua frente por um escravo traiçoeiro. A ponta da adaga dele perfurou meu peito, mas eu o matei antes que ele pudesse atingir meu coração. No entanto, o perigo daquele momento gravou para sempre a imagem daquela adaga na memória desta criatura.

"Ofereça agora um adiantamento e aponte uma adaga para o

meu peito!" E assim foi feito!

Com gritos frenéticos e olhos selvagens, Bulger se esforçou para saltar sobre meu suposto agressor.

"Cubra agora a lâmina com a bainha!" Foi

feito!

Mais uma vez, meu bom Bulger fez esforços desesperados para alcançar o homem, enchendo a sala com gritos de raiva e medo.

"Jogue fora a bainha e a lâmina!" Foi

feito!

Mas meu querido Bulger continuava fazendo esforços loucos para proteger seu

mestre. "Jogue fora o punho e a lâmina e levante a bainha vazia contra meu peito!"

Foi feito!

Ainda assim, tudo continuava igual! Não importava se a ponta estava coberta ou descoberta; se o punho inofensivo ou a bainha ainda mais inofensiva estavam voltados para o meu peito, os gritos de Bulger, misturados de raiva e medo, suas tentativas loucas de se libertar das algemas que prendiam seus pés, eram os mesmos, exatamente tão ferozes.

Keen Chop fez então várias coisas. Bebeu um pouco de chá. Ordenou a um dos seus servos que lhe fizesse cócegas na orelha. Tirou os seus enormes óculos e entregou-os a um assistente que começou a limpá-los. Depois, tentou adormecer. Mas, a um sinal meu, Bulger começou a latir tão furiosamente que ele deu um pulo repentino, como se pensasse que o animal estava prestes a agarrar suas panturrilhas. Aproveitando-me disso, avancei até Keen Chop e, fixando meu olhar nele, falei o seguinte:

"Magistrado ancião, imploro sua graciosa permissão para acrescentar mais um argumento à minha defesa desta criatura muda. Eu seria o mais ingrato dos homens, que qualquer miserável pária poderia, com justiça, desprezar e insultar, se não defendesse este ser devotado com toda a astúcia da minha mente e todo o amor do meu coração!"

Com estas palavras, subi rapidamente os degraus que conduziam à cadeira de Keen Chop e, antes que ele pudesse dizer não, peguei o leque que ele acabara de pousar na mesa ao seu lado.

"Agora, venerável juiz, para uma última — e acredito que conclusiva — prova de que nenhum espírito maligno habita o corpo dessa criatura.

"Aqui estão dois leques: o seu! O meu! O seu, tornado sagrado pelo toque da sua mão envelhecida e marcada pelo tempo! O meu, uma ninharia sem valor; se fosse possível, ainda mais sem valor pelo toque da minha mão sem valor. Se, como este tribunal acusou, um espírito maligno habita no corpo deste animal, ele sabe muito bem que o poder da vida ou da morte está em seus lábios; que você pode perdoar com um sorriso ou matar com uma careta; que você pode condená-lo a uma tortura prolongada ou libertá-lo com um aceno de cabeça!

"Sim, mais! Que, se assim parecer justo e sensato aos teus olhos, podes julgar tanto o dono quanto o cão dignos da morte e não lhes conceder maior benção do que ver o sangue de ambos jorrar juntos após a morte, assim como o amor que os uniu em vida!

"Contemplem, eu jogo estes dois leques aos seus pés!"

Murmúrios altos irromperam por toda a vasta assembleia. Muitos se levantaram de seus assentos e esticaram o pescoço para ver o resultado.

Bulger olhou para mim com um ar perplexo no início, mas logo se decidiu. Ele pegou meu leque com ternura e cuidado e, com os olhos arregalados e cheios de amor, levantou-se sobre as patas traseiras e o colocou no meu colo, abanando o rabo, como se dissesse: "Não tema, pequeno mestre, eu sei o que é seu!"

Então, com uma explosão de rosnados, latidos e grunhidos, ele se jogou sobre o leque de Keen Chop, sacudindo-o violentamente até que a cobertura ricamente pintada foi rasgada em pedaços e espalhada por toda parte; jogou-o para o alto, apenas para pular sobre ele com as quatro patas assim que ele tocou o chão; e então, cravando suas garras fortes nas juntas, as arrancou como se fossem feitas de papel.

Mas isso não foi tudo!

Para completar a lista de indignidades que infligiu à propriedade de Keen Chop, ele agora virou as costas para aquele magistrado sério e, com vários chutes repentinos e vigorosos com as patas traseiras, fez com que os gravetos voassem tão perto de sua cabeça que um deles realmente bateu no enorme disco de vidro colocado na frente do olho direito de Keen Chop. Mas um oficial do tribunal, que havia caído em sono profundo e deixado a cabeça cair para trás, não teve a mesma sorte. Dois dos maiores paus entraram em suas narinas e permaneceram presos lá como flechas em um alvo. O homem acordou com um grito ensurdecedor. Apesar das ordens dos oficiais do tribunal, de que todos que rissem fossem espancados, havia risadas abafadas aqui e ali. O próprio Keen Chop contorceu o rosto nas caretas mais cômicas para não explodir em gargalhadas. Quanto a Bulger, ele estava fora de si de alegria. Na verdade, ele gritava de alegria. Keen Chop então moveu o polegar em sinal de que estava prestes a falar, e um silêncio profundo tomou conta da multidão.

Fui chamado a aproximar-me dos degraus da cadeira do juiz. Ele falou o seguinte:

“Quando fores mais alto, serás mais forte! Quando fores mais velho, serás mais sábio!

“Saiba, então, que, como escravo abjeto do Filho do Sol, aquele de semblante sagrado, Senhor de todas as Ordens, eu pretendia retirar esta acusação contra o teu cão, tirar-lhe as algemas e libertá-lo. Mas agora isso não pode ser feito!

“Teu apelo me convenceu de que ele merece morrer! Uma causa justa não precisa de outra defesa além das palavras. Mas tu imploraste com as mãos, as pernas e os pés! Tu foste excessivamente sincero! Isso prova que tu conhecias a fraqueza de tua causa. Se tu não tivesses falado nada e se teu cão tivesse aberto a boca logo no início, o que teria saído dela o teria libertado de suas correntes.

“Agora ele deve morrer!

“Entreguem-no ao carrasco!” E então, com um movimento da mão, ordenou que tocassem os gongos, de modo que me foi impossível responder. A grande sala era agora palco do mais selvagem tumulto. Os guardas aglomeravam-se à minha volta, como se temessem que, em meu desespero, eu sacrificasse a minha vida na tentativa de resgatar Bulger.

Pobre Bulger! Ele foi rapidamente colocado em sua jaula de vime e levado para fora do tribunal.

Embora pudesse sentir meu coração batendo forte contra as costelas, não dei nenhum sinal da tempestade de emoções que assolava meu interior. Eu podia ouvir aquelas palavras terríveis, “carrasco público”, ecoando em meus ouvidos; mas minha infalível visão do futuro não captou nenhum vislumbre daquele oficial assustador e, por isso, senti que ainda havia esperança. Mas não movi nem as mãos nem os pés.

Os gongos pararam de tocar.

A multidão saiu do tribunal.

Os guardas, curvando-se, retiraram-se da minha presença. Fiquei ali sozinho naquela sala vasta e silenciosa.

Fui finalmente despertado do meu profundo devaneio pela aproximação de um mensageiro de Keen Chop. Ele dirigiu-se a mim da seguinte forma:

“O miserável, pequeno e deformado Keen Chop humildemente implora ao alto e imponente estranho que tome chá com ele em seus aposentos privados.”

Mecanicamente, segui o servo do juiz, que me conduziu por corredores longos e sinuosos. Keen Chop havia tirado seus enormes óculos e me recebeu com muita gentileza.

Todos os criados foram dispensados. Bebemos nosso chá em silêncio por um tempo. Por fim, levantando-se e indo para trás de uma tela, ele voltou com um enorme volume.

Era o registro do julgamento de Bulger. Ele desejava que eu o examinasse enquanto ele se refrescava após sua longa sessão no banco do juiz com um breve cochilo.

Virei as páginas do registro lentamente. Não só minhas palavras estavam registradas com a mais perfeita precisão, mas desenhos corretos das várias cenas preenchiam as amplas margens do registro.

Na última página, notei que um espaço em branco havia sido deixado entre as palavras “deve” e “morrer” e “ele” e “ser entregue”.

“É milagroso!”, exclamou Keen Chop, levantando-se e esfregando os olhos. “Que criatura maravilhosa é o seu cão! Enquanto dormia, sonhei que ele abria a boca e o que caiu de lá me convenceu da sua inocência.”

“Tragam-no à sua augusta presença, ó juiz justo!”, respondi.

Em poucos instantes, a cabana de vime de Bulger foi depositada no chão e ele foi gentilmente retirado de dentro dela. Eu só consegui conter as lágrimas com grande esforço, enquanto seus grandes olhos expressivos se voltavam para mim, como se perguntassem: “Quando todo esse mistério vai acabar, pequeno mestre?” Acariciei sua cabeça com uma mão amorosa para assegurar-lhe que tudo estava bem.

Assim que os assistentes saíram do apartamento, peguei a bolsa de ouro que Bulger havia pegado na praia e me devolvido, coloquei-a em sua boca e fiz um sinal para que ele a levasse a Keen Chop, que agora havia recolocado seus enormes óculos e estava sentado debruçado sobre as páginas do registro do julgamento de Bulger.

Bulger não esperou por uma segunda ordem.

Dirigindo-se diretamente a Keen Chop, levantou-se sobre as patas traseiras e deixou cair a bolsa no colo do dignitário.

“É maravilhoso! É realmente maravilhoso!”, exclamou Keen Chop, testando o peso da bolsa, com uma expressão satisfeita no rosto, primeiro em uma mão e depois na outra. “Suas palavras foram de prata, mas o silêncio dele é de ouro! Seria um crime separar dois corações tão fiéis. Vá em paz!”

“Mas e o registro do julgamento?”, perguntei. Keen Chop não disse nada, mas, virando para a última página, colocou o dedo no lugar onde havia sido deixado um espaço em branco.

Agora estavam ambos preenchidos.

A palavra “não” havia sido escrita em cada um deles.

Os guardas foram chamados e, em poucos instantes, as algemas foram soltas dos pés de Bulger. Ao se ver livre novamente, ele pulou no meu colo com um grito selvagem de alegria e cobriu minhas mãos e meu rosto com carícias.

Não consegui conter as lágrimas. Abraçando convulsivamente o fiel animal, chorei como uma criança.

Mas uma nuvem cobriu nossa alegria; pois Keen Chop, ao meu pedido de salvo-conduto até o porto mais próximo, informou-me que era impotente para

atender ao meu pedido; que eu deveria recorrer a Slim Lim, o Taou-tai, ou Governador Imperial da província, Senhor da Pena de Pavão, Cavaleiro do Botão Vermelho, etc., etc.

"Está bem!", exclamei. "Dignai-vos enviar um de vossos servos para me conduzir à presença de sua excelência, o Taou-tai! Anseio por pisar mais uma vez em minha terra natal. Desejo pôr fim à angústia dolorosa de meus pais."

Keen Chop abanou a cabeça e sorriu tristemente.

"Saiba, ó ilustre convidado", disse ele, "que ninguém pode se aproximar do Taou-tai, Senhor da Pena de Pavão, a menos que seja em resposta a uma humilde petição de vinte páginas, e que Sua Alteza se digne conceder uma audiência! Tentar fazer o contrário pode significar a morte nas mãos dos guardas; mas certamente significaria prisão na masmorra mais profunda da fortaleza imperial".

"Que assim seja!", respondi. "Venha a morte, venha a prisão, hoje estou na presença de Slim Lim, o Taou-tai, Cavaleiro do Botão Vermelho Simples e Senhor da Pena de Pavão!"

Keen Chop gemeu alto e profundamente. Mas, vendo que eu estava decidido a partir imediatamente para o palácio do governador, enviou um de seus assistentes para me conduzir até o portão, instruindo-o, caso os guardas levantassem suas espadas para me matar, a gritar em voz alta que eu era um lunático inofensivo e havia escapado de meus guardiões.

Para acabar com toda a oposição, eu concordei.

Então, Keen Chop me deu um adeus afetuoso e, seguido pelo meu fiel Bulger, dirigi meus passos para o palácio do Taou-tai.

Para dizer a verdade, o caos reinava em minha mente.

Em poucos segundos, vinte planos diferentes ocupavam meus pensamentos. Como Bulger e eu superaríamos a oposição dos guardas armados? Seria loucura provocá-los a usar suas armas contra nós!

Se estou destinado a estar na presença do Lorde Taou-tai, isso deve ser feito com astúcia e estratagemas.

Felizmente para mim, a noite começava a cair, pois, embora o portão e os corredores do palácio do governador fossem iluminados por dez mil lanternas — como de fato descobri quando cheguei lá —, a luz que elas emitia era suave e incerta.

Contando com a rapidez quase relâmpago dos meus movimentos e o silêncio absoluto dos meus passos, consegui facilmente passar pelo grupo de sentinelas que estavam posicionados no portão externo.

Encantado com a minha sorte, subi rapidamente os degraus do pórtico e, seguido de perto por Bulger, entrei no corredor principal com ar digno e imponente.

Oito homens altos, armados com piques de aparência selvagem — para um deles, teria sido tão fácil me espetar e me jogar pela janela quanto para um menino empalar um sapo na ponta de sua vara pontiaguda e jogá-lo em terra firme — agora bloqueavam meu avanço.

Meus passos foram tão silenciosos que cheguei a poucos metros deles antes que percebessem minha presença. Se eu tivesse caído das nuvens, seu espanto não poderia ter sido maior e mais ridículo de se ver.

Eles se agarraram pelos braços, apontaram os dedos indicadores para mim e sussurraram em voz rouca, como se fossem um só:

"Um diabinho!"

"Não, meus bons homens", respondi com um sorriso muito gracioso, "não sou um diabinho, mas um soldado como vocês; alguém que lutou sob muitos céus, sabe o que é uma boa espada, o que é um bom vinho, prefere lutar a fugir, sabe contar uma boa história e ama a guerra como um caçador ama a caçada!"

Os oito homens se entreolharam, bateram na testa significativamente e então fixaram o olhar em mim, como se estivessem em dúvida se meu próximo movimento seria pular em cima deles, desaparecer no ar ou me transformar em um ogro terrível e engoli-los todos sem pimenta nem sal.

"Venham, camaradas", gritei num tom despreocupado, "deixem suas lanças de lado e eu lhes mostrarei algo que encontrei num campo de batalha na guerra contra os argelinos, algo tão curioso que, mesmo que não tivessem dormido por três meses e um dia, ainda estariam dispostos a ficar acordados para examiná-lo".

Dizendo isso, tirei minha caixa de rapé musical do bolso, bati misteriosamente na tampa, caminhei na ponta dos pés até a entrada do corredor e acenei para que me seguissem.

Eles assim o fizeram, com uma expressão cômica de meio espanto e meio curiosidade estampada no rosto. Mas primeiro colocaram silenciosamente suas lanças, que pareciam ter vida própria, em um suporte contra a parede.

no suporte contra a parede.

Fiz um gesto para que aproximassem as cabeças e se abaixassem para que pudessem ver e ouvir, pois eu chegava apenas até a cintura deles. Toquei a mola da caixa de rapé e ela começou a tocar.

É impossível descrever a alegria que brilhava em seus rostos grandes, redondos e lisos.

Suas bocas se abriram.

Seus dedos se contraíram nervosamente, como se desejassem tocar aquela pequena maravilha, mas não ousassem. Senti que havia chegado o momento de agir.

Enrolando a caixa de rapé até ao limite, empurrei-a para as mãos de um dos guardas, que parecia fora de si de alegria, e mostrei-lhe como tocar na mola secreta.

Quando a música recomeçou, eles fecharam o círculo de forma tão compacta que, mesmo que eu quisesse permanecer no meio, seria impossível. Para minha satisfação infinita, eles pareciam agora dispensar-me sem cerimônia de sua sociedade.

Mais rápido do que se pode contar, tirei do bolso um novelo de corda forte, amarrei bem as pontas dos tacos e recuei para a entrada do palácio, colocando a outra ponta da corda entre os dentes de Bulger, com um gesto que significava:

“Fiquem firmes e puxem com força!”

Em outro instante, eu havia passado pelo grupo de guardas e estava indo em direção à porta da sala de audiências.

De repente, a enormidade de sua negligência se torna evidente para

eles. Eles olham para cima.

Eles me viram já no fim do corredor!

Deixam cair a caixa encantada que os desviou do caminho do dever!

Correm para as suas lanças!

Alguma força misteriosa os mantém acorrentados ao chão!

Bulger está fazendo um trabalho esplêndido!

Minha mão está na porta da sala de audiências!

Atordoados por um medo supersticioso de algum poder invisível, os guardas ficam paralisados no lugar.

Um assobio baixo indica a Bulger que sua tarefa está

concluída. Ele atravessa o corredor como um espírito.

Entramos no vestíbulo da sala de audiências, passamos por um aposento externo e nos encontramos na presença de Slim Lim, Senhor da Pena de Pavão!

Slim Lim estava em casa.

Ele estava sentado no centro do espaçoso apartamento, bebendo uma xícara de chá muito perfumado, cujo aroma era tão fascinante que parei e o inalei com todo o entusiasmo de um bom degustador.

Duas senhoras, vestidas com mantos de grande beleza e riqueza, estavam ocupadas preparando chá e espalhando diante do Senhor Taou-tai uma infinidade de iguarias delicadas e petiscos apetitosos.

Mas ele não comia nada.

Ele estava evidentemente um pouco perturbado com a minha súbita aparição, e eu podia ver que um único pensamento, excluindo todos os outros, ocupava sua mente. Era: "Como esse estranho passou pelos guardas? É verdade que ele é pequeno, mas se ele pode entrar calmamente no meu apartamento, por que uma pessoa mal-intencionada não poderia fazer o mesmo?"

Determinado a convencer Slim Lim e as senhoras de sua casa de minha nobre linhagem e maneiras refinadas, fiz uma reverência com toda a graça de um cortesão veterano e comecei a enumerar suas várias virtudes, excelências e encantos físicos e intelectuais. Quando cheguei ao número cento e dezessete, a vitória estava completa.

Eles sorriram.

Mas Slim Lim permaneceu inflexível. Ele ficou olhando para o vazio por alguns momentos e depois fingiu adormecer.

Recitei o propósito da minha visita e esperei pacientemente que o Senhor da Pena de Pavão se dignasse a responder.

Ele finalmente o fez, mas sem abrir os olhos, falando como se estivesse meio sonhando:

"Bárbaro, filho de um bárbaro, neto de um bárbaro, bisneto de um um bárbaro, tataraneto de um um bárbaro, tataraneto

neto de um bárbaro——”

Sabendo muito bem que isso era apenas um estratagema para perder a noite com conversa fiada, resolvi pôr um fim àquilo imediatamente.

Sentei-me e interrompi a longa e enfadonha lista de Slim Lim fingindo roncar com aquela regularidade que prova ser um dorminhoco experiente.

Ele parou de repente.

Um silêncio profundo tomou conta da cena, quebrado apenas pelo barulho nervoso dos leques das senhoras.

Slim Lim começou a perceber que não tinha um mortal comum diante de si.

Pela primeira vez, ele me olhou diretamente nos olhos.

As senhoras ficaram alarmadas com a nuvem negra que se formava na testa de seu senhor e se retiraram para o outro lado da sala.

O Taou-tai estava agora bem acordado.

Eu também!

“Estranho ousado, imprudente e mal aconselhado”, gritou ele, “pelo decreto do Filho do Sol, aquele de semblante sagrado, não é lícito punir um suplicante impetuoso como tu, desde que sua prece seja digna de ser atendida. Mas o que pedes é impossível, pois a esta hora não há papel, tinta nem pincel no palácio! Deves sofrer por tua conduta precipitada. Foste astuto o suficiente para passar pelos guardas ao vir para cá, mas já há uma dezena de piques apontados para o teu peito. É impossível escapar. Prepara-te para a morte ou para o aprisionamento numa cela que não conhece luz nem calor!”

Para falar a verdade, minhas pernas cederam sob o peso do meu corpo quando essas palavras cruéis me deixaram claro o perigo em que eu me encontrava.

Eu podia ver que lágrimas se acumulavam nos olhos das duas graciosas damas que estavam perto de mim.

“Papel, tinta, pincel!”, murmurei, meio atordoado, “pincel, papel, tinta, ou morri!”

“Isso não pode ser!” Olhei ao meu redor. Fechei os olhos. Fixei meu olhar em Bulger, mas tudo foi em vão — nenhuma ajuda veio em meu auxílio.

Um suor frio brotava da minha testa.

De repente, um papagaio enorme, empoleirado em uma gaiola de bambu em uma extremidade da sala, soltou um grito estridente.

Mais rápido do que se pode contar, chamei Bulger para o meu lado e o fiz provocar o pássaro.

Ele não se opôs a entrar na brincadeira.

Quando estavam bem envolvidos, aproximei-me do pássaro por trás e, quando ele se inclinou para repelir a familiaridade de Bulger, agarrei habilmente uma das suas penas mais longas da cauda e puxei-a. Um grito ensurdecedor ecoou e as duas senhoras lançaram-se em direção ao seu animal de estimação com mil expressões de piedade e carinho.

Agora, voltei minha atenção para Slim Lim.

Tirando uma pequena tesoura do bolso, agarrei a ponta do taco dele e cortei um centímetro.

Minha audácia o deixou mudo. Ele só conseguia me encarar com a boca aberta.

Comecei a trabalhar com seriedade.

Tirando alguns fios de seda da manga, coloquei o cabelo na pena com dedos tão ágeis e hábeis que Slim Lim ficou boquiaberto.

“O pincel está pronto, Senhor da Pena de Pavão!”, gritei, colocando-o na frente dele. “E o papel também!”, continuei, tirando um tapete de papel debaixo de uma curiosidade e virando o lado branco para cima.

Ele seguia meus movimentos como uma criança seguiria os de um necromante. Agora só faltava a tinta!

Com um dos meus sorrisos mais encantadores, aproximei-me das senhoras e dirigi-me a elas:

“Fixem para sempre as imagens de seus belos rostos nas páginas da minha memória, emprestando-me o pote de pigmento de ébano com o qual vocês dão brilho àquelas arcadas incomparáveis que sombreiam seus olhos!”

Eles retribuíram meu sorriso com graça e doçura encantadoras. Mas o que foi ainda mais agradável foi que eles atenderam ao meu pedido.

Parando por um momento na gaiola do meu amigo, o papagaio, que eriçou as penas e me olhou com desconfiança, para umedecer o pigmento do seu

recipiente de água, voltei com ar triunfante para a mesa onde Slim Lim estava sentado, nervosamente abanando-se, e disse:

"Nobre Senhor da Pena de Pavão, seu escravo estúpido, deformado e inútil preparou pincel, tinta e papel; dignai-vos a assinar este papel com sua honrosa assinatura para que ele possa retirar seu pobre e miserável corpo e membros de debaixo de seu teto sagrado!"

Dizendo isso, estendi o pincel para Slim Lim.

Com a mão trêmula, ele a pegou e rapidamente traçou os caracteres misteriosos que estavam destinados a abrir todos os portões e destrancar todas as portas até que eu estivesse mais uma vez a bordo do navio com destino à minha terra natal.

Dobrando o precioso documento, enfiei-o na bolsa de marinheiro. Mas enquanto eu estava radiante com a vitória, Slim Lim mostrava claramente que estava quase fora de si de raiva e irritação.

As senhoras de sua casa se aproximaram dele com reverências profundas e suspiros altos e profundos a cada passo. Mas Slim Lim as repeliu da maneira mais rude. Ele não queria a simpatia delas, nem sua piedade ou cuidados ternos.

Elas redobraram seus esforços; seus suspiros se tornaram mais ternos e mais

altos. Tudo foi em vão.

Slim Lim estava determinado a não ser apaziguado.

Virando-se para mim, gritou:

"Que o bárbaro, filho de um bárbaro, neto de um bárbaro, bisneto de um bárbaro, tataraneto de um bárbaro, tataraneto de um bárbaro, o tataraneto de um bárbaro inscreva seu nome miserável, sem valor, mesquinho, comum, insignificante e desprezível em uma folha de papel antes de partir, para que eu e meus filhos, e os filhos dos meus filhos, e os filhos dos filhos dos meus filhos, e os filhos dos filhos dos filhos dos meus filhos possam pronunciá-lo com desprezo!"

E então, para me provar que se considerava desonrado por estar sentado na minha presença, ele se jogou no chão.

Bulger ficou com a ideia de que aquele estranho procedimento era, de alguma forma, uma ameaça para mim, pois ele andava cautelosamente ao redor de Slim Lim, farejando-o

e rosnando de forma ameaçadora, como se dissesse: “Não tente nenhum truque com meu pequeno mestre, ou você vai se dar mal!”

As senhoras da casa de Slim Lim estavam quase enlouquecidas de tristeza e ansiedade.

Assegurei-lhes minha proteção, mas isso só pareceu aumentar suas súplicas.

Para dizer a verdade, porém, eu não estava nem metade tão calmo quanto parecia. O destino cruel parecia ter tecido suas redes em torno de mim mais uma vez.

Slim Lim, com profunda astúcia, havia me dado outra tarefa que parecia tão impossível de ser realizada que ele sem dúvida já estava se parabenizando e aplaudindo seu plano habilmente elaborado para me manter prisioneiro.

Ele exigiu que eu “escrevesse meu nome” antes de sair; ele teve o cuidado de usar a palavra “escrever” para que eu não pudesse usar um pincel, como era costume do seu povo, mas tivesse que recorrer a uma caneta, como era meu costume.

Sentindo-se bastante confiante de que eu não teria uma caneta em meu poder, ele tinha motivos para se gabar de que eu ainda estava em seu poder.

Bulger percebeu a sombra que se projetava em meu rosto e choramingou nervosamente.

Tive uma ideia! Uma pena me salvaria!

Olhei para o papagaio.

Ah! Um plano bem elaborado para roubar minha liberdade!

BULGER SEGURA SLIM LIM,
ENQUANTO EU CORTO A
UNHA DO DEDO MÍNIMO
DELE COM UMA CANETA.

O pássaro havia sido retirado da sala.

O pincel que eu havia feito — e a tinta também — haviam

sumido! Eu podia sentir meus joelhos fraquejarem.

Minha respiração ficou curta e

rápida. Um calafrio percorreu meu

corpo.

Ali estava o Senhor da Pena de Pavão, deitado de costas, mas quando voltei meu olhar rapidamente para ele, tive certeza de que um de seus olhos estava meio aberto e fixo em mim, enquanto um leve sorriso malicioso se formava nos cantos de sua boca.

“Ah! Homem astuto!”, pensei, “tu não triunfarás, pois estou prestes a quebrar esta última de tuas correntes, que tu pensas estar tão firmemente presa aos meus pulsos. Tu és sábio e astuto, mas não tão sábio e astuto quanto o pequeno barão que está ao teu lado!”

“Para mim, Bulger!”, gritei.

Com um único salto, ele chegou ao meu lado.

“Fique aí!”, continuei, apontando para o peito de Slim Lim, “e se meu inimigo se mover nem que seja um centímetro, cumpra seu dever!”

Bulger saltou levemente sobre o peito de Slim Lim e, com um grunhido baixo, deu-lhe a entender que não havia brincadeira.

Então chegou a minha vez de agir.

Sacando meu canivete, segurei a mão de Slim Lim e, em menos de um minuto, cortei uma bela pena, com uma excelente ponta, na ponta da unha comprida de seu dedo mínimo.

Bulger observava muito interessado, soltando um grunhido baixo cada vez que Slim Lim dava o menor sinal de ressentimento pelo tratamento que eu lhe estava infligindo.

Minha tinta?

Isso era fácil. Piquei o polegar com a ponta da faca e deixei algumas gotas do líquido vermelho acumularem-se na palma da mão. Então, pegando num dos tapetes de papel, mergulhei a caneta que agora adornava o dedo mindinho do Senhor da Pena de Pavão e assinei o meu nome no lado sem cor do tapete, com uma letra redonda e elegante.

Pedindo a Bulger que descesse de seu posto de honra, estendi a mão para sua excelência, o Taou-tai, com estas palavras:

“Levante-se, Cavaleiro do Botão Vermelho; seja generoso como é nobre; eu triunfei! Perdoe minha audácia. No meu lugar, você teria feito o mesmo. Deixe seu inimigo se tornar seu amigo. Nascido nobre, culto, habilidoso nas artes, ele é mais digno de sua amizade do que de sua inimizade!”

Slim Lim agarrou minha mão e saltou de pé com um sorriso bem-humorado em seu rosto largo.

“Pela sagrada face do Filho do Sol, Senhor de todas as Ordens, és muito inteligente para o teu tamanho!”, exclamou ele, enquanto me conduzia a um assento.

As damas da casa do Taou-tai, que haviam se retirado horrorizadas para seus aposentos, foram agora chamadas a comparecer.

O chá foi servido e o Senhor da Pena de Pavão insistiu em me servir com as próprias mãos.

Eu estava quase enlouquecido de alegria ao pensar em partir para casa sob auspícios tão felizes.

Bulger fez amizade com Slim Lim, e todos perdoaram a todos.

Sua Excelência, o Taou-tai, convenceu-me a passar a noite sob seu teto, assegurando-me que pela manhã eu teria uma escolta especial, sua própria carruagem e cestas preparadas em sua cozinha para meu refresco durante a viagem até o porto.

Até tarde da noite, Slim Lim, as senhoras de sua casa, Bulger e eu nos entregamos a festas e alegrias. Pela manhã, despedi-me do Taou-tai e de sua família com o coração cheio de felicidade.

Uma curta semana me encontrou a bordo de um bom navio robusto, voltando para casa.

Quando as velas se encheram e saímos do porto, puxei Bulger para o meu peito e as lágrimas caíram copiosas e rápidas. Ele lambeu minhas mãos e meu rosto e fixou seus olhos grandes e brilhantes em mim.

Ele não conseguia falar, e eu não queria.

CAPÍTULO E IX.

Como me cansei de viajar e resolvi estabelecer-me para um longo descanso. No entanto, uma vida tranquila logo me cansa, e desejo partir novamente. A oposição de Bulger. Como o enganei. Partimos. Encontramos uma terrível tempestade. Naufragamos em uma bela ilha. Fomos feitos prisioneiros pelos Corpos Redondos. Descrição desse povo estranho. Somos condenados à morte. Salvos por Rōlâ-Bōlâ, a princesa dos corpos redondos. Mais sobre os seres estranhos. A princesa se apaixona por mim. Preparações para o casamento. A cerimônia na Grande Planície. A tempestade repentina. Consternação dos Corpos Redondos. Eu amarro Bulger e a mim mesmo a uma plataforma. O rei da tempestade alcança a estrutura de madeira e a leva embora. Transportados para o continente pelas asas do vento. Somos gentilmente deixados em um campo de grãos a menos de mil milhas de casa. Nossa alegria indescritível.

UMA BOA MÃE ROUNDBOD DIVERTINDO SEUS FILHOS.

Nessa época da minha vida, eu tinha decidido firmemente me estabelecer e desfrutar de um bom e longo descanso.

Bulger e eu precisávamos disso. Estávamos cansados de paisagens estranhas, terras estranhas e pessoas estranhas.

“Por que não?”, pensei, “aproveitar nossa fama mundial?”

Dos confins da terra, visitantes acorriam aos milhares à minha Casa Maravilhosa para ver meus tesouros, minhas curiosidades extraordinárias e, acima de tudo, meu notável cão, Bulger, o único companheiro da minha vida estranha e agitada, meu guia, meu amigo, meu conselheiro, meu tudo. No entanto, mal os vales voltaram a ficar verdes após um inverno longo e extremamente frio — tão frio que eu não bebi nada além de chá gelado por três meses inteiros, pois era totalmente impossível levar a chaleira do fogão até a mesa rápido o suficiente para evitar que congelasse — que meus pensamentos se voltaram para os prazeres e perigos de uma vida errante, e eu ansiava por me levantar e partir novamente em busca de novas aventuras.

Quando saí do meu devaneio, encontrei Bulger sentado aos meus pés, com seus olhos bondosos e brilhantes fixos em meu rosto. Ele havia lido meus pensamentos com a mesma facilidade com que eu leria as palavras de um livro infantil e, ao ver que eu estava bem acordado e em pleno uso de minhas faculdades, agarrou minha manga e choramingou comoventemente.

Querido animal fiel! Oh, se eu tivesse dado ouvidos à sua

advertência! Mas não, não era para ser.

Não querendo incomodar e preocupar o bom Bulger, resolvi então fazer uso de uma faculdade que não tinha lugar em sua natureza — a hipocrisia.

Quando ele estava na minha presença, fingia estar perfeitamente feliz e contente, rindo, cantando e dançando; mas, no momento em que ele saía da sala, começava a me preparar para outra viagem.

Finalmente, tudo estava pronto.

Quando Bulger entrou em casa e viu as caixas e os pacotes, levantou a cabeça e deu um uivo longo e triste, como se implorasse; mas, vendo que minha decisão era firme, como um servo fiel e leal, saltou para o meu lado e lambeu minha mão estendida, como se dissesse: “Seu caminho é meu caminho, seu destino é meu destino!”

Em poucas horas, estávamos a caminho da costa. Meu

coração estava leve, meu ânimo alegre e animado.

“O que é a vida?”, gritei. “Sou um verme para vegetar no mofo e na escuridão? Não! Sou uma criatura inteligente, com mente e alma; o ar, a luz do sol, o universo infinito são meus; vou aproveitá-los.”

Felizmente, não tive que esperar muito tempo no porto, pois um bom e robusto navio estava quase carregado.

Ao saber que ele tinha como destino o oceano Sul, ordenei imediatamente que colocassem meus pertences a bordo e, antes que a lua nova perdesse seu crescente, eu estava em alto mar com meu fiel Bulger ao meu lado e o coração batendo forte, tocando uma música alegre em meu peito.

Por um tempo, tudo correu bem.

Bulger parecia ter superado seu estranho pressentimento de mal e brincava no convés com todo o seu antigo amor pela alegria e diversão. Mas, para mim, depois que nosso bom navio zarpou há alguns dias, surgiu uma sensação estranha que nunca havia experimentado antes.

Em meus sonhos, a luz e a escuridão se alternavam, uma mais ofuscante do que um clarão elétrico, a outra mais profunda do que a noite terrena.

No sétimo dia de viagem, ao meio-dia, de repente pareceu que uma mão poderosa havia fechado uma cortina vasta e impenetrável de escuridão total sobre todo o céu. Parecia quase que algum demônio terrível dos céus havia apagado o próprio sol.

Bulger, com um salto, chegou ao meu lado e, prendendo os dentes na minha faixa, gemeu lastimosamente, como era seu costume quando achava que minha vida estava em perigo. Eu me abaixei e acariciei sua cabeça. A palma da minha mão sentiu as lágrimas quentes que escorriam de seus olhos. Nesse momento, o navio balançou e o peso de Bulger arrancou seus dentes do meu cinto e, em um instante, ele se separou de mim. Ouvi seu latido suplicante em uma parte distante do navio.

“Bulger! Bulger!”, gritei, “aqui! aqui! por aqui, para mim, para mim!” E, em meu desespero ao pensar em perder meu amado companheiro, corri na direção dos latidos, sem me importar com a noite escura que nos envolvia, e tropeçando em algum objeto, caí de cabeça no convés.

A queda me deixou atordoado.

Levantei-me apoiado nos cotovelos e passei a mão pelos olhos, como alguém que acaba de acordar de um sono profundo.

Chamas sulfurosas agora disparavam dos quatro cantos do céu, e estrondos ensurdecedores de trovões ecoavam e ressoavam sobre nossas cabeças.

Uma rajada de vento terrível agarrou nosso navio como uma concha e o lançou através das águas fervilhantes, borbulhantes e enlouquecidas a uma velocidade tão assustadora que a cada instante parecia que ele iria afundar.

Não sei por quanto tempo fomos levados por essa velocidade furiosa, pois eu estava meio atordoado pelo rugido dos elementos em guerra e cego pelo clarão contínuo dos relâmpagos. Para meu horror, o som de golpes terríveis, surdos, mas assustadores em sua energia, agora chegava aos meus ouvidos.

Tínhamos batido nas rochas, e nosso navio estava batendo com toda a força sob meus pés.

Instintivamente, chamei meu fiel Bulger.

Mas nem mesmo a voz da minha garganta e dos meus pulmões conseguia superar o barulho da tempestade.

A escuridão intensa foi dissipada por chuvas de fogo meteórico, que caíam como dez vezes dez mil foguetes explodindo até onde a vista alcançava. E então profundas fendas se abriram no manto negro dos céus e chuvas de pedras de granizo, cada uma do tamanho de um ovo de ganso, chocalhavam com a fúria de mosquetes no convés.

Naquele momento, uma inclinação do navio me jogou sob uma enorme chaleira de cobre, ou minha vida teria sido arrancada de mim.

"Adeus, querido Bulger!", gritei, com a voz sufocada pelas lágrimas, "essa terrível descarga da artilharia congelada do céu certamente acabará com sua vida! Adeus, cão fiel; um longo adeus!"

Aos poucos, essa chuva aterrorizante de enormes pedras de granizo diminuiu sua fúria e, por estranho que pareça, ao cair, as pedras produziam uma música maravilhosa na grande chaleira de cobre que me cobria como um enorme escudo.

O vento gemia em um tom grave e o bater do recipiente marcava o ritmo como um tambor gigante.

Embora meio morto de medo, ouvia com prazer extático este concerto terrível tocado pelas forças guerreiras da natureza. Quando cessou, espreitei do meu esconderijo.

Não havia uma alma viva à vista. Todos os marinheiros e oficiais haviam perecido sob os golpes dos raios, esmagados pela queda do granizo ou arrastados pelo vento irresistível para o oceano revolto.

Tudo ficou tão calmo que comecei a ganhar coragem, quando, com um barulho terrível, como se fossem cortadas por uma faca gigante, as nuvens se abriram e, da fenda, surgiram rajadas de neve ofuscantes, com um movimento tão violento e assustador que meus joelhos se dobraram e eu caí de cara no chão, em total desespero.

Mas olhem! O céu teria matado o monstro da tempestade?

A neve estava vermelha como sangue.

A visão congelou-me até os ossos.

Rolei de costas; meus sentidos se perderam; a morte parecia ter me alcançado.

Não sei quanto tempo fiquei nesse estado de estupor, mas quando acordei, a tempestade havia perdido sua fúria, o sol brilhava com seus raios mais intensos e o ar estava agradavelmente fresco e revigorante.

Lentamente, minhas forças voltaram e eu saí do meu esconderijo, rastejando com as mãos e os pés, pois estava muito fraco para ficar em pé no início. Pouco a pouco, porém, ganhei coragem e, ao sentir o sangue correr pelas veias, fiz um esforço e me levantei.

Sim, meus piores temores se concretizaram.

Nenhum ser vivo havia sobrevivido à

tempestade.

Enquanto caminhava sobre a neve vermelha de sangue, cada passo produzia suspiros e gemidos lamentáveis.

"Que aviso terrível", pensei, "esse murmúrio misterioso me dá? Qual é o significado desses soluços e gemidos que saem desses cristais vermelhos sob a pressão dos meus pés? Estou caminhando sobre o sangue dos meus ancestrais?"

Agarrado aos lençóis congelados, rastejei lentamente pelo convés incrustado de

vermelho. Mas espere!

Escute!

Será que meus ouvidos estão me pregando mais peças fantásticas?

Não! Agora estou totalmente em mim mesmo e, tão certo quanto o sangue dos Trumps corre em minhas veias, aquele latido veio do meu fiel cão!

"Bulger está vivo! Bulger está vivo!", gritei com um tom de alegria selvagem; e, libertando-me do medo e da apreensão, corri corajosamente para a frente, gritando: "Estou indo, Bulger, estou indo!" Com coragem imprudente, saltei de uma tábua congelada para outra, até chegar ao tombadilho. Lá, sobre a escotilha, estava sentado, ou melhor, deitado, Bulger, pois sua vida estava quase extinta. Seus dentes estavam presos nas tiras de um colete salva-vidas que ele, sempre preocupado com a minha segurança, estava prestes a me trazer ao primeiro sinal da tempestade, quando sua fúria o obrigou a buscar refúgio sob um barril de água, como indicavam seus rastros na neve.

Tão rápido quanto meus membros rígidos permitiram, saltei para a frente e me joguei de joelhos na neve vermelha, que emitia gemidos e suspiros comoventes sob a pressão do meu corpo sobre sua superfície sangrenta. Abracei Bulger e nossos gritos de alegria se misturaram, nossas lágrimas correram juntas.

Todo o meu sofrimento foi esquecido naquele momento, pois Bulger estava vivo, com a cabeça encostada no meu peito.

Os ventos haviam cessado, o mar estava calmo novamente e eu decidi imediatamente abandonar o naufrágio, se possível, pois o sol poente revelou-me as margens de uma bela terra na foz de um rio pequeno, mas extremamente pitoresco, cujas margens eram ricas em palmeiras, árvores frutíferas e arbustos floridos.

Não perdi tempo em baixar um dos barcos que felizmente escapara com ferimentos leves e, sendo um marinheiro experiente, não tive dificuldade em montar um equipamento e baixar primeiro Bulger e depois a mim mesmo para dentro do barco, remando tranquilamente em direção à costa.

Aqui, puxei o barco para a areia e, chamando alegremente ao fiel Bulger para me seguir, subi a margem e avancei corajosamente para observar a bela terra onde um destino estranho nos tinha levado.

Agora, pela primeira vez, tomei consciência da terrível fome que me devorava as entranhas — um fato que me provou que eu devia ter ficado inconsciente debaixo da enorme caldeira por pelo menos dois dias, se não mais.

Bulger ergueu seus olhos bondosos para mim e, em seguida, saltou para uma das árvores frutíferas, correndo ao redor dela e latindo alegremente.

Sacudi um dos galhos e os frutos maduros caíram em abundância no chão.

Seu cheiro era tão delicioso que, embora fosse desconhecido para mim, não hesitei em saboreá-los livremente, com Bulger seguindo meu exemplo, o que me convenceu de que não podiam ser nada além de saudáveis. Um longo e profundo gole de uma fonte límpida nos refrescou muito, mas como o sol estava se pondo rapidamente e eu começava a sentir os efeitos da tortura, da tensão e do cansaço resultantes da terrível experiência do dia anterior, chamei Bulger:

“Venha, meu querido e fiel companheiro, vamos procurar um lugar adequado para passar a noite; algum recanto protegido por galhos largos, onde haja muitos ramos macios para fazer uma cama.”

Como o terreno era bastante plano, avistei um bosque à distância e lá nos dirigimos.

Já estava bastante escuro. Aceleramos o passo, pois eu era um viajante prudente demais para me expor ao orvalho da noite.

Ao nos aproximarmos do bosque, parecia haver um muro baixo de um lado
ele.

“Por aqui, Bulger”, disse eu, “esta longa fileira de pedras irá proteger-nos dos ventos noturnos, caso se levantem. Vamos rastejar por baixo delas e deitar os nossos membros cansados na relva macia”. Ele olhou para cima com um olhar suavizado e abanou a cauda uma ou duas vezes em sinal de consentimento.

Aninhados sob as bordas de várias das maiores pedras, num ponto onde elas formavam uma espécie de recanto protegido, logo caímos num sono profundo, eu sentado meio ereto e Bulger com a cabeça apoiada no meu colo.

Uma ou duas vezes durante a noite, acordei com a testa coberta de suor. Coloquei a mão em Bulger; ele também estava acordado, com a língua pendurada para fora da boca. Ambos parecíamos ter sido tomados por uma febre estranha. Os piores pressentimentos tomaram conta de mim. Será que havíamos desembarcado em uma costa onde havia algum miasma mortal? Talvez não vivêssemos para ver a luz de outro dia. Precisava de todo o meu autocontrole para banir esses pensamentos terríveis da minha mente. Mas eu estava tão cansado até os ossos que logo adormeci novamente, tranquilizado pelo exemplo que Bulger me dava. No entanto, era um sono agitado, pois o calor de nossos corpos havia se tornado tão intenso que até o chão em que estávamos deitados estava quente ao meu toque. Por fim, para minha alegria, avistei os primeiros raios da aurora. Agora eu estava em um brilho perfeito da cabeça aos pés. E Bulger também. De repente, ocorreu-me que talvez tivéssemos nos deitado em uma região vulcânica; que, talvez, fogos subterrâneos ferozes estivessem rugindo sob nossas cabeças. Levantei-me de um salto e coloquei as duas mãos na pedra mais próxima. Imagine meu horror ao sentir que sua superfície não só estava quente, mas também cedia à pressão das minhas mãos e emitia gemidos, sibilos e estrondos. Em um instante, eu estava de pé. Bulger não esperou que eu o chamasse. Determinado a verificar minhas suspeitas — pois a discrição sempre foi uma parte razoável da minha bravura —, corri de uma rocha para outra dentro do círculo onde estávamos deitados e pressionei-as com toda a minha força. Sons profundos, estrondosos e sibilantes saíam do chão ao meu redor e pareciam despertar gritos em resposta, distantes e próximos, como se um gigante se revirasse em seu sono e perturbasse o sono de seus companheiros.

“Bulger!”, gritei, “estamos em solo mortal; isto é apenas a parede externa de uma cratera, está incandescente com o calor subterrâneo; apenas uma casca tão fina que cede à minha pressão nos separa da destruição. Foge, foge, cão fiel!”

O sol da manhã irrompeu com um fluxo de luz dourada.

Tanto quanto meus olhos podiam alcançar, estendia-se esse mesmo parapeito rochoso, impedindo-me de ver o abismo através do qual o vulcão estava prestes a expelir seu fogo líquido; pois, de repente, as rochas começaram a balançar de um lado para o outro, emitindo estrondos tão terríveis que eu soube que a erupção seria precedida por um terremoto.

Um medo nauseante tomou conta de mim; minhas pernas dobraram-se como canos, sob o peso do meu corpo.

Bulger viu que seu amado mestre estava acorrentado ao chão. Ele

se recusou a me abandonar.

Toda a parede, até onde meus olhos podiam alcançar, agora tremia e balançava, ameaçando nos engolir a qualquer momento.

Com um grande esforço, me recompus e, seguido por Bulger, saí correndo.

O horror ainda não tinha chegado ao fim.

Com estrondos, borbulhamentos, sibilos e gemidos terríveis, toda a fileira de rochas agora dançava em violenta agitação e, então, como tantas bolas gigantescas roladas por enormes monstros em brincadeira, essas pedras, impulsionadas com violência assustadora pela erupção do vulcão — como eu supunha —, desceram trovejando atrás de nós, ameaçando-nos com uma morte terrível.

Bulger, correndo ao meu lado, de vez em quando soltava um gemido triste, como se fosse se despedir para sempre.

“Corra, Bulger! Mais rápido, mais rápido, bom Bulger!”, gritei para ele, enquanto o rugido e o estrondo da parede que se aproximava aumentavam.

Agora, cada pedra parecia impulsionada em sua trajetória por alguma força misteriosa própria.

Quando olhei por cima do ombro, pude ver que estavam ganhando velocidade, saltando, pulando, ora em fila indiana, ora em grupos de três, enquanto o barulho e o estrondo assustadores e sobrenaturais continuavam aumentando.

Estavam a aproximar-se de nós.

Minhas pernas novamente ameaçaram ceder sob o peso do meu corpo e derrubá-lo para uma morte certa e terrível, quando um último olhar me revelou a terrível verdade.

“Bulger! Eles estão vivos!”

Um grito agudo e desesperado saiu do meu pobre cão.

“Eles estão vivos, eu lhe digo! Alguma legião de monstros, demônios, pelo que sei, escapou das profundezas do Tártaro, com a intenção de nos atropelar e esmagar a vida de nossos corpos insignificantes!”

Mais uma vez redobramos nossos esforços.

“Pela sua vida, Bulger!”, eu ofeguei, “pela sua vida! Olhe! A madeira, a madeira!”

Ele entendeu o que eu queria dizer e deu um latido agudo e

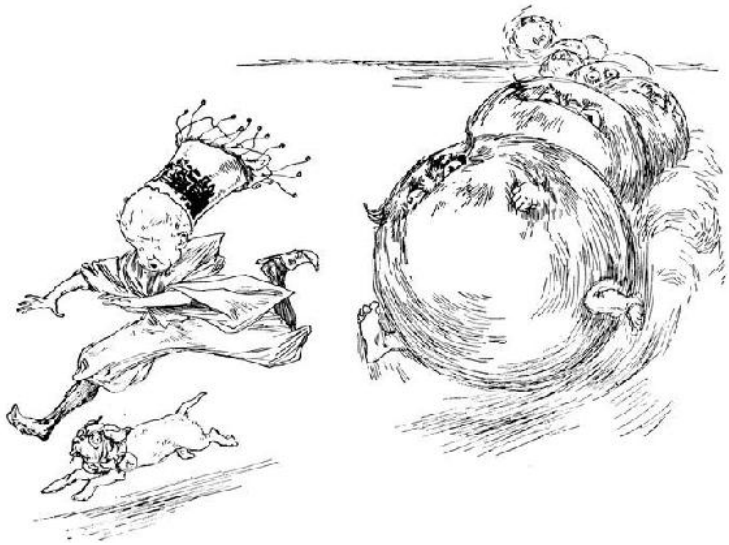
encorajador. Mas não, era inútil.

Minha força havia se esgotado até a última pulsação.

Tudo escureceu diante dos meus olhos.

Um medo paralisante tomou conta do meu

coração. Meus membros ficaram rígidos.



A FUGA SELVAGEM DE BULGER E MEUA QUANDO
PERSEGUIDOS PELOS ROUNDBODIES.

Lancei um último olhar para Bulger.

Ele me respondeu com um olhar de ternura e afeto, e então nós dois tropeçamos, cambaleamos, caímos de cabeça, lado a lado, enquanto pareciam dez mil pedras vivas, com gritos horríveis, gemidos e sons guturais, pairando como uma sombra sobre nós por um instante, e tudo ficou negro como a noite.

Senti minha testa protuberante esmagada contra o chão e a última gota de vida sendo espremida de mim.

Meu último pensamento foi:

"Bulger! Ó, Bulger! O que ummorte morte! Mas oh, que que que bondade da Providência nos deixar morrer juntos!"

"Levante-se! Coisa atrofiada e deformada! Levante-se! Seu homem de bolacha, seu pedaço de humanidade com bordas rachadas!"

Não foi tanto o tom trovejante desse estranho monstro humano que me fez sentar ereto, esfregar os olhos e fazer um esforço sobre-humano para reunir meus sentidos tristemente dispersos, mas sim as carícias do meu fiel Bulger, que corria de um lado para o outro, cobrindo meu rosto e minhas mãos de beijos e choramingando lastimosamente.

Após uma dura luta, as sombras se dissiparam dos meus olhos. Meu coração afundou ao ver aquela parede de pedras vivas que nos cercava, com seus rostos ferozes voltados, meio maravilhados, meio furiosos, para os dois seres engraçados que, para eles, eram tão diferentes uns dos outros quanto deles mesmos.

Mas o amor é sempre mais forte que o medo.

Estendendo os braços e puxando Bulger para perto do meu peito, gritei:

"Ó, Bulger! Estou realmente vivo? Não sou mais objeto da malícia divertida de algum demônio?"

Ao som da minha voz, os monstros de corpo redondo irromperam num coro hediondo de risadas profundas e estrondosas, durante as quais seus corpos rolavam de um lado para o outro.

Então, enquanto avançavam descontroladamente, com exclamações ferozes de raiva ou impaciência, parecia que Bulger e eu tínhamos sido salvos de uma morte apenas para sermos colocados frente a frente com outra.

"Ai de mim! Não há poder algum", pensei, "para nos salvar da impaciência furiosa desses monstros imprudentes?"

De repente, uma voz terrível soou alto acima do barulho:

"Rolam para trás, corpos redondos! O que significa essa impaciência imprópria na presença do vosso rei?"

Em um instante, os monstros de corpos redondos rolaram silenciosamente para trás.

Tudo ficou calmo novamente.

Virando-se para o seu vizinho, o rei exclamou, com uma risada gutural: “Ora, pela minha circunferência real, a sua voz é igualzinha à de uma das
do nosso príncipe bebê!”

“‘Seu? Seu?’” repeti, com fogo brilhando nos meus olhos voltados para cima. “Saiba, Senhor Monstro, que eu não sou uma ‘coisa’, mas um homem perfeito; um barão de nascimento, um estudioso por profissão, um viajante por opção.”

Com essa minha explosão, a multidão de bolas vivas voltou a soltar uma gargalhada profunda e estrondosa.

“Silêncio!”, ordenou o rei, e então continuou: “Bem, bem, então, barão — seja lá o que isso for — mas acho que devo dizer ‘pequeno barão’, pois, pela minha real corpulência, tu és um ser minúsculo e insignificante! Que seja como dizes, mas diz-me, eu imploro, o que é essa caixa ambulante sobre quatro pernas, que a natureza parece ter deixado inacabada?”

E, dizendo isso, ele ergueu sua mão terrível, com dedos fortes o suficiente para me esmagar como se eu fosse um cogumelo, e a acenou em direção a Bulger.

Esse sorriso de desprezo não escapou a Bulger.

Ele soltou uma série de latidos agudos e raivosos e mostrou os dentes brancos da maneira mais ameaçadora.

Com isso, os monstros recuaram em falso terror e consternação, gritando:

“O rei! O rei! Salvem o rei! A caixa ambulante está cheia de explosivos; pode explodir em pedaços!”

Quando o alvoroço terminou e o Rei ordenou silêncio, eu dei um passo à frente com ousadia e exclamei:

“Inacabado! O que você quer dizer, seu monstro em forma de globo?”

O termo “globo” pareceu agradar muito a sua majestade.

Um grande sorriso enrugado tomou conta de seu enorme rosto.

“Quero dizer?”, exclamou ele, com uma risada profunda, gutural e gargalhada. “Quero dizer? Ora, pequeno barão — seja lá o que isso for — veja por si mesmo. A natureza não deixou abas inúteis em uma das extremidades da caixa e um pedaço de corda ainda mais inútil pendurado na outra?”

Essa alusão insultuosa às orelhas e à cauda de Bulger pareceu ser perfeitamente compreendida por ele, pois ele ficou furioso e avançou sobre o

monstro de corpo redondo, rosnando, mostrando os dentes.

Então, a risada profunda e estrondosa irrompeu novamente, e o grito “Salve o rei! Salve o rei!” ecoou com falsa seriedade.

Tendo conseguido acalmar a raiva de Bulger com algumas palavras afetuosas e carícias ternas, decidi perguntar onde estávamos e descobrir quem eram os estranhos seres entre os quais o destino caprichoso havia lançado Bulger e eu de forma tão rude.

“Onde estamos, gigante em forma de bola?”, perguntei com minha voz mais forte, “e quem é você?”

Mais uma vez, o monstro contorceu seu rosto coriáceo em um sorriso profundo e enrugado. A razão de sua boa vontade, como descobri mais tarde, surgiu do fato de eu ter usado os termos “globo”, “redondo”, “esférico”, etc., pois parecia que esses seres maravilhosamente formados eram extremamente vaidosos de sua redondeza e que nada poderia ser mais agradável e elogioso para eles do que usar palavras e expressões como “bola”, “orbe”, “esfera”, “corpo redondo”, “em forma de bala”, etc.; que, em sua terra, as maiores dignidades, honras e títulos de nobreza eram concedidos àqueles cujos corpos apresentavam a redondeza mais perfeita; que, na proporção em que o corpo de alguém se desviava da forma de uma esfera verdadeira, ele se tornava degradado e excluído da sociedade.

A esses súditos miseráveis, o rei atribuía todas as tarefas mais humildes. Eles eram os “quadrados”, ou párias, que qualquer um podia insultar ou até escravizar impunemente. Os mais ricos às vezes conseguiam esconder sua deformidade com enchimentos e, dessa forma, ocultar seus movimentos irregulares ao rolar dos olhos perspicazes do rei; mas os pobres, por sua incapacidade de corrigir seus defeitos físicos, atraíam imediatamente a atenção do rei, que fazia seu povo rolar para cima e para baixo diante dele, enquanto mantinha um olhar atento em busca de “wabblers” ou roladores irregulares.

“Bem, pequeno barão — seja lá o que isso for”, respondeu o rei, “ou devo chamá-lo de homem-bolacha com bordas rachadas? Saiba, então, que eu sou o rei Bô-gôô-gôô, monarca dos corpos redondos; que estes são alguns dos meus súditos.

“Saiba, além disso, pequeno barão — seja lá o que isso for — que esta ilha é o meu reino, no qual ninguém governa além de mim, e que, a menos que minha filha real Rōlâ-Bōlâ queira manter você e seu acompanhante, a caixa ambulante com corda e abas, como curiosidades para diverti-la, você e seu companheiro perecerão ao pôr do sol, pois, pequeno barão — seja lá o que isso for — é

minha vontade real, e assim era a de meu pai, e a de seu pai, e assim por mil anos, que nenhuma criatura viva pisará nas margens do meu domínio sem pagar por sua temeridade sendo esmagada até a morte, literalmente moída no solo, até se tornar parte dele!"

Bulger pareceu compreender o significado dessa fala feroz, proferida em tom trovejante e acompanhada por contorções hediondas do rosto grande e redondo do orador, flamejante como o disco carmesim de um sol tropical no céu ocidental, seguida por uma explosão de grunhidos, gemidos e gorgolejos dos Roundbodies reunidos; e, apesar de sua coragem inata, sua cauda caiu entre as pernas e ele se esgueirou para mais perto de mim com um gemido baixo e ansioso.

Mas quando o bom Bulger viu a expressão calma do meu rosto, ele rapidamente se recuperou; sua cauda retomou sua graciosa curvatura e, enquanto eu encarava o rei Bô-gôô-gôô com uma aparência imperturbável, para responder à terrível ameaça deste último, Bulger também se colocou ao meu lado com um ar desafiador.

"Esfera graciosa! Globo real! Monarca mais redondo do grande mundo redondo! É verdade que pisei as margens do teu domínio, mas não foi por escolha, majestosa Esfericidade. Uma tempestade terrível, na qual os elementos em guerra pareciam determinados a destruir o universo, durante a qual o grande oceano se lançou contra as paredes do céu como se quisesse arrancar as próprias estrelas, enquanto o vendaval de boca aberta descia sobre esta terra insignificante com a aparente intenção de engoli-la e tudo o que ela continha...?"

Não consegui continuar a falar.

Os Roundbodies interromperam-me com gemidos e gritos tão sombrios que fiquei parado como se estivesse enraizado no chão.

"Ah!", pensei, "eles também sentiram os terríveis golpes daquele demônio da tempestade que quase tirou a vida de mim e de Bulger!"

Acenei com a mão em sinal de silêncio e continuei:

"Eu me curvo diante da vontade de Vossa Majestade Esférica, seja ela qual for! Ao mesmo tempo, gostaria de chamar a atenção de Vossa Imperial Esfericidade para o fato de que, nos sistemas jurídicos de todas as nações do globo, um homem não pode ser responsabilizado por um ato que é obrigado a cometer por uma força ou poder superior ao seu."

Vi que minha bajulação estava surtindo efeito sobre o rei Bô-gôô-gôô, então continuei a aplicar o mesmo remédio:

“No entanto, ó Real Globo e perfeita Esfera de Força e Beleza, se, em sua grande sabedoria, Vossa Majestade decidir que devemos morrer, esmagados sob o peso dos corpos de seu povo, que assim seja! Grande monarca em forma de bola, eu não sou mais do que um pedaço de humanidade, e como ousaria me opor à vontade de Vossa Real Esfericidade?”

O rei Bô-gôô-gôô sorriu até que seus enormes dentes duplos puderam ser vistos brilhando em sua boca cavernosa, como rochas brancas em um poço semiluminoso, e seu corpo balançava de um lado para o outro em sua alegria gigantesca.

“Mandem chamar a princesa real!”, rugiu ele.

Em poucos segundos, em resposta ao seu comando, um Roundbody rolou pela planície com a rapidez do vento.

A multidão de servos recuou, e a recém-chegada parou ao lado do rei Bô-gôô-gôô.

Não consegui ver que ela era um pouco mais bonita do que as que a rodeavam, embora fosse uma princesa real.

É verdade que ela era um globo de circunferência menor, seu rosto era um pouco menos repulsivo e, sob uma longa e pesada franja de cílios, eu vislumbrei um par de olhos bondosos e maliciosos, e meu conhecimento perfeito da natureza humana e animal me disse à primeira vista que, se eu conseguisse ganhar a boa vontade daquele ser estranho, Bulger e eu estaríamos salvos!

“Meu querido papai redondo”, gritou Rōlâ-Bōlâ — pois esse era o seu nome —, “De onde vieram essas coisas engraçadas? Elas estão realmente vivas? Elas não mordem nem picam? O que elas comem? Onde devo guardá-las? Você pode fazer uma gaiola para elas? Oh, estou tão, tão, tão, tão, tão, tão, tão, tão, tão feliz!” E ela pulava para um lado e para outro, agora para cá, agora para lá, agora para o alto como uma bola de borracha animada, batendo como uma perdiz o tempo todo.

Contemplem-nos, então, Bulger e eu, prisioneiros na terra dos Roundbodies, com a princesa Rōlâ-Bōlâ como nossa guardiã!

A esperança afundou em nossos pobres corações.

Não ousava dizer uma palavra contra a vontade do rei Bô-gôô-gôô ou o capricho de Rōlâ-Bōlâ, para que a ordem não fosse revogada.

Pelo menos, sob a guarda da princesa Rōlâ-Bōlâ, teríamos mais chances de receber um tratamento gentil e, o que era quase uma questão de vida ou morte, teríamos grandes chances de escapar da ilha do rei Bô-gôô-gôô.

Fomos ordenados a seguir a princesa.

Quando Bulger e eu partimos atrás de Rôlâ-Bôlâ, com passos rápidos, as nuvens se abriram, tamanha era a gargalhada que os Roundbodies davam.

Aparentemente, até aquele momento, eles não tinham percebido o quão ridiculamente diferente era o nosso modo de locomoção do deles.

“Olhem! Olhem! Ó, Rei!”, gritavam eles, “ele não consegue rolar nem pular! Vejam como ele se move, inclinando-se primeiro sobre um pé e depois sobre o outro! Ele anda na ponta dos pés! Observem também o seu companheiro! Que monstros desajeitados! Como eles balançam e cambaleiam! Por que ele não salta? Por que ele bate no chão como se estivesse batendo linho?”

A todas essas zombarias e escárnios, Bulger e eu fizemos ouvidos moucos, seguindo nossa senhora, que de vez em quando voltava seus olhos negros, suaves e travessos para nós, encorajadores, quando sua cabeça ficava mais alta.

Imagine nossa surpresa quando Rōlâ-Bōlâ parou no início de um caminho com uma descida suave e disse:

“Esta é a entrada da residência real. Sigam-me e não temam nada.”

Em poucos instantes, nos encontramos na sala externa de uma vasta moradia subterrânea, composta por corredores, câmaras, dormitórios, salões de banquetes e arenas.

Todas as habitações dos Roundbodies são subterrâneas. Por

quê?

Isso você saberá em breve.

Bulger e eu fomos conduzidos a aposentos muito agradáveis — bem iluminados, como todas as salas do palácio, por meio de vastas lajes de cristal de rocha, com as quais o teto era feito, por um “quadrado” ou “lôb-bô”, como é chamado na língua dos Roundbodies, ou seja, alguém que não tem uma forma perfeitamente redonda e, portanto, degradado à posição de servo. Sem dúvida, muito antes disso, o leitor já deve estar impaciente com meu silêncio a respeito dos estranhos seres entre os quais Bulger e eu agora nos encontrávamos prisioneiros.

Quem eram os Roundbodies?

Saiba então, gentil leitor, que eles eram — preste bem atenção às minhas palavras — as únicas criaturas vivas na ilha de Gô-gû-lâh, sobre a qual um estranho destino

nos lançara. Eles não sabiam se outros seres já haviam habitado a ilha.

Ao conversar com seus sábios, descobri que existia entre eles uma lenda — vaga e obscura em seus detalhes, devido à longa passagem dos séculos — de que, há muitos milhares de anos, eles eram muito parecidos com seres humanos, andavam eretos e tinham corpos quase tão longos quanto os meus; mas que, devido à recorrência constante de tempestades terríveis, com vento, chuva, granizo e neve, acompanhadas por trovões ensurdecedores, como os que eu havia experimentado, que varriam a ilha doze vezes por ano, indo e vindo com uma regularidade tão surpreendente quanto sua força era terrível, tudo o que estava em pé havia sido varrido da terra há muito tempo; que seus ancestrais, cedendo às forças irresistíveis da Natureza, gradualmente dobraram seus corpos diante desses ventos irresistíveis, até que até mesmo o tempo em que andavam eretos foi esquecido.

Essa foi apenas a primeira mudança provocada pelas forças que os cercavam. Quando surpreendidos por esses ventos violentos, eles logo aprenderam que sua única segurança era enrolar-se o máximo possível, formando bolas, para que o tornado fosse incapaz de levantá-los e lançá-los à destruição.

Outra transformação começou então a tornar-se evidente.

Com o passar dos séculos, seus corpos foram, pouco a pouco, assumindo a forma arredondada que tinham então.

Ainda agarrados à desesperada chance de vida nessas planícies varridas pela tempestade, eles abaixaram a cabeça e pressionaram os membros até que estes formassem recessos para eles, como algumas tartarugas puxam as patas para tão perto do corpo que os olhos não conseguem distinguir nem mesmo o contorno dos membros.

A última mudança que ocorreu nesse povo em forma de globo foi muito natural: seus braços desenvolveram uma força sobre-humana, enquanto suas pernas ficaram cada vez mais curtas, até se tornarem pouco mais do que dois pés largos e flexíveis, que eles usavam principalmente para impulsionar seus corpos redondos como enormes bolas pelas vastas planícies de sua ilha natal.

Agora, embora ainda temam as terríveis explosões, trata-se mais de um medo herdado, pois finalmente se tornaram verdadeiros filhos do vendaval.

Se por acaso o vento sopra na direção de suas casas, eles simplesmente permitem que ele os ajude em seu caminho, rolando-os pela planície. Embora, de vez em quando, um lôb-bô, ou "quadrado" Roundbody, por assim dizer, seja lançado ao oceano, há quase um século que nenhum Roundbody genuíno foi apanhado pela rajada impiedosa. Era como se o vento tentasse pegar as pedras redondas da praia.

Uma das coisas que logo chamou minha atenção no palácio do rei Bô-gôô-gôô foram as cortinas, aparentemente feitas do couro mais macio, trabalhadas em padrões de mosaico de beleza transcendente.

Imagine minha surpresa quando a gentil princesa Rōlâ-Bōlâ me disse que eram simplesmente folhas naturais de várias árvores que cresciam na ilha, sem qualquer tipo de tinta ou corante.

Eram tão resistentes que minha força não foi suficiente para rasgar uma sequer.

Percebendo meus olhos arregalados voltados para ela em sinal de pergunta, a gentil

Rōlâ-Bōlâ exclamou com um gorgolejo suave e baixo:

"Vá ao jardim real, Tôô-tôô-lō; isto é, pequeno 'homem-flauta', e veja por si mesmo."

Agora, pela primeira vez, descobri o segredo da presença de árvores e arbustos tão bonitos nesta terra varrida pela tempestade. Todas as folhas eram tão grossas e resistentes quanto couro, e os troncos e galhos eram exatamente da mesma natureza da borracha indiana, de modo que, com um pequeno pedaço que trouxe para casa no bolso, pude apagar marcas de lápis com a maior facilidade.

Para uma folhagem como essa, um tornado não era nada assustador.

Quando a tempestade atingia essas árvores, elas caíam no chão, até que ela esgotasse sua fúria. Em poucas horas, o sol tropical as levantava novamente, e a beleza de sua folhagem permanecia intacta.

Voltando à pobre princesa Rōlâ-Bōlâ:

Bulger começou a ficar inquieto e preocupado sob a tensão do nosso cativeiro.

Eu estava constantemente alerta para uma chance de fugir, mas nenhuma se apresentou. Na verdade, eu comecei a temer que fôssemos prisioneiros para o resto da vida.

É verdade que era um cativeiro agradável, pois a gentil Rōlâ-Bōlâ quase nos matava com comida delicada, e nosso único trabalho era dançar, cantar e brincar para seu entretenimento.

Dia e noite, a única porta da residência real era guardada por uma tripla fileira de sentinelas de corpo redondo, de rosto tão feroz e mãos tão poderosas que meu coração ficava doente ao olhar para eles.

Para aumentar meu desespero, fiz uma descoberta que parecia selar meu destino para sempre: a princesa Rōlâ-Bōlâ se apaixonou por mim!

O que, a princípio, me parecera apenas uma brincadeira, ou seja, ela beliscar meu dedinho do pé de vez em quando, tinha, como fui casualmente informado por um dos eruditos Roundbodies, durante uma conversa com ele, um significado terrível.

Era uma declaração solene de amor!

Oh! Eu, infeliz!

E uma declaração que, vinda de uma mulher para um homem, significava morte certa, inevitável, se fosse ignorada!

E, no entanto, eu ainda podia ser salvo!

Pois o costume — tornado sagrado pela observância de longos séculos — exigia que o homem perseguisse a mulher, que fingia estar assustada e extremamente preocupada em escapar dele, e enquanto girava com a mesma velocidade que ela, beliscasse o dedinho dela em retribuição.

Isso encerrava o assunto.

O casal estava agora noivo.

Não estava ao alcance do homem publicar proibições mais fortes.

Se o homem beliscasse uma vez, o casamento era celebrado no dia seguinte; se beliscasse duas vezes, no segundo dia seguinte, e assim por diante.

Mas eu não era um Roundbody!

Como eu poderia cumprir o antigo costume da terra?

Ah! Mulher! Mulher! Não importa se pertences aos Roundbodies ou aos Longbodies, nos assuntos do coração, tua ingenuidade e sutileza superam a filosofia do homem!

Quando foi dado a conhecer à princesa Rōlâ-Bōlâ que os conselheiros reais, após madura deliberação, chegaram à conclusão de que as leis da terra — tornadas sagradas pela observância dos séculos — proibiam qualquer união contemplada por ela, ela entrou em uma paixão avassaladora, ou melhor, eu deveria chamá-la de paixão saltitante, pois, de um extremo ao outro de seu espaçoso salão,

outro, de lado a lado e de um lado ao outro, ela saltava como uma grande bola quicando sob o golpe de um taco invisível.

Alternadamente, ela chorava, ria, repreendia e ameaçava.

Mas pouco importava como ela começava suas tiradas, todas tinham o mesmo final:

"Eu digo que vou casar com Tôô-tôô-lō!"

O rei Bô-gôô-gôô, pensando em acalmar sua filha, enviou-lhe mensageiros com os mais belos presentes; mas ela os recebeu com desdém, espalhando-os pelo chão.

As coisas continuaram assim por vários dias.

O rei Bô-gôô-gôô ficou horrorizado ao descobrir que a princesa não comia nada há quarenta e oito horas e que estava perdendo sua bela forma arredondada, pela qual era tão famosa.

Bulger percebeu claramente que algo terrível estava acontecendo e também ficou tão perturbado que se recusou a comer ou beber.

Passei a maior parte do tempo indo do quarto dele para o da princesa Rōlâ-Bōlâ, tentando persuadi-los a comer.

Mas tudo foi em vão.

Certa manhã, a filha do rei me encontrou demonstrando a mais louca alegria, rindo, cantando, pulando e rolando como uma louca. Ela estava tão fora de si que, esquecendo-se do seu grande peso e da minha constituição física frágil, rolou contra mim e me lançou ao ar como um pino de boliche atingido por uma bola monstruosa.

Pela medição real, fui lançado a dez metros, mas, felizmente, bati em uma cortina pesada que amorteceu minha queda.

Bulger soltou um uivo lastimoso.

Ele parecia ter entendido que Rōlâ-Bōlâ me havia atingido propositalmente.

Bem, em poucas palavras, a causa dessa alegria frenética era simplesmente esta: a princesa finalmente havia pensado numa solução para o terrível problema que há semanas torturava sua mente.

Resumidamente, era o seguinte:

Eu deveria ser colocado nos galhos de uma árvore alta o suficiente para não tocar seu corpo. Ela então rolaria por baixo de mim e, no momento certo, eu deveria me inclinar para baixo e beliscar seu dedinho do pé quando ele estivesse mais alto.

Em vão, assegurei-lhe que ficaria tonto e cairia de cabeça no chão, quebrando o pescoço ou, no mínimo, deslocando-o.

Mas não, eu não precisava ter

medo. Ela cuidaria de mim.

Ela se viraria e me pegaria a tempo.

Os conselheiros reais foram imediatamente chamados.

O plano da princesa Rōlâ-Bōlâ foi apresentado a eles.

A princípio, eles emitiram um profundo e sinistro murmúrio de desacordo.

Mas os mensageiros de Rōlâ-Bōlâ estavam à mão com presentes muito caros, e tudo terminou quando encontraram um caso quase semelhante em seus livros, em que um príncipe ferido, incapaz de se mover um centímetro sequer, havia sido colocado em uma plataforma elevada para que sua amada, de corpo redondo, pudesse passar por baixo e ele pudesse beliscar o dedinho dela enquanto estava no ar, no ponto mais alto em relação ao chão.

Vendo que seria inútil continuar a oposição, submeti-me de boa vontade, pois estava claro para mim que, uma vez que me tornasse marido da princesa Rōlâ-Bōlâ, eu me tornaria, até certo ponto, um membro da família e teria maior liberdade, com a qual esperava confiantemente escapar da terra dos corpos redondos.

Os preparativos para o casamento começaram com extraordinária pressa, a fim de que tudo estivesse pronto para o primeiro dia de festa do calendário.

À medida que o tempo se aproximava, porém, perdi um pouco a coragem.

“Não estaria eu”, perguntei a mim mesmo, “simplesmente ajudando a forjar minhas próprias algemas, colocando correntes em meu pescoço, que tornariam impossível para Bulger e eu voltarmos a ver nossa amada casa?”

Fiquei muito nervoso e não consegui fechar os olhos. Por fim, resolvi adiar meu

destino, pelo menos por alguns dias.

E este era o meu plano:

Eu explicaria à bela Rōlâ-Bōlâ que seria totalmente impossível para mim, com todo o meu medo e ansiedade, colocar meu polegar e meu indicador em seu dedinho do pé, enquanto ela girava rapidamente debaixo de mim.

Portanto, eu imploraria a ela que girasse muito devagar.

E então meu plano seria agarrar seu pé, segurá-lo com força e beliscar o dedinho pelo menos vinte vezes!

Cada beliscão seria um ganho claro de um dia! O

dia do nosso casamento finalmente amanheceu.

O vinho do rei foi distribuído ao povo com generosidade. Alegria e

alegria ressoavam por todos os lados.

O céu era uma vasta extensão azul sem nuvens.

Os arbustos floridos exalavam os aromas mais deliciosos. O ar era

deliciosamente suave.

As folhas pintadas pendiam em festões graciosos, imóveis, mesmo com a brisa mais leve.

Para seu evidente desgosto, Bulger foi decorado com um colar de mosaico de folhas de delicada obra.

Se eu não o tivesse repreendido com um abanar de cabeça, ele teria rapidamente sacudido esse adorno inútil.

Uma vasta multidão de corpos redondos cobria a planície até onde a vista alcançava.

Crianças rolavam em grupos atrás dos pais, como bolinhas de gude perseguindo uma bola de canhão.

Às vezes, observei que as mães, para divertir os pequenos ou para acalmar alguma discussão que havia surgido entre eles, paravam à beira do caminho, pegavam três ou quatro crianças e as jogavam no ar como um malabarista faz com as bolas, às vezes mantendo três ou mais no ar e uma em cada mão.

Era uma visão estranha, que me divertia tanto que insisti em parar a procissão nupcial para poder observá-la mais de perto.

Mas a bela Rōlâ-Bōlâ estava muito impaciente e repreendeu-me com palavras duras pela minha falta de dignidade.

Na verdade, comecei a notar um desejo muito evidente por parte dos organizadores do casamento de apressar as coisas.

O rei Bô-gôô-gôô voltava de vez em quando um olhar ansioso para o horizonte.

Em seguida, havia uma consulta sussurrada com os adivinhos e magos.

Eis-me finalmente montado no meu — quase disse andaime —, pois era isso que parecia ser.

Uma sensação terrível e opressiva tomou conta do meu

coração. O ar parecia pesado demais para respirar.

Eu ofegava como um peixe jogado em terra firme.

“Que a cerimônia de casamento comece neste instante, e rápido!”, rugiu Bô-gôô-gôô.

“Preparem-se, Tôô-tôô-lô!”, gritou um dos conselheiros reais.

Virei-me para observar a multidão e, em seguida, prostrando-me na plataforma por onde a princesa Rōlâ-Bōlâ iria passar.

“Ela começou! Ela vem como o vento! Ela está aqui!” Esses eram os gritos que surgiam da vasta multidão.

Com a cabeça e os ombros enfiados na abertura da plataforma, esperei pela minha noiva com a respiração suspensa e o coração batendo forte.

Imagine minha surpresa quando a vi passar rapidamente por baixo de mim e desaparecer na multidão de corpos redondos, quase como uma bola de canhão.

Mal senti seu corpo rolar sob mim.

Quanto a beliscar seu dedo do pé, isso estava certamente fora de questão, visto que eu só tinha visto rapidamente seus pés brancos, e então tudo desapareceu!

Em um instante, eu estava de pé e, avançando até a beira da plataforma, levantei a mão para sinalizar ao rei Bô-gôô-gôô que desejava ser ouvido:

“Ó, Rei com o corpo em forma de globo, ouve-me! Fui injustiçado! Há uma traição vil aqui! Os juízes da terra de Gô-gû-lâh foram corrompidos! Exijo o sangue deles! Não só não belisquei o dedo do pé da princesa real Rōlâ-Bōlâ, mas eu...”

Nesse instante, um ruído profundo e estrondoso, como uma explosão de artilharia distante, interrompeu meu discurso, fazendo o ar vibrar tão violentamente que meus lábios se moviam sem emitir o menor som.

O efeito desse “estrondo” terrível sobre os Roundbodies foi impressionante.

Uma confusão selvagem tomou conta deles.

Em vão o rei Bô-gôô-gôô ordenou silêncio.

Eles balançavam como as ondas do mar quando atingidas por uma rajada repentina.

Os gemidos e suspiros mais ensurdecedores rolaram pela planície em uma espécie de uníssono meio melodioso. Seus rostos empalideceram e eles se apertaram uns contra os outros com medo abjeto.

Por fim, o rei Bô-gôô-gôô voltou a si e, com uma voz terrível, impôs silêncio ao seu povo, gritando:

"Ughgō! Raûlag pad Oüistimgâr!" (Meu povo, a tempestade está chegando! Protejam-se!)

Mais rápido do que eu levaria para contar, o rugido temível rompeu o silêncio do ar.

Os Roundbodies reuniram as crianças e os idosos em um grupo e, em seguida, formaram paredes duplas e triplas ao redor deles.

"Tôô-tôô-lō! Tôô-tôô-lō!"

Era a voz de Rōlâ-Bōlâ.

Mas outros pensamentos passavam pela minha mente naquele

momento terrível. Mais uma vez, soou com um tom muito

lastimoso:

"Tôô-tôô-lō! Tôô-tôô-lō!"

A essa voz, agora, os ouvidos dos mortos teriam dado mais atenção do que os meus!

O demônio da tempestade galopava a toda velocidade.

Mais rápido do que o pensamento, saltei da plataforma e, envolvendo Bulger com meu braço esquerdo, voltei para trás.

O bom cão estava encantado por estar comigo novamente, embora estivesse tremendo como uma folha de álamo ao som distante dos ventos.

Ele sabia muito bem o que estava por

vir. Mas olhem! A luz do sol

desapareceu! O próprio ar parece

assustado.

Um tremor assustador no chão sob nossos pés faz com que sintamos formigamento e arrepios nas solas dos pés.

"Tôô-tôô-lô! Tôô-tôô-lô!"

Era Rôlâ-Bôlâ chamando seu amante para longe da morte iminente que a nuvem tempestuosa trazia.

Ele estava ocupado com alguém mais querido para ele do que a princesa chorosa dos Roundbodies.

Felizmente, a plataforma havia sido construída amarrando-se as vigas verticais e o piso com cordas de cânhamo. Soltar uma delas e amarrar Bulger e eu com segurança à estrutura de madeira foi trabalho de um momento.

Os Roundbodies seguiram meus movimentos em silêncio, completamente pasmos com o que lhes parecia obra de um louco.

Quando conseguiram recuperar a voz, acenaram-me ferozmente para que saísse da plataforma, gritando:

"Pôô-döeg! Pôô-döeg!" (Que loucura! Que loucura!) Mas eu

não estava louco!

O que é a morte senão um

pensamento? Pode-se viver e ainda

assim estar morto!

Olha! O terrível rei da tempestade está chegando! Ele é um monarca maior do que tu, ó poderoso Bô-gôô-gôô!

"Tôô-tôô-lô! Tôô-tôô-lô!"

Era a última despedida do bondoso e gentil Rōlâ-Bōlâ!

A partir daquele momento, o rugido da tempestade que se aproximava abafou todos os sons da terra e de suas criaturas insignificantes.

Olhe novamente! Veja o monstro negro, como ele se aproxima cada vez mais, seu corpo enorme, informe e terrível rolando e balançando enquanto voa com suas asas negras, enquanto, como uma serpente gigantesca, sua cauda arrasta-se sobre a bela terra, sibilando, contorcendo-se e enrolando-se, ora para um lado, ora para outro, ora enrolando-se para cima para reunir forças, ora batendo e açoitando a planície com um rugido poderoso o suficiente para mergulhar o coração mais corajoso no desespero.

Ah, Bulger! Ele está chegando! Está aqui! Vamos embora! Ele está nos levantando! Fugamos! Fugamos! Estamos cavalgando no seio da tempestade! Que rugido! Que escuridão! Que negrura! O rei da tempestade está me estrangulando! Bulger, estou morrendo...

"Onde estou? Ah, Bulger, bom cão! A princesa já nos chamou?

“O rei Bô-gôô-gôô chega hoje.

“Temos que entretê-lo!”

Fiz um esforço para me

levantar. As cordas me

seguravam.

Aos poucos, as sombras se dissiparam da minha mente, e pensamentos sobre a chegada do rei da tempestade passaram pela minha cabeça, e como ele havia levantado a plataforma em que estávamos presos e a levado para longe, como se fosse uma pena levada pelo vento!

Algo fez cócegas na minha

bochecha. Levantei a cabeça.

Oh! Alegria indescritível! Era grão! Sim, grão dourado! Trigo,

pronto para a foice!

Estamos salvos! Devemos estar perto de habitações humanas! E

assim estávamos.

Não, mais do que isso: não estávamos a mil milhas de casa.

Assim, foi um rei mais poderoso do que Bô-gôô-gôô, aquele a quem, em meu desespero, eu havia implorado por ajuda, que resgatou meu amado Bulger e a mim e nos levou para longe de Gô-gû-lâh, a Terra dos Corpos Redondos.

E aqui termino minha história.

DE VOLTA AO LAR!

DESTA VEZ PARA UM BOM E
LONGO DESCANSO.

NOTA DO TRANSCRITOR

1. Adicionadas aspas no início de cada parágrafo para citações que se estendem por mais de um parágrafo.
2. Corrigi silenciosamente erros tipográficos e variações ortográficas.
3. Mantive grafias anacrônicas, não padronizadas e incertas, conforme impressas.
4. A imagem da capa foi criada pelo transcritor e está em domínio público.

FIM DO EBOOK DO PROJETO GUTENBERG VIAGENS E AVENTURAS DO PEQUENO BARÃO TRUMP E SEU MARAVILHOSO CÃO BULGER

******* Este arquivo deve ser nomeado 58566-h.htm ou 58566-h.zip *******

Este e todos os arquivos associados em vários formatos podem ser encontrados em: http://www.gutenberg.org/5/8/5/6/58566

As edições atualizadas substituirão as anteriores — as edições antigas serão renomeadas.

A criação de obras a partir de edições impressas não protegidas pela lei de direitos autorais dos EUA significa que ninguém detém os direitos autorais dessas obras nos Estados Unidos, portanto, a Fundação (e você!) pode copiá-las e distribuí-las nos Estados Unidos sem permissão e sem pagar royalties de direitos autorais. Regras especiais, estabelecidas nos Termos Gerais de Uso desta licença, se aplicam à cópia e distribuição de obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm para proteger o conceito e a marca registrada PROJECT GUTENBERG-tm. Project Gutenberg é uma marca registrada e não pode ser usada se você cobrar pelos eBooks, a menos que receba permissão específica. Se você não cobrar nada pelas cópias deste eBook, é muito fácil cumprir as regras. Você pode usar este e-book para praticamente qualquer finalidade, como criação de obras derivadas, relatórios, apresentações e pesquisas. Eles podem ser modificados, impressos e distribuídos — você pode fazer praticamente TUDO nos Estados Unidos com e-books não protegidos pela lei de direitos autorais dos EUA. A redistribuição está sujeita à licença de marca registrada, especialmente a redistribuição comercial.

INÍCIO: LICENÇA COMPLETA

A LICENÇA COMPLETA DO PROJETO GUTENBERG LEIA ISSO ANTES DE DISTRIBUIR OU USAR ESTE MORK

Para proteger a missão do Project Gutenberg-tm de promover a distribuição gratuita de obras eletrônicas, ao usar ou distribuir esta obra (ou qualquer outra obra associada de qualquer forma à frase "Project Gutenberg"), você concorda em cumprir todos os termos da Licença Completa do Project Gutenberg-tm disponível neste arquivo ou online em www.gutenberg.org/license.

Seção 1. Termos gerais de uso e redistribuição de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm

1.A. Ao ler ou utilizar qualquer parte desta obra eletrônica do Projeto Gutenberg-tm, você indica que leu, compreendeu, concorda e aceita todos os termos desta licença e do contrato de propriedade intelectual (marca registrada/direitos autorais). Se você não concorda em cumprir todos os termos deste contrato, deve interromper o uso e devolver ou destruir todas as cópias das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm em sua posse. Se você pagou uma taxa para obter uma cópia ou acesso a uma obra eletrônica do Projeto Gutenberg-tm e não concorda em se comprometer com os termos deste contrato, você pode obter um reembolso da pessoa ou entidade a quem pagou a taxa, conforme estabelecido no parágrafo 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" é uma marca registrada. Ela só pode ser usada ou associada de qualquer forma a uma obra eletrônica por pessoas que concordam em se comprometer com os termos deste contrato. Existem algumas coisas que você pode fazer com a maioria Project Gutenberg-tm eletrônico obras mesmo sem

cumprindo todos os termos deste contrato. Consulte o parágrafo 1.C abaixo. Há muitas coisas que você pode fazer com as obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm se seguir os termos deste contrato e ajudar a preservar o acesso gratuito às obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm no futuro. Consulte o parágrafo 1.E abaixo.

1.C. A Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg (“a Fundação” ou PGLAF) detém os direitos autorais da compilação da coleção de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm. Quase todas as obras individuais da coleção são de domínio público nos Estados Unidos. Se uma obra individual não estiver protegida pela lei de direitos autorais nos Estados Unidos e você estiver localizado nos Estados Unidos, não reivindicamos o direito de impedi-lo de copiar, distribuir, executar, exibir ou criar obras derivadas com base na obra, desde que todas as referências ao Projeto Gutenberg sejam removidas. É claro que esperamos que você apoie a missão do Project Gutenberg-tm de promover o acesso gratuito a obras eletrônicas, compartilhando livremente as obras do Project Gutenberg-tm em conformidade com os termos deste contrato para manter o nome Project Gutenberg-tm associado à obra. Você pode facilmente cumprir os termos deste contrato mantendo esta obra no mesmo formato com a Licença completa do Project Gutenberg-tm anexada quando a compartilhar gratuitamente com outras pessoas.

1.D. As leis de direitos autorais do local onde você está localizado também regem o que você pode fazer com esta obra. As leis de direitos autorais na maioria dos países estão em constante mudança. Se você estiver fora dos Estados Unidos, verifique as leis do seu país, além dos termos deste contrato, antes de baixar, copiar, exibir, executar, distribuir ou criar obras derivadas com base nesta obra ou em qualquer outra obra do Projeto Gutenberg-tm. A Fundação não faz nenhuma declaração sobre o status dos direitos autorais de qualquer obra em qualquer país fora dos Estados Unidos.

1.E. A menos que você tenha removido todas as referências ao Projeto Gutenberg:

1.E.1. A seguinte frase, com links ativos ou outro acesso imediato à licença completa do Project Gutenberg-tm, deve aparecer de forma destacada sempre que qualquer cópia de uma obra do Project Gutenberg-tm (qualquer obra na qual a frase “Project Gutenberg” apareça ou à qual a frase “Project Gutenberg” esteja associada) for acessada, exibida, executada, visualizada, copiada ou distribuída:

Este eBook é para uso de qualquer pessoa em qualquer lugar dos Estados Unidos e na maioria das outras partes do mundo, sem custo e com quase nenhuma restrição. Você pode copiá-lo, distribuí-lo ou reutilizá-lo sob os termos da Licença do Projeto Gutenberg incluída neste eBook ou online em www.gutenberg.org. Se você não estiver localizado nos Estados Unidos, deverá verificar as leis do país onde está localizado antes de usar este ebook.

1.E.2. Se uma obra eletrônica individual do Projeto Gutenberg-tm for derivada de textos não protegidos pela lei de direitos autorais dos EUA (não contiver um aviso indicando que foi publicada com a permissão do detentor dos direitos autorais), a obra poderá ser copiada e distribuída a qualquer pessoa nos Estados Unidos sem o pagamento de quaisquer taxas ou encargos. S e você estiver redistribuindo ou fornecendo acesso a uma obra com a frase "Projeto Gutenberg" associada ou aparecendo na obra, você deve cumpri r os requisitos dos parágrafos 1.E.1 a 1.E.7 ou obter permissão para usar a obra e a marca registrada Project Gutenberg-tm, conforme estabelecido nos parágrafos 1.E.8 ou 1.E.9.

1.E.3. Se uma obra eletrônica individual do Projeto Gutenberg-tm for publicada com a permissão do detentor dos direitos autorais, seu uso e distribuição devem estar em conformidade com os parágrafos 1.E.1 a 1.E.7 e quaisquer termos adicionais impostos pelo detentor dos direitos autorais. Termos adicionais serão vinculados à Licença do Projeto Gutenberg-tm para todas as obras publicadas com a permissão do detentor dos direitos autorais, encontrada no início desta obra.

1.E.4. Não desvinculie, separe ou remova os termos completos da Licença do Projeto Gutenberg-tm desta obra, ou de quaisquer arquivos que contenham parte desta obra ou qualquer outra obra associada ao Projeto Gutenberg-tm.

1.E.5. Não copie, exiba, execute, distribua ou redistribua esta obra eletrônica, ou qualquer parte desta obra eletrônica, sem exibir de forma destacada a frase estabelecida no parágrafo 1.E.1 com links ativos ou acesso imediato aos termos completos da Licença do Projeto Gutenberg-tm.

1.E.6. Você pode converter e distribuir este trabalho em qualquer formato binário, compactado, marcado, não proprietário ou proprietário, incluindo qualquer formato de processamento de texto ou hipertexto. No entanto, se você fornecer acesso ou distribuir cópias de um trabalho do Project Gutenberg-tm em um formato diferente do "Plain Vanilla ASCII" ou outro formato usado na versão oficial publicada no

no site oficial do Projeto Gutenberg-tm (www.gutenberg.org), você deve, sem nenhum custo adicional, taxa ou despesa para o usuário, fornecer uma cópia, um meio de exportar uma cópia ou um meio de obter uma cópia, mediante solicitação, da obra em seu formato original "Plain Vanilla ASCII" ou outro formato. Qualquer formato alternativo deve incluir a Licença do Projeto Gutenberg-tm na íntegra, conforme especificado no parágrafo 1.E.1.

1.E.7. Não cobre nenhuma taxa pelo acesso, visualização, exibição, execução, cópia ou distribuição de qualquer obra do Project Gutenberg-tm, a menos que você cumpra o parágrafo 1.E.8 ou 1.E.9.

1.E.8. Você pode cobrar uma taxa razoável pelas cópias, pelo acesso ou pela distribuição das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm, desde que

- Você pague uma taxa de royalties de 20% dos lucros brutos que você obtiver com o uso das obras do Projeto Gutenberg-tm, calculados usando o método que você já usa para calcular seus impostos aplicáveis. A taxa é devida ao proprietário da marca registrada Projeto Gutenberg-tm, mas ele concordou em doar os royalties nos termos deste parágrafo à Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg. Os pagamentos de royalties devem ser efetuados no prazo de 60 dias após cada data em que você preparar (ou for legalmente obrigado a preparar) suas declarações fiscais periódicas. Os pagamentos de royalties devem ser claramente identificados como tal e enviados à Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg, no endereço especificado na Seção 4, "Informações sobre doações à Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg".
- Você reembolsará integralmente qualquer quantia paga por um usuário que o notifique por escrito (ou por e-mail) no prazo de 30 dias após o recebimento, informando que não concorda com os termos da Licença completa do Project Gutenberg-tm. Você deve exigir que tal usuário devolva ou destrua todas as cópias das obras possuídas em um meio físico e interrompa todo o uso e acesso a outras cópias das obras do Project Gutenberg-tm.
- Você fornece, de acordo com o parágrafo 1.F.3, o reembolso total de qualquer quantia paga por uma obra ou uma cópia de substituição, se um defeito na obra eletrônica for descoberto e relatado a você dentro de 90 dias após o recebimento da obra.
- Você concorda em cumprir todos os outros termos deste contrato para a distribuição gratuita das obras do Projeto Gutenberg-tm.

1.E.9. Se você desejar cobrar uma taxa ou distribuir uma obra eletrônica ou grupo de obras do Projeto Gutenberg-tm em termos diferentes dos estabelecidos neste contrato, você deverá obter permissão por escrito da Fundação de Arquivo Literário do Projeto Gutenberg e da The Project Gutenberg Trademark LLC, proprietária da marca registrada Projeto Gutenberg-tm. Entre em contato com a Fundação conforme estabelecido na Seção 3 abaixo.

1.F.

1.F.1. Os voluntários e funcionários do Projeto Gutenberg dedicam esforços consideráveis para identificar, pesquisar direitos autorais, transcrever e revisar obras não protegidas pela lei de direitos autorais dos Estados Unidos na criação da coleção do Projeto Gutenberg-tm. Apesar desses esforços, as obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm e o meio em que podem ser armazenadas podem conter "Defeitos", tais como, mas não se limitando a, dados incompletos, imprecisos ou corrompidos, erros de transcrição, violação de direitos autorais ou outra propriedade intelectual, um disco ou outro meio defeituoso ou danificado, um vírus de computador ou códigos de computador que danifiquem ou não possam ser lidos pelo seu equipamento.

1.F.2. GARANTIA LIMITADA, ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE POR DANOS - Exceto
para o "Direito de Substituição ou Reembolso" descrito no parágrafo 1.F.3, a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg, o proprietário da marca registrada Projeto Gutenberg-tm e qualquer outra parte que distribua uma obra eletrônica do Projeto Gutenberg-tm sob este contrato, isenta-se de toda e qualquer responsabilidade perante você por danos, custos e despesas, incluindo honorários advocatícios. VOCÊ CONCORDA QUE NÃO TEM RECURSOS POR NEGLIGÊNCIA, RESPONSABILIDADE OBJETIVA, VIOLAÇÃO DA GARANTIA OU VIOLAÇÃO DO CONTRATO, EXCETO AQUELES PREVISTOS NO PARÁGRAFO 1.F.3. VOCÊ CONCORDA QUE A FUNDAÇÃO, O PROPRIETÁRIO DA MARCA REGISTRADA E QUALQUER DISTRIBUIDOR SOB ESTE CONTRATO NÃO SERÃO RESPONSÁVEIS PERANTE VOCÊ POR DANOS REAIS, DIRETOS, INDIRETOS, CONSEQUENCIAIS, PUNITIVOS OU INCIDENTAIS, MESMO QUE VOCÊ AVISE DA POSSIBILIDADE DE TAIS DANOS.

1.F.3. DIREITO LIMITADO DE SUBSTITUIÇÃO OU REEMBOLSO - Se você descobrir um defeito nesta obra eletrônica dentro de 90 dias após recebê-la, você poderá receber o reembolso do valor (se houver) que pagou por ela, enviando uma explicação por escrito à pessoa de quem recebeu a obra. Se você recebeu a obra em um meio físico, deverá devolver o meio com

sua explicação por escrito. A pessoa ou entidade que lhe forneceu o trabalho defeituoso pode optar por fornecer uma cópia de substituição em vez de um reembolso. Se você recebeu o trabalho eletronicamente, a pessoa ou entidade que o forneceu pode optar por lhe dar uma segunda oportunidade de receber o trabalho eletronicamente em vez de um reembolso. Se a segunda cópia também estiver com defeito, você pode exigir um reembolso por escrito, sem mais oportunidades para corrigir o problema.

1.F.4. Exceto pelo direito limitado de substituição ou reembolso estabelecido no parágrafo 1.F.3, este trabalho é fornecido a você "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA", SEM NENHUMA OUTRA GARANTIA DE QUALQUER TIPO, EXPRESSA OU IMPLÍCITA, INCLUINDO, MAS NÃO SE LIMITANDO A, GARANTIAS DE COMERCIALIZAÇÃO OU ADEQUAÇÃO A QUALQUER FINALIDADE.

1.F.5. Alguns estados não permitem isenções de responsabilidade de certas garantias implícitas ou a exclusão ou limitação de certos tipos de danos. Se qualquer isenção de responsabilidade ou limitação estabelecida neste contrato violar a lei do estado aplicável a este contrato, o contrato será interpretado de forma a estabelecer a isenção de responsabilidade ou limitação máxima permitida pela lei estadual aplicável. A invalidade ou inexequibilidade de qualquer disposição deste contrato não invalidará as disposições restantes.

1.F.6. INDENIZAÇÃO - Você concorda em indenizar e isentar a Fundação, o proprietário da marca registrada, qualquer agente ou funcionário da Fundação, qualquer pessoa que forneça cópias das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm de acordo com este contrato e quaisquer voluntários associados à produção, promoção e distribuição das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm de toda e qualquer responsabilidade, custos e despesas, incluindo honorários advocatícios, que surjam direta ou indiretamente de qualquer uma das seguintes ações que você realizar ou causar: (a) distribuição desta ou de qualquer obra do Projeto Gutenberg-tm, (b) alteração, modificação, acréscimos ou supressões em qualquer obra do Projeto Gutenberg-tm, e (c) qualquer Defeito que você causar.

Seção 2. Informações sobre a missão do Projeto Gutenberg-tm

O Projeto Gutenberg-tm é sinônimo de distribuição gratuita de obras eletrônicas em formatos legíveis pela mais ampla variedade de computadores, incluindo computadores obsoletos, antigos, médios e novos. Ele existe graças aos esforços de centenas de voluntários e doações de pessoas de todas as esferas da vida.

Os voluntários e o apoio financeiro para fornecer aos voluntários a assistência de que necessitam são fundamentais para alcançar os objetivos do Projeto Gutenberg-tm e garantir que a coleção do Projeto Gutenberg-tm permaneça disponível gratuitamente para as gerações futuras. Em 2001, a Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg foi criada para proporcionar um futuro seguro e permanente ao Projeto Gutenberg-tm e às gerações futuras. Para saber mais sobre a Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg e como seus esforços e doações podem ajudar, consulte as Seções 3 e 4 e a página de informações da Fundação em www.gutenberg.org.

Seção C. Informações sobre a Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg

A Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg é uma corporação sem fins lucrativos 501(c)
(3) educacional sem fins lucrativos, organizada sob as leis do estado do Mississippi e isenta de impostos pela Receita Federal dos Estados Unidos. O EIN (número de identificação fiscal) da Fundação é 64-6221541. As contribuições para a Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg são dedutíveis do imposto de renda na medida permitida pelas leis federais dos Estados Unidos e pelas leis do seu estado.

A sede da Fundação fica em Fairbanks, Alasca, com endereço postal: PO Box 750175, Fairbanks, AK 99775, mas seus voluntários e funcionários estão espalhados por vários locais. Seu escritório comercial está localizado em 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Links de contato por e-mail e informações de contato atualizadas podem ser encontrados no site da Fundação e na página oficial em www.gutenberg.org/contact

Para informações de contato

adicionais: Dr. Gregory B. Newby
Diretor Executivo e Diretor

gbnewby@pglaf.org

Seção 4. Informações sobre doações para a Fundação de Arquivo Literário do Projeto Gutenberg

O Project Gutenberg-tm depende e não pode sobreviver sem o amplo apoio público e doações para cumprir sua missão de aumentar o número de obras de domínio público e licenciadas que podem ser distribuídas gratuitamente em formato legível por máquina, acessível pela mais ampla gama de equipamentos, incluindo equipamentos obsoletos. Muitas pequenas doações (de US$ 1 a US$ 5.000) são particularmente importantes para manter a isenção fiscal junto ao IRS.

A Fundação está comprometida em cumprir as leis que regulamentam instituições de caridade e doações de caridade em todos os 50 estados dos Estados Unidos. Os requisitos de conformidade não são uniformes e é necessário um esforço considerável, muita burocracia e muitas taxas para atender e manter esses requisitos. Não solicitamos doações em locais onde não recebemos confirmação por escrito de conformidade. Para ENVIAR DOAÇÕES ou determinar o status de conformidade de qualquer estado específico, visitewww.gutenberg.org/donate .

Embora não possamos e não solicitemos contribuições de estados onde não atendemos aos requisitos de solicitação, não temos conhecimento de nenhuma proibição contra aceitar doações não solicitadas de doadores desses estados que nos procuram com ofertas de doação.

Doações internacionais são aceitas com gratidão, mas não podemos fazer nenhuma declaração sobre o tratamento fiscal de doações recebidas de fora dos Estados Unidos. As leis dos EUA por si só já sobrecarregam nossa pequena equipe.

Consulte as páginas da Web do Projeto Gutenberg para obter informações sobre os métodos e endereços atuais para doações. As doações são aceitas de várias outras formas, incluindo cheques, pagamentos online e doações com cartão de crédito. Para fazer uma doação, acesse: www.gutenberg.org/donate

Seção 5. Informações gerais sobre as obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm.

O professor Michael S. Hart foi o criador do conceito do Projeto Gutenberg-tm, uma biblioteca de obras eletrônicas que podem ser compartilhadas gratuitamente com qualquer pessoa. Durante quarenta anos, ele produziu e distribuiu eBooks do Projeto Gutenberg-tm com apenas uma rede informal de voluntários.

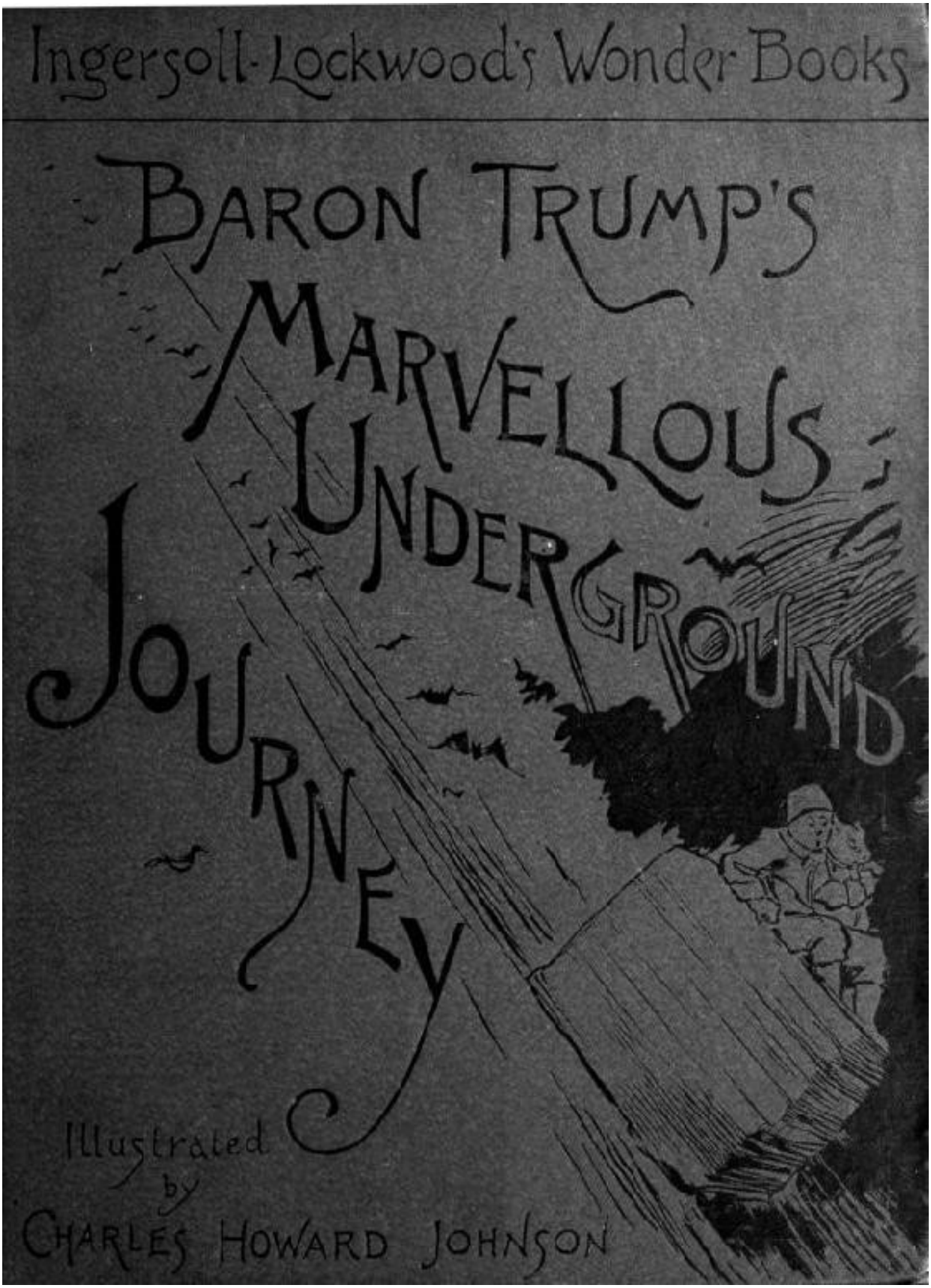
Os eBooks do Projeto Gutenberg-tm são frequentemente criados a partir de várias edições impressas, todas confirmadas como não protegidas por direitos autorais nos EUA, a menos que incluam um aviso de direitos autorais. Portanto, não mantemos necessariamente os eBooks em conformidade com qualquer edição impressa específica.

A maioria das pessoas começa no nosso site, que tem o principal mecanismo de pesquisa do PG: www.gutenberg.org

Este site inclui informações sobre o Project Gutenberg-tm, incluindo como fazer doações para a Project Gutenberg Literary Archive Foundation, como ajudar a produzir nossos novos eBooks e como se inscrever em nosso boletim informativo por e-mail para saber sobre novos eBooks.

Ingersoll-Lockwood's Wonder Books

BARON TRUMP'S MARVELLOUS UNDERGROUND JOURNEY



Illustrated by CHARLES HOWARD JOHNSON

A MARAVILHOSA VIAGEM SUBTERRÂNEA DO BARÃO TRUMP

Por INGERSOLL LOCKWOOD

ILUSTRADO POR CHARLES HOWARD JOHNSON

Esta edição publicada pela Dreamscape Media LLC, 2017

www.dreamscapeab.com *info@dreamscapeab.com 1417 Timberwolf Drive, Holland, OH 43528
877.983.7326

Sobre Ingersoll Lockwood:

Ingersoll Lockwood (1841-1918), nascido em Ossining, Nova York, foi um advogado e escritor de ficção americano. Seus escritos frequentemente misturavam fantasia e ficção científica, mesmo em uma época anterior ao uso de distinções comumente aceitas entre esses modos do fantástico, de uma forma que antecipou os livros de Oz, de L. Frank Baum. A série de Lockwood compreende *The Travels and Adventures of Little Baron Trump and His Wonderful Dog Bulger* (1890) e *Baron Trump's Marvellous Underground Journey* (1893), sendo este último uma viagem fantástica à "terra oca", onde se encontram os domínios surreais de vários povos, incluindo o Povo Transparente e os Rattlebrains. *As Experiências Extraordinárias do Pequeno Capitão Dopplekop nas Margens de Bubblehead (*1892) e *Feitos e Aventuras Maravilhosos do Pequeno Gigante Boab e Seu Corvo Falante Tabib (*1891), ambos semelhantes aos livros do Barão Trump, também envolviam viagens fantásticas. Lockwood também publicou *1900: Ou, o Último Presidente (*1896), uma sátira política.

Fonte: Enciclopédia de Ficção Científica: http://www.sf-encyclopedia.com/

ÍNDICE

Nota biográfica

Ilustrações Capítulo 1

BULGER FICA MUITO IRRITADO COM A FAMILIARIDADE DOS CÃES DA VILA E A PRESUNÇÃO DOS GATOS DA CASA. — SUA SAÚDE SOFRE COM ISSO, E ELE ME IMPLORA PARA QUE EU RETORNE À MINHA VIAGEM. CONCORDO PRONTAMENTE, POIS TINHA LIDO SOBRE O MUNDO DENTRO DE UM MUNDO EM UM MANUSCRITO ANTIGO E MOFADO, ESCRITO PELO ERUDITO DON FUM. — ENCONTROS DE DESPEDIDA COM O BARÃO ANCIÃO E A GRAÇOSA BARONESA, MINHA MÃE. — PREPARATIVOS PARA A PARTIDA.

Capítulo 2

AS INSTRUÇÕES MISTERIOSAS DE DON FUM. — BULGER E EU PARTIMOS PARA PETERSBURGO E, DE LÁ, SEGUIMOS PARA ARCHANGEL. — A HISTÓRIA DA NOSSA VIAGEM ATÉ ILITCH, NO ILITCH. — IVAN, O CARREGADOR. — COMO SEGUIMOS PARA O NORTE EM BUSCA DOS PORTÕES PARA O MUNDO DENTRO DO MUNDO. — A AMEAÇA DE IVAN. — A DESCONFIANÇA DE BULGER EM RELAÇÃO AO HOMEM E OUTRAS COISAS.

Capítulo C

IVAN CADA VEZ MAIS PROBLEMÁTICO. — BULGER O OBSERVA DE PERTO. — SEU ATAQUE COVARDE CONTRA MIM. — MEU FIEL BULGER VEM EM MEU SOCORRO. — UM MOTORISTA QUE VALE A PENA TER. — COMO FUI LEVADO PARA UM LUGAR SEGURO. — NAS MÃOS DA VELHA YULIANA. — O POÇO DOS GIGANTES.

Capítulo 4

MINHA FERIDA CICATRIZA. — YULIANA FALA SOBRE O POÇO DOS GIGANTES. — DECIDO VISITÁ-LO. — PREPARATIVOS PARA ESCALAR AS MONTANHAS. — O QUE ACONTECEU COM YULIANA E COMIGO. — REFLEXÃO E DEPOIS AÇÃO. — COMO CONSEGUI CONTINUAR A ESCALADA SEM YULIANA COMO GUIA.

Capítulo 5

SOBRE e AINDA SOBRE, E ATRAVÉS DAS PEDREIRAS DOS DEMÔNIOS. — COMO O GADO MANTÉM A TRILHA, E COMO CHEGAMOS FINALMENTE À BEIRA DO POÇO DOS GIGANTES. — OS TERRAÇOS SÃO PASSADOS COM SEGURANÇA.

— INÍCIO DA DESCIDA AO POÇO.

— TODAS AS DIFICULDADES SUPERADAS. — CHEGAMOS À BEIRA DO FUNIL DE POLIFEMO.

Capítulo 6

MEU DESESPERO AO DESCOBRIR QUE O CANO DO FUNIL ERA MUITO PEQUENO PARA O MEU CORPO. — UM RAIOS DE ESPERANÇA SURGE. — RELATO COMPLETO DE COMO CONSEGUI ENTRAR NO CANO DO FUNIL. — MINHA PASSAGEM POR ELE. — A AJUDA OPORTUNA DE BULGER. — A ESTRADA DE MÁRMORE E ALGUMAS COISAS CURIOSAS SOBRE A ENTRADA PARA O MUNDO DENTRO DE UM MUNDO.

Capítulo 7

NOSSA PRIMEIRA NOITE NO MUNDO SUBTERRÂNEO E COMO FOI SEGUIDA PELO PRIMEIRO RAIO DO DIA. — O AVISO DE BULGER E O QUE ELE SIGNIFICAVA. — ENCONTRAMOS UM HABITANTE DO MUNDO DENTRO DE UM MUNDO. — SEU NOME E SUA PROFISSÃO. — O RETORNO MISTERIOSO DA NOITE. — A TERRA DAS CAMAS, E COMO O NOSSO NOVO AMIGO NOS PROPORCIONOU UMA.

Capítulo 8

“BOM DIA, ENQUANTO DURAR.” — CONVERSA FRANCA COM O MESTRE ALMA FRIA. — MARAVILHAS DA TERRA DOS ÓCULOS. — ENTRAMOS NA CIDADE DOS MIKKAMENKIES.

— BREVE DESCRIÇÃO DELA. — NOSSA APROXIMAÇÃO AO PALÁCIO REAL. — A RAINHA GALAXA E SEU TRONO DE CRISTAL. — AS LÁGRIMAS DO MESTRE ALMA FRIA.

Capítulo 9

BULGER E EU SOMOS APRESENTADOS À RAINHA GALAXA, A SENHORA DO TRONO DE CRISTAL. — COMO ELA NOS RECEBEU. — SUA ALEGRIA COM BULGER, QUE DEMONSTRA SUA MARAVILHOSA INTELIGÊNCIA DE VÁRIAS MANEIRAS. — COMO A RAINHA O NOMEIA SENHOR BULGER. — TUDO SOBRE OS TRÊS SÁBIOS A QUEM A RAINHA GALAXA NOS CONFIA.

Capítulo 1O

UM BREVE RELATO DAS MINHAS CONVERSAS COM O DOUTOR NEBULOSUS, SIR AMBER O'PAKE E LORD CORNUCORE, QUE ME CONTARAM MUITAS COISAS QUE EU NUNCA SABIA, PELAS QUAIS FIQUEI MUITO GRATO.

Capítulo 11

DIAS AGRADÁVEIS PASSARAM ENTRE OS MIKKAMENKIES, E COISAS MARAVILHOSAS FORAM VISTAS POR NÓS. — O JARDIM ESPECTRAL E UMA DESCRIÇÃO DELE. — NOSSO ENCONTRO COM DAMOZEL GLOW STONE E O QUE ACONTECEU.

Capítulo 12

A TRISTE, TRISTE HISTÓRIA DA PRINCESA ENTRISTECIDA COM UMA MANCHA NO CORAÇÃO, E O QUE ACONTECEU QUANDO ELA DEU UM FIM À SUA VIDA, QUE O LEITOR DEVE LER POR SI MESMO SE QUISER SABER.

Capítulo 1C

COMO ME EMPREGNIEI EM DESFAZER UM ERRO QUE TINHA SIDO COMETIDO NO REINO DOS MIKKAMENKIES, E COMO BULGER ME AJUDOU. — CONFISSÃO DA RAINHA GALAXA. — SOU NOMEADO PRIMEIRO-MINISTRO ENQUANTO ELA VIVER. — O QUE ACONTECEU NA

SALA DO TRONO. — MEU DISCURSO AOS HOMENS DA TERRA DOS ÓCULOS, APÓS O QUAL LHE MOSTRO ALGO QUE VALE A PENA VER. — COMO FUI PUXADO EM DUAS DIREÇÕES DIFERENTES E O QUE ACONTECEU.

Capítulo 14

BULGER E EU Damos as costas ao belo reino da rainha Cristallina. — O MARAVILHOSO TUBO FALANTE DA NATUREZA. — A TENTATIVA DE CRISTALINA DE NOS FAZER VOLTAR. — COMO IMPEDI BULGER DE CEDER. — ALGUNS INCIDENTES DA NOSSA VIAGEM AO LONGO DA ESTRADA DE MÁRMORE E COMO CHEGAMOS AO GLORIOSO PORTÃO DE PRATA MAÇIVA.

Capítulo 15

OS GUARDAS NO PORTÃO DE PRATA. — COMO ELES ERAM. — A RECEPÇÃO QUE TIVEMOS. — FAÇO UMA DESCOBERTA MARAVILHOSA. — O PRIMEIRO TELEFONE DO MUNDO. — BULGER E EU CONSEGUIMOS FAZER AMIZADE COM ESTES ESTRANHOS. — UMA BREVE DESCRIÇÃO DOS SOODOPSIES, OU SEJA, OLHOS FALSOS, OU OS FORMIFOLK, OU SEJA, O POVO FORMIGA. — COMO UM CEGO PODE LER O QUE VOCÊ ESCREVE.

Capítulo 16

IDEIAS DOS FORMIFOLK SOBRE O NOSSO MUNDO SUPERIOR. — O ESPECTRO DANÇANTE. — OS ESFORÇOS DELES PARA PRENDÊ-LO. — MINHA PROMESSA SOLENE DE QUE ELE DEVERIA SE COMPORTAR BEM. — PARTIMOS PARA A CIDADE DOS OLHOS FINGIDOS. — MEU ESPANTO COM A MAGNIFICÊNCIA DAS APROXIMAÇÕES À CIDADE. — CHEGAMOS À GRANDE PONTE DE PRATA E TENHO MINHA PRIMEIRA VISTA DA CIDADE DOS CANDELABROS. — BREVE RELATO DAS MARAVILHAS QUE SE ESTENDEM DIANTE DOS MEUS OLHOS. — AGITAÇÃO CAUSADA PELA NOSSA CHEGADA. — NOSSA CÂMARA DE PRATA.

Capítulo 17

EM QUE VOCÊS LERÃO, QUERIDOS AMIGOS, ALGO SOBRE UM DESPERTADOR VIVO, UM BANHISTA SOODOPSY E BORRACHA. — NOSSO PRIMEIRO CAFÉ DA MANHÃ NA CIDADE DE PRATA. — UMA NOVA MANEIRA DE PESCAR SEM FERIR OS SENTIMENTOS DOS PEIXES. — COMO AS RUAS E AS CASAS ERAM NUMERADAS E ONDE ESTAVAM AS PLACAS. — UMA BIBLIOTECA MUITO ORIGINAL, NA QUAL OS LIVROS NUNCA FICAM COM AS PÁGINAS DOBRADAS. — COMO VELVET SOLES APRECIAVA SEUS POETAS FAVORITOS. — SOU APRESENTADO AO ERUDITO BARREL BROW, QUE PASSA A ME DAR SUA OPINIÃO SOBRE O MUNDO SUPERIOR. — ELES ME DIVERTIRAM MUITO E PODEM INTERESSAR A VOCÊ.

Capítulo 18

HISTÓRIA ANTIGA DOS SOODOPSIES, CONTOU POR BARREL BROW. — COMO FORAM OBRIGADOS A SE REFUGIAR NO MUNDO SUBTERRÂNEO E COMO CHEGARAM À ESTRADA DE MÁRMORE. — SUA DESCOBERTA DO GÁS NATURAL, QUE LHE PROPORCIONA LUZ E CALOR, E DO MAGNÍFICO TESOURO DA NATUREZA. — COMO SUBSTITUÍRAM SUAS ROUPAS ESfarrapadas E COMEÇARAM A CONSTRUIR A CIDADE DE PRATA.
— AS ESTRANHAS DESGRAÇAS QUE LHE ACONTECERAM E COMO ELES SUPERA-OS, POR MAIS TERRÍVEIS QUE FOSSEM.

Capítulo 19

COMEÇA COM ALGO SOBRE OS PEQUENOS SOODOPSIES, MAS SE RAMIFICA PARA OUTRO ASSUNTO; A SABER: — A CANÇÃO SILENCIOSA DOS DEDOS CANTORES, A BELA DONZELA DA CIDADE DE PRATA. — BARREL BROW É BASTANTE GENTIL EM ME ESCLARECER SOBRE UM CERTO PONTO E APROVEITA A OCASIÃO PARA FAZER UM ELOGIO MUITO GRANDE A BULGER, QUE, É CLARO, ELE MERECIA.

Capítulo 2O

ESTE É UM CAPÍTULO LONGO E TRISTE. — CONTA COMO O QUERIDO, GENTIL E LABIOSO FOI PERDIDO, E COMO OS SOODOPSIES CHORARAM POR ELE E POR QUEM SUSPEITAVAM. — Bulger dá uma prova impressionante de sua maravilhosa inteligência, que me permite convencer os Soodopsios de que meu "espectro dançante" não causou a morte de Lábios Carnudos. — A verdadeira história de seu terrível destino. — O QUE SEGUE A MINHA DESCOBERTA. — COMO UM BELO BARCO É CONSTRUÍDO PARA MIM PELOS GRATOS SOODOPSIES, E COMO BULGER E EU NOS DESPEDIMOS DA TERRA DOS OLHOS FANTASMAGÓRICOS.

Capítulo 21

COMO FOMOS ILUMINADOS EM NOSSA DESCIDA PELO RIO ESCURO E SILENCIOSO. — ATAQUE REPENTINO E VIOLENTO AO NOSSO LINDO BARCO DE CONCHAS. — UMA LUTA PELA VIDA CONTRA ADVERSIDADES TERRÍVEIS, E COMO BULGER PERMANECEU AO MEU LADO DURANTE TUDO ISSO. — AR FRIO E PEDAÇOS DE GELO. — NOSSA ENTRADA NA CAVERNA DE ONDE ELES VIERAM. — O BARCO DE CONCHA CHEGA AO FIM DE SUA VIAGEM. — A LUZ DO SOL NO MUNDO DENTRO DE UM MUNDO, E TUDO SOBRE A MARAVILHOSA JANELA ATRAVÉS DA QUAL ELA SE DERRAMAVA, E A TERRA MISTERIOSA QUE ILUMINAVA.

Capítulo 22

O PALÁCIO DE GELO À LUZ DO SOL DOURADO, E O QUE IMAGINEI QUE PODERIA CONTER. — COMO FOMOS DETIDOS POR DOIS SENTINELAS VESTIDOS DE FORMA ESTRANHA.
— OS KOLTYKWERPS. — SUA MAJESTADE FRIGIDA, O REI GELIDUS. — MAIS SOBRE O PALÁCIO DE GELO, JUNTAMENTE COM UMA DESCRIÇÃO DA SALA DO TRONO. — NOSSA RECEPÇÃO PELO REI E SUA FILHA SCHNEEBOULE. — BREVE MENÇÃO A BULLIBRAIN, OU LORDE CABEÇA QUENTE.

Capítulo 2C

LORD HOT HEAD NOVAMENTE, E DESTA VEZ UMA DESCRIÇÃO MAIS COMPLETA SOBRE ELE. — SUAS HISTÓRIAS MARAVILHOSAS SOBRE OS KOLTYKWERPS: DE ONDE ELES VIERAM, QUEM ELES ERAM E COMO CONSEGUIRAM VIVER NESTE MUNDO DE GELO ETERNO. — AS MUITAS PERGUNTAS QUE EU LHE FIZ E SUAS RESPOSTAS COMPLETAS.

Capítulo 24

ALGUMAS COISAS SOBRE A QUERIDA PEQUENA PRINCESA SCHNEEBOULE. — COMO ELA E EU NOS TORNAMOS AMIGOS INCONDICIONAIS E COMO UM DIA ELA LEVOU BULGER E A MIM À SUA GRUTA FAVORITA PARA VER O HOMINHO COM O SORRISO CONGELADO. — ALGO SOBRE ELE. — O QUE ACONTECEU DE EU TER OLHADO PARA ELE DESCRITO EM DETALHE.

Capítulo 25

UMA NOITE SEM DORMIR PARA BULGER E PARA MIM E O QUE SE SEGUIU. — ENTREVISTA COM O REI GELIDUS. — O MEU PEDIDO E A RESPOSTA DELE. — O QUE ACONTECEU QUANDO SOUBE QUE O REI E OS SEUS CONSELHEIROS TINHAM DECIDIDO NÃO CONCEDER O MEU PEDIDO. — ESTRANHO TUMULTO ENTRE OS KOLTYKWERPS, E COMO SUA MAJESTADE FRIGIDA O ACALMOU, E ALGUMAS OUTRAS COISAS.

Capítulo 26

COMO OS HOMENS DA PEDREIRA DO REI GELIDUS DIVIDIRAM A PRISÃO DE CRISTAL DO HOMINÍDIO COM O SORRISO CONGELADO. — MINHA AMARGA DECEPÇÃO E COMO EU A SUPORTEI. — MARAVILHOSOS ACONTECIMENTOS DA NOITE QUE SE SEGUIU. — BULGER MAIS UMA VEZ PROVA SER UM ANIMAL DE EXTRAORDINÁRIA SAGACIDADE.

Capítulo 27

EXCITAÇÃO POR FUFFCOOJAH. — EU O LLEVO À CORTE DO REI GELIDUS. — SUA AFEIÇÃO IMEDIATA PELA PRINCESA SCHNEEBOULE. — SOU ACUSADO DE EXERCER A ARTE NEGRA. — MINHA DEFESA E MINHA RECOMPENSA. — ANSIEDADE DOS KOLTYKWERPS DE QUE FUFFCOOJAH MORRA DE FOME.

— ESTA CALAMIDADE EVITADA, OUTRA NOS ENCARO: COMO EVITAR QUE ELE MORRA CONGELADO. — EU RESOLVO O PROBLEMA, MAS ATRAIO PARA MIM UMA ESTRANHA DESGRÃÇA.

Capítulo 28

COMO UM PEQUENO FARDO PODE SE TORNAR UM FARDO PESADO. — HISTÓRIA DE UM HOMEM COM UM MACACO NO CAPUZ.

— MEU TERRÍVEL SOFRIMENTO. — SOBRE O PÂNICO TERRÍVEL QUE TOMOU CONTA DOS KOLTYKWERPS. — MINHA VISITA AO PALÁCIO DE GELO DESERTO E O QUE ACONTECEU COM FUFFCOOJAH. — FIM DE SUA BREVE, MAS ESTRANHA CARREIRA. — UM BEIJO CONGELADO EM UMA LÂMINA DE CHIFRE, OU COMO SCHNEEBOULE ESCOLHEU UM MARIDO.

Capítulo 29

ALGO SOBRE OS MUITOS PORTALOS PARA O DOMÍNIO GELADO DO REI GELIDUS E A DIFÍCIL TAREFA DE ESCOLHER O CERTO. — COMO BULGER RESOLVEU O PROBLEMA. — NOSSA DESPEDIDA DOS KOLTYKWERPS DE SANGUE FRIO. — A TRISTEZA DE SCHNEEBOULE POR NOS PERDER.

Capítulo CO

TUDO SOBRE A VIAGEM MAIS TERRÍVEL, MAS MAGNÍFICA, QUE JÁ FIZ NA VIDA. — 145 QUILÔMETROS NAS COSTAS DE UMA MASSIVA MASSAS DE GELO, E COMO BULGER E EU FINALMENTE ATERRISSAMOS NAS MARGENS DE UM RIO MARAVILHOSO. — COMO O DIA AMANHECEU NESTE MUNDO SUBTERRÂNEO.

Capítulo C1

EM QUE VOCÊ LERÁ SOBRE AS GLORIOSAS CAVERNAS DE MÁRMORE BRANCO À BEIRA DO MARAVILHOSO RIO.

— NOS TRÓPICOS DO MUNDO SUBTERRÂNEO. — COMO ENCONTRAMOS UM VAGABUNDO SOLITÁRIO NAS MARGENS DO RIO. MINHA CONVERSA COM ELE E MINHA ALEGRIA AO ME ENCONTRAR NA TERRA DOS RATTLEBRAINS, OU DOS FELIZES ESQUECIDOS. — BREVE DESCRIÇÃO DELES.

Capítulo C2

COMO ENTRAMOS NA TERRA DOS FELIZES ESQUECIDOS. — ALGO MAIS SOBRE ESTE POVO CURIOSO. — O MEDO QUE BULGER E EU LHE INSPIRAMOS. — SÓ NOS FOI CONCEDIDA UMA ESTADIA DE UM DIA. — DESCRIÇÃO DAS AGRADÁVEIS CASAS DOS FELIZES ESQUECIDOS. — A PORTA GIRATÓRIA ATRAVÉS DA QUAL BULGER E EU SOMOS EXPULSOS SEM CERIMÔNIAS DO DOMÍNIO DOS RATTLEBRAINS. — TUDO SOBRE AS COISAS EXTRAORDINÁRIAS QUE ACONTECERAM A BULGER E A MIM DEPOIS DISSO. — MAIS UMA VEZ AO AR LIVRE DO MUNDO SUPERIOR E, EM SEGUIDA, DE VOLTA PARA CASA.

NOTÍCIA BIOGRÁFICA DE MILHELM HEINRICH SEBASTIAN VON TROOMP COMUMMENTE CHAMADO DE PEQUENO BARÃO TRUMP

Como os céticos parecem ter um prazer especial em aparecer em todas as ocasiões, como bonecos de mola, talvez seja melhor antecipar-se a eles neste caso específico, provando que o Barão Trump era um barão de verdade, e não um mero barão da imaginação. A família era originalmente huguenote francesa — De la Trompe — que, após a revogação do Édito de Nantes em 1685, refugiou-se na Holanda, onde seu chefe assumiu o nome de Van der Troomp, assim como muitos outros protestantes franceses transformaram seus nomes em holandeses. Alguns anos mais tarde, a convite do Eleitor de Brandemburgo, Niklas Van der Troomp tornou-se súdito desse príncipe e comprou uma grande propriedade na província da Pomerânia, mudando novamente o seu nome, desta vez para Von Troomp.

O "Pequeno Barão", assim chamado devido à sua estatura diminuta, nasceu em algum momento da segunda metade do século XVII. Ele era o último de sua linhagem direta, embora seus primos sejam hoje membros conhecidos da nobreza da Pomerânia. Começou suas viagens muito jovem e encheu seu castelo com objetos estranhos que colecionava aqui e ali nos cantos mais remotos do mundo, de modo que os camponeses ingênuos passaram a vê-lo como meio magnata, meio mágico — daí o surgimento de muitos mitos e histórias fantásticas sobre esse incansável viajante. A data de sua morte não pode ser determinada com certeza, mas isto se pode dizer: entre os retratos de notáveis da Pomerânia pendurados na Rathhaus em Stettin, há um que retrata um homem de baixa estatura e com uma cabeça muito grande para o corpo. Ele está vestido com um traje estranho e segura na mão esquerda uma imagem grotesca em marfim, esculpida com grande habilidade. O rosto largo é cheio de inteligência e os grandes olhos cinzentos brilham com

um olhar bondoso, mas interrogativo, que invariavelmente atrai a atenção. A mão direita do homem repousa sobre o dorso de um cão sentado sobre uma mesa e olhando diretamente para frente com um ar de dignidade que mostra que ele sabia que estava posando para o retrato.

Se um visitante pergunta ao guia quem é esse homem, ele sempre responde: —

"Ah, esse é o Pequeno Barão!"

Mas quem é o Pequeno Barão, essa é a questão?

Por que não poderia ser o famoso Wilhelm Heinrich Sebastian von Troomp, comumente chamado de "Pequeno Barão Trump", e seu maravilhoso cão Bulger?

ONLY AUTHENTIC PORTRAIT OF
WILHELM HEINRICH SEBASTIAN VON TROOMP
(FROM THE OIL PAINTING).

Ilustrações

Único retrato autêntico de Wilhelm Heinrich Sebastian von Troomp (a partir da pintura a óleo)
Partida do Castelo Trump
Ao longo de uma estrada do submundo
Diante de Sua Majestade Galaxa, Rainha dos Mikkamenkies
Um jantar facilmente providenciado
A princesa Crystallina revela seu coração O coração de Crystallina em uma tela
Bulger separa seu mestre da princesa Crystallina
O povo Formifolk experimenta o batimento do coração do Barão por telefone Barrel Brow envolvido na leitura de quatro livros ao mesmo tempo
Uma donzela Soodopsy lendo seu poeta favorito A tartaruga gigante que devorou Pouting Lip navegando para longe da terra dos Soodopsies A batalha pela vida com os caranguejos brancos
O homenzinho com o sorriso congelado
Bulger mostra ao Barão algo maravilhoso A fuga do Barão para o Palácio de Gelo
A morte de Fuffcoojah
Pedreiros Koltykwerpianos abrindo uma passagem na parede de gelo A maravilhosa viagem no bloco de gelo
Os trópicos do submundo através da porta giratória Preso nos braços da torrente

Arremessado para a luz do sol

Capítulo 1

BULGER ESTÁ MUITO IRRITADO COM A FAMILIARIDADE DOS CÃES DA VILA E A PRESUNÇÃO DOS GATOS DA CASA. — SUA SAÚDE SOFRE COM ISSO, E ELE ME IMPLORA PARA RETOMAR MINHAS VIAGENS. CONCORDO PRONTAMENTE, POIS TINHA LIDO SOBRE O MUNDO DENTRO DE UM MUNDO EM UM MANUSCRITO ANTIGO E MOFADO, ESCRITO PELO ERUDITO DON FUM. — ENTREVISTAS DE DESPEDIDA COM O BARÃO ANCIÃO E A GRAÇOSA BARONESA, MINHA MÃE. — PREPARATIVOS PARA A PARTIDA.

Bulger não estava em si, queridos amigos. Havia um olhar apagado em seus olhos, e sua cauda respondia com um abanar sem entusiasmo quando eu falava com ele. Digo sem entusiasmo, pois sempre tive a impressão de que a outra ponta da cauda de Bulger estava presa ao seu coração. Seu apetite também havia diminuído junto com seu ânimo, e ele raramente fazia mais do que cheirar a comida delicada que eu colocava diante dele, embora eu tentasse tentá-lo com fígados de frango fritos e cristas de galo torradas — dois de seus pratos favoritos.

Havia evidentemente algo em sua mente, mas nunca me ocorreu o que poderia ser; para ser sincero, era algo que eu jamais teria imaginado encontrar ali.

Talvez eu tivesse descoberto mais cedo do que se tratava, se não fosse pelo fato de que, naquela época, eu estava muito ocupado, ocupado demais, na verdade, para prestar muita atenção em alguém, nem mesmo no meu querido irmão adotivo de quatro patas. Como vocês devem se lembrar, queridos amigos, meu cérebro é muito ativo; e quando me interesso por um assunto, até o Castelo Trump poderia pegar fogo e queimar até que as pernas da minha cadeira ficassem carbonizadas antes que eu ouvisse o barulho e a confusão, ou mesmo sentisse o cheiro da fumaça.

Aconteceu que, na época em que Bulger estava de mau humor, o barão mais velho, graças à gentileza de um velho amigo de escola, entrou em posse de um manuscrito do século XV, da autoria de um pensador e filósofo não menos célebre do que o erudito espanhol Don Constantino Bartolomeo Strepholofidgeguaneriusfum, comumente conhecido entre os estudiosos como Don Fum, intitulado "Um mundo dentro de um mundo". Nessa obra, Don Fum apresentava a maravilhosa teoria de que há todas as razões para acreditar que o interior do nosso mundo é habitado; que, como é bem sabido, esta vasta bola terrestre não é sólida, pelo contrário, sendo em muitos lugares bastante oca; que há muito tempo atrás teriam ocorrido terríveis perturbações na sua superfície, levando os habitantes a procurar refúgio nestas vastas câmaras subterrâneas, tão vastas, na verdade, que merecem o nome de "Um Mundo dentro de um Mundo".

Este livro, com suas páginas amassadas, rasgadas e manchadas pelo tempo, exalando odores de cripta abobadada e baú comido por vermes, exerceu um fascínio peculiar sobre mim. Durante todo o dia, e muitas vezes até tarde da noite, eu ficava sentado debruçado sobre suas páginas mofadas e bolorentas, esquecendo-me completamente do mundo superficial, com o pensamento sondando essas profundezas subterrâneas e com os olhos e os ouvidos da imaginação visitando-as, contemplando e ouvindo os moradores que ali viviam.

Enquanto eu estava assim ocupado, a posição favorita de Bulger era em uma almofada de couro curiosamente bordada, trazida do Oriente por mim em uma de minhas viagens e agora colocada na extremidade da minha mesa de trabalho, mais próxima da janela. Desse ponto privilegiado, Bulger tinha uma vista completa do parque, do terraço e da alameda que levava à *porte cochère.* Nada escapava ao seu olhar atento. Ali ficava sentado, hora após hora, divertindo-se ao observar as idas e vindas de todo tipo de gente, desde vendedores ambulantes de bugigangas até as pessoas mais nobres do condado. Um dia, minha atenção foi atraída por ele, que de repente saltou da almofada e soltou um grunhido de descontentamento. Não dei muita importância, mas, para minha surpresa, no dia seguinte, mais ou menos na mesma hora, isso aconteceu novamente.

Minha curiosidade estava agora completamente despertada; e, largando o manuscrito empoeirado de Don Fum, corri para a janela para descobrir a causa da irritação de Bulger.

Eis que o segredo foi revelado! Ali estavam meia dúzia de cães vira-latas pertencentes aos inquilinos das terras do barão, olhando para a janela e, com seus latidos e travessuras, tentando atrair Bulger para brincar. Caros amigos, preciso garantir que tal familiaridade era extremamente desagradável para Bulger? A insolência deles era um pouco mais do que ele podia suportar. Tocando a campainha, ordenei ao meu criado que os

amigos, preciso dizer que tal familiaridade era extremamente desagradável para Bulger? A insolência deles era um pouco mais do que ele podia suportar. Tocando a campainha, mandei meu criado afugentá-los. Então Bulger consentiu em voltar para o seu lugar junto à janela.

Na manhã seguinte, assim que me acomodei para uma boa e longa leitura, quase me assustei com Bulger entrando na sala com os olhos brilhando de raiva e os dentes à mostra. Agarrando a barra do meu roupão, ele deu um puxão bastante violento, o que significava: "Deixe o livro de lado, senhorinho, e siga-me".

Eu obedeci. Ele me levou escada abaixo, atravessou o corredor e entrou na sala de jantar, e então a nova causa de seu descontentamento ficou muito clara para mim. Agrupados em torno de seu prato de prata, estavam um gato malhado idoso e quatro gatinhos, todos calmamente lambendo ou chupando seu café da manhã. Olhando para o meu rosto, ele soltou um uivo agudo e queixoso, como se dissesse: "Aí, senhorinho, olhe isso. Não é o suficiente para perturbar a paciência de um santo? Você pode se surpreender que eu não esteja feliz com todas essas coisas desagradáveis acontecendo comigo? Eu lhe digo, pequeno mestre, é demais para a carne e o sangue suportarem."

E eu também achava isso, e fiz tudo ao meu alcance para confortar meu pequeno amigo infeliz; mas imagine minha surpresa ao chegar ao meu quarto e mandá-lo ocupar seu lugar na almofada, e vê-lo recusar-se a obedecer.

Foi algo extraordinário, que me fez pensar. Ele percebeu isso e deu um latido alegre, depois correu para o meu quarto. Ficou fora por alguns instantes e voltou com um par de sapatos orientais na boca, que colocou aos meus pés. Desapareceu várias vezes, voltando sempre com alguma peça de roupa na boca. Em poucos instantes, ele havia colocado uma roupa oriental completa no chão diante dos meus olhos; e vocês acreditariam, queridos amigos, que era o mesmo traje que eu havia usado em minhas últimas viagens a terras distantes, quando ele e eu naufragamos na Ilha de Gogulah, a terra dos Corpos Redondos. O que tudo isso significava? Ora, isso, com certeza: —

"Pequeno mestre, não compreende o seu querido Bulger? Ele está cansado desta existência monótona e sem espírito. Está cansado da familiaridade crescente por parte destes cães vira-latas da vizinhança e da audácia destas gatas de cozinha e das suas famílias. Ele implora-lhe que rompa com esta vida de devaneios e inação e que, pela honra dos Trumps,

levantar e partir novamente.” Abaixando-me e envolvendo meu querido Bulger com os braços, gritei:

“Sim, agora eu te entendo, fiel companheiro; e prometo que, antes que a lua encha seus chifres, daremos as costas ao Castelo Trump e partiremos em busca dos portais do Mundo dentro do Mundo de Don Fum.” Ao ouvir essas palavras, Bulger começou a latir de forma selvagem e enlouquecida, pulando de um lado para outro como se o próprio espírito da travessura tivesse repentinamente se instalado em seu coração. No meio dessas brincadeiras loucas, uma batida baixa na porta do meu quarto me fez gritar:

“Calma, calma, bom Bulger, alguém está batendo. Calma, eu disse.”

Era o barão mais velho. Com ar sombrio e passos majestosos, ele avançou e sentou-se ao meu lado no dossel.

“Bem-vindo, pai honrado!”, exclamei, tomando sua mão e levando-a aos meus lábios. “Eu estava prestes a procurá-lo.”

Ele sorriu e disse:

“Bem, pequeno barão, o que achas do Mundo dentro do Mundo de Don Fum?”

“Acho, meu senhor”, foi minha resposta, “que Don Fum está certo: que tal mundo deve existir; e, com o seu consentimento, é minha intenção partir em busca de seus portais com toda a segurança e rapidez, assim que minha querida mãe, a graciosa baronesa, conseguir se despedir de mim.”

O barão mais velho ficou em silêncio por um momento e depois acrescentou: “Pequeno barão, por mais que sua mãe e eu temamos pensar em você novamente fora da proteção segura deste venerável teto, cujas telhas cobertas de musgo abrigaram tantas gerações dos Trumps, não devemos ser egoístas nesta questão. Deus nos livre de que tal pensamento nos leve a impedir-te de partir! A honra da nossa família e a tua fama como explorador de terras estranhas nos confins do globo exigem que sejamos fortes. Portanto, meu querido menino, prepara-te e parte mais uma vez em busca de novas maravilhas. O mapa do erudito Don Fum será para ti um conselheiro seguro e fiel. Lembre-se, pequeno barão, do lema dos Trumps, *Per Ardua ad Astra* — o caminho para a glória está repleto de armadilhas e perigos — mas o pensamento reconfortante será sempre meu, que quando sua inteligência perspicaz falhar, o instinto infalível de Bulger estará lá para guiá-lo.

Quando me abaixei para beijar a mão do velho barão, a graciosa baronesa entrou na sala.

Bulger se apressou em levantar-se sobre as patas traseiras e lamber a mão dela em sinal de saudação respeitosa. As lágrimas pressionavam fortemente suas pálpebras, mas ela as conteve e, envolvendo meu pescoço com seus braços amorosos, deu-me muitos beijos nas bochechas e na testa.

"Eu sei o que tudo isso significa, meu querido filho", murmurou ela com o mais triste dos sorrisos; "mas nunca se dirá que a baronesa Gertrude von Trump impediu seu filho de acrescentar novas glórias ao brasão da família. Vá, vá, pequeno barão, e que o céu o traga de volta em segurança para nossos braços e nossos corações no tempo certo."

Ao ouvir essas palavras, Bulger, que estava ouvindo a conversa com as orelhas em pé e os olhos brilhantes, deu um longo uivo de alegria e, em seguida, pulou no meu colo e cobriu meu rosto de beijos. Feito isso, ele expressou sua felicidade com uma série de latidos ensurdecedores e uma série de cambalhotas loucas. Foi um dos dias mais felizes e orgulhosos de sua vida, pois sentiu que havia exercido uma influência considerável em reforçar minha decisão de partir em minha viagem mais uma vez.

E agora o barulho de passos apressados e o murmúrio alto de vozes ansiosas ressoavam pelos corredores do castelo, enquanto dentro e fora eu podia ouvir, de vez em quando, o grito ora sussurrado, ora em voz alta:

"O pequeno barão está se preparando para sair de casa novamente."

Bulger corria de um lado para outro, observando tudo, tomando nota de todos os preparativos, e eu podia ouvir seu latido alegre ao ver algum objeto familiar que eu usava em minhas viagens anteriores ser retirado de seu esconderijo.

Vinte vezes por dia, minha gentil mãe vinha ao meu quarto para repetir alguns bons conselhos ou reiterar algumas advertências valiosas. Parecia-me que nunca a tinha visto tão calma, tão imponente, tão amável.

Ela estava muito orgulhosa do meu grande nome e, na verdade, todos os homens, mulheres e crianças do castelo também estavam. Se eu não tivesse partido como parti, teria sido literalmente morto de tanta gentileza e Bulger teria sido morto com bolos doces.

Capítulo 2

AS INSTRUÇÕES MISTERIOSAS DE DON FUM. — BULGER E EU PARTIMOS PARA PETERSBURGO E DE LÁ SEGUIMOS PARA ARCHANGEL. — A HISTÓRIA DA NOSSA VIAGEM ATÉ ILITCH, NO ILITCH. — IVAN, O CARREGADOR. — COMO SEGUIMOS PARA O NORTE EM BUSCA DOS PORTÕES PARA O MUNDO DENTRO DO MUNDO. — A AMEAÇA DE IVAN. — A DESCONFIANÇA DE BULGER EM RELAÇÃO AO HOMEM E OUTRAS COISAS.

De acordo com o manuscrito do erudito Don Fum, os portais para o Mundo dentro de um Mundo estavam situados em algum lugar no norte da Rússia, possivelmente, segundo ele, a julgar por todas as indicações, em algum lugar na encosta oeste dos Urais superiores. Mas o grande pensador não conseguiu localizá-los com precisão. “O povo te dirá” era a frase misteriosa que aparecia repetidamente nas páginas mofadas desse maravilhoso escrito. “O povo te dirá.” Ah, mas que povo teria conhecimento suficiente para me dizer isso? Era a pergunta que me torturava, dormindo e acordado, ao amanhecer, ao meio-dia e ao pôr do sol; ao cantar do galo e nas horas silenciosas da noite.

“O povo lhe dirá”, disse o erudito Don Fum.

“Ah, mas que povo me dirá onde encontrar os portais para o Mundo dentro do Mundo?”

Até então, em minhas viagens, eu havia escolhido um traje semi-oriental, tanto por sua beleza quanto por sua leveza e calor, mas agora, como estava prestes a atravessar a Rússia por vários meses, resolvi vestir o traje nacional russo; pois, falando russo fluentemente, assim como mais de vinte idiomas vivos e mortos, eu poderia ir e vir sem precisar mostrar meu passaporte o tempo todo, nem ter meus pensamentos constantemente perturbados por companheiros de viagem curiosos

— algo muito importante para mim, pois minha mente possuía o extraordinário poder de resolver automaticamente qualquer tarefa que eu lhe atribuísse, desde que não fosse repentinamente desviada do seu curso por alguma interrupção ridícula. Por exemplo, eu estava prestes a descobrir o movimento perpétuo quando a graciosa baronesa abriu de repente a porta e me perguntou se eu tinha cortado as unhas dos dedos dos pés, pois ela tinha observado que eu tinha feito buracos em vários pares das minhas melhores meias.

Era meados de fevereiro quando parti do Castelo Trump e viajei dia e noite para chegar a Petersburgo no dia primeiro de março, pois sabia que os trens do governo partiriam daquela cidade para o Mar Branco durante a primeira semana daquele mês. Bulger e eu estávamos com a saúde e o ânimo em ótimo estado, e o cansaço da viagem não nos afetou nem um pouco. No momento em que cheguei à capital russa, solicitei ao imperador permissão para embarcar em um dos trens do governo, o que me foi concedido com muita gentileza. Nossa rota seguiu quase diretamente para o norte por vários dias, ao final dos quais chegamos às margens do Lago Ladoga. Atravessamos o lago sobre o gelo com nossos trenós, assim como fizemos alguns dias depois com o Lago Onega. De lá, novamente por terra, seguimos nosso caminho até chegar à baía de Onega, que também atravessamos sobre o gelo, chegando assim à estação de mesmo nome, onde paramos por um dia para dar aos nossos cavalos um merecido descanso. Desse ponto, seguimos em linha reta pelos campos nevados até Arkhangelsk, um importante entreposto comercial no Mar Branco.

Como este era o destino do comboio do governo, despedi-me do seu comandante após alguns dias de agradável estadia na casa do governo e parti, acompanhado apenas pelo meu fiel Bulger e dois criados que me tinham sido atribuídos pelo comissário imperial.

DEPARTURE FROM CASTLE TRUMP.

Meu caminho agora me levava rio Dwina acima até Solvitchegodsk; dali, segui meu caminho pelas águas congeladas do rio Witchegda até chegarmos ao posto governamental de Yarensk e, a partir daí, seguimos em direção ao leste até que nossos pequenos e resistentes cavalos nos arrastaram até a pitoresca vila de Ilitch, no rio Ilitch. Aqui fomos

obrigados a abandonar nossos trenós, pois a neve havia desaparecido como por magia, revelando longas vistas de campos verdes, que em poucos dias o sol de maio salpicou com flores e arbustos perfumados. Em Ilitch, fui obrigado a dispensar do meu serviço os dois fiéis servos do governo que me acompanharam desde Arkhangelsk, pois eles haviam chegado ao ponto mais ocidental que lhes fora encomendado visitar. Eu me afeiço

"Mas nem mais um passo, pequeno barão!", disse o homem com determinação. Eu estava agora realmente no sopé das montanhas do norte dos Urais, pois os cumes rochosos e os picos cobertos de neve estavam à vista.

Lancei muitos olhares melancólicos para as regiões selvagens cercadas por paredes íngremes e parapeitos, cobertas de pinheiros negros e espinhosos, pois uma voz baixa e misteriosa sussurrava em meu ouvido que, em algum lugar, ah, em algum lugar naquela terrível selva, eu um dia encontraria os portões do Mundo dentro do Mundo! Apesar de todos os meus esforços, Bulger passou a detestar Ivan, e Ivan a ele; e se o acordo não tivesse sido feito e o dinheiro pago, eu teria procurado outro cocheiro. No entanto, teria sido uma tolice, pois Ivan tinha dois cavalos excelentes, como pude ver à primeira vista, e, além disso, cuidava muito bem deles, esfregando-os em cada parada até ficarem completamente secos e nunca pensando em seu próprio jantar até que eles fossem abeberados e alimentados.

Sua tarantassa também era nova, bem construída e bem equipada com cobertores macios, no geral tão confortável quanto se pode fazer uma carroça que não tem outras molas além dos dois longos suportes de madeira que vão de um eixo ao outro. É verdade que eram um pouco elásticas, mas pude notar que Bulger não gostava muito de andar nesse curioso veículo com seu andar barulhento e irregular pelas estradas montanhosas, e muitas vezes pediu permissão para saltar e seguir a pé.

Por fim, Ivan informou que tudo estava pronto para a partida; e embora eu desejasse partir de Ilitch no Ilitch da maneira mais discreta possível, toda a aldeia saiu para se despedir de nós — a família de Ivan, pai, mãe, irmãs e irmãos, esposa e filhos, tios

tias e primos, que sozinhos eram suficientes para povoar uma pequena cidade. Eles aplaudiram e acenaram com seus lenços, Bulger latia, e eu sorria e levantava meu chapéu com toda a dignidade de um Trump. E assim finalmente partimos de Ilitch, em Ilitch, Ivan na caixa, Bulger e eu na parte de trás, sentados juntos como dois irmãos que éramos — dois peitos com um único batimento cardíaco e dois cérebros ocupados com o mesmo pensamento — que viessem perigos ou ataques repentinos, perigos ocultos ou ataques ousados e abertos, ficaríamos juntos e cairíamos juntos! Muitas e muitas vezes, enquanto os cavalos de Ivan subiam lentamente os longos trechos da estrada montanhosa e eu estava deitado no assento almofadado da tarantassa com um cobertor enrolado como travesseiro, eu me pegava repetindo inconscientemente aquelas palavras misteriosas de Don Fum: —

"O povo lhe dirá! O povo lhe dirá!"

As estradas eram tão íngremes que alguns dias não conseguíamos percorrer mais do que cinco milhas, e noutros era necessário fazer uma paragem de várias horas para que Ivan pudesse apertar as ferraduras dos cavalos, lubrificar os eixos ou fazer alguma coisa necessária na carroça ou à sua volta. Era um trabalho lento, sim, muito lento e tedioso, mas que importa quantas ou quão grandes são as dificuldades para um homem que decidiu cumprir uma determinada tarefa? Será que as cegonhas ou os gansos selvagens param para contar os milhares de quilômetros que os separam de seus lares distantes quando chega a hora de voltar para o sul? Será que as formigas marrons param para contar as centenas de milhares de grãos de areia que precisam carregar por seus longos corredores e passagens sinuosas antes de cavar fundo o suficiente para escapar da geada do inverno?

Houve muitos Trumps, mas nunca um que levantasse os braços e gritasse: "Eu me rendo". E eu deveria ser o primeiro a fazer isso? "Nunca! Nem mesmo se isso significasse nunca mais ver o querido e velho Castelo Trump!"

Certa manhã, enquanto subíamos em ziguezague por um trecho particularmente difícil da estrada da montanha, Ivan de repente se virou e, sem nem mesmo tirar o chapéu, gritou:

"Pequeno barão, hoje eu cubro a última milha das cem. Se quiseres ir mais para o norte, terás que contratar outro cocheiro; ouviste?"

"Silêncio!", disse eu severamente, pois o sujeito havia interrompido um pensamento muito importante.

Bulger também se ressentiu da insolência do homem, rosnando e mostrando os dentes.

“Mas, pequeno barão, ouve a razão”, continuou ele num tom mais respeitoso, tirando o boné; “o meu povo espera-me de volta. Prometi ao meu pai — sou um filho obediente — eu —”

“Não, não, Ivan”, interrompi bruscamente, “controle essa sua língua, para que ela não prejudique sua alma. Saiba, então, que conversei com seu pai, e ele me prometeu que você deveria percorrer mais duzentos quilômetros comigo, se necessário, mas com a condição de que eu lhe pagasse o dobro. Assim será feito, e ainda por cima um belo presente para sua *golubtchika* (querida)”.

“Pequeno barão, você é um mestre severo”, choramingou o homem. “Se lhe desse na telha, você me mandaria pular no Poço dos Gigantes só para ver se tem fundo ou não. São Nicolau, salve-me!”

“Não, Ivan”, disse eu gentilmente, “não conheço a palavra crueldade, embora confesse que às vezes o que é certo parece duro, mas tu nasceste para servir e eu para comandar. A Providência fez de ti pobre e de mim rico. Precisamos um do outro. Cumpre o teu dever e verás que sou justo e atencioso. Desobedece-me e descobrirás que este braço curto pode esticar-se de Ilitch até São Petersburgo.”

Ivan empalideceu com a minha ameaça velada, mas achei necessário fazê-la, pois tanto eu como Bulger pressentíamos traição e rebelião neste homem rude, cuja única boa qualidade era o amor pelos seus cavalos, e sempre foi minha regra na vida abrir bem os olhos para o que há de bom num homem e fechá-los para as suas falhas. Mas, apesar das palavras gentis e do tratamento cordial, Ivan ficou mais taciturno e mal-humorado assim que passamos a centésima milha.

Bulger observava-o com um olhar tão firme e pensativo que o homem quase se encolheu diante dele. A cada hora que passava, ele ficava mais e mais inquieto e, ao sair de uma taberna à beira da estrada, pela primeira vez desde que deixamos Ilitch no Ilitch, notei que o sujeito havia bebido muito *kwass*. Ele soltou a língua e levantou a mão contra seus cavalos, que até aquele momento ele costumava carregar com carícias e apelidos.

“Cuidado com o seu cocheiro, pequeno barão”, sussurrou o taberneiro. “Ele está imprudente. Não pararia nem que o Poço dos Gigantes estivesse

estivesse aberto na frente dele. Que São Nicolau te proteja!”

Capítulo C

IVAN CADA VEZ MAIS PROBLEMÁTICO. — BULGER O OBSERVA DE PERTO. — SEU ATAQUE COVARDE CONTRA MIM. — MEU FIEL BULGER VEM EM MEU SOCORRO. — UM COCHEIRO QUE VALE A PENA TER. — COMO FUI LEVADO PARA UM LUGAR SEGURO. — NAS MÃOS DA VELHA YULIANA. — O POÇO DOS GIGANTES.

Quando paramos para passar a noite, só consegui convencer o homem a secar os cavalos e alimentá-los e dar-lhes água adequadamente ameaçando-o com um castigo severo quando voltasse a Ilitch; mas fiquei de olho nele até que terminasse o trabalho, pois sabia que não se podia conseguir cavalos assim por amor ou dinheiro naquela região, e se ficassem mancos por ficarem com a pelagem molhada no ar frio da noite, isso poderia significar um atraso de uma semana.

Mal me deitei no colchão duro que o estalajadeiro chamava de melhor cama da casa, fui acordado por uma conversa alta e barulhenta no quarto ao lado. Ivan estava bebendo e brigando com os aldeões. Entrei no quarto com os olhos lançando flechas de indignação, e o fiel Bulger logo atrás de mim.

No momento em que Ivan nos viu, recuou, meio sério, meio brincando, e gritou:

"Ei, olhem para o *mazuntchick*! [Pequeno dândi!] Como ele está elegante! Ele me assusta! Vejam os olhos dele, como brilham no escuro! Olhem para o pequeno demônio de quatro patas ao lado dele! Salvem-me, irmãos! Salvem-me — ele vai me jogar no Poço dos Gigantes! Marianka nunca mais vai me ver! Nunca! Salvem-me, irmãos!"

"Paz, companheiro", gritei severamente. "Como ousa usar sua inteligência limitada com seu mestre? Vá para a cama imediatamente, ou mandarei o policial da vila chicoteá-lo por embriaguez."

Ivan subiu no forno e se esticou sobre uma pele de carneiro; então, voltando-me para o taberneiro, proibi-o sob qualquer pretexto de dar mais bebida ao meu servo. *"Ah, Vasha prevoskhoditelstvo* [Ah, Vossa Excelência!]", exclamou o taberneiro com um gesto de repulsa, "os tolos nunca sabem quando já beberam o suficiente. Não importa o que o taberneiro lhes diga. Eles nos dizem para não estragar nosso próprio negócio. Ah! Eles não sabem quando parar. Têm gargantas tão profundas quanto o 'Poço dos Gigantes'!"

"O Poço dos Gigantes! O Poço dos Gigantes!", murmurei para mim mesmo, enquanto me deitava novamente sobre o saco de feno que servia de colchão para aqueles que podiam pagar por ele. É estranho como essas palavras parecem estar na boca de todos os camponeses, mas não pensei mais nisso naquele momento. O sono levou a melhor e, com meu habitual boa noite ao barão mais velho e à graciosa baronesa, minha mãe, caí em um doce esquecimento.

Ainda bem que eu tinha o poder de adormecer quase à vontade, pois com meu cérebro inquieto pulsando e vibrando com sua própria força excessiva, batendo nas finas placas de osso que o cobriam, como um inventor aprisionado batendo na porta de sua cela e implorando para ser solto à luz do dia com seus planos e esquemas, eu simplesmente teria enlouquecido.

Assim, com o mero poder do pensamento, ordenei que o doce sono viesse em meu socorro, e tão obediente era esse meu bom anjo que tudo o que eu precisava fazer era simplesmente definir a hora em que desejava acordar, e a coisa era feita no minuto exato.

Quanto a Bulger, nunca pretendi estabelecer regras para ele. Ele tinha o hábito de tirar um cochilo quando estava convencido de que nenhum perigo me ameaçava e, mesmo assim, estou quase inclinado a acreditar que, como uma mãe ansiosa por seu bebê, ele nunca fechava os dois olhos ao mesmo tempo.

Embora totalmente sóbrio ao amanhecer, Ivan começou a tarefa de atrelar os cavalos com tanta relutância que fui obrigado a repreendê-lo várias vezes antes de sairmos do pátio da taverna. Ele parecia um animal feroz, mas covarde, que se encolhe diante de um olhar forte e firme, mas fica à espreita para atacar quando você vira as costas.

Não só chamei a atenção de Bulger para as ações do sujeito e o avisei para ficar muito atento, mas também tomei a precaução de examinar o gatilho das duas pistolas espanholas que carregava enfiadas no cinto.

Mal tínhamos entrado na estrada quando um grunhido baixo de Bulger me tirou de um momento de meditação; e esse grunhido foi seguido por um gemido tão ansioso do meu irmão de quatro patas, que ele ergueu os olhos expressivos para mim, que eu olhei rapidamente de um lado para o outro da estrada.

E eis que o traiçoeiro Ivan estava deliberadamente tentando virar a charrete e livrar-se da tarefa forçada de nos transportar mais adiante em nossa viagem.

“Desgraçado!”, gritei, levantando-me e colocando a mão em seu ombro. “Percebo muito claramente o que você tem em mente, mas aviso-lhe solenemente que, se você fizer outra tentativa de virar a carroça, eu o matarei onde você está sentado.”

Como única resposta, e com a rapidez de um raio, ele me desferiu um golpe com a ponta carregada do chicote.

A pancada atingiu-me em cheio na têmpora direita e atirou-me para o fundo da charrete como se fosse um pedaço de chumbo.

Por um instante, o terrível golpe me tirou os sentidos, mas então vi que o covarde vilão havia se virado em seu assento e brandido o chicote de cabo pesado com a intenção de me despachar com um segundo golpe mais certeiro.

Pobre tolo! Ele não contou com o seu anfitrião; pois, com um grito de raiva, Bulger saltou para a garganta dele como uma pedra lançada por uma catapulta e cravou os dentes profundamente na carne do sujeito.

Ele rugiu de agonia e tentou se livrar desse inimigo inesperado, mas em vão.

A essa altura, eu já tinha percebido plenamente o terrível perigo em que Bulger e eu estávamos, pois Ivan havia largado o chicote e estava pegando sua faca.

Mas ele nunca conseguiu agarrá-la, pois um tiro certeiro de uma das minhas pistolas atingiu-lhe o antebraço, pois eu não tinha intenção de tirar a vida do homem, e o quebrou.

O choque e a dor o paralisaram tanto que ele caiu contra o painel, quase desmaiando, e depois rolou completamente para fora da carroça, arrastando Bulger com ele. Os cavalos começaram a empinar e a se debater. Não vi mais nada. Ouvi um barulho como o rugido de águas furiosas em meus ouvidos e, em seguida, a luz da vida se apagou completamente dos meus olhos. Eu havia desmaiado, morto.

Pareceram-me horas que fiquei deitado de costas no fundo da charrete, com a cabeça pendurada para o lado, mas é claro que foram apenas alguns minutos. Fui acordado por uma sensação de formigamento na bochecha esquerda e, ao recuperar lentamente a consciência, descobri que era causada pelo cascalho lançado contra ela por uma das rodas dianteiras da charrete, pois os cavalos galopavam a toda velocidade e lá, no banco do cocheiro, estava meu fiel Bulger, com as rédeas entre os dentes, preparando-se para mantê-las esticadas sobre as costas dos cavalos; e quando me sentei e pressionei a mão contra a minha pobre cabeça ferida, toda a verdade me ocorreu: —

No momento em que Ivan bateu no chão, Bulger soltou o pescoço do sujeito e antes que ele tivesse chance de reviver, saltou para o banco do cocheiro, agarrou as rédeas com os dentes, puxou-as com força e assim pôs fim à investida e à debandada dos animais assustados, fazendo-os seguir seu caminho, deixando Ivan enfurecido, brandindo sua faca e proferindo imprecações contra mim e Bulger, ao ver seus cavalos e sua carroça desaparecerem na distância. Foi então que um grito louco atingiu meus ouvidos e eu avistei meia dúzia de camponeses que, vendo o que pensavam ser uma tarantassa vazia se aproximando cada vez mais com seus cavalos galopantes, abandonaram seu trabalho e correram para interceptá-la.

Julgai o espanto deles, queridos amigos, quando seus olhos se depararam com o cocheiro calmo e habilidoso, apoiando-se no banco da frente e, com repetidos movimentos da cabeça para trás, incitando os cavalos a levar seu amado senhor para longe da faca de Ivan, o traiçoeiro.

Quando os camponeses agarraram os animais pela cabeça e os pararam, eu me levantei cambaleante e joguei meus braços ao redor do meu querido Bulger. Ele estava mais do que satisfeito com o que tinha feito e lambeu minha testa machucada com muitos gemidos lastimosos.

“São Nicolau, salve-nos!”, gritou um dos camponeses, fazendo devotamente o sinal da cruz; “mas se eu viver o suficiente para encher o Poço dos Gigantes

com pedras, nunca esperaria ver algo assim novamente."

"O Poço dos Gigantes, o Poço dos Gigantes!", murmurei para mim mesmo enquanto seguia um dos camponeses até sua cabana, ficando um pouco afastado da estrada, pois precisava muito descansar após a terrível experiência que acabara de passar. O golpe do cabo do chicote de Ivan havia abalado meu cérebro, e eu tinha conhecimentos suficientes de cirurgia para saber que o ferimento precisava de cuidados imediatos. Por sorte, encontrei sob o teto do camponês uma daquelas mulheres idosas, talvez meio bruxas, que têm receitas para tudo e conhecem uma erva para cada doença. Depois de examinar o corte feito pelo cabo do chicote, ela murmurou:

"Não é tão largo quanto a montanha, nem tão profundo quanto o Poço dos Gigantes, mas é grave o suficiente, pequeno mestre."

"O Poço dos Gigantes de novo", pensei, enquanto me deitava na melhor cama que puderam preparar para mim. "Onde será que fica esse Poço dos Gigantes, e quão profundo é, e quem bebe a água que é retirada dele?"

Capítulo 4

MINHA FERIDA CICATRIZA. — YULIANA FALA SOBRE O POÇO DOS GIGANTES. — DECIDO VISITÁ-LO. — PREPARATIVOS PARA ESCALAR AS MONTANHAS. — O QUE ACONTECEU COM YULIANA E COMIGO. — REFLEXÃO E, EM SEGUIDA, AÇÃO. — COMO CONSEGUI CONTINUAR A ESCALADA SEM YULIANA COMO GUIA.

Levou um dia ou mais até que eu conseguisse andar com firmeza e, nesse meio tempo, fiz um esforço incomum para manter minha mente tranquila, mas, apesar de tudo o que eu fazia, cada menção ao Poço dos Gigantes por um dos camponeses me causava um arrepio estranho, e eu me pegava andando de um lado para o outro pelo chão, repetindo sem parar as palavras: “Poço dos Gigantes! Poço dos Gigantes!”. Bulger estava muito perturbado e ficava sentado me observando com um olhar muito confuso em seus olhos amorosos. Acho que ele suspeitava que o golpe cruel do cabo do chicote de Ivan tivesse prejudicado minha capacidade de raciocínio, pois às vezes ele emitia um gemido baixo e lastimoso. No entanto, assim que eu percebia e agia mais como eu mesmo, ele pulava ao meu redor com uma alegria desenfreada. Como eu havia instruído os camponeses a levar os cavalos de Ivan de volta para Ilitch, até que encontrassem aquele malfeitor e os entregassem a ele, eu agora não tinha como continuar minha jornada para o norte, a menos que partisse, como muitos dos meus famosos antecessores, a pé. No entanto, eles tinham pernas mais longas do que eu e não carregavam um cérebro tão pesado em proporção ao seu tamanho, um cérebro que quase nunca dormia, pelo menos não profundamente. Eu estava impaciente demais para chegar aos portões do Mundo dentro do Mundo para seguir caminhando por uma estrada empoeirada. Eu precisava de cavalos e outra tarantassa, ou pelo menos uma carroça de camponês. Eu precisava seguir em frente. Minha cabeça estava completamente curada agora, e minha febre havia passado.

“Escute, pequeno mestre”, sussurrou Yuliana, que era o nome da velha que cuidara de mim, “você não é o que parece. Nunca vi alguém como você antes. Se quisesse, acredito que poderia me dizer

como o céu é alto, como as montanhas são espessas e como é profundo o Poço dos Gigantes".

Eu sorri e disse:

"Você já bebeu da Fonte dos Gigantes, Yuliana?"

Ao que ela balançou a cabeça e soltou uma risada baixa.

"Escute, pequeno mestre", ela sussurrou, aproximando-se de mim e levantando um de seus dedos longos e ossudos, "você não pode me enganar — você sabe que o Poço dos Gigantes não tem fundo".

"Não tem fundo?", repeti sem fôlego, enquanto as palavras misteriosas de Don Fum, "O povo lhe dirá!", passavam pela minha mente. "Não tem fundo, Yuliana?"

"A menos que seus olhos sejam melhores que os meus, pequeno mestre", murmurou ela, balançando a cabeça lentamente.

"Escute, Yuliana", exclamei impetuosamente, "onde fica esse poço sem fundo? Você deve me levar até lá; eu preciso ver. Venha, vamos partir imediatamente. Você será bem recompensada por seu trabalho".

"Não, não, pequeno mestre, não tão rápido", ela respondeu. "É bem no alto das montanhas. O caminho é íngreme e acidentado, as trilhas são estreitas e sinuosas, um passo em falso pode significar a morte instantânea, a menos que haja uma mão forte para te salvar. Desista dessa ideia maluca de chegar lá, a menos que seja nos ombros robustos de algum montanhista."

"Ah, boa mulher", foi minha resposta, "acabaste de dizer que eu não sou o que pareço, e disseste a verdade. Saiba, então, que estás diante do viajante mundialmente famoso, Wilhelm Heinrich Sebastian von Troomp, comumente chamado de 'Pequeno Barão Trump', que embora seja baixo e frágil, o que há em mim é de ferro. Aqui, Yuliana, há ouro para ti; agora mostra-me o caminho para o Poço dos Gigantes."

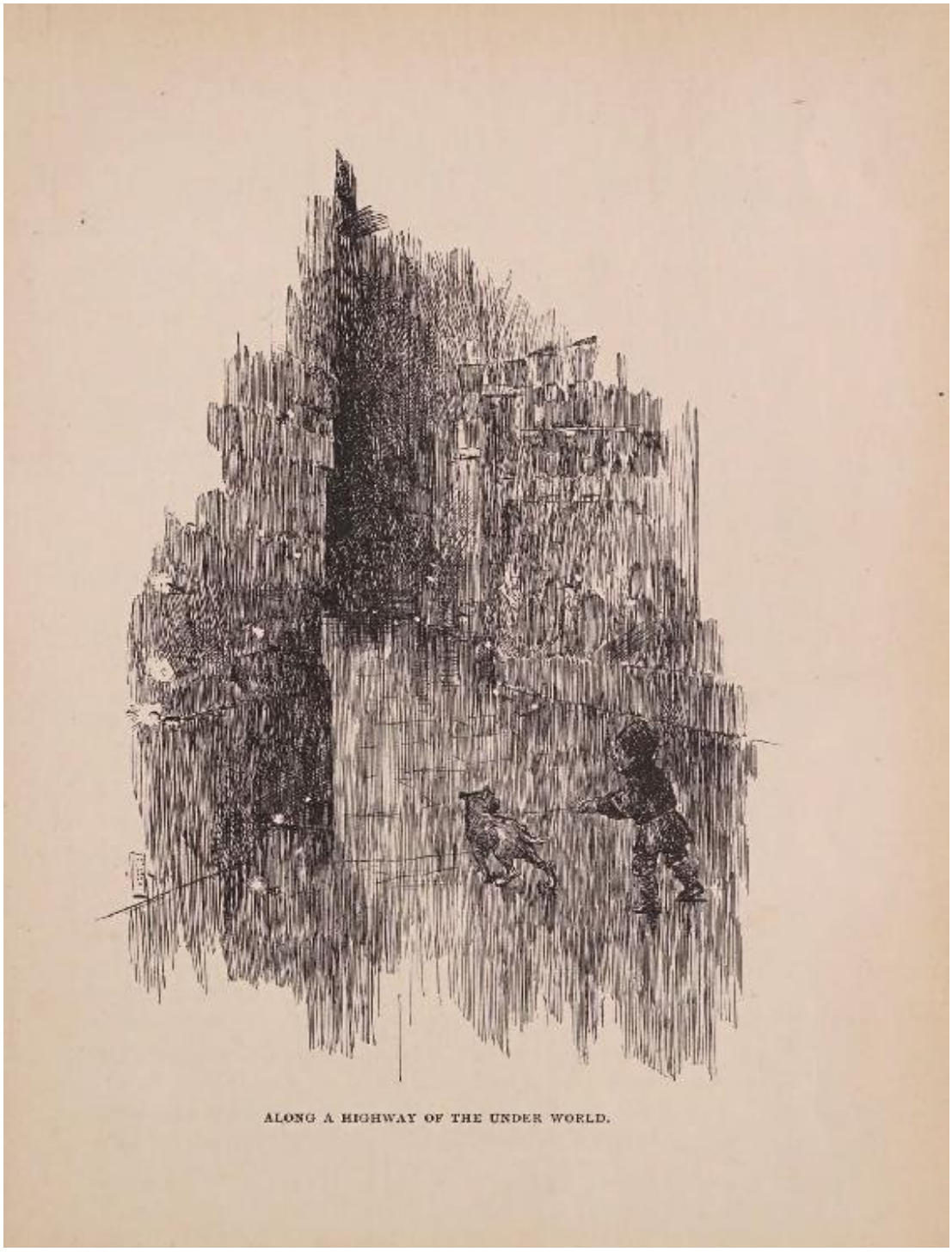
"Com cuidado, com cuidado, pequeno barão", sussurrou a velha camponesa, enquanto sua mão enrugada fechava a moeda de ouro. "Ainda não te contei tudo. Por quilômetros e quilômetros, creio eu, nenhum ser vivo, exceto eu, sabe onde fica o Poço dos Gigantes. Pergunte a eles e eles dirão: 'Fica lá em cima, nas montanhas, bem longe, sob o beiral do céu'. Isso é tudo. É tudo o que podem dizer. Mas, pequeno senhor, eu sei onde fica, e a erva que curou sua cabeça ferida e salvou você da morte certa, refrescando seu sangue, foi colhida

por mim da beira do poço!" Essas palavras me causaram uma onda de alegria, pois agora eu sentia que estava no caminho certo, que as palavras do grande mestre de todos os mestres, Don Fum, se tornaram realidade.

"O povo lhe dirá!"

Sim, o povo já me havia dito, pois agora não havia a menor sombra de dúvida em minha mente de que eu havia encontrado os portais para o Mundo dentro do Mundo! Yuliana deveria ser minha guia. Ela sabia como subir pela passagem estreita, desviar-se das rochas salientes que um simples toque poderia derrubar, encontrar os degraus que a natureza havia esculpido nas laterais dos parapeitos rochosos e seguir seu caminho com segurança por fendas e desfiladeiros, cuja entrada poderia ser invisível a olhos comuns. No entanto, para que os camponeses supersticiosos continuassem amigáveis comigo, eu disse que estava prestes a me dirigir às montanhas em busca de curiosidades para meu gabinete e pedi que me fornecessem cordas e equipamentos, além de dois homens fortes para carregá-los, prometendo uma generosa recompensa pelos serviços.

Eles se apressaram em me fornecer tudo o que eu pedi e partimos para a trilha da montanha ao amanhecer. Yuliana, para não parecer que fazia parte do grupo, seguiu à frente à luz da lua, dizendo ao seu povo que desejava colher certas ervas antes que os raios do sol as atingissem e secassem o orvalho curativo que se formava em suas folhas.



ALONG A HIGHWAY OF THE UNDER WORLD.

Tudo correu bem até o sol estar bem alto sobre nossas cabeças, quando de repente ouvi uma mulher, que era Yuliana, dar um grito lancinante. Em um instante, o mistério foi resolvido. A velha bruxa desceu correndo a montanha, com seus finos fios de cabelo grisalho esvoaçando ao vento. Suas mãos

estavam amarradas atrás das costas e dois jovens camponeses com varas de bétula a batiam sempre que podiam.

"Voltem, voltem, irmãos", gritavam eles para os meus dois homens. "O pequeno feiticeiro ali fez um pacto com essa bruxa velha. Eles estão a caminho do Poço dos Gigantes. Eles vão soltar um bando de espíritos negros sobre nós. Todos seremos enfeitiçados. Rápido! Rápido! Larguem as cargas que estão carregando e sigam-nos."

Os dois homens não esperaram por uma segunda ordem e, jogando o equipamento no chão, desapareceram num piscar de olhos, mas por alguns instantes pude ouvir os gritos da pobre Yuliana enquanto aqueles jovens miseráveis espancavam a velha com suas varas de bétula.

Bem, queridos leitores, o que dizem disso? Eu não estava realmente numa situação agradável? Sozinho com Bulger naquela região montanhosa selvagem e sombria, com as rochas negras penduradas como gigantes carrancudos e ogros sobre nossas cabeças, com os pinheiros anões como cabelos, tufos de musgo branco como olhos, fendas vastas e abertas como bocas e raízes retorcidas e nodosas como dedos terríveis, prontas para alcançar meu pobre e frágil corpo.

Eu caí tremendo? Corri para seguir aqueles espíritos covardes pela encosta da montanha? Abaixei meu nível de coragem nem que fosse um pouquinho?

Não. Se tivesse feito isso, não seria digno do nome que levava. O que fiz foi me jogar de comprido em um leito de musgo, chamar Bulger para ficar ao meu lado e fechar os olhos para o mundo exterior.

Já ouvi falar de grandes homens que se deitam ao meio-dia para se entregarem aos pensamentos, e eu mesmo já tinha feito isso muitas vezes antes de ouvir falar deles.

Em quinze minutos, pelo relógio da natureza — o sol na face da montanha —, eu havia resolvido o problema. Agora, havia duas dificuldades diante de mim: encontrar alguém que me mostrasse o caminho até o topo da montanha e, se essa pessoa não pudesse carregar meu equipamento, encontrar outra que pudesse.

De repente, lembrei-me de ter visto algumas cabeças de gado pastando no sopé da montanha e, além disso, que esse gado usava jugos muito peculiares.

“Para que servem esses jugos?”, perguntei a mim mesmo, pois eram de um tipo completamente diferente de todos os que eu me lembrava de ter visto, e consistiam em um colar de madeira resistente, da parte inferior do qual se projetava para trás, entre as patas dianteiras do animal, um pedaço de madeira reto armado com uma ponta de ferro apontada para o chão. Na parte superior, o jugo era preso aos chifres do animal por uma tira de couro. Assim, enquanto o animal mantinha a cabeça na posição natural ou mesmo abaixada para pastar, o jugo ficava puxado para a frente e o gancho ficava livre do chão, mas no momento em que o animal levantava a cabeça, o gancho era imediatamente lançado no chão, impedindo-o de dar mais um passo à frente. Agora, caros leitores, vocês podem ou não saber que, quando um animal de casco fendido começa a subir uma encosta íngreme, ao contrário de um animal de casco sólido, ele levanta a cabeça em vez de abaixá-la e, portanto, imediatamente me ocorreu que o objetivo desse jugo era impedir que o gado subisse pelas encostas da montanha e se perdesse.

Mas por que eles queriam escalar as encostas da montanha? Simplesmente porque havia algum tipo de grama ou erva crescendo lá em cima que era uma iguaria para eles, e sabendo, como eu bem sabia, os riscos que os animais correm e o cansaço que enfrentam para chegar a um pasto favorito, imediatamente me ocorreu que, se eu lhes desse a possibilidade de alcançar seu alimento favorito, eles ficariam muito felizes em me dar uma carona no caminho.

Dito e feito. Voltei imediatamente sobre meus passos até encontrar um grupo desses animais; e não demorei muitos minutos para soltar os jugos de seus chifres e amarrar os ganchos sob seus corpos, de modo que sua subida pela colina não fosse impedida.

Eles ficaram encantados ao se verem tão inesperadamente libertos do odioso impedimento que lhes permitia apenas ver de longe os pastos cobiçados. Depois de cortar um aguilhão adequado, comecei a subir a montanha novamente, conduzindo meus novos amigos tranquilamente à minha frente.

Ao chegar ao local onde os camponeses supersticiosos haviam jogado o equipamento no chão, comecei a carregá-lo nas costas do animal mais dócil do rebanho e logo estava a caminho novamente.

Capítulo 5

SOBRE e AINDA SOBRE, E ATRAVÉS DAS PEDREIRAS DOS DEMÔNIOS. — COMO O GADO MANTÉM A TRILHA, E COMO CHEGAMOS FINALMENTE À BEIRA DO POÇO DOS GIGANTES. — OS TERRAÇOS SÃO PASSADOS COM SEGURANÇA. — INÍCIO DA DESCIDA AO POÇO PROPRIAMENTE DITO. — TODAS AS DIFICULDADES SUPERADAS. — CHEGAMOS À BEIRA DO FUNIL DE POLIFEMO.

De modo geral, as pessoas com cabeças muito grandes são dotadas pela natureza com um par de pernas bastante finas, mas esse não era o meu caso. Eu fui abençoado com pernas do tipo mais robusto e não tive dificuldade em acompanhar o ritmo dos meus novos amigos de quatro patas que, para minha alegria, não demoraram muito para me convencer de que já haviam estado ali antes. Nem por um instante pararam em qualquer bifurcação do caminho, mas continuaram em movimento, muitas vezes passando por trechos de terreno onde não havia trilha visível, mas encontrando-a novamente com precisão infalível. Apenas uma vez pararam, e foi para saciar a sede em um riacho da montanha, com Bulger e eu seguindo o exemplo deles.

Era evidente para mim que eles tinham em mente um determinado local de pastagem e estavam decididos a não se contentar com nenhum outro; então, deixei-os seguir seu caminho, pois, como ainda estávamos subindo, senti que era perfeitamente seguro seguir seus passos.

Por fim, a encosta da montanha começou a assumir um caráter completamente diferente. Os desfiladeiros ficaram mais estreitos e, às vezes, rochas salientes bloqueavam quase totalmente a luz do sol. Estávamos entrando em uma região de selvageria peculiar, de grandeza fantástica.

Eu já tinha lido muitas vezes sobre o que os viajantes chamavam de “Pedreiras dos Demônios” nos Urais do Norte, mas nunca até então tinha a menor ideia do que essa expressão significava.

Imagine a aparência habitual de ruína e devastação ao redor de uma pedreira trabalhada pelas mãos humanas, depois, em seus pensamentos, conceba cada lasca como um bloco e cada bloco como uma massa; adicione quatro vezes o seu tamanho a cada laje, poste e frontão, e então faça uma torrente poderosa passar pelo local e role, torça e levante tudo em uma confusão selvagem, empilhando tudo um em cima do outro, até que essas águas selvagens construam portais fantásticos para templos ainda mais fantásticos e gargantas selvagens arqueadas com telhados de rocha que parecem pairar tão levemente que um sopro ou um passo poderia derrubá-los com um estrondo terrível e, então, queridos amigos, vocês poderão ter uma vaga ideia da grandiosidade selvagem e terrível da cena que agora se estendia diante de mim.

Será que o gado que agora conduzia Bulger e eu com tanta segurança pela encosta da montanha saberia onde encontrar uma entrada para este deserto de rochas quebradas e, o que era ainda mais importante, saberia, uma vez dentro de seus pátios e corredores sinuosos, seu labirinto escuro de paredes e parapeitos, suas ruas e praças pavimentadas de forma irregular, como se por mãos demoníacas impacientes com a tarefa, como encontrar o caminho de volta?

Queridos amigos, o homem sempre desconfio demais de seus companheiros de quatro patas. Eles têm muito a nos dizer, se tivessem voz para falar. Muitas vezes confiei neles quando isso pareceria imprudente para vocês, e nunca tive motivos para me arrepender.

Assim, Bulger e eu, com corações valentes, seguimos diretamente atrás desses guias silenciosos, embora eu deva confessar que minhas pernas começavam a sentir o terrível esforço a que as submeti; mas resolvi seguir em frente, pelo menos até sairmos da Pedreira dos Demônios, e então parar meu pequeno rebanho e passar o resto do dia e a noite em um merecido descanso.

No entanto, uma vez dentro da pedreira, toda a sensação de cansaço desapareceu, e minha mente agradecida, encantada e fascinada pelo silêncio profundo, pela grandiosidade impressionante, pelas luzes e sombras misteriosas do lugar, me deu novas forças. Por fim, atravessamos essa cidade de silêncio e escuridão e, mais uma vez, emergimos na glória plena do sol da tarde.

De repente, meu pequeno rebanho de gado, balançando a cabeça de forma brincalhona, começou a correr, com Bulger e eu em seus calcanhares. Foi uma corrida louca; mas, queridos amigos, quando ela terminou, tirei meu chapéu de pele e o joguei no ar com um grito selvagem de alegria, e Bulger soltou uma série de latidos e uivos, pois, vejam, o gado estava pastando ali na minha frente, lutando pela vida.

de mim, e quando o hálito deles chegou até mim, meu faro apurado reconheceu o cheiro das ervas que Yuliana havia amarrado na minha cabeça ferida.

Sim, estávamos quase à beira do Poço dos Gigantes, mas eu estava cansado demais para dar mais um passo, cansado demais, na verdade, para comer, embora tivesse um estoque de frutas secas nos bolsos e notasse que os ninhos das aves selvagens estavam bem abastecidos com ovos. Depois de soltar o equipamento das costas do bom animal que o carregara montanha acima para mim, joguei-me no chão e logo adormeci, com meu fiel Bulger enrolado contra o meu peito.

De manhã, o gado não estava em lugar nenhum, mas não me preocupei com isso, pois sabia que a velha Yuliana seria enviada atrás deles assim que fossem dados como desaparecidos. Depois de um café da manhã farto, com meia dúzia de ovos de aves selvagens assados, algumas frutas secas e bagas de gaultéria, Bulger e eu avançamos até a beira do Poço dos Gigantes, ou melhor, até a beira dos vastos terraços de rocha que levavam até ele, cada um com uma altura de dez a quinze metros.

Antes de continuar, queridos amigos, devo pedir que lembrem que sou um especialista no uso de cordas e equipamentos, não havendo nenhum nó, laço ou emenda conhecido por um marinheiro que eu não saiba fazer, o que não é de se admirar, considerando os milhares de quilômetros que viajei pela água.

Também não quero que abanem a cabeça e pareçam pouco convencidos quando continuar a descrever a nossa descida ao Poço dos Gigantes, pois é claro que se perguntarão como consegui baixar o equipamento quando não havia ninguém do outro lado para o desatar!

Saibam, então, que esse foi o menor dos meus problemas; pois, como qualquer marinheiro lhes dirá, basta dar um nó simples, conhecido como “nó de bobo”, em uma das pontas da corda e prender a outra ponta a algo firme. No momento em que você chega ao fundo, basta puxar a corda com força para desatar o nó de bobo, e o equipamento cai atrás de você. Meu método era descer Bulger primeiro e depois descer atrás dele. Dessa forma, avançamos de parapeito em parapeito, até que finalmente chegamos à beira do vasto poço, cuja existência havia sido tão misteriosamente sugerida no manuscrito de Don Fum. Sua boca tinha provavelmente quinze metros de largura e, forçando os olhos, pude ver uma saliência rochosa de um lado, a cerca de vinte e três metros de profundidade, pelo que pude julgar. Era u m a boa

e exigiria todo o comprimento da minha corda. Você não vai sorrir, tenho certeza, quando eu lhe contar que apertei Bulger contra o peito e o beijei carinhosamente antes de descer. Ele retribuiu minhas carícias e, com um latido alegre, me deu a entender que tinha total confiança em seu pequeno dono.

Em poucos instantes, eu me juntei a ele na estreita saliência rochosa. Abaixo de nós agora havia escuridão, mas você acha que eu hesitei? Eu sabia que meus olhos logo se acostumariam à escuridão e também sabia que, quando meus olhos falhassem, os olhos mais aguçados de Bulger estariam lá para me ajudar.

Preparei meu equipamento com muito cuidado, pois estava realmente descendo meu irmãozinho em uma espécie de viagem de descoberta.

Ele logo desapareceu de vista e, apesar da minha calma, respirei fundo e meu coração começou a bater mais forte. Mas ouça! Seu latido rápido e agudo chega claramente até mim. Isso significa que ele pousou em uma saliência ou saliência segura e, no momento seguinte, minhas pernas envolveram a corda e comecei a deslizar silenciosamente para as profundezas tranquilas, com sua voz alegre ecoando em meus ouvidos.

Repetidamente enviei meu irmãozinho sábio e vigilante à minha frente, até que finalmente, parado ali e olhando para cima, nada restava para mim do poderoso mundo exterior, exceto um brilhante ponto prateado, como um minúsculo raio de luz passando por um orifício nas cortinas do seu quarto.

Mas espere, chegamos ao fundo do Poço dos Gigantes? Pois, com uma sonda, descobri que as paredes não são mais verticais; elas se inclinam para dentro, e suavemente, quase tanto que eu mal preciso de uma corda para continuar minha descida. Acendendo uma das minhas pequenas velas, sigo cautelosamente ao redor da borda. Em meia hora, encontro-me de volta ao ponto de partida. A curva do caminho era sempre a mesma, enquanto meu prumo indicava o tempo todo a mesma inclinação da bacia rochosa. E então, pela primeira vez, duas palavras usadas por aquele erudito Mestre dos Mestres, Don Fum, até então um mistério para mim, surgiram diante dos meus olhos como se escritas com uma caneta de fogo nas paredes negras a milhares de metros abaixo do grande mundo de luz que eu havia deixado algumas horas antes. Essas palavras eram “Funil de Polifemo”! Sim, não havia dúvida: eu havia chegado ao fundo do Poço dos Gigantes. Eu estava na beira do Funil de Polifemo!

Capítulo 6

MEU DESESPERO AO DESCOBRIR QUE O CANO DO FUNIL ERA PEQUENO DEMAIS PARA O MEU CORPO. — UM RAIOS DE ESPERANÇA SURGE. — RELATO COMPLETO DE COMO CONSEGUI ENTRAR NO CANO DO FUNIL. — MINHA PASSAGEM POR ELE. — A AJUDA OPORTUNA DE BULGER. — A ESTRADA DE MÁRMORE E ALGUMAS COISAS CURIOSAS SOBRE A ENTRADA PARA O MUNDO DENTRO DE UM MUNDO.

As paredes rochosas do Funil de Polifemo eram aparentemente tão polidas quanto as de qualquer funil de lata que eu já tinha visto pendurado na cozinha do Castelo Trump, então, prendendo meu equipamento e pegando Bulger nos braços, descemos deslizando pela parede com a corda passando por baixo do meu braço por segurança.

Havia quase trinta metros até o fundo, pois eu havia medido todo o comprimento da minha corda antes de chegar ao ápice desse cone gigantesco e, não querendo cair de cabeça no tubo, acendi uma vela e olhei ao redor.

Ah, meus queridos amigos, ainda posso sentir aquele arrepio, tão terrível foi, e não é de se admirar, pois uma olhada no tubo do funil me disse que era pequeno demais para deixar meu corpo passar. O pensamento agonizante passou pela minha mente de que eu havia cometido um erro terrível — que eu havia confundido algum poço enorme com o Poço dos Gigantes, que eu havia jogado fora a vida de Bulger e a minha própria vida em uma pressa louca e irracional, que eu nunca alcançaria o maravilhoso Mundo dentro do Mundo, que ali, naquela escuridão densa, deveríamos deixar nossos corpos e ossos.

Ou, pensei, será que o erudito Mestre dos Mestres, Don Fum, não cometeu um erro ao sugerir que o tubo do Funil de Polifemo era grande o suficiente para permitir a passagem do corpo de um homem?

Em meu quase frenesi, avancei até a boca do tubo e, abaixando-me, deixei meu corpo afundar o máximo que pude.

Ele prendeu-se nos ombros e, após uma análise cuidadosa, fui forçado a chegar à conclusão angustiante de que meu fiel Bulger e eu tínhamos percorrido nossa última milha juntos.

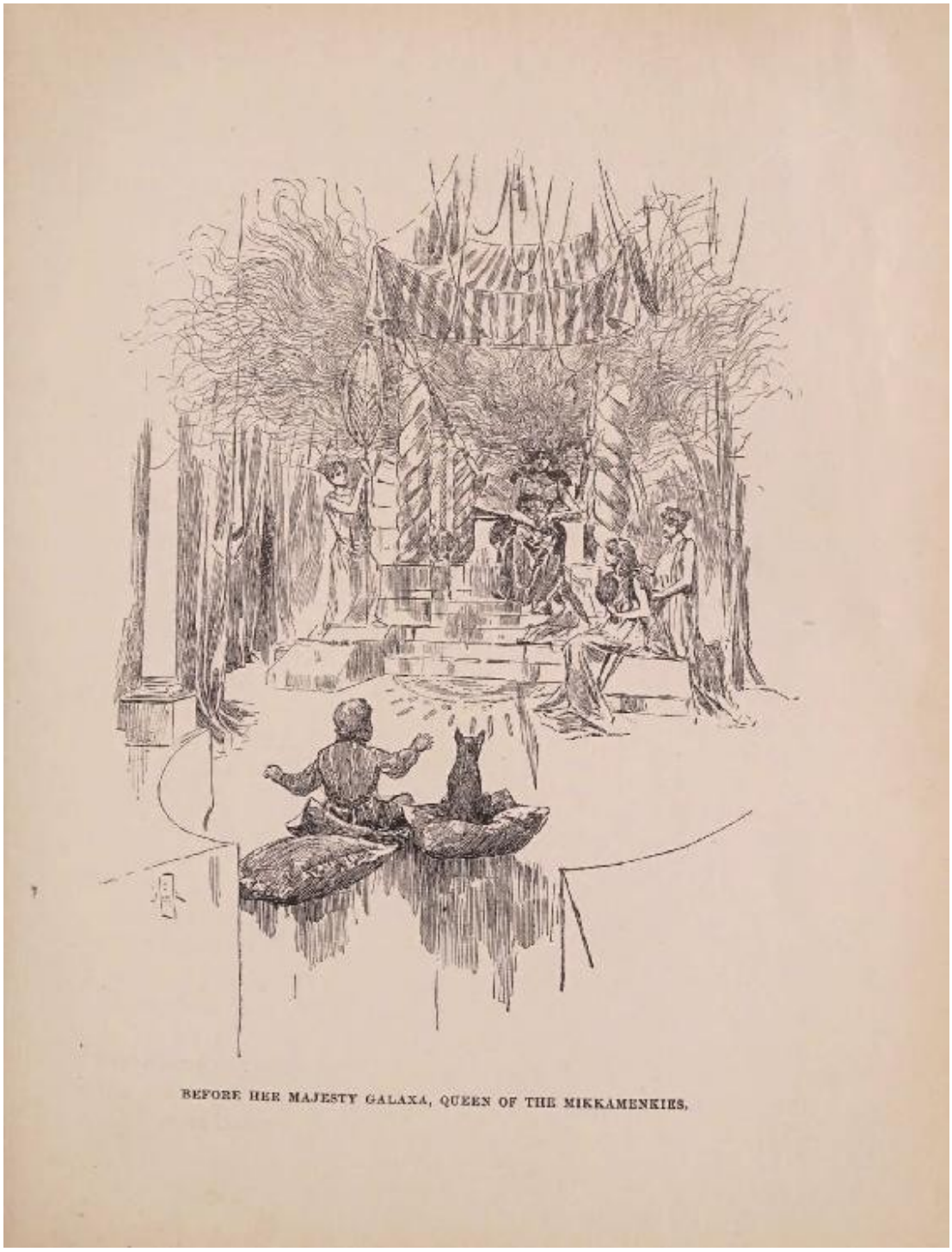
Não havia nada a fazer a não ser deitar e morrer.

Deitar e morrer? Nunca! Ao descer para o Poço dos Gigantes, notei que suas laterais pareciam estar cercadas por blocos de pedra. Com Bulger amarrado às minhas costas, eu subiria lentamente de prateleira em prateleira até minhas forças se esgotarem e, então, esperaria até achar que a velha Yuliana tivesse voltado para colher ervas, e talvez eu conseguisse que ela me ouvisse.

Em meu desespero, suspirei e agarrei meus próprios braços, e ao fazer isso, uma das minhas mãos entrou em contato com algo frio e escorregadio, com a textura de sebo. Pegando um pouco da substância entre o polegar e o indicador, esfreguei-a pensativamente por um momento, e então um raio de esperança rompeu a terrível escuridão que me envolvia tão impiedosamente. Era chumbo preto
— não havia dúvida. Tinha entrado por uma fenda ou rachadura no Funil de Polifemo, e eu o tinha esfregado ao deslizar pela lateral. Com esse material gorduroso para esfregar no interior do tubo até o funil, e também para me cobrir, talvez eu ainda pudesse escapar para o Mundo dentro do Mundo!

De qualquer forma, decidi tentar, mesmo que deixasse um pouco da minha pele na rocha dura.

Para organizar bem os meus pensamentos e poder proceder passo a passo, na ordem sistemática tão característica de todas as minhas maravilhosas façanhas, sentei-me, coloquei o braço em volta do pescoço do querido Bulger e puxei-o para mim, e comuniquei comigo mesmo durante uma boa meia hora.



BEFORE HER MAJESTY GALAXA, QUEEN OF THE MIKKAMENKIES.

Então, tudo estava pronto para a ação; e para provar a vocês, queridos amigos, como Bulger foi cuidadoso para não interromper meu raciocínio, devo relatar que, embora um pequeno animal da família dos ratos tenha saído de uma fenda na rocha enquanto eu estava sentado pensando, como pude ver à luz da minha pequena vela de cera, e tenha tido a ousadia de primeiro cheirar a cauda de Bulger

depois lhe dar uma mordida brincalhona, o sagaz animal não se mexeu nem um milímetro.

“A mente ordenou, agora as mãos devem obedecer!”, exclamei, enquanto me levantava e começava a tirar minhas roupas externas. Feito isso, subi na lateral do funil e comecei a recolher uma quantidade do chumbo preto, que depositei perto da abertura do tubo. A próxima coisa a fazer era fazer com que Bulger passasse pelo tubo à minha frente. Para isso, amarrei-o com minhas roupas, como se fosse um saco, e comecei a descer.

Depois de soltar 20 ou 21 metros da corda, ele atingiu o fundo e, com seus latidos altos, me deu a entender que estava tudo bem, que eu poderia descer também. Ao ouvir sua voz, dei alguns puxões fortes na corda. Ele não demorou a entender o que eu queria e, em um instante, não só conseguiu sair do saco sozinho, como também soltou minhas roupas, para que eu pudesse puxar a corda novamente.

Meu próximo passo foi inventar uma maneira de me pesar quando chegasse o momento de começar a descer, pois tinha certeza de que nunca conseguiria me arrumar de forma a deslizar pelo cano, a menos que algo estivesse puxando meus calcanhares.

Cortei cerca de três metros da corda e amarrei uma das pontas a um pedaço de rocha pesado, com cerca de 45 quilos. Coloquei-o perto da boca do cano, pronto para ser usado. Mas agora vinha a parte mais difícil de todas: encolher os ombros contra o peito e amarrá-los firmemente nessa posição, com o que esperava reduzir minha largura em pelo menos cinco centímetros.

Esses cinco centímetros ganhos, ou melhor, perdidos, poderiam ser o meio pelo qual eu conseguiria deslizar pelo tubo do Funil de Polifemo e chegar à vasta passagem subterrânea que levava ao Mundo dentro do Mundo. Colocando um laço em volta do peito, logo abaixo da clavícula, encolhi os ombros o máximo que pude e troquei o nó corrediço por um nó firme; depois, tendo prendido a outra ponta da corda na lateral do funil, comecei a enrolar-me como as donas de casa costumam fazer com uma linguiça grande para evitar que ela estoure. Feito isso, comecei a rolar no chumbo preto até ficar completamente coberto por ele.

Agora só faltava uma coisa a fazer antes de me deixar cair no cano: prender o peso aos pés. Não era tarefa fácil

, na posição em que me encontrava, com os braços amarrados ao corpo, mas, com o uso de nós corrediços, finalmente consegui realizar a façanha e, sentando-me, coloquei as pernas no cano e respirei fundo, pois me sentia como se estivesse espetado em uma camisa de força.

Inclinando-me, chamei por Bulger. Ele respondeu com um grito de alegria que trouxe novo vigor ao meu coração. Agora chegara o momento supremo que testemunharia o sucesso ou o fracasso. Fracasso! Oh, que palavra terrível! E, no entanto, quantas vezes os lábios humanos precisam pronunciá-la e, ao fazê-lo, exalar o suspiro com que termina! Abaixando rapidamente o peso, contorci-me para sair da borda da abertura e me endireitei ao deslizar para dentro do cano.

Eu tinha parado como uma rolha ou estava me movendo? Sim, para baixo, para baixo, suavemente, lentamente, sem fazer barulho, eu deslizava pelo cano até o Funil de Polifemo. O que me importava que o peso fizesse a corda cortar meus tornozelos? Eu estava me movendo, estava me aproximando cada vez mais de Bulger, cujos latidos alegres eu podia ouvir de vez em quando, mais perto dos portões internos do Mundo dentro de um Mundo!

Mas ai de mim! De repente, parei e, apesar de todos os meus esforços para recomeçar, torcendo, virando e sacudindo o corpo, ele se recusou a afundar mais um centímetro, e lá fiquei preso.

“Oh, Bulger, Bulger”, gemi, “amigo fiel, se pudesses me alcançar, um puxão teu poderia salvar o teu pequeno mestre!”

De uma forma selvagem e desesperada, comecei a tatear ao meu redor da melhor maneira possível, com as mãos presas contra os lados do corpo, mas em um instante descobri a causa da minha paralisia repentina.

Eu havia batido em uma parte do cano que tinha uma rosca, como aquela que circunda um parafuso de ferro e o transforma em um parafuso, e me ocorreu que, se conseguisse dar um movimento giratório ao meu corpo, a cada volta eu me torceria mais para baixo, em direção à extremidade do cano.

Eu podia sentir que meus dedos e as pontas dos dedos estavam sendo machucados e lacerados por esse trabalho árduo, mas o que me importava a dor aguda que se espalhava das mãos aos pulsos e dos pulsos aos cotovelos! Era como girar lentamente um parafuso através de uma porca longa, só que, nesse caso, a rosca estava na porca

e as ranhuras do parafuso, e esse parafuso era o meu pobre corpo ferido!

De repente, pelo balanço do peso, percebi que ele havia passado pela extremidade inferior do cano. Ele puxava cruelmente meus tornozelos sensíveis, mas eu não conseguia mais me contorcer; minhas forças se esgotaram. Eu estava prestes a desmaiar quando ouvi Bulger soltar um grito alto e, no instante seguinte, senti um puxão tão forte nos tornozelos que soltei um gemido, mas aquele puxão me salvou! Foi Bulger que saltou no ar, agarrou a corda com os dentes e arrastou seu pequeno mestre para fora do cano do Funil de Polifemo!

Todos caímos na mesma pilha, Bulger, eu e o peso, uns três metros, e as consequências poderiam ter sido muito graves para mim se minha queda não tivesse sido amortecida pela pilha de roupas colocada diretamente sob a abertura; e, queridos amigos, por mais que vocês falassem até o fim do mundo, não conseguiriam me convencer de que meu irmão de quatro patas não havia colocado aquelas roupas ali para me amortecer a queda.

Elas também não estavam jogadas de qualquer jeito em uma pilha, mas estavam colocadas uma sobre a outra, as mais pesadas no fundo.

Depois de me desenrolar e acender uma das minhas velas de cera, apressei-me em tirar a roupa interior com a sua camada de chumbo preto e voltar a vestir-me; depois, agachando-me, examinei o chão. Era composto por enormes blocos de mármore de várias cores, polidos quase tão lisos como se tivessem sido trabalhados pela mão do homem; e então soube que estava na Estrada de Mármore da Natureza que conduzia às cidades do submundo que Don Fum mencionara no seu livro, e lembrei-me também que ele falara dos Mosaicos Poderosos da Natureza, figuras fantásticas enormes nas paredes desses corredores altos, feitas de blocos e fragmentos de várias cores colocados uns sobre os outros como se fossem desenhados, e não pelos caprichos selvagens e tempestuosos de forças explosivas milhares de anos atrás, quando a Terra estava em sua juventude louca e rebelde. Depois de um descanso de várias horas, durante o qual cuidei das minhas mãos rasgadas e dos dedos machucados, Bulger e eu nos levantamos e partimos novamente por essa ampla e gloriosa Estrada de Mármore. Estranho dizer, não era a escuridão total de uma caverna comum que preenchia essas magníficas câmaras, pelas quais a Estrada de Mármore serpenteava com imponente grandiosidade; longe disso. A escuridão era amenizada por um brilho fraco que nos encontrava no caminho de vez em quando, como u m raio de crepúsculo perdido.

De qualquer forma, notei que Bulger enxergava perfeitamente bem; então, amarrei um pedaço de corda em seu colarinho e o enviei à frente, convencido de que não poderia ter guia mais seguro.

Às vezes, nosso caminho era iluminado por um instante pela explosão de uma pequena língua de fogo, seja nas laterais ou no teto da galeria. Fiquei intrigado por um bom tempo tentando descobrir de onde vinha, mas finalmente avistei a fonte, ou melhor, o criador dessa iluminação bem-vinda. Ela vinha de um animal parecido com um lagarto que, ao desenrolar repentinamente a cauda, tinha o poder de emitir um flash extremamente brilhante de luz fosforescente e, ao fazer isso, emitia um estalo agudo, parecido com o barulho de uma faísca elétrica. Bulger ficou encantado com essa performance; e, em uma ocasião, incapaz de controlar seus sentimentos, ele soltou um latido agudo, ao que aparentemente dez mil desses pequenos portadores de tochas sacudiram suas caudas na minha direção ao mesmo tempo, enchendo o vasto lugar com um clarão de luz quase tão intenso quanto um raio.

Bulger ficou tão assustado com o resultado de seus aplausos que tomou o cuidado de ficar quieto depois disso.

Capítulo 7

NOSSA PRIMEIRA NOITE NO MUNDO SUBTERRÂNEO E COMO FOI SEGUIDA PELO PRIMEIRO RAIO DA MANHANA. — O AVISO DE BULGER E O QUE ISSO SIGNIFICAVA.
— ENCONTRAMOS UM HABITANTE DO MUNDO DENTRO DO MUNDO. — SEU NOME E OCUPAÇÃO. — O RETORNO MISTERIOSO DA NOITE. — A TERRA DAS CAMAS, E COMO NOSSO NOVO AMIGO NOS PROPORCIONOU UMA.

Minhas pálpebras ficaram tão pesadas de sono que eu soube que já devia ser noite no mundo exterior, então paramos e eu me estiquei todo no chão de mármore, que, aliás, era agradavelmente quente sob nós; e o ar também era estranhamente reconfortante para os pulmões, não havendo nenhum cheiro de terra ou umidade, tão comum em vastas câmaras subterrâneas.

Meu sono foi longo e muito revigorante; Bulger já estava acordado, porém, quando me sentei e tentei olhar ao meu redor.

Ele começou a puxar a corda que eu tinha amarrado em seu colarinho, como se quisesse me levar a algum lugar, então eu o acompanhei. Para minha alegria, ele me levou direto a uma poça de água deliciosamente doce e fria. Lá, bebemos até saciar nossa sede e, após um café da manhã muito frugal com alguns figos secos, partimos novamente em nossa jornada pela Estrada de Mármore. De repente, para minha grande alegria, a luz fraca e incerta do lugar começou a se intensificar. Parecia quase que o dia do mundo superior estava prestes a raiar, tão delicadas eram as várias tonalidades com que a luz cada vez mais intensa se revestia: então, como se assustada com sua própria glória crescente, ela se desvaneceria novamente até quase a escuridão total. Em poucos instantes, esse brilho fraco e misterioso voltava, começando com um amarelo suave, depois mudando para uma dúzia de tons diferentes e, como uma donzela indecisa sobre o que vestir, deixava tudo de lado e vestia o traje da lírio. Bulger

e eu vagávamos pela Estrada de Mármore, quase com medo de quebrar um silêncio tão profundo que me parecia ouvir aqueles raios de luz brincalhões em seu jogo contra as rochas multicoloridas que arqueavam esse corredor imponente.

Agora, enquanto a Marble Highway fazia uma curva graciosa, uma inundação de luz deslumbrante irrompeu sobre nós.

Era o nascer do sol no Mundo dentro do Mundo.

De onde vinha essa inundação de luz deslumbrante que agora fazia os lados e o teto arqueado brilharem e cintilarem como se tivéssemos entrado de repente em um dos vastos armazéns de pedras preciosas polidas da Natureza? Protegendo os olhos com a mão, olhei ao meu redor para tentar resolver o mistério.

Não demorei muito para entender tudo. Saibam, então, queridos amigos, que os tetos, cúpulas e telhados arqueados deste mundo subterrâneo eram recortados com um metal de dureza maior do que qualquer outro conhecido por nós, filhos da luz do sol. Suas costuras corriam para cá e para lá como as veias de folhas gigantescas; e, em certas horas, correntes de eletricidade provenientes de algum vasto reservatório interno da própria construção da Natureza, fluíam através dessas traçadas metálicas até brilharem com um calor tão branco que emitia o fluxo de luz deslumbrante de que já falei.

A corrente nunca vinha com uma explosão repentina, mas começava suave e timidamente, por assim dizer, como se estivesse tateando o caminho. Daí as belas tonalidades que sempre precediam o nascer do sol neste mundo inferior e o tornavam tão parecido com o ir e vir do nosso glorioso sol.

A Marble Highway agora se dividia, e as duas metades da bifurcação curvavam-se para a direita e para a esquerda, delimitando um pequeno parque, ou jardim de recreio, diria eu, com bancos de madeira escura, lindamente polidos e esculpidos. O parque era decorado com quatro fontes, cada uma brotando de uma bacia de cristal e espalhando-se em um jato leve que brilhava como neve rodopiando na luz branca ofuscante. Quando Bulger e eu dirigimos nossos passos em direção a um dos bancos com a intenção de descansar um pouco, um grunhido baixo dele me alertou para ficar alerta. Dei uma segunda olhada. Um ser humano estava sentado no banco. Ao lado de mim, curioso para ficar cara a cara com esse habitante do submundo, o primeiro que encontrávamos, parei, determinado a verificar, se possível, se ele era inofensivo antes de abordá-lo.

Ele era pequeno em estatura e vestido inteiramente de preto, com uma espécie de túnica solta e esvoaçante, muito parecida com uma toga romana. Sua cabeça estava nua e, pelo que pude ver, era redonda, lisa e rosada, com quase tanto cabelo, ou melhor, penugem, quanto a cabeça de um bebê de seis semanas. Seu rosto estava escondido por um leque preto que ele carregava na mão direita e cuja utilidade você descobrirá mais tarde. Seus olhos estavam protegidos do brilho intenso da luz por um par de óculos de vidro colorido. Quando ele levantou a mão entre mim e a luz, não pude deixar de prender a respiração. Eu podia ver através dela: os ossos eram tão claros quanto âmbar. E sua cabeça também era apenas um pouco menos opaca. De repente, duas palavras do manuscrito de Don Fum passaram pela minha mente, e eu exclamei alegremente:

"Bulger, estamos na Terra do Povo Transparente!"

Ao som da minha voz, o homenzinho levantou-se e fez uma reverência, baixando o leque até o peito, onde o segurava. Seu rosto infantil estava ridiculamente triste e solene.

"Sim, senhor estranho", disse ele, com uma voz baixa e musical, "você está realmente na Terra dos Mikkamenkies (Homens de Mica), na Terra do Povo Transparente, também chamada Terra dos Óculos; mas se eu lhe mostrasse meu coração, você veria que estou profundamente triste por ter sido o primeiro a lhe dar as boas-vindas, pois saiba, Senhor Estranho, que estás falando com o Mestre Alma Fria, o Depressor da Corte, o homem mais triste de toda a Terra dos Óculos, e, a propósito, senhor, permite-me oferecer-te um par de óculos para ti e também um par para o teu companheiro de quatro patas, pois nossa intensa luz branca cegaria vocês dois em poucos dias."

Agradeci calorosamente ao Mestre Alma Fria pelos óculos e coloquei um par no meu nariz e amarrei o outro na frente dos olhos de Bulger. Em seguida, da maneira mais cortês possível, informei ao Mestre Alma Fria quem eu era e implorei que ele explicasse a causa de sua grande tristeza. "Bem, você deve saber, pequeno barão", disse ele, depois que me sentei ao lado dele no banco, "que nós, os súditos amorosos da Rainha Galaxa, cujo coração real está quase exaurido — desculpe estas lágrimas, vivendo como vivemos neste mundo belo tão diferente daquele em que você habita, que nossos sábios nos dizem ser construído, por estranho que pareça, na parte mais externa da crosta terrestre, onde está mais exposta à neve ofuscante, ao vento gelado, ao granizo, à chuva torrencial e à poeira sufocante — vivendo como vivemos, digo eu, neste vasto templo construído pelas próprias mãos da Natureza, onde a doença é desconhecida e onde nossos corações se esgotam

Como relógios que podem ter apenas uma corda, somos propensos, infelizmente, a ser demasiado felizes; a rir demasiado; a passar demasiado tempo em alegria ociosa, a tagarelar como crianças irrefletidas divertidas com bugigangas, encantadas com ninharias sem valor. Saiba, então, pequeno barão, que é meu dever controlar essa alegria, pôr fim a essa alegria infantil, deprimir o ânimo do nosso povo, para que não se exalte demais. Daí minha vestimenta de cor escura, meu semblante triste, minhas lágrimas frequentes, minha voz sempre entristecida. Desculpe-me, pequeno barão, meu leque escorregou; você percebeu? Não gostaria que você visse meu coração hoje, pois, de alguma forma, não consigo acalmá-lo; ele está terrivelmente agitado.

Assegurei-lhe que ainda não tinha percebido nada.

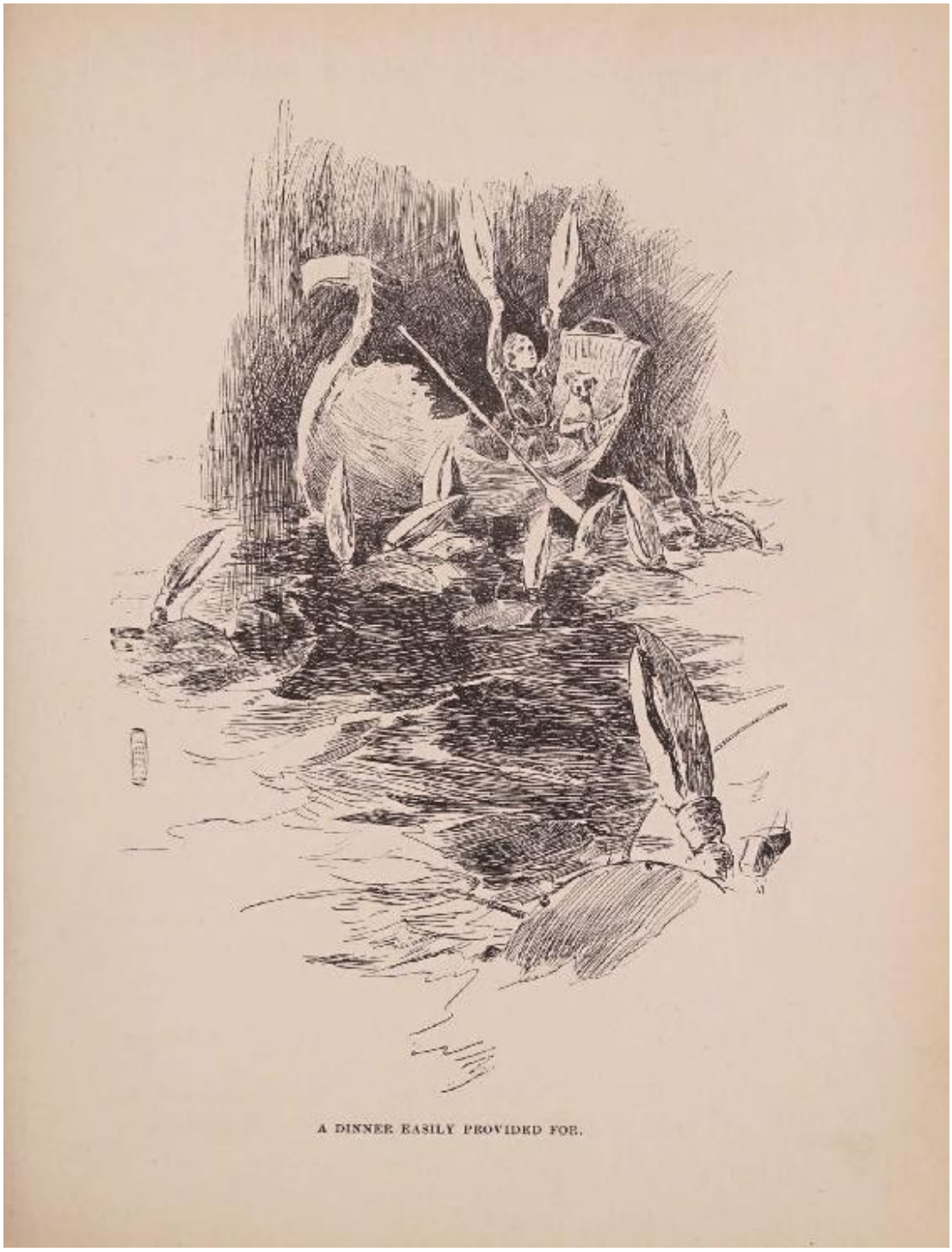
E agora, queridos amigos, devo explicar que, pelas leis dos Mikkamenkies, cada homem, mulher e criança deve usar em suas vestes uma abertura em forma de coração no peito, diretamente sobre o coração, com uma correspondente nas costas, de modo que, sob certas condições, quando a lei o permite, cada um tenha o direito de dar uma olhada no coração do seu vizinho e ver exatamente como ele está batendo — se rápido ou lento, se pulsando ou saltando, ou se batendo calmamente e naturalmente. Mas esse privilégio só é concedido, como eu disse, sob certas condições, portanto, para impedir olhares curiosos, cada Mikkamenky tem permissão para carregar um leque preto com o qual pode cobrir a abertura em forma de coração descrita acima e, dessa forma, esconder seus sentimentos até certo ponto. Digo até certo ponto, pois posso muito bem dizer aqui que a falsidade é desconhecida, ou, mais corretamente, impossível na terra do Povo Transparente, pois seus olhos são tão maravilhosamente claros, límpidos e cristalinos que a menor tentativa de dizer uma coisa enquanto pensam outra os turva e nubla como se uma gota de leite tivesse caído em um copo da água mais pura.

Enquanto eu estava sentado olhando para esse pequeno ser estranho sentado no banco ao meu lado, lembrei-me de uma conversa que tive com um russo erudito em Solvitchegodsk. Ele disse, falando de seu povo: “Todos nós nascemos com cabelos claros, olhos brilhantes e rostos pálidos, pois nascemos sob a neve”. E pensei comigo mesmo como ele ficaria encantado, extasiado, ao ver esse ser curioso, nascido não sob a neve, mas bem abaixo da superfície da terra, onde, nessas vastas câmaras desse mundo dentro de um mundo, esse povo estranho, como plantas cultivadas em um porão escuro e profundo, gradualmente se despojou de toda a sua cor até que seus olhos brilharam como

esferas de cristal puro, até que seus ossos ficaram brancos como âmbar e seu sangue corria incolor por veias incolores.

Enquanto estava sentado ali, seguindo essa linha de pensamento, a luz branca e clara de repente começou a piscar e a fazer truques fantásticos nas paredes, dançando em trajes de tons sempre mutantes, ora amarelo brilhante, ora verde pálido, ora roxo glorioso, ora carmesim profundo.

“Ah, pequeno barão!”, exclamou o Mestre Alma Fria, “esse foi um dia incomumente curto. Levante-se, por favor.”



A DINNER EASILY PROVIDED FOR.

Apressei-me em obedecer, e ele tocou uma mola e o banco se abriu no centro, revelando duas camas muito confortáveis.

“Em poucos instantes, a noite cairá sobre nós”, continuou o Mikkamenky, “mas tu vês que não fomos pegos de surpresa. Devo explicar-te, pequeno barão, que devido à maneira caprichosa com que nosso rio

Luz tende a começar e a cessar de fluir, nunca somos capazes de saber quanto tempo durará um dia ou uma noite. É isso que chamamos de crepúsculo. No teu mundo, suponho que o dia termine com um estrondo terrível, pois nossos sábios nos dizem que nada pode ser feito no mundo superior sem fazer barulho; que o teu povo realmente ama o barulho; e que o homem que faz o maior barulho é considerado o maior homem.

"Devido ao fato, pequeno barão, de que ninguém na Terra dos Óculos pode dizer quanto tempo durará o dia, ou quanto tempo será necessário dormir, nossas leis não permitem que ninguém estabeleça uma hora exata para que algo seja feito, ou exija qualquer promessa de fazer isso ou aquilo em um determinado dia, pois, abençoada seja sua alma, esse dia pode não durar nem dez minutos. Por isso dizemos: 'Se amanhã tiver mais de cinco horas, venha ter comigo no início da sexta hora'; e nunca desejamos uns aos outros uma simples boa noite, mas dizemos: 'Boa noite, enquanto durar'.

"Além disso, pequeno barão, como a noite tende a nos surpreender dessa maneira, por lei todas as camas pertencem ao Estado; ninguém tem permissão para ter sua própria cama, pois quando a noite o surpreende, ele pode estar do outro lado da cidade, e algum outro súdito da rainha Galaxa pode estar na frente de sua porta, e não importa onde a noite surpreenda um Mikkamenky, ele certamente encontrará uma cama. Há camas por toda parte. Ao tocar uma mola, elas caem das paredes, são puxadas como gavetas, estão debaixo das mesas e divãs, nos parques, na praça do mercado, à beira da estrada; bancos, caixotes, caixas, carrinhos de mão e barris, ao pressionar uma mola, podem ser transformados em camas em um instante. É a Terra das Camas, pequeno barão. Mas, ah! Veja, o crepúsculo está chegando ao fim. Boa noite, enquanto durar!" E com isso, o Mestre Alma Fria se esticou e começou a roncar, depois de cobrir cuidadosamente os dois buracos na frente e nas costas de sua roupa, para que eu não tivesse a chance de espiar através dele caso acordasse primeiro. Bulger e eu ficamos muito felizes em deitar nossos membros em uma cama de verdade, embora, pela maneira como meu irmão de quatro patas seguia sua cauda em círculos, eu pudesse ver que ele não estava particularmente encantado com a maciez do sofá.

Capítulo 8

"BOM DIA, ENQUANTO DURAR." — CONVERSA FRANCA DO MESTRE ALMA FRIA. — MARAVILHAS DA TERRA DOS ÓCULOS. — ENTRAMOS NA CIDADE DOS MIKKAMENKIES. — BREVE DESCRIÇÃO DA MESMA. — A NOSSA APROXIMAÇÃO AO PALÁCIO REAL. — A RAINHA GALAXA E O SEU TRONO DE CRISTAL. — AS LÁGRIMAS DO MESTRE ALMA FRIA.

Acho que a escuridão não durou mais do que três horas, talvez tenha sido mais tempo; mas o Mestre Alma Fria foi obrigado a sacudir-me suavemente antes de conseguir acordar-me.

"Agora, pequeno barão", disse ele, depois de me desejar um bom dia com o habitual "enquanto durar", "se estiver disposto, vou levá-lo à corte de nossa graciosa senhora, a rainha Galaxa. Nossos sábios frequentemente discursaram para ela sobre o mundo superior e os terríveis sofrimentos de seu povo, exposto como está a ser primeiro congelado pelo frio impiedoso e depois queimado pelos raios escaldantes do que eles chamam de sol, e ela sem dúvida se dignará a ficar satisfeita ao ver-te, embora eu deva avisar-te que és muito feio, que me pareces tão negro e duro que mal pareces humano, mas sim um pedaço de terra viva ou rocha. Temo muito que você torne nosso povo extremamente vaidoso em comparação. Conhecemos bem seu companheiro de quatro patas, pois já vimos muitas vezes sua imagem petrificada nas rochas das câmaras escuras do nosso mundo."

"Mestre Alma Fria", disse eu, enquanto caminhávamos, "quando me conheceres melhor, vais achar-me mais atraente e, embora não possa mostrar-te o meu coração, espero poder provar-te a ti e aos teus que tenho um."

"Sem dúvida, sem dúvida, pequeno barão", exclamou o Mestre Alma Fria, "mas não se ofenda. Não é mais agradável para mim dizer-lhe essas coisas desagradáveis

coisas do que para ti ouvi-las, mas sou pago para fazê-lo e tenho de ganhar o meu salário. A vaidade cresce rapidamente no nosso mundo, e eu estou sempre a rebentar as suas bolhas quando as vejo."

Para minha grande surpresa, descobri que o mundo dos Mikkamenkies tinha lagos e rios como os nossos, só que, é claro, eram menores e espelhados, nunca visitados pela mais leve brisa. À minha pergunta se eram habitados por seres vivos, o Mestre Alma Fria informou-me que eles literalmente fervilhavam com os peixes mais deliciosos, tanto com escamas quanto com conchas.

"Mas não pense, pequeno barão", acrescentou ele, "que nós, da Terra dos Óculos, não temos outro alimento além daquele que tiramos da água; pois em nossos jardins crescem muitos tipos de vegetais delicados, que brotam em uma única noite, quase tão leves quanto espuma e tão brancos quanto ela. Mas nós comemos pouco, pequeno barão, e raramente achamos necessário matar um crustáceo grande. Nós simplesmente agarramos sua grande garra, que ele gentilmente deixa cair em nossa mão, e imediatamente começa a crescer outra."

"Mas diga-me, eu lhe imploro, Mestre Alma Fria", disse eu, "onde vocês encontram a seda para tecer tecidos tão macios e bonitos como os que compõem suas vestes?"

"Neste nosso mundo subterrâneo, pequeno barão", respondeu o Mestre Alma Fria, "há muitos recantos vastos que o Rio de Luz não alcança, e nessas câmaras escuras voam enormes mariposas noturnas, como espíritos inquietos sempre em movimento, mas é claro que não são, pois encontramos seus ovos colados nas paredes rochosas dessas cavernas e os coletamos com cuidado. Os vermes que nascem deles tecem casulos enormes, tão grandes que um deles não caberia na minha mão, e, quando desenrolados, fornecem aos nossos teares todo o fio de que precisam."

"E a bela madeira", continuei, "que vejo ao meu redor esculpida e transformada em tantos artigos, de onde vem?"

"Das pedreiras", respondeu o Mestre Alma Fria.

"Pedreiras?", repeti, maravilhado.

"Sim, pequeno barão", disse ele, "pois temos pedreiras de madeira, assim como vocês têm pedreiras de pedra. Nossos sábios nos dizem que, há milhares e milhares de anos, vastas florestas que cresciam no seu mundo foram empurradas para baixo, para o nosso, pelas convulsões e desmoronamentos da crosta terrestre, e

troncos gigantescos encaixados uns nos outros e erguendo-se vertiginosamente à medida que cresciam. Pelo menos, é assim que os encontramos quando removemos a argila endurecida que os prendeu durante tantos séculos. Mas veja, pequeno barão, estamos agora entrando na cidade. Ali está o palácio real — quer vir comigo até lá?"

Ah, queridos amigos, quem me dera poder mostrar-vos esta bela cidade do submundo tal como ela se me revelou naquele momento, estendendo-se gloriosamente sob cúpulas cintilantes e corredores abobadados, de onde se derramava sobre as entradas primorosamente esculpidas e polidas das câmaras onde vivia este povo feliz, uma torrente de luz branca aparentemente mais deslumbrante do que o nosso sol do meio-dia!

Era uma visão tão estranhamente bela que muitas vezes parei para contemplá-la. Jovens e idosos, todos vestidos com as mesmas vestes de seda que fluíam graciosamente, ora roxas, ora azuis reais, ora vermelho-vivo, corriam de um lado para outro, cada um armado com o inevitável leque preto, e com rostos infantis radiantes de vida e doce satisfação, enquanto cem fontes brotavam de bacias de cristal e brilhavam na luz branca ofuscante, e mil bandeiras e gonfalões pendiam sem movimento, mas ricos em esplendor, de fios invisíveis. Uma música estranha flutuava das barcaças graciosamente moldadas com toldos de seda, que deslizavam silenciosamente sobre a superfície do rio sinuoso, os remos agitando as águas até que o rastro parecia um caminho através de prata derretida.

Enquanto Bulger e eu seguíamos o Mestre Alma Fria pelas ruas de mármore polido, não demorou muito para que uma multidão de Mikkamenkies estivesse em nossos calcanhares, sussurrando todo tipo de coisas desagradáveis sobre nós, misturadas com algumas risadas contidas.

O Depressor da Corte repreendeu-os severamente.

"Cessem sua alegria inoportuna", disse ele, "e vão cuidar de seus afazeres. Devo parar e contar-lhes uma história horrível para conter sua alegria tola? Não sabem que toda essa alegria boba acelera seus corações e os faz parar muito mais cedo?"

Ao ouvirem essas palavras do Mestre Alma Fria, eles recuaram e pararam de rir, mas foi só por um momento, e quando chegamos ao portal do palácio real, uma multidão ainda mais barulhenta e ruidosa estava logo atrás de nós.

O Mestre Cold Soul parou de repente e, tirando um enorme lenço do bolso, começou a chorar furiosamente. Isso não deixou de surtir efeito e, a partir daquele momento, pude perceber que os Mikkamenkies estavam inclinados a levar mais a sério a minha chegada à cidade, embora fosse apenas a presença de Cold Soul que os impedisse de explodir em gargalhadas violentas.

Acima dos portais do palácio da rainha, havia grandes aberturas escavadas na rocha com o objetivo de permitir a entrada de luz nos aposentos reais; mas essas janelas, se é que podiam ser chamadas assim, eram cobertas por cortinas de seda de cores delicadas, de modo que a luz que entrava na sala do trono era atenuada e suavizada. A sala em si também era coberta com tecidos de seda, o que lhe dava um aspecto de esplendor oriental; mas nunca em minhas viagens entre povos estranhos de terras distantes meus olhos se detiveram em qualquer obra de arte que se comparasse ao trono de cristal no qual se sentava Galaxa, rainha dos Mikkamenkies.

No mundo superior, mesmo as buscas mais diligentes nunca conseguiram desenterrar um pedaço de cristal de rocha com mais de um metro de diâmetro; mas aqui, no trono da rainha Galaxa, quatro colunas gloriosas com pelo menos quatro metros e meio de altura e um metro de diâmetro na base erguiam-se com esplendor incomparável. Suas partes inferiores estavam cobertas por lantejoulas de ouro que brilhavam com tons sempre variados conforme a luz incidia sobre elas. As peças transversais e as peças que compunham o encosto e os braços foram escolhidas devido aos cristais de outros metais, de beleza requintada e em forma de agulha, que elas envolviam. Um dossel de seda de rara beleza cobria o trono, e de suas bordas caíam cordões pesados e borlas de cores ricas e com a perfeição do artesanato humano em termos de finura e acabamento.

Aos pés do trono estava sentada a jovem princesa Crystallina; e atrás dela, ocupada em pentear suas longas tranças de seda, estava sua dama de companhia favorita, Damozel Glow Stone, enquanto ao redor, em filas e grupos, estavam senhores e senhoras, cortesãos e conselheiros, às dezenas.

Quando o Mestre Alma Fria avançou para saudar a rainha, uma multidão de ociosos que nos seguia entrou na antecâmara com gargalhadas estrondosas. O Depressor da Corte ficou muito irritado e, voltando-se para a multidão, começou a chorar novamente com uma energia incrível; mas notei que não passava de som: nenhuma lágrima caiu para obscurecer a clareza de seus olhos.

de seus olhos. Então ele começou a entoar uma espécie de canção que tinha como objetivo exercer uma influência deprimente sobre a alegria selvagem dos Mikkamenkies. Só consigo me lembrar de um verso desse canto solene do Depressor da Corte. Era o seguinte: —

> "Chorem, Mikkamenkies, chorem, oh, chorem.
> Pelo homem sem olhos na Cidade da Luz, Pelo
> homem sem boca nos bosques da Abundância.
> Pelo homem sem ouvidos no reino da Música.
> Pelo homem sem nariz no Reino das Flores, Chorem,
> Mikkamenkies, chorem, oh, chorem!"

Mas eles apenas riram mais alto, gritando:

"Não, Mestre Alma Fria, não choraremos por eles; chore por eles você mesmo." Por fim, a rainha Galaxa ergueu a varinha dourada e delgada, com uma ponta de diamante, que estava em sua mão, e instantaneamente um silêncio tomou conta de todo o lugar, enquanto todos os olhos estavam fixos em Bulger e em mim.

Capítulo 9

BULGER E EU SOMOS APRESENTADOS À RAINHA GALAXA, A SENHORA DO TRONO DE CRISTAL. — COMO ELA NOS RECEBEU. — SUA ALEGRIA COM BULGER, QUE DEMONSTRA SUA INCRÍVEL INTELIGÊNCIA DE VÁRIAS MANEIRAS. — COMO A RAINHA O NOMEIA SENHOR BULGER. — TUDO SOBRE OS TRÊS SÁBIOS A QUEM A RAINHA GALAXA NOS CONFIA.

Graças ao ar suave, à temperatura constante e à ausência de ruídos e poeira, os Mikkamenkies, embora morram no final como outras pessoas, parecem nunca envelhecer. Sua pele permanece macia e sem rugas, e seus olhos são tão claros e brilhantes quanto o cristal do trono da Rainha Galaxa.

Na altura da nossa chegada à Terra do Povo Transparente, o coração da Rainha Galaxa estava quase a parar. Em cerca de duas semanas, ele pararia silenciosa e suavemente; pois, como já lhes disse, queridos amigos, o coração de um Mikkamenky era perfeitamente visível quando a luz branca ofuscante em toda a sua intensidade brilhava através de seu corpo, por isso era muito fácil para um médico examinar o órgão da vida e dizer quase com precisão a hora em que ele se esgotaria — em outras palavras, pararia. Galaxa parecia uma verdadeira rainha, semi-reclinada em seu glorioso trono de cristal. Ela estava vestida com longas vestes de seda esvoaçantes de um roxo real, e as joias que circundavam seu pescoço e pulsos envergonhariam as joias da coroa de qualquer monarca do mundo superior. Suas vestes tinham muito o corte e o estilo dos trajes gregos antigos, e as sandálias de ouro que ela usava aumentavam a semelhança; mas a única coisa que mais me impressionava era seu cabelo, tão longo, tão fino e sedoso, tão abundante e tão branco — não o branco azulado ou amarelado que surge com a idade em nosso mundo, mas um branco leitoso, um branco algodão. E quando nos aproximamos, para

Bulger, mas não para meu espanto, o cabelo dela começou a tremer, sussurrar e se erguer, até cobrir completamente o trono, deixando-o totalmente fora de vista. É claro que eu sabia que, sentada como estava em um trono de vidro, bastava enviar uma leve corrente elétrica através dela para fazer sua maravilhosa cabeleira se erguer dessa maneira, como os tentáculos brancos e transparentes de alguma criatura gigantesca do mar, metade planta, metade animal.

"Levante-se, pequeno barão", disse a rainha Galaxa, quando eu me ajoelhei com o joelho direito no degrau mais baixo do trono, "e seja bem-vindo ao nosso reino. Enquanto você tiver prazer em permanecer aqui, meu povo se empenhará em mostrar-lhe tudo o que possa parecer maravilhoso aos seus olhos; pois, embora nossos sábios tenham frequentemente nos falado do mundo superior, você é o primeiro habitante a nos visitar, e seu maravilhoso companheiro também é muito bem-vindo. Ele pode falar, pequeno barão?"

"Não exatamente, rainha Galaxa", respondi com uma reverência, "mas ele me entende e eu o entendo".

"Ele é inofensivo, não é?", perguntou a rainha.

Vocês podem imaginar como me senti, queridos amigos, quando, prestes a responder "Perfeitamente, senhora real", para minha surpresa, vi Bulger avançar e cheirar a princesa Crystallina, recuar e mostrar os dentes quando ela estendeu a mão para acariciá-lo.

Inclinando-me sobre ele, repreendi-o em um sussurro e ordenei que se ajoelhasse diante da rainha. Ele obedeceu, saudando-a com três reverências muito majestosas, o que fez todos rirem com vontade.

"Quero que ele se aproxime", disse a rainha, "para que eu possa colocar minha mão sobre ele".

A um sinal meu, Bulger começou a lamber as patas dianteiras com muito cuidado e, depois de limpá-las no tapete, saltou os degraus do trono e colocou as patas dianteiras no colo da rainha Galaxa.

A bela governante dos Mikkamenkies ficou encantada com essa demonstração de boas maneiras de Bulger e, para diverti-la ainda mais, eu fiz Bulger realizar muitos de seus truques engraçados e feitos curiosos, mandando-o "fazer suas orações", "fingir que estava morto", "chorar por sua namorada", "contar até dez", "andar ereto", "ficar manco e chorar dizendo como doía".

Mal ele havia dado meia volta no círculo, fingindo ser coxo, quando a donzela Glow Stone começou a chorar e, abaixando-se, começou a acariciar Bulger e beijar seu pé coxo, carícias que, para minha grande surpresa, Bulger não demorou a retribuir, e mais tarde, quando lhe pedi que escolhesse a donzela que mais amava e beijasse sua mão, ele saltou direto para Glow Stone e deu não um, mas vinte beijos em suas mãos estendidas, enquanto a princesa Crystallina se afastava com medo e repulsa da "besta feia", como ela o chamava.

"Peça-lhe que me traga meu lenço, pequeno barão", gritou Galaxa, jogando-o no chão. Fiz como a rainha ordenou, mas Bulger recusou-se a obedecer.

"Vós vedes, rainha Galaxa", disse eu com uma reverência profunda, "ele se recusa a pegar o lenço sem uma ordem de vossa majestade", o que agradou muito à dama.

"Como é possível, pequeno barão", perguntou ela, "que você seja de linhagem nobre e seu irmão, como você o chama, seja o simples Bulger?"

"Acontece, senhora real", respondi com toda a humildade, "como costuma acontecer no mundo em que vivo, que as honras vão para aqueles que menos as merecem".

"Bem, então, pequeno barão", exclamou Galaxa alegremente, "embora eu seja uma soberana insignificante em comparação com a tua, mesmo os pequenos governantes podem praticar atos de grande justiça. Diz ao teu irmão de quatro patas que se ajoelhe diante de nós".

PRINCESS CRYSTALLINA UNCOVERS HER HEART.

A uma palavra minha, Bulger prostrou-se nos degraus do trono de cristal de Galaxa e colocou a cabeça aos seus pés.

Inclinando-se para a frente, ela tocou-o levemente com sua varinha dourada e exclamou: “Levante-se, Lorde Bulger, levante-se! A rainha Galaxa, sentada em seu trono de cristal, ordena que Lorde Bulger se levante!”

Em um instante, Bulger levantou-se sobre as patas traseiras e colocou a cabeça no colo da rainha, enquanto toda a sala ressoava com gritos de alegria e todas as damas batiam suavemente com suas mãos frágeis e transparentes, exceto a princesa Crystallina, que fingia estar dormindo.

A rainha Galaxa então desfez um colar de pérolas do pescoço e o amarrou com as próprias mãos ao redor do pescoço do senhor Bulger — e foi assim que meu irmão de quatro patas deixou de ser o simples Bulger. Então, voltando-se para seus conselheiros de estado, a rainha Galaxa ordenou que designassem um aposento real para o senhor Bulger e para mim, e deu ordens estritas para que o castigo mais severo fosse imediatamente aplicado a qualquer Mikkamenky que ousasse rir de nós ou fazer comentários desrespeitosos sobre nossos olhos escuros, nossa pele e nossa aparência castigada pelo tempo, pois, como a senhora real disse ao seu povo: "Vocês poderiam estar pior do que eles se fossem obrigados a viver do lado de fora do mundo, expostos a ventos cortantes, frio penetrante e nuvens de poeira sufocante".

Por ordem da rainha, três dos mais sábios dos Mikkamenkies foram escolhidos para acompanhar Bulger e a mim, cuidar de nossas necessidades, explicar tudo para nós — em suma, fazer tudo ao seu alcance para tornar nossa estadia na Terra dos Óculos o mais agradável possível.

Seus nomes, da forma como consigo traduzi-los, eram Doutor Nebulosus, Sir Amber O'Pake e Lord Cornucore. Devo explicar a vocês, queridos amigos, o significado desses nomes, pois podem pensar que Doutor Um Pouco Nublado, Sir Claro como Âmbar e Lord Coração de Chifre indicam que eles eram mais ou menos confusos em seus intelectos. Longe disso: já lhes disse que eram três dos homens mais sábios da Terra do Povo Transparente, e a falta de clareza indicada pelos seus nomes referia-se exclusivamente aos seus olhos.

Agora, como você sabe, os homens eruditos do nosso mundo superior têm uma aparência diferente das pessoas comuns. Eles são encurvados, têm sobrancelhas espessas, cabelos longos, lábios franzidos, são míopes e andam desengonçados. Bem, o único efeito que longos anos de estudos profundos tiveram sobre os Mikkamenkies foi roubar de seus belos olhos cristalinos mais ou menos toda a sua clareza.

Agora acho que você vai entender por que esses três eruditos Mikkamenkies receberam esses nomes.

De qualquer forma, apesar de seus nomes estranhos, eram três cavalheiros muito charmosos; e não importava quantas vezes eu fizesse a mesma pergunta, eles sempre estavam prontos com uma resposta tão educada quanto a primeira que me deram. Eles faziam tudo o que eu tinha o direito de esperar que fizessem. Na verdade, havia apenas uma única coisa que eu gostaria que eles fizessem, que era me deixar olhar através deles.

Eles evitavam isso com muito cuidado; e não importava o quanto eles se entusiasmassem com suas descrições, nem o quanto eu estivesse atento para conseguir dar uma espiada, o inevitável leque preto sempre estava no caminho.

Naturalmente, não só eles, mas todo o Povo Transparente sentia repulsa por um estranho olhar através deles, e eu não podia culpá-los por isso. Desesperei-me de alguma vez ter a oportunidade de ver um coração humano a bater com toda a força, tal como o balanço de um pêndulo ou a vibração de uma roda de equilíbrio.

Capítulo 1O

UM BREVE RELATO DAS MINHAS CONVERSAS COM O DOUTOR NEBULOSUS, SIR AMBER O'PAKE E LORD CORNUCORE, QUE ME CONTARAM MUITAS COISAS QUE EU NUNCA SABIA, PELAS QUAIS FIQUEI MUITO GRATO.

Lord Bulger e eu estávamos mais do que satisfeitos com nossos novos amigos, o Doutor Nebulosus, Sir Amber O'Pake e Lord Cornucore, embora eles estivessem tão ansiosos para nos deixar completamente à vontade que, às vezes, exageravam e não me deixavam nem um momento sozinho para fazer anotações em meu caderno. Eles estavam extremamente preocupados que, por ignorância, eu escrevesse algo errado sobre eles.

"Pois", disse Sir Amber O'Pake, "agora que você encontrou o caminho para o nosso submundo, pequeno barão, tenho certeza de que receberemos vários visitantes do seu povo a cada ano, e já dei ordens para que sejam feitas camas extras assim que a madeira puder ser extraída".

O doutor Nebulosus me deu um relato muito interessante sobre as várias doenças que os Mikkamenkies sofrem. "Todas as doenças entre nosso povo, pequeno barão", disse ele, "são puramente mentais ou emocionais; isto é, da mente ou dos sentimentos. Não existe enfermidade física entre nós. O vinho e as bebidas fortes são desconhecidos em nosso mundo, e a comida que comemos é leve e de fácil digestão. Nunca estamos expostos ao perigo de respirar uma atmosfera carregada de poeira e, embora sejamos um povo ativo e trabalhador, dormimos muito; pois, como nossas leis proíbem o uso de lâmpadas ou tochas, exceto para aqueles que trabalham em câmaras escuras, não é possível arruinar nossa saúde transformando a noite em dia. Vamos para a cama no momento em que o Rio de Luz deixa de fluir. A única doença que me causa o menor incômodo é *a iburyufrosnia*."

"Por favor, qual é a natureza dessa doença?", perguntei.

“É uma tendência a ser excessivamente feliz”, respondeu o Doutor Nebulosus com gravidade, “e lamento dizer que vários dos nossos pacientes que foram acometidos por essa doença encurtaram suas vidas ao se recusarem a tomar meus remédios. Geralmente, ela se desenvolve muito lentamente, começando com uma tendência a rir sem motivo, que, depois de um tempo, é seguida por ataques violentos de riso.

“Por exemplo, pequeno barão, quando você chegou entre nós, muitos dos nossos foram atacados por uma forma violenta de *iburyufrosnia*; e embora o Mestre Alma Fria, o Depressor da Corte, tenha feito grandes esforços para contê-la, ele foi totalmente impotente. Ela se espalhou pela cidade com notável rapidez. Sem saber por quê, nossos trabalhadores em seus trabalhos, nossas crianças em suas brincadeiras, nosso povo dentro e fora de casa, começaram a rir e a ficar perigosamente felizes. Examinei vários dos casos mais graves e descobri que, ao ritmo em que os corações da maioria deles batiam, eles entrariam em parada cardíaca em uma única semana. Era terrível. Um conselho foi reunido às pressas e foi decidido esconder você e o senhor Bulger da vista do público, mas, felizmente, minha habilidade levou a melhor sobre o ataque.”

“Você aumentou a quantidade de comprimidos a ser tomada?”, perguntei.

“Não, pequeno barão”, disse o Dr. Nebulosus; “Aumentei o tamanho e cobri com um pó seco, o que os tornou extremamente difíceis de engolir e, dessa forma, obrigou aqueles que os tomavam a parar de rir. Mas houve vários casos tão violentos que não puderam ser curados dessa maneira. Ordenei que fossem amarrados na cintura com cintos largos e que suas bocas fossem mantidas abertas com cunhas de madeira. Como você pode imaginar, isso tornou o riso tão difícil que eles rapidamente desistiram.

“Ah, pequeno barão”, continuou o sábio médico com um suspiro, “foi um dia triste para a raça humana quando aprendeu a rir. Na minha opinião, devemos essa agitação inútil de nossos corpos a vocês, pessoas do mundo superior. Expostos como estavam a ventos cortantes e geadas gélidas, vocês adquiriram o hábito de tremer para se aquecer e, pouco a pouco, esse hábito cresceu tanto que vocês continuaram a tremer, estivessem com frio ou não; só que lhe deram outro nome. Ora, o meu conhecimento do corpo humano ensina-me que este tremor da carne é uma provisão muito sábia da natureza para manter o sangue em movimento e, desta forma, salvar o corpo humano da morte pelo frio; mas por que devemos tremer quando estamos felizes, pequeno barão? Todo o prazer está no pensamento e, no entanto, no

momento em que deveríamos manter nossos corpos em repouso tão perfeito quanto possível, começamos esse tremor ridículo. Trememos quando contemplamos as belezas do Rio de Luz, ou ouvimos música doce, ou contemplamos o rosto amoroso de nossa graciosa rainha Galaxa? Mas pior do que tudo, pequeno barão, esse tremor e arrepio sem sentido que chamamos de riso, ao contrário dos suspiros bons, profundos, longos e saudáveis, esvaziam os pulmões de ar sem enchê-los novamente, e assim vemos frequentemente esses risonhos e risonhos caírem em desmaios, absolutamente sufocados por sua própria ação selvagem e irracional. Sempre defendi, pequeno barão, que nós éramos os únicos animais que tinham o hábito de rir, e agora estou encantado por ter minha opinião confirmada pelo meu conhecido, o sábio e digno Lorde Bulger. Observe-o. Ele sabe tão bem quanto nós o que é estar contente, divertido, encantado, mas não acha necessário recorrer a espasmos e tremores. Através dos olhos brilhantes — verdadeira janela da alma — posso ver como ele está feliz. Posso medir sua alegria; posso notar sua satisfação."

Fiquei encantado com este discurso erudito do gentil Doutor Nebulosus e tomei notas para que os pontos de seu argumento não escapassem da minha memória, ainda mais satisfeito por ele ter provado que meu fiel Bulger era tão sabiamente construído e regulado pela natureza.

Perguntei especificamente aos meus amigos Sir Amber O'Pake e Lord Cornucore se a rainha Galaxa alguma vez teve problemas em governar o seu povo.

"Nenhuma", foi a resposta. "Em muitos anos, só foi necessário, em uma ou duas ocasiões, convocar um Mikkamenky perante o magistrado e examinar seu coração sob uma luz forte. A única punição permitida por nossas leis é o confinamento por um período mais ou menos longo em uma das câmaras escuras. A sentença mais severa já proferida por um de nossos magistrados foi de doze horas. Mas, com toda a honestidade, devemos admitir, pequeno barão, que a falsidade e o engano são desconhecidos entre nós pela simples razão de que, sendo transparentes, é impossível para um Mikkamenky enganar um irmão sem ser pego no ato. Portanto, por que tentar? No momento em que um de nós começa a dizer uma coisa enquanto pensa outra, seus olhos se nublam e o traem, assim como o cristalino barômetro se nubla com a aproximação de uma tempestade no mundo superior. Mas isso, é claro, pequeno barão, só é verdade para os nossos

pensamentos. Nossas leis nos permitem esconder nossos sentimentos com o uso do leque preto. Ninguém pode olhar para o coração de outra pessoa, a menos que seu dono queira. É uma ofensa muito grave para um Mikkamenky olhar para outro sem sua permissão. Mas, como você compreenderá facilmente, uma vez que somos transparentes por natureza, é totalmente impossível que um casamento seja infeliz, pois quando um jovem declara seu amor por uma donzela, ambos têm o direito, por lei, de olhar para o coração um do outro e, dessa forma, podem saber exatamente a intensidade do amor que sentem um pelo outro." Isso e muitas outras coisas estranhas e interessantes foram-me contadas pelos meus novos amigos, o Doutor Nebulosus, Sir Amber O'Pake e Lord Cornucore, e fiquei muito grato à boa Rainha Galaxa por tê-los escolhido para mim. Bons amigos são melhores do que ouro, embora possamos não pensar assim na altura.

Capítulo 11

DIAS AGRADÁVEIS PASSARAM ENTRE OS MIKKAMENKIES, E COISAS MARAVILHOSAS FORAM VISTAS POR NÓS. — O JARDIM ESPECTRAL E SUA DESCRIÇÃO. — NOSSO ENCONTRO COM DAMOZEL GLOW STONE E O QUE ACONTECEU.

A partir de então, Lord Bulger e eu nos sentimos perfeitamente à vontade entre os Mikkamenkies. Uma das barcas reais foi colocada à nossa disposição e, quando nos cansávamos de caminhar e contemplar as maravilhas desta bela cidade do submundo, embarcávamos em nossa barca e éramos remados para cá e para lá no rio cristalino; e se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, nunca teria acreditado que algum tipo de marisco pudesse ser ensinado a ser tão prestativo a ponto de nadar até a superfície e oferecer uma de suas enormes garras para o nosso jantar, deixando-a educadamente cair em nossa mão no momento em que a pegávamos. Em uma das margens do rio, notei uma longa fileira de compartimentos de madeira que pareciam muito com caixotes de mercearia; mas você pode imaginar como Bulger e eu ficamos divertidos ao nos aproximarmos dessa longa fileira de casinhas e descobrirmos que eram ninhos de tartarugas, e que várias tartarugas estavam confortavelmente sentadas em seus ninhos, ocupadas botando seus ovos — que, posso garantir, foram os petiscos mais deliciosos que já provei.

Acho que já lhe disse que o rio que atravessa Goggle Land estava repleto de peixes deliciosos, sendo a carpa e o linguado particularmente delicados no sabor; e sabendo, como eu sabia, que os Mikkamenkies são um povo de coração terno, fiquei bastante intrigado em saber como eles conseguiam reunir coragem suficiente para cravar uma lança em um desses peixes, que eram tão mansos e brincalhões quanto um bando de gatinhos ou cachorrinhos, e seguiam nossa barcaça para cá e para lá, mordiscando a comida que jogávamos para eles e saltando no ar, onde brilhavam como prata polida com a luz branca refletindo em suas escamas.

Mas o mistério foi resolvido um dia, quando vi um dos pescadores atraindo uma dúzia ou mais de peixes para uma espécie de curral fechado do rio por uma rede de arame. Mal ele fechou as portas, para minha surpresa, vi os peixes, um após o outro, virem à superfície e flutuarem de lado, mortos.

"Isto, pequeno barão", explicou o homem responsável, "é a câmara da morte. Escondidas no fundo deste lago escuro, encontram-se várias enguias elétricas de grande tamanho e poder, e quando nosso povo quer um jantar fresco de peixe, simplesmente abrimos estas portas e atraímos um cardume delas para dentro, jogando sua comida favorita na água. Os carrascos aguardam por elas e, em poucos instantes, os peixes, enquanto desfrutam do seu repasto e sem suspeitar de nada, são mortos sem dor, como você viu."

Uma parte da cidade do Povo Transparente que atraiu muito Bulger e a mim foram os jardins reais. Era um lugar estranho e misterioso e, na minha primeira visita, caminhei por seus caminhos e sob seus caramanchões na ponta dos pés e com a respiração suspensa, como se estivesse entrando furtivamente em algum pedaço do país das fadas, olhando ansiosamente para os lados, como se a cada passo esperasse que algum duende ou goblin o tropeçasse com uma teia de aranha resistente ou roçasse suas bochechas com suas asas frias e acetinadas.

Agora, queridos amigos, devo primeiro contar-lhes que, com a perda da luz do sol e do ar livre, as flores, os arbustos e as videiras desse mundo subterrâneo foram gradualmente perdendo seus perfumes e cores, e suas folhas, pétalas, caules e gavinhas ficaram cada vez mais pálidos, como donzelas apaixonadas cujos namorados nunca voltaram da guerra. Mês após mês, os verdes escuros, os rosas rubros, os amarelos dourados e os azuis profundos definhavam, ansiando pelo sol perdido e pela brisa sedutora que tanto amavam, até que finalmente a transformação se completou, e lá ficaram todos, pendurados ou em pé, brancos como a neve, como aqueles fantásticos aglomerados de flores e guirlandas de videiras que a neve plumosa de abril constrói nos arbustos e árvores sem folhas.

Não posso descrever, queridos amigos, a sensação estranha que me invadiu ao entrar nesse jardim espectral, onde videiras fantasmagóricas se agarravam em formas e figuras fantásticas às treliças escuras, e onde lírios altos, mais brancos que a penugem do pato-de-penas, ficavam eretos como espíritos condenados ao silêncio eterno, privados até mesmo da fala do perfume, e onde enormes cachos de crisântemos nevados, com formas fofas e plumosas, pareciam pressionar seus corpos macios

juntos como grupos de celestiais banidos, numa espécie de desespero silencioso, enquanto sentiam o calor e o brilho da luz do sol abandonar lenta e gradualmente as suas almas; onde, mais abaixo, grandes rosas com pétalas brancas como a neve, mais brancas do que as conchas do mar, pendiam imóveis, abrindo-se com um esforço ansioso, como se estivessem à escuta de algum sinal que dissolvesse o feitiço que lhes fora lançado e lhes devolvesse a luz do sol, e com ele sua cor e seu perfume; onde, ainda mais abaixo, canteiros de violetas brancas como nuvens felpudas pareciam envoltas em silenciosa tristeza pela perda do perfume celestial que lhes pertencera na Terra; onde, acima das cabeças dos lírios, brotavam longos e delgados caules espectrais de girassóis quase invisíveis, carregados em suas extremidades com cachos de flores brancas como a neve, suspensas como rostos brancos olhando para baixo através do ar silencioso, e esperando, esperando pela luz do sol que nunca chegava; e ainda mais alto, por cima de todas essas flores espectrais, entrelaçando-se, envolvendo-se e caindo em festões e guirlandas, rastejavam e corriam como longas linhas de fantasmas fugitivos, videiras fantasmagóricas com flores fantasmagóricas, dobradas, torcidas, enroladas e entrelaçadas em mil formas e figuras estranhas e fantásticas, que a luz branca com suas sombras escuras tornava vivas e quase humanas, de modo que bastava movimento e voz para fazer este jardim parecer povoado por espíritos tristes, banidos para estas câmaras subterrâneas por estranhos delitos cometidos na terra e condenados a esperar dez mil anos antes que a luz do sol, sua cor e seu perfume lhes fossem devolvidos.

Enquanto passeava pelos jardins reais um dia, Bulger de repente soltou um grito baixo e correu à frente, como se seus olhos tivessem se deparado com a forma familiar de algum amigo querido.

Quando cheguei até ele, ele estava agachado ao lado da donzela Glow Stone, que, sentada em um dos bancos do jardim, acariciava a cabeça e as orelhas de Bulger com uma de suas mãos macias de pele transparente, enquanto a outra segurava seu leque preto pressionado contra o peito.

Ela olhou para mim com seus olhos cristalinos e sorriu levemente quando me aproximei.

“Você vê, pequeno barão”, murmurou ela, “o senhor Bulger e eu não nos esquecemos um do outro”. Desde nossa apresentação na corte, eu vinha procurando em minha mente alguma razão para a súbita afeição de Bulger pela damisela Glow Stone, mas não encontrei nenhuma.

Fiquei ainda mais perplexo, pois ela era apenas a dama de honra, enquanto a bela princesa Crystallina estava sentada nos degraus do trono.

Mas não disse nada, apenas respondi que estava muito feliz em ver isso e acrescentei que, onde o amor de Bulger estivesse, o meu certamente o seguiria.

"Oh, pequeno barão, se eu pudesse acreditar nisso!", suspirou a bela damisela. "Você pode", eu disse, "certamente pode".

"Então, se eu puder, pequeno barão", ela respondeu, "eu o farei, e peço que venha sentar-se ao meu lado, apenas até que eu lhe diga, não olhe através de mim. Você promete?"

"Prometo, bela donzela", foi minha resposta.

"E tu, senhor Bulger, deita-te aos meus pés", continuou ela, "e mantém os teus olhos sábios fixos em mim e os teus ouvidos atentos."

"Pequeno barão, se tanto o teu mundo quanto o nosso estivessem cheios de corações tristes, o meu seria o mais pesado de todos. Escuta! Oh, escuta a triste, triste história da donzela triste com uma mancha no coração e, quando souberes tudo, dá-me a tua sabedoria."

CRYSTALLINA'S HEART ON A SCREEN.

Capítulo 12

A TRISTE, TRISTE HISTÓRIA DA PRINCESA TRISTE COM UMA MANCHA NO CORAÇÃO, E O QUE ACONTECEU QUANDO ELA TERMINOU, QUE O LEITOR DEVE LER POR SI MESMO SE QUISER SABER.

"Pequeno barão e querido Lorde Bulger", começou a donzela de olhos cristalinos, depois de aliviar sua alma do fardo de tristeza com três suspiros longos e profundos, "saiba então que eu não sou a donzela Glow Stone, mas ninguém menos que a própria princesa real Crystallina; que aquela cujos cabelos eu penteava deveria pentear os meus; que aquela a quem servi por dez longos anos deveria ter me servido!"

"E pensar, ó princesa", exclamei alegremente, "que meu amado Bulger foi o primeiro a descobrir que aquela que estava sentada nos degraus do trono de cristal não tinha direito ao trono; pensar que seu intelecto sutil foi o primeiro a perceber a injustiça que lhe foi feita; seu olhar perspicaz o primeiro a chegar ao fundo do poço da verdade; mas, bela princesa, estou morrendo de impaciência para saber como você mesma descobriu a injustiça que lhe foi feita."

"Isso você saberá em breve, pequeno barão", respondeu Crystallina, "e para que você saiba tudo o que eu sei, começarei pelo início: No dia em que nasci, havia grande alegria na terra dos Mikkamenkies, e o povo se reuniu em frente ao palácio real e ria e chorava alternadamente, tão felizes estavam por pensar que seriam governados por outra princesa depois que o coração da rainha Galaxa se esvaísse; pois, muitos anos atrás, um rei mau os havia tornado muito infelizes, e eles esperavam e rezavam para que nenhum outro como ele viesse a reinar sobre eles. E logo um deles começou a contar aos outros como achava que a pequena princesa seria.

“Ela será a mais bela que já se sentou no trono de cristal. Suas mãos e pés serão como pérolas com pontas de coral; seu cabelo mais branco que a espuma do rio; e de seus belos olhos irromperá o brilho de sua alma pura, e seu coração, oh, seu coração será como um pequeno pedaço de água congelada, tão claro e transparente, tão parecido com um pedaço do cristal mais puro, brilhante e impecável como um diamante da primeira água, e por isso que ela seja chamada de princesa Cristalina, ou a Donzela com o Coração de Cristal”.

“Imediatamente se ouviu o grito: ‘Sim, que ela seja chamada de Cristalina, ou a Donzela com o Coração de Cristal’, e a rainha Galaxa ouviu o grito de seu povo e mandou dizer que fosse feito como eles desejavam — que eu fosse a princesa Cristalina.

“Mas, ai de mim, que eu tenha vivido para contar isso! Depois de alguns dias, a ama veio até minha mãe real, torcendo as mãos e derramando um rio de lágrimas.

“Ajoelhando-se, ela sussurrou à rainha: ‘Senhora real, prefira que eu morra a lhe contar o que sei’.

“Obrigada a falar, a ama informou à rainha Galaxa que naquele dia, pela primeira vez, ela me segurou à luz e descobriu que havia uma mancha no meu coração.

“A rainha soltou um grito de horror e desmaiou. Quando recuperou os sentidos, ordenou que eu fosse levada até ela e colocada à luz para que pudesse ver por si mesma. Infelizmente, era verdade! Havia uma mancha no meu coração. Eu não era digna do doce nome que seu povo amoroso me dera. Eles se afastariam de mim com horror; nunca consentiriam em me ter como rainha quando a verdade viesse à tona. Não se comoveriam com as preces de uma mãe: fariam ouvidos moucos a todos que tivessem a ousadia de aconselhá-los a aceitar uma princesa com uma mancha no coração, quando pensavam que estavam recebendo alguém digna do título que lhe haviam concedido.

“A rainha Galaxa sabia que algo precisava ser feito imediatamente; que seria tempo e trabalho perdidos tentar argumentar com o povo decepcionado, então ela começou a pensar em uma maneira de sair dessa situação. Ora, aconteceu que, pequeno barão, no mesmo dia em que eu vim ao mundo, uma das servas da rainha Galaxa deu à luz um bebê; e então, apressadamente

chamou a mulher e ordenou que trouxesse o bebê para o quarto real e o deixasse lá, prometendo que ele seria criado como minha irmã adotiva. Mas assim que a serva saiu alegre, a ama recebeu ordens para trocar as crianças no berço e, em poucos instantes, Glow Stone foi envolta em meu cobertor ricamente bordado e eu fui embrulhada em suas mantas simples.

"Não sei como as coisas correram durante vários anos, mas um dia, ah, como me lembro bem! A minha cabecinha ficou confusa ao ouvir Crystallina gritar: 'Não, não, querida mamã, isso não é justo; eu não gosto. Todos os dias, quando vens ter connosco, dás dez beijos à Glow Stone e a mim apenas um. Então a rainha Galaxa sorria tristemente e dava alguma bugiganga para Crystallina para acalmá-la.

"E assim continuamos, Crystallina e eu, ano após ano, até nos tornarmos duas jovens criadas, e ela sentava-se no trono e vestia roupas reais roxas bordadas com ouro, e eu vestia roupas brancas simples; mas ainda assim a maioria dos beijos era para mim. E eu não me surpreendia com isso, mas não ousava perguntar por que era assim. No entanto, certa vez, quando eu estava sozinha com a rainha Galaxa, sentada em minha almofada no canto, costurando e pensando no passeio de barco que faríamos naquele dia, de repente me assustei ao ver a rainha se ajoelhar diante de mim e me abraçar, cobrindo meu rosto e minha cabeça com lágrimas e beijos, enquanto soluçava e gemia:

"'Oh, minha filha, minha filha perdida, minha bênção e minha alegria, você nunca, nunca, nunca voltará para mim? Você se foi para sempre? Devo desistir de você, oh, devo?'

"Não, Senhora Real", gaguejei, mais do que maravilhado com suas palavras e ações. "Você está sonhando. Acorde e veja claramente; eu não sou Crystallina. Eu sou Glow Stone, sua filha adotiva. Vou logo buscar minha irmã real e trazê-la até você."

"Mas ela não me soltava e, em vez de responder, me cobriu de beijos até eu quase sufocar, tão forte que me segurava contra o peito, enquanto seus longos e grossos cabelos caíam sobre mim como um manto tecido.

"E então ela me contou tudo — tudo o que eu te contei, pequeno barão, e me ordenou que nunca revelasse a ninguém em Goggle Land; e eu lhe fiz uma promessa solene de que nunca o faria."

“E tu mantiveste a tua palavra como uma verdadeira princesa, tal como és”, disse eu alegremente, “pois eu não sou do teu mundo, bela Cristalina.”

“Agora que te contei a triste história da princesa triste com a mancha no coração, pequeno barão”, murmurou Cristalina, fixando seus grandes olhos radiantes em mim, “só me resta uma coisa a fazer, que é deixar você olhar através de mim, para que saiba exatamente que conselho dar.” E, dizendo isso, a bela princesa levantou-se do seu assento e, colocando-se diante de mim com uma torrente de luz branca incidindo sobre as suas costas, baixou o leque preto e pediu-me que olhasse para o coração pesado que ela carregava consigo todos esses anos e lhe dissesse exatamente o tamanho da mancha, onde ficava e de que cor era.

Fiquei muito feliz por finalmente ter a oportunidade de olhar através de um dos Mikkamenkies, e meu coração saltou de satisfação enquanto eu olhava e olhava para aquela coisinha misteriosa, ou melhor, um ser minúsculo, vivo, respirando, palpitando dentro do peito dela; ora lento e compassado, enquanto ela pensava em seu triste destino, ora batendo cada vez mais rápido, à medida que a esperança brotava em sua mente de que talvez eu pudesse aconselhá-la com tanta sabedoria que todo o seu sofrimento chegasse ao fim.

“Bem, pequeno barão sábio”, murmurou ela ansiosamente, “o que você vê? É muito grande? Em que parte está? É preto como a noite ou tem alguma cor menos fatal?”

“Tenha coragem, bela princesa”, disse eu, “é muito pequeno e fica logo abaixo do arco, no lado esquerdo. Também não é preto, mas sim avermelhado, como se uma única gota de sangue das veias de seus ancestrais distantes tivesse sobrevivido a eles por milhares de anos e endurecido ali para contar de onde veio o seu povo”. A princesa chorou lágrimas de alegria ao ouvir essas palavras reconfortantes.

“Se fosse preta”, sussurrou ela, “eu teria me deitado nesta cama de violetas e nunca mais teria me levantado até que meu povo viesse me levar para a minha sepultura na câmara funerária silenciosa — sem ser visitada pelo Rio da Luz”.

Com essa triste exclamação, Bulger choramingou lastimosamente e lambeu as mãos da princesa, olhando para ela com seus olhos escuros radiantes de simpatia.

Ela ficou muito animada com essa mensagem de conforto, e eu também fiquei comovido com sua sinceridade.

“Ouça, bela princesa”, disse eu com gravidade. “Reconheço que a tarefa não é fácil, mas espero que tudo corra bem. Gostaria que tivéssemos mais tempo, mas, como sabe, o coração da rainha Galaxa está prestes a parar de bater, por isso temos de agir com

rapidez e sabedoria. Mas, antes de tudo, preciso falar com a rainha e obter seu consentimento para agir em seu nome nesta questão."

"Receio que ela nunca concederá isso", lamentou Crystallina. "No entanto, tu és muito mais sábio do que eu — faz o que achares melhor."

"A próxima coisa a ser feita, bela princesa", acrescentei solenemente, "é mostrar seu coração com coragem e sem medo ao seu povo".

"Não, pequeno barão", exclamou ela, levantando-se, "isso não pode ser, isso não pode ser, pois saiba que nossa lei considera traição que alguém do nosso povo olhe para uma pessoa de sangue real. Oh, não, oh, não, pequeno barão, isso nunca pode ser!"

"Fique, doce princesa", insisti em tom gentil, "não tão rápido. Você não sabe o que quero dizer com mostrar seu coração com coragem ao seu povo. Não tenha medo. Não vou infringir a lei do país, e ainda assim eles verão a partícula dentro do seu coração, verão como ela é pequena e ouvirão o que tenho a dizer sobre ela, e você nem mesmo será visível para eles".

"Oh, pequeno barão", murmurou Crystallina, "se isso fosse possível! Sinto que eles me perdoariam. Você é tão sábio e suas palavras trazem tanta esperança ao meu pobre e pesado coração que eu quase..."

"Não, bela princesa", interrompi, "tenha esperança, nada mais. Não sou sábio o suficiente para prever o futuro e, pelo que sei do seu povo, eles parecem pouco diferentes do meu. Talvez eu consiga influenciá-los a favor de minhas opiniões e fazê-los gritar: 'Viva a princesa Crystallina!', mas só posso prometer que farei o meu melhor. Volte agora para o palácio e não despreze por mais um dia ou dois pegar o pente de ouro e interpretar a donzela Glow Stone com toda a humildade."

Capítulo 1C

COMO ME EMPREENDERAM A DESFAZER UM MAL QUE HAVIA SIDO FEITO NO REINO DOS MIKKAMENKIES, E COMO BULGER AJUDOU. — CONFISSÃO DA RAINHA GALAXA. — SOU NOMEADO PRIMEIRO-MINISTRO ENQUANTO ELA VIVER. — O QUE ACONTECEU NA SALA DO TRONO. — MEU DISCURSO AOS HOMENS DA TERRA DOS ÓCULOS, APÓS O QUAL LHE MOSTRO ALGO QUE VALE A PENA VER.
— COMO FUI PUXADO EM DUAS DIREÇÕES DIFERENTES E O QUE ACONTECEU.

A primeira coisa que fiz depois que a verdadeira princesa Crystallina me deixou foi procurar o Doutor Nebulosus e saber dele o número exato de horas que faltavam para o coração da rainha parar de bater.

Como ele acabara de fazer um exame, foi capaz de dizer o minuto exato: eram dezessete horas e treze minutos, um tempo bastante curto, vocês devem admitir, queridos amigos, para realizar uma tarefa tão importante como a que eu tinha em mente. Então, fui diretamente para o palácio real e exigi uma audiência privada com a Senhora do Trono de Cristal.

Com o conselho de Sir Amber O'Pake e Lord Cornucore, ela recusou-se firmemente, mas com gentileza, a receber-me, dando como desculpa que a agitação que certamente se seguiria a uma entrevista com o "Homem do Carvão" — como os Mikkamenkies me chamavam — encurtaria sua vida em pelo menos treze minutos. Mas eu não me deixei dissuadir de maneira tão rude. Sentando-me, peguei uma caneta e escrevi as seguintes palavras em um pedaço de seda brilhante: —

"Para Galaxa, Rainha dos Mikkamenkies, Senhora do Trono de Cristal.

Eu, Lorde Bulger, nobre Mikkamenkiano, portador desta, que fui o primeiro a descobrir que a verdadeira princesa não estava sentada nos degraus do

Trono de Cristal, exijo uma audiência para meu senhor, o Barão Sebastian von Troomp, comumente conhecido como ‘Pequeno Barão Trump’, e, instigado por ele, pergunto: O que são treze minutos de sua vida, ó Rainha Galaxa, comparados aos longos anos de tristeza e decepção que aguardam sua filha real?”

Pegando a carta com a boca, Bulger saltou com passos longos e rápidos. Em poucos minutos, ele estava na presença da rainha, pois os guardas recuaram assustados ao vê-lo se aproximar com seus olhos escuros brilhando de indignação. Erguendo-se sobre as patas traseiras, ele colocou a carta nas mãos de Galaxa. No momento em que ela a leu, desmaiou, e tudo ficou agitado e em comoção dentro e ao redor do palácio. Fui chamado às pressas e a sala de audiências foi esvaziada, restando apenas o doutor Nebulosus, Sir Amber O'Pake, Lord Cornucore, Lord Bulger e eu.

“Mandem buscar a donzela Glow Stone”, ordenou a rainha e, quando ela apareceu, para o espanto de todos, exceto Bulger e eu, Galaxa mandou que ela subisse os degraus do Trono de Cristal e, depois de abraçá-la ternamente, a rainha proferiu estas palavras: —

“Ó conselheiros fiéis e sábios amigos do mundo superior, esta é a verdadeira princesa Crystallina, a quem eu mantive por todos esses anos, de forma perversa e injusta, longe de seu alto status e privilégios reais. Ela nasceu com uma mancha no coração, e eu temia que fosse inútil pedir ao meu povo que a aceitasse como minha sucessora.”

“Sim, Senhora do Trono de Cristal”, exclamou Lorde Cornucore, “tu agiste sabiamente. Seu povo nunca a teria aceitado como princesa Cristalina, pois, sendo negado pelas leis de nossa terra o privilégio de ver por si mesmos, eles nunca teriam acreditado que essa mancha no coração da princesa era apenas uma pequena mancha como um único cristal de cabelo no braço de seu magnífico trono. Portanto, ó rainha, aconselhamos que não amargure suas últimas horas com diferenças com seus amados súditos.”

“Meu senhor Cornucore”, disse eu com uma reverência profunda, “ouso levantar minha voz contra a sua e imploro permissão à rainha Galaxa para negociar com seu povo”.

“Proíba isso, senhora real!”, gritou Sir Amber O’Pake ferozmente, ao que Bulger deu um grunhido baixo e mostrou os dentes.

“Rainha Galaxa”, acrescentei gravemente, “um erro confessado é meio reparado. É verdade que esta bela princesa tem uma mancha em seu coração que não condiz com o nome que lhe foi dado por seu povo. Permita-me ser seu senhor até que seu coração pare de bater, e pela cavalaria de todos os Trumps eu prometo que você terá três horas de felicidade antes que seu coração real deixe de bater!”

“Que assim seja, pequeno barão”, exclamou Galaxa alegremente. “Eu te proclamo primeiro-ministro pelo resto da minha vida.” Ao ouvir essas palavras, Bulger soltou uma série de latidos felizes e, levantando-se nas patas traseiras, lambeu a mão da rainha em sinal de gratidão, enquanto a bela princesa me lançava um olhar de amor tão profundo que não podia ser descrito em palavras.

Eu tinha agora apenas algumas horas para agir. A excitação, segundo me assegurou o doutor Nebulosus, encurtaria a vida da rainha em uma hora inteira.

Sempre tive o costume de levar comigo uma pequena, mas excelente, lupa, uma lente dupla convexa, com o objetivo de examinar objetos minúsculos e também para ler inscrições muito finas para serem vistas a olho nu. Chamando rapidamente um habilidoso metalúrgico, instruí-o a colocar a lente em um tubo curto e a envolver esse tubo dentro de outro, para que eu pudesse alongá-lo à minha vontade. Depois, reunindo todos os chefes da nação que cabiam na sala do trono, pedi a Lorde Cornucore que os informasse da confissão feita pela rainha Galaxa, a saber, que, na realidade, a donzela Glow Stone era a princesa Crystallina e a princesa Crystallina era a donzela Glow Stone.

Eles ficaram sem palavras com essa informação, mas quando o Lorde Cornucore continuou a contar toda a história e a explicar-lhes por que a rainha havia praticado esse engano contra eles, eles começaram a lamentar-se descontroladamente, repetindo várias vezes em tom lastimoso:

“Uma mancha em seu coração! Uma mancha em seu coração! Ó terrível infortúnio! Ó dia lamentável! Ela nunca poderá ser nossa princesa se tem uma mancha em seu coração!” A essa altura, meus preparativos estavam concluídos. Eu havia colocado a princesa Crystallina do lado de fora da porta da sala do trono, onde ela estava escondida atrás das cortinas grossas, e perto dela eu havia colocado o Doutor Nebulosus com um grande espelho circular de prata polida na mão. Gritando em voz alta para que fizessem silêncio, eu me dirigi aos súditos chorosos da Rainha Galaxa:

—

“Ó Mikkamenkies, homens da Terra dos Óculos, povo transparente, considero-me muito feliz por estar entre vocês neste momento e por ter sido autorizado pela vossa graciosa rainha a levantar a minha voz em defesa da infeliz princesa com a mancha no coração. Sendo de nascimento nobre e habitante de outro mundo, era meu direito olhar através da princesa triste, e foi o que fiz. Sim, Mikkamenkies, eu contemplei seu coração; eu vi a mancha dentro dele! Ouçam, Homens da Terra dos Óculos, e vocês saberão como essa mancha chegou lá; pois não é, como vocês sem dúvida pensam, uma mancha negra como carvão dentro daquele belo recinto, mais clara do que as colunas do trono de Galaxa. Oh, não, Mikkamenkies, mil vezes não: é uma pequena mancha de cor avermelhada, uma gota de sangue principesco do mundo superior, onde eu habito, e essa gota, em todos esses incontáveis séculos, correu pelas veias de mil reis e ainda manteve seu brilho rosado, ainda se lembrava do glorioso sol que a trouxe à existência; e agora, Homens da Terra dos Óculos, para que não pensem que, por algum propósito obscuro meu, falo outra coisa que não a pura e sóbria verdade, eis que vos mostro o coração da bela Crystallina, em sua própria vida e existência, batendo e pulsando com esperança e medo misturados. Olhem e julguem por vocês mesmos!” E com isso, fiz sinal para aqueles que estavam do lado de fora do palácio para que cumprissem minhas instruções.

BULGER PARTS HIS MASTER FROM PRINCESS CRYSTALLINA.

Em um instante, as cortinas grossas foram fechadas e a sala do trono ficou envolta em escuridão. No mesmo momento, o Doutor Nebulosus, com seu espelho, captou os fortes raios de luz branca e os lançou sobre o corpo de Crystallina, enquanto eu, através de uma abertura nas cortinas, me apressava

aplicar o tubo ao qual a lente havia sido acoplada e, captando a imagem refletida do coração dela, projetou-a de forma clara e surpreendente na parede oposta da sala do trono. Ao verem como a mancha era pequena e como eu a havia descrito com precisão, os Mikkamenkies começaram a chorar de pura alegria e, então, como se fosse uma só voz, exclamaram:

"Viva a bela princesa Crystallina com a mancha rubi em seu coração! E dez mil bênçãos sobre a cabeça do pequeno Barão Trump e do Lorde Bulger por salvar nossa terra de cruéis dissensões!" O povo do lado de fora repetiu o grito e, em poucos instantes, toda a cidade estava lotada de grupos de súditos da Rainha Galaxa, cantando, dançando e declarando seu amor pela bela princesa com a mancha rubi em seu coração. Eu cumpri minha palavra — a rainha Galaxa teria pelo menos três horas de felicidade completa antes que seu coração parasse de bater.

Mas, de repente, o rio Liglit começou a cintilar e a escurecer seu fluxo de raios brancos brilhantes.

A noite estava chegando. Silenciosamente, como por magia, os Mikkamenkies desapareceram da minha vista, fugindo em busca de camas, e quando a escuridão invadiu a grande sala do trono, alguém me puxou gentilmente pela mão e uma voz suave sussurrou:

"Eu amo! Eu amo você! Oh, quem além de mim pode dizer o quanto eu te amo!" E então um aperto mais forte do que aquela mão gentil me agarrou pela barra do meu casaco e me arrastou lentamente, mas com segurança, para longe, através da escuridão, através da penumbra, para as ruas silenciosas, cada vez mais longe, até que finalmente aquela voz suave, sufocada por um soluço, cessou seu apelo e sussurrou: "Adeus, oh, adeus! Não ouso ir mais longe!" E assim Bulger, em sua sabedoria, me conduziu para longe, para longe da Cidade dos Mikkamenkies, para a Estrada de Mármore!

Capítulo 14

BULGER E EU Damos as costas ao belo domínio da Rainha Cristalina. — O MARAVILHOSO TUBO FALANTE DA NATUREZA. — A TENTATIVA DE CRISTALINA DE NOS FAZER VOLTAR. — COMO IMPEDI BULGER DE CEDER. — ALGUNS INCIDENTES DA NOSSA VIAGEM AO LONGO DA ESTRADA DE MÁRMORE E COMO CHEGAMOS AO GLORIOSO PORTÃO DE PRATA SÓLIDA.

Eu, o triste Sebastião, carregado com um coração tão pesado quanto jamais um mortal do meu tamanho carregou consigo, fui conduzido pelo sábio Bulger pela estrada larga e silenciosa, cada vez mais longe da cidade dos Mikkamenkies, até que finalmente a música das fontes batendo em suas bacias de cristal se dissipou na distância e a escuridão ficou para trás. Senti que meu sábio irmãozinho estava certo e, assim, segui atrás dele, sem um suspiro ou uma sílaba para detê-lo.

Mas ele finalmente parou e, ao olhar ao meu redor, descobri que estava ao lado de um dos assentos ricamente esculpidos que se encontram com frequência ao longo da Estrada de Mármore. Eu estava tão cansado dos pés quanto pesado do coração e, estendendo a mão, toquei a mola que eu sabia que transformaria o assento em uma cama e, subindo nela com meu sábio Bulger aninhado ao meu lado, logo caí em um sono profundo e revigorante.

Quando acordei e me sentei, olhando para trás em direção à capital da Rainha Crystallina, pude ver o Rio de Luz derramando sua torrente de raios brancos ao longe; mas apenas um fraco reflexo chegava até onde havíamos passado a noite, e então soube que meu fiel companheiro havia me levado até o limite extremo do domínio Mikkamenky antes de parar. Sim, com certeza, pois, quando levantei os olhos, lá em cima, acima da cama, estava a esguia coluna de cristal que marcava o fim da Terra dos Óculos, e em sua face li o trecho de um decreto real proibindo um

Mikkamenky ultrapassasse esse limite sob pena de incorrer na mais grave desaprovação da rainha.

À minha frente havia escuridão e incerteza; atrás de mim ficava o belo Reino do Povo Transparente, ainda à vista, iluminado como uma longa fileira de casas felizes, nas quais as lareiras acesas brilhavam e aqueciam.

Eu voltei? Eu hesitei? Não. Eu podia ver um par de olhos falantes fixos em mim e podia ouvir um gemido baixo de impaciência me persuadindo a seguir em frente.

Abaixando-me, prendi um pedaço de cordão de seda tirado da cama ao colarinho de Bulger e pedi que ele me guiasse.

Demorou muito tempo até que a luz da cidade da rainha Crystallina desaparecesse completamente e, mesmo quando deixou de ser útil para me mostrar a grandiosidade e a beleza da vasta passagem subterrânea, eu ainda podia vê-la brilhar como uma estrela prateada ao longe, atrás de mim.

Mas ela finalmente desapareceu, e então senti que havia me separado para sempre da querida princesinha com uma mancha no coração.

Bulger não parecia ter a menor dificuldade em manter-se no centro da Estrada de Mármore e nunca deixou a corda que o conduzia afrouxar nem por um momento. No entanto, não era de forma alguma uma caminhada na escuridão total, pois os lagartos de que já falei, despertados pelo som dos meus passos, estalavam suas caudas e acendiam suas pequenas tochas luminosas em tentativas ansiosas de descobrir de onde vinha o barulho e que tipo de ser era aquele que invadira seus domínios silenciosos. Tínhamos percorrido talvez duas léguas quando, de repente, uma voz baixa e misteriosa, tão suave e gentil como se tivesse caído do céu claro e estrelado do meu belo mundo, chegou aos meus ouvidos.

“Sebastian! Sebastian!”, murmurou. Antes que eu pudesse parar para pensar, soltei um grito de espanto, e o som da minha voz pareceu despertar dez mil das minúsculas luzes vivas que habitavam as fendas e fissuras do vasto corredor arqueado, inundando-o por um momento com um brilho suave e rosado.

“Sebastian! Sebastian!”, murmurou novamente a voz suave e ecoante, vinda das próprias paredes de rocha ao meu lado.

Aproximando-me rapidamente do local de onde pareciam vir as palavras, coloquei o ouvido contra a superfície lisa da rocha. Mais uma vez, a mesma voz suave e suspirante pronunciou meu nome tão claramente e tão perto de mim que estendi a mão para agarrar a de Crystallina, pois era a voz dela — a mesma voz baixa e doce que me contara sua tristeza no Jardim Espectral; mas não havia ninguém lá. Ao esticar o braço, porém, minha mão esquerda passou pela face da parede e sentiu a presença de uma abertura redonda e lisa na rocha, do tamanho de um cano de escoamento de água da chuva no mundo exterior.

Imediatamente me ocorreu que, por algum capricho da natureza, essa abertura se estendia por quilômetros em direção à cidade dos Mikkamenkies, através de quilômetros de rocha sólida, e se abria na própria Sala do Trono da Princesa Crystallina.

Sim, eu estava certo, pois, após um momento, a mesma voz baixa e doce veio através do tubo acústico criado pela própria natureza e chegou aos meus ouvidos ansiosos.

Esperei até que cessasse e, colocando a boca na frente da abertura, murmurei em tom forte, mas gentil:

"Adeus, querida princesa Crystallina. Bulger e o pequeno barão se despedem de você!" E então, levantando Bulger nos braços, pedi que chorasse por sua amiga real, que ele nunca mais veria.

Ele soltou um grito longo, baixo e lastimoso, meio gemido, meio uivo, e então eu escutei a voz de Cristalina. Não demorou muito para que ela se fizesse ouvir.

"Adeus, querido Bulger; adeus, querido Sebastian! Crystallina nunca os esquecerá até que seu pobre coração com a mancha nele pare de bater e o Trono de Cristal não a reconheça mais." Pobre Bulger! Agora era minha vez de arrancá-lo daquele lugar, pois a voz de Cristalina, soando assim inesperadamente em seus ouvidos, havia despertado todo o profundo afeto que ele havia sufocado tão cruelmente para trazer seu pequeno mestre à razão e libertá-lo do encanto da graça e beleza de Cristalina. Mas foi em vão. Toda a minha força, todas as minhas súplicas foram impotentes para tirá-lo dali.

Evidentemente, Cristalina me ouviu implorando a Bulger e imaginou que agora eu vacilaria e ficaria indeciso.

"Atenda à prece do querido Bulger, ó amado", ela implorou, "e volte, volte para a sua desconsolada Crystallina, a quem você fez tão feliz por um

breve momento! Volta! Oh, volte!" Bulger começou a choramingar e a chorar de forma lastimável. Senti que algo precisava ser feito imediatamente, ou as consequências mais terríveis poderiam ocorrer — que Bulger, enlouquecido pelos tons doces da voz de Crystallina, pudesse se soltar de mim e correr loucamente de volta para a cidade dos Mikkamenkies, de volta para a bela jovem rainha do Trono de Cristal.

Tive que recorrer a um truque e a um artifício para salvar meu querido irmãozinho de seu próprio coração amoroso. Puxando sua cabeça contra meu corpo e cobrindo seus olhos com meu braço esquerdo, rapidamente desamarrei meu lenço e, enfiando-o nesse maravilhoso tubo falante, fechei-o com eficácia.

E assim salvei meu fiel Bulger de si mesmo, assim fechei seus ouvidos à música da voz de Crystallina; mas só depois de uma boa hora de espera ele conseguiu acreditar que seu querido amigo não falaria mais.

Depois de várias horas mais de viagem pela Estrada de Mármore, um ponto de luz chamou minha atenção, bem à frente, e redobrei o passo para alcançá-lo rapidamente. Logo fui recompensado pelo meu esforço ao entrar em uma câmara maravilhosa, de forma circular, com um teto abobadado. No centro desse belo templo do mundo subterrâneo brotava uma fonte gloriosa com um jato poderoso de águas que traziam consigo uma fosforescência tal que essa vasta câmara redonda era iluminada por uma luz amarela pálida na qual os incontáveis cristais do teto e das paredes brilhavam magnificamente.

Aqui passamos a noite, ou o que eu chamava de noite, refrescando-nos com a comida que eu havia trazido do Reino dos Mikkamenkies, bebendo e banhando-nos na maravilhosa fonte que jorrava no ar com um ruído e um zumbido, enchendo-a com um brilho estranho e intermitente. Ao acordar, Bulger e eu nos sentimos muito revigorados, tanto no corpo quanto na mente, e nos apressamos em procurar o portal elevado que se abria para a Estrada de Mármore, e logo estávamos caminhando por ela novamente. Hora após hora, continuamos em pé, pois algo me dizia que não podíamos estar longe dos limites de algum outro domínio deste Mundo dentro do Mundo; e essa intuição minha provou estar correta, pois Bulger de repente deu um latido alegre e começou a pular como se dissesse:

"Ó pequeno mestre, se você tivesse meu olfato apurado, saberia que estamos nos aproximando de algum tipo de habitação humana!"

E, de fato, em poucos instantes, uma luz fraca começou a se infiltrar sob os arcos imponentes do amplo corredor, e a cada instante ela se intensificava, até que agora eu podia ver claramente ao meu redor, e então, de repente, avistei a fonte dessa luz tímida e instável. À minha frente, erguiam-se dois candelabros gigantescos de prata esculpida, trabalhada e polida, ambos coroados por uma centena de luzes, um de cada lado da Estrada de Mármore — não eram as chamas opacas e suaves do óleo ou da cera, mas as línguas brancas de fogo produzidas pelo gás inflamado que escapava da retorta do químico.

Era maravilhoso, era magnífico, e eu fiquei olhando para esses grandes aglomerados de línguas de fogo, encantado pela gloriosa iluminação assim estabelecida em silenciosa majestade nesta entrada para alguma cidade do submundo.

O grunhido de advertência de Bulger me trouxe de volta à realidade, mas devo encerrar este capítulo aqui, queridos amigos, e fazer uma pausa para organizar meus pensamentos antes de continuar a contar o que vi depois de passar por este glorioso portal iluminado por esses dois gigantescos candelabros de prata maciça.

Capítulo 15

OS GUARDAS NO PORTÃO DE PRATA. — COMO ELES ERAM. — A RECEPÇÃO QUE NOS DERAM. — FAÇO UMA DESCOBERTA MARAVILHOSA. — O PRIMEIRO TELEFONE DO MUNDO. — BULGER E EU CONSEGUIMOS FAZER AMIZADE COM ESTES ESTRANHOS. — UMA BREVE DESCRIÇÃO DOS SOODOPSIES, OU SEJA, OLHOS FINGIDOS, OU OS FORMIFOLK, OU SEJA, O POVO FORMIGA. — COMO UM CEGO PODE LER A SUA ESCRITA.

Ó Grande Don Fum, Mestre de todos os Mestres, o que não te devo por teres-me dado a conhecer a existência deste maravilhoso Mundo dentro de um Mundo! Quem me dera ter sido um trabalhador do metal! Eu não teria passado pelo glorioso portal onde parei sem ter gravado em relevo nas colunas de prata o nome completo do mais glorioso erudito que o mundo já conheceu. Bulger me avisou que esse portal era vigiado e, por isso, entrei com cautela, tomando cuidado para espiar os cantos escuros, para não ser alvo de algum inimigo invisível que pudesse atirar uma arma em mim.

Assim que passei pelo portal, três pequenos seres curiosos, da minha altura, lançaram-se rápida e silenciosamente pelo caminho. Vestiam casacos curtos, calças até os joelhos e perneiras que chegavam aos tornozelos, mas não usavam chapéus nem sapatos, e suas roupas eram profusamente decoradas com belos botões de prata.

Suas mãos, pés e cabeças pareciam muito grandes para seus corpos pequenos e pernas finas, o que lhes dava uma aparência estranha e assustadora, ainda mais acentuada pelo olhar fixo e vidrado de seus olhos grandes e redondos. Quando os vi pela primeira vez, eles estavam de mãos dadas, mas agora estavam cada um com as mãos estendidas em direção a Bulger e a mim,

agitando-as estranhamente no ar e movendo seus dedos longos como se estivessem tentando lançar um feitiço sobre nós.

Imaginei que podia sentir uma sensação de sonolência tomando conta de mim e me apressei em gritar: —

"Não, boa gente, não tentem lançar um feitiço sobre mim. Eu sou o ilustre explorador do mundo superior, — Sebastian von Troomp, — e vim até vocês com as mais pacíficas intenções."

Mas eles não deram ouvidos às minhas palavras, apenas avançaram alguns centímetros e, com as mãos estendidas, continuaram a bater e arranhar o ar, parando apenas para sinalizar uns aos outros tocando as mãos ou diferentes partes do corpo uns dos outros. Fiquei profundamente perplexo com suas ações e dei um ou dois passos à frente, quando instantaneamente eles recuaram a mesma distância.

"Todos os homens são irmãos", exclamei em tom alto, "e carregam corações da mesma forma em seus peitos. Por que vocês temem a mim? Vocês são três vezes mais que eu e estão em sua própria casa. Peço que fiquem firmes e falem comigo!"

Enquanto eu pronunciava essas palavras, eles continuavam sacudindo a cabeça para trás, como se o som da minha voz os estivesse atingindo no rosto. Era muito estranho. De repente, um deles tirou do bolso um novelo de cordão de seda e, desenrolando-o habilmente, atirou uma ponta na minha direção. Ela voou diretamente para mim, pois sua ponta estava presa a um fino disco de prata polida, assim como a ponta que estava na mão de quem a atirou. Seu próximo movimento foi abrir a jaqueta e aparentemente pressionar o disco contra o corpo nu, bem sobre o coração. Apressei-me a fazer o mesmo com o meu, segurando-o firmemente no lugar. Feito isso, ele recuou um ou dois passos até que o cordão de seda estivesse bem esticado. Então, ele parou e ficou parado por alguns instantes sem mover um músculo, após o que passou o disco para um de seus companheiros, que, tendo-o pressionado contra o coração por sua vez, passou-o para o terceiro do grupo.

Com a rapidez do pensamento, a verdade agora me ocorreu: as três criaturas parecidas com duendes à minha frente não eram apenas cegas, mas também surdas e mudas. O único sentido em que confiavam, e que nelas era de uma acuidade maravilhosa, era o tato. Os movimentos estranhos de suas mãos e dedos, tão parecidos com o bater e agitar das antenas de um inseto, serviam simplesmente para interceptar e medir as vibrações do ar provocadas pelos movimentos do meu corpo. Seus grandes olhos redondos também tinham apenas o sentido do tato, mas era tão maravilhosamente apurado que era

quase como o poder da visão, permitindo-lhes, pela vibração do ar sobre as bolas, saber exatamente a que distância se encontrava um objeto em movimento. O objetivo de me atirarem a corda de seda e o disco de prata era medir os batimentos do meu coração e compará-los com os seus, para determinar se eu era humano como eles.

Julgai o meu espanto, queridos amigos, ao ver um deles apontar para o disco de prata e, por meio de linguagem gestual, dar-me a entender que queriam sentir o coração da criatura viva que estava na minha companhia.

Abaixando-me, apressei-me em satisfazer a curiosidade deles, aplicando-o sobre o coração do meu querido Bulger.

Imediatamente, uma expressão de espanto muito cômico se desenhou em seus rostos enquanto passavam o disco de um para o outro e o pressionavam contra diferentes partes de seus corpos — ora contra o peito, ora contra as bochechas e até mesmo contra as pálpebras fechadas. É claro que eu sabia que seu espanto provinha dos batimentos rápidos do coração de Bulger, e eu me diverti muito com sua surpresa infantil. Toda a expressão de medo desapareceu de seus rostos, e fiquei encantado com a aparência de bom humor e bom humor que brilhava em seus rostos, agora envoltos em sorrisos.

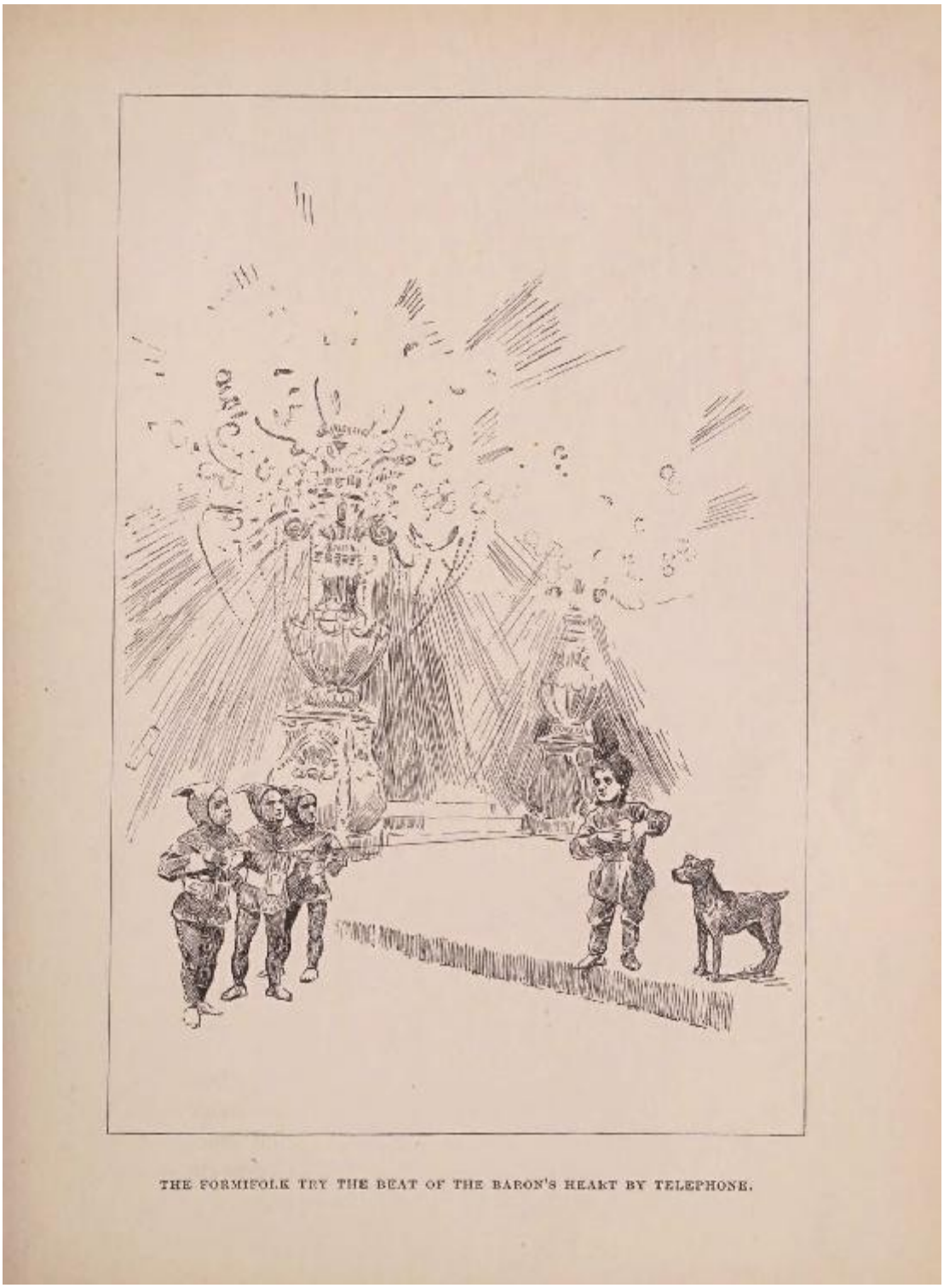
Lentamente e na ponta dos pés, elas se aproximaram de Bulger e de mim e, por vários minutos, se divertiram muito passando seus dedos longos e flexíveis por todo o nosso corpo.

Não demorou muito para que descobrissem que eu era, para todos os efeitos, uma criatura da mesma espécie que eles, mas não era o caso de Bulger. Seus rostos redondos ficaram marcados e sulcados pela admiração enquanto se familiarizavam com sua constituição física, estranha para eles, e, de vez em quando, enquanto o apalpavam, paravam e, com movimentos rápidos dos dedos nas mãos, braços e rostos uns dos outros, trocavam pensamentos sobre o ser maravilhoso que havia entrado no portal de sua cidade.

Sem dúvida vocês estão morrendo de impaciência, queridos amigos, para saber algo mais definitivo sobre esse povo estranho entre o qual eu havia caído. Bem, saibam, então, que a existência deles havia sido vagamente sugerida no manuscrito do Grande Mestre, Don Fum. Digo vagamente sugerida, pois vocês devem ter em mente que Don Fum nunca visitou este mundo dentro de um

Mundo; que sua maravilhosa sabedoria lhe permitia raciocinar sobre tudo sem ver, assim como os grandes naturalistas de nossos dias, ao encontrar um único dente pertencente a alguma criatura gigantesca que viveu há milhares de anos, são capazes de traçar imagens completas dela.

Bem, esses seres curiosos cuja cidade Bulger e eu entramos são chamados por dois nomes diferentes no maravilhoso livro de Don Fum. Em alguns lugares, ele se refere a eles como Soodopsies, ou Olhos Falsos, e em outros como Formifolk ou Povo Formiga. Qualquer um dos nomes era muito apropriado, pois seus olhos grandes, redondos e claros eram realmente imaginários, pois, como já disse, eles não tinham absolutamente nenhum sentido da visão; por outro lado, o fato de serem surdos, mudos e cegos, e viverem em casas subterrâneas, lhes dava todo o direito ao nome de Povo Formiga. Em poucos instantes, os três Soodopsies conseguiram me ensinar os princípios básicos de sua linguagem de pressão, de modo que, para seu grande deleite, eu fui capaz de responder a várias de suas perguntas.



THE FORMIFOLK TRY THE BEAT OF THE BARON'S HEART BY TELEPHONE.

Mas não pensem, queridos amigos, que esse povo pequeno, muito sábio e ativo, habilidoso em tantas artes, não tem outra linguagem além daquela que consiste em pressões de diferentes graus, feitas com as pontas dos dedos uns nos corpos dos outros. Eles tinham uma língua muito bonita, tão rica que lhes permitia

expressar os pensamentos mais difíceis, dar voz às emoções mais variadas; em suma, uma língua totalmente igual à nossa em todos os aspectos, exceto um: não continha absolutamente nenhuma palavra que lhes desse a menor noção do que era a cor. Isso não é de se admirar, pois eles próprios não tinham nem podiam ter a menor noção do que eu queria dizer com cor, de modo que, quando tentei fazer-lhes entender que nossas estrelas eram pontos brilhantes no céu, perguntaram-me se iriam picar meu dedo se eu pressionasse um deles. Mas você sem dúvida está ansioso para saber como o povo Formifolk pode usar qualquer outra linguagem que não a das pressões. Bem, eu vou lhe contar. Cada Soodopsy carregava em seu cinto um pequeno livro em branco, se assim posso chamá-lo, cujas capas eram feitas de finas placas de prata esculpidas e gravadas de acordo com o gosto do dono. As folhas desse livro também consistiam em finas lâminas de prata, não muito mais grossas do que nossa folha de estanho; também preso ao cinto por um cordão de seda, havia uma caneta de prata ou, melhor dizendo, um estilete. Agora, quando um Soodopsy deseja dizer algo a um de seu povo, algo muito difícil de expressar com a pressão das pontas dos dedos, ele simplesmente vira uma folha de prata contra o interior de uma das capas, ambas ligeiramente acolchoadas, e, pegando seu estilete, começa a escrever o que deseja dizer; e, feito isso, rasga habilmente a folha e a entrega ao seu companheiro, que a pega, vira-a e passa as pontas maravilhosamente sensíveis dos dedos sobre a escrita em relevo e a lê com a maior facilidade; só que, é claro, ele lê da direita para a esquerda, em vez de da esquerda para a direita, como foi escrito. Assim, daqui em diante, quando eu repetir minhas conversas com o povo Formifolk, vocês entenderão como elas foram conduzidas.

Capítulo 16

IDEIAS DOS FORMIFOLK SOBRE O NOSSO MUNDO SUPERIOR. — O ESPECTRO DANÇANTE. — OS SEUS ESFORÇOS PARA O CAPTURAR. — A MINHA SOLENE PROMESSA DE QUE ELE DEVERIA COMPORTAR-SE BEM. — PARTIMOS PARA A CIDADE DOS OLHOS FALSOS. — MEU ESPANTO COM A MAGNIFICÊNCIA DAS ENTRADAS DA CIDADE. — CHEGAMOS À GRANDE PONTE DE PRATA E TENHO MINHA PRIMEIRA VISTA DA CIDADE DOS CANDELABROS.
— BREVE RELATO DAS MARAVILHAS QUE SE ESTENDEM DIANTE DOS MEUS OLHOS. — A EMOÇÃO CAUSADA PELA NOSSA CHEGADA. — NOSSA CÂMARA DE PRATA.

Embora milhares e milhares de anos tivessem se passado desde que o povo Formifolk, devido à exposição constante ao brilho e ao clarão do gás combustível que seus ancestrais haviam descoberto e usado para iluminar seu mundo subterrâneo, tivesse gradualmente perdido a visão e, em consequência do silêncio profundo e assustador que reinava eternamente ao seu redor, também tivesse perdido a audição e, naturalmente, a capacidade de falar, ainda assim, por incrível que pareça, eles ainda mantinham em suas mentes tradições vagas e sombrias do mundo superior e da "lâmpada poderosa", como chamavam o sol, que brilhava por doze horas e depois se apagava, deixando o mundo na escuridão até que os espíritos do ar pudessem acendê-la novamente. E, por estranho que pareça, muitas das coisas irreais do mundo superior foram transformadas em realidades pelo trabalho de suas mentes, enquanto as realidades se tornaram meras teias de aranha do cérebro. Por exemplo, as sombras projetadas por nossos corpos à luz do sol e que nos seguiam para sempre, eles passaram a acreditar que eram criaturas reais, nossos duplos, por assim dizer, e que, por causa desses "espectros dançantes", como os chamavam, que perseguiam nossos passos durante toda a nossa vida, sentados como marjoys em nossos banquetes, era totalmente impossível para as pessoas do mundo superior serem inteiramente felizes como eram.

, e imediatamente lhes ocorreu que eu devia ter um duplo seguindo meus passos, então várias vezes eles de repente deram as mãos e, formando um círculo ao meu redor, gradualmente se aproximaram com a intenção de agarrar o espectro dançante. Eles fizeram isso mesmo depois que eu lhes assegurei que o que eles tinham em mente era apenas a sombra projetada por uma pessoa andando na luz. Mas como eles não tinham absolutamente nenhuma ideia da natureza da luz, eu só tive trabalho para mim.

Eles também não desistiram de fazer, de vez em quando, os esforços mais frenéticos e risíveis para capturar o pequeno cavalheiro dançarino que, como eles estavam convencidos, caminhava tranquilamente atrás de mim, mas que, segundo me informaram, era muito mais rápido em seus movimentos do que qualquer água que escorresse ou objeto que caísse. Finalmente, eles realizaram uma de suas reuniões silenciosas, mas muito agitadas, durante a qual as milhares de pressões e batidas rápidas que davam uns nos outros davam ao espectador a impressão de que eram três meninos surdos e mudos envolvidos em uma briga por um saco de bolinhas de gude. e então me informaram que haviam decidido permitir que Bulger e eu entrássemos em sua cidade, desde que eu lhes desse a palavra de um nobre de que impediria meu companheiro de pés ágeis de fazer-lhes qualquer mal.

Fiz-lhes uma promessa solene de que ele se comportaria bem. Então, eles saudaram Bulger e a mim como irmãos, acariciando nossos cabelos, dando tapinhas em nossas cabeças e beijando-me nas bochechas e, além disso, nos disseram seus nomes, que eram Longos Dedos, Nariz Quadrado e Sobrancelhas Desgrenhadas.

Durante todo esse tempo, eu lançava olhares ansiosos à minha frente, pois estava morrendo de impaciência para entrar na maravilhosa cidade do Povo Formiga.

Eu digo maravilhoso, queridos amigos, pois embora muitas coisas maravilhosas eu já tivesse visto em minha vida nos cantos distantes do mundo superior, ali estava uma visão que, à medida que se revelava diante dos meus olhos, aprisionou meu coração e me deixou sem fôlego. Foi com grande surpresa que descobri, logo no início, que as paredes e o chão da bela passagem por onde os Soodopsies conduziam Bulger e eu eram de prata pura, as primeiras compostas por painéis polidos ornamentados com entalhes e gravuras finamente executados e o segundo, como de fato todos os pisos, ruas e passagens da cidade, com

suas superfícies polidas, caracteres ligeiramente salientes que explicarei mais tarde. Mas, à medida que uma passagem se abria para outra, e depois quatro ou mais, todas centradas numa vasta câmara circular que atravessámos com os nossos três guias silenciosos, apenas para entrar em câmaras e corredores de maior tamanho e beleza, todos brilhantemente iluminados por fileiras dos mesmos candelabros gloriosos que sustentavam aglomerados de línguas de fogo — eu não podia comparar a cena a nada, a não ser a uma série de magníficos salões de baile e salões de banquetes, dos quais os convidados felizes haviam sido repentinamente expulsos pelo estrondo profundo e terrível de um terremoto, com as luzes acesas.

Agora a cena começava a mudar. Long Thumbs, que estava na frente e em cuja grande palma minha mãozinha estava completamente perdida, virou-se repentinamente para a direita e me conduziu por um caminho arqueado. Vi que estávamos atravessando uma ponte sobre um riacho tão negro e lento quanto o próprio Lete.

Mas que ponte! Nunca meus olhos haviam contemplado uma estrutura tão leve e arejada, estendendo-se de uma margem à outra; não era o trabalho simples e sólido de um pedreiro, mas o resultado belo e engenhoso da habilidade de um metalúrgico, como o fruto de um trabalho feito com amor, delicado, mas forte, e quase bonito demais para ser usado.

Duas fileiras de lâmpadas de prata de requintado trabalho coroavam seus lados graciosamente arqueados e, quando chegamos ao ponto mais alto, Long Thumbs parou e escreveu em sua tábua: “Agora, pequeno barão, estamos prestes a entrar na morada do nosso povo. Sua cabeça é grande e, sem dúvida, há muita sabedoria armazenada em seu cérebro. Faça uso dela de forma a não perturbar a felicidade perfeita de nossa nação, pois sem dúvida muitos de nosso povo suspeitarão de você e, pela primeira vez em milhares de anos, um Soodopsy se deitará para dormir e, em seus sonhos, sentirá o toque do espectro dançante do mundo superior”. Prometi a Long Thumbs que ele não teria motivos para ficar insatisfeito comigo e, então, alegando que estava cansado, deleitei meus olhos por alguns momentos com a cena gloriosa que se espalhava diante de mim.

Era a cidade dos Formifolk em todo o seu esplendor — um esplendor, infelizmente, invisível e desconhecido para os próprios habitantes, pois para eles as suas paredes e arcos prateados, as suas intermináveis fileiras de candelabros gloriosos que elevavam os seus inúmeros jatos de chamas eternas, os seus portais e portões primorosamente esculpidos e cinzelados, as suas cadeiras, sofás, camas, divãs, mesas, candeeiros, bacias, jarros e milhares de artigos de mobiliário, todos em prata pura, martelados ou forjados pelas

mãos hábeis de seus ancestrais enquanto ainda possuíam o poder da visão, só podiam ser conhecidos por seus descendentes, através do único sentido do tato.

Dos tetos altos dos corredores e arcadas, dos ornamentos salientes das fachadas das casas, das cornijas e beirados, dos quatro lados das colunas e dos cantos das cúpulas e minaretes, aqui e ali e por toda parte pendiam lâmpadas de prata de beleza oriental em sua forma e acabamento, todas com suas línguas de fogo eternas emitindo uma luz suave, embora instável, que incidia sobre os olhos cegos!

Mas ainda assim essas inúmeras chamas, com a ajuda das quais pude contemplar o esplendor desta cidade de palácios de prata, eram vida, se não luz, para os Soodopsies, pois aqueciam essas vastas profundezas subterrâneas e as enchiam de um ar deliciosamente suave e estranhamente ameno.

E pensar que Bulger e eu éramos as únicas duas criaturas vivas capazes de contemplar esta cena de beleza e resplendor quase celestiais!

Isso me deixou triste e mergulhou-me em tal estado de profunda abstração que foi necessário um segundo puxão gentil da mão de Long Thumbs para me trazer de volta à realidade.

Ao cruzarmos a ponte e entrarmos na cidade propriamente dita, fiquei encantado ao notar que as ruas e praças abertas eram ornamentadas com centenas de estátuas todas em prata maciça, representando espécimes de uma raça de grande beleza física; e então me ocorreu como era uma sorte que os Soodopsies não pudessem contemplar essas imagens de seus ancestrais e assim se tornarem testemunhas vivas de sua própria e lamentável decadência em relação à antiga graça física de sua raça.

Agora, como formigas humanas que eram, os Formifolk começaram a sair em enxames de suas moradias em todos os lados da cidade, e meu ouvido apurado captou o som baixo de seus pés descalços arrastando-se pelas ruas prateadas enquanto se aproximavam de nós, seus braços brilhando à luz e seus rostos marcados por emoções estranhas ao saberem da chegada entre eles de duas criaturas do mundo superior. Todos estavam vestidos, homens e mulheres, com roupas de seda castanho-avermelhadas, e concluí imediatamente que eles obtinham esse material das mesmas fontes que os Mikkamenkies, pois, queridos amigos, vocês não devem pensar que o povo Formifolk não merecia o nome

que Don Fum lhes havia dado. Eram verdadeiras formigas humanas e, exceto quando dormiam, estavam sempre trabalhando.

Era verdade que, desde que ficaram cegos, não tinham conseguido acrescentar uma única coluna ou arcada à Cidade Prateada, mas em todas as tarefas cotidianas da vida continuavam tão diligentes como sempre, caçando, esculpindo, cinzelando, plantando, tecendo, tricotando e fazendo mil e uma coisas que você e eu, com nossos dois olhos saudáveis, teríamos dificuldade em realizar.

Eu havia informado a Long Thumbs que Bulger e eu estávamos muito cansados e exaustos da longa caminhada e que ansiávamos por um pouco de refresco e, em seguida, poder descansar imediatamente, prometendo que, depois de algumas horas de sono, teríamos o maior prazer em ser apresentados aos dignos habitantes da Cidade de Prata.

Foi surpreendente a rapidez com que meu pedido se espalhou de pessoa para pessoa. Long Thumbs contou para dois ao mesmo tempo, esses dois para quatro, esses quatro para oito, esses oito para dezesseis e assim por diante. Você vê que, nesse ritmo, não demoraria muito para chegar a um milhão.

Como por magia, o povo Formifolk desapareceu das ruas e, em uma espécie de confusão ordenada, desapareceu da minha vista. Bulger e eu ficamos muito felizes por sermos conduzidos a um quarto de prata, onde todas as necessidades dos viajantes pareciam ter sido previstas. A única coisa que nos incomodava era que não estávamos acostumados a manter a luz acesa ao ir para a cama, e isso nos deixou um pouco acordados no início; mas estávamos cansados demais para deixar que isso nos impedisse de cair no sono após alguns momentos, pois o colchão era macio e elástico o suficiente para satisfazer qualquer pessoa, e tenho certeza de que ninguém poderia reclamar que a casa não era silenciosa o suficiente.

Capítulo 17

EM QUE VOCÊS LERÃO, QUERIDOS AMIGOS, ALGO SOBRE UM DESPERTADOR VIVO, UM BANHEIRO SOODOPSY E BORRACHA. — NOSSO PRIMEIRO CAFÉ DA MANHÃ NA CIDADE DE PRATA. — UMA NOVA MANEIRA DE PESCAR SEM FERIR OS SENTIMENTOS DOS PEIXES. — COMO AS RUAS E CASAS ERAM NUMERADAS E ONDE ESTAVAM AS PLACAS. — UMA BIBLIOTECA MUITO ORIGINAL, NA QUAL OS LIVROS NUNCA FICAM COM ORELHAS. — COMO VELVET SOLES APRECIAVA SEUS POETAS FAVORITOS. — SOU APRESENTADO AO ERUDITO BARREL BROW, QUE PASSA A ME DAR SUA OPINIÃO SOBRE O MUNDO SUPERIOR. — ELES ME DIVERTIRAM MUITO E PODEM INTERESSAR A VOCÊS.

Não sei dizer, queridos amigos, exatamente quanto tempo Bulger e eu dormimos, mas deve ter sido um bom tempo, pois quando acordei me senti completamente revigorado. Digo acordei, pois fui acordado por um leve toque nas costas da minha mão — seis toques.

A princípio, pensei que estava sonhando, mas, ao esfregar os olhos, vi ao lado da minha cama um dos Soodopsies que, sentindo que eu havia se mexido, pegou seu tablet e escreveu o seguinte: — “Meu nome é Tap Hard. Eu sou um relógio. Somos vinte. Nós mantemos o tempo para o nosso povo contando os balanços do pêndulo na Casa do Tempo. Ele balança quase tão rápido quanto a gente respira. Há cem respirações por minuto e cem minutos por hora. Nosso dia é dividido em seis horas de trabalho e seis horas de sono. Agora é hora de acordar. Se você quiser, um dos nossos da Casa da Saúde vai esfregar todo o cansaço dos seus membros.

Toquei o coração de Tap Hard para lhe agradecer e me apressei em sair da cama. Agora, pela primeira vez, olhei ao redor da câmara prateada em que havia dormido. Em prateleiras prateadas havia pentes prateados, tesouras prateadas e facas prateadas; em um suporte prateado havia um jarro prateado dentro de uma bacia prateada; em ganchos prateados estavam penduradas toalhas de seda, enquanto tapetes macios de seda estavam espalhados pelo chão prateado e, acima e ao redor, no teto e nas paredes, as línguas de fogo se repetiam mil vezes nos painéis de prata polida.

Eu já havia experimentado todos os tipos de borracha oriental e atendentes de banho em minha vida, mas a pequena e silenciosa Soodopsy, que me lavava, esfregava, batia e acariciava, superava todos eles em destreza, além de ter um charme novo, pois eu não era obrigado a ouvir longas e sem sentido histórias de aventura e intriga, mas era deixado sozinho com meus pensamentos. Bulger também foi tratado com uma esponja e uma massagem — um luxo que ele não desfrutava desde que deixamos o Castelo Trump.

Assim que terminei de me arrumar, Long Thumbs apareceu para perguntar como eu estava e supervisionar o serviço do meu café da manhã, que consistia em um pedaço de peixe cozido muito delicado, acompanhado de ostras de sabor delicioso e decorado com fatias daqueles cogumelos monstruosos que eu havia comido entre os Mikkamenkies, tudo servido em um lindo prato de prata sobre uma bandeja de prata com talheres de prata.

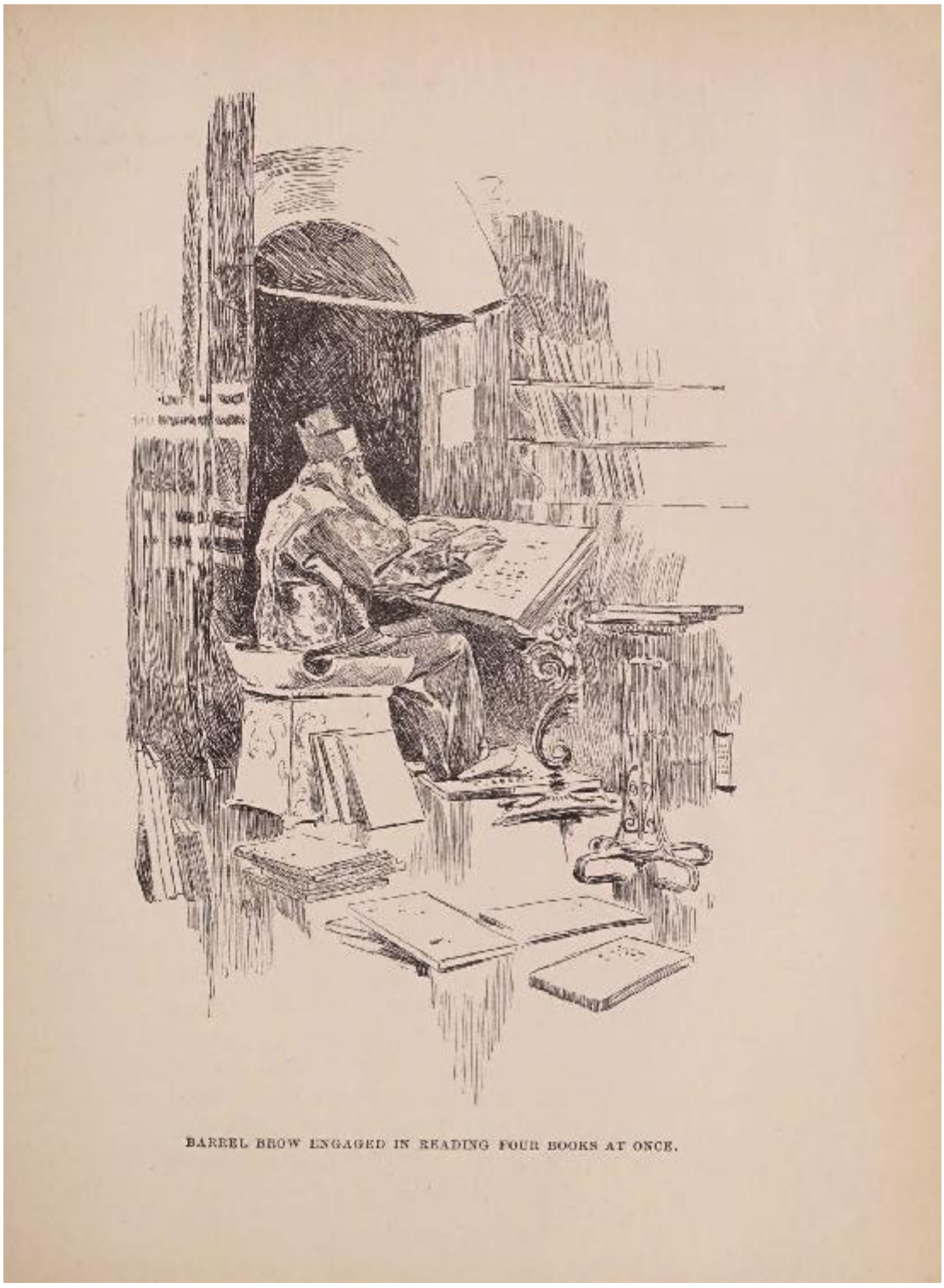
Lembrando-me da maneira estranha como os peixes eram capturados e mortos na Terra dos Mikkamenkies, fiquei curioso para saber como os Soodopsies conseguiam fazer isso, pois eu os conhecia o suficiente para saber que a sensação de qualquer coisa lutando por sua vida em suas mãos seria suficiente para lançá-los em acessos de grande sofrimento, enchendo seus corações gentis de um terror indescritível.

“No final de um dos muitos corredores que saem da nossa cidade”, explicou Long Thumbs, “há uma câmara rochosa que nossos ancestrais chamavam de Uphaslok, ou Buraco da Morte, porque qualquer ser que respirar seu ar por alguns instantes morrerá com certeza. Então, eles a fecharam para sempre, deixando apenas um pequeno cano projetando-se pela porta; mas, por estranho que pareça, aqueles que respiram esse ar não sentem nenhuma dor, mas logo caem em um sono agradável e, a menos que sejam resgatados, nunca mais acordam. Agora, como nossas leis nos proíbem de causar qualquer dor à criatura mais insignificante, ocorreu aos nossos ancestrais que, por meio de um longo tubo, eles poderiam desviar esse ar envenenado para o rio sempre que quisessem um suprimento de

peixe para alimentação. Foi o que fizeram e, por estranho que pareça, no momento em que os peixes sentiam o gás borbulhando no rio, nadavam imediatamente até a boca do tubo e lutavam entre si para ter a chance de capturar as bolhas mortais à medida que saíam da boca, pois causavam uma sensação tão agradável ao mergulhar gradualmente, que a criatura as respirava até seu último suspiro. E é assim que podemos nos alimentar dos peixes do nosso rio, sem infringir a lei do país."

Comecei a entender que havia me deparado com um povo muito original e interessante, mas Bulger não estava totalmente satisfeito com eles, por várias razões, como logo percebi. Em primeiro lugar, ele não conseguia se acostumar com o olhar frio e vidrado dos olhos deles e, em segundo lugar, tinha um pouco de inveja do olfato maravilhosamente apurado deles — um sentido que era tão forte que invariavelmente davam sinais de estar cientes da aproximação de Bulger antes mesmo que eu pudesse vê-lo, e sempre viravam o rosto na direção de onde ele estava vindo.

Vocês devem se lembrar, queridos amigos, que mencionei o fato de que os Formifolk andavam descalços e que seus pés, assim como suas mãos, pareciam grandes demais para seus corpos, e gostaria de acrescentar que, enquanto Bulger e eu éramos conduzidos pelos longos corredores e passagens sinuosas a caminho da Cidade de Prata, os três Soodopsies frequentemente paravam e pareciam estar sentindo algo no chão com as pontas dos pés. Não pensei mais nisso até que Bulger e eu saímos para nosso primeiro passeio pela maravilhosa cidade, quando, para minha grande alegria, descobri que os números das casas, os nomes dos moradores, os nomes das ruas, bem como todas as placas, por assim dizer, e todas as placas de sinalização estavam em letras ligeiramente salientes no chão e nas calçadas, e então a verdade me ocorreu: Long Thumbs e seus companheiros estavam simplesmente parando de vez em quando para ler os nomes das ruas com as pontas dos pés, a fim de saber se estavam no caminho certo.



BARREL BROW ENGAGED IN READING FOUR BOOKS AT ONCE.

Sim, mais do que isso, queridos amigos, a primeira vez que Bulger e eu passamos por uma das praças abertas da Cidade de Prata, vocês podem imaginar minha satisfação ao descobrir que os pavimentos de prata estavam literalmente cobertos com os escritos dos autores de Soodopsy em caracteres em relevo.

Agora, no maravilhoso livro de Don Fum, ele me deu, com sua habilidade magistral, a chave para a língua do povo Formifolk, de modo que, com muito pouco esforço, pude fazer a descoberta adicional de que algumas ruas eram dedicadas aos escritores de história, outras aos contadores de histórias, enquanto outras estavam repletas das obras eruditas dos filósofos e outras ainda continham milhares de versos dos melhores poetas que a nação havia produzido.

E não tive muita dificuldade em descobrir quais eram os poemas favoritos dos Soodopsies, pois, como você pode imaginar, eles estavam polidos como um espelho de prata pelo atrito dos muitos pés agradecidos sobre suas linhas doces e comoventes.

Percebi que os escritos dos filósofos, neste mundo como no meu, tinham poucos leitores, pois as letras em relevo estavam, em muitos casos, manchadas e pretas por falta de solas que as pisassem em busca de sabedoria.

Um pouco mais tarde, quando me familiarizei com Velvet Soles, a filha de Long Thumbs, uma criaturinha graciosa, tão cheia de luz interior quanto cega para o mundo exterior, e ela me convidou para "vir ler", tive muita dificuldade em convencê-la de que não podia tirar o que ela chamava de minhas ridículas "caixas para os pés" e me juntar a ela para apreciar alguns de seus poemas favoritos. Para mim, era um passatempo delicioso acompanhar essa pequena donzela feliz quando ela "ia ler", caminhar ao lado dela e observar a expressão sempre variada de seu lindo rosto enquanto as solas de seus pezinhos pressionavam as palavras de amor, esperança e alegria, e seu coração se expandia, e ela juntava as mãos em gestos de prazer feliz, aparentemente tão profundo e fervoroso como se a luz abençoada do sol repousasse em sua testa e seus olhos estivessem bebendo a glória de um pôr do sol de verão. Ó habitantes do mundo superior, com a luz entrando pelas janelas de suas almas, com os ouvidos abertos à música da flauta e do violino, e à música mais doce da voz do amor, quanto mais vocês têm do que ela, e ainda assim quão raramente são tão felizes, quão raramente conhecem essa doce satisfação que, como neste caso, veio de dentro?

"Ide à formiga; considerai os seus caminhos e sede sábios, que, não tendo guia, supervisor ou governante, provê o seu alimento no verão e recolhe o seu alimento na colheita."

Em pouco tempo, o povo Formifolk pareceu se acostumar bastante a ter Bulger e eu entre eles, e aparentemente “deram as mãos” comigo de maneira tão amigável como se eu fosse um deles.

Um dia, Long Thumbs me conduziu à casa do mais velho e sábio dos Soodopsies, chamado Barrel Brow.

Ele me recebeu muito cordialmente, embora eu o tenha interrompido em seus estudos, pois, quando entrei em seu apartamento, ele estava lendo quatro livros diferentes ao mesmo tempo: dois estavam no chão, e ele estava examinando os caracteres em relevo com as solas dos pés, e outros dois estavam colocados em uma moldura à sua frente, e ele os decifrou com as pontas dos dedos.

Mas quando soube quem eu era, ele parou imediatamente o que estava fazendo, pegou suas tábuas e me fez várias perguntas sobre o mundo superior, do qual, no entanto, não tinha uma opinião muito elevada.

“Vocês”, disse ele, “se bem compreendo os escritos antigos daqueles de nossa nação que ainda preservavam certas tradições do mundo superior, são dotados de vários sentidos que nos faltam completamente, o que me deixa feliz, pois, se bem compreendo, vocês têm, em primeiro lugar, um sentido que chamam de audição, um sentido muito incômodo, pois, por meio dele, vocês são constantemente perturbados e incomodados pelas vibrações do ar que vêm de longe. Ora, isso não pode ser de nenhum proveito para vocês. Seria o mesmo que ter um sentido que lhes informasse o que se passa na lua. Portanto, a minha conclusão é que o sentido da audição serve apenas para distrair e enfraquecer o cérebro.

“Outro sentido que vocês possuem”, continuou Barrel Brow, “vocês chamam de sentido da visão — um poder ainda mais inútil e perturbador do que a audição, pois permite que vocês saibam coisas que são totalmente inúteis, como o que seus vizinhos estão fazendo, como estão as montanhas do outro lado dos rios, como seria o céu, como vocês o chamam, se pudessem tocá-lo com os dedos, o que vocês não podem fazer; em quanto tempo vai chover, o que é um conhecimento inútil se vocês têm telhados para se cobrir, como suponho que tenham; mas o uso mais ridículo que vocês fazem desse sentido da visão é a fabricação do que chamam de imagens, por meio das quais parecem ter o maior prazer em enganar esse mesmo sentido do qual se orgulham tanto. Se bem entendi, essas imagens, quando tocadas, são tão lisas quanto aquele

painel ali, mas desenham as linhas e aplicam as cores, quaisquer que sejam, com tanta habilidade que realmente conseguem enganar a si mesmos e ficam horas diante de uma dessas artimanhas, quando poderiam, se quisessem, deleitar os olhos, como vocês dizem, com a própria coisa que o trapaceiro imitou. Ora, como a vida é muito mais curta no mundo superior do que no nosso, parece-me muito estranho que queiram desperdiçá-la dessa maneira tola. Depois, há outra coisa, pequeno barão", continuou o erudito Barrel Brow, "que gostaria de mencionar. É o seguinte: as pessoas do mundo superior se orgulham muito do que chamam de poder da fala, que, se bem entendi, é uma faculdade que têm de expressar seus pensamentos uns aos outros expelindo violentamente o ar dos pulmões, e que esse ar, ao entrar nos ventiladores do cérebro, que vocês chamam de ouvidos, produz uma sensação de som, como vocês chamam, e, dessa forma, um dos teus, estando numa ponta da cidade, pode comunicar os seus desejos a outro que está na outra ponta. Agora, perdoa-me por pensar assim, pequeno barão, mas isso parece-me não ser nada superior ao animal bruto, que, abrindo as suas enormes mandíbulas, põe o ar em movimento para chamar os seus filhotes ou para desafiar um inimigo. E, se bem entendi, pequeno barão, o teu povo tem tanto orgulho desse poder da fala que insiste em usá-lo em todos os momentos e em todas as ocasiões e, por estranho que pareça, esses "falantes" sempre encontram muitas pessoas dispostas a abrir os ouvidos para essas vibrações do ar, embora o efeito seja tão cansativo para o cérebro que, no final, elas invariavelmente acabam adormecendo. Mas, se bem entendi, as mulheres gostam ainda mais de exibir sua habilidade em soprar o ar dos pulmões do que os homens; mas, não satisfeitas com esse poder superior de soprar as palavras, elas recorrem a uma erva potente que mergulham em água fervente e bebem o mais quente possível, devido ao seu efeito de soltar a língua e permitir que a falante sopre mais do que poderia de outra forma.

"Mas tudo isso, pequeno barão", continuou o erudito Barrel Brow, "poderia ser ignorado e considerado como mera diversão, não fosse pelo fato, se bem entendi, de que os ventiladores cerebrais são de tamanhos diferentes em pessoas diferentes, o que faz com que essas rajadas de ar que vocês usam para comunicar seus pensamentos uns aos outros produzam efeitos diferentes em pessoas diferentes, e o resultado é que as pessoas do mundo superior passam metade do tempo repetindo as rajadas que já enviaram, e mesmo assim raramente se encontram duas pessoas que concordem exatamente quanto ao

número, tipo, força e significado dos sopros enviados aos ventiladores cerebrais uns dos outros e que, portanto, tornou-se necessário providenciar o que vocês chamam de juízes para resolver essas disputas que muitas vezes duram toda a vida, com as duas partes gastando toda a sua fortuna para contratar testemunhas para comparecer perante esses juízes e imitar o som que o ar fazia quando foi colocado em movimento anos atrás pelos sopros raivosos das duas partes. Confio sinceramente, pequeno barão", escreveu o erudito Barrel Brow em sua tábua de prata, "que quando retornares ao teu povo, tu lhes darás a conhecer o que escrevi para ti hoje, pois nunca é tarde demais para corrigir uma falha, e quanto mais tempo essa falha durar, maior será o mérito por corrigi-la".

Prometi ao sábio Soodopsy que faria o que ele pediu e, em seguida, tocamos a nuca um do outro, que é a forma como se despedem na terra do povo Formifolk, um toque na testa significando "Como vai?".

Capítulo 18

HISTÓRIA ANTIGA DOS SOODOPSIES, CONFORME RELATADA POR BARREL BROW. — COMO FORAM OBRIGADOS A SE REFUGIAR NO MUNDO SUBTERRÂNEO E COMO CHEGARAM À ESTRADA DE MÁRMORE. — SUA DESCOBERTA DO GÁS NATURAL, QUE LHE PROPORCIONA LUZ E CALOR, E DO MAGNÍFICO TESOURO DA NATUREZA. — COMO SUBSTITUÍRAM SUAS ROUPAS ESfarrapadas E COMEÇARAM A CONSTRUIR A CIDADE DE PRATA. — AS ESTRANHAS DESGRAÇAS QUE LHE ACONTECERAM E COMO ELES SUPERARAM, POR MAIS TERRÍVEIS QUE FOSSEM.

E, sem dúvida, queridos amigos, vocês ficariam felizes em ouvir algo sobre a história antiga dos Soodopsies: quem eles eram, de onde vieram e como encontraram o caminho para o Mundo dentro do Mundo.

Pelo menos, foi assim que me senti depois de ter sido apresentado ao erudito Barrel Brow, e então, na vez seguinte em que o visitei, esperei pacientemente que ele terminasse de ler os quatro livros que tinha diante de si e então disse:

“Por favor, caro Mestre, conte-me algo sobre a história antiga do seu povo e explique-me como eles vieram parar neste mundo subterrâneo.”

“Há muito tempo atrás”, escreveu o erudito Barrel Brow, “o meu povo vivia nas margens de uma bela terra com um vasto oceano a norte, e naquela época tinha os mesmos sentidos que as outras pessoas do mundo superior. Era uma terra muito bela, tão bela que, nas palavras das crônicas antigas, o sol procurava em vão por outra mais bela. Seus rios eram profundos e largos, suas planícies eram ricas e férteis, e suas montanhas estavam repletas de prata, ouro, cobre e estanho, e esses metais eram tão fáceis de extrair

que nosso povo se tornou famoso como metalúrgico; tão hábeis em seu trabalho que outras nações de longe e de perto vinham até nós em busca de espadas, escudos, pontas de lanças, armaduras, talheres, braceletes e, acima de tudo, lâmpadas esculpidas e trabalhadas com grande esplendor para pendurar em seus palácios e templos. E assim éramos muito felizes, até que um dia terrível o grande mundo redondo deu uma volta e nos afastou do sol, de modo que seus raios passavam obliquamente sobre nossas cabeças e não nos davam calor.

"Ah, eu poderia chorar agora", exclamou o erudito Barrel Brow, "depois de todos esses séculos, quando penso no destino cruel que se abateu sobre o meu povo. Em poucos meses, toda a superfície da nossa bela terra ficou coberta de gelo e neve, e nosso gado morreu, assim como muitos dos nossos, antes que pudessem tecer tecidos grossos para proteger seus corpos delicados do frio cortante. Mas isso não foi tudo; o grande oceano azul, que até então batia com suas ondas quentes e espuma branca contra nossas costas, agora soprava seu hálito gelado sobre nós, levando-nos para nossas adegas para escapar de sua fúria; e em poucos meses, para nosso horror, campos e montanhas de gelo vieram flutuando em nossa direção, lançados pelas águas tempestuosas contra nossas costas com um estrondo ensurdecedor. Permanecer ali significava morte rápida e terrível, então foi dada a ordem para abandonar as casas e lareiras e fugir para o sul, e foi o que a maioria fez. Mas aconteceu que várias centenas de famílias pertencentes às guildas de metalúrgicos, que conheciam as passagens subterrâneas para as minas como os guardas florestais conhecem a floresta sem caminhos, refugiaram-se nas vastas cavernas subterrâneas com todos os bens que puderam carregar. Pobres criaturas iludidas! Pensavam que a chegada repentina do vento gelado do inverno, da neve ofuscante e dos vastos campos de gelo flutuantes não passava de uma aberração da natureza e que, em poucos meses, o calor e o sol de outrora voltariam.

"Infelizmente, os meses passaram e seus suprimentos de comida estavam quase esgotados, e as entradas das minas estavam fechadas por gigantescos blocos de gelo cimentados em uma grande massa pela neve que as nuvens cinzentas haviam derramado sobre eles.

"Agora não havia mais como escapar por ali. Sua única esperança era abrir caminho no subsolo até algum portal para o mundo superior.

"Assim, com tochas acesas, mas com os corações mergulhados na escuridão do desespero, eles continuaram seu caminho, quando um dia, ou uma noite, eles não sabiam

, seus líderes depararam-se com uma ampla rua de mármore aberta pelas próprias mãos da natureza. Era ladeada por um rio que corria suavemente, repleto de peixes com escamas, conchas e pele, e ali nosso povo parou para comer, beber e descansar. Enquanto um deles batia sua pedra para fazer fogo para cozinhar, para sua surpresa e alegria, uma língua de fogo brotou do chão rochoso e continuou a queimar, dando-lhes luz e calor.

"Como tinham trazido suas ferramentas — brocas, cinzéis, limas, buris e sopradores — em suas carroças e vagões, apressaram-se em encaixar um tubo nessa abertura na rocha e montar um conjunto de luzes. Com comida, água, calor e luz, seus corações ficaram mais leves, especialmente quando descobriram que, em muitas das vastas cavernas, cresciam cogumelos gigantescos em profusão selvagem.

"O mais sábio deles", continuou o erudito Barrel Brow, "decidiu imediatamente que deveria haver reservatórios desse gás mais adiante nessa bela Estrada de Mármore, então, dia após dia, eles avançaram mais nesse Mundo dentro de um Mundo, parando de vez em quando para montar um farol, como eles chamavam.

"Depois de avançar várias léguas, o grupo de exploradores, ao acender um conjunto de lanternas a gás, ficou quase sem palavras de admiração ao se ver diante do limiar de um portal imponente que se abria para uma sucessão de vastas câmaras, algumas com teto plano, outras arqueadas, outras abobadadas, cujos pisos e paredes estavam cobertos por quantidades inesgotáveis de prata pura. Essas magníficas cavernas eram, na realidade, vastos armazéns naturais do glorioso metal branco, e nosso povo se apressou em instalar grupos de lanternas a gás aqui e ali, para que pudessem ver o maravilhoso tesouro.

"Aqui eles decidiram ficar, pois aqui havia comida e água em suprimentos inesgotáveis, e aqui eles teriam luz e calor, e aqui poderiam esquecer suas misérias trabalhando em sua vocação, usando o metal precioso com mãos generosas para construir suas câmaras e para fabricar as mil e uma coisas necessárias para a vida cotidiana. Tão grande era a alegria dos metalúrgicos ao encontrarem essa fonte inesgotável de prata pura que mal conseguiam dormir até terem instalado grupos de jatos de gás por todas as vastas cavernas, pois, sem dúvida, pequeno barão, você já

adivinhado que este é o lugar de que te estou falando; que foi bem aqui que nosso povo parou para construir a Cidade de Prata.

"Mas um pensamento os perturbava: onde encontrar roupas necessárias, pois as velhas estavam se desfazendo em farrapos, quando, para sua alegria, encontraram uma cama de lã mineral e com ela conseguiram tecer alguns tecidos. Embora fossem um pouco rígidos e ásperos, eram melhores do que nada.

"Enquanto explorava uma nova caverna, um dia, um dos meus sábios ancestrais viu uma grande mariposa pousar perto dele e, soltando delicadamente alguns de seus ovos, levou-os para casa, mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa.

"Imagine como ele ficou feliz ao ver uma das lagartas que eclodiu começar a tecer um casulo de seda do tamanho da metade do seu punho. Houve uma grande festa e alegria entre o nosso povo ao ouvir essa boa notícia, e não demorou muito para que muitas lançadeiras de prata estivessem chacoalhando em teares de prata, e os corpos macios do nosso povo estivessem vestidos com roupas quentes e confortáveis. Passaram-se longos períodos de tempo que, divididos em meses, teriam feito muitos e muitos anos. Nosso povo tinha tudo, menos luz solar, e isso, é claro, aqueles que nasceram no submundo não conheciam e, portanto, não sentiam falta.

"Mas, como era de se esperar, grandes mudanças ocorreram gradualmente em nosso povo. Para sua inexprimível tristeza, eles perceberam que, enquanto se ocupavam em embelezar suas novas casas, erguendo arcos, pontes e terraços, e decorando-as com gloriosos candelabros e estátuas, todos em prata fundida, trabalhada ou martelada, sua visão estava gradualmente falhando e que, em pouco tempo, ficariam totalmente cegos.

"Esse resultado, pequeno barão", continuou o erudito Barrel Brow, "era muito natural, pois o sentido da visão foi criado, na realidade, para a luz do sol; pois, como você sem dúvida sabe, todos os peixes que nadam em nossos rios não têm olhos, pois não precisam deles. Aconteceu exatamente como eles esperavam — em poucas gerações, nosso povo descobriu que seus olhos não podiam mais ver as coisas como você vê, mas ainda podiam senti-las se não estivessem muito longe, assim como eu posso sentir sua presença agora e dizer onde você está sentado, quão alto você é, quão largo você é e se você se move para a direita ou para a esquerda, para frente ou para trás, mas não posso dizer exatamente como tu és feito até estender a mão e tocar-te; então sei tudo; sim, muito melhor do que tu podes saber, pois nosso sentido do tato é mais apurado do que a tua chamada visão. Um

dos meus pode sentir um grão ou uma aspereza em um espelho de prata que aos teus olhos parece mais liso que o vidro. Bem, estranho de se contar, mas não tão estranho assim, nossos ancestrais, com a perda da visão, também sentiram que a audição estava diminuindo. Nossos ouvidos, como você os chama, não tendo mais nada para ouvir, pois o silêncio eterno, como você sabe, reina neste mundo subterrâneo, tornaram-se tão inúteis para nós quanto a cauda do girino seria para o sapo adulto; e, naturalmente, com a perda do sentido da audição, nossos filhos logo se tornaram incapazes de aprender a falar e, após um certo tempo, passamos a merecer plenamente nosso novo nome de Formifolk, ou Povo Formiga, pois agora éramos cegos, surdos e mudos.

A SOODOPSY MAIDEN READING HER FAVORITE POET

“É muito, muito tempo, pequeno barão”, continuou o sábio Soodopsy, “desde que todas as lembranças da luz do sol, das cores e dos sons desapareceram de nossas mentes. Hoje, meu povo nem mesmo conhece os nomes dessas coisas, e você teria tanta chance de sucesso se tentasse

dizer a eles o que é luz ou som, quanto se tentasse explicar a um selvagem que não há nada sob o mundo para sustentá-lo e, mesmo assim, ele não cai. Mas se colocasses vários pedaços de metal em fila e pedisses a um dos meus povos para te dizer o que eram, ele experimentaria o peso de cada um e sentiria cuidadosamente a sua textura, possivelmente cheiraria ou tocaria com a língua, e então responderia: 'Isso é ouro; isso é prata; isso é cobre; isso é chumbo; isso é estanho; isso é ferro'.

"Mas tu dirias: 'Todos têm cores diferentes; não consegues perceber isso?'

" 'Não sei o que você quer dizer com cor', ele responderia. 'Mas preste atenção: agora vou esconder todas elas debaixo deste lenço de seda e, mesmo assim, tocando-as com a ponta dos dedos, posso dizer de que metal cada uma é feita. Se você conseguir fazer isso, então você é tão bom quanto eu.'

"O que você diz agora, pequeno barão?", perguntou o sábio Barrel Brow, com um sorriso triunfante no rosto; "você acha que seria um homem tão bom quanto esse Soodopsy?"

"Não, certamente que não, sábio mestre", escrevi na minha tábua de prata: "e agradeço-lhe por tudo o que me disse e ensinou, e peço-lhe, Barrel Brow, que me permita voltar para conversar consigo."

"Pode vir, pequeno barão", escreveu o sábio Soodopsy em sua tábua de prata; e então, quando me virei para sair de sua sala, ele rapidamente se aproximou de mim e me tocou com o dedo indicador dobrado, o que significava que eu deveria voltar.

"Perdoe-me, pequeno barão", escreveu ele, "mas você está saindo do meu escritório sem o seu fiel Bulger; não estou certo?"

Fiquei surpreso, pois ele estava certo e, apesar de não ter visão, tinha visto mais do que eu com meus dois olhos bem abertos. Lá estava Bulger, dormindo profundamente em um pufe coberto de seda.

Nossa conversa silenciosa o havia cansado tanto que ele havia partido para a terra dos sonhos nas asas de um sonho.

Ele baixou a cabeça e ficou com um ar muito envergonhado quando o meu chamado o acordou e ele descobriu que eu tinha chegado à porta sem que ele percebesse.

Capítulo 19

COMEÇA COM ALGO SOBRE OS PEQUENOS SOODOPSIES, MAS SE DESVIA PARA OUTRO ASSUNTO: A CANÇÃO SILENCIOSA DOS DEDOS CANTORES, A BELA DONZELA DA CIDADE DE PRATA.
— BARREL BROW TEM A BONDADE DE ME ESCLARECER SOBRE UM CERTO PONTO E APROVEITA A OCASIÃO PARA FAZER UM ELOGIO MUITO GRANDE A BULGER, QUE, É CLARO, ELE MERECIA.

Quanto mais tempo eu ficava entre os Soodopsies, mais me convencia de que eles eram os seres humanos mais felizes, mais alegres e mais satisfeitos que eu havia conhecido em todas as minhas viagens. Se fosse possível que os elos de uma longa corrente suspensa sobre um abismo fossem seres vivos e pensantes por um breve momento, parece-me que eles ficariam unidos na mais perfeita harmonia, pois cada elo descobriria que não era melhor do que seu vizinho e que o bem-estar de todos os outros elos dependia dele e o seu dependia deles. Assim era com o povo Formifolk: sem visão, eles não conheciam a inveja, e todas as mãos eram iguais quando se estendiam para cumprimentar.

Às vezes, ficava impressionado ao ver como eles sentiam minha aproximação quando eu estava a três ou quatro metros deles, e muitas vezes me divertia tentando passar despercebido por um deles na rua. Mas não, era impossível; invariavelmente, uma mão se estendia para me cumprimentar. Aos poucos, eles superaram a desconfiança em relação a mim e decidiram que eu tinha dito a verdade quando afirmei que nenhum espectro dançante os seguia constantemente. Uma das cenas mais interessantes era ver um grupo de crianças Soodopsy brincando, construindo casas com blocos prateados ou jogando um jogo muito parecido com o nosso dominó.

Percebi que eles não contavam os pontos, pois tinham uma memória tão boa que isso era desnecessário.

No início, as crianças ficavam tão assustadas ao sentir meu toque que fugiam com terror estampado em seus rostinhos. Seus pais me explicaram que eu causava nelas a mesma impressão que causaria se eu tocasse uma pessoa cuja pele fosse áspera como a de um ouriço-do-mar.

Quando finalmente consegui atrair vários deles para o meu lado, fiquei surpreso ao ver um garotinho que, por acaso, havia pressionado sua mãozinha contra o bolso do meu relógio, se afastar de mim apavorado. Ele sentiu o relógio funcionar e não parou de correr até chegar ao lado da mãe.

Sua maravilhosa história de que o pequeno barão carregava um animal estranho no bolso logo atraiu uma multidão ao meu redor, e demorou algum tempo até que eu conseguisse convencer até mesmo os pais de que o relógio não estava vivo e que não era o coração do pequeno animal que eles sentiam bater.

Certa vez, quando um pequeno Soodopsy estava sentado no meu colo com seu bracinho carinhosamente em volta do meu pescoço, eu fiz um comentário para Bulger e, para minha surpresa, a criança saltou dos meus braços e saiu correndo com uma expressão de terror no rostinho.

O que eu tinha feito com ele?

Parece que, por mero acaso, sua mãozinha havia sido pressionada contra minha garganta e ele ficou apavorado ao sentir a estranha vibração causada pela minha voz. Imediatamente, espalhou-se a notícia de que o pequeno barão carregava outro pequeno barão em sua garganta, que qualquer um poderia senti-lo, se eu consentisse. Levei muito tempo para convencê-los de que o que sentiam não era outro pequeno barão, mas apenas a vibração causada pela minha expiração, de uma forma peculiar ao povo do mundo superior. Mas, mesmo assim, fui obrigado a dizer muitas centenas de coisas inúteis a Bulger para dar às suas mãozinhas a oportunidade de sentir algo tão maravilhoso.

Pelo pouco que lhes contei sobre os nomes do povo Formifolk, queridos amigos, vocês sem dúvida compreenderam que seus nomes derivavam de alguma qualidade física, defeito ou peculiaridade. Além dos nomes que já mencionei, lembro-me de Queixo Afiado, Nariz Comprido, Orelhas de Seda, Palmas Lisas, Juntas Grandes, Unha Arrancada, Punho de Martelo, Toque Suave, Buraco na Bochecha ou Buraco no Queixo (Dentinho), Cabelo Tortuoso (Topete) e assim por diante.

Mas, para minha surpresa, um dia, ao perguntar o nome de uma jovem cujos dedos longos e delicados chamaram minha atenção, fui informado

que o nome dela era Dedos Cantantes, ou, possivelmente, eu poderia traduzir como Dedos Musicais.

Eu tinha notado que os Soodopsies tinham alguma noção de música, pois as crianças frequentemente se divertiam dançando e, enquanto dançavam, batiam o ritmo com as pontas dos dedos nas bochechas ou na testa uns dos outros.

Mas eu não fazia a menor ideia do que significava "dedos cantantes" ou por que a jovem tinha esse nome; por isso fiquei muito contente quando a mãe da moça me perguntou se eu gostaria de sentir uma das canções da filha, como ela dizia. Ao concordar, a mãe aproximou-se de mim e começou a arregaçar as mangas do meu casaco até deixar os meus braços nus até ao cotovelo, depois pegou nos meus braços e cruzou-os sobre o meu peito, um sobre o outro.

Bulger observava a cena com um certo desagrado nos olhos; ele tinha a vaga ideia de que aquelas pessoas silenciosas poderiam pregar alguma peça dolorosa em seu pequeno patrão. Mas meu sorriso logo dissipou sua suspeita.

Singing Fingers aproximou-se e, quando seu rosto doce com os olhos cegos se voltou totalmente para mim, mal consegui conter as lágrimas.

E, no entanto, por que lamentar por alguém que parecia tão perfeitamente feliz? Um sorriso brincava em sua delicada boquinha, revelando seus dentinhos brancos como pérolas, e seu peito subia e descia rapidamente, emitindo um leve som de respiração. Ela parecia uma criança radiante de outro mundo que, antes que eu pudesse pensar, gritei:

"Fale, oh, fale, linda criança!"

Em um instante, ela recuou assustada, pois a vibração repentina do ar a havia assustado; mas eu estendi a mão e toquei sua mão para que ela entendesse que não precisava temer nada, e então ela se aproximou de mim novamente. De repente, suas mãos bonitas, com dedos longos, frágeis e delicados, foram levantadas no ar, e ela começou a balançar o corpo e agitar as mãos em movimentos suaves e graciosos, como se acompanhasse o ritmo de alguma música. Aos poucos, ela se aproximou de mim e, de vez em quando, as pontas de seus dedos sedosos tocavam minhas mãos ou braços, como se fossem um teclado e ela estivesse prestes a começar a tocar uma música suave e delicada; e notei que seus dedos exalavam um perfume delicioso. Agora, cada vez mais rápidas, as batidas suaves choviam sobre mim com regularidade rítmica. Elas me acalmavam, me emocionavam, chegavam ao meu coração como se fossem as notas doces de uma flauta ou os tons suaves de

A voz de uma cantora. A donzela está realmente cantando para mim! Parece-me que consigo entender o que ela está dizendo, ou melhor, pensando, enquanto suas delicadas pontas dos dedos voam para cá e para lá, e posso ouvir sua respiração baixa ficar cada vez mais alta. De repente, ela deixa minhas mãos e meus braços e sinto seus toques suaves em minhas bochechas e testa. Tão suavemente, oh, tão suavemente e calmamente seus dedos me tocam que, por fim, parecem pétalas de rosa deslizando pelo meu rosto. A sensação é tão agradável, tão parecida com o toque suave do sono em olhos cansados, que eu caio no sono de verdade e, quando, depois de um momento, abro os olhos, lá está a Formifolk sorridente, esperando que eu acorde, e lá está a Cantora de Dedos, com seu rosto radiante, diante de mim, como uma criança, esperando ser elogiada.

E assim vocês veem, queridos amigos, que afinal não é tão difícil ser feliz, se vocês apenas se dedicarem a isso da maneira certa. Os Formifolk pareciam ter feito isso da maneira certa, a julgar pelos resultados, e eles são a única coisa que temos para julgar. Alguns homens pescam o dia inteiro e não conseguem nada, e algumas pessoas passam a vida inteira tentando alcançar a felicidade e não conseguem mais do que uma mordida. Eles não usam a isca certa. Deixem-nos tentar um ato de bondade, um ato sincero.

Havia algo que eu queria perguntar ao erudito Barrel Brow, então, na próxima vez que o visitei, fiz-lhe esta pergunta: —

“É possível, sábio mestre, que o seu povo não tenha absolutamente nenhum guia, nenhum supervisor, nenhum governante?”

O grande erudito do povo Formifolk parou de ler os quatro livros que estavam abertos diante dele — um sob cada mão e um sob cada pé — quando lhe entreguei minha tábua de prata.

“Pequeno barão”, foi sua resposta, “se houvesse apenas um arbusto espinhoso grande o suficiente para que todo o seu povo do mundo superior pudesse pular nele e se vocês pudessem se livrar de suas orelhas, logo se livrariam dos governantes que os oprimem, que os exploram; pois ninguém teria qualquer desejo de ser governante se não houvesse ninguém para olhar para ele e se ele não pudesse ouvir o que os bajuladores diziam sobre ele. A vaidade é o solo de onde brotam os governantes, assim como os cogumelos brotam do solo rico de nossas cavernas escuras. Eles fingem que é o exercício do poder que tanto amam. Não acredite neles. É a satisfação de sua vaidade e nada mais.

“Se estivesse em seu poder dizer a cada homem que ansiava por ser governante:

‘Muito bem, irmão, tu serás governante; mas lembra-te, homem fraco, que quando vestires teu uniforme vistoso e montares teu cavalo alegremente enfeitado, quando cavalgar à frente da tropa e da cavalgada com dez mil homens armados seguindo-te a pé, como escravos seguem seu senhor, e os aplausos da multidão tola rasgarem o ar, nenhum olho testemunhará o esplendor do teu triunfo, nenhum ouvido captará o som dos aplausos ensurdecedores”, acredita em mim, pequeno barão, ninguém mais desejaria ser governante.

“Onde não há governantes, pequeno barão”, continuou o sábio Barrel Brow, “não pode haver seguidores; onde não há seguidores, não há disputas. Quando se torna necessário em nossa nação, formamos o Grande Círculo para deliberar. Cada homem escreve o que pensa em sua tábua. Em seguida, as opiniões são lidas e contadas, e a maioria decide. Mas só formamos o Grande Círculo em momentos de necessidade urgente. De modo geral, os círculos menores atendem a todos os propósitos; na verdade, o círculo familiar é, na maioria dos casos, bastante suficiente.”

Toquei primeiro o coração de Barrel Brow em sinal de gratidão pelas muitas coisas que ele me ensinou e, em seguida, a parte de trás de sua cabeça para lhe dar boa noite. Vocês podem imaginar a alegria dele e a minha, queridos amigos, quando o sábio Bulger se levantou sobre as patas traseiras e, com a pata direita, também agradeceu ao erudito Barrel Brow e, em seguida, lhe deu boa noite com um leve tapinha na parte de trás da cabeça.

“Feliz o viajante”, escreveu o erudito Soodopsy, “acompanhado por um companheiro tão sábio e atento! É verdade que, como uma criança, ele anda de quatro, mas, ao fazê-lo, coloca o coração e o cérebro no mesmo nível — a única maneira de um homem usá-los se quiser fazer algum bem aos seus semelhantes. O problema do seu povo no mundo superior, pequeno barão, é que eles pensam demais. Eles unem mentes em vez de unirem mãos; enviam mensageiros com presentes em vez de se darem a si mesmos. Contratam pessoas para dançar para eles, cantar para eles, ser felizes por eles. Não ficam satisfeitos até contratarem pessoas para ajudá-los a lamentar, a quem podem dizer: ‘Meu amigo morreu; eu o amava. Chorem por ele durante três dias inteiros’”.

Capítulo 2O

ESTE É UM CAPÍTULO LONGO E TRISTE. — CONTA COMO O QUERIDO, GENTIL E DE LÁBIOS FRONTALDEZOS FOI PERDIDO, E COMO OS SOODOPSIES CHORARAM POR ELE E POR QUEM SUSPEITAVAM. — BULGER DÁ UMA PROVA impressionante de sua maravilhosa inteligência, que me permite convencer os soodopsios de que meu "espectro dançarino" não causou a morte de Lábios Carrancudos. — A verdadeira história de seu terrível destino. — O QUE SEGUE A MINHA DESCOBERTA. — COMO UM BELO BARCO É CONSTRUÍDO PARA MIM PELOS GRATOS SOODOPSIES, E COMO BULGER E EU NOS DESPEDIMOS DA TERRA DOS OLHOS FANTASMAGÓRICOS.

Era costume na Cidade de Prata "tocar tudo ao redor", como era chamado, antes de ir descansar. O "tocar tudo ao redor" começava em um determinado bairro da cidade e passava com uma rapidez incrível de pessoa para pessoa. Nunca consegui entender exatamente como era feito, mas o objetivo desse sinal misterioso era fazer uma contagem real de todos os Formifolk. Se faltasse um único, ele seria certamente descoberto quando o "tocar tudo ao redor" fosse concluído. Isso acontecia com uma rapidez relâmpago por toda a cidade e, então, se nenhum sinal de retorno fosse feito, as pessoas sabiam que todos estavam em seus devidos lugares; que nenhum Soodopsy havia se perdido ou adoecido em algum beco deserto.

Acho que mal tinha adormecido quando fui acordado por Bulger puxando gentilmente minha manga. Esfregando os olhos, sentei-me na cama e escutei. Instantaneamente, meus ouvidos captaram aquele som fraco e arrastado que era sempre perceptível quando qualquer número de Formifolk corria de um lado para outro sobre o pavimento de prata polida.

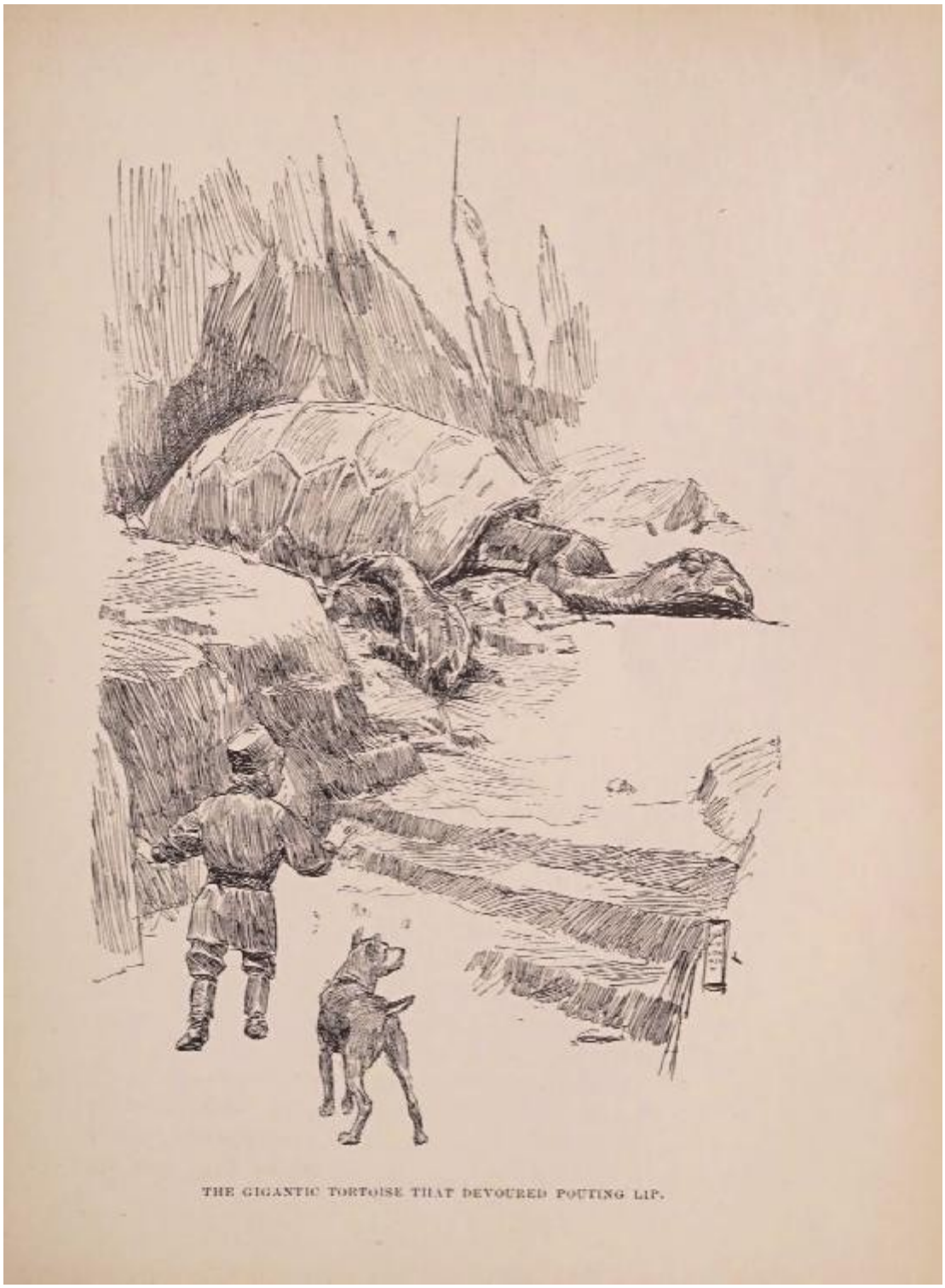
Pulei da cama e corri para a porta, com Bulger logo atrás de mim. Que visão estranha se apresentou diante de mim! Não podia comparar com nada, a não ser com a aparência de um grande formigueiro quando um menino travesso de repente joga uma pedra no meio da multidão de pessoas minúsculas, pacientes e trabalhadoras, que seguem pacificamente seu trabalho.

Em um instante, tudo mudou: filas se romperam, trabalhadores se empurravam, a ordem se transformou em desordem, a regularidade se transformou em confusão. Para cá e para lá, as criaturas assustadas corriam com suas antenas balançando, procurando a causa da louca explosão de terror.

Assim era com os Formifolk quando olhei para eles. Com as mãos estendidas e os dedos tremendo, eles corriam de um lado para o outro, empurrando-se e esbarrando uns nos outros, enquanto um medo sem nome se refletia em seus rostos voltados para cima. De repente, um grupo parava, unia as mãos e começava a trocar pensamentos por meio de pressões, batidas e toques rápidos como relâmpagos, quando outros se lançavam contra eles, separando-os, e a confusão reinava mais do que nunca.

Mas, gradualmente, notei que algum tipo de ordem parecia estar surgindo dos movimentos dessa multidão enlouquecida. Aqui e ali, grupos de três e quatro se formavam e davam as mãos, então esses círculos menores se quebravam e formavam outros maiores, e notei também que esse círculo cada vez maior se formava do lado de fora da multidão em pânico e, à medida que crescia, os cercava, de modo que quando um soodopsy em fuga se chocava contra essa linha firme, seu terror desaparecia imediatamente e ele tomava seu lugar nela. Em poucos instantes, a multidão que empurrava e se acotovelava loucamente desapareceu completamente e toda a cidade ficou cercada por essas linhas longas e firmes.

O Grande Círculo havia sido formado.



THE GIGANTIC TORTOISE THAT DEVOURED POUTING LIP.

Após meia hora, a deliberação foi concluída e, para minha surpresa, o Grande Círculo se dividiu em grupos e companhias de quatro, seis e dez, e então cada um desapareceu lenta e firmemente, em passo sincronizado, passando

da cidade para as câmaras e passagens escuras ou apenas parcialmente iluminadas que a cercavam. A busca pelo desaparecido Soodopsy havia começado.

Passaram-se horas até que o último esquadrão retornasse à praça e o Grande Círculo fosse formado novamente. Infelizmente, as notícias eram realmente tristes. Não havia notícias do homem desaparecido. Ele estava perdido para sempre; e com as mãos postas e passos lentos e pesados, o povo Formifolk, em luto, voltou para suas casas, onde as mulheres e crianças suspirantes aguardavam sua chegada. Quando Bulger e eu voltamos para a cama, quase me pareceu ouvir, às vezes, os suspiros profundos e longos que escapavam dos peitos gentis das Soodopsies enlutadas. No dia seguinte, notei algo muito comovente. Todos os homens, mulheres e crianças da Cidade de Prata lamentavam a perda do Soodopsy como se ele fosse realmente irmão de cada um deles. O amor não era como conosco, no mundo superior, algo concedido àqueles em quem vemos nossos próprios rostos repetidos e em cujas vozes ouvimos a nossa própria voz ecoar, doce e clara como na nossa infância; em outras palavras, um amor quase por nós mesmos. Oh, não! Embora fosse verdade que o toque de uma mãe era mais terno para seu próprio filho, nenhuma mãozinha estendida para ela ficava sem sua carícia. Ela era mãe de todos eles; para ela, todos eram lindos, e como seus vestidinhos eram todos tecidos no mesmo tear, nunca lhe passava pela cabeça a tentação de sentir se a criança de um vizinho rico estava brincando com a dela e que, portanto, deveria receber uma carícia mais amorosa. Naquela parte da cidade onde as crianças brincavam, o pavimento prateado estava em alguns lugares marcado com linhas e letras em relevo, algo parecido com a nossa amarelinha, para um jogo muito popular entre os pequenos Soodopsies. O nome é difícil de traduzir, mas significava algo como “Pequeno Bicho-Papão”, e muitas horas Bulger e eu ficávamos ali observando esses pequenos gnomos silenciosos brincando, fascinados pela habilidade maravilhosa que demonstravam ao fingir que o Pequeno Bicho-Papão se aproximava, se escondendo dele, sua aproximação furtiva, o perigo crescente, o ataque, a fuga, os novos perigos, a fuga selvagem e a perseguição louca. Imagine, portanto, meu espanto ao notar, certa manhã, que Bulger estava me chamando para lá, embora o lugar estivesse completamente deserto, pois as crianças estavam todas nas aulas.

Mas, como era minha regra sempre satisfazer os caprichos de Bulger, fui pacientemente com ele.

Em um instante, quando chegamos ao local onde o pavimento estava marcado e inscrito como expliquei, ele parou e, com um gemido ansioso, começou a brincar de "O Pequeno Bicho-Papão", virando-se de vez em quando para ver o efeito que suas ações tinham sobre mim.

Ele não cometeu nenhum erro. Ao entrar em cada compartimento, ele apoiava a pata nas letras em relevo, como tantas vezes tinha visto as crianças fazerem com os seus pezinhos descalços, e depois imitava com uma fidelidade maravilhosa as suas ações, começando com o primeiro sinal de perigo e terminando com um terror louco pela perseguição do bicho-papão.

Fiquei mais do que surpreso; fiquei perplexo com essa imitação da parte de Bulger. Na minha opinião, isso prenunciava algum acidente terrível para ele, pois tenho uma crença supersticiosa de que um grande perigo à vida de um animal lhe confere, por um momento, uma inteligência quase humana. É a natureza cuidando dos seus.

Mas, de repente, a verdade real neste caso me ocorreu: não era meu querido irmãozinho me dando a entender que algum perigo o ameaçava, mas que algum perigo pairava sobre minha cabeça, ainda mais real por ser invisível e insuspeito para mim.

Chamei-o e recompensei-o com uma carícia. Ele ficou muito feliz ao perceber que eu aparentemente o tinha entendido. Corri então para procurar Barrel Brow. Ele ficou surpreso ao sentir minha saudação. Em poucos instantes, contei-lhe tudo. Ele também não demorou a perceber minha agitação. Sem dúvida, sentiu isso na mudança no meu modo de escrever.

"Acalme-se, pequeno barão", escreveu ele. "O sábio Bulger lhe disse a verdade. Sua vida está em perigo. Eu havia decidido mandar chamá-lo hoje mesmo para avisá-lo disso: para pedir que você deixasse a terra do povo Formifolk com toda a pressa, pois se espalhou entre o nosso povo a ideia de que foi o espectro dançante que seguia você que causou a morte do gentil Lábios Em Beijo, que desapareceu tão misteriosamente no outro dia. Portanto, aconselho que você se prepare imediatamente e deixe nossa cidade amanhã, antes que os relógios acordem as pessoas."

Agradeci a Barrel Brow e prometi que seguiria seu conselho, embora tenha confessado que gostaria de ficar mais algumas semanas, pois havia tantas coisas na maravilhosa Cidade de Prata que eu ainda não tinha visto. Mas eu devia isso aos queridos corações do meu próprio mundo: cuidar da minha vida da melhor maneira possível, por mais insignificante que ela pudesse parecer para mim.

Então, novamente, senti que seria loucura tentar argumentar com os Soodopsies. Para eles, o espectro dançante que me seguia era um ser real, de carne e osso, embora não tivessem conseguido capturá-lo, e era realmente natural que suspeitassem que nós tínhamos eliminado Pouting Lip.

Chamando Bulger para me seguir, saí da casa de Barrel Brow, decidido a dar mais uma volta pela maravilhosa cidade e, em seguida, arrumar alguns alimentos e roupas e estar pronto para partir antes que os relógios começassem a bater.

Devo explicar, queridos amigos, que, como acontece em todas as cidades, os habitantes desta imaginavam, às vezes, que não tinham espaço suficiente e, por isso, procuravam outras câmaras e instalavam novos candelabros nelas, a fim de afastar o frio e a umidade e torná-las adequadas para habitação humana.

Na última que anexaram dessa forma à sua bela cidade, equipando-a com uma porta de prata e revestindo o chão com placas polidas do mesmo metal precioso, descobriram um monte duro, aparentemente de rocha, num canto, e decidiram que um dia viriam com suas brocas e picaretas e começariam a tarefa de remover esse monte.

Uma estranha inclinação tomou conta de mim para visitar essa nova câmara a fim de inspecionar o trabalho desses operários sem olhos e ver até onde haviam chegado em sua tarefa de transformar uma abóbada fria e rochosa em uma habitação clara, quente e saudável.

Imagine minha surpresa ao ouvir Bulger soltar um grunhido baixo quando chegamos à entrada, e eu estendi a mão para abrir a porta, pois os Soodopsies não estavam trabalhando ali naquele dia, e o lugar estava silencioso como um túmulo.

Olhando através da grade, uma visão chamou minha atenção, fazendo minha pele arrepiar e meus cabelos se eriçarem. O que vocês acham que era? Ora, o monte no canto estava balançando e oscilando, e debaixo de uma das extremidades saía um silvo alto e furioso. Não sou covarde, modéstia à parte, mas isso era demais para qualquer pessoa normal, ou mesmo extraordinária, suportar sem recuar. Recuei com um grito de horror reprimido e estava prestes a sair correndo, quando me ocorreu que a porta estava bem trancada e que não haveria perigo em dar outra olhada no terrível monstro preso naquela câmara.

Uma grande cabeça semelhante a uma cobra se ergueu agora de baixo de uma das bordas do monte, no final de um pescoço longo e oscilante. Seus grandes olhos redondos, do tamanho dos de um boi, fitavam com um olhar opaco, frio e vidrado de parede a parede e, então, com um terrível silvo, todo o monte se ergueu repentinamente sobre quatro grandes pernas, grossas como postes e terminadas em garras terríveis, e foi levado balançando e oscilando para o centro da câmara.

O que era esse monstro terrível e de onde tinha vindo?

Ora, agora eu percebia tudo de relance. Era uma tartaruga gigante, com pelo menos dois metros e meio de comprimento por um metro e meio de largura, que outrora fora habitante do mundo superior. Milhares e milhares de anos atrás, com a chegada dos terríveis campos de gelo, ela foi forçada a fugir da morte certa rastejando para dentro dessas cavernas subterrâneas. Aqui, gelada e entorpecida pela umidade e pelo frio, ela adormeceu e teria continuado dormindo por outras eras, se o laborioso povo Formifolk não tivesse acendido os jatos de gás em chamas no quarto do monstro. Gradualmente, o calor penetrou no teto da concha, que se tornara mais espessa devido à terra e às camadas de rocha quebrada que o tempo havia depositado sobre ela, e chegou ao seu grande coração, fazendo-o bater novamente, lentamente, muito lentamente, mas cada vez mais rápido, até que ele realmente sentiu que havia despertado de seu longo sono.

Por uma terrível infelicidade, Pouting Lip, o gentil Soodopsy, foi deixado para trás quando seus irmãos trabalhadores abandonaram o trabalho, e as novas portas de prata da câmara foram fechadas sobre ele.

Oh, era terrível pensar nisso, mas devia ter sido verdade — o pobre pequeno Soodopsy, trancado por seu próprio povo sem olhos nesta câmara, que ele ajudava a embelezar com sua habilidade paciente, serviu para satisfazer a fome deste monstro terrível, após seus longos anos de jejum.

Mas por que, perguntam vocês, queridos amigos, tudo isso não foi descoberto quando o Grande Círculo foi formado e a busca por ele foi iniciada? Simplesmente porque o monstro, depois de devorar o perdido Soodopsy, retirou-se para o seu ninho e cobriu-se com terra e pedras esfareladas com as suas gigantescas nadadeiras, e voltou a dormir, como fazem todos os répteis saciados, de modo que quando os que o procuravam entraram na nova câmara, tudo estava como eles tinham deixado, o monte de pedras, como eles supunham que fosse, no canto, intacto.

Com Bulger nos meus calcanhares, virei-me e corri com tanta pressa para Barrel Brow que toda a cidade ficou em caos total, pois,

é claro, eles tinham sentido que eu passara voando por eles.

Com toda a rapidez que pude, escrevi um relato do que havia testemunhado e, quando Barrel Brow o comunicou aos Soodopsies reunidos, mil mãos se ergueram no ar, em sinal de medo e admiração, e uma corrida selvagem foi feita em direção a Bulger e a mim, e fomos quase sufocados com beijos e carícias.

No momento em que a agitação se acalmou um pouco, um Grande Círculo foi imediatamente formado, e fui honrado com um lugar nele. Quando minha tábua foi passada, mil mãos fizeram sinais de aprovação.

Meu plano era simples: era fazer uma conexão por tubulação entre Uphaslok e a nova câmara e desviar o vapor mortal para o quarto onde dormia o monstro gigante. Dessa forma, sua morte seria feliz, apenas o início de mais uma de suas longas sonecas, sem que ele soubesse de nada.

Isso foi feito imediatamente, tomando-se primeiro o cuidado de tornar as portas da nova câmara perfeitamente herméticas. Fui o primeiro a entrar na caverna após a execução do monstro e descobri, para minha alegria, que minha estimativa de seu comprimento e largura estava correta quase que ao centímetro.

Sempre tive um olho maravilhoso para dimensões e distâncias.

Vendo Bulger levantar-se sobre as patas traseiras e fazer um esforço para deslocar algo da parede, aproximei-me para ajudá-lo.

Ai de mim! Era a tábua do querido e gentil Pouting Lip. Ele estava escrevendo nela e, quando o terrível monstro avançou sobre ele, ele a alcançou e a pendurou em um pino de prata na parede. Quando os Soodopsies leram o que seu pobre irmão havia escrito, todos se sentaram e torceram as mãos em silêncio, mas com uma dor terrível: dizia o seguinte: —

“Ó meu povo! Por que me abandonaram? O ar treme; todo o lugar está cheio de um odor sufocante. Devo morrer? Ai de mim, temo que sim! E, no entanto, gostaria tanto de sentir mais uma vez o toque dos meus entes queridos! O chão treme; um hálito sufocante sopra em meu rosto; estou exausto, quase desmaiando, tentando escapar. Não consigo mais escrever. Não fiquem muito tristes por mim. A culpa foi minha. Fiquei para trás, quando deveria ter seguido. Oh, que horror, que horror! Adeus! Estou indo agora. Um toque amoroso a todos — adeus!”

Depois de esperar alguns dias para que a dor do povo Formifolk diminuísse um pouco, pedi-lhes que enviassem alguns de seus trabalhadores mais habilidosos para me ajudar a remover a magnífica concha do monstro morto, cujo corpo foi dado como alimento aos peixes.

Eles não só fizeram isso, mas também se ofereceram para transformar a concha em um belo barco para mim, para que, quando eu decidisse me despedir deles, pudesse navegar para longe da Cidade de Prata e não fosse obrigado a caminhar penosamente pela Estrada de Mármore. O trabalho avançou rapidamente. Primeiro, os polidores começaram sua tarefa e, em poucos dias, a poderosa carapaça brilhava como um pente de dama. Em seguida, os delicados e habilidosos artesãos de prata começaram sua parte do trabalho e, em poucos dias, a concha foi equipada com uma proa de prata curiosamente trabalhada, como o pescoço e a cabeça de um cisne, enquanto enfeites curiosamente esculpidos corriam aqui e ali, e um delicado par de remos de prata com um leme de prata, lindamente trabalhado, do qual saíam duas pequenas cordas de seda, foram adicionados ao equipamento. Nunca tinha visto nada tão rico e raro, e estava tão orgulhoso disso como um jovem rei do seu trono antes de descobrir que era muito parecido com o meu navio de concha.

Finalmente chegou o dia em que eu deveria me despedir dos gentis Soodopsies.

Eles se alinharam na costa enquanto Bulger e eu nos dirigíamos para ocupar nossos lugares na embarcação de conchas que repousava sobre a água como se fosse um ser vivo.

Foi com grande dignidade que Bulger assumiu sua posição na popa com as cordas do leme na boca, pronto para puxar de ambos os lados conforme eu indicasse; e, colocando os remos de prata no lugar, joguei meu peso sobre eles e partimos, rápida e silenciosamente, sobre a superfície do rio escuro e lento.

Em poucos instantes, nada mais restava do que um leve brilho para nos lembrar da maravilhosa Cidade de Prata, onde o silencioso povo Formifolk vive, ama e trabalha sem jamais pensar que os seres humanos poderiam ser mais felizes do que eles. Povo querido e feliz, eles resolveram um problema poderoso com o qual nós, do mundo superior, ainda lutamos.

Capítulo 21

COMO FOMOS ILUMINADOS EM NOSSA DESCIDA PELO RIO ESCURO E SILENCIOSO. — ATAQUE REPENTINO E VIOLENTO AO NOSSO LINDO BARCO DE CONCHA. — UMA LUTA PELA VIDA CONTRA ADVERSIDADES TERRÍVEIS, E COMO BULGER PERMANECEU AO MEU LADO DURANTE TUDO ISSO. — AR FRIO E PEDAÇOS DE GELO. — NOSSA ENTRADA NA CAVERNA DE ONDE ELES VIERAM. — O BARCO DE CONCHA CHEGA AO FIM DE SUA VIAGEM. — A LUZ DO SOL NO MUNDO DENTRO DE UM MUNDO, E TUDO SOBRE A MARAVILHOSA JANELA ATRAVÉS DA QUAL ELA ENCHIA, E A TERRA MISTERIOSA QUE ILUMINAVA.

Ouso dizer, queridos amigos, que vocês estão quebrando a cabeça tentando imaginar como foi possível eu remar para longe da maravilhosa cidade do povo Formifolk sem encalhar continuamente nosso barco. Ah, vocês esquecem que o perspicaz Bulger estava no leme e que não era a primeira vez que ele me pilotava através da escuridão impenetrável aos meus olhos; mas mais do que isso: logo descobri que o barulho dos meus remos de prata mantinha meus pequenos amigos, os lagartos de fogo, em constante estado de alerta e, embora eu não pudesse ouvir o estalo de suas caudas, os minúsculos flashes de luz serviam para delinear a costa de forma admirável. Então, remava com determinação e, descendo esse rio escuro e silencioso, pois havia uma corrente, embora quase imperceptível, Bulger e eu éramos levados pela bela embarcação de casco de tartaruga com a proa de prata esculpida e polida.

Durante minha estada na Terra dos Soodopsies, certo dia, enquanto visitava o erudito Barrel Brow, notei entre suas curiosidades uma lanterna de mão de prata lindamente esculpida, no estilo pompeiano. Perguntei-lhe se sabia o que era. Ele respondeu que sim, acrescentando que sem dúvida fora trazida do mundo superior por seu povo, e me pediu que a aceitasse como lembrança. Aceitei e, ao deixar a Cidade de Prata, enchi-a com

óleo de peixe e coloquei uma mecha de seda. Foi bom ter feito isso, pois depois de um tempo os lagartos de fogo desapareceram completamente, e Bulger e eu teríamos ficado na escuridão total se eu não tivesse pegado minha bela lanterna de prata, acendido-a e suspendido-a no bico do cisne de prata que curvava seu gracioso pescoço acima da proa do nosso barco.

Depois de descansar nos remos o tempo suficiente para preparar algo para Bulger e comer um pouco, retomei minha viagem pelo rio silencioso, não mais envolto em uma escuridão impenetrável.

Não tinha dado nem meia dúzia de remadas quando, de repente, um dos meus remos foi quase arrancado da minha mão por um puxão violento, dado por algum habitante dessas águas escuras e lentas. Resolvi acelerar o ritmo para escapar de outro puxão, pois os remos de prata feitos pelos Soodopsies para mim eram muito delicados, destinados apenas a um uso muito suave. De repente, outro puxão violento atingiu meu outro remo; e desta vez o animal conseguiu manter sua presa, pois não ousei tentar arrancar o remo de suas garras, com medo de quebrá-lo. Era um grande crustáceo da família dos caranguejos, e sua carapaça branca como leite lhe dava uma aparência fantasmagórica enquanto lutava nas águas negras, ferozmente decidido a manter sua presa no remo. No instante seguinte, uma criatura semelhante agarrou-se firmemente ao meu outro remo, e lá fiquei eu, totalmente indefeso. Mas pior do que isso, as águas escuras estavam agora repletas desses guardas brancos com armadura do rio subterrâneo, cada um aparentemente decidido a pôr um fim imediato à minha viagem pelo seu domínio. Começaram então uma série de esforços furiosos para agarrar os lados do meu barco com as suas enormes garras, mas felizmente a sua superfície polida impediu-os de o conseguir.

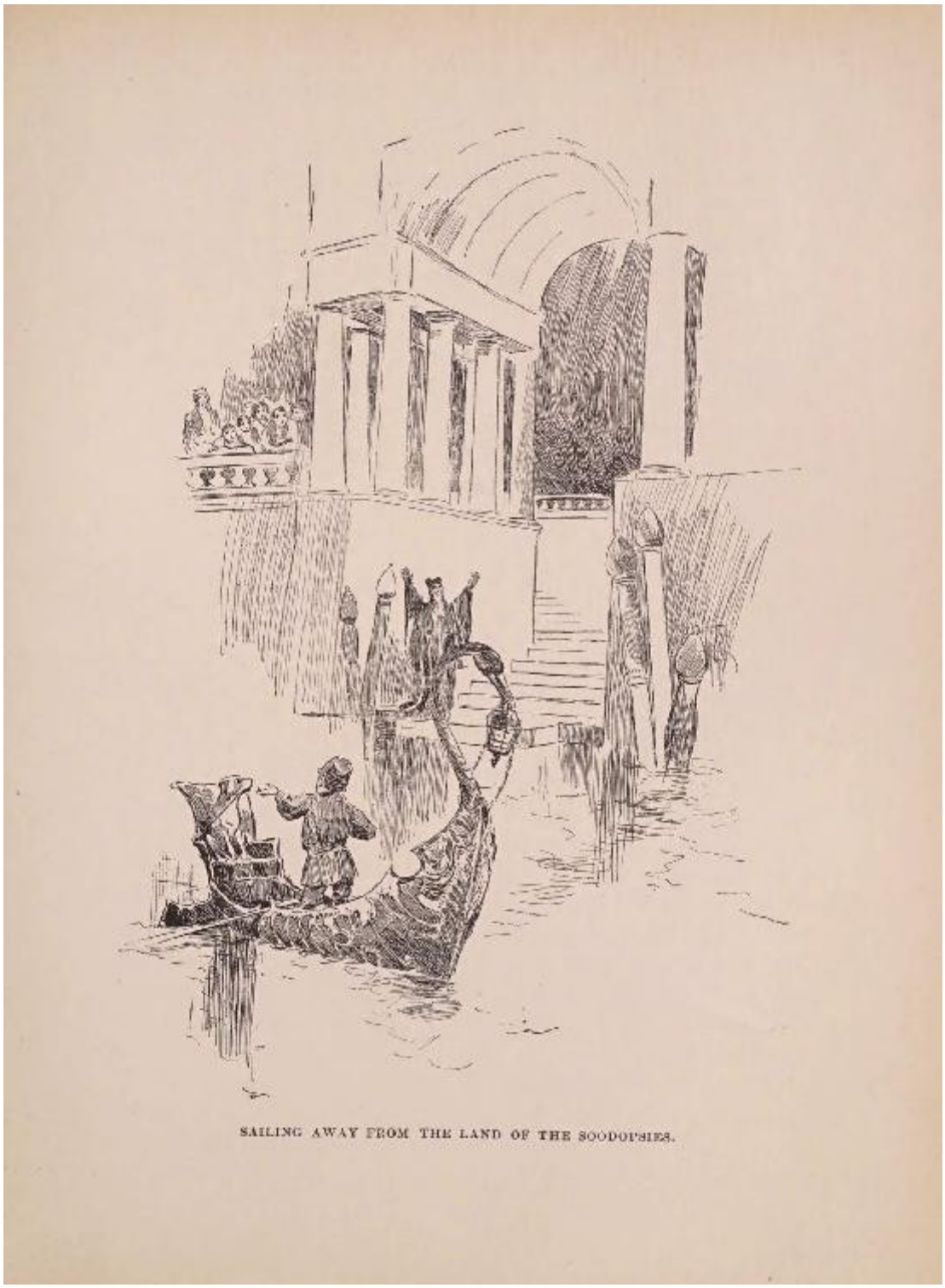
Até aquele momento, Bulger não havia movido um músculo nem emitido um som, mas agora um grunhido agudo dele me disse que algo sério havia acontecido na sua extremidade do barco. Era realmente sério, pois vários dos maiores crustáceos ferozes haviam se agarrado ao leme e o estavam torcendo de um lado para o outro como se quisessem arrancá-lo. É claro que cada tentativa causava um puxão nas cordas do leme que Bulger segurava entre os dentes; mas, preparando-se com firmeza, ele resistiu aos esforços furiosos deles da melhor maneira possível e conseguiu salvar o leme por enquanto.

De repente, nossa frágil embarcação de conchas bateu em algum tipo de obstáculo e parou completamente. Espreitando na escuridão, para meu horror, vi que o astuto inimigo havia atravessado o rio com correntes feitas

de elos vivos, cada um agarrando-se à garra do vizinho, tornando a corrente quase tão forte quanto o aço pelo entrelaçamento de suas duas fileiras de pequenas pernas em forma de gancho.

Nosso avanço não só foi bloqueado, mas a morte, uma morte terrível, parecia estar nos encarando; pois que esperança de fuga poderia haver se Bulger e eu pulássemos na água, agora repleta dessas criaturas que nadavam rapidamente, girando suas enormes garras em busca de alguma maneira de nos alcançar. Pela maneira corajosa com que Bulger segurava o leme que balançava loucamente, vi que ele estava determinado a não se render. Mas, infelizmente, a coragem não é suficiente para dois lutarem contra mil! E, no entanto, eu não tinha perdido a cabeça — não pensem isso. É verdade que eu estava em apuros; a própria poeira da balança, se fosse mais espessa do lado deles, poderia fazer minha escala bater na trave.

Eu havia puxado os dois remos para dentro do barco, esticando-me e batendo nas garras que os prendiam, e até aquele momento havia repelido todas as criaturas ferozes que conseguiram lançar uma de suas garras sobre a borda do barco; mas agora, para meu horror, senti que nossa pequena embarcação estava sendo lenta mas seguramente puxada pela popa em direção à margem do rio. Para conseguir isso, os crustáceos lançaram uma corda composta por seus corpos entrelaçados e a prenderam ao leme. Não havia um segundo a perder!



SAILING AWAY FROM THE LAND OF THE SOODOPSIES.

Uma vez na margem do rio, as feroces criaturas iriam se aglomerar ao nosso redor às dezenas de milhares, nos arrastar para baixo, nos beliscar até a morte e nos despedaçar!

Uma ideia me ocorreu: era tolice tentar resistir a esses enxames incontáveis de crustáceos com apenas um par de mãos fracas, mesmo com a ajuda dos dentes afiados e dispostos de Bulger. Depois de uma breve luta, nós morreríamos como morreu o homem corajoso no esgoto, quando os ratos famintos saltaram sobre ele de todos os lados ao mesmo tempo, ou como morre o búfalo perdido quando a matilha de lobos famintos fecha o cerco ao seu redor. Se eu quiser salvar minha vida, será dando um golpe que alcance todos esses inimigos pequenos, mas ferozes, ao mesmo tempo, paralisando-os ou, pelo menos, confundindo-os, até que eu consiga escapar!

Rapidamente, sacando minhas duas pistolas, apontei-as para a água e disparei ao mesmo tempo. O efeito foi terrível. Como um estrondo de um raio terrível, o barulho irrompeu e ecoou por essas câmaras vastas e silenciosas, até parecer que o grande teto abobadado de rocha havia sido lançado com um rugido e um estrondo sobre a superfície dessas águas negras e lentas por alguma convulsão terrível da natureza! Quando a fumaça se dissipou, uma visão estranha, mas bem-vinda, encontrou meu olhar. Dezenas de milhares de caranguejos enormes flutuavam sem vida na superfície do rio, com suas carapaças rachadas pelo impacto em todo o comprimento de seus corpos.

Provou ter sido um golpe magistral da minha parte e, queridos amigos, vocês acreditarão em mim quando lhes disser que respirei fundo ao colocar meus remos de prata contra os encaixes e, tendo afastado meu barco do enxame de crustáceos atordoados, remei com toda a força para salvar minha vida!

Vida querida! Ah, sim, vida querida, pois quem não ama a própria vida, mesmo que ela seja às vezes sombria e triste? Não há sempre algo ou alguém pelo qual viver? Não há sempre um vislumbre de esperança de que o sol do dia seguinte nascerá mais brilhante do que esta manhã? Bem, de qualquer forma, repito que remei com toda a força, enquanto Bulger segurava as cordas do leme e mantinha nossa frágil embarcação de conchas polidas no meio do rio.

Se o ar estava realmente mais frio ou se era apenas o frio natural que tantas vezes atinge o coração humano depois de bater e palpitar alternadamente entre a esperança e o medo, não saberia dizer naquele momento; mas sabia que, de repente, me senti a sofrer com o frio.

Pela primeira vez desde que entrei no Mundo dentro do Mundo, o ar tocou minhas pontas dos dedos; aquela atmosfera suave e amena, parecida com a de junho, havia desaparecido,

e eu me apressei em vestir meu sobretudo com acabamento em pele, que não tinha usado muito ultimamente.

Naquele momento, um dos meus remos bateu em alguma coisa dura que flutuava na água. Estiquei a mão para sentir o que era. Para minha grande surpresa, era um pedaço de gelo, e logo outro e outro passaram flutuando por nós.

Estávamos certamente entrando em uma região onde fazia frio o suficiente para formar gelo. Não lamentei isso, pois, para dizer a verdade, Bulger e eu estávamos começando a sentir os efeitos de nossa longa permanência nas câmaras rochosas desse mundo subterrâneo, cuja atmosfera, embora suave e quente, carecia da elasticidade do ar livre.

As cavernas de gelo seriam uma mudança completa, e o ar frio, sem dúvida, faria nosso sangue correr nas veias como se estivéssemos andando de trenó no mundo superior em uma noite de inverno, quando as estrelas brilham sobre nossas cabeças e os cristais de neve rangem sob nossos patins.

Logo, enormes pingentes de gelo começaram a pontilhar o teto de rocha que se estendia sobre o rio, e colunas e pilares de gelo vagamente visíveis ao longo da margem pareciam estar ali como sentinelas silenciosas, observando nosso barco enquanto ele seguia seu caminho pelo canal cada vez mais estreito. E agora, também, um leve brilho de luz nos alcançou, vindo de um lugar que eu não sabia, de modo que, forçando os olhos, pude ver que o rio tinha feito uma curva e entrado em uma vasta caverna com teto e paredes de gelo esculpidos e entalhados em profundidades fantásticas, nichos, prateleiras e cornijas, com formas tão caprichosas aqui e ali que me parecia ter entrado em um vasto salão de estátuas, onde heróis e guerreiros, ninfas e donzelas, pastores e caçadores de pássaros preenchiam essas prateleiras e nichos em uma disposição gloriosa. Era impossível avançar mais pela água, pois os blocos de gelo, entrelaçados como um bloco de gelo, fechavam completamente o rio. Decidi, portanto, desembarcar — puxar meu barco para a margem e continuar minha jornada a pé.

A luz misteriosa que até aquele momento havia lançado seu brilho pálido como uma noite ártica sobre os telhados e paredes de gelo dessas câmaras silenciosas agora começava a se intensificar, de modo que Bulger e eu não tivemos dificuldade em encontrar o caminho ao longo da margem. Na verdade, cruzamos e voltamos a cruzar o rio quando nos deu vontade, pois agora ele serpenteava à nossa frente, como uma larga fita de gelo através de cavernas e corredores.

De repente, parei e fiquei imóvel como as formas fantásticas de gelo que me cercavam. O que isso poderia significar? Seria que meus olhos estavam enfraquecidos pela longa permanência no Mundo dentro do Mundo, pregando-me peças cruéis? Certamente não pode haver engano! sussurrei para mim mesmo. Aquela luz lá longe, que derrama seu esplendor glorioso sobre aquelas torres e pináculos, aquelas torres e torreões de gelo, é a luz do sol do mundo superior! Será que minha maravilhosa viagem subterrânea chegou ao fim, que estou mais uma vez no limiar do mundo superior?

Bulger também reconhece essa inundação de luz solar e, dando um latido de alegria, corre à frente para ser o primeiro a sentir seu calor suave após nossa longa jornada pelas passagens escuras e silenciosas do Mundo dentro do Mundo.

Mas não ouso confiar nos meus olhos e, temendo que ele caia em alguma emboscada ou sofra algum acidente terrível, chamo-o de volta para mim.

Juntos, corremos o mais rápido possível. Agora percebo que estamos nos aproximando do fim do vasto corredor pelo qual temos caminhado há algum tempo e que estamos diante do portal de uma poderosa região subterrânea iluminada pela luz real do sol. Ela se estende até onde a vista alcança, e o teto que cobre esse vasto mundo subterrâneo é tão alto que não consigo ver se é de gelo ou não. Tudo o que consigo ver é que, por um dos seus lados inclinados, corre uma poderosa torrente de luz solar, que derrama o seu esplendor com mão generosa sobre as largas estradas, os amplos terraços, os parapeitos íngremes e as margens inclinadas que diversificam este mundo de gelo. Será que um dos lados desta montanha imponente, que a natureza esculpiu e colocou como um telhado pontiagudo sobre esta vasta região subterrânea, é uma gigantesca janela de gelo através da qual a luz do sol do mundo exterior entra desta forma grandiosa, como uma catarata silenciosa de luz, como um dilúvio de raios de sol? Não, isso não poderia ser; pois agora, ao olhar novamente, vi que essa inundação de luz que fluía pelo lado da montanha vinha através dela como um poderoso feixe de raios e, atingindo as paredes opostas com seu brilho cem vezes aumentado, ricocheteava em mil direções, inundando toda a região com seu esplendor e desaparecendo em um brilho fraco e perolado na vasta aproximação onde eu o havia notado pela primeira vez.

E então compreendi que a natureza devia ter colocado uma lente gigantesca, com mais de seiscentos metros de diâmetro, na encosta desta montanha oca — uma lente perfeita de cristal de rocha puríssimo, que, reunindo em seu

seu seio misterioso a luz do sol do mundo exterior, a lançava — intensamente radiante e de um branco ofuscante — nas profundezas sombrias deste Mundo dentro de um Mundo, de modo que, quando o sol nascia lá fora, também nascia aqui dentro, mas tornava-se frio quanto belo, não trazendo calor, nenhuma outra alegria além da luz, para esta região subterrânea que por milhares de séculos permaneceu presa no abraço cristalino de lagos, riachos, rios, torrentes e cachoeiras congelados, outrora borbulhantes, fluindo e correndo impetuosamente através das belas terras do mundo superior, mas subitamente interrompidos em seu curso por alguma explosão de forças poderosas reprimidas, e desviados para baixo, para essas profundezas geladas, condenados ao descanso e ao silêncio eternos, seus cristais presos em um sono que nunca conheceria o despertar, zombados em seus sonhos por essa misteriosa luz do sol que vinha com o sorriso e o olhar belo e encantador do mundo real, mas que era tão impotente para libertá-los como outrora o fizera quando a primavera chegava ao mundo superior. Todos esses pensamentos e muitos outros passaram pela minha mente enquanto eu ficava olhando para aquela lente poderosa em seu cenário de rochas ainda mais poderosas.

E fiquei tão impressionado com a visão de uma grande inundação de luz solar que se derramava através do gigantesco olho do casco, que a natureza havia colocado na encosta rochosa do pico oco da montanha, iluminando este mundo subterrâneo, que quanto mais eu contemplava o maravilhoso espetáculo, mais meus sentidos ficavam encantados por ele.

O silêncio profundo, o ar deliciosamente puro, os tons sempre variados da luz, à medida que as poderosas colunas de gelo agiam como prismas, literalmente enchiam aquelas vastas câmaras com o brilho glorioso do arco-íris, conferindo ao feitiço que repousava sobre mim um poder tão sobrenatural que poderia ter-me mantido ali até que os meus membros endurecessem em cristais de gelo e os meus olhos ficassem com um olhar congelado, se o sempre vigilante Bulger não tivesse dado um puxão suave na bainha do meu casaco e me despertado da minha meditação fascinante.

Capítulo 22

O PALÁCIO DE GELO À LUZ DO SOL DO ORO, E O QUE IMAGINEI QUE PODERIA CONTER. — COMO FOMOS DETIDOS POR DOIS SENTINELAS VESTIDOS DE FORMA ESTRANHA. — OS KOLTYKWERPS. — SUA MAJESTADE FRIGIDA, O REI GELIDUS. — MAIS SOBRE O PALÁCIO DE GELO, JUNTAMENTE COM UMA DESCRIÇÃO DA SALA DO TRONO. — NOSSA RECEPÇÃO PELO REI E SUA FILHA SCHNEEBOULE. — BREVE MENÇÃO A BULLIBRAIN, OU LORDE CABEÇA QUENTE.

Mal tinha avançado cem metros além do portal onde havia parado, quando, por acaso, voltei os olhos para o outro lado e uma visão me causou um arrepio de admiração e deleite por todo o corpo. Ali, no terraço mais alto, erguia-se um palácio de gelo, com seus minaretes esguios, suas torres altas, suas torres redondas, sua plataforma espaçosa e seus amplos degraus, tudo brilhando à luz do sol como se fosse cravejado de pedras preciosas e joias.

Era um espetáculo capaz de comover o coração mais indiferente, quanto mais um tão cheio de entusiasmo e alegria como o meu. Mas, ah, queridos amigos, mesmo admitindo que eu consiga despertar em suas mentes uma vaga ideia da beleza desse palácio de gelo, tal como a luz do sol incidia sobre ele naquele momento, como poderia eu esperar dar-vos uma ideia da beleza sobrenatural deste palácio de gelo e dos seus arredores gloriosos quando a lua surgiu no mundo exterior, mais tarde, e a sua luz pálida e misteriosa se derramou através da poderosa lente na encosta da montanha, incidindo com um brilho celestial sobre estas paredes de gelo?

Mas o único pensamento que me oprimia agora era: será que esta bela morada está sem inquilinos, sem uma alma viva dentro de seus maravilhosos salões e câmaras? Ou será que seus moradores, dominados pelo frio impiedoso, estão sentados com os olhos bem abertos e um olhar gelado, rígidos como mármore em cadeiras de gelo, com os cabelos brancos

com os cabelos gelados pressionados contra almofadas geladas e as mãos enrijecidas em torno de taças de cristal cheias de vinho congelado da cor de topázio, enquanto os dedos do harpista se agarram aos fios rígidos como os próprias fios, e os últimos tons da voz do cantor repousam em cristais plumosos de hálito congelado branco a seus pés?

Aconteça o que acontecer, resolvi levantar a aldrava de cristal que poderia estar pendurada na porta externa deste palácio de gelo e acordar o castelão, se seu sono não fosse o da morte. Em poucos instantes, atravessei o espaço plano entre mim e o primeiro terraço, que eu precisaria escalar para chegar ao segundo e depois ao terceiro, onde ficava o palácio de gelo.

Imagine minha surpresa ao me encontrar agora ao pé de uma magnífica escadaria, esculpida no gelo com mão de mestre, que levava ao terraço acima.

Subindo rapidamente a escadaria com Bulger logo atrás de mim, de repente avistei dois dos seres humanos mais curiosos que já vi em todas as minhas viagens. Eles pareciam duas grandes bolas de neve animadas, vestidos da cabeça aos pés com roupas feitas de lã branca como a neve, com gorros também de pele branca, deixando apenas os rostos visíveis. Cada um deles carregava na mão direita um machado de sílex muito bem trabalhado, montado num cabo de osso polido.

Aproximando-se de mim e brandindo seus machados sobre minha cabeça, muito perto do meu crânio para ser particularmente agradável, um deles gritou:

“Pare, senhor! A menos que sua fria Majestade Gelidus, Rei dos Koltykwerps, esteja esperando sua chegada, seus guardas, a um sinal nosso, lançarão algumas milhares de toneladas de gelo sobre você se ousar dar mais um passo. Portanto, fique parado e diga-nos quem você é e se é esperado.”

“Senhores”, disse eu, “por favor, abaixem seus machados e eu os convencerei de que sua Majestade Frígida não tem nada a temer de mim, pois não sou outro senão o muito pequeno, mas muito nobre e muito famoso Sebastian von Troomp, comumente conhecido como ‘Pequeno Barão Trump’”.

“Nunca ouvimos falar de você em toda a nossa vida”, disseram os dois guardas em uníssono.

“Mas eu já ouvi falar de vocês, senhores”, continuei, pois agora me lembrava do que o aprendido Don Fum tinha dito sobre o congelado terra de
o

Koltykwerps, ou Corpos Frios, — “e como prova de minhas intenções pacíficas, como um verdadeiro cavaleiro, agora lhe ofereço minha mão e imploro que me conduza à presença de sua Majestade Frígida”.

Assim que o guarda que estava ao meu lado tirou a luva e segurou minha mão, ele a soltou novamente com um grito de medo.

“Caramba! Homem, você está pegando fogo? Ora, sua mão me queimou como a chama de uma lâmpada!”

“Não, meu amigo”, respondi calmamente, “essa é a minha temperatura normal”. “E o teu companheiro?”

“Tem um coração ainda mais quente do que o meu”, foi minha resposta.

“Bem, acreditamos em você, pequeno barão”, exclamou um dos guardas com uma risada, “não haverá lugar para você, a não ser na câmara frigorífica. Talvez depois de você ter esfriado por uma semana ou mais, sua Majestade Frígida possa recebê-lo!”

Não era uma perspectiva muito animadora, pois eu não tinha nenhum desejo especial de ficar guardado na geladeira real por uma semana ou mais. De qualquer forma, a única coisa a fazer era insistir em ser levado imediatamente à presença do rei dos Koltykwerps e aceitar sua decisão.

Um dos guardas, depois de me saudar apresentando seu machado de batalha em verdadeiro estilo militar, virou-se e começou a subir a grande escadaria com a intenção de anunciar minha chegada a Sua Majestade, enquanto o outro me informava que me conduziria até a escadaria do palácio.

Fiquei maravilhado com a beleza das três escadarias que conduziam ao palácio de gelo. Balaustradas maciças com balaústres curiosamente esculpidos brotando de pedestais imponentes, coroados com belas lâmpadas, tudo, tudo, digo tudo, até os lados cristalinos das próprias lâmpadas, era feito de blocos de gelo. A subida até o topo do terceiro terraço foi difícil, e não fiquei incomodado quando o guarda baixou solenemente seu machado de pedra para me fazer parar.

O sol no mundo superior estava, sem dúvida, se aproximando do horizonte, pois um crepúsculo profundo e belo caiu repentinamente sobre os domínios gelados do rei Gelidus e, para minha surpresa e deleite, através das grandes placas de gelo cristalino que serviam de janelas para o palácio, fluía um brilho suave, como se mil velas de cera estivessem acesas nas câmaras e galerias

. Era uma visão que alegrava os olhos de qualquer mortal; mas se eu fiquei encantado com a beleza do exterior, como posso descrever-vos, queridos amigos, o curioso esplendor do interior do palácio de gelo de Gelidus, que se revelou diante de mim quando atravessei o limiar?

Corredores levavam a outros corredores, câmaras se abriam para outras câmaras, através de portais graciosamente arqueados, e escadas sinuosas subiam para os quartos superiores, enquanto penduradas em tetos altos ou apoiadas em pedestais graciosos, havia mil lâmpadas de alabastro, derramando luz e perfume sobre esta gloriosa morada de sua gelada Majestade Gelidus, Rei dos Koltykwerps. Longas filas de servos, todos vestidos com peles brancas como a neve, alinhavam-se no amplo corredor, enquanto os guardas conduziam Bulger e eu para dentro do palácio e se curvavam em silêncio à nossa passagem.

Para minha grande surpresa, vi que os quartos internos eram mobiliados com grande suntuosidade, com cadeiras e divãs espalhados aqui e ali, todos cobertos com peles brancas de excelente qualidade, enquanto o chão também era acarpetado com elas, e quando o brilho suave das lâmpadas de alabastro incidiu sobre essas peles magníficas e fez brilhar dez mil joias nas paredes e tetos de gelo, eu estava pronto para admitir que nunca tinha visto nada nem de longe tão bonito. E ainda assim eu estava fora da sala do trono de sua Majestade Frígida!

Por fim, chegamos a uma extremidade de um amplo corredor que parecia isolado do resto do palácio por uma parede densamente incrustada com fileiras de grandes diamantes, cada um do tamanho de um ovo de ganso, que se estendiam do teto ao chão e refletiam o brilho das lâmpadas com tal intensidade que meus olhos se fecharam involuntariamente diante delas.

Imagine meu espanto quando os dois guardas, segurando essa parede de joias, como eu pensava, a puxaram para a direita e para a esquerda até que houvesse espaço para eu passar. O que eu havia tomado por uma parede de joias era apenas uma cortina feita de pedaços redondos de gelo amarrados em cordas e pendurados como uma chuva de diamantes diante de mim, brilhando à luz das lâmpadas de cada lado.

Eu estava agora na sala do trono de sua Majestade Frígida, o Rei dos Koltykwerps. Agora percebia que o que eu tinha visto em outras partes de seu palácio de gelo era, na realidade, apenas uma amostra de sua magnificência, pois ali o esplendor do castelo do Rei Gelidus se revelava em toda a sua força. Imagine uma grande sala redonda iluminada pelas chamas suaves de óleo perfumado, que jorrava de cem lâmpadas de alabastro, as paredes forradas com amplos divãs cobertos com

peles brancas como a neve, o chão coberto por tapetes grossos com os mesmos padrões gloriosos, enquanto de um lado, brilhando no reflexo das centenas de lâmpadas enormes, está o trono gelado do Rei dos Koltykwerps, decorado com peles brancas como a neve, e ele sentado nele, com Schneeboule, sua bela filha, sentada a seus pés, e ao seu redor, em grupos, uma centena de Koltykwerps, o rei, a princesa e os cortesãos, todos vestidos com peles mais brancas do que a neve, e vocês, queridos amigos, terão uma vaga ideia do esplendor da cena que se revelou diante de mim quando os dois guardas afastaram os fios de joias de gelo no final do corredor do palácio de gelo!

THE BATTLE FOR LIFE WITH THE WHITE CRABS.

Como todos os seus súditos, o rei Gelidus olhou pela janela redonda de seu capuz de pele, assim como um menino grande e bem-humorado olha através de seu gorro de patinação.

Os Koltykwerps não eram muito mais altos do que eu, mas eram muito robustos, de modo que, quando se alargavam com seus grossos trajes de pele, às vezes pareciam bolas de neve animadas. Seria difícil para os dedos da mão mais hábil desenhar rostos mais cheios de bondade e boa índole do que os dos Koltykwerps. Seus olhos pequenos e honestos brilhavam com u m brilho bondoso, e seus sorrisos eram tão largos que mal podiam ser vistos através dos buracos redondos de seus capuzes de pele. Fiquei encantado com eles desde o início, e ainda mais quando ouvi o rei Gelidus gritar com voz alegre: "Uma recepção bem fria e gelada à nossa corte gelada, pequeno barão; mas pelo que nosso povo nos diz, tu carregas um par de mãos tão quentes que te pedimos que esperes alguns dias para esfriá-las antes de tocar as palmas das mãos de qualquer um dos Koltykwerps, e também te pedimos que tenhas cuidado e não te encostes em nenhum dos nossos painéis ricamente esculpidos, nem deslizes por nenhuma das nossas grades altamente polidas, nem manuseies os fios das nossas joias, nem te sentes por muito tempo nos degraus da frente do nosso palácio. E fazemos o mesmo pedido ao seu companheiro de quatro patas, que dizem ser ainda mais caloroso do que você."

Eu me curvei e beijei minha mão para sua Majestade fria, e assegurei-lhe que faria todos os esforços para baixar minha temperatura o mais rápido possível e, enquanto isso, que tomaria muito cuidado para não entrar em contato com nenhuma das esculturas artísticas de seu palácio de gelo.

Ao pronunciar estas palavras, toda a companhia começou a bater palmas; e, ao fazê-lo, um arrepio frio percorreu-me as costas, pois me pareceu ouvir um som muito semelhante ao chocalhar de ossos secos ao som dos aplausos, mas tive o cuidado de não deixar que o Rei Gelidus percebesse o meu medo.

Sua Majestade Frígida apresentou-me então à sua filha Schneeboule, uma bela donzela de cerca de dezesseis invernos cristalinos, com bochechas redondas como maçãs e tão profundamente covinhas quanto os sulcos de um pão de cruz. Seus olhos brilhavam ao olhar para Bulger e para mim e, voltando-se para seu pai frio, ela pediu permissão para tocar a ponta do meu polegar. Depois de fazer isso, ela deu um gritinho e começou a soprar em seu dedinho como se eu tivesse feito uma bolha nele.

O rei Gelidus também me apresentou a vários de seus favoritos da corte, todos homens do sangue mais frio da nação. Seus nomes eram Jellikin, Phrostyphiz, Icikul e Glacierbhoy. Todos eles eram terrivelmente lentos para pensar quando você os questionava muito de perto sobre qualquer assunto.

Não demorei muito tempo para descobrir isso. Na verdade, eles me pediram para ser menos caloroso em meu jeito e não fazer perguntas difíceis, pois invariavelmente achavam que pensamentos profundos causavam um aumento em sua temperatura.

Para ser sincero, isso era muito irritante para mim; pois vocês sabem, queridos amigos, como minha mente é magnética, nunca dorme, sempre vibrando como a bússola de um marinheiro, apontando para um lado e para outro, em busca da estrela polar da sabedoria.

Ao relatar meu problema ao frio rei Gelidus, ele ordenou graciosamente que um de seus servos de confiança me conduzisse à cela de gelo com paredes triplas de um certo Koltykwerp chamado Bullibrain, que significa, literalmente, "cérebro fervente", um homem que nasceu com a cabeça quente e, consequentemente, com um cérebro muito ativo. Por cinquenta anos, o rei Gelidus vinha fazendo o possível para refrigerar esse seu súbdito, mas sem sucesso. Como eu estava explodindo de impaciência para fazer uma série de perguntas sobre os Koltykwerps, você pode imaginar como fiquei encantado ao conhecer Bullibrain, ou Senhor Cabeça Quente, como era chamado entre os Koltykwerps; mas, queridos amigos, vocês devem me desculpar se eu encerrar este capítulo e parar aqui para um breve descanso.

Capítulo 2C

LORD HOT HEAD NOVAMENTE, E DESTA VEZ COM UM RELATO MAIS COMPLETO SOBRE ELE. — SUAS HISTÓRIAS MARAVILHOSAS SOBRE OS KOLTYKWERPS: DE ONDE ELES VIERAM, QUEM ELES ERAM E COMO CONSEGUIRAM VIVER NESTE MUNDO DE GELO ETERNO. — AS MUITAS PERGUNTAS QUE EU LHE FIZ E SUAS RESPOSTAS COMPLETAS.

O Senhor Bullibrain nunca teve permissão para entrar no palácio de gelo. O Rei Gelidus, apoiado pela opinião de seus favoritos, ainda acreditava que, no final, seria capaz de refrigerá-lo. É verdade que ele já estava há muitos anos nessa tarefa, que agora se tornara uma espécie de hobby, e quase todos os dias Sua Majestade Frígida visitava seu súdito impetuoso e testava sua temperatura pressionando uma pequena bola de gelo contra suas têmporas. Na mente do Rei Gelidus, um homem com temperatura tão alta era uma ameaça constante à paz e à tranquilidade de seu reino. E se o Senhor Cabeça Quente, em um sonho, vagasse por aí uma noite e adormecesse com as costas encostadas em uma das paredes do palácio de gelo? Ele não poderia derreter o suficiente para derrubar toda a gloriosa estrutura e transformá-la em um monte de escombros? Era terrível pensar nisso, quando ele pensava, e ele pensava nisso com bastante frequência.

Mas Bullibrain não me causava medo, nem a Bulger; na verdade, Bulger ficava encantado ao ser acariciado por uma mão quente, e ele, Bullibrain e eu logo nos tornamos os melhores amigos; mas sua Majestade Frígida ficou tão alarmado quando soube dessa amizade que foi tomado por um espasmo de calor, pois pensou que o calor combinado de três cabeças quentes poderia causar algum dano terrível ao bem-estar de seu povo. Então, ele emitiu o mais frio dos decretos, gravado em uma tábua de gelo, determinando que Bullibrain e eu não passássemos mais do que meia hora juntos em nenhum dia; que nunca tocássemos as palmas das mãos, dormíssemos no mesmo quarto, comêssemos do mesmo prato ou sentássemos no mesmo divã.

Essas regras eram irritantes, mas eu as segui à risca; e quando o rei Gelidus viu como eu era cuidadoso em obedecer estritamente ao seu decreto, ele concebeu uma afeição genuína por mim e enviou várias peles magníficas para o geladeira, que havia sido designada para Bulger e para mim, pois, é claro, não seria seguro para nós nos alojarmos no próprio palácio, mas sua Majestade Frígida nos ofereceu a perspectiva lisonjeira de que, no momento em que Bulger e eu estivéssemos devidamente refrigerados, apartamentos no palácio nos seriam designados e, de fato, eu teria permissão para comer à mesa real.

Quem são os Koltykwerps? De onde veio esse povo estranho? Como eles encontraram o caminho para este Mundo de Gelo Eterno? E, acima de tudo, onde eles conseguem comida e roupas? Essas eram algumas das perguntas para as quais eu estava tão ansioso por respostas que minha temperatura subiu um grau inteiro, e fui obrigado a dormir com apenas uma única pele entre mim e meu divã de gelo cristalino.

Para um homem nascido e criado em um país tão frio como a terra dos Koltykwerps, Bullibrain tinha uma mente extremamente rápida e ativa. Devido ao seu batimento cardíaco acelerado e à consequente temperatura elevada do corpo, ele não era capaz de escrever em placas de gelo como outros Koltykwerps eruditos faziam, pois não seria agradável para ele ver um poema que acabara de terminar literalmente derreter em suas mãos, sem deixar nem mesmo uma mancha de tinta. por isso, com a permissão do rei Gelidus, ele foi obrigado a escrever em finas tábuas de alabastro.

Antes de começar a falar comigo sobre os progenitores dos Koltykwerps, ele me mostrou um mapa do país no mundo superior outrora habitado por eles, traçou para mim o curso que eles seguiram ao abandonar aquele país e descreveu as belas costas onde desembarcaram em sua busca por um novo lar. Percebi imediatamente que era a Groenlândia que Bullibrain estava descrevendo inconscientemente; e sabendo que, em épocas passadas, a Groenlândia tinha sido uma terra de céu azul, ventos quentes, prados verdes e vales férteis, antes que montanhas de gelo descessem do norte e destruíssem toda a vida, ouvi com interesse ofegante suas maravilhosas histórias sobre seus belos lagos, aninhados ao pé de montanhas cobertas de videiras, que Bullibrain agora contemplava em visões belas herdadas de seus ancestrais. E eu também sabia que devia ter sido o Oceano Ártico que fora atravessado pelos navios dos Koltykwerps,

que então haviam desembarcado nas praias ensolaradas da Rússia do Norte daquela época.

Mas as montanhas de gelo também podiam navegar e seguiram os Koltykwerps em fuga como monstros poderosos, lançando-se com um rugido terrível e batendo com força nas praias pacíficas, que logo transformaram em um deserto de icebergs, geleiras e blocos de gelo.

Apenas um punhado de Koltykwerps sobreviveu; e estes, em seu desespero mudo, refugiaram-se nas fendas e cavernas dos Urais do Norte, de onde podiam observar uma das visões mais estranhas que os olhos humanos jamais contemplaram. Tão rápido tinha sido o avanço dessas poderosas massas de gelo, colidindo contra as encostas das montanhas e rasgando as próprias rochas em sua fúria, que o ar perdeu seu calor e o sol foi incapaz de devolvê-lo. Os animais da floresta selvagem e os animais do campo, surpreendidos em sua fuga, pereceram enquanto corriam e ficavam ali, rígidos e imóveis, com a cabeça erguida e os músculos tensos. Milhares e dezenas de milhares deles foram apanhados pelos cristais esmagados das enchentes que os perseguiam, como musgo e folhas em uma torrente de montanha, e empacotados em todas as cavernas e cavernas pelo caminho, abrindo portais mais amplos e mais altos nessas câmaras subterrâneas, para que pudessem fazer melhor o seu trabalho!

“E essas, então, ó Bullibrain, são suas pedreiras de carne”, exclamei, “de onde vocês tiram seu alimento diário?”

“Exatamente, pequeno barão”, respondeu o impetuoso Koltykwerp, “e não apenas nosso alimento, mas também as peles que nos servem tão admiravelmente como roupas neste mundo frio e subterrâneo, e também o óleo que queima em nossas belas lâmpadas de alabastro, além de centenas de outras coisas, como ossos para cabos e alças, chifres para agulhas, botões e utensílios para comer, lã para tecer nossas roupas íntimas e magníficas peles de urso, foca e morsa, que, colocadas sobre nossos bancos e divãs de gelo cristalino, os transformam em camas e sofás que até mesmo um habitante do teu mundo poderia invejar.”

“Mas, ó Bullibrain”, exclamei, “vocês não esgotaram quase todos esses suprimentos? A morte por inanição não estará em breve diante de todos vocês nessas cavernas profundas e geladas do submundo, visitadas pela luz do sol, mas ainda assim não aquecidas por ela?”

“Não, pequeno barão”, respondeu Bullibrain com um sorriso quase tão caloroso quanto o meu; “não deixe que esse pensamento o alarme nem por um momento, pois ainda mal levantamos a tampa desta caixa térmica da natureza. Não somos grandes comedores”, continuou Lord Hot Head, “pois, embora seja verdade que não somos um povo indolente, já que o palácio de Sua Majestade Frígida e nossas moradias precisam de reparos constantes, e novos machados e machadinhas precisam ser talhados nas pedreiras de sílex, novas lâmpadas esculpidas e novas roupas tecidas, também é verdade que levamos a vida com bastante tranquilidade. Não temos inimigos a matar, disputas a resolver, ouro pelo qual lutar, terras das quais expulsar nossos semelhantes e cercar; nem podemos adoecer, mesmo que quiséssemos, pois neste ar puro, frio e revigorante, as doenças tentariam em vão semear seus germes venenosos; portanto, não precisando de médicos, não temos nenhum, assim como não temos advogados ou comerciantes para nos vender o que já nos pertence. Sua Majestade Frígida é um excelente rei. Nunca li sobre um melhor. Duvido que exista alguém como ele no mundo superior. Sempre calmo, sem pensamentos de conquista, sem sonhos de poder, sem desejos por pompa e ostentação vazias jamais passam por sua mente. Desde o dia em que seu pai morreu e colocamos a grande coroa Koltykwerp de gelo cristalino sobre sua testa fria, sua temperatura nunca subiu mais do que meio grau, e isso foi apenas por uma breve hora, causado por uma proposta maluca de um de seus conselheiros, que alegou ter descoberto um composto explosivo, algo como a pólvora do seu mundo, imagino, com o qual ele poderia quebrar a gloriosa janela de cristal de rocha situada na cúpula da montanha do nosso submundo e deixar entrar a luz quente do sol.

“Sua Majestade Gelidus mandou matar esse Koltykwerp ousado?”, perguntei.

“Oh, não, claro que não”, respondeu Bullibrain; “ele apenas ordenou que ele fosse refrigerado por várias horas por dia até que todos os seus projetos febris fossem resfriados até a morte; pois sem dúvida, pequeno barão, um homem de seu profundo conhecimento sabe muito bem que todos os males que seu mundo sofre são filhos de cérebros febris, de mentes inquietas e visionárias pela alta temperatura do sangue que galopa pelas aproximações da cúpula do pensamento, agitando sonhos e visões selvagens, assim como seu sol levanta o vapor venenoso da poça estagnada.”

Quanto mais eu ouvia Bullibrain, mais eu gostava dele. A verdade é que eu preferia sentar na sua cela estreita, com paredes simples de gelo iluminadas por uma única lâmpada de alabastro, e conversar com ele do que ficar vagando pela

na esplêndida sala do trono de sua gélida Majestade, o Rei Gelidus; mas Bulger descobriu que as peles do divã da Princesa Schneeboule eram muito mais grossas, macias e quentes do que a única permitida ao Lorde Hot Head e, por isso, preferia passar o tempo com ela; mas, temendo que ele pudesse aprontar alguma travessura, eu não ousava deixá-lo sozinho com a princesa por muito tempo.

Capítulo 24

ALGUMAS COISAS SOBRE A QUERIDA PEQUENA PRINCESA SCHNEEBOULE. — COMO ELA E EU NOS TORNAMOS AMIGOS ÍNTIMOS E COMO UM DIA ELA LEVOU BULGER E MIM À SUA GRUTA FAVORITA PARA VER O HOMINHO COM O SORRISO CONGELADO. — ALGO SOBRE ELE. — O QUE ACONTECEU DE EU TER OLHADO PARA ELE DESCRITO EM DETALHE.

Na época em que Bulger e eu chegamos à terra dos Koltykwerps, a princesa Schneeboule tinha cerca de quinze anos, e devo dizer que raramente tive a sorte de conhecer uma criatura tão doce e adorável. Ela voava pelo palácio de gelo como um raio de sol, e não havia nada de criança mimada nela, embora fosse um pouco travessa às vezes.

Sua voz era tão musical quanto a de uma cotovia, e não demorou muitos dias para que ela e eu nos tornássemos os melhores amigos do mundo.

Agora, meus queridos amigos, vocês devem saber que, de acordo com a lei dos Koltykwerps, uma princesa é absolutamente livre para escolher seu próprio marido, e Sua Majestade, frio como o gelo, estava muito ansioso para que Schneeboule escolhesse o seu o mais rápido possível. Além disso, a lei do país lhe dava total liberdade para escolher um marido de alta ou baixa posição social, desde que fosse jovem o suficiente. A maneira pela qual uma princesa Koltykwerp era obrigada a revelar sua preferência era beijando na bochecha o jovem por quem se decidisse. Isso o enobrecia imediatamente, e ele se tornava o herdeiro aparente do trono de gelo, com direito a sentar-se em seus degraus até ser coroado rei. Ora, sua Majestade Frígida ficou encantado ao ver essa amizade surgir entre Schneeboule e eu, pois esperava usar minha influência para levá-la a dar o beijo necessário na bochecha de algum jovem antes de eu partir minha partida do frio Reino de

Koltykwerps. Eu lhe dei a palavra de um nobre de que faria o meu melhor para cumprir seus desejos.

Com Schneeboule como guia, Bulger e eu frequentemente passeávamos pelas esplêndidas grutas de gelo do reino de seu pai, escolhendo os dias em que a luz do sol do mundo exterior incidia mais forte através das poderosas lentes instaladas na lateral da montanha. Então, essas grutas assumiam um esplendor que minha pobre língua é incapaz de descrever. Seus labirintos de cristal brilhavam como se suas paredes fossem incrustadas com joias enormes, maravilhosamente lapidadas e polidas, e como se seus tetos fossem decorados com pedras preciosas tão incomparáveis que todo o ouro do mundo superior seria insuficiente para pagá-las. Aqui, ali e em toda parte, a habilidade dos Koltykwerps havia esculpido e cinzelado graciosas escadarias, amplos patamares com colunas majestosas e corredores sinuosos ladeados por longas fileiras de estátuas, individuais ou em grupos; e, de vez em quando, o visitante se deparava com um terraço onde, sentado em um divã coberto de peles, podia contemplar a beleza deslumbrante dos domínios gelados do rei Gelidus, arco tocando arco e cúpula surgindo de cúpula, enquanto acima de tudo, através da lente gigantesca em sua moldura de granito, a um quilômetro e meio acima de nossas cabeças, fluía um fluxo de luz solar gloriosa, iluminando este Mundo dentro de um Mundo com um brilho tão grandioso e tão completo que parecia ser um sol de um esplendor muito maior do que aquele que aquecia o mundo superior e o banhava em tantos tons deslumbrantes pela manhã e ao entardecer. Dificilmente passava um dia sem que a princesa dos Koltykwerps surpreendesse Bulger ou a mim com algum presente.

Para dizer a verdade, queridos amigos, embora meu casaco russo fosse forrado de pele, comecei a sentir necessidade de roupas mais quentes após uma semana de permanência no reino gelado do Rei Gelidus, e acho que Schneeboule deve ter ouvido meus dentes batendo, pois certa manhã, ao entrar no Palácio de Gelo, fiquei encantado ao receber um traje completo de pele, exatamente igual ao usado pelo próprio Rei Gelidus.

Bulger também não foi esquecido pela amorosa princesinha, pois com as próprias mãos ela tricotou-lhe um cobertor da lã mais macia, que ela amarrou confortavelmente em volta do corpo dele e apertou bem em volta do pescoço, de modo que, a partir de então, ele se sentiu perfeitamente confortável no ar frio da casa dos Koltykwerps.

Um dia, a princesa Schneeboule disse-me:

“Oh, venha, pequeno barão, venha à minha gruta favorita, agora que os raios do sol estão brilhando lá dentro; lá você verá uma maravilha.”

“Uma maravilha, princesa Schneeboule?”

“Sim, pequeno barão, uma maravilha”, repetiu ela: “o homenzinho com o sorriso congelado”.

“O homenzinho com o sorriso congelado?”, repeti.

“Venha ver, venha ver, pequeno barão!”, gritou Schneeboule, correndo à frente.

Em poucos instantes, chegamos à gruta e entramos nela com a princesa à frente.

De repente, ela parou em frente a um magnífico bloco de gelo cristalino, transparente como vidro polido, e gritou:

“Olhem! Lá está o homenzinho com o sorriso congelado!”

THE LITTLE MAN WITH THE FROZEN SMILE.

Mesmo agora, quando me lembro daquele momento, sinto uma emoção que é metade medo, metade alegria, ao recordar os meus olhos fixos naquela pequena criatura encerrada naquele magnífico bloco de gelo, ela própria parte integrante do mesmo, o seu coração, o seu conteúdo, o seu mistério. Ali, no centro, numa postura descontraída, com

os olhos bem abertos e com o que poderia ser chamado de um sorriso no rosto — um brilho de bondade e afeto em seus olhos estranhos com sobrancelhas salientes — , estava sentado um pequeno animal da raça dos chimpanzés. Ele provavelmente estava dormindo quando a enchente gelada o atingiu, sonhando com belas árvores curvadas sob frutos roxos, com céus sem nuvens acima e uma praia de corais abaixo, e a morte chegou tão rapidamente que ele se tornou irmão desse bloco de gelo enquanto o sonho feliz ainda estava em seus pensamentos.

Era maravilhoso, era mais do que maravilhoso! Encantado com o estranho espetáculo, fiquei ali, não sei por quanto tempo, com os olhos fixos nos dele. Por fim, a voz de Schneeboule me despertou:

“Ha! Ha!”, ela riu; “olha, pequeno barão, Bulger está tentando beijar seu pobre irmão morto”.

Na verdade, Bulger tinha o nariz pressionado firmemente contra o bloco de gelo, em um esforço para sentir o cheiro do estranho animal preso naquela cela de cristal — tão perto e, ainda assim, tão longe do alcance de seu olfato apurado.

“Bem, pequeno barão”, gritou Schneeboule, “não falei a verdade? Não lhe mostrei o Homem Pequeno com o Sorriso Congelado?”

“Certamente que sim, bela princesa”, foi a minha resposta; “e não posso dizer-lhe o quanto lhe sou grato por ter feito isso”.

Então, quando ela me puxou pela manga, implorei: “Não, gentil Schneeboule, ainda não, ainda não, deixe-me ficar um pouco mais. O Pequeno Homem com o Sorriso Congelado parece implorar para que eu não vá. Quase posso imaginar que o ouço sussurrar: ‘Ó pequeno barão, quebre a cela de cristal da minha prisão e leve-me com você de volta ao mundo do sol, de volta à terra das laranjeiras, onde os ventos suaves e quentes costumavam me embalar para dormir no berço dos galhos balançantes, enquanto o sábio e vigilante patriarca do nosso rebanho guardava todos nós’”.

Os grandes olhos redondos e cinzentos de Schneeboule encheram-se de lágrimas ao ouvir estas palavras. “Quem lhe deu vida, pequeno barão”, murmurou ela, “e que eu
pudesse dar-lhe um pouco da minha felicidade para retribuir todos os longos anos que ele passou na sua prisão gelada.”

Em poucos instantes, Schneeboule me pegou pela mão e me afastou do grande bloco de gelo com seu prisioneiro silencioso. Meu coração estava muito pesado, e tanto Schneeboule quanto Bulger fizeram o possível para me distrair, mas foi tudo em vão.

pesado, e tanto Schneeboule quanto Bulger fizeram o possível para me distrair, mas foi tudo em vão.

Deixando a princesa no portal do palácio, fui para minha moradia, que estava iluminada pelo brilho suave de suas lâmpadas de alabastro, e lá encontrei uma bela pele nova estendida sobre meu divã, um novo presente do rei Gelidus. Mas não consegui sentir nenhum prazer com isso. Meus pensamentos estavam todos com o Pequeno Homem com o Sorriso Congelado, preso no abraço gelado daquele molde de cristal que, em sua fria ironia, o fazia parecer tão livre e desamarrado, mas o mantinha em um aperto tão forte quanto um torno. Depois de um tempo, dispensei meus servos e me deitei para dormir com meu querido Bulger aninhado contra meu peito. Mas não consegui dormir. Durante toda a noite, aqueles olhos estranhos com seu brilho sobrenatural me seguiram, implorando forte, mas em silêncio, para que eu voltasse, para que eu suavizasse meu coração como uma criança do sol que eu era, para que eu quebrasse sua masmorra de cristal e o libertasse, para levá-lo para longe do domínio gelado dos Koltykwerps para o ar quente do mundo superior. Com o que eu estava sonhando? Ele não estava morto? Seu espírito não havia deixado seu corpo há milhares e milhares de anos? Por que eu deveria deixar pensamentos tão loucos atormentar minha mente? O que isso adiantaria? Nada, absolutamente nada. Eu era uma criatura sensata, não devia dar espaço em minha mente para ideias tão tolas.

O Pequeno Homem com o Sorriso Congelado tinha sido, por um destino quase brincalhão, depositado em um belo túmulo. Eu não devia perturbá-lo. Sem dúvida, em vida, ele tinha sido o animal de estimação de um nobre, trazido para o Norte de algum clima ensolarado por um poderoso capitão de navio. Deixá-lo descansar em paz. Eu não devia ousar estragar a beleza de seu túmulo de cristal, tão gloriosamente transparente!

Eu até me arrependi de Schneeboule ter me levado à sua bela gruta e resolvi não voltar mais lá.

Que criaturas pobres e fracas somos nós, tão férteis em boas resoluções e, no entanto, tão infrutíferos em resultados, plantando hectares inteiros com belas promessas, mas quando os brotos tenros perfuram o solo, viramos as costas para a colheita como se ela não nos pertencesse!

Capítulo 25

UMA NOITE SEM DORMIR PARA BULGER E PARA MIM E O QUE SE SEGUIU. — ENTREVISTA COM O REI GELIDUS. — O MEU PEDIDO E A RESPOSTA DELE. — O QUE ACONTECEU QUANDO SOUBE QUE O REI E OS SEUS CONSELHEIROS TINHAM DECIDIDO NÃO CONCEDER O MEU PEDIDO. — ESTRANHO TUMULTO ENTRE OS KOLTYKWERPS, E COMO SUA MAJESTADE FRIGIDA O ACALMOU, E ALGUMAS OUTRAS COISAS.

Não só eu não consegui dormir, como também, ao me revirar na cama, mantive o pobre e querido Bulger acordado, de modo que, quando amanheceu, ambos estávamos com uma aparência bastante abatida. Eu me sentia como se tivesse passado por um surto de doença, e sem dúvida ele também. De qualquer forma, eu não tinha apetite para a dieta pesada dos Koltykwerps e, ao me ver recusar o café da manhã, Bulger fez o mesmo.

Eu havia prometido a Schneeboule que chegaria cedo ao palácio, pois ela tinha várias perguntas que queria me fazer sobre o mundo superior.

“Bom dia, pequeno barão”, ela exclamou em seu tom mais doce quando entrei na sala do trono. “Dormiste bem ontem à noite na nova pele que o papai te enviou?” Eu estava prestes a responder quando a mão de Schneeboule tocou a minha — pois ambos tínhamos tirado as luvas para apertar as mãos — e ela soltou um grito agudo, recuando e soprando na palma da mão direita enquanto exclamava repetidamente:

“Fogo! Fogo!”

Em um instante, o rei Gelidus e um grupo de seus conselheiros se aproximaram e, tirando as luvas, um após o outro colocaram a mão na minha.

“Carvão em brasa!”, gritou sua Majestade

Frígida. “Língua de fogo!”, rugiu Phrostyphiz.

“Água fervente!”, gemeu Glacierbhoy. “A

brasa!”, sibilou Icikul.

“Você deve deixar o palácio imediatamente”, implorou o rei Gelidus. “Seria simplesmente loucura permitir que um pirralho como você permanecesse dentro das paredes da residência real. O calor intenso do seu corpo certamente derreteria um buraco nas paredes antes do pôr do sol.”

Os conselheiros reais novamente tiraram as luvas e colocaram as mãos sobre o pobre Bulger, quando um segundo alarme, ainda mais violento que o primeiro, foi disparado e fomos rapidamente escoltados de volta para nossa pensão.

Sem dúvida, queridos amigos, vocês ficarão um pouco confusos ao ler estas palavras, mas a explicação é fácil: Devido à preocupação e à falta de sono, Bulger e eu acordamos com febre alta e, para os Koltykwerps, parecíamos estar quase em chamas, mas nossa febre baixou à noite. Ao saber disso, o rei Gelidus mandou nos chamar e fez tudo ao seu alcance para nos entreter com música e dança, nas quais Schneeboule era muito habilidoso. Vendo que sua Majestade Frígida estava de tão bom humor, se me permitem falar assim de uma pessoa cujo rosto era quase tão branco quanto as lâmpadas de alabastro acima de sua cabeça, decidi pedir-lhe permissão para abrir a cela gelada do Homem Pequeno com o Sorriso Congelado e descobrir, se possível, a partir do colar que, aparentemente feito de moedas de ouro e prata, estava preso ao seu pescoço, a quem ele pertencia e onde ficava sua casa.

Assim que fiz meu pedido, notei que o rosto branco do real Gelidus perdeu o sorriso e assumiu uma expressão terrivelmente gelada.

Pareceu-me que podia ver através da ponta do seu nariz como se fosse um pingente de gelo, e também me pareceu que as suas orelhas brilhavam à luz das lâmpadas de alabastro como folhas de gelo cristalino, e que a sua voz, quando falava, soprava no meu rosto como os primeiros flocos de uma tempestade de neve que se aproximava.

Rapidamente me arrependi da minha ação precipitada. Mas era tarde demais e decidi mantê-la.

“Pequeno barão”, disse o real Gelidus em tom gelado, “nunca bateu um coração em um peito real que fosse mais puro e frio do que o meu, mais livre do calor do egoísmo, sem um único canto quente para a ira ou a raiva se aninharem, ou para a fraqueza ou a loucura fazerem seus esconderijos. Por milhares de anos, meu povo habitou este domínio gelado e respirou este ar puro e frio, e

nunca ninguém desejou cravar um machado de pedra nas paredes daquela prisão de cristal. No entanto, pequeno barão, pode haver algum canto quente em meu coração onde a sabedoria fria e límpida não seja bem-vinda. Portanto, volte amanhã para ouvir minha resposta; enquanto isso, consultarei os cérebros mais frios e os corações mais gelados ao meu redor. Se eles não virem mal algum em seu pedido, você poderá abrir os portões de cristal que há tantos séculos mantêm a criatura humana em sua cela silenciosa e levá-la para estudar as palavras místicas gravadas em seu colar; mas com a condição estrita de que, ao abrir sua casa de cristal, meus caçadores apliquem suas cunhas de sílex de forma a quebrar o bloco em duas partes iguais, para que, quando você tiver lido o que lá estiver, as duas partes sejam fechadas novamente sobre o homenzinho, encaixando-se com precisão, como um molde perfeito, de forma que nenhum sinal de linha ou junta seja visível a olho nu. Promete, pequeno barão, que isso será feito conforme a vontade real, como parece ser justo?"

Prometi solenemente que a cela de cristal do Homem Pequeno com o Sorriso Congelado seria aberta e fechada exatamente como Sua Majestade Frígida havia ordenado.

Seria difícil para mim dizer-vos, queridos amigos, como fui feliz ao descansar naquela noite em meu divã gelado, e como, enquanto a pequena chama da minha lâmpada de alabastro espalhava seu brilho suave pelas paredes de gelo, eu ficava ali deitado, pensando no prazer estranho e misterioso que logo seria meu quando os pedreiros do rei Gelidus colocassem suas cunhas de sílex neste glorioso bloco de gelo e o partissem ao meio.

Nem mesmo Don Fum, Mestre dos Mestres, jamais sonhara em receber uma mensagem do povo que vivia na infância do mundo, e já antecipava o esplêndido triunfo que seria meu quando fosse dar palestras perante sociedades eruditas sobre as misteriosas letras gravadas no curioso colar que envolvia o pescoço do Pequeno Homem com o Sorriso Congelado.

Imaginem minha angústia, queridos amigos, ao receber uma mensagem do Rei Gelidius no dia seguinte, informando que seus conselheiros haviam decidido por unanimidade contra a abertura da prisão de cristal que ficava na gruta de Schneeboule!

Fiquei como se tivesse sido atingido por uma doença repentina e terrível. Nunca tinha sentido até aquele momento o quão afiado podia ser o dente da decepção. Primeiro, tremi com um frio que me tornou irmão dos Koltykwerps e

depois queimei com uma febre tão forte que um boato se espalhou pelo reino gelado de Gelídio de que eu estava incendiando as paredes e o telhado. Com gritos selvagens e rostos marcados por um medo indescritível, os súditos de sua Majestade Frígida correram em desordem pelas amplas escadarias que levavam ao palácio de gelo e imploraram ao rei que se mostrasse.

Com majestade fria e gélida, Gelidus saiu para a plataforma e ouviu as preces de seu povo.

"Vamos queimar", gritavam; "nossas belas casas vão desabar sobre nossas cabeças. Estes degraus de cristal vão derreter, e todas estas belas colunas, arcos, estátuas e pedestais vão se transformar em água e esvaziar-se nas cavernas mais profundas da terra. A grande janela do nosso céu vai cair com um estrondo terrível sobre nossas cabeças, pondo fim para sempre a este belo domínio de esplendor cristalino. Ó Gelidus, apresse-se, apresse-se, antes que seja tarde demais, deixe o pequeno barão fazer o que quer, antes que a amarga decepção transforme seu corpo e seus membros em línguas de fogo que consumirão este magnífico palácio em uma única noite e lançarão ao chão suas mil lâmpadas de alabastro, um monte de cacos, sem nenhum fragmento correspondendo a outro, mas tudo uma massa miserável de matéria sem valor!"

O rei Gelidus e seus conselheiros gelados viram que seria inútil tentar argumentar com o povo e, portanto, voltando-se para eles, ele acenou friamente com a mão direita gelada e, com um sorriso gélido, falou friamente o seguinte:

"Vão, Koltykwerps, para suas casas, e sejam felizes. O que vocês pensam, que eu tenho o cérebro fervendo, que meu coração está cheio de loucura, para que vocês pensem que eu seria capaz de desejar mal ao menor Koltykwerp que gira seu pião de gelo no meu belo reino? Vão para suas casas, eu digo; o pequeno barão já está se acalmando, pois ele tem meu consentimento total para destruir a prisão de cristal do Homem Pequeno com o Sorriso Congelado. Não há nada a temer, meus filhos. Portanto, comam bem e durmam bem esta noite, pois dou minha palavra real de que, amanhã de manhã, o pequeno barão deixará de ser o menor perigo para a paz e o bem-estar do nosso reino gelado. Boa noite a todos vocês."

Em meia hora, os Koltykwerps, tomados pelo pânico, estavam todos de volta às suas casas, e quando um mensageiro do Rei Gelidus veio medir minha temperatura, ele encontrou uma melhora tão grande que abriu seu coração gelado e me enviou um lindo presente de seu tesouro, para

brincadeira: um pequeno bloco de gelo, mais claro do que qualquer joia que eu já tivesse visto, no centro do qual havia uma gloriosa rosa vermelha em plena floração, com cada pétala aveludada aberta ansiosamente. Ao consultar meu diário, descobri que fazia exatamente seis meses desde que eu havia deixado o Castelo Trump e meus entes queridos protegidos por suas telhas desgastadas pelo tempo, e por mais fria que fosse a cobertura dessa criança três vezes bela do mundo superior, eu a apertei contra o peito e derramei lágrimas.

E foi assim, queridos amigos, que o rei Gelidus e seus conselheiros gelados foram levados a dar seu consentimento para que eu rompesse a prisão de gelo onde jazia o Pequeno Homem com o Sorriso Congelado.

Capítulo 26

COMO OS PEDREIROS DO REI GELIDUS DIVIDIRAM A PRISÃO DE CRISTAL DO HOMINHO COM O SORRISO CONGELADO. — MINHA AMARGA DECEÇÃO E COMO EU A SUPORTEI. — MARAVILHOSOS ACONTECIMENTOS DA NOITE QUE SE SEGUIU. — BULGER MAIS UMA VEZ PROVA SER UM ANIMAL DE EXTRAORDINÁRIA SAGACIDADE.

Bulger e eu não tínhamos muito apetite para o delicado café da manhã de moela cozida que os Koltykwerps nos serviram na manhã seguinte, pois eu sabia, e ele suspeitava, que algo importante estava para acontecer, nada menos do que a destruição da cela de cristal que mantinha o pequeno chimpanzé prisioneiro por tantos séculos.

Caminhando ao lado da alegre princesa Schneeboule, que estava encantada por saber que sua frígida majestade, seu pai, finalmente cedeu aos meus desejos, Bulger e eu partimos para a bela gruta de gelo; atrás de nós caminhavam Phrostyphiz e Glacierbhoy com instruções do rei para supervisionar a divisão do bloco de gelo; e atrás deles vinham quatro homens da pedreira do rei Gelidus, dois carregando machados de sílex com cabos de osso polido e dois carregando as cunhas de sílex que seriam usadas no trabalho.

Logo entramos na gruta de Schneeboule e a tarefa foi imediatamente iniciada.

Parecia-me quase ver o Homemzinho com o Sorriso Congelado piscar os olhos enquanto os homens da pedreira colocavam as cunhas no lugar e começavam a marcar a linha de fratura; mas, é claro, queridos amigos, vocês sabem que tenho muita imaginação, especialmente quando fico animado com alguma coisa. Portanto, vocês devem levar o que digo às vezes com um grão de sal, embora, em geral, possam aceitar minhas afirmações com confiança infantil.

Com tanta habilidade, os pedreiros de Koltykwerpian usaram seus machados e cunhas que, em poucos instantes, para minha grande alegria, o enorme bloco de gelo se partiu em duas metades perfeitas, em uma das quais a pequena criatura parecida com um homem jazia de lado, como uma peça moldada.

Apressei-me em levantá-lo e envolvê-lo em uma pele macia, que eu havia trazido para esse fim, e então me virei para refazer meus passos até meu quarto, onde pretendia começar imediatamente meu estudo das inscrições que fossem encontradas em seu curioso colar.

“Lembre-se, pequeno barão”, disse Glacierbhoy, “por ordem expressa de sua Majestade Frígida, o Homemzinho com o Sorriso Congelado deve ser devolvido à sua cela de cristal amanhã de manhã, a esta mesma hora”.

Eu me curvei em sinal de concordância e, depois de acompanhar a princesa Schneeboule até o final da grande escadaria que levava ao palácio de gelo, me afastei e logo estava na privacidade do meu próprio apartamento.

Agora me esperava uma das mais amargas decepções da minha vida; mas eu me submeti com boa disposição, pois era um castigo justo pela minha vaidade tola em tentar descobrir algum registro mais antigo da raça humana do que qualquer um dos grandes pesquisadores e filósofos, sem exceção, nem mesmo o Mestre dos Mestres, Don Strephalofidgeguaneriusfum!

Saibam, então, queridos amigos, que o colar pitoresco, feito de moedas ou discos de ouro e prata, habilmente unidos, que circundava o pescoço do animal, não continha uma única palavra ou letra de qualquer idioma, sendo a parte inferior completamente em branco e a superior apenas com contornos grosseiramente esculpidos de um objeto que poderia ter sido destinado ao sol.

Envolvi o animal na pele macia, coloquei-o num canto do meu divã e dirigi-me ao palácio de sua Majestade Frígida, onde informei francamente ao Rei Gelidus da minha grande decepção por não ter encontrado algumas palavras ou mesmo uma única palavra de uma língua desconhecida pelas mentes mais sábias do mundo superior.

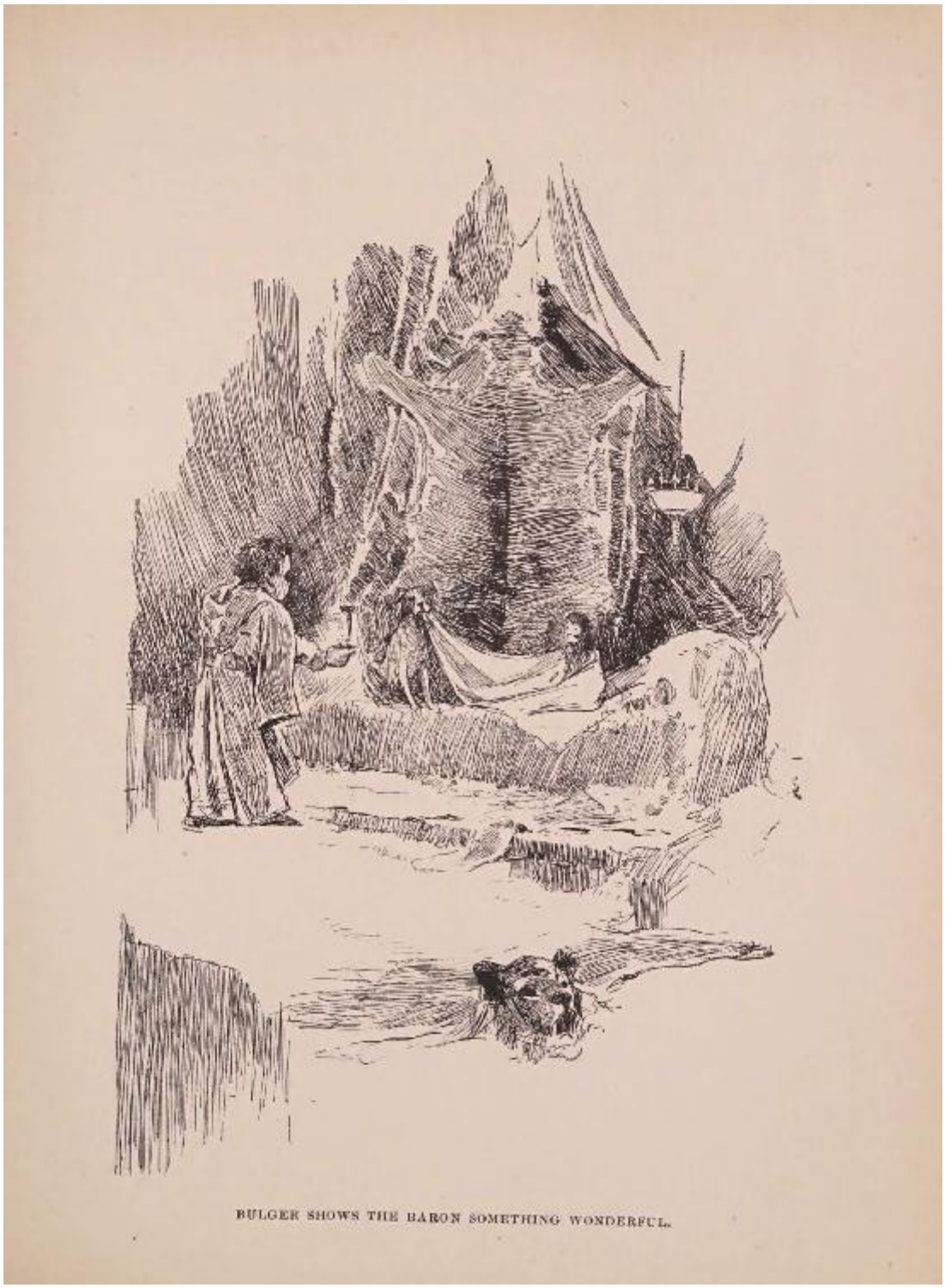
Schneeboule ficou tão comovida com a minha tristeza que, se eu não tivesse habilmente me afastado do seu caminho, acredito sinceramente que ela teria lançado os braços ao meu pescoço e imprimido na minha bochecha o beijo que me teria tornado rei dos Koltykwerps; mas eu não tinha qualquer desejo de passar o resto da minha vida nos domínios gelados de Sua Majestade Frígida, mesmo que a minha testa

fosse coroada com a fria coroa dos Koltykwerps. Se eu fosse um homem velho, com pulso lento e fraco, teria sido muito diferente; mas meu coração era muito quente e meu sangue muito fervente para ocupar tal posição com satisfação para mim mesmo ou para o povo deste mundo gelado. Então, mantive a pequena princesa bastante ocupada, posso garantir, primeiro com canções, depois com danças e, por fim, com histórias.

Naquela noite, o rei Gelidus ordenou que fosse realizada uma festa magnífica em minha honra. Mais quinhentas lâmpadas de alabastro foram acesas e os divãs reais foram cobertos com as peles mais ricas do palácio. Depois que as danças e os cantos terminaram, petiscos congelados da cozinha real foram servidos em bandejas de alabastro, e Bulger e eu comemos até nossos dentes doerem.

Era tarde quando chegamos ao nosso apartamento, e meus pensamentos estavam tão ocupados com as belas imagens que havíamos contemplado na sala do trono que eu havia me esquecido completamente do pobre homenzinho com o sorriso congelado que eu havia coberto e escondido no meu divã; mas Bulger não tinha sido tão insensível.

Vinte vezes durante a noite, ele puxou minha manga discretamente, como se dissesse:



BULGER SHOWS THE BARON SOMETHING WONDERFUL.

“Venha, pequeno mestre, vamos voltar depressa; não se lembra que deixámos o meu pobre irmão congelado sozinho naquela câmara gelada?” Eu estava muito cansado e adormeci quase imediatamente, mas tinha uma vaga lembrança de que Bulger não estava no seu lugar, encostado ao meu peito.

meu peito. Lembro-me de ter procurado por ele, mas isso foi tudo. Nunca me passou pela cabeça que ele tivesse ido deitar-se ao lado do pobre estranho, a quem eu havia tirado tão insensivelmente de seu último lugar de descanso, mas deve ter sido isso mesmo, pois por volta da meia-noite, ao que me pareceu, fui acordado por um leve puxão na minha manga.

Era o meu fiel Bulger, mas, meio acordado e meio adormecido como eu estava, pensei que ele só estava pedindo carinho, como costumava fazer quando pensava em casa, então estendi a mão, acariciei sua cabeça várias vezes e voltei a dormir.

Mas o puxão recomeçou, e desta vez foi mais vigoroso e acompanhado de um gemido impaciente que significava:

"Venha, venha, pequeno mestre, acorde; você acha que eu perturbaria seu descanso se não houvesse um bom motivo?" Não precisei de um terceiro aviso, mas com um único salto aterrissei em pé e, pegando uma das pequenas velas que os Koltykwerps usam como isqueiros, levei a chama da única lâmpada acesa na parede para as outras três penduradas aqui e ali.

As paredes geladas do meu quarto estavam agora iluminadas. Lá estava Bulger, sentado no divã coberto de peles, ao lado do lugar onde o Homem Pequeno com o Sorriso Congelado estava escondido sob a pele. Sua cauda balançava nervosamente e seus olhos grandes e brilhantes estavam fixos primeiro em mim e depois na cobertura de seu irmão morto, com uma expressão que eu nunca me lembrava de ter visto antes. Então, com um movimento repentino, ele agarrou a pele e, puxando-a para o lado, mostrou-me o que vocês acham, queridos amigos, o que, pergunto em um tom meio sussurrado, meio ofegante, pois mesmo agora, anos depois, ainda posso sentir aquele arrepio maravilhoso que senti naquele momento? Ora, estava vivo! Aquela criatura semelhante a um macaco tinha voltado à vida após seu sono de milhares de anos naquela cela estreita e cristalina! Bulger deitou-se ao lado de seu irmão congelado e o aqueceu de volta à vida!

Oh, foi maravilhoso ver aqueles dois olhinhos, brilhantes como contas, olharem para mim e piscarem; e então ouvir aquela voz baixa e gemida, tão humana, como se choramingasse, com um tremor e um arrepio:

"Oh, como está frio! Como está muito frio! Onde está o sol? Onde está o vento suave e quente, e onde estão os céus sem nuvens tão azuis, oh tão lindamente azuis, que costumavam pairar sobre minha cabeça?"

Pedindo a Bulger que se deitasse novamente ao lado dele e se aconchegasse o mais perto possível, apressei-me em cobri-los com as peles mais macias que encontrei.

Em poucos instantes, veio de debaixo da pilha um grito baixo e satisfeito de "Coojah! Coojah! Coojah!", seguido por um curioso acréscimo que soava como "Fuff! Fuff! Fuff!", então juntei todos e dei um nome ao estranho recém-chegado ao reino gelado do Rei Gelidus — Fuffcoojah!

Dormi mais naquela noite? Nem um pouco. A mesma alegria que eu costumava sentir nas manhãs de Natal, há muito tempo, quando Papai Noel me trazia algum mecanismo maravilhoso movido por uma mola secreta, tomou conta de mim — pois eu sempre desprezei brinquedos comuns, como as crianças comuns; e oh, como eu ansiava pela manhã, quando seria hora de agasalhar o homenzinho — não mais ele com o Sorriso Congelado, mas Fuffcoojah, o Menino Vivo de Faraway, com seu rostinho curioso contorcido em uma expressão engraçada — e levá-lo ao palácio.

Como Schneeboule ficará encantado! pensei eu, e o Rei Gelidus também, como ele se soltará de sua majestade frígida ao assistir às travessuras de Fuffcoojah, e como todos os dignos Koltykwerpians, incluindo até mesmo Phrostyphiz e Glacierbhoy, ficarão satisfeitos quando eu lhes contar que o Pequeno Homem com o Sorriso Congelado voltou à vida!

Que multidões de Koltykwerps, homens, mulheres e crianças, subirão correndo os longos degraus que levam ao Palácio de Gelo, implorando e suplicando ao Rei Gelidus que os deixe dar uma olhada em Fuffcoojah, o homenzinho libertado de sua cela gelada pelo famoso viajante, Barão Sebastian von Troomp!

Capítulo 27

EXCITAÇÃO POR FUFFCOOJAH. — EU O LEVO À CORTE DO REI GELIDUS. — SUA AFEIÇÃO IMEDIATA PELA PRINCESA SCHNEEBOULE. — SOU ACUSADO DE EXERCER A ARTE NEGRA. — MINHA DEFESA E MINHA RECOMPENSA. — ANSIEDADE DOS KOLTYKWERPS COM TEMOR DE QUE FUFFCOOJAH MORRA DE FOME. — ESSA CALAMIDADE EVITADA, OUTRA NOS ENFRENTA: COMO EVITAR QUE ELE MORRA CONGELADO. — EU RESOLVO O PROBLEMA, MAS ATRAIO PARA MIM UMA ESTRANHA DESFORTUNA.

Tudo aconteceu exatamente como eu havia imaginado! No momento em que se soube que o Pequeno Homem com o Sorriso Congelado havia realmente voltado à vida, uma agitação frenética tomou conta de todo o reino gelado de Sua Majestade. Fiquei surpreso com a mudança no comportamento dos Koltykwerps. Eles se moviam mais rapidamente, falavam mais rápido, gesticulavam mais do que eu jamais tinha visto antes. Em alguns casos, vocês mal vão acreditar, queridos amigos, eu realmente notei um brilho fraco nas bochechas frias de alguns deles.

Eu esperava poder agasalhar Fuffcoojah e fugir do palácio de gelo antes que as pessoas soubessem que ele havia voltado à vida, mas foi em vão. Quando apareci na porta, havia uma grande multidão de Koltykwerps empurrando e puxando na frente do meu quarto.

A maioria era bem-humorada e gritava:

“Mostre-o para nós, pequeno barão, mostre-nos o Homem Pequeno com o Sorriso Congelado que você trouxe de volta à vida. Deixe-nos ver o rosto dele!”

“Não, não, Koltykwerps!”, exclamei, “isso não pode ser! Sua Majestade Frígida deve ser a primeira a ver o rosto de Fuffcoojah. Abram, abram para o nobre convidado do rei Gelidus! Em nome de Sua Majestade Frígida, abram caminho e deixem-me passar!”

Os Koltykwerps não mostraram qualquer intenção de obedecer. Estavam tão excitados que só quando viram Bulger avançar sobre eles com os olhos brilhantes e os dentes à mostra é que chegaram à conclusão de que o meu corajoso companheiro não estava com disposição para brincadeiras.

Frustrados em seu desejo selvagem de dar uma espiada em Fuffcoojah, os Koltykwerps começaram a xingar-me enquanto eu passava por eles a caminho do palácio de gelo.

"Oho, mestre mago! Ha, ha, príncipe da arte negra! Bu, bu, pequeno feiticeiro! Cuidado, necromante astuto, certifique-se de não praticar nenhum dos seus truques de encantamento sobre nós!" Fiquei feliz quando o portador do machado viu minha situação e correu para me livrar da multidão enfurecida.

O rei Gelidus me recebeu no portal de seu palácio de gelo, e logo atrás dele vinha a princesa Schneeboule, que mal podia esperar sua vez de dar uma olhada na curiosa criatura viva que eu havia desembrulhado apenas o suficiente para que ela pudesse ver seu nariz.

No instante em que Fuffcoojah pousou os olhos no rosto doce da princesa Koltykwerpiana, estendeu o bracinho como uma criança faria com sua mãe. Essa demonstração repentina de afeto causou a Schneeboule o mais vivo prazer, e rapidamente tirando uma de suas luvas, ela estendeu a mão e acariciou a cabeça do animal, mas ao toque daqueles dedinhos gelados, ele soltou um gemido baixo e recuou para debaixo da pele quente em que estava confortavelmente enrolado.

Pobre Schneeboule! Ela deu um suspiro ao vê-lo fazer isso, mas isso não a impediu de se aproximar a cada minuto e levantar uma ponta da pele apenas o suficiente para dar outra olhada em Fuffcoojah, que, embora nunca deixasse de se aconchegar mais perto de mim ao ver a princesa, invariavelmente esticava uma de suas patas pretas para baixo da pele para que Schneeboule a apertasse. Sentado no divã mais próximo do trono, observei que Phrostyphiz e Glacierbhoy estavam conversando em voz baixa com sua Majestade Frígida. Imediatamente adivinhei o assunto da conversa.

Levantando-me, fiz um sinal indicando que desejava falar com o rei e, quando ele acenou com a cabeça com dignidade severa e gelada, comecei a falar. Vocês sabem, queridos amigos, como posso ser eloquente quando estou inspirado. Bem, ali, quase nos degraus do trono de gelo do Rei Gelidus,

passei a defender-me da acusação de ser um mestre da magia negra. Não vou contar tudo o que disse, mas este foi o meu final:

"Que seja do agrado de Vossa Majestade Frígida!

"Aqui ao meu lado está o único mágico do caso, e a única arte, o único truque ou feitiço que ele exerceu foi aquele doce poder a que chamamos amor. Quando ele viu pela primeira vez seu irmão de quatro patas preso na cela de cristal da Gruta de Schneeboule, ele pressionou o nariz repetidamente contra a parede gelada, numa tentativa inútil de reconhecer seu parente, e se afastou com um grito de tristeza ao perceber que seu olfato apurado não conseguia penetrar até ele. Não posso descrever a sua alegria quando deitei Fuffcoojah rígido e imóvel no meu divã, pois ainda não sabia do plano que amadurecia na mente de Bulger. Mas mais tarde, tudo ficou claro. O cão amoroso deixa o peito do seu dono e leva o seu coração verdadeiro e terno até onde Fuffcoojah jaz, levanta a pele, rasteja para dentro ao lado dele, pressiona o seu peito quente com firmeza e força contra o coração congelado do seu irmão e aquece-o de volta à vida, depois acorda-me e conta-me o que fez.

"Esta, Royal Gelidus e nobre Koltykwerps, é a única arte que foi usada para trazer Fuffcoojah de volta à vida, e chamá-la de negra é difamar a luz do sol, criticar o lírio e chamar o doce sopro do céu de algo vil e detestável!"

Quando terminei meu discurso, vi que Schneeboule estava chorando e que várias de suas lágrimas pararam de correr pelo rosto e ficaram penduradas, brilhando como pequenos diamantes à luz suave das lâmpadas de alabastro, onde o ar frio do palácio de Gelidus as transformou em gelo.

E, portanto, quando sua Majestade fria disse que minhas palavras haviam tocado seu coração e me pediu que pedisse um presente de sua mão, eu disse:

"Ó frio rei deste belo domínio gelado, deixe que essas lágrimas que agora pendem como pequenas joias nas bochechas de Schneeboule sejam recolhidas em uma caixa de alabastro e me sejam dadas. Não desejo outra recompensa!"

"Mesmo que eu não te amasse, pequeno barão", exclamou o rei Gelidus com um sorriso gelado, "eu seria persuadido; mas amar torna fácil acreditar. Vá, Phrostyphiz, e peça a uma das damas da princesa que colete essas pequenas joias que pendem das bochechas de Schneeboule em uma taça de alabastro e as entregue ao pequeno barão."

Mal terminei, Fuffcoojah enfiou a cabeça para fora da pele e, fixando os olhos suplicantes em mim, esticou a língua e abriu e fechou a boca com um leve barulho de estalo. Rapidamente percebi que esses sinais significavam que Fuffcoojah estava com fome!

Então, lembrando-me de repente que os Koltykwerps eram um povo estritamente carnívoro, que só havia carne em seu reino gelado, extraída quase como mármore dos grandes refrigeradores da natureza, um grito escapou dos meus lábios e eu sussurrei:

"Oh, ele deve morrer! Ele deve morrer!" Minhas palavras não passaram despercebidas pelos ouvidos aguçados da princesa Schneeboule.

"Fale, pequeno barão", ela gritou, "por que, por que o pequeno Fuffcoojah deve morrer? O que você quer dizer com isso?" E quando o Rei Gelidus e Schneeboule ouviram meu medo de que ele morresse em vez de se alimentar de carne, ambos ficaram com o coração pesado.

"Pobre pequeno Fuffcoojah!", lamentou a princesa, "será possível que ele tenha que ser levado de volta tão cedo para sua cela de cristal na minha gruta?"

"Chame o mestre das minas de carne para se aproximar do trono", gritou o rei Gelidus de repente, com uma voz de dignidade gelada.

Este importante funcionário logo apareceu.

Virando-se para mim, o rei pediu que eu lhe explicasse o caso. Fiz isso em poucas palavras e, para grande alegria de todos os presentes, o mestre das pedreiras de carne falou o seguinte: —

"Pequeno barão, se esse é o único problema, não se preocupe mais, pois enviarei imediatamente um dos meus homens com um suprimento das mais deliciosas nozes."

"Nozes deliciosas?", repeti com um tom de espanto.

"Sim, pequeno barão, tenho um bom estoque à mão. Saiba, então, que dificilmente passa um dia sem que meus homens encontrem algum belo exemplar da família dos roedores, geralmente esquilos, em cujas bolsas nas bochechas invariavelmente encontramos de uma a meia dúzia de nozes delicadas guardadas. Sempre foi meu costume guardá-las, e por isso devo informar-lhe que, se Fuffcoojah viver até os cem anos, eu ou meu sucessor poderemos garantir que ele terá comida suficiente."

Essas palavras tiraram um peso terrível do meu coração, pois agora, pelo menos, Fuffcoojah não morreria de fome.

Durante alguns dias, tudo correu bem. Os Koltykwerps ficaram bastante convencidos de que eu não tinha praticado magia negra no reino frio de Sua Majestade, e todos eles se afeiçoaram muito à pequena criatura curiosa, com a carinha engraçada e os modos ainda mais engraçados.

Mas parecia que, assim que saíamos de um problema, caíamos em outro, pois agora Fuffcoojah começou a se opor ao assistente escolhido pelo rei Gelidus para cuidar dele.

O homem era cerca de dez graus mais frio do que ele, e em pouco tempo bastava que o Koltykwerp se aproximasse de Fuff, como o chamávamos, para que ele entrasse em convulsões de tremores e emitisse gritos lamentáveis de descontentamento, que só cessavam quando eu aparecia e o confortava com carícias.

Comecei então a pensar em alguma maneira de tornar a vida de Fuff mais agradável, pois todos pareciam me responsabilizar pelo seu bem-estar. Dez vezes por dia chegavam mensageiros do rei Gelidus ou da princesa Schneeboule para perguntar como ele estava, se estávamos mantendo-o aquecido o suficiente, se ele tinha tudo o que queria para comer, se tinha peles suficientes em sua cama. Também não era incomum receber uma dúzia ou mais de mães koltykwerpianas em meus aposentos durante um único dia com conselhos suficientes para durar um mês e, por isso, com o objetivo de proporcionar-lhe um quarto mais quente para dormir, mandei montar um divã para ele em uma pequena sala que dava para o meu, nas paredes da qual mandei pendurar meia dúzia das maiores lâmpadas.

A consequência foi que as paredes começaram a derreter, e ao saber disso, a consternação se espalhou por todo o reino gelado de sua Majestade Frígida, pois, para a mente de um Koltykwerp, um calor poderoso o suficiente para derreter gelo era algo terrível. Era como o medo de um terremoto para nós, ou o medo de uma inundação ou de um incêndio. Era algo que enchia seus corações de tal terror que, em seus sonhos, viam as paredes sólidas do palácio de gelo derreterem e desabarem com um estrondo. Eles não podiam suportar isso, e então o rei Gelidus decretou que, se não houvesse outra maneira de manter Fuffcoojah vivo, ele deveria morrer.

Ao ouvir isso, uma dor terrível tomou conta do coração da pobre Schneeboule, pois ela havia aprendido a amar muito o pequeno Fuff, e pensar em perdê-lo era como uma facada no peito.

“Nunca, nunca”, ela gritou, “serei capaz de pisar em minha gruta se Fuffcoojah for colocado de volta em sua prisão de cristal, com seu sorriso congelado no rosto como antes”. E procurando seu pai real, ela se jogou aos seus pés e falou o seguinte: —

“Ó coração de gelo! Ó Majestade fria, não deixe sua filha morrer de tristeza. Há uma maneira fácil de resolver todos os nossos problemas com o querido pequeno Fuffcoojah.”

“Fale, amada Schneeboule”, respondeu o rei Gelidus, “deixe-me ouvir o que é”.

“Ora, coração frio”, disse a princesa, “o pequeno barão tem muito calor armazenado em seu corpo, ele tem o suficiente para si mesmo e para Fuffcoojah. Portanto, pai frio, ordene que seja feito um capuz profundo e quente para o casaco do pequeno barão, e que Fuffcoojah seja colocado nele e carregado pelo pequeno barão para onde quer que ele vá. Ele logo se acostumará com o peso leve e nem notará mais.”

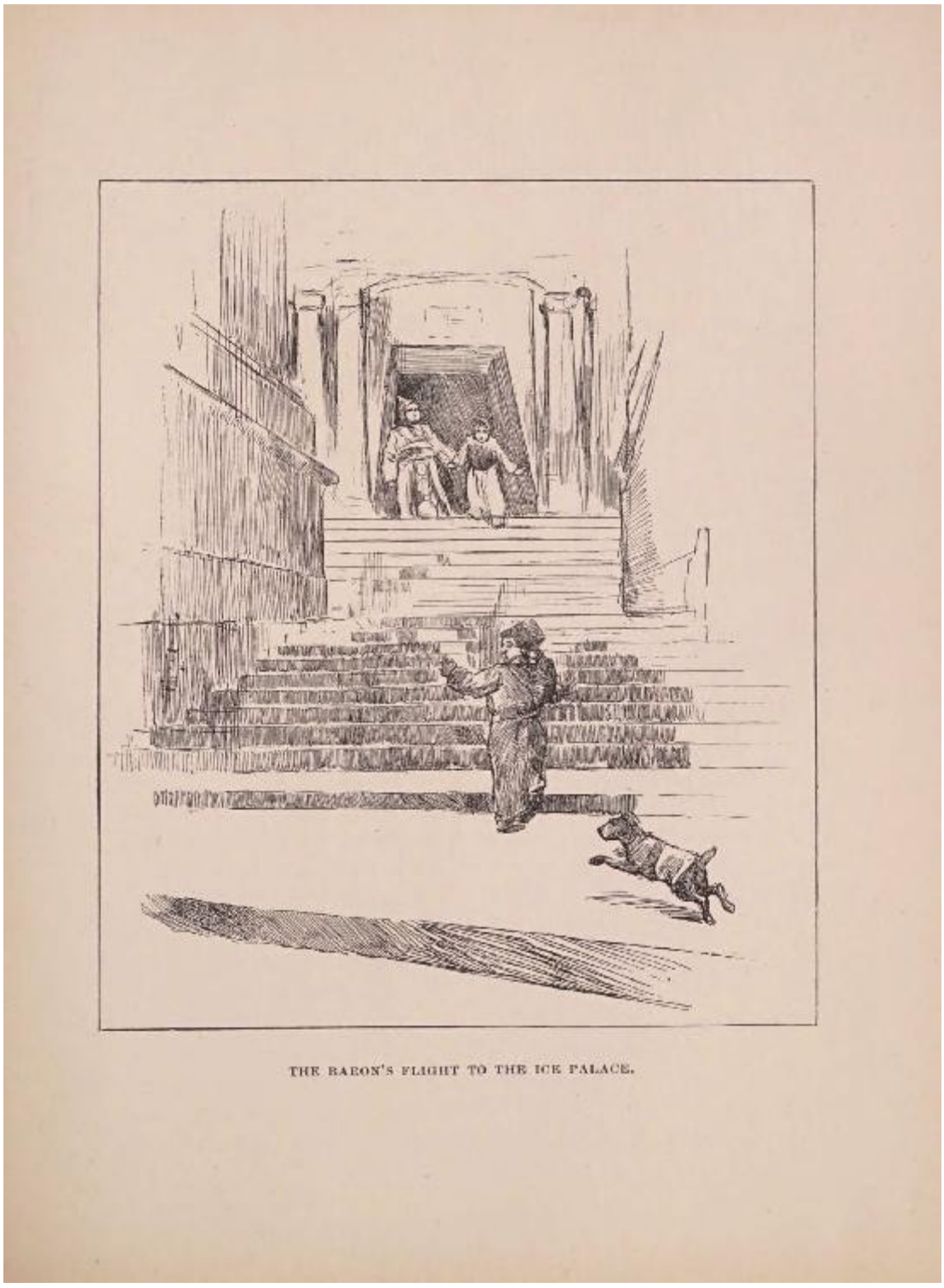
“Será como desejas”, respondeu o rei dos Koltykwerps; e chamando seu conselheiro de confiança, Glacierbhoy, ordenou-lhe que me chamasse imediatamente à sala do trono. Quando ouvi essa ordem terrível sair dos lábios gelados do rei Gelidus, meu coração afundou, mas não ousei desobedecer, não ousei murmurar, pois tinha sido eu quem rachara a prisão de cristal do Homem Pequeno com o Sorriso Congelado; eu quem tornara possível que Bulger o aquecesse de volta à vida. Oh, pobre menino vaidoso, fraco e tolo que eu tinha sido, o que seria de mim agora?

Capítulo 28

COMO UM PEQUENO FARDO PODE SE TORNAR UM FARDO PESADO. — HISTÓRIA DE UM HOMEM COM UM MACACO NO CAPUZ. — MEU TERRÍVEL SOFRIMENTO. — SOBRE O PÂNICO TERRÍVEL QUE TOMOU CONTA DOS KOLTYKWERPS. — MINHA VISITA AO PALÁCIO DE GELO DESERTO E O QUE ACONTECEU COM FUFFCOOJAH. — FIM DE SUA BREVE, MAS ESTRANHA CARREIRA. — UM BEIJO CONGELADO EM UMA LÂMINA DE CHIFRE, OU COMO SCHNEEBOULE ESCOLHEU UM MARIDO.

Ah, pequena princesa, como foi fácil para você dizer que eu logo me acostumaria com o pequeno fardo e nem mais notaria? Como somos propensos a considerar leves os fardos que colocamos sobre os ombros dos outros para nosso próprio benefício? É verdade que Fuffcoojah não era tão comprido quanto um cavalo, nem tão largo quanto um boi, e quando, de acordo com o decreto do rei, o capuz foi concluído e o pequeno animal foi colocado lá dentro, bem encostado nas minhas costas para receber uma boa parte do calor do meu corpo, pareceu-me que Schneeboule estava certa, que eu logo me acostumaria com o fardo e não mais notaria sua presença. E assim pareceu no segundo e no terceiro dia, mas não no quarto; pois nesse dia a pequena carga parecia ter ganhado um pouco de peso e, embora eu fosse rápido em fingir que não era assim quando a princesa Schneeboule me questionou, dizendo:

“Pois bem, pequeno barão, não lhe disse que logo esqueceria que Fuffcoojah dormia sobre seus ombros?” No entanto, no meu coração, eu sentia que ele realmente havia ficado um pouco mais pesado.



THE BARON'S FLIGHT TO THE ICE PALACE.

No quinto dia, Bulger e eu fomos convidados para uma festa no palácio de gelo e, quando me levantei do divã para ir até lá, senti meu coração estranhamente pesado, assim como Bulger, que fez várias tentativas para me fazer sorrir ou falar com alegria, mas em vão.

De repente, percebi que havia um peso pressionando minhas costas, não, não era um peso pesado, mas um peso mesmo assim, e então sussurrei para mim mesmo: “Ora, se vou a uma festa, vou me livrar disso!” E então acordei do meu profundo devaneio e murmurei:

“Que estranho eu ter esquecido que Fuffcoojah estava no meu bairro!” E assim fui para a festa com Fuffcoojah aninhado entre os meus ombros, e os Koltykwerps riram-se do pequeno barão e da sua criança, como lhe chamavam, e aproximaram-se, levantaram a aba e espreitaram a criatura curiosa dentro do capuz, e quando Fuffcoojah sentiu o seu hálito gelado, enterrou o nariz na pele e suspirou e choramingou. Então, por um momento, quando a princesa Schneeboule chegou e sentou-se ao meu lado e me elogiou por minha prontidão em cumprir seus desejos, e me agradeceu tão docemente por minha bondade para com ela, esqueci-me completamente da pequena carga que me fora confiada, e comi os petiscos congelados da cozinha real, e ri e brinquei com os senhores Phrostyphiz e Glacierbhoy, tal como era meu costume antes de Gelidus decretar que Fuffcoojah deveria fazer a sua cama nos meus ombros.

Mas quando a festa terminou e eu saí do amplo portal do palácio de gelo e olhei para a poderosa lente fixada na encosta da montanha, através da qual a luz da lua do mundo exterior entrava com um esplendor suave, mas glorioso, de repente senti minhas pernas dobrarem-se sob mim, cambaleei da direita para a esquerda, agarrei-me às sombras, parecia-me que estava prestes a ser esmagado por um fardo terrível. Acelerei o passo, comecei a correr, joguei os braços para o alto como se quisesse livrar-me do peso que me sufocava. E assim cheguei ao meu alojamento ofegante, arfando, sem fôlego.

“Mas que idiota eu sou!”, foram as minhas primeiras palavras quando recuperei o fôlego; “é só o pequeno Fuffcoojah nas minhas costas, escondido no meu capuz de pele. Devo estar fora de mim para ter pensado que um grande monstro estava sentado ali e que ele estava gradualmente me pressionando, esmagando minha vida aos poucos, me achatando no chão, e eu incapaz de escapar de seu abraço terrível ou de me contorcer para sair de baixo de seus membros horríveis enrolados em meu pescoço e corpo!”

Durante toda a noite, esse monstro ficou agarrado a mim, me empurrando para andar mais rápido, para cima e para baixo, para frente e para trás, sem eu saber para onde, em tarefas inúteis, que terminavam apenas para recomeçar, em buscas por algo que não estava escondido em lugar nenhum, tentando mil portas e encontrando todas trancadas, voltando

para casa apenas para sair novamente, para cima e para longe, em estradas intermináveis que desapareciam em um ponto distante à frente, com aquele fardo doloroso para sempre sobre meus ombros, ficando cada vez mais pesado, até que parecia que eu deveria cair com ele na poeira. Mas não, ele sabia muito bem que não deveria me levar até a morte, então, quando eu estava prestes a cair, ele jogou fora parte de seu peso para me dar coragem para começar de novo. Quando amanheceu, meu pulso estava acelerado e minhas bochechas estavam em chamas. Eu podia sentir o sangue batendo contra minhas têmporas, e era natural que meu rosto estivesse vermelho com o rubor da febre. Meio atordoado, caminhei em direção à grande escadaria que levava ao palácio de gelo, quando de repente fui assustado por um grito terrível. Parei e olhei para cima, quando outro e outro irromperam em meus ouvidos.

Os Koltykwerps aterrorizados fugiam diante de mim em todas as direções, gritando enquanto fugiam:

"Fujam, fujam, irmãos, o pequeno barão está pegando fogo, o pequeno barão está pegando fogo, fujam, irmãos, fujam!"

Em poucos instantes, o terror tomou conta de todas as criaturas vivas no reino gelado do Rei Gelidus. Eles fugiram de mim em louca pressa, refugiando-se em cavernas e corredores distantes, enchendo o ar com seus gritos selvagens, sem que ninguém tivesse coragem de parar e olhar para trás. Meu rosto inflamado os encheu de um terror tão terrível que eles só conseguiam correr e gritar:

"Fujam, irmãos, fujam; o pequeno barão está pegando fogo, o pequeno barão está pegando fogo!"

Com Bulger nos meus calcanhares, virei-me e subi correndo a escadaria com a intenção de procurar o rei Gelidus e explicar-lhe o que havia acontecido.

Mas ele também havia fugido, e com ele todos os sentinelas e servos, todos os cortesãos e conselheiros. O palácio estava silencioso como a morte. Corri pelos corredores silenciosos gritando: "Schneeboule! Princesa Schneeboule! Certamente você não tem medo de mim? Volte, eu não vou lhe fazer mal. Não estou pegando fogo! Volte, oh, volte!"

Com isso, cheguei à sala do trono; não se via nenhum ser vivo; a vasta sala estava silenciosa como a morte. Cambaleei até um divã e, apoiando minha pobre cabeça dolorida em uma almofada, caí em um sono profundo e revigorante.

Quando acordei, esfreguei os olhos e olhei ao meu redor, e a princípio pensei que ainda estava sozinho na grande sala redonda com paredes de gelo; mas não, lá no divã estava Schneeboule, sorrindo e dizendo em tom de fingida indignação:

"Você não é uma enfermeira muito atenta, pequeno barão, pois enquanto dormia apertou Fuffcoojah com tanta força contra uma almofada que ele rastejou para fora do seu capuz e se aninhou nos meus braços."

"Nos teus braços, Schneeboule?", exclamei sem fôlego, pois temia o pior, e, levantando-me de um salto, tirei a pele macia com que ela envolvia Fuffcoojah, e lá estava ele, morto! Pobre animalzinho, ele estava tão feliz por rastejar para os braços daquela que tanto amava e se aconchegou cada vez mais perto dela em busca de mais calor; mas apenas para se aproximar cada vez mais de um coração que não podia aquecê-lo; e assim o frio insidioso da morte, que traz consigo uma sonolência doce e agradável, tomou conta dele e ele morreu.

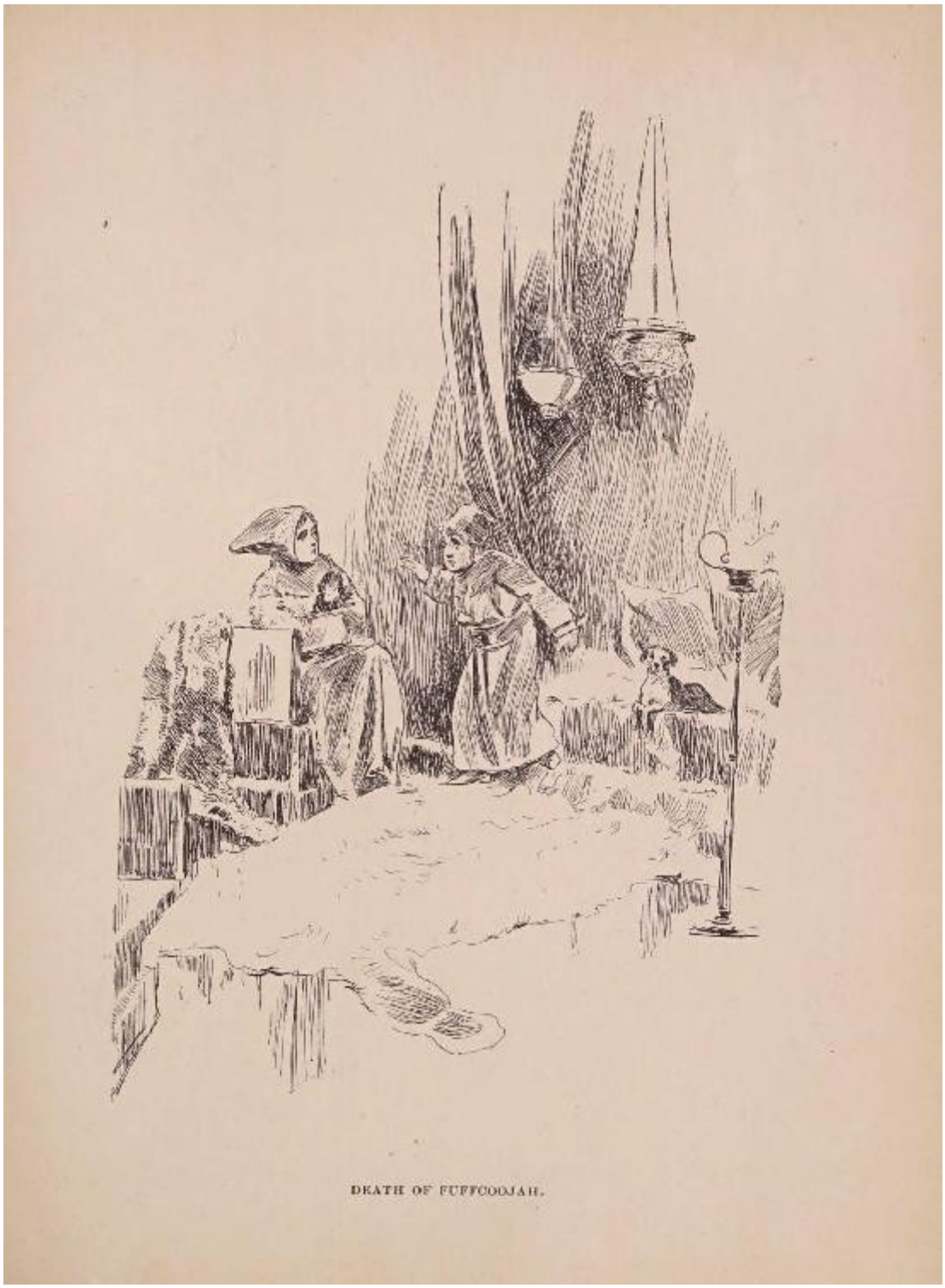
E as lágrimas de Schneeboule, congelando ao cair, agora choviam como uma suave granizo de pequenas joias sobre o pequeno animal morto, que não era mais Fuffcoojah, mas novamente o Pequeno Homem com o Sorriso Congelado. Logo os Koltykwerps se recuperaram de seu medo irracional e, primeiro um por um, depois em grupos, voltaram para suas casas, e o rei Gelidus e sua corte também voltaram para o belo palácio que haviam abandonado em seu pânico quando ouviram o grito de que o pequeno barão estava queimando.

Todos ficaram tristes ao saber que Fuffcoojah havia morrido pela segunda vez, e muitas foram as lágrimas congeladas que caíram das bochechas geladas dos Koltykwerps ao olharem para o Pequeno Homem com o Sorriso Congelado, deitado na pele branca ao lado da Princesa Schneeboule.

Naquele dia, nós o levamos de volta para a gruta de gelo e, depois de colocá-lo no buraco moldado por seu corpo no bloco de cristal, ele foi fechado novamente com tanta habilidade pelos pedreiros do rei que nenhum olho era perspicaz o suficiente para notar onde estava a fenda. E o mesmo brilho misterioso estava em seus olhos, e quando os Koltykwerps viram isso, seus corações gelados sentiram um arrepio frio de satisfação, pois não apenas o Pequeno Homem com o Sorriso Congelado estava de volta à sua cela de cristal, mas todos os medos e fantasias terríveis que sua volta à vida havia causado haviam passado e desaparecido para sempre, e a paz, a tranquilidade e a doce satisfação reinaram em todo o reino gelado de sua fria Majestade Gelidus, Rei dos Koltykwerps!

Agora, nada restava para fazer seu coração frio se partir de alegria, a não ser ver sua amada filha Schneeboule escolher um marido. E ele não teve que esperar muito, pois um dia, ao entrar no palácio, ela viu um jovem deitado ao pé da escada, dominado pelo sono. Em uma mão, ele segurava uma lâmpada de alabastro e, na outra, uma mecha nova que estava prestes a colocar nela, pois o jovem era um ajustador de lâmpadas no palácio de gelo do rei Gelidus; e quando a princesa Schneeboule o viu ali deitado, dominado pelo sono, ela se abaixou e o beijou na bochecha, e seguiu em frente sem pensar mais no assunto, de uma forma ou de outra.

E o beijo congelou na bochecha do acendedor de lâmpadas, onde Schneeboule o havia pressionado.



DEATH OF FUFFCOOJAH.

Logo, o rei Gelidus entrou no corredor com a respiração branca na barba e viu o jovem deitado ali, com o beijo congelado na bochecha, e ordenou que Glacierbhoy raspasse os delicados cristais de gelo do rosto do jovem com uma lâmina de chifre polido.

“O que há, meu pai?”, perguntou a princesa, quando o viu carregando a lâmina de chifre com tanto cuidado.

“Um beijo que alguém deu na bochecha de um dos meus lampadários, que agora está deitado na escada, dominado pelo sono”, respondeu o rei Gelidus, em tom gelado e retumbante.

“Mas, meu pai”, exclamou a princesa Schneeboule, “agora que você fala nisso, acredito realmente que o beijo é meu, pois lembro-me de ter beijado alguém ao entrar no palácio. Eu estava absorta em pensamentos, mas sem dúvida o jovem me agradou, ali deitado, adormecido com a lâmpada numa mão e o pavio na outra”.

E aquele lampista não mais aparou lâmpadas no palácio de gelo de sua fria Majestade Gelidus, rei dos Koltykwerps.

Sem dúvida ele foi um ótimo marido para Schneeboule, e tenho certeza de que ela foi uma ótima esposa para ele. Eu teria ficado feliz em ficar para a festa de casamento, mas isso estava fora de questão. Eu já tinha ficado tempo demais.

Capítulo 29

ALGO SOBRE OS MUITOS PORTALOS PARA O DOMÍNIO GELADO DO REI GELIDUS E A DIFÍCIL TAREFA DE ESCOLHER O CERTO. — COMO BULGER RESOLVEU ISSO. — NOSSA DESPEDIDA DOS KOLTYKWERPS DE SANGUE FRIO. — A TRISTEZA DE SCHNEEBOULE POR NOS PERDER.

Como Bullibrain observou certa vez, quando há muitas portas, é sábio saber qual é a certa para abrir; e foi isso que descobri quando tentei partir do reino gelado de Sua Majestade Gelidus, rei dos Koltykwerps, pois havia uma dúzia de galerias, em cada uma das quais, após explorar, cheguei, depois de caminhar cerca de um quilômetro, a um portão alto de gelo sólido, curiosamente esculpido e que se encaixava na extremidade da galeria como uma rolha em uma garrafa.

Sem dúvida você está se perguntando por que não saí do reino Koltykwerpiano seguindo o rio: pela boa razão de que ele não ia além do domínio do Rei Gelidus, desaguando em um vasto reservatório que aparentemente tinha uma saída subterrânea, pois sua espessa camada de gelo permanecia sempre na mesma altura.

Os pedreiros do rei receberam ordens para abrir uma passagem pela porta que eu indicasse como aquela pela qual desejava passar, mas fui informado por Phrostyphiz que, de acordo com a lei do país, apenas uma porta poderia ser aberta por ano, de modo que, se eu encontrasse o caminho bloqueado e voltasse, isso significaria um atraso de doze meses. Bullibrain, com toda a sua sabedoria, era impotente para me ajudar, embora eu estivesse meio inclinado a pensar que ele poderia ter feito isso se tivesse permissão para investigar os registros secretos do reino, esculpidos em enormes tábuas de gelo e guardados nos cofres do palácio.

O fato é que o rei Gelidus estava tão ansioso para que eu participasse do banquete de casamento da princesa Schneeboule que colocou todos os

obstáculos em meu caminho, sem mostrar abertamente suas intenções. E a própria Schneeboule, com o brilho de seus olhos cinzentos, me deu a entender que também esperava que eu cometesse um erro ao apontar a porta que queria que fosse aberta.

Bulger percebeu que eu estava com problemas, mas não conseguia compreender claramente o que era. No entanto, ele manteve os olhos fixos em mim, observando cada movimento meu, sem dúvida na esperança de resolver o mistério.

Enquanto estava sentado, perdido em pensamentos sobre o problema muito sério que eu precisava resolver, tive uma ideia: eu tinha notado que, nas pedreiras de carne, os trabalhadores costumavam usar varas de sondagem, que eram longos pedaços de osso polido com pontas de sílex. Um trabalhador da pedreira de Koltykwerpian, girando habilmente essa vara, era capaz de fazer um buraco de quase dois metros de profundidade no leito sólido de gelo quando desejava determinar a posição de uma carcaça na pedreira de carne, e ocorreu-me que, perfurando as portas de gelo que fechavam os vários corredores de que falei, talvez o olfato apurado de Bulger pudesse reconhecer a corrente de ar que trazia consigo o odor da terra e da rocha; em outras palavras, escolher para mim a porta que se abria para o corredor que levava para fora do domínio gelado do Rei Gelidus e não apenas para alguma câmara periférica de seu reino.

Sua Majestade Frígida não poderia se opor a tais experimentos, pois a lei apenas proibia a abertura de passagens grandes o suficiente para que o escavador pudesse passar.

O rei Gelidus e meia dúzia de seus cortesãos, com ar severo e frio e conversando em tons gelados, estavam presentes para ver a experiência. Pareceu-me que seus lábios gelados batiam com satisfação quando, a meu pedido, um portal após o outro era perfurado, mas Bulger, depois de cheirar o buraco, virou-se com um olhar perplexo, como se não entendesse por que eu estava ordenando que enfiasse seu nariz quente em lugares tão frios.

E assim caminhamos de corredor em corredor, até que os pedreiros começaram a mostrar sinais de cansaço e a vara de sondagem girou cada vez mais devagar em suas mãos.

Phrostyphiz piscou seus olhos cinzentos e frios, como se dissesse: “Pequeno barão, você deve ficar conosco por mais um ano!” Mas eu apenas me virei para os

pedreiros e ordenei que perfurassem mais um portal de gelo antes de abandonarmos a tarefa do dia. Eles começaram a perfurar a décima primeira porta com o ritmo de mulas de carga subindo uma montanha. Mas, finalmente, a vara perfurou um caminho e, com um aceno da minha mão, os pedreiros recuaram. Em um instante, Bulger enfiou o nariz no buraco e deu três ou quatro cheiradas rápidas e nervosas, terminando com uma longa e profunda, e então, soltando uma série de latidos agudos, espasmódicos e alegres, começou a arranhar furiosamente a parte inferior do portal.

"Vossa Majestade Frígida", disse eu, com uma reverência baixa e majestosa, como só aqueles que nasceram para isso podem fazer, "por este portal, ao nascer do sol de amanhã, eu passarei do domínio gelado de Vossa Majestade!" E quando Phrostyphiz e Glacierbhoy ouviram minhas palavras proferidas com tanta altivez, seus olhos brilharam frios como aço e seguiram o rei em silêncio de volta ao palácio de gelo. Schneeboule os encontrou no grande corredor e, ao olhar para os rostos deles, começou a chorar, pois amava a mim e também a Bulger, e seu pequeno coração frio não suportava a ideia de nossa partida.

KOLTYKWERPIAN QUARRYMEN HEWING A PASSAGE THROUGH THE WALL OF ICE.

O rei Gelidus, no entanto, logo recuperou o ânimo e ordenou um banquete com música e dança em homenagem a Bulger, que durante as festividades sentou-se no divã mais alto, com a pele mais macia debaixo dele; e eram tantas as iguarias congeladas que os Koltykwerps lhe ofereceram durante o banquete

do banquete, que fiquei alarmado com a possibilidade de ele sobrecarregar o estômago e não estar em condições de partir cedo para a nossa viagem, da qual eu havia avisado ao monarca Koltykwerpiano. Mas seu bom senso o impediu de fazer uma coisa tão tola; na verdade, achei muito engraçado ver que, embora ele aceitasse todas as iguarias que lhe eram oferecidas e fizesse solenemente o movimento de mastigá-las, ele esperava o momento certo para deixá-las cair da boca e jogá-las para o lado com a pata. Assim passou nossa última noite na corte gelada de sua majestade fria, e no dia seguinte os koltykwerps se reuniram em grandes multidões nos diferentes terraços para se despedir. Dei um beijo na bochecha da princesa Schneeboule e, quando ele se transformou em cristais de gelo, um de seus homens o varreu para dentro de uma caixa de alabastro.

O príncipe Chillychops, o antigo lampista, estava presente com o resto dos nobres Koltykwerpianos, mas eu me iludia pensando que Schneeboule me amava mais do que a ele. No entanto, desejei-lhe felicidades e apertei sua mão fria com tanto calor que ele ficou soprando-a por um minuto inteiro. Quando chegamos ao portal elevado, descobrimos que os pedreiros já haviam aberto uma passagem e, perto dali, observei uma pilha de blocos enormes de gelo cristalino.

Estes, quando Bulger e eu passássemos pela abertura, seriam usados para tapá-la novamente; e quando vi esta pilha de blocos e me lembrei do trabalho sólido dos pedreiros de Koltykwerp, um pensamento passou pela minha mente: Suponha que Bulger não tenha escolhido sabiamente, de que adiantaria voltar, pois minhas mãos fracas seriam impotentes contra uma parede construída com tais blocos e, por mais alto que eu batesse, como o som poderia atravessar esse corredor longo e sinuoso e chegar aos ouvidos de um Koltykwerp? “Não”, disse a mim mesmo, “se Bulger não escolheu sabiamente, será adeus tanto ao mundo superior quanto ao inferior”. E então, carregando uma lâmpada de alabastro em uma mão e segurando a corda que eu havia amarrado ao colarinho de Bulger na outra, atravessei a estreita passagem escavada pelos pedreiros e virei as costas para sempre ao reino frio de Gelidus, rei dos Koltykwerps. Parei uma vez e olhei para trás. Não vi nada, mas pude ouvir o clique agudo das machadinhas de pedra quando os pedreiros fecharam a porta que me separava de tantos corações frios, mas amorosos. Então, respirei fundo e segui meu caminho.

E essa foi a última vez que vi os Koltykwerps, exceto em sonhos ou visões noturnas.

THE WONDERFUL RIDE ON THE BLOCK OF ICE.

Capítulo CO

TUDO SOBRE A VIAGEM MAIS TERRÍVEL, MAS MAGNÍFICA, QUE JÁ FIZ NA VIDA. — NOVENTA MILHAS NAS COSTAS DE UMA MASSIVA MASSAS DE GELO, E COMO BULGER E EU FINALMENTE ATERRISSAMOS NAS MARGENS DE UM RIO MARAVILHOSO. — COMO O DIA AMANHECEU NESTE MUNDO SUBTERRÂNEO.

Se minha mão naquele momento não tivesse agarrado uma corda amarrada ao pescoço do meu sábio e perspicaz Bulger, eu realmente acredito que teria parado, virado para trás, refazido meus passos e implorado aos habitantes deste reino de cristal que me admitissem mais uma vez no reino frio onde Gelidus mantinha sua corte gelada; pois uma súbita onda de depressão tomou conta de mim quando o ar frio bateu em minhas bochechas e vi a escuridão profunda tornada visível pela pequena chama da minha lâmpada de alabastro.

Por mais frio que fosse, eu teria sol na terra gelada dos Koltykwerps, mas agora como poderia saber que destino me esperava?

Felizmente, eu havia pedido ao capitão das pedreiras de carne que me permitisse ficar com uma de suas varas de sondagem com ponta de sílex, pois temia que, ao descer alguma inclinação gelada, eu pudesse cair e machucar, ou até mesmo quebrar, um membro.

Eu estava determinado a avançar com cautela por essa passagem gelada, envolta em uma escuridão impenetrável e tão diferente do pavimento largo e polido da Rodovia de Mármore; e assim, pendurando a lanterna no pescoço, passei a usar a vara de sondagem como um bastão de montanha, para o qual era admiravelmente adequada. De repente, Bulger parou, deu um gemido baixo de aviso e voltou. Em um instante, soube que havia perigo à frente e, deixando-me cair de joelhos, rastejei cuidadosamente para investigar o ponto perigoso em nosso caminho, sinalizado pelo vigilante Bulger.

Era verdade: estávamos aparentemente na beira de um parapeito íngreme, não tinha como saber a altura, mas não consegui alcançar o fundo com a vara de sondagem.

O que fazer? Voltar?

Ainda não era tarde demais, os pedreiros koltykwerpianos não poderiam ter concluído sua tarefa em tão pouco tempo, eles ouviriam minha batida, derrubariam sua parede de gelo e Gelidus e Schneeboule nos receberiam de volta ao seu palácio de gelo com uma satisfação fria, mas honesta.

Enquanto estava ali sentado, mergulhado em pensamentos, comecei, quase inconscientemente, a girar a vara de sondagem até que ela afundou metade do seu comprimento no chão de gelo e, então, estendendo o braço, envolvi Bulger com ele e o puxei para mim, como costumava fazer quando me preparava para uma meditação profunda.

Mal tinha feito isso quando o gelo sob mim emitiu um daqueles ruídos agudos, claros e estridentes, tão diferentes do som produzido pela quebra de qualquer outra substância; e, em seguida, senti a massa cristalina sobre a qual Bulger e eu estávamos sentados tremer e vibrar por um instante e, então, com uma inclinação repentina para baixo, separar-se da massa atrás dela e começar a se mover!

Instintivamente, uma sensação de perigo terrível me levou a agarrar-me à vara que eu havia enfiado no gelo como se fosse uma broca. Felizmente, ela estava entre as minhas pernas e, rápido como um raio, entrelaçei-as em torno dela, assumindo uma postura turca, enquanto meu braço esquerdo envolvia firmemente o corpo de Bulger.

Não sei como foi feito, pois tudo aconteceu em um instante; mas lá estava eu, sentado firmemente, por assim dizer, sobre as costas daquele monstro de cristal, enquanto ele, com um rangido e um estrondo, quebrava os elos de cristal que o prendiam à parede de gelo e mergulhava de cabeça pela encosta de vidro.

Com o susto, deixei cair a minha lanterna e agora a escuridão profunda deste mundo subterrâneo envolvia-me. Mas não, não era assim, pois à medida que o bloco de gelo em fuga rangia e estalava ao longo do seu caminho, as duas superfícies frias de cristal emitiram um brilho estranho de luz fosforescente que fazia a massa voadora parecer uma coisa viva monstruosa, de cujos mil olhos saíam línguas de fogo enquanto corria loucamente, ora ganhando velocidade ao atingir um trecho mais íngreme, ora batendo em algum obstáculo e se chocando contra as paredes rochosas do corredor, e lançando uma chuva de cristais brilhantes e cintilantes no ar negro!

Logo, o bloco em fuga chega a uma inclinação suave e, com o som baixo dos cristais se esmagando, desliza suavemente em seu voo, como se estivesse montado sobre patins de aço polido, e então, com uma queda repentina, desliza por uma descida mais íngreme e salta no ar enquanto avança, sibilando sobre a estrada escorregadia e deixando um rastro de fogo atrás de si. E agora ele atinge um trecho do caminho cheio de pedaços e blocos de gelo.

Com uma fúria louca, ele salta sobre os menores com um grunhido de raiva, moendo-os em pó, que, como chuvas de espuma gelada, ele lança sobre Bulger e eu, sentados em suas costas. Mas alguns dos blocos resistem ao seu terrível ataque e nosso poderoso corcel é lançado de um lado para o outro com estrondos e rangidos, enquanto empurra ferozmente seus chifres de cristal contra as rochas salientes, deixando marcas de sua carne branca nessas cabeças negras de diamante.

Parece que já se passou uma hora desde que o monstro de cristal se soltou, e ainda assim ele continua sua descida selvagem, batendo, empurrando, cambaleando, desviando, levando Bulger e eu para o nível mais baixo do Mundo dentro do Mundo.

Será que ele nunca vai acabar com seu voo louco?

Não há maneira de eu detê-lo?

Ele deve voar até que seu corpo esteja tão fino que o próximo obstáculo o quebre em dez mil pedaços, lançando Bulger e eu para a morte?

Enquanto esses pensamentos passam pela minha mente, a massa voadora dá um último mergulho louco que a faz pousar em um trecho quase plano da estrada e, pelo som diferente emitido pelo bloco deslizando, sei que deixamos as regiões geladas para trás e que nosso trenó de cristal está deslizando suavemente sobre uma pista de mármore polido.

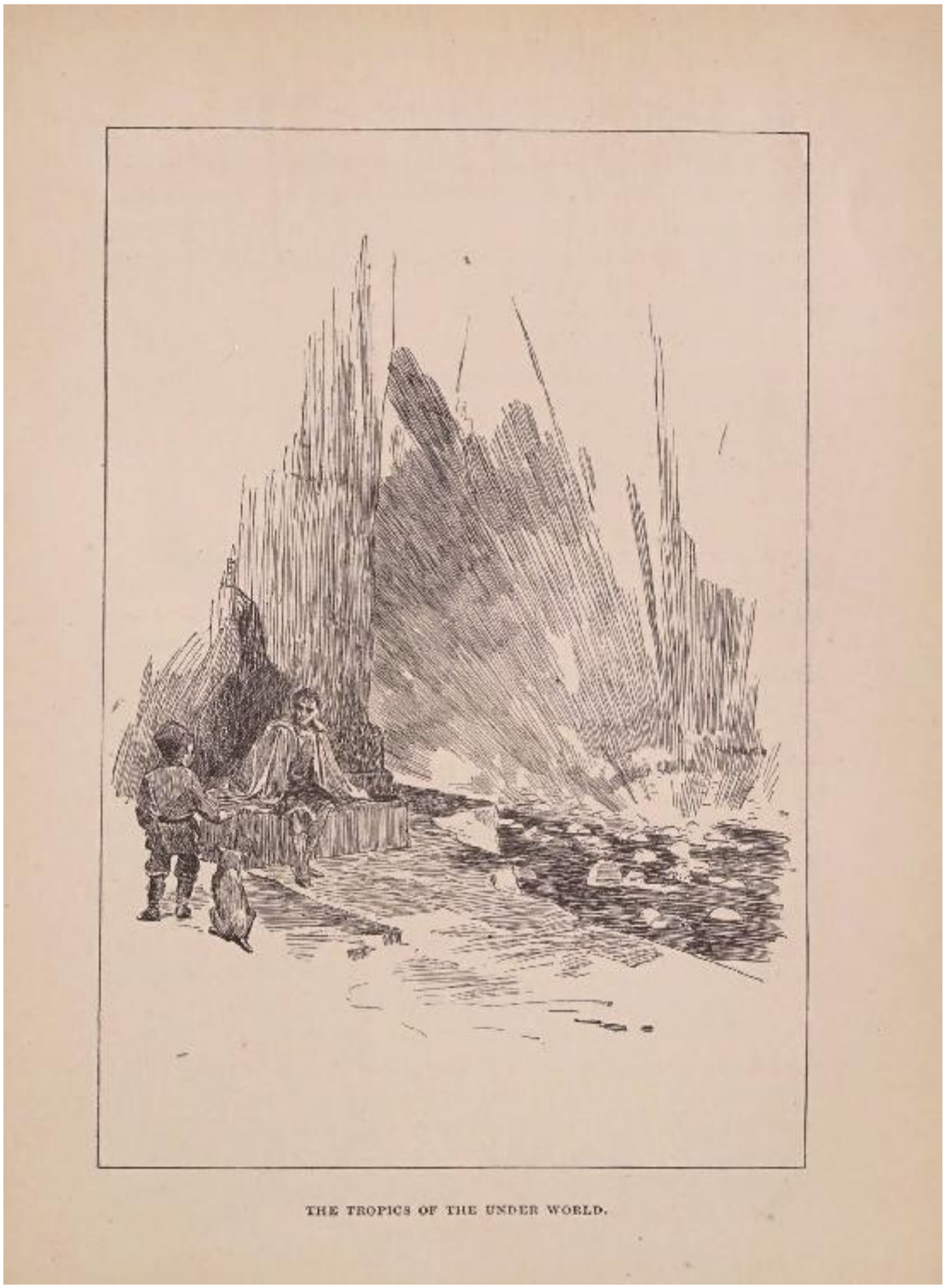
Mas, quilômetro após quilômetro, ele continua deslizando suavemente, silenciosamente, e então ouso pensar que nossas vidas estão salvas.

Mas tão terrível tinha sido a tensão, tão assustadora a ansiedade, tão exaustivo o esforço necessário para me manter no bloco de gelo e impedir que meu amado Bulger escorregasse dos meus braços, que caí para trás, desmaiando, quando a massa deslizante finalmente parou. Acho que devo ter ficado ali deitado por uns bons trinta minutos, pois quando recobrei os sentidos, a alegria frenética de Bulger me disse que ele tinha ficado muito preocupado comigo e, no momento em que abri os olhos, ele começou a cobrir minhas mãos e meu rosto com carícias

rosto, como se fosse um namorado. Meu querido e grato coração, ele sentia que devia a vida ao seu pequeno dono e queria que eu entendesse o quanto estava agradecido.

No momento em que Bulger se recuperou do choque causado pelo meu desmaio prolongado, peguei minha espingarda e toquei na mola.

Havia passado uma hora e meia desde que havíamos atravessado o portal gelado do domínio do Rei Gelidus. Considerando meia hora pelo tempo em que fiquei inconsciente, isso significava que nossa descida louca nas costas do monstro de cristal havia durado uma hora inteira e, calculando que a velocidade média da massa de gelo em fuga era de uma milha e meia por minuto, estávamos agora a cerca de noventa milhas do reino frio onde Gelidus se sentava em seu trono gelado, com a princesa Schneeboule a seus pés e Chillychops ao lado dela.



THE TROPICS OF THE UNDER WORLD.

Foi com grande dificuldade que consegui me levantar, tão rígidas estavam minhas articulações e tensos meus músculos após aquela terrível viagem, em que a cada instante eu esperava ser despedaçado contra rochas salientes ou rasgado em pedaços ao ser preso entre o monstro de gelo em fuga e os gigantescos

pingentes de gelo que pendiam do teto como os dentes brilhantes de alguma criatura enorme desse submundo.

Mas será que Bulger e eu havíamos escapado de um fim rápido e misericordioso apenas para nos depararmos com uma morte dez vezes mais terrível, por ser lenta e gradual, sem sequer nos dar a pobre graça de nos vermos, pois uma escuridão impenetrável nos envolvia e o silêncio era tão profundo que meus ouvidos doíam de tanto desejar que algum som o quebrasse? E, no entanto, havia algo no som da minha própria voz que me assustava quando a usava: parecia que a terrível quietude se irritava por ser perturbada por ela e a devolvia para os meus dentes.

Onde estamos? Essa foi a pergunta que fiz a mim mesmo e, em seguida, em minha mente, esforcei-me para lembrar cada palavra que havia lido nas páginas empoeiradas do manuscrito de Don Fum sobre o Mundo dentro do Mundo; mas não conseguia lembrar-me de nada que me esclarecesse, nem uma palavra que me desse esperança ou ânimo, e estava prestes a gritar em desespero quando, por acaso, levantei os olhos e olhei para longe e vi o que me pareceu ser uma lanterna dançando no chão.

Era uma visão estranha e fantástica nesta região de escuridão total, e por um momento fiquei observando com a respiração suspensa e os olhos bem abertos; mas não, não podia ser um fogo-fátuo, pois agora o brilho fraco e incerto havia se intensificado, tornando-se um brilho suave, mas constante, que se estendia ao longe como uma longa linha de fogueiras moribundas vistas através de uma névoa envolvente.

Mas, em um instante, esse amplo anel de luz que nos cercava aumentou tanto em brilho que parecia o amanhecer em uma terra ensolarada e, aqui e ali, onde seu brilho suave superava a escuridão daquela região subterrânea, avistei paredes, arcos e colunas de mármore branco como a neve. E então, ao lembrar-me da misteriosa referência de Don Fum ao “nascer do sol no mundo inferior”, balancei meu chapéu e dei um grito de alegria, enquanto Bulger acordava os ecos dessas cavernas espaçosas com seus latidos. Eu lhes digo, queridos amigos, que só quando estiverem em uma situação semelhante poderão saber como é um resgate como esse.

E agora, sem dúvida, vocês estão um pouco ansiosos para saber que tipo de nascer do sol poderia acontecer nesse mundo subterrâneo, a quilômetros abaixo do nosso.

Bem, quando você tiver viajado tantos quilômetros quanto eu e visto tantas maravilhas quanto eu, estará pronto para admitir que as maravilhas são tão comuns quanto as próprias coisas comuns. Saiba, então, que essa vasta região do Mundo dentro do Mundo era cercada por um rio largo e calmo, cujas águas fervilhavam com um grande número de animais gigantescos e radiados, como pólipos, ouriços-do-mar, caravelas-portuguesas, anêmonas-do-mar e outros semelhantes; que essas criaturas transparentes, que tinham o poder de emitir luz, depois de permanecerem dormentes por doze horas, gradualmente desdobravam seus corpos e tentáculos e subiam em direção à superfície dessas águas calmas e límpidas, aumentando gradualmente seu brilho misterioso, até que expulsavam a escuridão das vastas cavernas que se abriam nas margens do rio e iluminavam esse mundo subterrâneo com um brilho suave um pouco mais intenso do que os raios da nossa lua cheia. Durante doze horas, essas lanternas estranhas do rio iluminaram esse mundo subterrâneo e, então, à medida que gradualmente se encolhiam e desapareciam de vista, suas chamas moribundas brilhavam com todo o esplendor multicolorido do nosso crepúsculo mais belo, e a noite, mais negra que a escuridão do Estige, voltou novamente. Mas agora era pleno dia, e pedindo a Bulger que me seguisse, caminhei em silêncio maravilhado ao longo das margens deste rio brilhante que, como uma faixa de fogo misterioso, tanto quanto meus olhos podiam alcançar, circundava as bocas de mármore branco dessas vastas câmaras subterrâneas.

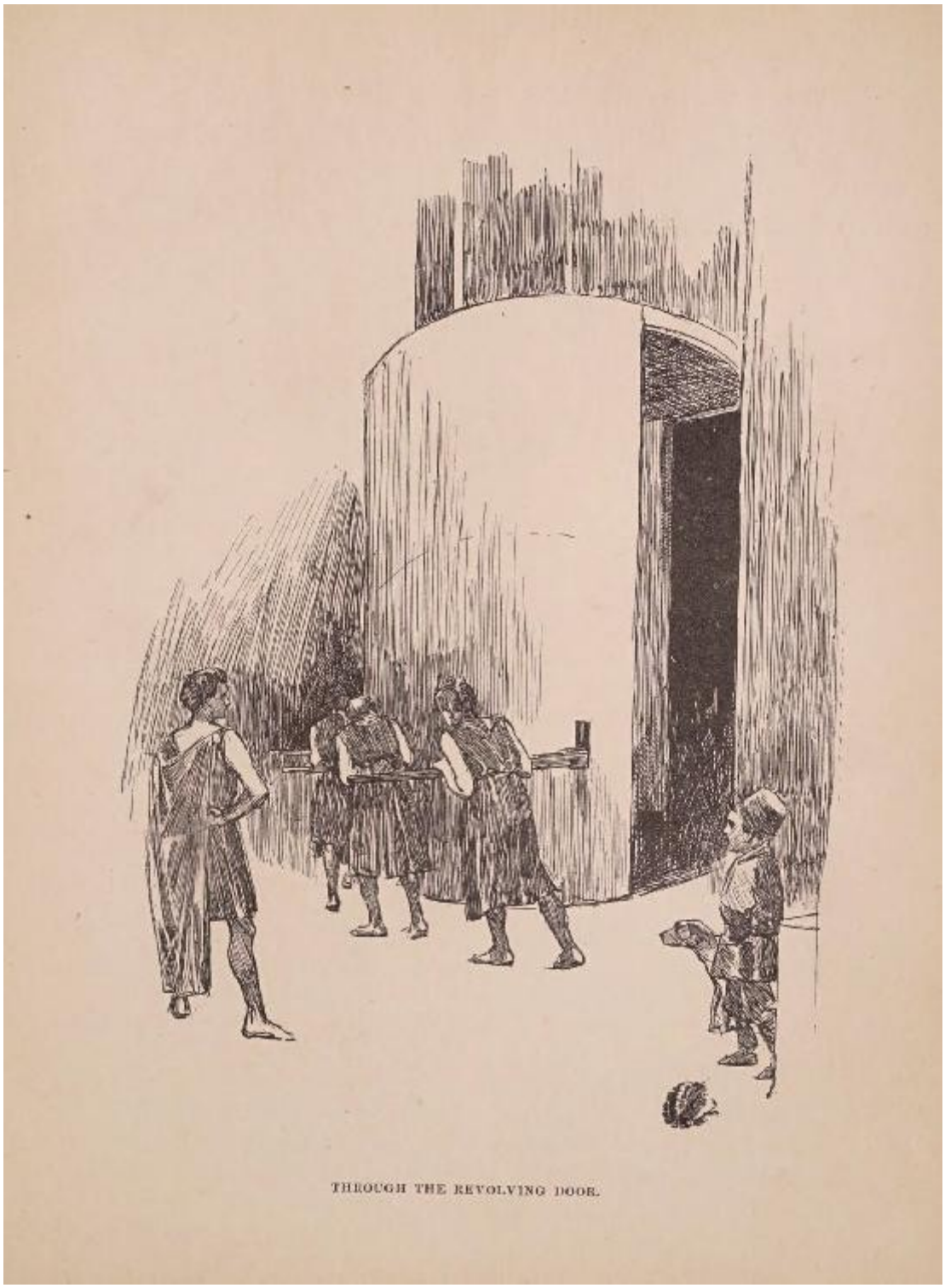
Capítulo C1

EM QUE VOCÊ LÊ SOBRE AS GLORIOSAS CAVERNAS DE MÁRMORE BRANCO FRENTE AO MARAVILHOSO RIO. — NOS TRÓPICOS DO MUNDO SUBTERRÂNEO. — COMO ENCONTRAMOS UM VAGABUNDO SOLITÁRIO NAS MARGENS DO RIO. MINHA CONVERSA COM ELE E MINHA ALEGRIA AO ME ENCONTRAR NA TERRA DOS RATTLEBRAINS, OU DOS FELIZES ESQUECIDOS. — BREVE DESCRIÇÃO DELES.

A cada curva do caminho sinuoso que contornava as margens brancas deste maravilhoso riacho, os enxames de animais luminosos conferiam-lhe uma nova beleza; pois, à medida que o dia avançava — se assim posso expressar —, eles erguiam os seus corpos brilhantes cada vez mais perto da superfície, até que o rio brilhava como prata derretida; e como as paredes rochosas íngremes da margem oposta tinham vastas lajes de mica incrustadas, o efeito era que esses gigantescos espelhos naturais refletiam o rio brilhante com uma fidelidade surpreendente e lançavam um fluxo de luz suave em um brilho deslumbrante contra os portais fantásticos das cavernas de mármore branco deste lado do rio. Era uma cena inesquecível, e repetidamente eu parava em silêncio, maravilhado, para deleitar meus olhos com alguma beleza recém-descoberta. Agora, pela primeira vez, notei que cada bacia de mármore branco das enseadas e enseadas estava cheia de um brilho diferente, de acordo com a natureza dos minúsculos animais fosforescentes que por acaso enchiam suas águas — um era de um rosa delicado, outro de um vermelho glorioso, o terceiro de um roxo profundo e rico, o quarto de um azul suave, o quinto de um amarelo dourado e assim por diante, o encanto de cada tonalidade era muito realçado pela brancura nevada dessas bacias de mármore, através das quais longas fileiras de peixes curiosos, com escamas em tons de ouro e prata polidos, nadavam lentamente, virando seus flancos gloriosos para captar todo o esplendor da luz refletida nos espelhos de mica. E agora o hálito frio do domínio do Rei Gelidus não mais enchia o ar. Eu estava nos trópicos do submundo, por assim dizer; e só faltava uma coisa

faltava para tornar completa minha apreciação dessa região encantada: alguém com quem compartilhá-la.

É verdade que Bulger tinha uma ideia da beleza do lugar, pois demonstrava sua felicidade por estar mais uma vez em uma terra quente, fazendo algumas travessuras para meu divertimento e correndo pela margem do rio brilhante e latindo para os peixes imponentes que lentamente agitavam a água com suas barbatanas coloridas; mas devo admitir que ansiava pela companhia da princesa Schneeboule. Mas era um desejo precipitado, pois o ar quente a teria lançado em convulsões de medo, e ela teria preferido encontrar a morte no rio fresco a tentar respirar uma atmosfera tão quente. A essa altura, eu já havia avançado vários quilômetros ao longo das margens brancas do rio brilhante e, sentindo-me um pouco cansado, estava prestes a sentar-me na borda saliente de um banco natural de rocha, que parecia ter sido colocado nas margens do rio por mãos humanas para que seres humanos pudessem descansar e observar o maravilhoso jogo de tons e matizes nessa ampla enseada, quando, para meu espanto, vi que um ser humano já estava sentado ali.



THROUGH THE REVOLVING DOOR.

Seus olhos estavam fixos na água, e me pareceu que seu rosto, que era gentil e plácido, tinha uma expressão cansada. Certamente ele estava tão absorto em meditação que não percebeu, ou fingiu não perceber, minha aproximação. Bulger estava inclinado a correr para frente e atrair sua atenção com uma

série de latidos ensurdecedores, mas eu balancei a cabeça. Esse andarilho ao longo do rio brilhante do dia vestia uma roupa graciosa semelhante a um manto, tecida de algum material que brilhava à luz, e concluí que devia ser lã mineral. Sua cabeça estava descoberta, assim como suas pernas até os joelhos, e seus pés estavam calçados com sandálias de metal branco amarradas com algo que parecia tiras de couro. No geral, ele tinha uma aparência amigável, embora um pouco peculiar, e sua atitude me pareceu ser a de uma pessoa mergulhada em pensamentos profundos ou, possivelmente, à espera de algum sinal ansiosamente esperado. De qualquer forma, acostumado como eu estava a encontrar todos os tipos de pessoas em minhas viagens pelos quatro cantos do mundo, decidi ser ousado o suficiente para interromper as meditações do cavalheiro e desejar-lhe bom dia.

"A quem tenho o prazer de encontrar nesta bela região do mundo dentro do mundo?"

O homem olhou para mim com um ar confuso e respondeu:

"Sinceramente, não sei, mas fico feliz em dizer isso".

"Mas, senhor, seu nome!" insisti.

"Esqueci há anos", foi sua resposta notável.

"Mas certamente, senhor", exclamei com certa impaciência, "você não é o único habitante deste belo submundo — você tem parentes, esposa, família?"

"Sim, gentil estranho", ele respondeu em tom lento e comedido, "há pessoas mais adiante na costa, e são almas boas e queridas, embora eu tenha esquecido seus nomes, e também tenho uma vaga lembrança de que duas dessas pessoas são meus filhos. Pare! Não, também esqueci os nomes deles, esqueci-os no dia em que meu próprio nome escapou da minha mente!" E, ao proferir essas palavras, ele jogou a cabeça para trás com um movimento repentino e ouvi um clique estranho dentro dela, como se algo tivesse saído do lugar, e naquele instante uma expressão misteriosa usada pelo Mestre dos Mestres, Don Fum, passou pela minha mente.

Cabeças-de-vento! Sim, era isso; e agora eu tinha certeza de que estava na presença de um dos curiosos habitantes do Mundo dentro do Mundo, a quem Don Fum havia dado o estranho nome de Cabeças-de-vento, ou Felizes Esquecidos.

Fiquei tão encantado que mal consegui me conter para não correr até essa pessoa de rosto gentil e maneiras suaves, cuja cabeça acabara de emitir o clique agudo, e agarrá-la pela mão. Mas temi chocá-la com uma saudação tão amigável e, por isso, contentei-me em gritar:

—

"Senhor, diante de ti está ninguém menos que o famoso viajante, Barão Sebastian von Troomp!" Mas, para meu grande espanto e maior desgosto, ele simplesmente voltou seus olhos estranhos, com um olhar distante, para mim por um instante, e depois retomou sua contemplação da bela camada de água colorida, como se eu não tivesse aberto a boca. Foi o tratamento mais extraordinário que recebi desde a minha descida ao submundo, e eu estava prestes a ressentir-me, como convém a um verdadeiro cavaleiro e especialmente a um von Troomp, quando a breve descrição de Don Fum sobre os Rattlebrains, ou Felizes Esquecidos, passou pela minha mente.

Ele disse: "Pelo exercício de suas fortes vontades, eles se empenharam durante séculos em se livrar de seus cérebros do estoque de conhecimento agora inútil acumulado por seus ancestrais, e a consequência natural foi que os cérebros dessas pessoas curiosas, que se autodenominam os Felizes Esquecidos, aliviados de todo o trabalho e esforço mental, encolheram completamente, em vez de aumentarem de tamanho, de modo que, em muitos dos Felizes Esquecidos, seus cérebros são como o miolo murcho de uma noz do ano anterior e emitem um clique agudo quando movem a cabeça repentinamente com um puxão, como costumam fazer, pois têm muito orgulho em provar ao ouvinte que merecem o nome de Rattlebrain.

"Também não preciso lembrar a você, ó leitor", concluiu Don Fum, em sua célebre obra sobre o Mundo dentro de um Mundo, "que o mais importante entre os Felizes Esquecidos é o homem cuja cabeça emite o clique mais alto e agudo; pois é ele quem mais esqueceu".

Vocês não podem imaginar, queridos amigos, minha alegria pela perspectiva de passar algum tempo entre essas pessoas curiosas — pessoas que encaram o conhecimento com absoluto temor, como a única coisa necessária para se livrar antes que a felicidade possa entrar no coração humano.

Nenhuma alegria se compara à do Feliz Esquecido quando, ao apertar a mão de um amigo, descobre que esqueceu seu próprio nome; e nenhum dia é bem passado nesta terra se, ao final, o habitante não puder exclamar:

“Hoje consegui esquecer algo que sabia ontem!”

Por fim, o Feliz Esquecido levantou-se do seu lugar e afastou-se calmamente, sem sequer me desejar um bom dia; mas eu estava decidido a não me deixar despachar tão facilmente, por isso chamei-o em voz alta, e Bulger, seguindo o meu exemplo, fez um barulho atrás dele, ao que ele se virou e comentou:

“Peço desculpa, eu tinha-te esquecido completamente. Fico feliz em dizer, e o teu nome também. Esqueci-me disso; deixa-me ver. És um radiado?” (Um dos animais na água.) Eu estava mais do que inclinado a perder a paciência com essa ofensa, que me classificava, um animal com espinha dorsal, como uma mera medusa; mas, dadas as circunstâncias, achei melhor me controlar, pois podia imaginar que, pelo tamanho da minha cabeça e pela total ausência de qualquer clique dentro dela, eu não estava destinado a ser um visitante muito bem-vindo entre os Felizes Esquecidos; e, portanto, engolindo meus sentimentos feridos, fiz uma reverência muito profunda e pedi a esse curioso cavalheiro que tivesse a gentileza de me conduzir ao seu povo — entre os quais eu desejava permanecer por alguns dias.

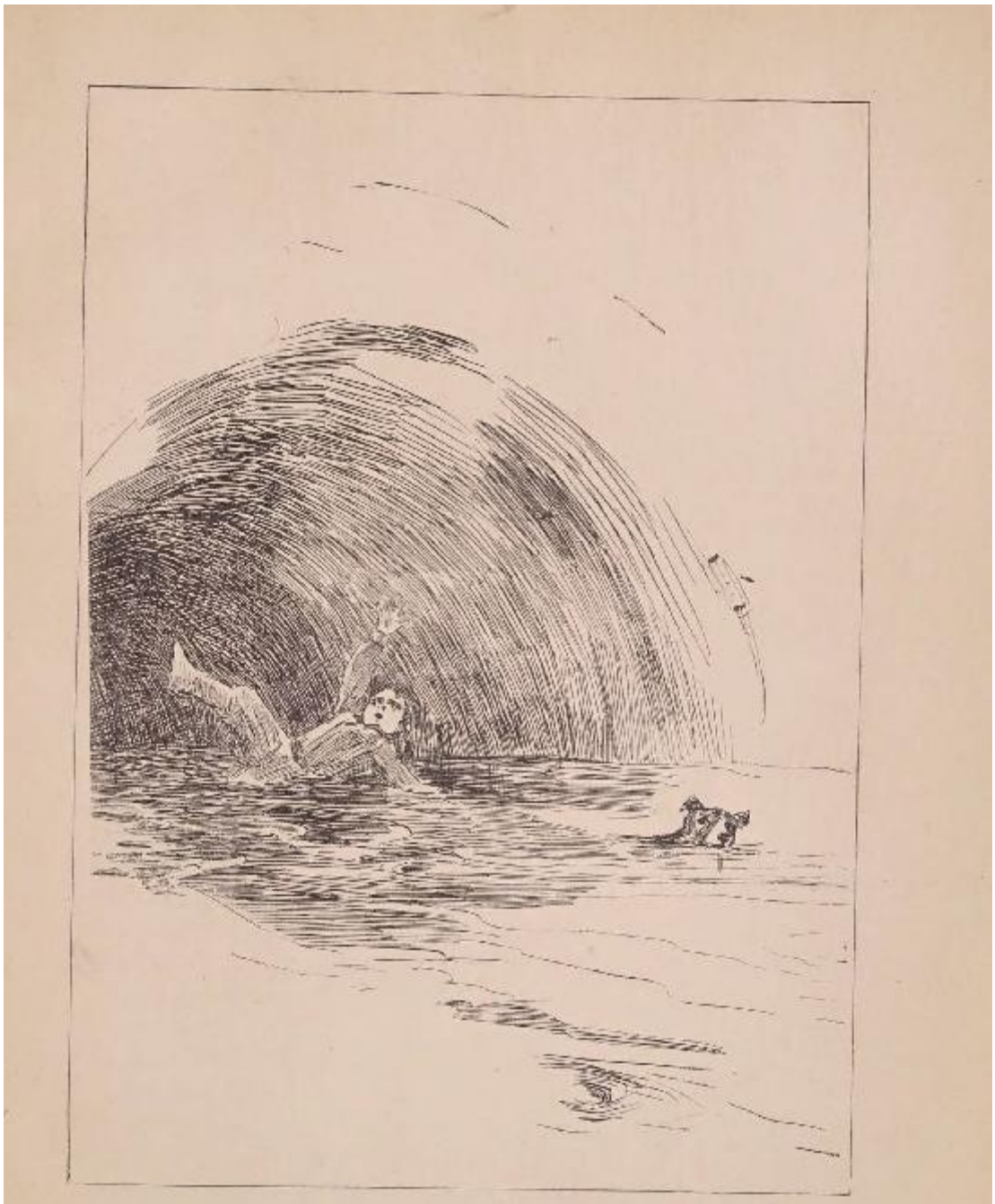
Capítulo C2

COMO ENTRAMOS NA TERRA DOS FELIZES ESQUECEDORES. — ALGO MAIS SOBRE ESTE POVO CURIOSO. — O MEDO DELES DE BULGER E DE MIM. — SÓ NOS CONCEDERAM UMA ESTADIA DE UM DIA. — DESCRIÇÃO DAS AGRADÁVEIS CASAS DOS FELIZES ESQUECEDORES. — A PORTA GIRATÓRIA ATRAVÉS DA QUAL BULGER E EU FOMOS EXPULSOS SEM CERIMÔNIAS DO DOMÍNIO DOS RATTLEBRAINS. — TUDO SOBRE AS COISAS EXTRAORDINÁRIAS QUE ACONTECERAM A BULGER E A MIM DEPOIS DISSO. — MAIS UMA VEZ AO AR LIVRE DO MUNDO SUPERIOR E, EM SEGUIDA, DE VOLTA PARA CASA.

O Feliz Esquecido seguiu calmamente pelo caminho sinuoso que contornava o rio brilhante, aparentemente, e sem dúvida realmente, inconsciente do fato de que Bulger e eu estávamos seguindo bem atrás dele. Após cerca de meia hora dessa caminhada silenciosa, ele parou repentinamente e, com sua expressão serena voltada para a luz que parecia tão distante em seus pensamentos, hesitei por alguns instantes em abordá-lo. Mas como não havia sinais de que ele pretendesse voltar a si, tomei a liberdade de perguntar-lhe o motivo da demora.

“Fico feliz em dizer”, comentou ele, sem sequer dignar-se a virar a cabeça, “que esqueci qual dessas duas estradas leva às casas do nosso povo”.

Bem, essa era certamente uma perspectiva agradável, e não sei o que teríamos feito se Bulger não tivesse resolvido o problema por nós, escolhendo um dos caminhos e avançando com um grito de incentivo para que o seguíssemos.



CAUGHT UP IN THE ARMS OF THE TORRENT.

Quando assegurei ao Feliz Esquecido que ele não precisava temer a sabedoria da escolha, ele deu um pulo de quase horror com a informação; pois vocês devem saber, queridos amigos, que o Feliz Esquecido tem mais medo do conhecimento do que nós temos da ignorância. Para ele, é a mãe de todo

descontentamento, a fonte de toda a infelicidade, a causa de todos os males terríveis que se abateram sobre o mundo e as pessoas que nele vivem.

"O mundo", disse-me tristemente um dos Felizes Esquecidos, "era perfeitamente feliz outrora, e o homem não tinha nome para seu irmão, mas amava-o como a rola ama sua companheira, embora não tivesse nome para chamá-la. Mas, infelizmente, um dia essa felicidade chegou ao fim, pois uma estranha doença se espalhou entre as pessoas. Elas foram tomadas por um desejo selvagem de inventar nomes para as coisas; até mesmo muitos nomes para a mesma coisa e maneiras diferentes de fazer a mesma coisa. Essa estranha paixão cresceu tanto que passaram a vida tornando-a cada vez mais difícil de viver. Construíram estradas diferentes para o mesmo lugar, fizeram roupas diferentes para dias diferentes e pratos diferentes para festas diferentes. A cada criança davam dois, três e até quatro nomes diferentes; sapatos diferentes eram feitos para pés diferentes, e uma família não se contentava mais com uma única cabaça para beber. Será que pararam por aí?

Não, agora ocupavam-se em aprender a fazer rostos diferentes para amigos diferentes, cobrindo um cenho franzido com um sorriso e cantando canções alegres quando seus corações estavam tristes. Em poucos séculos, um irmão não conseguia mais ler o rosto do outro, e metade do mundo vivia se perguntando o que a outra metade estava pensando; daí surgiram mal-entendidos, brigas, rixas, guerras. O homem não se contentava mais em viver com seus semelhantes nas cavernas espaçosas que a natureza bondosa havia escavado para ele, perfurando as montanhas com passagens sinuosas ao lado das quais suas ruas estreitas se reduziam a meros caminhos."

Na Terra dos Felizes Esquecidos, os cuidados nunca perturbam o sono, nem pensamentos ansiosos vestem a máscara temível do Amanhã!

Feliz o dia em que esta criança da natureza poderá exclamar:

"Desde a manhã, esqueci algo! Descarreguei minha mente! Ela está um pensamento mais leve do que antes!"

Ele era o mais feliz dos Felizes Esquecidos, que podia dizer honestamente: Não sei o teu nome, nem quando nasceste, nem onde moras, nem quem são os teus parentes; só sei que és meu irmão e que não me deixarás sofrer se eu me esquecer de comer, nem morrer de sede se me esquecer de beber, e que me mandarás fechar os olhos se eu me esquecer que me deitei para dormir.

A chegada de Bulger e minha à Terra dos Felizes Esquecidos encheu os corações dessas pessoas curiosas com um medo secreto. Ao ver minha cabeça grande, todos começaram a tremer como crianças no escuro, tomadas pelo medo de bichos-papões ou duendes, e, em uma só voz, recusaram-se a permitir que eu permanecesse por uma única meia hora entre eles; mas, aos poucos, esse terror repentino passou um pouco e, após uma reunião entre alguns dos homens mais jovens, cujos cérebros ainda estavam completamente cheios, foi decidido que eu poderia ficar mais um dia em sua terra, mas que então a porta giratória seria aberta e Bulger e eu seríamos empurrados para fora de seu domínio.

Pelo que Don Fum havia escrito sobre os Felizes Esquecidos, eu sabia muito bem que seria inútil tentar reverter essa decisão; então, mantive-me em silêncio, exceto para agradecer-lhes pela grande gentileza que me demonstraram.

A luz do dia, se assim posso chamá-la, começou a diminuir, ou melhor, as milhares de criaturas luminosas que pululavam no rio começaram a recolher seus longos tentáculos, fechar seus corpos florais e afundar lentamente no fundo do rio. Eu estava bastante ansioso para ver se os Felizes Esquecidos fariam alguma tentativa de iluminar suas cavernas ou se simplesmente se arrastariam para a cama e dormiriam durante as longas horas de escuridão total. Para minha surpresa, ouvi o barulho de pedras batendo em todas as direções e, em um instante, mil ou mais velas grandes feitas de cera mineral com pavios de amianto foram acesas, e as grandes câmaras de mármore branco logo ficaram iluminadas por essas chamas suaves e constantes.

Os Felizes Esquecidos eram estritamente vegetarianos, alimentando-se das várias plantas fúngicas que cresciam em grande profusão nessas cavernas, juntamente com uma gelatina muito nutritiva e de sabor agradável, feita de uma goma endurecida de origem vegetal que abundava nas fendas de certas rochas. Havia ainda outra fonte de alimento: os ninhos de certos crustáceos, que eles construíam contra a face da rocha, logo acima da superfície do rio. Dissolvidos em água fervente, formavam um caldo excelente, muito parecido com a sopa de ninhos de pássaros comestíveis.

As roupas usadas pelos Felizes Esquecidos eram inteiramente tecidas com lã mineral, que nessas cavernas produzia uma fibra longa e resistente de uma suavidade surpreendente. Os Rattlebrains também eram metalúrgicos razoavelmente bons, mas se contentavam em fabricar apenas artigos como

realmente necessários para o uso diário. As camas eram recheadas com algas secas e líquenes, e Bulger e eu passamos uma noite muito confortável.

Como eu estava proibido de falar alto, fazer perguntas ou sair sem a companhia de um dos vereadores, não fiquei triste quando chegou o momento de a porta giratória ser aberta. Os Felizes Esquecidos tinham sido levados a acreditar que Bulger e eu éramos mil vezes mais perigosos do que monstros escamosos ou vampiros de asas negras e, por isso, mantinham-se afastados de nós, as crianças escondidas atrás das mães e as mães espreitando-nos por entre fendas e frestas.

O tamanho da minha cabeça lhes inspirava um medo indescritível, e mesmo a meia dúzia dos mais jovens e corajosos se afastava instintivamente para me deixar passar.

Pela primeira vez na vida, eu era um objeto de horror para meus semelhantes, mas não nutria nenhum sentimento de rancor contra eles! Crianças tímidas da natureza, para elas eu era um objeto tão terrível quanto o demônio da destruição armado com tochas seria para nós se fosse solto em uma de nossas belas cidades do mundo superior.

E agora a guarda dos Felizes Esquecidos havia parado em frente ao que me parecia ser um enorme barril feito de mármore maciço, com metade dentro da parede branca da caverna para onde me haviam levado. Mas, ao olhar melhor, vi que havia uma fileira de buracos quadrados ao redor de sua protuberância, como os da parte superior de um cabrestante.

Os Felizes Esquecidos desapareceram por um momento e, quando se juntaram a mim novamente, cada um carregava uma barra de metal, cuja extremidade estava inserida em um desses buracos. Então, ao sinal do líder, o enorme semicírculo de mármore começou a girar silenciosamente, exatamente como um cabrestante. À medida que a alavanca de cada homem chegava à parede, ele a movia para a frente novamente. De repente, para meu espanto, vi que o grande barril de mármore era oco, como uma guarita; e vocês podem imaginar meus sentimentos, queridos amigos, ao ser educadamente convidado a entrar.

Eu recusei obedecer?

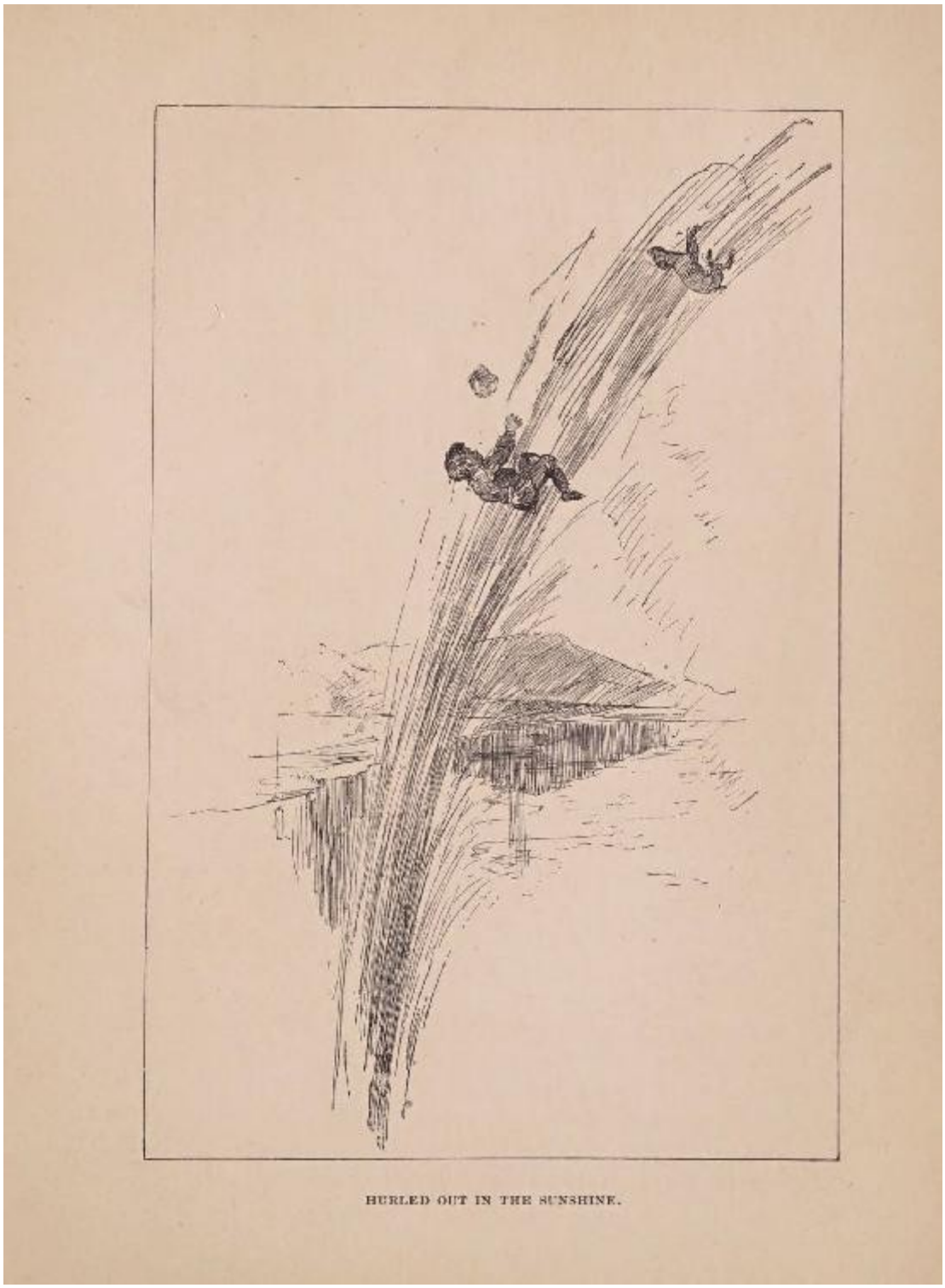
Não. Teria sido inútil, pois toda a tribo dos Rattlebrains estava lá para me agarrar e me empurrar para dentro.

Então, tirando o chapéu e fazendo uma reverência ao pequeno grupo de Felizes Esquecidos, entrei no barril oco e Bulger fez o mesmo; mas

não com tanta graça quanto seu mestre, pois, lançando um olhar furioso aos habitantes inóspitos dessas câmaras de mármore branco, ele rosnou e mostrou os dentes para demonstrar seu desprezo por eles.

Agora, o grande barril de mármore começou a girar no sentido contrário e, em um instante, estava de volta ao seu lugar.

Ouvi vários cliques agudos, como se várias travas enormes tivessem se encaixado no lugar, e então tudo ficou silencioso como um túmulo, e eu quase disse que estava escuro também; mas não, não podia dizer isso, pois olhei para um túnel baixo que passava pelo nicho em que Bulger e eu estávamos, e para minha grande surpresa, ele estava vagamente iluminado.



HURLED OUT IN THE SUNSHINE.

Entrei nela; era redonda como o cano de um canhão e alta o suficiente para eu ficar em pé; e então descobri de onde vinha a luz. Nas fendas e fissuras das paredes cresciam vastas massas daquelas delicadas raízes fungosas que emitiam luz, cujo brilho era tão forte que

não tive dificuldade em ler o que estava escrito nas minhas tábuas; na verdade, fiquei ali por vários minutos fazendo anotações à luz desses cachos de raízes brilhantes.

Então, um pensamento passou pela minha mente: “Para

que lado devo virar, para a direita ou para a esquerda?”

Bulger compreendeu a causa da minha hesitação e correu para me socorrer. Depois de cheirar o ar, primeiro em uma direção e depois na outra, ele escolheu a direita, e eu o segui sem questionar sua sabedoria. Estranho dizer, ele não havia avançado mais do que algumas centenas de metros quando notei que havia uma forte corrente de ar soprando pelo túnel na direção que Bulger havia tomado.

A cada momento, ela aumentava em violência, levantando-nos do chão e levando-nos através desse estreito túnel feito pelas próprias mãos da natureza e iluminado por lâmpadas também criadas por ela. O movimento do ar através desse vasto tubo causava rajadas de sons poderosos, como se fossem emitidos por um órgão gigantesco tocado por mãos gigantes. Era estranho, mas eu não sentia medo ao ouvir essa música sobrenatural, embora a profundidade do som fosse dolorosa para meus tímpanos.

À luz fraca das raízes luminosas, eu podia ver Bulger logo à minha frente e estava contente. Nenhum arrepio de medo percorreu minha espinha, nem roubou de meus membros toda a força para resistir à pressão cada vez maior do ar. Mas, à medida que ela ficava mais forte, metade por minha própria vontade e metade porque Bulger deu o exemplo, comecei a correr. Uma vez acelerado o ritmo, era impossível para mim desacelerar novamente! Em frente, em frente, numa corrida louca, meus pés mal tocando o fundo do túnel, eu acelerava, enquanto o grande tubo pelo qual eu era levado pelas asas da tempestade emitia seu som profundo e majestoso.

Havia algo estranhamente e misteriosamente emocionante nessa corrida, e tudo o que me impedia de aproveitá-la ao máximo era o pensamento de que um aumento repentino na violência da rajada poderia me jogar violentamente de cara no chão e possivelmente quebrar um braço ou me ferir gravemente.

De repente, o som profundo semelhante ao de um órgão cessou e, em seu lugar, ouviu-se o som terrível de água correndo. Antes que eu tivesse tempo de pensar, ela estava sobre mim, atingindo-me como um golpe terrível de um punho gigante usando uma luva de boxe. No instante seguinte, fui pego como uma rolha em um

torrente de montanha, balançando de um lado para o outro, torcido, virado, sugado para baixo e lançado para cima novamente, girando sem parar, jogado e rolando como uma roda, com meus braços e pernas como raios!

É incrível contar, mas não perdi a consciência enquanto essa corrente terrível me lançava como um tronco através de um canal, sem saber para onde, apenas sentindo que a velocidade e o volume aumentavam cada vez mais até que, finalmente, a torrente tumultuada encheu o túnel e me roubou a luz, o fôlego, a vida, tudo, incluindo meu fiel e amoroso Bulger!

Quanto tempo durou — essa viagem assustadora nos braços dessas águas loucas, correndo como se fosse uma questão de vida ou morte por esse túnel estreito — eu não sei; só sei que meus ouvidos foram repentinamente atacados por um forte zumbido e um jato de água, como se fosse o bocal de uma mangueira gigante, e que fui lançado para a luz gloriosa do sol, para o ar livre e grandioso do mundo superior, e enviado voando em direção ao querido céu azul com suas manchas de nuvens felpudas, e Bulger cerca de seis metros à minha frente, e que então, com um voo graciosamente curvado através do ar suave e ameno da época da colheita, nós dois caímos suavemente em um pequeno lago tranquilo aninhado no sopé de uma colina amarela com milho maduro. Em um instante, nós nadamos até a margem. Bulger queria parar e sacudir a água de seu casaco grosso, mas eu não podia esperar por isso. Molhado como estava, eu o apertei contra o meu coração enquanto ele me cobria de carícias. Mas nenhuma palavra foi dita, nenhum som foi emitido. Nós dois estávamos felizes demais para falar, e se vocês já estiveram nessa situação, queridos amigos, sabem como é.

Não consigo descrever para vocês.

Nesse momento, alguns homens e meninos vestidos com trajes de camponeses russos vieram correndo pelos campos para ver o que eu estava fazendo, sem dúvida, pois eu havia tirado minhas roupas pesadas e as estava estendendo ao sol para secar.

Ao ver essas crianças de bochechas vermelhas do mundo superior, fiquei tão tomado pela alegria que, por um minuto ou mais, não consegui pronunciar uma sílaba, mas, fazendo um grande esforço, gritei:

“Pais! Irmãos! Onde estou? Falem! Almas queridas!”

“No nordeste da Sibéria, pequena alma”, respondeu o mais velho do grupo, “não muito longe das margens do Obi; mas de onde você vem? Por São Nicolau,

acredito que foste cuspido de um poço jorrando água! O que estás fazendo aqui sozinho?"

Não prestei atenção à pergunta. Estava pensando em outra coisa mais importante para mim, a saber: minha esplêndida conquista, a maravilhosa viagem subterrânea que acabara de completar, com mais de oitocentos quilômetros de extensão, passando completamente sob os Montes Urais! Após uma breve estadia na aldeia mais próxima, contratei o melhor guia que encontrei e, cruzando os Urais pela passagem mais direta, voltei a entrar na Rússia e apressei-me para apanhar o primeiro comboio do governo a caminho de São Petersburgo.

Depois de enviar um *mensageiro* com cartas para meus queridos pais, informando-lhes de minha boa saúde e paradeiro, passei várias semanas muito agradáveis na capital russa e, em seguida, parti para casa em etapas fáceis.

O barão mais velho veio até Riga para me encontrar e trouxe-me as melhores notícias do Castelo Trump: que minha querida mãe estava com perfeita saúde e que ela e todos os homens, mulheres e crianças do castelo e arredores estavam ansiosos para me dar as boas-vindas de volta ao lar. E aqui, queridos amigos, *mit herzlichen Grüsse,* Bulger e eu nos despedimos de vocês.

–1900–
OR,
THE LAST PRESIDENT

BY

INGERSOLL LOCKWOOD

The cover image was created by the transcriber and is placed in the public domain.
https://www.pgdp.net

Projeto Gutenberg, 1900, ou O Último Presidente, de Ingersoll Lockwood

Este eBook é para uso de qualquer pessoa em qualquer lugar dos Estados Unidos e na maioria das outras partes do mundo, sem custo e com quase nenhuma restrição. Você pode copiá-lo, distribuí-lo ou reutilizá-lo sob os termos da Licença do Projeto Gutenberg incluída neste e-book ou online em www.gutenberg.org. Se você não estiver nos Estados Unidos, terá
verifique as leis do país onde você está localizado antes de usar este e-book. Título: 1900 ou

O Último Presidente

Autor: Ingersoll Lockwood

Data de lançamento: 12 de outubro de 2019 [E-book

#60479] Idioma: inglês

*** INÍCIO DESTE PROJETO E-BOOK GUTENBERG 1900 OU, O ÚLTIMO PRESIDENTE ***

Produzido por Richard Tonsing e pela Equipe de Revisão Distribuída Online em http://www.pgdp.net (Este arquivo foi produzido a partir de imagens generosamente disponibilizadas pelo The Internet Archive)

Nota do transcritor:

A imagem da capa foi criada pelo transcritor e está em domínio público.

—19OO—
OU
O ÚLTIMO PRESIDENTE

POR

INGERSOLL LOCKWOOD,

Da Ordem dos Advogados de Nova Iorque.

Direitos autorais, 1896, por INGERSOLL LOCKWOOD.

O comércio fornecido por
THE AMERICAN NEWS COMPANY,
Nova York.

A Plataforma de Chicago assume, na verdade, a forma de uma propaganda revolucionária. Ela representa uma ameaça de desintegração e destruição nacional.

GARRET A. HOBART.

CAPÍTULO I

Aquela foi uma noite terrível para a grande cidade de Nova York — a noite de terça-feira, 3 de novembro de 1896. A cidade cambaleou sob o golpe como um enorme transatlântico que mergulha a toda velocidade, com um estrondo terrível, em um iceberg gigantesco e recua, destruído e trêmulo como um álamo.

As pessoas estavam reunidas, alegres e confiantes, para o jantar, quando a notícia chegou. Foi como um raio em um céu azul: "Altgeld mantém Illinois firme e forte na linha democrata. Isso elege Bryan presidente dos Estados Unidos!"

Estranhamente, as pessoas na parte alta da cidade não fizeram nenhum movimento para sair de suas casas e se reunir nas praças públicas, embora a noite estivesse clara e bonita. Elas ficaram sentadas como paralisadas por um medo sem nome e, quando conversavam, era com a respiração suspensa e o coração palpitando.

Em menos de meia hora, policiais montados correram pelas ruas gritando: "Fiquem dentro de suas casas; fechem as portas e barricem-nas. Todo o lado leste está em estado de tumulto. Multidões enormes estão se organizando sob a liderança de anarquistas e socialistas e ameaçam saquear e espoliá-las casas dos ricos que os prejudicaram e oprimiram por tantos anos. Fiquem dentro de casa. Apaguem todas as luzes."

Felizmente, o governador Morton estava na cidade e, embora uma palidez ainda mais profunda superasse o tom acinzentado da idade enquanto falava, não havia tremor em sua voz: "Que os regimentos Sétimo, Vigésimo Segundo e Setenta e Primeiro sejam chamados às armas". Em poucos instantes, centenas de mensageiros podiam ser ouvidos correndo pelas ruas silenciosas, convocando os membros desses regimentos para seus quartéis.

Lentamente, mas com nervos e firmeza surpreendentes, a multidão empurrou a polícia para o norte, e embora a força permanecesse o ataque com

magnificent courage, yet beaten back, the dark masses of infuriated beings surged up again with renewed fury and strength. As tropas chegarão a tempo de salvar a cidade? era a pergunta sussurrada entre os grupos de policiais que dirigiam os movimentos de seus homens.

Por volta das nove horas, com gritos ensurdecedores, a multidão, como um monstro de quatro cabeças cuspindo fogo e chamas, correu, rasgou, irrompeu e invadiu a Union Square.

A força policial estava exausta, mas sua frente ainda era como uma parede de pedra, exceto pelo fato de ser móvel. A multidão a empurrava constantemente para o norte, enquanto o ar tremia e era rasgado pelos gritos enlouquecidos dos vencedores: “Bryan foi eleito! Bryan foi eleito! Nosso dia finalmente chegou. Abaixo nossos opressores! Morte aos ricos! Morte aos insetos do ouro! Morte aos capitalistas! Devolvam-nos o dinheiro que vocês arrancaram de nós. Devolvam-nos a medula dos nossos ossos, que vocês usaram para lubrificar as rodas de suas carruagens.”

A polícia estava agora quase impotente. Os homens ainda usavam seus cassetetes, mas os golpes eram ineficazes e só serviam para aumentar a fúria das vastas multidões que agora avançavam sobre a Madison Square.

O Fifth Avenue Hotel será o primeiro a sentir a fúria da multidão.
Será que as tropas chegarão a tempo de salvá-lo?

Um grito meio de alegria, meio de tristeza se eleva. É inarticulado. Os homens respiram fundo; as mulheres caem de joelhos e forçam os olhos; eles podem ouvir algo, mas ainda não conseguem ver, pois as fábricas de gás e as usinas elétricas foram destruídas pela multidão no início da noite. Eles preferiram lutar no escuro ou à luz das chamas das residências dos ricos.

Mais uma vez, uma ovação se eleva, mais alta e clara desta vez, seguida por gritos de “Eles estão chegando, eles estão chegando”.

Sim, eles estavam chegando — o 22º pela Broadway, o 7º pela Madison Avenue, ambos em marcha acelerada.

Em um instante, ouviram-se alguns toques de corneta e alguns comandos claros e precisos; então, os dois regimentos se espalharam por toda a praça, literalmente de parede a parede, em linha de batalha. A multidão estava sobre eles. Será que essa linha tênue de soldados conseguiria conter uma massa tão grande de homens?

A resposta foi uma descarga ensurdecedora de armas de fogo, um estrondo terrível, como o que alguns raios fazem quando explodem. Uma parede de fogo se espalhou pela praça. Repetidamente ela se acendeu. A multidão parou, ficou parada, vacilou, recuou, avançou novamente. Naquele momento, ouviu-se um barulho como de facas enormes à distância. Era o valente 71º Regimento avançando pela Rua 23 e atacando a multidão pelo flanco. Eles avançaram como uma parede de ferro, cheios de lâminas de aço.

Não houve gritos nem aplausos do regimento. Ele distribuía a morte em silêncio, exceto quando duas baionetas se cruzavam e se chocavam ao derrubar algum inimigo duplamente vigoroso.

Quando os sinos tocaram meia-noite, os últimos remanescentes da multidão foram levados para se esconder, mas as rodas dos carros funerários chacoalharam até o amanhecer.

E então o velho governador, em resposta ao prefeito: “Graças a Deus, salvamos a cidade!”, respondeu:

“Sim, mas a República...”.

CAPÍTULO II.

Por maior que tenha sido a admiração do mundo pela revolta das “massas lutadoras” do Sr. Bryan na cidade à beira-mar e pela fuga por pouco das suas magníficas casas do fogo e das chamas, ainda maior foi a admiração quando a notícia se espalhou por todo o país de que Chicago não precisou de um único soldado federal.

“Chicago está louca, mas é uma loucura de alegria. Chicago está nas mãos de uma multidão, mas é uma multidão formada por seu próprio povo — barulhento, rude e turbulento, a exultação natural de uma classe que conquistou repentinamente seus direitos; mas sem outra intenção além de glorificar as almas vilãs e egoístas que oprimíram os pobres e giraram a roda impiedosa do poder social e político nos corações das ‘pessoas comuns’ até que seu último fio fosse alcançado, e o desespero pressionasse seu rosto lupino com força contra a porta do trabalhador.”

E, no entanto, neste momento em que o ar noturno tremia com as vociferações loucas do “povo comum”, que o Senhor tinha sido bom para eles; que os malvados cambistas tinham sido expulsos do templo, que os agiotas de coração de pedra tinham sido finalmente derrotados, que o “William do Povo” estava agora no comando, que a paz e a abundância voltariam em poucas luas às cabanas dos pobres, que Silver era Rei, sim, Rei finalmente, o mundo ainda se perguntava por que a anarquia de olhos vermelhos, enquanto estava na Praça Haymarket, com os braços magros erguidos, com semblante selvagem e gestos ainda mais selvagens, não tirava do peito uma bomba de dinamite para lançar contra os odiados lacaios da lei, que eram espectadores silenciosos desse delírio de alegria popular.

Por que era assim? Olhe e você saberá por que a paz vestida de branco acompanhava esse bando turbulento e desviou seus pensamentos da pilhagem sangrenta. Ele estava lá. O espírito mestre que os mantinha sob controle. Ele, e somente ele, havia

elevado Bryan à sua grande eminência. Sem esses vinte e quatro votos eleitorais, Bryan estaria condenado, irremediavelmente condenado. Ele, e somente ele, manteve a grande Comunidade do Oeste firme e forte na linha democrata; por isso, ele veio como conquistador, como criador de reis, e as próprias paredes dos edifícios que tocavam o céu tremeram quando ele foi arrastado pelas ruas lotadas por essa multidão ordeira, e dez vezes dez mil de suas criaturas gritavam seu nome e agitavam seus chapéus no ar em exultação louca:

"Você é nosso Salvador, limpou o Templo da Liberdade da horda imunda de agiotas. Nós o saudamos. Nós o chamamos de Criador de Reis. Bryan também o chamará de Mestre. Você terá sua recompensa. Você ficará atrás do trono. Sua sabedoria nos tornará completos. Você purificará a terra dessa multidão ilegal de agiotas. Você salvará a República. Você é maior do que Washington. Você é um amigo melhor do que Lincoln. Você fará mais por nós do que Grant. Somos seus escravos. Nós o saudamos. Nós lhe agradecemos. Nós o abençoamos. Viva! Viva! Viva!"

Mas ainda assim, essa vasta multidão de monstros domesticados, essa poderosa turba de inimigos da ordem estabelecida, momentaneamente bem-humorados, rompeu o controle do mestre por alguns breves instantes e mergulhou as mãos no sangue do inimigo. O ato foi tão rápido quanto terrível. Eram apenas quatro, desarmados, em busca de diversão. Ao ver esses homens, mil gargantas soltaram um rugido profundo e terrível de ódio. Eram homens corajosos e, encurralados contra a parede, morreram como homens corajosos, abatidos, espancados, dilacerados, pisoteados, arrastados. Foi um trabalho rápido. Eles haviam enfrentado selvagens uivantes no extremo oeste, monstros pintados em forma humana, mas nunca haviam ouvido gritos como aqueles saindo da garganta de homens; e assim morreram, quatro homens corajosos, vestidos com o uniforme azul da República, cujo único crime foi que, alguns meses antes, contra o protesto solene do Mestre, seus companheiros haviam pisado no solo da comunidade e salvado a Metrópole do Oeste das mãos dessa mesma multidão.

E assim Chicago comemorou a eleição do novo presidente que libertaria a terra das garras dos agiotas e desfaria os negócios ruins de anos de união profana entre trocadores e vendedores de trabalho humano e os legisladores da terra.

Por todo o sul e além da Grande Divisória, a notícia atingiu aldeias e vilarejos como a boa nova de um novo evangelho, quase tão potente para a felicidade humana quanto a mensagem celestial de

Há dois mil anos. Sinos tocaram em alegria, e as próprias estrelas tremeram ao ouvir, e ao ouvir repetidamente o que havia sido feito pelo pobre homem por seus irmãos do Norte, e ao redor dos troncos de pinheiro em chamas da cabana do Sul e em frente às fogueiras do acampamento de mineração do Extremo Oeste, gritavam: "A prata é rei! A prata é rainha!" Mãos negras e brancas se uniram nesta estranha festa de amor, e o neto de pele escura não sentia mais a dor do chicote nos ombros de seu pai. Tudo era paz e boa vontade, pois o povo finalmente havia vencido seus inimigos, que os haviam tributado e explorado até a morte. Agora, o trabalhador não só seria digno de seu salário, mas ele lhe seria pago em dólares do povo, para o bem do povo, e agora os cofres dos ricos seriam obrigados a entregar seus ganhos ilícitos, e o sol brilharia sobre esta terra ampla e justa, e não encontraria nenhum homem sem um mercado para o produto de seu trabalho. Dali em diante, o homem rico deveria, como era justo e adequado, pagar uma quantia real pelo privilégio de sua felicidade e assumir os impostos da nação sobre seus ombros largos, onde eles pertenciam.

CAPÍTULO III.

As canetas de muitos escritores não seriam suficientes para descrever com alguma precisão e exatidão histórica as cenas de agitação que, na manhã seguinte ao dia das eleições, irromperam nas salas das várias bolsas de valores em toda a União. Quanto maior e mais importante era o centro financeiro, mais profundo, negro e pesado era o desespero que se abateu sobre eles depois que as violentas ebulições de protesto, desafio e execração se acalmaram. Para alguns, parecia que as visões de seu rápido, mas certo, empobrecimento serviam apenas para transformar o drama sombrio e triste da revolução e da desintegração em uma farsa hilária, e eles recebiam a perspectiva de perder seus milhões com gargalhadas estrondosas e travessuras indescritíveis e alegria imprópria.

À medida que o dia avançava, as notícias ficavam cada vez piores. Era mais do que evidente que a Câmara dos Representantes do 55º Congresso seria controlada pelos votos combinados dos populistas e dos defensores da moeda livre, enquanto a alegria desenfreada com que todo o Sul acolheu a eleição de Bryan e Sewall deixava poucas dúvidas na mente do povo do Norte de que os senadores sulistas, sem exceção, se alinhariam ao lado do governo no grande conflito em que a República estava prestes a se precipitar. Acrescente-se a isso os vinte senadores dos estados do Norte favoráveis à moeda livre, e o novo presidente teria o Congresso da República a seu favor. Não haveria nada entre ele e a realização dos planos que uma imaginação exuberante, não domada pela experiência e que desprezava os limites da sabedoria, poderia conjurar.

Não dissemos nada? Não, não é bem assim; pois o Supremo Tribunal ainda estava lá. E, no entanto, o juiz Field tinha chegado ao oitenta anos de idade e o juiz Gray estava com quase setenta, enquanto um ou dois outros

membros deste Supremo Tribunal de Justiça se agarravam à vida com fraca força. Mesmo no curso normal e ordenado dos acontecimentos, por que não poderiam surgir vagas e então...

Apesar do medo sem nome que pairava sobre tantos de nosso povo e gelava o sangue das indústrias do país, o novo ano de 1897 chegou com esperança, serenidade e quase desafio. Havia algo indescritível no ar, um espírito de despreocupação política, uma sensação de que a velha ordem havia passado e que a República havia entrado no ventre do Tempo e renascido. Esse sentimento começou a dar sinais externos e visíveis de sua existência e crescimento nos distritos agrícolas remotos do Sul e do Extremo Oeste. Eles jogaram fora seus instrumentos de trabalho, vagavam sem rumo, se reuniam em grupos e as palavras Washington, Casa Branca, Prata, Bryan, Escritórios, Dois por Um, o Dia do Sul, Reinado do Povo, Impostos, Renda, Ano do Jubileu, Cunhagem Livre, Wall Street, Altgeld, Tillman, Peffer, Coxey eram sussurradas de maneira misteriosa, com acenos de cabeça e bocas fechadas.

À medida que janeiro ia passando e fevereiro se aproximava, trazendo cada vez mais perto a posse de Bryan, os grupos se fundiram e ficou mais do que evidente que, em uma dúzia de pontos diferentes no sul e no noroeste, "Exércitos de Coxey" estavam se formando para avançar sobre Washington. Em alguns casos, estavam bem vestidos e bem abastecidos; em outros, eram pouco mais do que grandes bandos de homens famintos e inquietos, desmoralizados pela ociosidade e levados a um estranho estado de excitação mental pelas extravagantes arengas de seus líderes, que estavam animados com um único pensamento: usar essas vastas multidões de Peregrinos da Prata, como se autodenominavam, para apoiar suas reivindicações por cargos públicos.

Essas multidões de pessoas iludidas receberam bem o nome de "Peregrinos da Prata", pois centenas delas carregavam em sacos de cânhamo peças de prataria, em noventa e nove casos em cada cem, banhadas a prata e de pouco valor, que comerciantes e vendedores ambulantes inescrupulosos lhes haviam vendido como prata pura, com a promessa de que, uma vez em Washington, a Casa da Moeda dos Estados Unidos cunharia seu metal em "dólares Bryan", dando "dois por um" em troca.

Enquanto esses "exércitos" heterogêneos marchavam sobre a capital da República, os trens traziam dia e noite multidões de "homens novos", políticos de baixo escalão, desempregados, mecânicos bêbados e descontentes, filhos de fazendeiros, em busca de fortuna sob o reinado de

Pessoas, bajuladores e seguidores de chefes de distrito, velhos que não ocupavam um cargo público há mais de trinta anos, todos inspirados pela declaração do Sr. Bryan de que "O povo americano não é a favor da vitaliciedade no serviço público, que uma classe de funcionários permanentes não está em harmonia com nossas instituições, que um mandato fixo em cargos nomeados abriria o serviço público a um número maior de cidadãos, sem prejudicar sua eficiência". todos carregando vassouras novas nas mãos ou nos ombros, cada um deles extremamente confiante de que, na distribuição dos espólios, algo certamente lhe caberia, já que eram o "povo comum" tão querido pelo Sr. Bryan e que o havia feito presidente diante da prodigiosa oposição dos homens ricos, cujos cofres haviam sido abertos sem nenhum propósito, e apesar também do poder satânico e verdadeiramente diabólico daquele inferno na terra conhecido como Wall Street, que suou ouro em vão em seus esforços desesperados para prender as correntes dos trustes e as garras de monstros sem alma conhecidos como corporações sobre esse mesmo "Povo Comum", que em breve marcharia em triunfo diante da carruagem de prata do jovem Conquistador do Oeste.

CAPÍTULO IV.

Havia uma estranha profecia feita por alguém, que chegou aos jornais diários e foi comentada com risos ou seriedade, dependendo do tom político do jornal ou do humor do escritor, de que o dia 4 de março de 1897 nunca amanheceria para o povo americano. Havia algo muito curioso e misterioso na previsão, e o que realmente aconteceu não foi suficiente para aliviar a tensão e a ansiedade do público, pois o dia literal e verdadeiramente nunca amanheceu na cidade de Washington, merecendo bem o seu nome histórico, o "Dia Sem Amanhecer". Às seis horas, a hora do amanhecer, uma camada de nuvens tão impenetrável cobria a cidade que não havia sinais do dia. A multidão que se reunia podia ouvir claramente os gritos e lamentações que vinham dos bairros negros da cidade. Somente por volta das nove horas a luz deixou de "brilhar na escuridão" e a escuridão começou a compreendê-la.

Mas, embora fosse um dia cinzento e triste, mesmo ao meio-dia, sua pesada atmosfera não abateu o ânimo das dezenas de milhares de pessoas que lotavam a cidade e seus parques públicos e se espalhavam por acampamentos e abrigos improvisados fora dos limites da cidade.

Somente no dia anterior o presidente havia anunciado os nomes dos escolhidos para seu gabinete. O Sul e o Extremo Oeste estavam fora de si de alegria, pois, do ponto de vista deles, havia rumores desagradáveis circulando há vários dias. Havia até mesmo indícios de que Bryan havia se rendido aos "cambistas" e que a escolha de seus conselheiros constitucionais provaria que ele era um traidor da gloriosa causa do governo popular, e que o Reinado do Povo Comum continuaria sendo apenas um sonho das "massas lutadoras".

Mas esses receios duraram pouco. O jovem presidente manteve-se firme e inabalável na plataforma dos partidos que o elevaram à sua posição de destaque. E que melhor prova poderia ele dar da sua profunda confiança em si mesmo e na sua missão do que a seguinte:

Secretário de Estado — William M. Stewart, de Nevada.

Secretário do Tesouro — Richard P. Bland, do Missouri.

Secretário da Guerra — John P. Altgeld, de Illinois.

Procurador-Geral — Roger Q. Mills, do Texas. Ministro dos

Correios — Henry George, de Nova York. Secretário da

Marinha — John Gary Evans, da Carolina do Sul. Secretário

do Interior — William A. Peffer, do Kansas.

Secretário da Agricultura — Lafe Pence, do Colorado.

A primeira coisa que passou pela cabeça de muitos ao olhar para esta lista de nomes foi a omissão do nome de Tillman. O que isso significava? Será que o jovem presidente havia brigado com seu melhor amigo, seu mais poderoso colaborador? Mas os mais sensatos apenas balançaram a cabeça e responderam que foi a mão de Tillman que preencheu o espaço em branco para Secretário da Marinha, deixado lá pelo novo governante que conquistou o coração do povo. Evans era apenas uma criação desse grande plebeu do Sul, uma imagem esculpida por suas próprias mãos.

O discurso de posse não decepcionou aqueles que vieram ouvi-lo. Era como o homem que o proferiu: ousado, franco, inequívoco em seus termos, promissor, impaciente com precedentes, imprudente quanto aos resultados; uma dupla confirmação de que este seria o Reinado do Povo Comum, que muito deveria ser desfeito e muito reformado, e não importava o quanto os ricos pudessem gritar de raiva ou espanto, a nação deveria marchar em direção ao cumprimento de uma missão mais elevada e nobre do que o empobrecimento e a degradação de milhões para o enriquecimento e a elevação de poucos.

Mal o jovem presidente — com os grandes olhos cheios de um brilho estranho e o rosto liso e sem pelos radiante como um céu sem nuvens, o braço da esposa entrelaçado no seu e as mãos dos filhos entre as suas — passou pelo portão imponente da Casa Branca, ele se jogou em uma cadeira, pegou uma folha de papel oficial e escreveu a seguinte ordem, determinando sua promulgação imediata:

MANSÃO EXECUTIVA, WASHINGTON, D. C., 4 de março de 1897.

Decreto Executivo nº 1.

A fim de que haja alívio imediato na terrível depressão financeira que agora pesa sobre nosso amado país, consequente e resultante da combinação ilegal de capitalistas e agiotas, tanto nesta República quanto na Inglaterra, e que o progresso ruinoso e inevitável em direção a um padrão-ouro universal possa ser detido, o Presidente ordena e determina o abandono imediato da chamada "reserva de ouro", e que, a partir da promulgação deste decreto, o padrão-ouro e o padrão-prata da Constituição sejam retomados e rigorosamente mantidos em todas as transações comerciais do Governo.

Eram duas horas da tarde quando a notícia desta Ordem Executiva, agora mundialmente famosa, chegou aos grandes centros bancários do país. O seu efeito em Wall Street é indescritível. No pregão da Bolsa, os homens gritavam e berravam como selvagens pintados e, na sua luta louca, rasgavam-se e pisavam-se uns aos outros. Muitos desmaiaram ou caíram exaustos dos seus esforços selvagens e sem sentido para dizer o que ninguém queria ouvir. Uma palidez cenicenta tomou conta dos rostos de alguns, enquanto o sangue ameaçava estourar as artérias inchadas que se espalhavam em uma rede roxa sobre as sobrancelhas de outros. Quando o silêncio finalmente chegou, foi um silêncio quebrado por soluços e gemidos. Alguns choravam, enquanto outros ficavam paralisados, como se tudo fosse um pesadelo, e esperavam que seus pobres sentidos perturbados voltassem para colocá-los em ordem novamente. Ambulâncias foram chamadas às pressas e corpos desmaiados e exaustos foram carregados através da multidão silenciosa e sussurrante que se aglomerava na Wall Street, para serem levados para suas residências, na parte alta da cidade, onde recuperariam plenamente os sentidos apenas para gritar em angústia que a ruína, a ruína total, os esperava se as notícias de Washington fossem verdadeiras.

CAPÍTULO V.

Por proclamação datada de 5 de março de 1897, o presidente convocou ambas as casas do Congresso para uma sessão extraordinária “para considerar o bem-estar geral dos Estados Unidos e tomar as medidas que julgassem necessárias e convenientes sobre certas medidas que ele recomendaria à sua consideração, medidas de importância vital para o bem-estar e a felicidade do povo, se não para a própria existência da União e a continuidade do gozo das liberdades conquistadas pelos pais da República”.

Enquanto aguardava o dia marcado para a reunião do Congresso, o “Grande Amigo do Povo” se deparou repentinamente com o primeiro problema sério de seu governo. Cinquenta mil pessoas vagavam pelas ruas de Washington sem pão nem abrigo. Muitos tinham vindo em busca de um cargo, atraídos pela solene declaração de seu candidato de que deveria haver uma limpeza imediata desses parasitas do navio do Estado, e tão completa era sua confiança em seu glorioso jovem capitão que eles literalmente não tinham providenciado “bolsa, dinheiro ou sapatos” e agora estavam famintos e com os pés doloridos à sua porta, implorando por um pedaço de pão. Mas a maioria dos que compunham essa vasta multidão eram “guerreiros desarmados de exércitos pacíficos”, como o que outrora foi liderado pelo temível Coxey, atraídos de fazendas, vilarejos e plantações por um desejo anônimo de “sair” para estar na presença desse novo Salvador da Sociedade, cuja chegada ao poder lhes traria “salário em dobro” por todo o seu trabalho árduo. Durante a marcha, tudo tinha corrido bem, pois os seus irmãos tinham aberto os seus corações e as suas casas enquanto estes “guerreiros desarmados” marchavam com bandeiras hasteadas e gritos de alegria pelas várias cidades ao longo do caminho.

Mas agora o feriado havia acabado, eles estavam longe de suas casas e corriam o risco de morrer de fome. O que fazer? “Eles são nosso povo”, disse o presidente, “o amor à pátria os destruiu; a nação não pode deixá-los sofrer, pois eles são sua esperança e seu escudo na hora da guerra, e sua glória e seu refúgio em tempos de paz. Eles são o povo comum, em benefício do qual esta República foi fundada. Os reis da terra podem abandoná-los, mas eu nunca o farei.” O Secretário da Guerra foi instruído a estabelecer acampamentos nos parques e subúrbios da cidade e a distribuir rações e cobertores a esses infelizes vagabundos até que o governo pudesse providenciar o transporte de volta para suas casas.

Na segunda-feira, 15 de março, o presidente recebeu a notificação habitual de ambas as casas do Congresso, informando que se haviam organizado e estavam prontas para apreciar as medidas que ele decidisse recomendar para ação.

A primeira lei a ser aprovada por ambas as casas e assinada pelo presidente foi uma lei que revogava a Lei de 1873 e abria as casas da moeda dos Estados Unidos para a cunhagem livre de prata na proporção de dezesseis para um, com ouro, e estabelecia filiais das casas da moeda nas cidades de Denver, Omaha, Chicago, Kansas City, Spokane, Los Angeles, Charleston e Mobile.

O anúncio de que a reparação pelo “Crime de 1873” havia sido feita foi recebido com grandes aplausos nos plenários e nas galerias de ambas as câmaras.

E o Grande Norte ouviu esses aplausos e estremeceu.

A próxima medida de grande importância pública apresentada à Câmara foi uma lei para obter receitas adicionais através da cobrança de um imposto sobre os rendimentos, substancialmente em conformidade com a legislação de 1894. Os senadores republicanos tentaram mostrar alguma resistência a essa medida, mas as fileiras do governo eram tão sólidas que eles só conseguiram adiá-la por algumas semanas. Essa primeira escaramuça com o inimigo, no entanto, fez com que o presidente e seus seguidores percebessem que não só era preciso tirar do Senado o poder de bloquear o “novo movimento de regeneração e reforma” com a adoção de regras que impedissem debates prolongados, mas que a “nova dispensação” deveria imediatamente proceder ao aumento da representação senatorial, pois quem poderia dizer em que momento algum dos estados prateados do Norte poderia deixar de ser leal ao “Amigo do Povo”.

A introdução de um projeto de lei revogando as várias leis do Serviço Público aprovadas com o suposto objetivo de "regular e melhorar o Serviço Público dos Estados Unidos" e de outro que revogava as várias leis que criavam os Bancos Nacionais e substituía todas as notas dos bancos nacionais por notas dos Estados Unidos baseadas em títulos que rendiam juros, abriu os olhos da oposição republicana para o fato de que o presidente e seu partido estavam possuídos pela coragem de suas convicções e estavam determinados, independentemente de boas ou más notícias, a eliminar toda a legislação conflitante dos livros de estatutos. A batalha no Senado assumiu agora um espírito de extrema acrimônia; cenas não vistas desde os dias da escravidão eram comuns nas sessões da Câmara e do Senado. Ameaças de secessão surgiram abertamente do Norte, apenas para serem recebidas com vaias e risadas dos membros populistas e defensores da prata. "Estamos finalmente no comando", exclamou um membro do Sul, "e pretendemos cavalgar até a vitória!"

A apresentação de projetos de lei para a admissão do Novo México e do Arizona e para a divisão do Texas em dois estados, a serem chamados Texas Oriental e Texas Ocidental, embora cada uma dessas medidas estivesse estritamente dentro da letra da Constituição, caiu entre os membros da oposição republicana como uma tocha em uma casa de palha. Houve fogo imediatamente, e a chama do espírito partidário atingiu alturas tão perigosas que toda a nação assistiu consternada. Estaria a União prestes a entrar em uma grande conflagração e deixar para trás apenas as cinzas e os pedestais carbonizados de sua grandeza?

"Nós somos o povo", escreveu o presidente em linhas dignas e calmas. "Nós somos o povo e o que fazemos, fazemos sob a sanção sagrada da lei, e não há ninguém tão poderoso ou tão ousado que se atreva a dizer que não fazemos bem em tirar dos ombros da nação os fardos pesados e ilegais que os Congressos anteriores colocaram sobre eles."

E assim começou a "Longa Sessão" do 55º Congresso, destinada a durar pelo calor do verão e pelo frio do outono, até que o inverno voltasse e a própria Constituição estabelecesse limites para sua duração. E quando esse dia chegou, e seu presidente, em meio a uma tumultuada ovação, levantou-se para declarar que ela não terminava por vontade deles, mas pela lei do país, ele disse: "A gloriosa revolução está em seu auge. Desde que o presidente nos convocou para nos reunirmos em março passado, com a forte lâmina da indignação pública e com plena consciência de nossa responsabilidade, apagamos dos livros de leis as marcas da vergonha de nosso país e da subjugação de nosso povo. A liberdade não pode

morrer. Ainda há muito a ser feito na construção. Vamos nos animar e seguir em frente. Na segunda-feira, terá início a sessão ordinária deste Congresso. Devemos saudar nossos entes queridos à distância. Não temos tempo para voltar para casa e abraçá-los."

CAPÍTULO VI.

Quando um membro republicano da Câmara se levantou para propor o habitual adiamento das sessões para as férias, houve uma tempestade de vaias e gritos de "Não, não!".

Disse o líder da Câmara, em meio a aplausos ensurdecedores: "Somos servos do povo. Nosso trabalho ainda não está concluído. Não podemos nos divertir enquanto os barões do carvão pisam nas cinzas do lar dos pobres e ervas daninhas e espinhos cobrem os campos dos agricultores por falta de dinheiro para comprar sementes e ferramentas. Não pode haver diversão para nós enquanto os magnatas das ferrovias tiram dos bolsos dos trabalhadores seis e oito por cento de retorno sobre ações três vezes diluídas, e proprietários gananciosos, enriquecidos por heranças, oprimem os pobres. Não pode haver diversão para nós enquanto os inimigos da humanidade, por meio de trustes, conluios e monopólios, se dedicam a extrair seus milhões imundos do próprio sangue da nação, paralisando seus melhores esforços e lançando sobre ela a praga da intemperança e da indiferença, tornando a vida uma longa luta pela existência, sem um vislumbre de descanso e conforto na velhice. Não, Sr. Presidente, não devemos encerrar a sessão, mas, com nossos esforços nestas salas legislativas, devemos deixar claro à nação que estamos trabalhando pela sua emancipação e, por esses meios, fazer com que os monopolistas e cambistas percebam que o Reinado do Povo realmente começou e, então, os sinos tocarão um Ano Novo mais feliz e alegre do que jamais amanheceu nesta República."

A oposição ficou bastante intimidada diante do vigor e da seriedade da "nova dispensação". Em pouco tempo, foram apresentadas à Câmara e avançaram rapidamente para a aprovação final uma série de medidas importantes destinadas a despertar um intenso sentimento de entusiasmo entre as classes trabalhadoras. Entre elas estava uma lei que criava uma Comissão de Empréstimos para conceder certos

dinheiro dos Estados Unidos a agricultores e fazendeiros sem juros; uma lei para a criação de um Departamento de Obras Públicas permanente, cujo chefe seria denominado Secretário de Obras Públicas, com status de ministro, e supervisionaria os gastos de todos os fundos públicos para a construção de edifícios públicos e a melhoria de rios e portos; uma lei que tornava crime punível com prisão perpétua qualquer cidadão ou grupo de cidadãos que entrasse em qualquer acordo ou pacto para sufocar, suprimir ou de qualquer forma interferir na concorrência plena, aberta e leal no comércio e na manufatura entre os estados, ou que fizesse uso de ferrovias, hidrovias ou canais interestaduais para o transporte de quaisquer produtos alimentícios ou bens, mercadorias ou mercadorias que pudessem ter sido "acaparados", armazenados ou retidos com o objetivo de aumentar o seu valor; e, o mais importante de tudo, uma lei preliminar que tem por objetivo a nomeação de comissários para a compra pelo Governo Federal de todas as linhas ferroviárias e telegráficas interestaduais e, entretanto, a regulamentação rigorosa de todas as tarifas e encargos por uma comissão governamental, cujas tabelas estabelecidas não serão passíveis de recurso.

No aniversário de Washington, o presidente emitiu um discurso de felicitações ao povo dos Estados Unidos, do qual se extrai o seguinte:

"As previsões maliciosas dos nossos adversários políticos provaram ser apenas palavras vazias e fúria. Embora não tenha passado um ano desde que, de acordo com o seu mandato, devolvi-vos o dinheiro da Constituição, de todas as partes da nossa União chegam boas notícias de renovada atividade e prosperidade. Os trabalhadores já não se sentam com frio e fome ao lado de lareiras sem brilho; os agricultores ganharam ânimo e retomaram o trabalho; as rodas das fábricas estão novamente em movimento; as lojas e os armazéns dos comerciantes e negociantes legítimos estão cheios de agitação e atividade. Há satisfação em toda parte, exceto na sala de contagem dos cambistas, pelo que devemos agradecer a Deus e ao povo comum desta República. A livre cunhagem daquele metal que o Criador, em Sua sabedoria, armazenou com mão tão generosa nas cavernas subterrâneas de nossas gloriosas cadeias montanhosas, provou ser uma bênção rica e multiforme para nosso povo. É, em todos os sentidos da palavra, o "dinheiro do povo", e já o mundo invejoso olha com espanto para nossa capacidade de prescindir da "cooperação estrangeira". O Congresso da nossa República tem estado em sessão quase contínua desde q u e prestei juramento, e os membros da administração

merecem a sua mais profunda e sincera gratidão. Estão a erguer para si próprios um monumento mais duradouro do que o bronze esculpido ou o monólito polido. Não conheceram descanso, não pediram trégua nos seus trabalhos até que, a meu pedido sincero, suspenderam os trabalhos para se juntarem aos seus concidadãos na celebração deste aniversário sagrado.

"Concidadãos, lembrem-se dos laços que uma classe perversa e egoísta de usurários e especuladores impôs a vocês e, neste aniversário do nascimento do Pai da nossa Pátria, renovemos nossas promessas de desfazer completa e absolutamente a obra infame deles e, em assembleias públicas e no círculo familiar, com novos votos confirmemos nosso amor pela justiça e pelo direito, para que o grande ganho não nos escape, mas continue aumentando enquanto os livros de leis contiverem um único vestígio do registro de nossa escravidão. Quanto a mim, tenho uma única ambição: merecer tanto de vocês que, quando vierem escrever meu epitáfio, coloquem abaixo do meu nome a seguinte frase:

"Aqui jaz um amigo do povo comum".

CAPÍTULO VII.

Este primeiro ano da Administração da Prata mal havia terminado quando começaram a surgir rumores desagradáveis de que o Governo não era mais capaz de manter o metal branco em paridade com o ouro. “É obra de Wall Street”, gritavam os amigos do presidente, mas as cabeças mais sensatas balançavam em contradição, pois haviam observado a semeadura do vento da irracionalidade e sabiam muito bem que o turbilhão da loucura seria colhido na hora certa.

O país havia sido literalmente submerso por uma enxurrada de prata que derramou suas ondas argentinas em todos os cantos e recantos da República, estimulando o esforço humano a um vigor antinatural e prejudicial. A especulação louca assombrava a terra. As pessoas vendiam o que deveriam ter guardado e compravam o que não precisavam. Os fabricantes acumulavam mercadorias para as quais não havia demanda, e os fazendeiros arravam onde não tinham drenado e drenado, onde nunca estavam destinados a arar. O pequeno comerciante ampliava seus negócios com mais pressa do que bom senso, e a viúva tirava suas poucas economias do banco para comprar terras nas quais nunca estava destinada a pisar. O espírito da ganância e do lucro alojou-se em todas as mentes, e o “povo comum”, com uma ânsia louca, soltou as cordas de suas bolsas de couro para lançar suas economias suadas em esquemas loucos de lucro. Cada pedaço e fragmento do metal branco que conseguiam encontrar, colheres santificadas pelo toque de lábios há muito fechados pela morte, e copos e canecas dos quais os avós haviam bebido eram levados para as casas da moeda para serem cunhados em “dólares do povo”.

Ao primeiro rumor de que essa moeda confiável estava perdendo sua paridade com o ouro, houve um despertar assustador, como o sobressalto e o suspiro do avarento que vê seu tesouro acumulado derreter diante de seus olhos, sem poder fazer nada para impedir.

Primeiro vieram os protestos e as reclamações, depois os gemidos e as orações, que facilmente se transformaram em maldições. Os trabalhadores jogaram fora seus chapéus e aventais para correr para a praça pública e exigir seus direitos. Multidões se reuniram, procissões se formaram, delegações partiram apressadas para Washington, não a pé como o Exército Coxey, mas nas asas velozes do Expresso Limitado.

As "pessoas comuns" foram admitidas na tribuna da Câmara, suas queixas foram ouvidas com paciência e reparações foram prometidas. Projetos de lei para aumentar a receita foram apresentados às pressas e novos impostos foram cobrados dos milionários do país: impostos sobre cheques, impostos sobre certificados de constituição, impostos sobre escrituras e hipotecas, impostos sobre iates de recreio, impostos sobre parques privados e locais de lazer, impostos sobre testamentos de todos os bens acima de US$ 5.000, impostos sobre todas as doações de bens imóveis por amor e afeto natural, impostos sobre todas as passagens para o exterior e impostos duplos sobre os bens de todos os ausentes após um período de seis meses.

Houve também uma duplicação da tarifa sobre todos os luxos importantes, pois, como foi dito no plenário do Congresso, "se as sedas e os cetins dos teares americanos e os vinhos e tabacos de produção nacional não são bons o suficiente para 'meu senhor de Wall Street', que ele pague a diferença e agradeça ao céu por poder obtê-los a esse preço".

Para acalmar os murmúrios do bom povo da terra, milhões adicionais foram creditados ao Departamento de Obras Públicas, e portos foram dragados em apenas um mês para encher no mês seguinte, e novos sistemas de melhoria das vias navegáveis interestaduais foram iniciados em uma escala de magnitude até então inimaginável. Os comissários responsáveis pela distribuição do dinheiro público aos agricultores tão empobrecidos que não podiam trabalhar suas terras ficaram ocupados concedendo "Empréstimos Peffer" onde a necessidade parecia maior e para pôr fim às "ações nefastas dos cambistas e comerciantes que lucravam com o infortúnio do povo". foi promulgada uma lei que tornava crime punível com prisão perpétua qualquer pessoa física ou jurídica que comprasse e vendesse títulos do governo ou fundos públicos, ou negociasse com eles com o objetivo de obter ganhos ou lucros com a valorização ou desvalorização dos mesmos.

Mas, por mais que tentasse, o governo se viu impotente para conter a lenta, mas constante, desvalorização do dólar do povo. Em meados do verão, ele havia caído para quarenta e três centavos e, antes que a bela região do Norte se envolvesse

em seu manto dourado de outono, como uma bela mulher desprezada, a moeda tão querida havia caído para exatamente um terço do valor de um dólar padrão de ouro. As pessoas carregavam cestas nos braços, cheias da moeda agora desacreditada, quando iam para o exterior para pagar dívidas ou comprar o necessário para viver. Sacos enormes do metal branco eram jogados na porta do credor hipotecário quando se buscava a quitação de alguns milhares de dólares. Os criados acompanhavam suas patroas nas compras para carregar os fundos necessários, e bolsas de couro substituíram as antigas de musselina nos trajes masculinos, para que o peso das quinze moedas necessárias para formar uma peça de ouro de cinco dólares não rasgasse o tecido fino e derramasse um dólar a cada passo.

Durante todo o dia, nas grandes cidades, enormes caminhões carregados com sacos de moedas rolavam e faziam barulho sobre o pavimento, ajustando os saldos comerciais do dia. O comerciante que cobrava suas contas era recebido na porta com um balde de carvão ou um barril de pregos cheio da quantia necessária e, no dia do pagamento, o trabalhador levava seu filho mais velho com ele para "carregar as coisas para casa", enquanto ele carregava o habitual feixe de lenha. E, por estranho que pareça, esse dólar, outrora tão amado pelo "povo comum", perdia sua própria natureza de riqueza e ficava em pilhas, despercebido e ignorado em prateleiras ou mesas, até que surgisse a ocasião de pagá-lo, o que era feito com um gesto descuidado e desdenhoso, como se fosse o dinheiro de ferro dos antigos espartanos, e as Escrituras Sagradas, pelo menos por uma vez, foram refutadas e desacreditadas, pois o ladrão não demonstrou a menor inclinação para "invadir e roubar" onde esses tesouros estavam guardados na terra, embora os discos de metal branco estivessem à vista de todos sobre a mesa, como tantas travessas de estanho ou peças de zinco. Os homens deixavam as dívidas correr, em vez de cobrá-las, e a troca e o permuta voltaram a estar em voga, com a boa dona de casa pedindo emprestada farinha ou farinha de milho à vizinha, prometendo devolver o mesmo em açúcar ou frutas secas sempre que fosse necessário.

E ainda assim os discos de prata, outrora mágicos, deslizavam lenta e silenciosamente para baixo, cada vez mais para baixo em valor e boa reputação, até que parecia que o povo odiava o próprio nome da prata.

CAPÍTULO VIII.

O “ano fatídico de 1899” chegou e encontrou a República de Washington em uma situação difícil e perigosa. O boom comercial e industrial havia perdido sua força e agora os males terríveis de uma moeda desvalorizada, juntamente com os efeitos desmoralizantes do paternalismo desenfreado, estavam gradualmente estrangulando o país até a morte. O capital, sempre tímido e desconfiado em tempos como aqueles, se escondeu em cofres seguros ou fugiu para a Europa. Os trabalhadores, embora realmente pressionados e sem o necessário para viver, eram barulhentos e desafiadores. O socialismo e o anarquismo encontraram ouvidos dispostos a ouvir suas palavras inflamadas de ódio e malícia, e o resultado foi que graves tumultos eclodiram nas grandes cidades do Norte, muitas vezes exigindo ao máximo a capacidade das autoridades locais.

Espalhou-se a notícia de que violentas dissensões haviam surgido no Gabinete, com o jovem presidente dando sinais de uma mudança acentuada de opinião e, como muitos homens que apelam para as paixões mais sombrias do coração humano, ele parecia quase pronto para exclamar: “Estou sozinho. Os espíritos que invoquei não me obedecem mais. Meu país, oh, meu país, com que vontade eu daria minha vida por ti, se com tal sacrifício pudesse restaurar tua antiga prosperidade”.

Pela primeira vez, ele começou a perceber o intenso espírito de regionalismo que havia entrado nessa “propaganda revolucionária”. Ele não falou de seus temores a ninguém, exceto à sua sábia e prudente companheira.

“Eu confio em você, meu amado”, ela sussurrou, enquanto apertava as mãos largas e fortes que a seguravam.

“Sim, minha querida, mas será que meu país confia em mim?”, perguntou o jovem governante, quase num gemido.

Era evidente que, até então, o Sul havia sido o grande vencedor nessa luta pelo poder. Ele havia aumentado sua força no Senado em seis

votos; havia recuperado seu antigo prestígio na Câmara; um de seus filhos mais confiáveis ocupava a cadeira do presidente, enquanto outro sulista brilhante liderava as forças do governo no plenário. Nascido para o brilhante exercício do vigor intelectual, o Sul era daquela linhagem que sabe como usar as graças reais do poder para impressionar da melhor maneira o "povo comum". Muitos dos homens do Norte ficaram encantados e fascinados por essa pompa natural e comportamento inato de grandeza e cederam a ela.

Não se passou um mês sem que essa facção agora dominante fizesse alguma nova exigência ao país como um todo. No início da sessão, a seu pedido, o imposto de renda interna que há tanto tempo incidia sobre a safra de tabaco do Sul e injetava tantos milhões de receitas no tesouro nacional foi eliminado dos livros de estatutos com apenas um fraco protesto do Norte.

Mas agora o país foi lançado em um estado que beirou o frenesi por uma nova exigência que, embora redigida em termos calmos e decorosos, quase sob a forma de um pedido de justiça há muito esperada para irmãos oprimidos e sofredores, tinha um tom reprimido, mas inconfundível, de poder consciente e imperiosidade, que bem se adequava ao líder que falava em nome daquela "gloriosa região sulista à qual esta União deve tanto de sua grandeza e prestígio".

Ele disse: "Senhor Presidente, durante quase trinta anos, nosso povo, apesar de empobrecido pelo conflito entre os estados, deu o que tinha para curar as feridas e tornar verde a velhice dos homens que nos conquistaram. Pagamos esse imposto pesado, esse dinheiro sangrento, sem reclamar. Vocês nos perdoaram por nossa ousada luta pela liberdade que Deus quis que não tivesse sucesso. Você nos devolveu nossos direitos, abriu as portas destes salões sagrados para nós, nos chamou de irmãos, mas, ao contrário da nobre Alemanha, que se contentou em exigir uma quantia única da "bela França" e depois a deixou partir em paz e liberdade, livre de quaisquer outras exigências, você, por quase trinta anos, impôs-nos este humilhante imposto de guerra, obrigando-nos, ano após ano, a beijar a mão que nos feriu. Somos humanos para agora clamar contra isso? Somos homens para não sentir um arrepio nas veias após esses longos anos de punição por nenhum crime maior do que amar a liberdade mais do que os laços de uma confederação imposta a nós por nossos pais? Apelamos a vocês como nossos irmãos e compatriotas. Retirem esse imposto infame

de nossa terra, que é dez mil vezes mais rica do que o seu grande Norte. Façam uma de duas coisas: ou tomem nossos soldados idosos e decrépitos pela mão e abençoem seus últimos dias com pensões do tesouro de nosso país comum, pois eles só erraram porque sua causa fracassou, ou removam este imposto odiado e restituam esse dinheiro sujo de sangue da forma que parecer justa e equitativa ao seu julgamento mais sóbrio e melhor."

Dizer que este discurso, do qual o trecho acima é apenas um breve extrato, lançou ambas as Casas do Congresso em uma desordem violenta, é descrever apenas vagamente seu efeito. Gritos de traição! traição! ecoavam; golpes foram trocados e lutas corpo a corpo ocorreram nas galerias, seguidas pelo brilho das temíveis facas e pelo estrondo das pistolas em punho. A República foi abalada em seus alicerces. Em todo o Norte, repetiram-se as cenas que se seguiram ao tiroteio em Sumter. Foram realizadas reuniões públicas e aprovadas resoluções exigindo que o Governo concentrasse tropas em Washington e arredores e se preparasse para a repressão de uma segunda rebelião.

Mas, gradualmente, essa onda de indignação popular perdeu parte de sua força e virulência, pois era fácil compreender que nada se ganharia, naquele estágio da questão, respondendo a uma exigência violenta e ilegal com violência e conselhos imprudentes. Além disso, o que era isso senão uma ameaça vazia de um certo grupo de políticos inescrupulosos?

A República estava alicerçada em bases demasiado sólidas para ser abalada por meros apelos às paixões do momento. Para cometer traição contra o nosso país era necessário um ato manifesto. O que havia a temer da mera explosão retórica de uma tempestade passageira de sentimentos?

É difícil dizer o que o jovem presidente pensava dessas cenas no Congresso. Ele estava tão pálido ultimamente que um pouco mais de palidez passaria despercebido, mas aqueles que costumavam olhar para seu rosto nesses tempos conturbados relatam que, no curto espaço de alguns dias, as linhas de seu rosto se aprofundaram perceptivelmente, e que uma expressão mais firme e forte de força de vontade se escondia nos cantos de sua boca larga, pairando sobre seu queixo quadrado e maciço e acentuando as vibrações de suas narinas bem abertas. Ele estava sob uma tensão terrível. Quando ele havia conquistado o cetro do poder, ele parecia uma mera bugiganga em suas mãos fortes, mas agora havia se tornado estranhamente pesado, e havia uma pontada misteriosa em sua testa,

como se a coroa de espinhos que ele não desejava que fosse colocada sobre a cabeça de outros estivesse sendo pressionada com mãos cruéis sobre a sua própria cabeça.

CAPÍTULO IX.

Quando as últimas brasas da grande conflagração da Rebelião foram sufocadas com lágrimas pela Causa Perdida, surgiu uma profecia de que o poderoso Norte, rico com cem grandes cidades e forte no poder consciente de seu vasto império, seria o próximo a levantar a bandeira da rebelião contra o Governo Federal. Mas aquele profeta não tinha honra em sua própria terra, e ninguém prestou atenção às suas palavras aparentemente loucas.

No entanto, agora, esse mesmo poderoso Norte estava ali, em seu luto e ansiedade, com o rosto voltado para o Sul e os ouvidos atentos para captar os sussurros que estavam no ar. O cetro do poder não havia passado de suas mãos para sempre? A Revolução não estava completa? Os populistas e seus aliados não estavam firmemente assentados nos corredores do Congresso? A Suprema Corte não havia sido tornada impotente para sempre ao ser preenchida com os mais intransigentes adeptos da nova fé política? A própria natureza do Governo Federal não havia sofrido uma mudança? O paternalismo não estava desenfreado? O socialismo não estava em ascensão? Não havia em toda parte evidências de um intenso ódio ao Norte e uma firme determinação de jogar todo o fardo da tributação sobre os ombros dos ricos, a fim de que as receitas excedentes do Governo pudessem ser distribuídas entre aqueles que constituem o "povo comum"? Como poderia essa parte da União esperar enfrentar o Sul, agora unido aos estados em rápido crescimento do Noroeste? Poderiam as magníficas cidades do Norte se contentar em marchar atrás das carruagens de Tillman e Peffer? O Sul não tinha um controle firme do Senado? Onde havia um raio de esperança de que o Norte pudesse algum dia recuperar seu poder perdido e poderia ele, por um único momento, pensar em confiar seus vastos interesses às mãos de um povo que divergia dele em todas as questões importantes da política, comprometido com uma política que não poderia ser outra senão ruinosa para o bem-estar das grandes comunidades das regiões central e leste da União e de seus

estados irmãos deste lado do Mississippi? Era loucura pensar nisso. Era preciso dar o salto, a declaração tinha de ser feita. Não havia outra alternativa, a não ser a submissão abjeta aos chefes da nova dispensação e a transformação completa daquele vasto sistema social e político vagamente chamado de Norte.

Mas essa revolução dentro da revolução seria incruenta, pois não se poderia pensar em coerção, nem se poderia ter a ideia séria de conter um movimento tão poderoso. Seria, na realidade, a verdadeira República purificando-se de uma doença perigosa, eliminando um membro doente e gangrenado; nem mais, nem menos.

Este poderoso movimento de retirada do Witenagemote da União já estava no ar. As pessoas falavam dele em sussurros ou com a respiração suspensa; mas, à medida que o repassavam em suas mentes, ele ganhava forma, contorno e força, até que finalmente irrompeu em vida e ação como Minerva do cérebro de Júpiter — maduro, armado, com voz e coração cheios.

Realmente, por que não seria melhor que este poderoso império, crescendo rapidamente de forma tão vasta e incontrolável que só com grande dificuldade poderia ser governado a partir de um único centro, fosse dividido em três partes, Oriental, Meridional e Ocidental, agora que isso pode ser feito sem perigosos atritos ou fricções? As três repúblicas poderiam se federar para fins ofensivos e defensivos e, até que essas grandes e radicais mudanças pudessem ser realizadas, não haveria grande dificuldade em estabelecer "condições de convivência", pois, imediatamente após a Declaração de Dissolução, cada Estado recuperaria os poderes soberanos que havia delegado ao Governo Federal.

Enquanto isso, o "ano fatídico de 1999" avançava em direção ao seu fim. Toda a terra parecia paralisada no que dizia respeito às diversas indústrias, mas, como é habitual em tempos como aqueles, as mentes dos homens estavam sobrenaturalmente ativas. Os dias passavam-se na leitura de jornais ou na revisão dos acontecimentos importantes do momento. O Norte estava apenas esperando uma oportunidade para agir.

Mas a questão que deixava perplexos os mais sábios era: como e quando a Declaração de Dissolução deveria ser feita e, em seguida, em quanto tempo o Norte e os Estados que simpatizavam com ele deveriam se retirar da União e declarar ao mundo sua intenção de estabelecer uma república própria,

com a poderosa metrópole de Nova York como seu centro social, político e comercial e capital?

Como acabou acontecendo, o Norte não teve que esperar muito. O 56º Congresso, que se reuniria em sessão ordinária na cidade de Washington, era ainda mais populista e socialista do que seu famoso predecessor, que havia promovido mudanças tão maravilhosas na legislação do país, sem mostrar respeito pelos precedentes nem reverência pela velha ordem das coisas. Por isso, todos os olhos estavam voltados para a capital da nação, todas as estradas estavam desertas, exceto as que levavam a Washington.

CAPÍTULO X.

Mais uma vez, o Congresso se recusou a adiar a sessão para as festas de fim de ano. Os líderes das forças do governo não estavam dispostos a fechar os olhos, nem mesmo para dormir, e andavam pálidos e abatidos, assustados com cada palavra e gesto da oposição, como verdadeiros conspiradores, pois as tropas federais haviam sido quase todas discretamente retiradas da capital e seus arredores, para que o presidente, em um momento de fraqueza, não fizesse ou permitisse que fosse feito algum ato hostil ao reinado do povo comum.

Por estranho que possa parecer, o país em geral pouco notou a introdução, na abertura da sessão, de uma lei para estender o sistema de pensões dos Estados Unidos aos soldados dos exércitos confederados e para reembolsar aos cofres de certos estados da União as parcelas dos impostos internos arrecadados desde a readmissão desses estados ao Congresso Federal, conforme determinado por comissários devidamente nomeados nos termos da referida lei.

Era a calma do desespero, a impassibilidade da desesperança ou a energia fria e contida de uma coragem nobre e refinada?

A introdução da lei, no entanto, teve um efeito: ela deu início a um fluxo intenso de pessoas em direção à capital nacional — não fanáticos de olhos esbugalhados ou políticos barbudos e desalinhados, mas cidadãos vestidos com sobriedade e com ar profissional, evidentemente homens que sabiam como ganhar mais do que o suficiente para viver, homens que pagavam seus impostos e tinham o direito de olhar para os servidores públicos, se assim desejassem. Mas era muito claro que a corrente mais forte vinha do sul, e aqueles que se lembravam da capital nos dias anteriores à guerra sorriam ao ver aquela cena familiar: os rostos barbeados, os cabelos longos jogados descuidadamente para trás sob chapéus de feltro de abas largas, os coletes meio desabotoados

e colarinhos virados para baixo, os pés pequenos e botas bem ajustadas, o passo elástico e saltitante, a entonação suave de negro, o charuto longo e perfumado.

Era fácil distinguir o homem do Norte, bem vestido e bem arrumado, tão cuidadoso com suas roupas quanto uma mulher, formal e elegante, desdenhoso dos chapéus de feltro pitorescos, sempre coroado com o cerimonial chapéu-coco, o homem de negócios, com uma visão pragmática da vida, mas com uma expressão preocupada e respirando fundo de vez em quando.

O homem negro, sempre atrás de seu irmão branco, destinado a governá-lo por um decreto insondável da natureza, também apareceu aos milhares, conversando e rindo alegremente, indiferente ao motivo da profunda preocupação de seu irmão branco e incapaz de compreendê-la, mesmo que quisesse. A cada hora, mais pessoas se juntavam à multidão. As avenidas largas não eram largas o suficiente. A agitação aumentava. Os homens falavam cada vez mais alto, as mulheres e as crianças desapareceram quase completamente das ruas. O "elemento sulista" se separava cada vez mais em grupos e bandos. Os homens se jogavam na cama para dormir algumas horas, mas sem se despir, como se esperassem que algum evento portentoso acontecesse a qualquer momento, o evento de suas vidas, e temessem a ideia de se atrasar um minuto sequer.

Se tudo corresse bem, o projeto de lei seria aprovado no sábado, dia 30 do mês, mas a batalha contra ele era tão acirrada e as interrupções por parte dos membros e dos vários grupos que lotavam as galerias até a sufocação eram tão frequentes que pouco ou nenhum progresso pôde ser feito.

Os líderes das forças administrativas viram a meia-noite se aproximar sem perspectiva de alcançar seu objetivo antes do início do domingo, dia em que a Câmara nunca havia se reunido. Um adiamento para a segunda-feira do Ano Novo poderia ser fatal, pois quem poderia dizer que força imprevista poderia romper suas fileiras sólidas e lançá-los na confusão? Eles precisavam estar à altura da ocasião. Foi apresentada uma moção para suspender as regras e permanecer em sessão contínua até que os assuntos pendentes na Câmara fossem concluídos. Gritos de "Sem precedentes!", "Revolucionário!", "Monstruoso!" vieram da oposição, mas tudo em vão; a Câmara se dedicou ao seu trabalho com uma determinação tão feroz de vencer que a minoria republicana ficou bastante intimidada diante dela. Comida e bebida foram levadas

aos membros em seus lugares; eles comeram, beberam e dormiram em seus postos, como soldados determinados a não serem emboscados ou dispersados.

Era uma visão estranha, mas impressionante — um grande grupo lutando por direitos há muito adiados — homens livres zelosos de suas liberdades, unidos por ganchos de aço de determinação que somente a morte poderia separar.

O domingo finalmente chegou, e a luta continuava. "O povo não conhece dias em que suas liberdades estão em jogo", gritou o líder da Câmara. "O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado."

Muitos dos discursos proferidos naquele famoso domingo soavam mais como as lamentações de um Jeremias, as declarações sinceras e ardentes de um Paulo ou os períodos eruditos e bem elaborados de um Apolo. As horas cansativas eram amenizadas pelo canto de hinos pelos membros sulistas, a maioria deles bons metodistas, aos quais seus amigos e simpatizantes nas galerias se juntavam com voz e coração cheios; enquanto, às vezes, claras, ressonantes e em perfeito uníssono, as vozes dos homens leais do Norte irrompiam e abafavam o canto religioso com as notas majestosas e comoventes de "John Brown's Body", cujo "Glory, Glory Halleluiah" parecia silenciar o tumulto da Câmara como um canto estranho de algum coro invisível irrompendo no violento tumulto de um banquete de Belsazar.

Pouco depois das onze horas, um silêncio sinistro tomou conta dos campos opostos, e os líderes republicanos podiam ser vistos conversando nervosamente. Era uma hora sagrada da noite, três vezes sagrada para a grande República. Não era apenas um novo ano, mas um novo século estava prestes a nascer no mundo. Um silêncio estranho tomou conta da turbulenta Câmara e de suas galerias ainda mais turbulentas.

O líder republicano levantou-se. Sua voz soava fria e oca. Homens fortes tremiam enquanto ouviam. "Sr. Presidente: Cumprimos nosso dever para com nosso país; não temos mais nada a dizer, nem mais golpes a desferir. Não podemos ficar aqui, dentro do recinto sagrado desta Câmara, e ver nossos direitos como homens livres serem pisoteados pelos pés da maioria. Nós nos esforçamos para impedir a queda da República, como homens que juraram lutar contra o mal e a tirania, mas chega um momento em que o desespero toma conta dos corações daqueles que lutam contra adversidades esmagadoras. Essa hora chegou para nós. Acreditamos que nosso povo, o grande e generoso povo do Norte, gritará para nós: Muito bem, bons e fiéis

servos. Se fizemos algo errado, que eles nos condenem. Nós, todos nós, Sr. Presidente, juramos neste momento não permanecer nesta Câmara e testemunhar a aprovação desta lei. Portanto, vamos..."

"Não, meus compatriotas", gritou uma voz clara e metálica que ecoou pela Câmara com um tom quase sobrenatural. Em um instante, todas as cabeças se viraram e mil vozes irromperam com força reprimida:

"O presidente! O presidente!"

Na verdade, era ele, de pé na barra da Câmara, com uma expressão mais parecida com a morte do que com a vida. No instante seguinte, a Câmara e as galerias explodiram em um clamor ensurdecedor que se espalhou em ondas poderosas que abalaram as próprias paredes. Não havia como acalmá-lo. Repetidamente ele irrompia, uma mistura de dez mil palavras, uivos, estrondos e gemidos como os elementos da natureza em guerra. Várias vezes, o presidente estendeu suas grandes mãos brancas, pedindo silêncio, enquanto o orvalho da mistura de medo e angústia brotava em sua testa e escorria por suas bochechas em súplica líquida para que seu povo o matasse ou o ouvisse. O tumulto acalmou sua fúria por um momento, e ele pôde ser ouvido dizendo, entrecortado:

"Meus compatriotas, oh, meus compatriotas..."

Mas o som rápido e agudo do martelo o interrompeu.

"O presidente deve se retirar", disse o presidente da Câmara, com calma e frieza, "sua presença aqui é uma ameaça à nossa livre deliberação".

Mais uma vez, o tumulto se transformou em um rugido ensurdecedor, enquanto uma expressão de quase horror se espalhava pelo rosto do magistrado-chefe.

Mais uma vez, suas grandes mãos brancas se ergueram para o céu, implorando silêncio com uma majestosa súplica, de modo que o silêncio tomou conta da imensa assembleia, e seus lábios não se moveram em vão.

"Senhores da Câmara dos Representantes, estou aqui em meu justo e legítimo direito como presidente da República para lhes dar 'informações sobre o estado da União'. Convoquei o ilustre Senado para se reunir comigo nesta Câmara. Peço-lhes que acalmem suas paixões e me escutem, pois o juramento do cargo lhes impõe essa sagrada obrigação".

Havia um tom de autoridade divina nessas poucas palavras, quase divino o suficiente para fazer os ventos obedecerem e acalmar o mar tempestuoso. Em silêncio profundo e com uma certa demonstração de grandeza rude e nativa, o

Os senadores entraram na Câmara, os membros da Câmara levantaram-se e o presidente avançou para receber o vice-presidente.

O espetáculo era grandioso e comovente. Lágrimas se acumularam em olhos há muito tempo sem chorar e, com um aceno quase imperceptível da cabeça do presidente, o capelão ergueu a voz em oração. Ele rezou com um tom tão gentil e persuasivo que deve ter transformado até mesmo os corações mais duros em pensamentos abençoados de paz, amor, fraternidade e união. E então, novamente, todos os olhos se fixaram com intensa tensão no rosto do presidente.

"Senhores da Câmara dos Deputados, esta medida que vocês estão deliberando"——

Com um golpe repentino que assustou todas as pessoas presentes, o martelo do presidente bateu. "O presidente", disse ele com uma dignidade soberba que provocou uma salva de aplausos ensurdecedores nas galerias, "não deve fazer referência a legislação pendente. A Constituição garante-lhe o direito de 'de tempos em tempos fornecer ao Congresso informações sobre a União'. Ele deve manter-se estritamente dentro dos limites constitucionais ou retirar-se da tribuna da Câmara".

Uma palidez mortal tomou conta do rosto do Magistrado Chefe, até parecer que ele iria sucumbir naquele momento ao sono eterno, mas ele ofegou, inclinou-se para a frente, levantou a mão novamente em sinal de súplica e, ao fazê-lo, os sinos da cidade começaram a tocar a meia-noite.

O Ano Novo, o Novo Século nasceu, mas com o último golpe, uma descarga terrível e estrondosa, como de mil peças de artilharia monstruosas, abalou o Capitólio até os alicerces, fazendo os corações mais valentes pararem e empalidecerem as faces que nunca haviam conhecido o medo. A cúpula do Capitólio havia sido destruída por dinamite.

Em poucos instantes, quando se viu que a Câmara não havia sofrido danos, o líder da Câmara propôs a aprovação final da lei. O presidente foi conduzido para fora e os senadores e deputados republicanos saíram lentamente do Capitólio desfigurado, enquanto os escrutinadores se preparavam para contar os votos da Câmara. Os sinos tocavam alegremente para dar as boas-vindas ao novo século, mas um toque solene teria sido mais adequado, pois a República de Washington não existia mais. Ela morrera tão pacificamente que o mundo não conseguia acreditar na notícia de seu fim. Quando o amanhecer frio e cinzento despontou e sua primeira luz fraca incidiu sobre a cúpula destruída, gloriosa mesmo em suas ruínas, um único olho humano, cheio de um brilho de alegria diabólica,

olhou para ela longa e fixamente, e então seu dono foi engolido e perdido na multidão que cercava o Capitólio.

NOTAS DO TRANSCRITOR

1. Erros tipográficos e variações ortográficas corrigidos silenciosamente.
2. Ortografias anacrônicas, não padronizadas e incertas foram mantidas conforme impressas.

Fim do Projeto Gutenberg 1900 ou O Último Presidente, de Ingersoll Lockwood

*** FIM DESTE EBOOK DO PROJETO GUTENBERG 1900 OU O ÚLTIMO PRESIDENTE ***

***** Este arquivo deve ser nomeado 60479-h.htm ou 60479-h.zip ***** Este e
todos os arquivos associados em vários formatos podem ser encontrados em:
http://www.gutenberg.org/6/0/4/7/60479/

Produzido por Richard Tonsing e pela Equipe de Revisão Distribuída
Online em http://www.pgdp.net (Este arquivo foi produzido a partir
de imagens generosamente disponibilizadas pelo The Internet
Archive)

As edições atualizadas substituirão as anteriores — as edições antigas serão
renomeadas.

A criação de obras a partir de edições impressas não protegidas pela lei de
direitos autorais dos Estados Unidos significa que ninguém detém os direitos
autorais dessas obras nos Estados Unidos, portanto, a Fundação (e você!) pode
copiá-las e distribuí-las nos Estados Unidos sem permissão e sem pagar
royalties
. Regras especiais, estabelecidas nos Termos Gerais de Uso desta licença, se
aplicam à cópia e distribuição do Projeto.
Obras eletrônicas Gutenberg-tm para proteger o conceito e a marca registrada
PROJECT GUTENBERG-tm. O Project Gutenberg é uma marca registrada e não pode ser
usada se você cobrar pelos eBooks, a menos que receba permissão específica. Se
você não cobrar nada pelas cópias deste eBook, é muito fácil cumprir as regras.
Você pode usar este e-book para praticamente qualquer finalidade, como criação
de obras derivadas, relatórios, apresentações e pesquisas. Eles podem ser
modificados, impressos e distribuídos — você pode fazer praticamente TUDO nos
Estados Unidos com e-books não protegidos pela lei de direitos autorais dos
EUA. A redistribuição está sujeita à licença de marca registrada, especialmente
a redistribuição comercial.

INÍCIO: LICENÇA COMPLETA

A LICENÇA COMPLETA DO PROJETO GUTENBERG
LEIA ISSO ANTES DE DISTRIBUIR OU UTILIZAR ESTE TRABALHO

Para proteger a missão do Project Gutenberg-tm de promover a distribuição gratuita de obras eletrônicas, ao usar ou distribuir este trabalho (ou qualquer outro trabalho associado de qualquer forma à frase "Project Gutenberg"), você concorda em cumprir todos os termos da Licença Completa do Project Gutenberg-tm disponível neste arquivo ou online em www.gutenberg.org/license.

Seção 1. Termos gerais de uso e redistribuição de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm

1.A. Ao ler ou usar qualquer parte desta obra eletrônica do Projeto Gutenberg-tm, você indica que leu, entendeu, concorda e aceita todos os termos desta licença e do contrato de propriedade intelectual (marca registrada/direitos autorais). Se você não concorda em cumprir todos os termos deste contrato, deve interromper o uso e devolver ou destruir todas as cópias das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm em sua posse. Se você pagou uma taxa para obter uma cópia ou acesso a uma obra eletrônica do Projeto Gutenberg-tm e não concorda em se comprometer com os termos deste contrato, você pode obter um reembolso da pessoa ou entidade a quem pagou a taxa, conforme estabelecido no parágrafo 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" é uma marca registrada. Ela só pode ser usada ou associada de qualquer forma a uma obra eletrônica por pessoas que concordam em se comprometer com os termos deste contrato. Existem algumas coisas que você pode fazer com a maioria das obras eletrônicas do Project Gutenberg-tm, mesmo sem cumprir todos os termos deste contrato. Consulte o parágrafo 1.C abaixo. Há muitas coisas que você pode fazer com as obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm se seguir os termos deste contrato e ajudar a preservar o acesso gratuito às obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm no futuro. Consulte o parágrafo 1.E abaixo.

1.C. A Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg ("a Fundação" ou PGLAF) detém os direitos autorais da compilação da coleção de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm. Quase todas as obras individuais da coleção são de domínio público nos Estados Unidos. Se uma obra individual não estiver protegida pela lei de direitos autorais nos Estados Unidos e você estiver localizado nos Estados Unidos, não reivindicamos o direito de impedi-lo de copiar, distribuir, executar, exibir ou criar obras derivadas com base na obra, desde que todas as referências ao Projeto Gutenberg sejam removidas. É claro que esperamos que você apoie a missão do Projeto Gutenberg-tm de promover
o acesso gratuito a obras eletrônicas, compartilhando livremente as obras do Projeto Gutenberg-tm em conformidade com os termos deste contrato para manter o nome do Projeto Gutenberg-tm associado à obra. Você pode facilmente cumprir os termos deste contrato mantendo esta obra no mesmo formato com a Licença do Projeto Gutenberg-tm completa anexada ao compartilhá-la gratuitamente com outras pessoas.

1.D. As leis de direitos autorais do local onde você está localizado também regem o que você pode fazer com este trabalho. As leis de direitos autorais na maioria dos países estão em constante mudança. Se você estiver fora dos Estados Unidos, verifique as leis do seu país, além dos termos deste contrato, antes de baixar, copiar, exibir, executar, distribuir ou criar obras derivadas com base nesta obra ou em qualquer outra obra do Project Gutenberg-tm. A Fundação não faz nenhuma declaração sobre o status dos direitos autorais de qualquer obra em qualquer país fora dos Estados Unidos.

1.E. A menos que você tenha removido todas as referências ao Projeto Gutenberg:

1.E.1. A seguinte frase, com links ativos ou outro acesso imediato à licença completa do Project Gutenberg-tm, deve aparecer de forma destacada sempre que qualquer cópia de uma obra do Project Gutenberg-tm (qualquer obra na qual a frase “Project Gutenberg” apareça ou à qual a frase “Project Gutenberg” esteja associada) for acessada, exibida, executada, visualizada, copiada ou distribuída:

> Este eBook é para uso de qualquer pessoa em qualquer lugar dos Estados Unidos e na maioria das outras partes do mundo, sem custo e com quase nenhuma restrição. Você pode copiá-lo, distribuí-lo ou reutilizá-lo sob os termos da Licença do Projeto Gutenberg incluída neste eBook ou online em www.gutenberg.org. Se você não estiver localizado nos Estados Unidos, deverá verificar as leis do país onde está localizado antes de usar este ebook.

1.E.2. Se uma obra eletrônica individual do Projeto Gutenberg-tm for derivada de textos não protegidos pela lei de direitos autorais dos EUA (não contiver um aviso indicando que foi publicada com a permissão do detentor dos direitos autorais), a obra poderá ser copiada e distribuída a qualquer pessoa nos Estados Unidos sem o pagamento de quaisquer taxas ou encargos. Se você estiver redistribuindo ou fornecendo acesso a uma obra com a frase “Project Gutenberg” associada ou aparecendo na obra, você deve cumprir os requisitos dos parágrafos 1.E.1 a 1.E.7 ou obter permissão para o uso da obra e da marca registrada Project Gutenberg-tm, conforme estabelecido nos parágrafos 1.E.8 ou 1.E.9.

1.E.3. Se uma obra eletrônica individual do Projeto Gutenberg-tm for publicada com a permissão do detentor dos direitos autorais, seu uso e distribuição devem estar em conformidade com os parágrafos 1.E.1 a 1.E.7 e quaisquer termos adicionais impostos pelo detentor dos direitos autorais. Termos adicionais serão vinculados à Licença do Projeto Gutenberg-tm para todas as obras publicadas com a permissão do detentor dos direitos autorais, encontrada no início desta obra.

1.E.4. Não desvinculie, separe ou remova os termos completos da Licença do Project Gutenberg-tm desta obra, ou de quaisquer arquivos que contenham uma parte desta obra ou qualquer outra obra associada ao Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Não copie, exiba, execute, distribua ou redistribua este trabalho eletrônico, ou qualquer parte dele, sem exibir de forma destacada a frase estabelecida no parágrafo 1.E.1 com links ativos ou acesso imediato aos termos completos da Licença do Projeto Gutenberg-tm.

1.E.6. Você pode converter e distribuir este trabalho em qualquer formato binário, compactado, marcado, não proprietário ou proprietário, incluindo qualquer formato de processamento de texto ou hipertexto. No entanto, se você fornecer acesso ou distribuir cópias de um trabalho do Projeto Gutenberg-tm em um formato diferente do “Plain Vanilla ASCII” ou outro formato usado na versão oficial publicada no site oficial do Projeto Gutenberg-tm (www.gutenberg.org), você deve, sem nenhum custo adicional, taxa ou despesa para o usuário, fornecer uma cópia, um meio de exportar uma cópia ou um meio de obter uma cópia, mediante solicitação, da obra em seu formato original “Plain Vanilla ASCII” ou outro formato. Qualquer formato alternativo deve incluir a Licença do Projeto Gutenberg-tm completa, conforme especificado no parágrafo 1.E.1.

1.E.7. Não cobre nenhuma taxa pelo acesso, visualização, exibição, execução, cópia ou distribuição de qualquer obra do Project Gutenberg-tm

a menos que você cumpra o parágrafo 1.E.8 ou 1.E.9.

1.E.8. Você pode cobrar uma taxa razoável por cópias, acesso ou distribuição de obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm, desde que

* Você paga uma taxa de royalties de 20% dos lucros brutos obtidos com o uso das obras do Project Gutenberg-tm, calculados usando o método que você já usa para calcular seus impostos aplicáveis. A taxa é devida ao proprietário da marca registrada Project Gutenberg-tm, mas ele concordou em doar os royalties nos termos deste parágrafo à Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Os pagamentos de royalties devem ser efetuados no prazo de 60 dias após cada data em que você preparar (ou for legalmente obrigado a preparar) suas declarações fiscais periódicas. Os pagamentos de royalties devem ser claramente identificados como tal e enviados à Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg, no endereço especificado na Seção 4, "Informações sobre doações à Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg".

* Você reembolsará integralmente qualquer quantia paga por um usuário que o notifique por escrito (ou por e-mail) no prazo de 30 dias após o recebimento, informando que não concorda com os termos da Licença completa do Project Gutenberg-tm. Você deve exigir que tal usuário devolva ou destrua todas as cópias das obras possuídas em um meio físico e interrompa todo o uso e acesso a outras cópias das obras do Project Gutenberg-tm.

* Você fornecerá, de acordo com o parágrafo 1.F.3, o reembolso total de qualquer quantia paga por uma obra ou uma cópia de substituição, se um defeito na obra eletrônica for descoberto e relatado a você dentro de 90 dias após o recebimento da obra.

* Você concorda em cumprir todos os outros termos deste contrato para a distribuição gratuita das obras do Projeto Gutenberg-tm.

1.E.9. Se você deseja cobrar uma taxa ou distribuir uma obra eletrônica ou um grupo de obras do Projeto
obra eletrônica ou grupo de obras do Projeto Gutenberg-tm em termos diferentes dos estabelecidos neste contrato, você deve obter permissão por escrito da Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg e da The Project Gutenberg Trademark LLC, proprietária da marca registrada Projeto Gutenberg-tm. Entre em contato com a Fundação conforme estabelecido na Seção 3 abaixo.

1.F.

1.F.1. Os voluntários e funcionários do Projeto Gutenberg dedicam esforços consideráveis para identificar, pesquisar direitos autorais, transcrever e revisar obras não protegidas pela lei de direitos autorais dos Estados Unidos na criação da coleção do Projeto Gutenberg-tm. Apesar desses esforços, as obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm e o meio em que podem ser armazenadas podem conter "Defeitos", tais como, mas não se limitando a, dados incompletos, imprecisos ou corrompidos, erros de transcrição, violação de direitos autorais ou outra propriedade intelectual, um disco ou outro meio defeituoso ou danificado, um vírus de computador ou códigos de computador que danifiquem ou não possam ser lidos pelo seu equipamento.

1.F.2. GARANTIA LIMITADA, ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE POR DANOS - Exceto pelo "Direito de Substituição ou Reembolso" descrito no parágrafo 1.F.3, a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg, o proprietário da marca registrada Projeto Gutenberg-tm e qualquer outra parte que distribua uma obra eletrônica do Projeto Gutenberg-tm sob este contrato isenta-se de toda e qualquer responsabilidade perante você por danos, custos e despesas, incluindo legais

taxas. VOCÊ CONCORDA QUE NÃO TEM RECURSOS POR NEGLIGÊNCIA, RESPONSABILIDADE OBJETIVA, VIOLAÇÃO DA GARANTIA OU VIOLAÇÃO DO CONTRATO, EXCETO AQUELES PREVISTOS NO PARÁGRAFO 1.F.3. VOCÊ CONCORDA QUE A FUNDAÇÃO, O PROPRIETÁRIO DA MARCA REGISTRADA E QUALQUER DISTRIBUIDOR SOB ESTE CONTRATO NÃO SERÃO RESPONSÁVEIS POR DANOS REAIS, DIRETOS, INDIRETOS, CONSEQUENCIAIS, PUNITIVOS OU INCIDENTAIS, MESMO QUE VOCÊ AVISE DA POSSIBILIDADE DE TAIS DANOS.

1.F.3. DIREITO LIMITADO DE SUBSTITUIÇÃO OU REEMBOLSO - Se você descobrir um defeito nesta obra eletrônica dentro de 90 dias após recebê-la, você poderá receber o reembolso do valor pago (se houver) enviando uma explicação por escrito à pessoa de quem recebeu a obra. Se você recebeu a obra em um meio físico, deverá devolver o meio com sua explicação por escrito. A pessoa ou entidade que lhe forneceu a obra com defeito poderá optar por fornecer uma cópia de substituição em vez de um reembolso. Se você recebeu o trabalho eletronicamente, a pessoa ou entidade que o forneceu pode optar por lhe dar uma segunda oportunidade de receber o trabalho eletronicamente em vez de um reembolso. Se a segunda cópia também estiver com defeito, você pode exigir um reembolso por escrito, sem mais oportunidades para corrigir o problema.

1.F.4. Exceto pelo direito limitado de substituição ou reembolso estabelecido no parágrafo 1.F.3, este trabalho é fornecido a você "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA", SEM NENHUMA OUTRA GARANTIA DE QUALQUER TIPO, EXPRESSA OU IMPLÍCITA, INCLUINDO, MAS NÃO SE LIMITANDO A, GARANTIAS DE COMERCIALIZAÇÃO OU ADEQUAÇÃO A QUALQUER FINALIDADE.

1.F.5. Alguns estados não permitem isenções de responsabilidade de certas garantias implícitas ou a exclusão ou limitação de certos tipos de danos. Se qualquer isenção de responsabilidade ou limitação estabelecida neste contrato violar a lei do estado aplicável a este contrato, o contrato será interpretado de forma a estabelecer a isenção de responsabilidade ou limitação máxima permitida pela lei estadual aplicável. A invalidade ou inexequibilidade de qualquer disposição deste contrato não invalidará as disposições restantes.

1.F.6. INDENIZAÇÃO - Você concorda em indenizar e isentar a Fundação, o proprietário da marca registrada, qualquer agente ou funcionário da Fundação, qualquer pessoa que forneça cópias das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm de acordo com este contrato e quaisquer voluntários associados à produção, promoção e distribuição das obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm de toda e qualquer responsabilidade, custos e despesas, incluindo honorários advocatícios, que surjam direta ou indiretamente de qualquer uma das seguintes ações que você realizar ou causar: (a) distribuição desta ou de qualquer obra do Projeto Gutenberg-tm, (b) alteração, modificação, acréscimos ou supressões em qualquer obra do Projeto Gutenberg-tm, e (c) qualquer defeito que você causar.

Seção 2. Informações sobre a missão do Projeto Gutenberg-tm

O Projeto Gutenberg-tm é sinônimo de distribuição gratuita de obras eletrônicas em formatos legíveis pela mais ampla variedade de computadores, incluindo computadores obsoletos, antigos, de meia-idade e novos. Ele existe graças aos esforços de centenas de voluntários e doações de pessoas de todas as esferas da vida.

Os voluntários e o apoio financeiro para fornecer aos voluntários a assistência de que necessitam são essenciais para alcançar os objetivos do Projeto Gutenberg-tm e garantir que a coleção do Projeto Gutenberg-tm permaneça disponível gratuitamente para as gerações futuras. Em 2001, foi criada a Fundação de Arquivo Literário do Projeto Gutenberg para proporcionar um futuro seguro e permanente ao Projeto Gutenberg-tm e ao futuro

gerações. Para saber mais sobre a Fundação Arquivo Literário do Projeto Gutenberg e como seus esforços e doações podem ajudar, consulte as Seções 3 e 4 e a página de informações da Fundação em www.gutenberg.org

Seção 3. Informações sobre a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg A Fundação

do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg é uma corporação educacional sem fins

lucrativos
501(c)(3) sem fins lucrativos, constituída sob as leis do estado do Mississippi e isenta de impostos pela Receita Federal dos Estados Unidos. O EIN (número de identificação fiscal federal) da Fundação é 64-6221541. As contribuições para a Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg são dedutíveis do imposto de renda na medida do permitido pelas
as leis federais dos EUA e as leis do seu estado.

A sede da Fundação fica em Fairbanks, Alasca, com endereço postal: PO Box 750175, Fairbanks, AK 99775, mas seus voluntários e funcionários estão espalhados por vários
locais. Seu escritório comercial está localizado em 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Links de contato por e-mail e informações de contato atualizadas podem ser encontrados no site da Fundação e na página oficial em www.gutenberg.org/contact

Para informações de contato adicionais:

Dr. Gregory B. Newby
Diretor Executivo e Diretor
gbnewby@pglaf.org

Seção 4. Informações sobre doações à Fundação do Arquivo Literário do Projeto Gutenberg

O Projeto Gutenberg-tm depende e não pode sobreviver sem o amplo apoio público e doações para cumprir sua missão de aumentar o número de obras de domínio público e licenciadas que podem ser distribuídas gratuitamente em formato legível por máquina, acessível pela mais ampla variedade de equipamentos, incluindo equipamentos obsoletos. Muitas pequenas doações (de US$ 1 a US$ 5.000) são particularmente importantes para manter a isenção fiscal junto ao IRS.

A Fundação está comprometida em cumprir as leis que regulamentam instituições de caridade e doações de caridade em todos os 50 estados dos Estados Unidos. Os requisitos de conformidade não são uniformes e é necessário um esforço considerável, muita burocracia e muitas taxas para atender e manter esses requisitos. Não solicitamos doações em locais onde não recebemos confirmação por escrito de conformidade. Para ENVIAR DOAÇÕES ou determinar o status de conformidade de qualquer estado específico, visite www.gutenberg.org/donate

Embora não possamos e não solicitemos contribuições de estados onde não atendemos aos requisitos de solicitação, não temos conhecimento de nenhuma proibição contra aceitar doações não solicitadas de doadores desses estados que nos procuram com ofertas de doação.

Doações internacionais são aceitas com gratidão, mas não podemos fazer nenhuma declaração sobre o tratamento fiscal de doações recebidas de fora dos Estados Unidos. As leis dos EUA por si só já sobrecarregam nossa pequena equipe.

Consulte as páginas da Web do Projeto Gutenberg para obter informações atualizadas sobre métodos e endereços para doações

. As doações são aceitas de várias outras formas, incluindo cheques, pagamentos online e doações com cartão de crédito. Para doar, visite: www.gutenberg.org/donate

Seção 5. Informações gerais sobre as obras eletrônicas do Projeto Gutenberg-tm. O

professor Michael S. Hart foi o criador do Projeto Gutenberg-tm, que consistia em uma biblioteca de obras eletrônicas que poderiam ser compartilhadas gratuitamente com qualquer pessoa. Durante quarenta anos, ele produziu e distribuiu eBooks do Projeto Gutenberg-tm com apenas uma rede informal de voluntários.

Os eBooks do Projeto Gutenberg-tm são frequentemente criados a partir de várias edições impressas, todas confirmadas como não protegidas por direitos autorais nos EUA, a menos que uma nota de direitos autorais esteja incluída. Portanto, não mantemos necessariamente os eBooks em conformidade com qualquer edição impressa específica.

A maioria das pessoas começa em nosso site, que possui o principal recurso de pesquisa do PG: www.gutenberg.org

Este site inclui informações sobre o Project Gutenberg-tm, incluindo como fazer doações para a Project Gutenberg Literary Archive Foundation, como ajudar a produzir nossos novos eBooks e como se inscrever em nosso boletim informativo por e-mail para saber sobre novos eBooks.